

O Edifício de Apartamentos e a Arquitetura Moderna

Fernanda Jung Drebes

Orientador:

Carlos Eduardo Dias Comas

Porto Alegre, 2004





Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura / PROPAR

O Edifício de Apartamentos e a Arquitetura Moderna

Apresentado ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em
Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

Fernanda Jung Drebes
Orientador:
Carlos Eduardo Dias Comas

Porto Alegre, 2004





DEDICADO A

Darcio Drebes
Maria Cristina Jung

AGRADECIMENTOS A

Alyne Pillar Nunes
Carlos Eduardo Dias Comas

Aline do Prado Veiga
Fernanda Dallarosa
Daniela Tessler
Mariana Lixinski
Juliano Dors
Caroline Kehl
Benamy Turkienicz
Edson da Cunha Mahfuz
Gilberto Flores Cabral
Cicero Alvarez
Felipe Pacheco
Fernando Rihl
Marcia Heck
Marcos Almeida
Monika Stumpp
Pedro Inda
Raquel Weber
Simone Ruschel
Eduardo Ferlauto
Ermani Luz J.
Roberto Jung Drebes
Maria Dolores Silveira da Cunha – Babá
Milene Faccioli
Sonia Ogawa
Kelen Tomazelli
Alessandra Delazieri
Ignacio e Cristina Benitez Moreno
Pessoal do Simmlab
João, Helena e bibliotecários da FA UFRGS

ABSTRACT

This Thesis aims to investigate architectural production in Rio de Janeiro during three phases of the Brazilian Modern Movement, the Emerging period from 1936 to 1945, the Consolidation from 1946 to 1949, and the Hegemony from 1950 to 1955.

This work presents 50 international and 50 national standard projects from which 36 conceptually important are analyzed in depth. This analysis comprises a critical examination of building form and any unique or specific qualities such as apartment units. Facade analysis (building base, body, cornice) building volume typology, and the dimensions and proportions of surface planes are investigated. Historical influences within these projects are discussed.

The Thesis aims to identify unique aspects of Brazilian architectural production within the context of the international modern movement.

RESUMO

A presente dissertação revisa a contribuição da Escola Carioca ao equacionamento formal do edifício residencial durante os períodos de Emergência(1936/1945), Consolidação (1946/1949) e Hegemonia (1950/1955) da Arquitetura Moderna Brasileira. Para tanto, se constitui da revisão de cinquenta projetos paradigmáticos internacionais e sistematização de cinquenta nacionais, dos quais 36 projetos, que se enquadram em uma arquitetura de proposição, são comparados entre si, considerando dois aspectos abrangentes: por um lado, a tripartição do volume, analisando forma e função da base, corpo e coroamento, e, por outro, aspectos particulares dos edifícios e suas unidades.

Detê-se, na análise da obra estudada, em termos do partido volumétrico e em termos do desenvolvimento compositivo desse partido, atentando respectivamente para as dimensões que determinam o volume do edifício e para as particularidades dos planos que o constituem.

Após a revisão das contribuições que precederam o período e a caracterização/descrição dos elementos de análise, o trabalho procura precisar a eventual originalidade da produção brasileira em relação à produção internacional contemporânea.

LISTA DE ABREVIATURAS

AMB	Arquitetura Moderna Brasileira
ND	Não Disponível
NE	Não executado
Esq.	Esquina
Fig.	Figura
I	Elem. pontuais sem relevo
II	Elem. pontuais com relevo
III	Elem. lineares horizontais sem relevo
IV	Elem. lineares horizontais com relevo
V	Elem. lineares horizontais com relevo variado
VI	Elem. laminares horizontais com relevo
VII	Elem. lineares bidirecionais sem relevo
VIII	Elem. lineares bidirecionais com relevo
IX	Elem. lineares bidirecionais com relevos variados
X	Elementos planares
∅	Circulação vertical independente

Introdução	11
Capítulo I Antecedentes	21
A Vanguarda Moderna e o Edifício de Apartamentos	
Capítulo II Período de Emergência 1936/1945	43
Edifício Esther, 1936	48
Edifício residencial Tapir, 1939	56
Conjunto habitacional Realengo, 1939	60
Edifício Anchieta, 1941	62
Conjunto residencial Baixada do Carmo, 1940	64
Parque Eduardo Guinle, 1943-54	66
Edifício Nova Cintra, 1943-48	68
Edifício Bistol, 1943-50	70
Edifício Caledônia, 1943-54	72
Edifício residencial Prudência, 1944	74
Edifício MMM Roberto, 1945	78
Capítulo III Período de Consolidação 1946/1949	82
Conjunto Residencial Pedregulho	94
Conjunto residencial Pedregulho - A	96
Conjunto residencial Pedregulho - B	98
Conjunto residencial Pedregulho - C	100
Edifício Antônio Ceppas, 1952	102
Edifício residencial Louveira	106
Edifício residencial Júlio Barros Barreto, 1947	110
Conjunto residencial Vila Guiomar, 1949	114
Capítulo IV Período de Hegemonia 1950/1955	123
Edifício Mauá, 1950	132
Edifício Santa Terezinha, 1950	140
Edifício Copan, 1951	142
Edifício Montreal, 1951	148
Conjunto Juscelino Kubitschek, 1951	152
Edifício Jaguaribe, 1951	160
Edifício Sambaíba, 1952	166
Edifício Esplanada, 1952	168
Conjunto residencial da Gávea, 1952	174
Edifício Lúcio Cardoso, 1953	178
Edifício Guarabira, 1953	180
Edifício Nações Unidas, 1953	182
Edifício Oscar Niemeyer, 1954	186
Edifício Residencial Finússia e D. Fátima, 1954	192
Edifício João Ramalho, 1954	196
Edifício Eiffel, 1950	200
Hansaviertel, 1955	204
Edifício Paulicéia, 1955	210
Conjunto Nacional, 1955	214

Conclusão	223	1936/1945	
		Ilôt Insalubre	
Bibliografia	233	Grand-place de la Mairie Boulogne-sur-Seine	
Anexo I - Outras referências nacionais	239	Ed. de apart. Giuliani-Frigerio	
Edifício Morro de Santo Antônio		<i>Spa Green</i>	
Edifício residencial		<i>Priory Green</i>	
Edifício Conceição		Cidade dos Motores	
Edifício Mara		UH Marselha	
Edifício Luís Felipe		1946/1949	
Edifício Três Leões		Priory Heighs	
Edifício Lealdade		Bevin Court	
Edifício Seguradora Brasileira		Hallfield	
Conjunto residencial Japurá		Lake Shore Drive 860-880	
Edifício Sarzedas		1950/1955	
Edifício residencial Biaça		Resid. Munkkiniemi	
Edifício Helena Maria		Dorset Estate	
Edifício Califórnia		Lakeview	
Edifício Parque Guinle II		Cranbrook	
Edifício residencial Ministro Godoy		Ap Commonwealth Promenade	
Anexo II - Referências internacionais	273	Ed. Laffayette	
1903/1935		Ap. Hansaviertel de Alvar Aalto	
25, Rue Franklin		Resid. Korkalovaara	
<i>Immeuble-villas</i>		Seis edifícios latino-americanos	
Ed. de ap. Novocomum		Anexo III - Planilhas	285
Exp. Weissenhof		Geral	
Nirvana		Localização	
Hoogbow		Menor apartamento	
Projeto Wanner		Maior apartamento	
Ed. p/ Artistas		Número de dormitórios	
Ap. Narkomfin		Classe social	
25, Avenue de Versailles		Tipologia	
St. Mark Tower		Configuração de planta	
<i>Immeuble Clarté</i>		Número de unidades	
<i>Immeuble Locatif Zurique</i>		Número de pavimentos	
Fitas indentadas		Configuração do corpo	
Ap. Porta Molitor		Família	
Ap. Durand		Função do coroamento	
<i>Maison Locative Alger</i>		Forma do coroamento	
Casa Rustici		Função da base	
Casa Toninello		Forma da base	
Highpoint I		Estrutura do térreo	
Casa Lavezzari		Estrutura do tipo	
Ap. na av. Versailles		Situação	
Im. de Colonisation em Nemours		Publicação	
Im. Locatif Rue Fabert			
Highpoint II			
		Lista de Imagens	433

Os projetos da sede da Associação Brasileira de Imprensa e da sede do Ministério da Educação datam de 1936, para quadras vizinhas no centro do Rio de Janeiro. O primeiro é assinado por Lucio Costa e uma equipe que inclui Oscar Niemeyer, Jorge Moreira e Affonso Eduardo Reidy, o segundo por Marcelo e Milton Roberto, todos egressos do curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas-Artes. Vindo do mesmo curso, Álvaro Vital Brazil projeta o edifício Esther, no mesmo ano, abrigando lojas, escritórios e apartamentos no centro de São Paulo. Em 1956, Lucio vence o concurso para o plano piloto de Brasília e Niemeyer começa a projetar os palácios da nova capital. Em vinte anos, uma escola de arquitetura moderna emerge, prospera e prevalece, primeiro designada como brasileira e, pós-1954, qualificada como carioca.

As bases da escola são expostas por Lucio já em 1934 nas suas *Razões da nova arquitetura*. A rejeição do ornamento e do historicismo idealiza-se na redução dos elementos técnico-construtivos da edificação à sua geometria essencial. Os elementos de arquitetura tornam-se abstratos. Uma coluna é um cilindro, uma parede é um plano vertical, um pavimento é um plano horizontal, a cobertura é, de preferência, um terraço, um pavimento. O entendimento da arquitetura como construção qualificada e expressiva de seu tempo pressupõe a adoção, como estrutura normativa, do esqueleto com lajes planas paralelas em balanço. Segue-se a trilha que Perret desbrava com o edifício de apartamentos da rua Franklin, de 1903, e Le Corbusier amplia com o esquema para as casas Dom-ino, de 1915.

A essa estrutura corresponde um espaço estratificado, que se desenvolve horizontalmente com um impulso periférico e centrífugo, como bem descrito por Colin Rowe (1998). A ela se associam as noções de uma planta e fachada livres, corolários da possibilidade de dissociar, de um lado, a configuração da compartimentação espacial do edifício e, de outro, a configuração da sua estrutura material. Reiterada por Perret no caso especial da Igreja de Raincy (1923-24), essa dissociação torna-se prescrição genérica nos diversos pontos da nova arquitetura sistematizados por Le Corbusier. Publicados primeiro nas páginas de *L'Architecture Vivante* (1926), seis pontos promovem as idéias de planta e fachada livres, pilotis, janela horizontal, teto-terraço e supressão da platibanda. Reduzem-se a cinco, feito as ordens clássicas, na *Oeuvre complète 1910-1929* (Corbusier, 1964). As possibilidades de vedação externa se ampliam nas conferências sul-americanas transcritas em *Précisions* (Corbusier, 1978). Incluem, agora, o pano de vidro, o pano de pedra e a parede mista com a velha janela-buraco, de proporção aquadrada. Le Corbusier só não aceita a janela vertical defendida por Perret, embora não convençam nem os argumentos contra a mesma que veicula no *Almanach d'Architecture Moderne* nem os de seu adversário contra a janela horizontal.

A escola aceita, como princípio compositivo, a afirmação visível da independência entre parede, andar, cobertura e suporte. Endossa a concepção da arquitetura moderna como conversa e até debate entre elementos autonomizados, mas que se complementam e

completam. Parafraseando Carlos Eduardo Comas (1989a), a escola admite uma lógica de projeto dual: de um lado a configuração da compartimentação derivando de raciocínios primariamente topológicos e não necessariamente idênticos em pavimentos diferentes e, de outro, a configuração da estrutura de raciocínios primariamente geométricos e unitários.

Reconhecem-se assim as pressões contraditórias que são inevitáveis no processo de projeto, umas atuando a favor da uniformidade, e outras a favor da diversidade formal, umas justificando a representação da condição geral, e outras a da condição particular. Nessa perspectiva, a expressão do espírito da época não é incompatível com a expressão do espírito do lugar ou da especificidade do programa novo ou antigo. Proposição inclusiva, a arquitetura moderna está aberta a múltiplas possibilidades de elaboração sintática e semântica, a múltiplas oportunidades de composição e de caracterização. Como Lucio observa na memória da Cidade Universitária do Brasil de 1936, ela pode constituir um cristal ou uma flor, de modo que a severidade plástico-ideal do clássico coexiste ou alterna com o dinamismo barroco, gótico, pitoresco como um *cristal na flor* ou uma *flor no cristal*; a racionalidade mecânica e a exuberância orgânica constituindo duas caras da mesma moeda.

A presente dissertação revisa a contribuição da Arquitetura Moderna Brasileira ao equacionamento formal do edifício de apartamentos no período (1936/1955), ampliando e aprofundando o trabalho de Comas, em particular sua tese de doutorado, “Precisões brasileiras sobre um estado passado da arquitetura e do urbanismo,

a partir dos projetos e obras exemplares de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Jorge Moreira, Affonso Eduardo Reidy, MMM Roberto e cia., 1936-45”. Comas enfatiza a importância do volume tripartido em base, corpo e coroamento nas realizações da escola nessa década. Associa-o, persuasivamente, a um esforço de constituição de uma nova tradição, capaz de emular a tradição clássica. O piloti exposto parcial ou totalmente no pavimento térreo mantém a separação entre a base e o corpo, enquanto se opõe à norma da base fechada e mais pesada que o corpo; remete, desta forma, a antecedentes vernaculares, como as construções sobre palafitas, e a antecedentes eruditos, como os palácios venezianos. A análise detalhada das características dos tipos de base promovidos pela Escola leva Comas a distinguir coluna e colunata colossal de coluna simples ou truncada por mezanino (fig. a), assim como a distinguir base contida de base expandida (fig. d), base vazada e semi vazada de base semi fechada e fechada (fig. b). Essas categorias descritivas são retomadas aqui como apoio para a análise dos edifícios de apartamentos projetados entre 1946 e 1955, em paralelo a um esforço de identificação de tipos de corpo que o trabalho citado e norteador não contempla. As classificações primárias têm por objeto sua volumetria e as superfícies que a constituem.

A volumetria elementar é o prisma puro, correspondente ao cristal de Lucio Costa. Quando o núcleo de circulação vertical se exterioriza, o prisma se multiplica (fig. c). A distinção entre prismas desenvolvidos horizontalmente e prismas desenvolvidos verticalmente se assimila à distinção usual entre barras (fig. e) e torres

Fig. a - Tipos de Pilotis

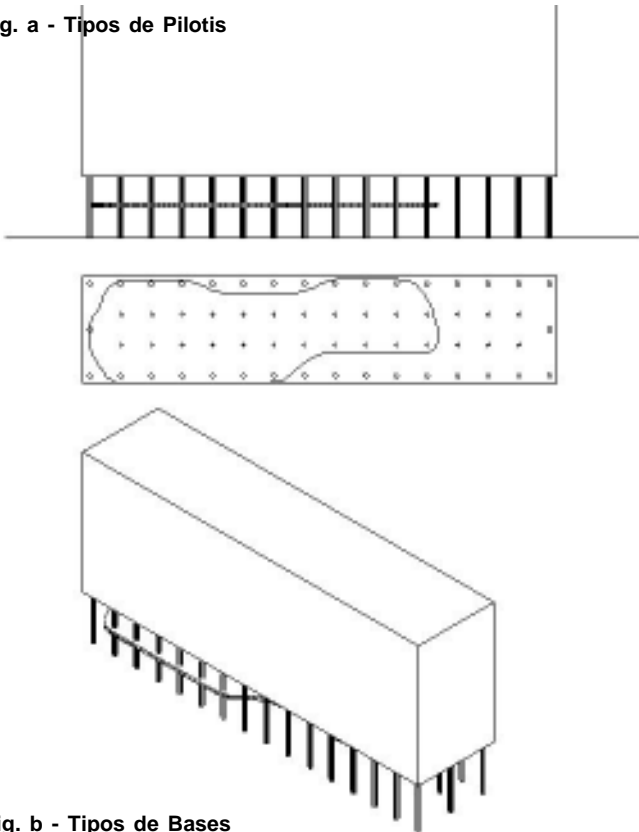


Fig. b - Tipos de Bases

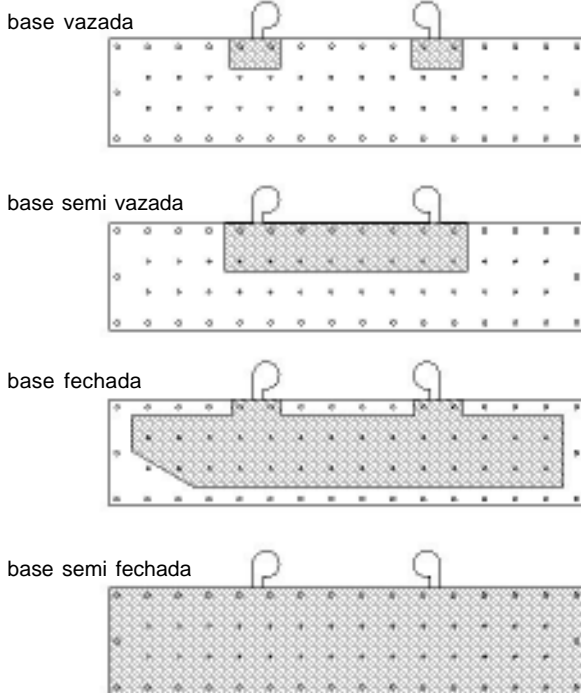


Fig. c - Tipos de Volumes

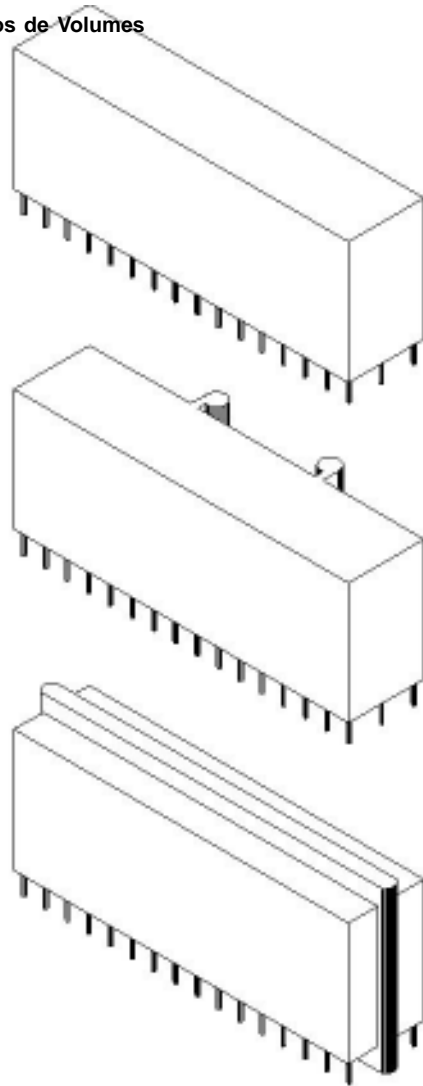
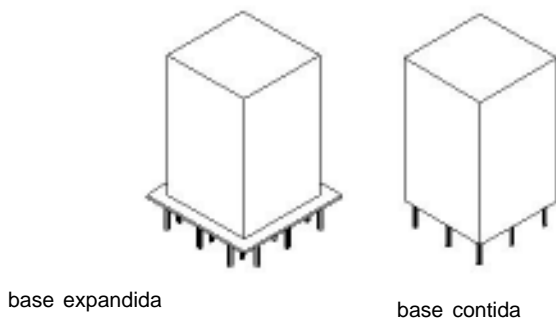


Fig. d - Tipos de Bases



(fig. f). Obviamente, ela depende da relação entre comprimento e altura do corpo. Contudo, em geral, as barras se desenvolvem linearmente, com plantas alongadas de diretrizes retas, indentadas, curvas ou compostas. Numa situação-limite, a diretriz pode ser anelar, implicando um pátio interno de dimensões avantajadas. Em contrapartida, as torres costumam ter plantas aquadradas ou cruciformes, segundo diretrizes centrípetas ou centrífugas. A fronteira entre os dois tipos pode ser difícil de precisar: do ponto de vista planimétrico, uma torre se confunde com uma barra quadrada e uma barra pode ser o resultado da associação de várias torres.

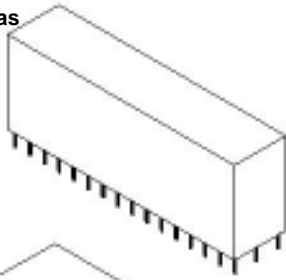
Tanto barras como torres podem ser baixas, médias ou altas. Embora a expressão “torre baixa” soe estranha, uma torre pode entender-se como uma espécie de “bloco pontual”, à maneira de autores como Kevin Lynch e John Maacsi, que contrapõem *slab buildings* a *point blocks*. Ambos os tipos admitem classificação por sistema de circulação comum e quantidade de níveis dos apartamentos (fig. g). A classificação de John Maacsi é particularmente interessante, com sua distinção entre barras de apartamentos em um só nível e barras de apartamentos em mais de um nível: dúplex, tríplex ou em meios lances. As primeiras, regulares, têm acessos aos apartamentos em todos os andares do edifício, comportando patamares ou corredores em todos eles. As segundas, multinível, implicam um sistema de corredores que só se repetem a cada dois ou mais andares. Quando existem, os elevadores param apenas nesses andares, donde a designação de sistema *skip-stop*, salta- parada. Ambos os tipos comportam plantas

com um só núcleo de circulação vertical e plantas polinucleadas, com corredor central ou corredor externo. As barras de fita simples compreendem tanto os projetos de *single loaded corridor* quanto os de dois apartamentos por caixa de escada. As barras de fita dupla abrangem tanto os projetos de *double loaded corridor* quanto os de quatro apartamentos por caixa de escada. Esquemas com apartamentos multinível admitem a coexistência de fitas simples e duplas na mesma barra. Cabe igualmente distinguir entre corpo compacto – eventualmente incorporando dutos de ventilação forçada para cozinhas e/ou banheiros – e corpo perfurado por pátios de ventilação e aeração, em última instância diferenciado do desenvolvimento anelar pelas menores dimensões do pátio.

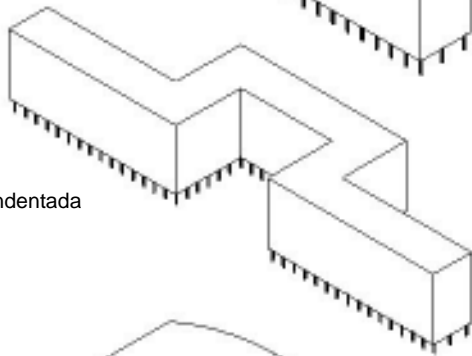
As particularidades das superfícies que constituem o volume do corpo permitem distinguir entre a fachada planar, a fachada aumentada por elementos protuberantes (como sacadas, balcões ou avanços de laje) e a fachada vazada exibindo elementos reentrantes (como *loggias* e varandas). Na sua versão ideal, a fachada planar é pura geometria sem matéria, nada mais que um plano contínuo limitando por fora a estrutura do edifício. Numa das suas versões reais e simples, a fachada planar é uma parede sólida, opaca, cega, lisa, com espessura máxima de 30 cm, como convém a um elemento sem função portante. Em outra, ela é transparente ou translúcida, membrana de vidro, parede-cortina. A versão intermediária inclui chapas transparentes e opacas que se alternam sem destruir a percepção da planeza dominante na fachada. Em qualquer versão, ela

Fig. f - Tipos de Barras

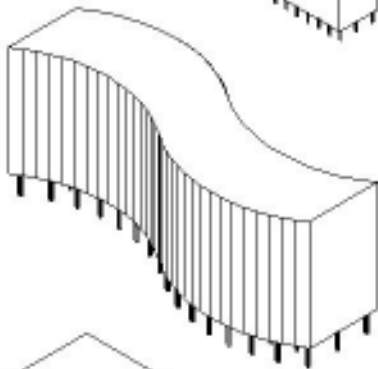
barra reta



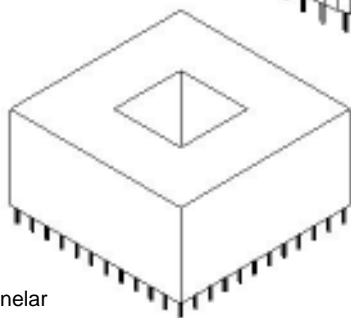
barra indentada



barra curva



barra anelar



barra mista

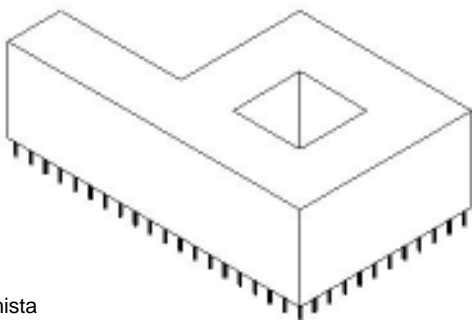
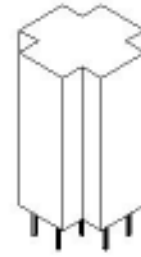


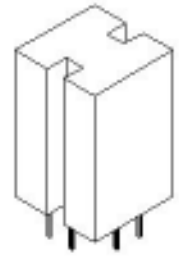
Fig. f - Tipos de Torres



Torre

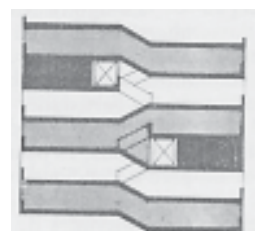
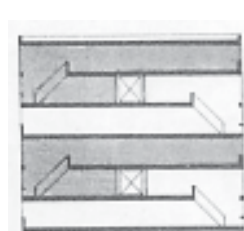
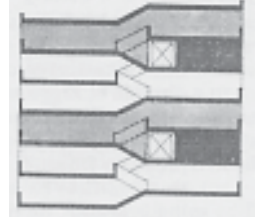
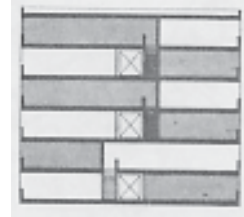
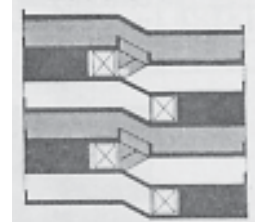
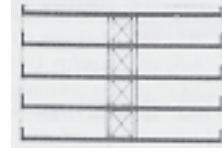


diretriz centrífuga



diretriz centrípeta

Fig. g - Tipos de Circulação



pode ganhar textura e/ou padrão que remetam à sua própria materialidade construtiva como àquela de apoios, bordas de laje e topos de parede sobre os quais se monta. Nas versões compostas, ela mostra graus distintos de profundidade, relevo mínimo, baixo, médio ou alto. Um caso elementar é o da parede que se perfura, com as janelas recuadas, sejam estas verticais, horizontais ou quadradas. Em outra situação-limite, o pano de vidro se recorta, caixilhos móveis e fixos se posicionando em planos distintos. Um terceiro exemplo básico é a alternância de bandas horizontais opacas e transparentes em planos ligeiramente defasados. Em uma quarta modalidade, montantes formam quadros com os topos de paredes e bordas de lajes, à frente de peitoris e da caixilharia sobre os mesmos. Qualquer que seja o caso, a fachada planar real pode incluir elementos isolados ou seriais, distribuídos em arranjos pontuais, lineares ou tramados. O mesmo se aplica à fachada aumentada e à fachada vazada. Quando elementos protuberantes e reentrantes se repetem com regularidade e proximidade em cada andar, constitui-se uma fachada planar virtual, menos rasa ou mais profunda que a real.

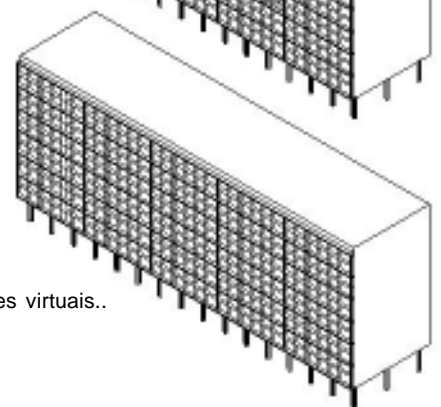
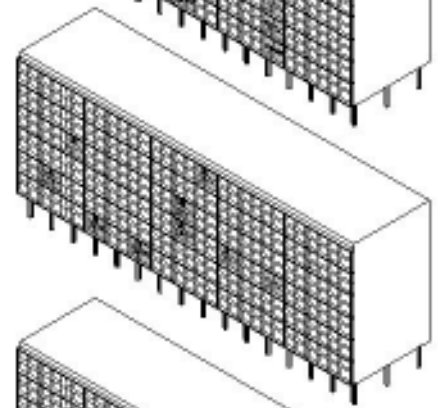
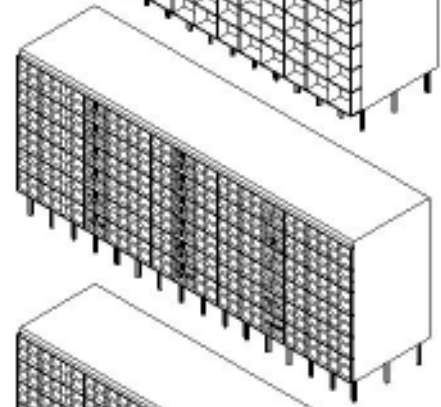
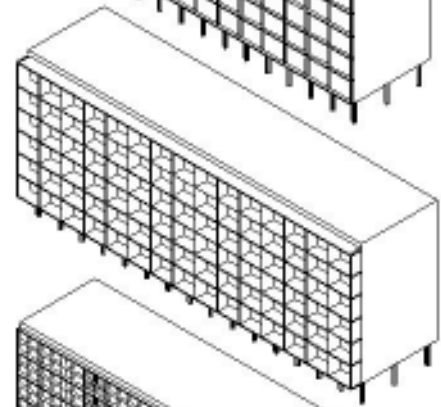
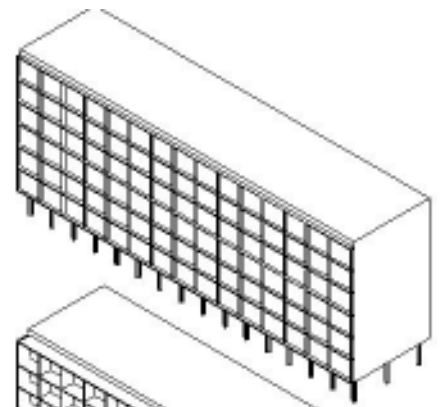
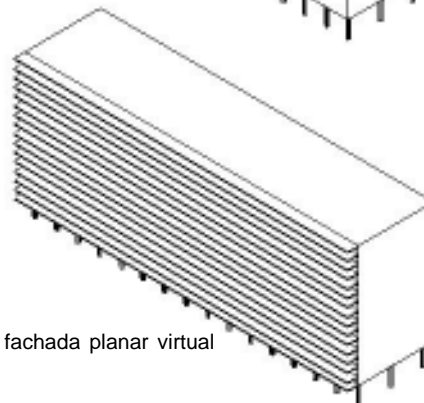
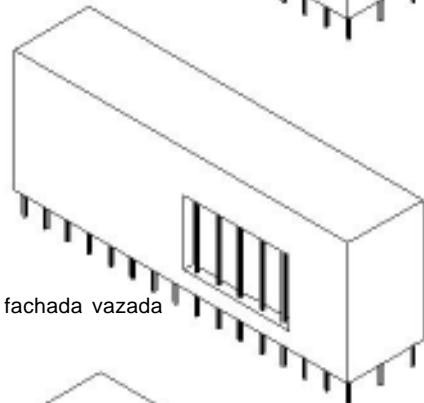
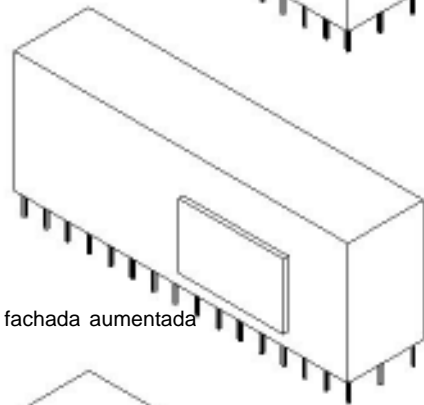
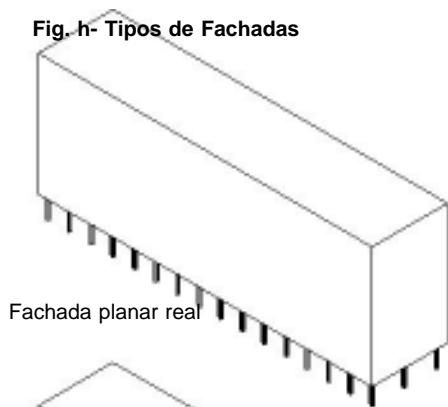
A categorização das texturas envolvidas segue as pistas oferecidas pela referida tese de Comas, que dá particular importância aos alvéolos, rugosidades, estrias, rendilhados e granulados encontrados nas fachadas modernas brasileiras em combinação com superfícies foscas, lustrosas ou brilhantes. Colorido e materiais são pontos adicionais de interesse. Por último, mas não menos importante, o exame das relações entre suporte e compartimentação interna permite verificar os

graus de liberdade na composição de fachada. Seguindo a argumentação de Thomas H. Beeby em "The Grammar of Ornament", admite-se que os padrões rítmicos de composição de qualquer tipo de fachada se estabelecem a partir das mesmas estratégias que presidem à geração do ornamento. Beeby dá como fundamentais a rotação, translação, inversão e reflexão do mesmo motivo. Entre as manipulações derivadas, destaca a translação acompanhada de inversão reflexiva, a reflexão defasada ou alternância, a aceleração e a desaceleração e a inversão de relações de fundo-figura. As operações estão implícitas em textos anglo-saxões como *Grammar of Ornament* (1856), de Owen Jones, *The Art of Decorative Design* (1862), de Christopher Dresser, ou *The Principles of Ornament* (1896), de James Ward. Subintitulada "Des Lois Générales de l'Ornement", a introdução de Charles Blanc à segunda edição da sua *Grammaire des Arts Décoratifs* (1879) trabalha com mais de um motivo e registra cinco princípios: a repetição, a alternância, a simetria, a progressão e a confusão ponderada, aos quais associa respectivamente a consonância, o contraste, a irradiação, a gradação e a complicação refletida; todos podem reduzir-se aos termos de Beeby.

No que respeita aos tipos de coroamento, a tese de Comas refere-se aos coroamentos com diferenciação superior do corpo e superestrutura recuada, coroamentos reduzidos a bordas de lajes, edificações sem coroamento.

A identificação de tipos de base, corpo e coroamento pressupõe um universo de projetos e obras que se podem considerar exemplares dentro da Arquitetura Moderna Brasileira, seja por apresentarem

Fig. h- Tipos de Fachadas



fachadas planares virtuais..

inovações tipológicas e/ou estilísticas, seja por ratificarem essas inovações constituindo séries. Em outras palavras, não é necessário analisar detalhadamente todos os edifícios de apartamentos modernos do período 1936/1955, sequer analisar detalhadamente todos os edifícios de apartamentos modernos do período já publicados. Deliberadamente, a análise detalhada circunscreve-se ao âmbito do que Fernando Diez chama “arquitetura de proposição” e Umberto Eco enquadraria numa “cultura de descoberta”, em contraste com o que o primeiro chama de “arquitetura de produção corrente” e que o segundo enquadraria numa “cultura de divulgação” – mesmo que a fronteira entre descoberta e mediação possa ser tênue. De qualquer modo, o estabelecimento desse universo fez-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, o número de vezes em que um projeto foi publicado sendo demonstrativo do interesse suscitado pelo mesmo, e, por conseguinte, tomado por índice de exemplaridade. O aprofundamento, a seleção e a comparação dessa amostra é o resultado de um trabalho que se debruçou sobre a revisão de cinquenta edifícios internacionais e a sistematização de cinquenta exemplares nacionais.

A pesquisa incluiu o exame de livros e artigos de revistas que documentam e analisam a arquitetura brasileira no período 1936/1955, bem como, de livros e trabalhos acadêmicos sobre a escola carioca e/ou seus integrantes desde *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (1970), de Yves Bruand, o primeiro intento dum panorama retrospectivo. Esse recorte crítico foi superposto a um recorte histórico similar ao proposto por Comas em

Arquitetura no Brasil – 500 anos (Montezuma, 2002, pp.182-238), alterado apenas no balizamento do período de Consolidação (1946/49 ao invés de 1946/50) e de Hegemonia (1950/55 e não 1950/54) da escola carioca, para não quebrar a continuidade da pesquisa que Niemeyer inaugura em 1950. Além da pesquisa bibliográfica, praticamente todos exemplares comparados foram visitados. Fig. a Fig. a

Tudo isso posto, a relação dos projetos e obras tomados por exemplares não deve surpreender. Note-se que a noção de “escola carioca” não implica necessariamente que os seus autores tenham nascido ou se educado no Rio, como Vilanova Artigas, que se forma na Escola Politécnica de São Paulo, por exemplo ou outros arquitetos paulistas, como Abelardo de Souza, Vital Brazil, Gasperini, que, embora tenham atuado principalmente na cidade de origem, se formaram na Escola Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro. Pode-se discutir a inclusão, no período de Hegemonia, de obras de repercussão mais limitada a Porto Alegre, os edifícios Santa Teresinha, de Carlos Alberto Mendonça, Jaguaribe, de Fernando Corona, e Esplanada, de Román Fresnedo Siri, enquanto se desconsidera, por exemplo, a obra de Franz Heep. Contudo, além do interesse intrínseco das obras gaúchas, elas representam uma espécie de posto avançado da escola carioca, lidando com condições climáticas e culturais relativamente diferenciadas, menos propícias a demonstrações de extroversão e exuberância, ao mesmo tempo em que ilustram o poder de atração da escola sobre um profissional hispano-americano e, por extensão, sobre toda a cena latino-americana.

O plano da dissertação é simples. Um capítulo inicial examina os antecedentes dos projetos e realizações exemplares, revendo tanto as propostas e realizações paradigmáticas de edifícios de apartamentos pela vanguarda européia moderna, com particular atenção para a obra corbusiana, quanto as primeiras experiências brasileiras no mesmo sentido. A apresentação dos projetos e realizações exemplares se dá em três capítulos, abordando respectivamente a Emergência, a Consolidação e a Hegemonia da escola. Sua estrutura é similar e tripartida. Uma breve introdução registra a produção brasileira do período e a situa em relação à cena internacional. A seguir, cada projeto ou obra exemplar é documentado e analisado quanto à natureza do público-alvo, terreno e programa (incluindo área total, tamanho e número dos apartamentos), tipo de localização, volumetria e implantação, estrutura do térreo, pavimento-tipo e cobertura, compartimentação formal e funcional da base, do corpo e do coroamento (incluindo o tratamento das fachadas). A documentação e análise informam os comentários que procuram, ao fim de cada um dos três capítulos, precisar a eventual originalidade da produção brasileira em relação à produção internacional contemporânea. Um último capítulo resume as conclusões alcançadas.

A VANGUARDA MODERNA E O EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS

Qualquer que seja a sua vertente – expressionismo, racionalismo, construtivismo, purismo, neoplasticismo, funcionalismo holandês, racionalismo estrutural perretiano ou wrightiano – a arquitetura moderna não tem prioridade ou exclusividade no equacionamento do problema da habitação coletiva na sociedade industrial.

No começo do século XX, a combinação de células privadas de tamanho relativamente reduzido com equipamentos e serviços partilhados torna-se solução freqüente nas grandes cidades norte-americanas e européias. Associado ou não com lojas (tradicionalmente dispostas no pavimento térreo), esse modelo atende vários tipos de mercado, do hotel residencial de luxo, como o “Ansonia” nova-iorquino (1899-1904), à habitação operária, exemplificada pelas realizações da fundação filantrópica *Groupe des Maisons Ouvrières*, entre as quais o edifício da rua Ernest-Lefèvre, de A. Labussière (1905), ou o edifício da rua de Trétagne (1903), que Sauvage realiza em Paris para a *Société Anonyme des Logements Hygiéniques à Bon Marché*, que apresenta o teto-terraço à disposição dos locatários. O edifício de seção escalonada de Sauvage, na rua des Amiraux (1923-24), inclui lojas, adegas e uma piscina interna sobre metade de um quarteirão retangular. O programa de habitação econômica do governo socialista vienense tem seu

ponto alto no Karl Marx Hof, de Karl Ehn (1927-30), uma fortaleza protomodernista em aparência, que ocupa o perímetro de um super quarteirão; com pátios internos acessíveis por grandes arcos, acomodação para cinco mil pessoas com creche, clínicas, lojas, sauna, lavanderia, farmácia e correio disponíveis.

Ressalvas feitas, alguns dos melhores momentos da arquitetura moderna, associam-se ao edifício de apartamentos, mesmo que não construído. Assim, os *edifícios-vilas*, as *fitas indentadas* e os *viadutos habitáveis*, de Le Corbusier, ficam na seara das idéias. Não têm melhor sorte seus *edifícios de apartamentos para aluguel*, em Zurique e na Algéria, nem os primeiros esboços de *unidades de habitação*, em Nemours, onde a promoção germânica de barras paralelas cruza-se com a influência das casas comunais soviéticas. Tampouco saem do papel o edifício entre medianeiras da rua Fabert ou o *edifício Durand*, de seção escalonada à *Sauvage*, assim como o *St. Mark's Tower*, de Wright, ou as *Torres Hoogbouw*, de Duiker.

Destacam-se, entretanto, como realizações concretas, o projeto de Mies, em Stuttgart, para a exposição *Weissenhof* (1927), os apartamentos *Nirvana* (1927-30), de Johannes Duiker, em Haia, os apartamentos *Narkomfin* (1928), de Ginzburg e Milinis, os *edifícios Clarté* (1928-30) e Porta Molitor (1931-33), de Le Corbusier, o edifício da av.

Versailles, 25, em Paris (1928-31), e os edifícios *Highpoint I* (1933-35) e *II* (1935-38), em Londres, de Berthold Lubetkin. Na Itália, temos os apartamentos de Terragni: *Novocomum* (1929), em Como, e *Casa Rustici* (1933), *Toninello* (1933) e *Lavezzari* (1934), em Milão.

DOMINÓ, CINCO PONTOS, BASE, CORPO E COROAMENTO

O modelo corbusiano tem fundamento largamente reconhecido: ossatura independente, suportando lajes planas paralelas em balanço. Le Corbusier registra-o em 1915, como esquema *Domino*. Uma década mais tarde, dele deriva uma arquitetura balizada pelas idéias de planta e fachada livres, pilotis, janela horizontal e teto-terraço, com a supressão da platibanda.

Como já foi dito, Le Corbusier publica os seus – seis – pontos nas páginas de *L'Architecture Vivante*, em 1926. Pouco depois, transforma-os em cinco, na *Oeuvre Complète*, 1910-1929. Amplia-os novamente nas conferências sul-americanas de 1929, transcritas um ano mais tarde em *Précisions*, mostrando o pano de vidro, o pano de pedra e a parede mista – com a velha janela-buraco, então de proporção aquadrada, que gerou acirrada discussão com Auguste Perret, publicada nos *Almanach d'Architecture Moderne*, pela propriedade de tal feitio de fenestração.

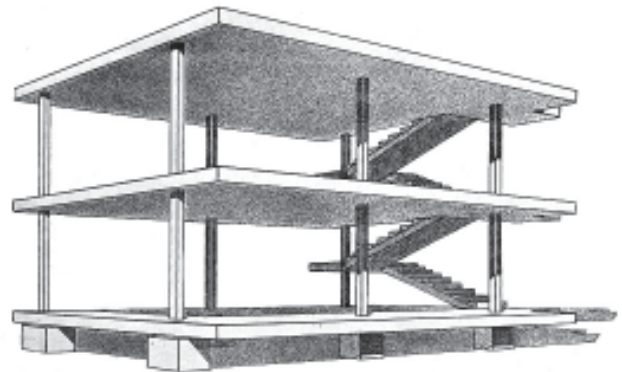
A ossatura independente – preconizada na

casa *Dom-ino* – é identificada basicamente por três dos *cinco pontos para uma nova arquitetura*, sendo eles pilotis, planta e fachada livres. Ao mencionar os *pilotis*, Le Corbusier refere-se ao espaço gerado na base da edificação, possibilitada e demarcada por pilares soltos no terreno, cuja função precípua é de sustentação. Embora Le Corbusier explique, na sua *Obra Completa* (1964, p. 129), que “a edificação está no ar, separada do solo, o jardim passa abaixo da casa e está também sobre a casa, na cobertura”, ao analisarmos e sistematizarmos seus projetos teóricos, percebemos que a idéia dos pilotis ocorre neles em diversas gradações, indo desde o totalmente vazado até o fechado.

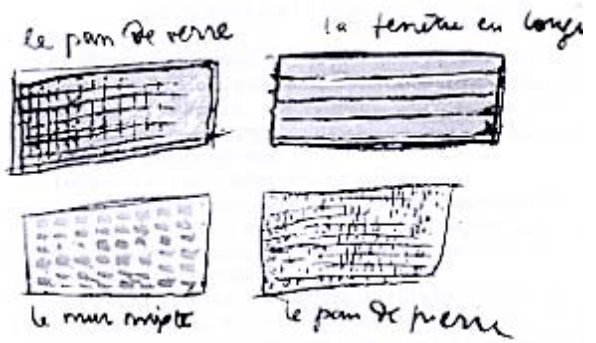
O caso tradicional de pilotis vazado vai ocorrer, principalmente, nas *fitas indentadas*, como no caso de *Anvers* (1933), onde ele tem a simples função de separar a edificação do solo, deixando que o jardim e a área de pedestres se espalhem pelo terreno e concedendo apenas 12% para área construída. Na *unidade de habitação* de Nemours (1935), o jardim passa, também, ininterrupto na parte térrea da edificação. Um caso de pilotis vazados que chama a atenção é o *do edifício de aluguel na Algéria*, onde, em função do plano diretor da cidade, os pilotis aparecem emoldurando a vista da cidade ao fundo. Nos outros projetos do arquiteto, essa fluidez não é persistente, deixando, muitas vezes, a base opaca mascarar a estrutura



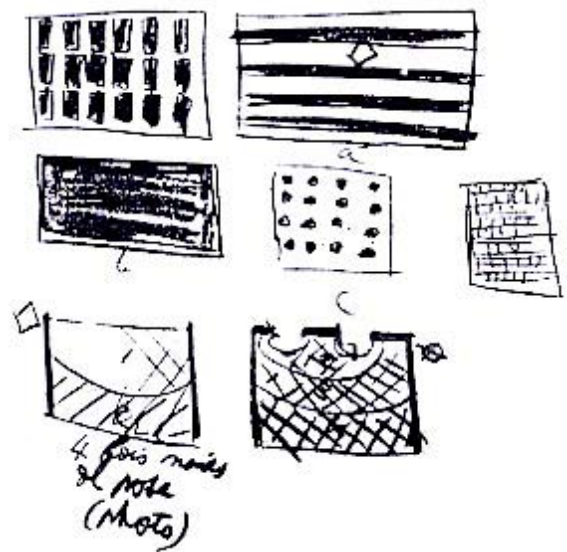
Ansônia



Esquema Dom-ino



Tipos de panos / janelas corridas



Ampliação da janela corrida em Precisions



Karl Marx Hof

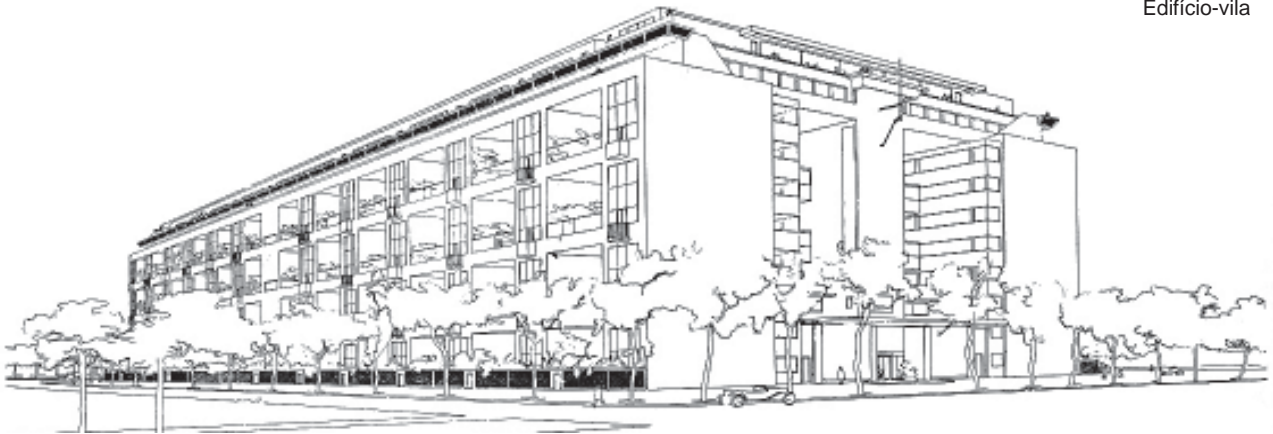
no pavimento inferior, como nos *edifícios-vilas*, de 1922, ou nos *projetos Wanner*, de 1928/29, em que os pilotis aparecem fechados por uma espécie de grelha de ventilação que é interrompida por uma porta de acesso aos apartamentos, e a área fechada é destinada ao estacionamento das 120 unidades de cada bloco, deixando a base desses blocos opaca, e impedindo que transpareça a estrutura da edificação. Casos intermediários também ocorrem, como no *edifício Durand* (1933), na Algéria, onde os pilotis são aparentes no pavimento térreo, semi vazado, com restaurante e pórtico carroçável preenchendo alguns intervalos do nível dos pilotis, de dupla altura, que compreende, ainda, um mezanino com o *hall* de entrada. Os apartamentos se desenvolvem um nível acima, de forma escalonada. As funções de garagem e cozinha para o condomínio apresentam-se no subsolo. No projeto de *Durand*, os pilotis se tornam mais visíveis do que em vários outros projetos de Le Corbusier, além de apresentarem uma função específica, totalmente diferenciada, que não é o simples acesso à edificação, jardins ou garagem.

Assim como os pilotis, a *planta livre* a que se refere Le Corbusier diz respeito à racionalidade das novas técnicas construtivas, associada à economia gerada pela possibilidade da não-imposição das prumadas. Essa *planta* vai derivar-se apenas da celularização necessária – ou não – do pavimento

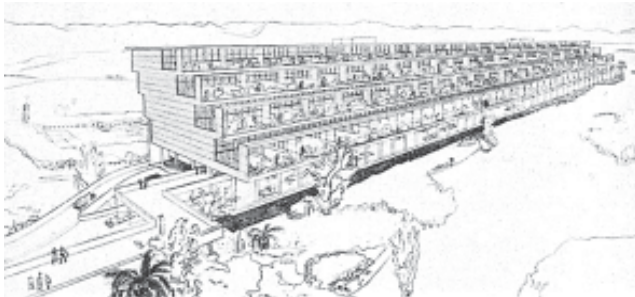
a que se destina. O mérito da planta livre refere-se ao fato da compartimentação espacial não ficar subordinada à celularização estrutural, embora em muitos casos, nos edifícios de apartamentos, elas sejam coincidentes. A relação entre estrutura e vedações não é mencionada por Le Corbusier, mas é possível encontrar diversas variantes que obedecem sempre a um princípio de independência entre esses dois elementos, e podem estar localizadas no eixo, adjacentes ou deslocadas, gerando pilares internos e imperceptíveis, pilastras ou colunas/pilares soltos, respectivamente. Constata-se que pilares soltos são interessantes em ambientes grandes, mas nos pequenos, como no caso do edifício residencial, normalmente vedação e estrutura estão interligadas para não perturbarem a ambientação dos acanhados espaços, principalmente na parte íntima.

Nos projetos de Le Corbusier, identificam-se alguns tipos básicos de soluções estruturais: no caso dos *edifícios-vilas* e também das casas *Dom-ino*, a estrutura pode ser facilmente reconhecida nos desenhos pelos pontos de distribuição de cargas, que são coincidentes com as paredes de vedação do apartamento; existe, ainda, uma diferença entre essas duas estruturas, pois, no caso dos *edifícios-vilas*, a estrutura não apresenta balanços, mas, nas casas *Dom-ino*, a estrutura está balanceada em duas das extremidades, apesar de ficar dentro das vedações. De qualquer maneira,

Edifício-vila



Edifício Durand



Projeto Wanner



Fitas indentadas

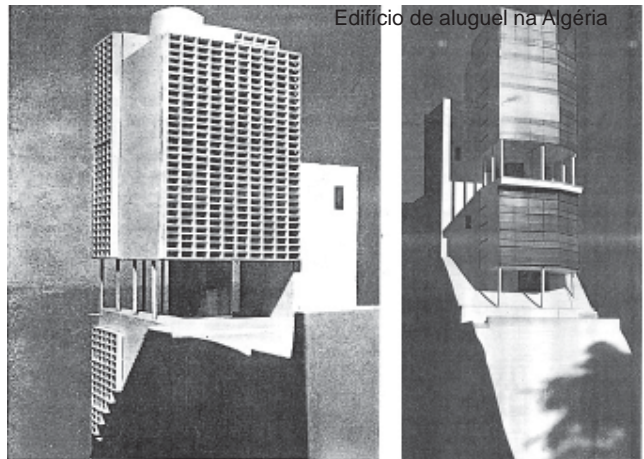


em nenhum dos casos aparece a proposta clássica de planta livre do arquiteto, onde a vedação desvia dos pilares soltos, dispostos uniformemente no pavimento. Outra forma recorrente de estruturar a planta, nos projetos corbusianos, apresenta-se nas habitações da *fita indentada* para a Vila Radiosa e nos casos de *Nemours* e *Durand*, onde se percebe a distribuição de cargas desde as paredes estruturais – laterais – para os pilotis, que vão estar aparentes no pavimento térreo, liberando as unidades entre as divisas das habitações, sem pilares intermediários. Mas os pilares não vão ficar sempre escondidos no pavimento-tipo da obra desse arquiteto. Além de aparecerem pilares soltos no *hall* de entrada de perspectivas de um dos *edifícios-vilas*, nas plantas dos apartamentos do *projeto Wanner* aparecem pilares justapostos às paredes, formando pilastras, reforçando a idéia de uma estrutura independente. Essa estrutura independente, no caso de pilares soltos, vai acontecer nos casos construídos, como no *Clarté* e no *Porta Molitor*, retomados adiante, quando são comentadas as realizações, e não as teorizações, do período.

Da mesma forma que na planta livre a relação entre alvenaria e estrutura fica independente no sentido horizontal, verticalmente é sistematizada a *fachada livre*. A partir do movimento moderno, a liberdade em relação à seção das edificações é substituída pela liberdade de planta. O fechamento,

assim como a planta, passa a ser um elemento livre, e a composição estrutural do edifício não depende mais dele. Com os balanços gerados pelo “novo” sistema estrutural, as lajes chegam planas e independentes até o bordo e possibilitam decidir pela supressão da alvenaria com sua substituição por outros elementos de vedação, tais como as *janelas horizontais* – e suas variações – que, a partir da nova técnica, podem estender-se de um lado a outro da edificação, sem interrupções derivadas do esquema estrutural. Se entre vedação e estrutura os pilares podem ser aparentes, adjacentes ou escondidos, no caso de fechamento da edificação e estrutura eles têm essa mesma relação, mas preferencialmente serão utilizados pilares independentes do fechamento, quando este for leve, ou escondidos nele, quando for opaco.

Le Corbusier, comentando sobre a janela corrida, argumenta que, na ocorrência de independência entre as lajes, não existe necessidade nem motivo para preencher o vazio que dela decorre com paredes, e assim aparecem a janela horizontal e as vedações leves. Ele argumenta que as janelas deveriam se abrir de um lado ao outro da fachada. Porém, nem mesmo em seus edifícios residenciais teóricos essa vai ser uma constante, pois, com a celularização da planta, muitas vezes a diferenciação dos setores e a maior ou menor exigência de iluminação nos compartimentos vai fazer com que a janela corrida



seja um elemento não tão freqüente nos edifícios residenciais multifamiliares.

A fachada livre é, depois da estrutura independente, um dos elementos mais representativos da arquitetura moderna, no que se refere aos edifícios de apartamentos, com suas diversas lajes sobrepostas. No esquema *Dom-ino* identificam-se maiores balanços em duas das elevações e a vedação coincidindo com a estrutura, nas demais. Essa idéia corrobora a preferência pelos dois tipos de planta utilizados por Le Corbusier: uma em que os pilares estão soltos do bordo da edificação, e a outra em que a estrutura localiza-se na extremidade, geralmente formando placas.

A partir de 1922, com o projeto dos *edifícios-vilas*, os estudos de fachada já se mostram avançados. Com os pilares no plano da fachada, o corpo dessa edificação alterna reentrâncias que compreendem os jardins suspensos, saliências de pequenos balcões e grandes panos de vidro, marcando os estares de dupla altura das casas sobrepostas. No projeto *Wanner* (1928), o esquema permanece muito semelhante, mas as saliências são suprimidas, sendo percebidas apenas as alternâncias dos grandes panos de vidro e as reentrâncias, todas de dupla altura, separadas por faixas horizontais contínuas que marcam a divisão no nível da circulação horizontal, a cada dois pavimentos. No *edifício para artistas*, do mesmo ano

, o esquema das lajes contínuas marcadas a cada dois pavimentos parece repetir-se (pelo que se percebe no detalhe da fachada, único desenho referente a isso mostrado na obra completa do arquiteto).

Outros exemplos corbusianos apresentam, dentro da idéia constante de fachada livre, algumas possibilidades no tratamento das elevações. Como vimos, as fachadas vão apresentar, em muitos casos, elementos reentrantes, e isso ocorre das mais variadas formas, como nos casos em que as reentrâncias são formadas por placas que vêm até os bordos, emoldurando galerias junto às lajes paralelas dos pavimentos. Pode-se tomar como exemplo, os projetos de colonização de *Nemours* e *Durand* (escalonado), sendo que, no primeiro, o edifício está disposto em um prisma regular, exibindo três rasgos com elementos lineares verticais seriados que fazem a marcação das galerias e reforçam a idéia de seriação das unidades, enquanto no segundo é como se as faixas horizontais tivessem deslizado umas sobre as outras, fazendo com que as galerias se mantivessem, mas a elas fosse adicionado um pátio. Excetuando-se o esquema da translação das barras, os dois projetos assemelham-se ao apresentar uma lógica de composição de fachadas muito próxima. Dentre os casos que apresentam panos de vidro, com ou sem proteção solar, temos o edifício de locação em Zurique (1932), com fachadas

Edifício de aluguel em Zurique



Edifício de colonização em Nemours



Corte de um edifício residencial de fitas indentadas



envidraçadas que apresentam reentrâncias de dupla altura, em alto-relevo, num ritmo contínuo e repetido, em uma linha da parte superior da fachada, e, na parte inferior, as aberturas das entradas, colocadas simetricamente lateralizadas, e um elemento prismático curvo, de altura inferior ao bloco principal, adicionado em um dos extremos do volume. Na Algéria (1933) aparece pela primeira vez, nos projetos residenciais de Le Corbusier, os *brises* – nesse caso fixos – num edifício que apresenta o prisma tratado diferentemente nas quatro fachadas. Uma delas é totalmente envidraçada, ao passo que a outra é praticamente cega, possuindo apenas pequenos rasgos horizontais. A terceira apresenta uma porção cega, outra com vidro, e um rasgo vertical coberto por elementos de proteção solar que vão se repetir na fachada posterior, de serviço, que é totalmente coberta por esses elementos, formando uma renda.

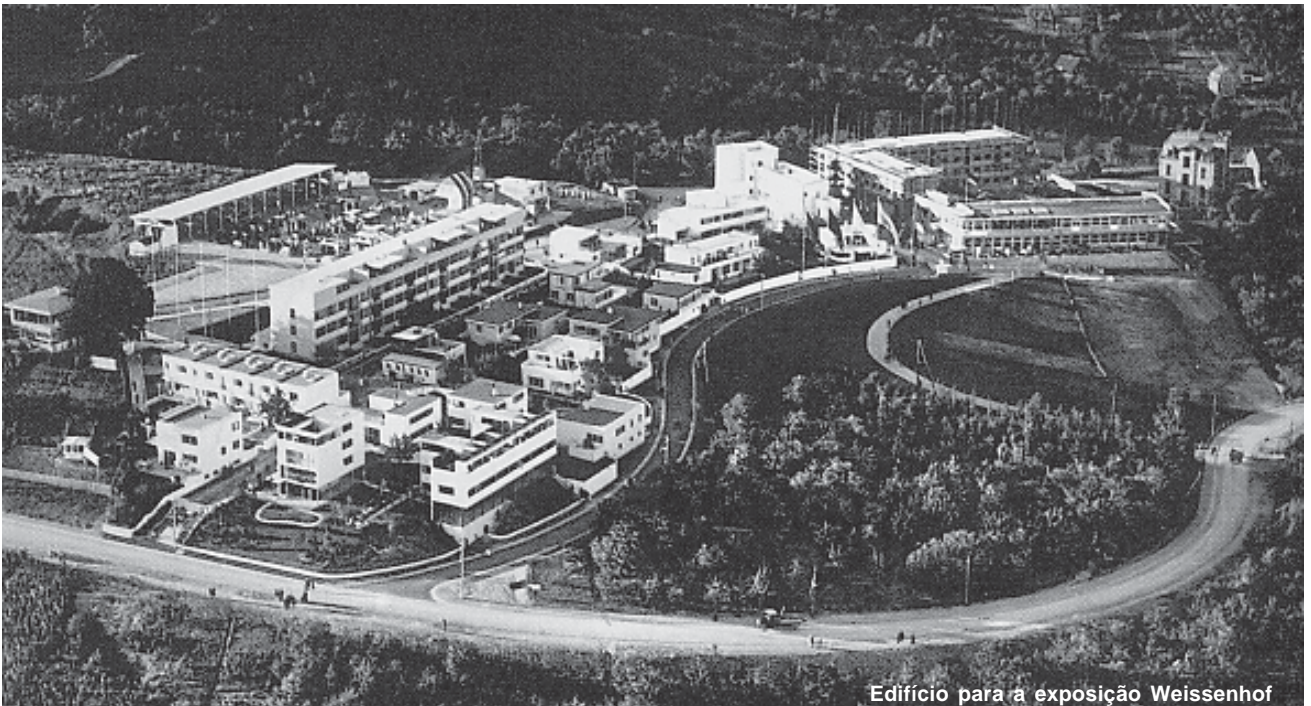
O teto-terraço, mais que um complemento vantajoso em substituição ao telhado, faz o acabamento das edificações, criando área para observação panorâmica e recreativa e aparecendo em contraposição ao coroamento clássico da edificação, da mesma forma que os pilotis opõem-se à base tradicional. Questões técnicas, como a proteção térmica gerada por esse jardim, são cuidados fundamentais para a vida útil das lajes planas, como justifica o arquiteto. Na maioria de

seus projetos, Le Corbusier se utiliza da parte superior das edificações, para atividades de lazer, como nos casos de Zurique, nos *edifícios-vilas*, no projeto *Wanner*, ou nos edifícios residenciais da *ville contemporaine*, em que a cobertura compreende restaurante, academia e piscina. Existem também casos em que o teto-terraço foi utilizado apenas com função residencial, com jardins, como no projeto do edifício para a rua Fabert, ou os casos em que aparece apenas a cobertura plana, sem função, como nos edifícios de aluguel de Zurique, e em *Durand*, no edifício de aluguel da Algéria, que terminam sem coroamento, apenas com o prolongamento da laje.

Chama a atenção, no caso do edifício residencial corbusiano, a preocupação com o tratamento de fachada – nem sempre livre –, muito mais do que com a planta livre. Isso vai ocorrer em função da compartimentação e rigidez do programa do edifício de apartamentos, onde o pilar desnudo aparece em raros casos e principalmente na parte social dos exemplares. Mas a diferenciação entre o corpo e a base da edificação é reforçada quando esses prédios repousam sobre uma base de pilotis, sejam eles aparentes ou opacos.



Edifício da rua Franklin



Edifício para a exposição Weissenhof

REALIZAÇÕES CITADAS À LUZ DOS CINCO PONTOS

A partir da análise que relaciona base, corpo e coroamento dos projetos teóricos de Le Corbusier, com os “Cinco pontos para uma nova arquitetura” e a estrutura *Dom-ino*, é possível perceber que, mesmo nos casos em que não havia condicionantes de projeto, nem todos os pontos eram atendidos. Nota-se nos casos analisados, por outro lado, a utilização – freqüente mas não obrigatória – dos *cinco pontos* nas realizações de muitos outros arquitetos, desde o início do século XX e antes mesmo das publicações de Le Corbusier. Assim, é possível refletir sobre teoria e prática tanto de Le Corbusier como de seus colegas, autores de alguns dos marcos teóricos analisados a seguir.

Após realizações pregressas aos principais estudos de Le Corbusier, entre elas o *edifício de apartamentos da rua Franklin* (1903) ou a *Igreja de Raincy* (1922-24), de Auguste Perret, e os edifícios de Henri Sauvage na *rua de Trétaigne* (1903) e na *rue Vavin* (1912), em Paris, encontram-se inúmeras edificações que apresentam alguns desses elementos, o que não significa a total absorção da “cartilha de Corbusier”, mas a utilização de princípios vigentes desde o início do século, reforçados e destacados pelo arquiteto.

Um ano após a publicação dos “seis pontos para uma nova arquitetura” em *Architecture Vivante*, o *edifício de apartamentos* de Mies van der Rohe, na exposição Weissenhof, em Stuttgart (1927),

ocupa posição de destaque no conjunto de edificações. Não apresenta planta livre, pilotis, nem fachada livre, mas já mostra características modernas; como as janelas-corridas e o teto-terraço.

Esse projeto, que sofreu diversas modificações desde a sua primeira versão em 1925, torna-se chamativo, na exposição, devido a seu tamanho e posição, embora outras obras, concebidas por arquitetos de grande destaque, como Le Corbusier, J. J. P. Oud, Gropius, Taut, Poelzig, também tenham enriquecido o evento. Mies entregou um dos grandes blocos a Peter Behrens, em homenagem à arquitetura de aço e vidro promovida por ele, e ficou responsável pelo outro. O bloco por ele edificado apresenta elementos horizontais lineares interrompidos, dispostos em série nas duas faces, sendo que em uma delas são acrescentados elementos pontuais que configuram sacadas de baixo-relevo e na outra, oposta, rasgos verticais marcam o corpo, definindo a circulação vertical e acessos dos blocos.

O novo funcionalismo holandês despontou e pautou o projeto dos apartamentos *Nirvana* (1927-30), de Joannes Duiker, em Haia. O projeto consiste em cinco torres implantadas muito próximas umas das outras e com comunicação através de balcões exteriores. Os apartamentos são servidos por uma cozinha central – que deriva da idéia das casas comunais russas –, mostrando a relação entre o



Edificio Narkomfin



Torres Hoogbouw



Edificio Nirvana



Edificio da avenida Versailles, 25

funcionalismo holandês e o construtivismo russo, exportado por Lissitsky, que esteve na Holanda entre 1922 e 1926. A planta livre é marcada por colunas redondas nas unidades, embora as vedações encontrem a estrutura em muitos pontos; sua forma circular deixa clara a intenção do arquiteto de enfatizar nesse projeto a independência estrutural em relação à vedação. O corpo dessa edificação não tem a marcação da estrutura independente tão acentuada, e a base não se diferencia através de pilotis ou de recuo. A fachada eleva-se num mesmo plano desde o chão e muda de plano no coroamento. Embora as fachadas sejam constituídas por alternâncias de partes reentrantes com elementos de vidro, o bloco torna-se compacto por repetir o mesmo tratamento desde o nível do chão, que poderia ser marcado de outra forma, uma vez que a estrutura é totalmente independente, até mesmo em todo o pavimento-tipo, coisa que não é freqüente nas edificações residenciais multifamiliares.

Do mesmo arquiteto, o projeto para as torres Hoogbouw, 1927-29, consiste em torres de grande altura com um terreno livre para outras atividades. Segundo Sherwood (1983), esse projeto representa a versão simplificada do *plan voisin*, de 1925, de Le Corbusier, com a diferença que o plano francês era constituído de edifícios independentes muito mais altos e com função comercial. O projeto Hoogbouw combina as duas tipologias, adequando-as à escala

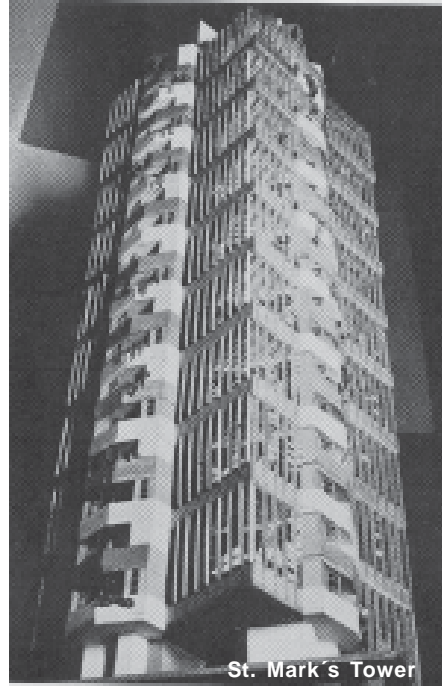
mais apropriada a Amsterdam, apresentando bases expandidas e janelas corridas, e tetos planos, mas sem função de estar. A fachada das torres, com quatro unidades de dois dormitórios em cada ramo, é independente, e a estrutura é visível.

Sintonizados com o crescimento populacional, os arquitetos russos investem em projetos baseados nas casas comunais: a moradia coletiva. Ginsburg e Milinis constroem os apartamentos Narkomfin, em Moscou, em 1928, com equipamentos coletivos ocupando lugar de destaque, constituídos por cantina, ginásio, berçário, creche e células de habitação mínima, com cozinha individual – que poderiam ser transformadas em função do *modus vivendi*. Essas unidades de habitação russas já contemplam, em 1928, as características de pilotis, planta e fachadas livres, janela-corrída e teto-jardim que Le Corbusier sistematizara dois anos antes, mas são predecessoras de suas unidades auto contidas, que viriam duas décadas depois. O tratamento da fachada desses edifícios marca uma série de bandas horizontais de diferentes espessuras, texturas e relevos que constituem o volume, criando uma fachada de linhas horizontais, incomum de ser vista dentre os exemplares modernos internacionais.

O edifício da avenida de Versailles, 25, 1928-31, de Berthold Lubetkin, é constituído de oito pavimentos com um apartamento de dois



Edificio da avenida Versailles



St. Mark's Tower



Edificio Novocomum



Casa Toninello



Casa Rustici



Casa Lavezzari

dormitórios na fachada principal e uma unidade-estúdio localizada nos fundos. O edifício apresenta a base recuada com pilotis aparentes, janelas-corridas, e teto-jardim, de acordo com as restrições do sítio. O rasgo dos sete pavimentos revela alternância entre elementos alinhados e reentrância no centro do volume. O pilar, cilíndrico, rasga a fachada da base ao coroamento, passando entre as janelas dos apartamentos.

De Frank Lloyd Wriqth, a *torre para apartamentos St. Mark's*, em Nova York, de 1929, consiste em um bloco para pequenos apartamentos duplex, com a parte social e de serviço no pavimento inferior e a parte íntima acima. A sala de estar tem dupla altura, que se revela na fachada, de metal e vidro não estruturais. (ZEVI, 1995, p.140).

Outro edifício da *av. Versailles*, em Paris (1934), é de Jean Ginzberg. Apresenta quatro apartamentos diferentes por pavimento, equacionando o problema do terreno de esquina. O edifício é construído junto às divisas, apresentando ligação com a frente da edificação em todas as unidades. Ele não apresenta pilotis nem planta livre, mas a estrutura já pode ser identificada na sua planta, embora a vedação seja coincidente. A fachada é pronunciada em relação à base. Os balcões e a janela corrida junto ao terraço da edificação reforçam os elementos modernos que já se anunciavam no início dos anos 30. O pilar corre dentro da janela horizontal, que ocorre na lateral

do edifício e onde não aparecem os balcões, e coincide com a rua menos importante na escala urbana, terminando solto na rua, em função da base, que recua nesse trecho da fachada. Na outra rua, o corpo apresenta-se sempre na mesma prumada, mas os balcões ocorrem desde o segundo andar, criando um avanço em relação à calçada, oposto ao que ocorre no outro lado.

Em 1936, Terragni projeta a *casa Rustici* (Milão), seu projeto residencial de maior destaque. Apresenta-se como um edifício de programa misto: escritórios comerciais, com serviços na parte inferior, apartamentos convencionais no corpo, e no ático um apartamento especial que compreende uma ala de dormitórios, de estar e cozinha ligados por uma ponte. O volume consiste em dois blocos paralelos ligados por um balcão que mantém a continuidade do bloco na elevação principal, formando reentrâncias lineares marcadas horizontalmente entre dois núcleos verticais. Dessa maneira, os pequenos poços de ventilação dão lugar a uma área bem ventilada que gera boas condições de iluminação e ventilação aos apartamentos. Esse projeto não apresenta pilares aparentes na base nem no corpo de sua edificação e é marcado por uma arquitetura construída com alvenaria, onde também figuram balanços, mas sempre em concreto, como em seus outros projetos: *Novocomum* (1929), *Toninello* (1933) e *Lavezzari* (1934). Nesses projetos italianos os cinco pontos de Le Corbusier não são



Edificio Clarté



Edificio Highpoint II



Edificio Porta Molitor



Edificio Highpoint I

objeto de imposição e, conseqüentemente, nem sempre estão presentes.

Dentre as propostas corbusianas do período, realizaram-se apenas o edifício *Clarté*, de 1930, em Genebra, e o edifício *Porta Molitor*, de 1933, em Paris. O terraço-jardim vai aparecer principalmente nos projetos dos edifícios não realizados, e quando edificadas, esse elemento não é proeminente. No edifício *Porta Molitor* verifica-se a vegetação ali localizada, mas não é o ponto mais freqüente nos edifícios de apartamentos. No *Clarté*, a cobertura, que serve para todos os moradores, apresenta apenas grama nas juntas do piso. Os andares térreos das duas edificações apresentam alterações à noção de pilotis do arquiteto. No edifício parisiense, apesar do andar térreo fechado, existe um pilar solto para demarcar a estrutura livre e os pilotis desse pavimento; já no suíço, a base fechada demarca a diferença entre base e corpo da edificação, mas os pilares só podem ser percebidos na parte interna desse pavimento expandido. Enquanto no edifício *Porta Molitor* os pilares estão livres das vedações e a janela corrida aparece – um pouco modificada, é verdade – no edifício *Clarté* os pilares estão junto com as vedações, aparecendo soltos apenas nos estares de dupla altura. Em Genebra, os balcões ajudam na proteção solar, que não tem outro cuidado, senão persianas internas, no edifício *Porta Molitor*.

Em Londres, Lubetkin apresenta os edifícios

Highpoint I (1933-35) e *II* (1935-38). Ao contrário de seu projeto de 1928, em Paris, esses dois prédios não sofrem as restrições de estarem localizados entre medianeiras. O edifício *Highpoint I* forma uma barra com duas interposições, sendo composto por dois prédios cruciformes justapostos. O edifício é estruturado com paredes de concreto e sua volumetria compacta branca é quebrada pelo volume sinuoso e leve das sacadas, extrudadas de acordo com a necessidade. O térreo é recuado em relação ao corpo; e uma linha de pilotis fica aparente para fazer a diferenciação entre base e corpo, assim como o coroamento, que também é diferenciado com volumes recuados. Em 1935, no fim da execução do primeiro edifício, que vai ser um marco de utilidade para todos, segundo comentários de Le Corbusier, admitindo que sempre sonhou em executar habitações nessas condições, o edifício *Highpoint II* começa a ser construído. A partir de 1938, os dois blocos formam um conjunto que não deve ser analisado separadamente, apesar da qualidade superior do primeiro. Os edifícios apresentam terraço-jardim, janela-corrida, pilotis livres e estrutura caracterizada por uma planta composta de placas de concreto estruturais, que se desenvolvem também ao longo das fachadas.

Embora os “cinco pontos” não ocorram em todos os exemplos até aqui descritos – e isso inclui também as obras do próprio Le Corbusier, é possível constatar que essas edificações efetivamente estão

identificadas com padrões construtivos representativos da arquitetura moderna. Verifica-se, concomitantemente, que alguns desses pontos já figuravam em obras anteriores à sistematização de Le Corbusier, condicionados a princípios técnicos do autor e articulados com a demanda do projeto desenvolvido.

O EDIFÍCIO DE APARTAMENTOS E A INTRODUÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO PAÍS

A partir de 1930 é possível falar sobre o período de Incubação da Arquitetura Moderna Brasileira. Nesse ano, Getúlio Vargas cria o Ministério da Educação, logo após a vitória da Revolução de Outubro. Lucio Costa torna-se diretor da Escola Nacional de Belas-Artes, de dezembro a setembro de 1931, sendo exonerado em virtude do radicalismo dos alunos, que suscitou a reação dos professores mais velhos.

A arquitetura feita no período já sustenta elementos como a janela horizontal, com caixilharia corrida de vidro e veneziana, característica das elevações de quintal da casa brasileira colonial e imperial, como na *Casa Fontes*, de Lúcio Costa, de 1930. São assimiladas grelhas para ventilação e proteção solar. Lúcio reinterpreta com proporções distintas a janela de rótula e o muxarabi (Comas, 2002, p. 78). Em 1934, Lucio Costa escreve *Razões da nova arquitetura*, onde vai teorizar sobre os mais variados aspectos da modernidade.

Em 1935, abre-se o concurso para a escolha do projeto da sede do Ministério da Educação e Saúde. Em agosto, Piacentini vem ao país assessorar a escolha do terreno da Cidade Universitária do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1936, o ministro Capanema paga o prêmio do concurso ganho por um projeto *Déco*, de toques indianistas, mas contrata Lucio Costa e sua equipe para o Ministério. No mesmo ano, abre o concurso para a sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), vencido pelos irmãos Roberto. A emergência do modernismo dá-se a partir daí, e sua naturalidade vêm a ser carioca.

Os esforços de Firmino Saldanha, Paulo Antunes Ribeiro, Vital Brazil e Jorge Moreira, na primeira metade da década, são meritórios, mas não chegam a entusiasmar.

O edifício *Angélica*, de Júlio de Abreu Junior, foi, segundo Alberto Xavier, construído antes da primeira casa modernista, de Warchavchik. Teve sua planta aprovada em 1930 e concessão do habite-se em 1931. Com esquadrias sugerindo configuração em fita, esse edifício não apresenta nem planta nem fachada livres. Seu pavimento térreo é fechado e ocupado por garagens. A cobertura é ocupada por volume residencial recuado da fachada principal. Apenas o despojamento de ornamento indica a classificação de Alberto Xavier (1983).

O edifício *Morro de Santo Antônio*, da rua do

Lavrado (RJ) embora alvo de controvérsias quanto à data de projeto, por suas características plásticas e pela cronologia da obra dos irmãos Roberto, provavelmente foi edificado nessa época, e sua conclusão talvez tenha sido por volta de 1939, quando o edifício é publicado na revista *Arquitetura e Urbanismo*, no exemplar de setembro/ outubro. Pela característica do concurso vencido pelos Roberto, em 1936, não seria justificável que fizessem um projeto com tais características numa época em que o escritório estava com muitos projetos intrinsecamente modernos. Muito embora o tema duplex fosse uma novidade para a época – e isso seja retratado no artigo escrito pelos autores para a citada revista - as fachadas simples do edifício *Morro de Santo Antônio* em nada se assemelham com o projeto que teria sido anterior, da sede da ABI. O prédio não apresenta nenhum tipo de proteção solar, que é tratada com tanto cuidado nos anos seguintes. Seu térreo, preenchido por lojas, não tem nada a adicionar para os pilotis abertos modernistas, ao contrário, eles estão dentro da edificação. Portanto, ou os arquitetos realmente fizeram o prédio como meio de sobrevivência, ou ele é anterior ao salto de qualidade que o escritório deu em 1936, quando venceu o concurso da ABI. Se prevalecesse a primeira hipótese, certamente não teriam se dedicado à publicação do edifício com tanto esmero. E, por tudo isso, fica corroborada a data do projeto desse edifício em 1929, apesar de

Comas (2002) referir-se a 1939.

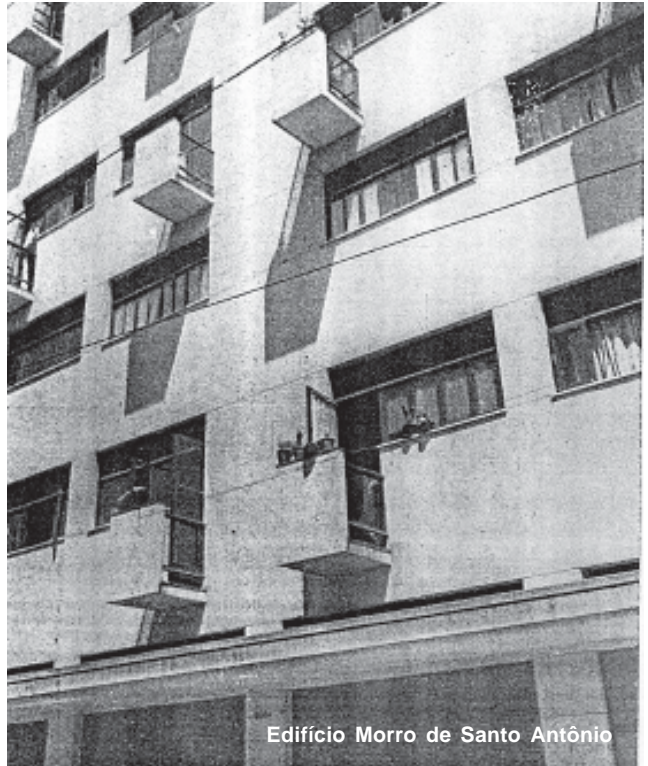
Nas entrelinhas de *Razões da Nova Arquitetura*, Lucio Costa admite que a arquitetura a ele associada não é a única expressão corrente de modernidade. Contudo, argumenta que seu vocabulário e sua sintaxe constituem um verdadeiro estilo, enquanto um *art déco* se define por uma ornamentação superficial e não passa, portanto, de uma estilização.

Para Lucio, a nova arquitetura ratifica o entendimento secular da disciplina como construção qualificada, enquanto evidencia o tipo de construção mais característico da época. Embora de origem industrial, é aplicável a qualquer tipo de programa, como todo outro grande estilo do passado.

Na memória do seu projeto para a *Cidade Universitária do Brasil*, Lucio expande o pensamento, argumentando que, como já dito, a concepção gótico-oriental e a concepção greco – latina da forma arquitetônica, a planta de dentro para fora – que desabrocha como uma flor- e a planta de fora para dentro – que se contém como um cristal se encontram e se completam na arquitetura moderna. A Arquitetura Moderna Brasileira formada à volta de Lucio anima-se com o reconhecimento da polivalência da renovação compositiva preconizada por Le Corbusier e com a possibilidade ainda aberta de colocá-la a serviço da caracterização apropriada de programa e situação, fonte legítima de diversificação de



Edifício Angélica



Edifício Morro de Santo Antônio



Edifício para a contrutora Baerlein

vocabulário e de sintaxe formais, conforme os melhores preceitos acadêmicos.

A ossatura independente é a característica principal dessa arquitetura, segundo Lúcio, embora as paredes pesadas, ainda em uso, evidenciem um descompasso entre prática e técnica, como o embasamento fechado mentiroso. “Partindo desses dados precisos e por um rigoroso processo de seleção, poderemos atingir, como os antigos – com a ajuda da simetria – as formas superiores de expressão.” (Costa, 1934)

“*Razões* (da nova arquitetura) rejeita a idéia de um modernismo internacional que se nacionaliza, contrapondo-lhe a idéia duma expressão local que se internacionaliza. A Renascença italiana, antes de ser internacional, começa com o saque de Roma pelos franceses.” (Comas, 2002, p.91)

EMERGÊNCIA DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA (1936/1945)

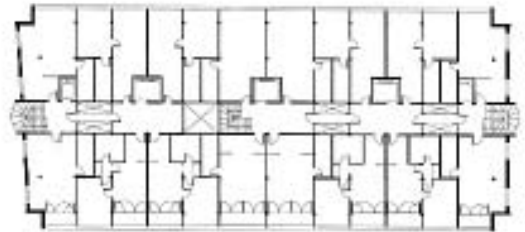
O número de projetos exemplares entre os edifícios residenciais multifamiliares, no período moderno, é inferior ao de escritórios, como observa Carlos Eduardo Comas em sua tese (2002). Contudo, àqueles por ele citados (*Esther*, Tapir, Realengo, Baixada do Carmo, Nova Cintra, Bristol e Caledônia) dever-se-ia acrescentar os edifícios *MMM Roberto* e *Anchieta*, dos irmãos Roberto e o edifício *Prudência*, de Rino Levi. Cabe enfatizar os aspectos propositivos do edifício *Esther* (1936-38), derivado de um concurso realizado na cidade de São Paulo (SP), em 1935, vencido por Vital Brazil e Adhemar Marinho. Embora de proporções menores, não é menos inovador que os contemporâneos cariocas: Ministério da Educação e Saúde, Cidade Universitária do Brasil e Associação Brasileira de Imprensa. O *Esther* inclui lojas, restaurantes, escritórios e apartamentos de diversos tipos e tamanhos, duplex e simplex, constituindo-se num microquarteirão frente à prestigiosa praça da República.

Embora não sejam propositivos como os anteriores, edifícios de qualidade se destacaram na bibliografia relativa a esse período. Dentre eles, o edifício *Mara* (1944), em São Paulo (SP), de Eduardo Kneese de Melo, proposto primeiramente como hotel, mas transformado em edifício de apartamentos *kitchenette*. Atualmente, encontra-se

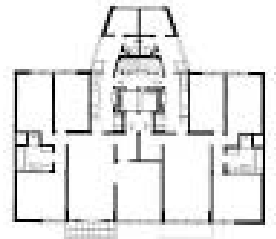
deteriorado, mas ainda evidencia qualidade, beirando o limite entre proposição e mediação. O edifício *Conceição*, localizado em esquina – e apresentando parte comercial voltada para a rua de maior movimento e residencial na outra, com portarias distintas – também se enquadra na arquitetura de divulgação. O edifício *Luís Felipe*, de Hélio Uchôa, no Rio de Janeiro (RJ), e o edifício *residencial* de Gregori Warchawchik, em São Paulo (SP), estão claramente situados dentro da classificação de uma arquitetura de divulgação, mesmo que publicados internacionalmente. Embora esses quatro edifícios apresentem qualidades, prescindem de aspectos inovadores, apropriando-se de soluções apresentadas anteriormente para responder aos problemas propostos, portanto estão em anexo e não serão comparados.

No cenário internacional, Le Corbusier projeta o Ilôt insalubre n.6 (1936), os edifícios para o Grand-Place de la Mairie Boulogne-sur-Seine (1939), e em 1945, dá início aos primeiros esboços para a unidade de habitação de Marselha, ainda em caráter esquemático. Giuseppe Terragni constrói o edifício de andares Giuliani-Friggerio (1939), em Como (Itália). Na Inglaterra, Berthold Lubetkin projeta dois condomínios de prédios soltos no terreno: o Priory Green (1943-52) e o Spa Green (1943-50). No cenário latino-americano, Josep Luís Sert projeta a Cidade dos Motores, no Rio de Janeiro.

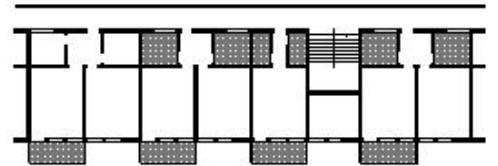
Ed. Esther, 1936/1938
Álvaro Vital Brazil
Av. Ipiranga, esq. r. 7 de Abril
São Paulo



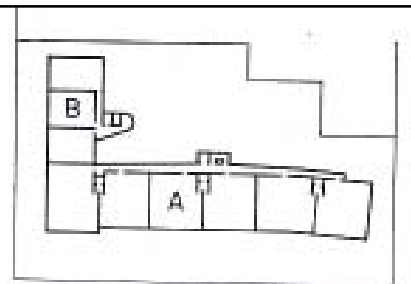
Ed. residencial Tapir, 1939/1941
Jorge Machado Moreira
R. Senador Vergueiro, 66
Flamengo
Rio de Janeiro



Conj. habitacional do
Realengo, 1939/42
Carlos Frederico Ferreira
R. Mal. Modestino, esq.
r. Mal. Agrícola
Rio de Janeiro



Edifício Anchieta, 1941/ND
Marcelo e Milton Roberto
Av. Paulista, esq. av. Angélica
Consolação
São Paulo



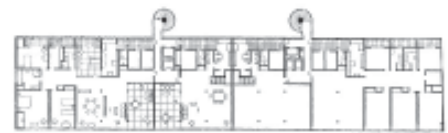
Conjunto residencial
Baixada do Carmo, 1941/44
Atílio Corrêa Lima
São Paulo



Parque Eduardo Guinle -
Ed. Nova Cintra, 1943/1948
Lucio Costa
R. Gago Coutinho, 66-68
Laranjeiras
Rio de Janeiro



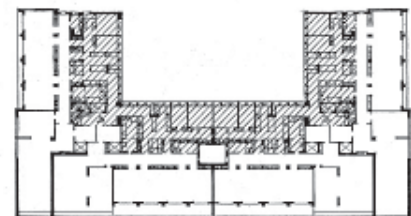
Parque Eduardo Guinle -
Ed. Bristol, 1943/1950
Lucio Costa
R. Paulo César de Andrade, 70
Laranjeiras
Rio de Janeiro



Parque Eduardo Guinle -
Ed. Caledônia, 1943/1954
Lucio Costa
R. Paulo César de Andrade, 106
Laranjeiras
Rio de Janeiro



Ed. resid. Prudência, 1944/1950
Rino Levi e R. Cerqueira
Av. Higienópolis, 265
São Paulo



Ed. MMM Roberto, 1945/ND
MMM Roberto
R. N. Sra. de Copacabana, 1267
Rio de Janeiro



Ed. residencial, 1939/ND
Gregori Warchawchik
R. Barão de Limeira, 1003
São Paulo



Ed. Conceição, 1942/ND
Abelardo de Souza
Av. Cásper Líbero esq.
R. Washington Luiz
São Paulo



Ed. Mara, 1944/ND
Eduardo Kneese de Melo
R. Brigadeiro Tobias, 247
São Paulo



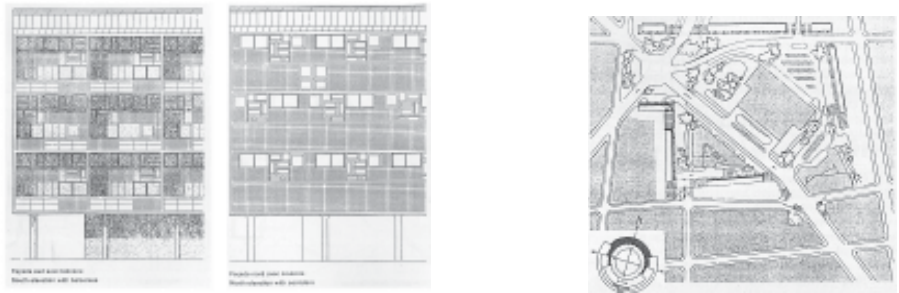
Ed. resid. Luís Felipe, ND/1945
Hélio Uchôa
R. Conselheiro Lafayette, 60
Rio de Janeiro



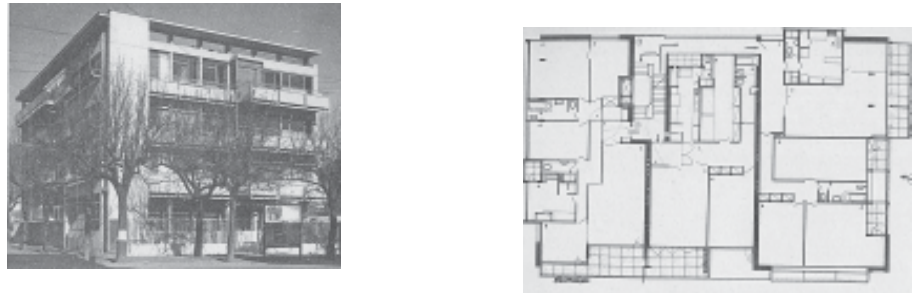
Ilôt Insalubre n. 6, 1936
Le Corbusier
Paris



Grand-Place de
la Mairie Boulogne-sur-Seine, 1939
Le Corbusier
Paris



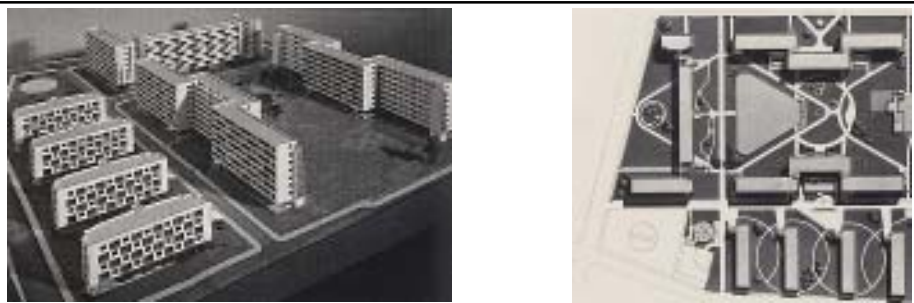
Ed. Giuliani-Friggerio, 1939
Giuseppe Terragni
Como, Itália



Spa Green, 1943
Berthold Lubetkin
Londres



Priory Green, 1943
Berthold Lubetkin
Londres



Cidade dos Motores, 1943/45
Josep Luís Sert
Rio de Janeiro



Edifício Esther, 1936/38

Álvaro Vital Brazil

Av. Ipiranga esq. rua 7 de abril

São Paulo, SP

O prédio de uso múltiplo é inserido em uma cabeça de quadra modificada pela adição de uma rua, criando um micro-quarteirão de aproximadamente 45m x 30m, que contém o edifício isolado. O Arthur Nogueira, ou Estherzinha, erigido no mesmo lote primitivo e separado pela rua projetada, contém os serviços de apoio para esse edifício.

Geometricamente, suas plantas são sintetizadas por um trapézio balanceado nas extremidades, de cantos recuados até o plano dos pilares periféricos. A esse polígono é adicionado um retângulo, central, com as extremidades menores arredondadas. Volumetricamente, a barra composta pelo trapézio é interceptada pelo prisma de extremidades arredondadas, que é mais alto, não ultrapassando o volume da cobertura, recuada nos quatro lados. O edifício caracteriza-se como barra alta reta de configuração linear dupla de circulação na parte comercial. Acima dela, a configuração linear passa a ser de uso, compreendendo cinco núcleos de circulação gerados por poços de iluminação e ventilação dos apartamentos, definindo uma edificação de corpo perfurado.

O corpo é disposto de maneira que o segundo e terceiro pavimentos são destinados a salas comerciais, de planta livre, com apenas um núcleo de banheiros por andar. A partir do quarto pavimento ocorrem as unidades residenciais, com circulação polinuclear. O nono pavimento apresenta o acesso às quatro unidades duplex, além dos outros, simplex. Quatro apartamentos pequenos, além da parte superior das unidades com dupla altura, desenvolvem-se logo acima. A estrutura se apresenta internalizada às paredes das unidades na maioria dos apartamentos, embora seja aparente em muitos casos, pelo menos nos apartamentos das pontas de cada andar. A cobertura do edifício, com dois apartamentos, apresenta terraços. O térreo é semi fechado com função comercial e saguão de grandes dimensões, que atende tanto às unidades residenciais como às comerciais. O subsolo – que desenvolve-se também sob a rua criada – contém espaço para garagem

"Instead of spreading in the conventional way over the whole lot, it was placed on the site so as to permit a new street to be cut through parallel to the front of the edifice, which thus remains free on all four sides."
(Mindlin, 1956, p.84)

e uma ampla área com restaurante.

Ao invés de um prisma puro ou de uma protuberância em uma porção do corpo como na Porta Molitor, o tratamento do edifício é marcado pelos recortes cegos e escuros que evidenciam a subtração do trapézio e marcam o quadro frontal na composição do volume. As fachadas opostas são semelhantes duas a duas, sendo que a elevação de frente para a praça apresenta balcões e a outra não. As de menor extensão, planares opacas, são formadas por elementos pontuais cavados, elementos lineares horizontais que marcam a laje no mesmo nível do plano, e um elemento linear, disposto no sentido vertical e em alto-relevo, que engloba a circulação vertical. As outras fachadas são formadas por um quadro – evidenciado pelo recuo dos cantos – que compõe uma fachada planar de elementos lineares / bandas horizontais escavados em alguns trechos. É importante observar entre os antecedentes, que o recurso de escavar o volume em relação ao corpo do edifício não é novidade, porém tanto no edifício Lavezzari quanto no Toninello, de Terragni, os blocos apostos à fachada não eram destacados pela diferenciação, como no Esther, que apresenta total opacidade e diferença de cor da parte adjacente à saliência.

Apesar da sensação de agregação de elementos salientes às fachadas principais, elas se enquadram dentro da categoria de fachadas planares virtuais, formadas por conjuntos de elementos que vazam o quadro de elementos lineares horizontais. A sutil diferenciação entre os pavimentos comerciais e residenciais é marcada no tratamento da fachada principal, na maneira de vazar a fachada. O coroamento do corpo é configurado pelo alto-relevo contínuo no último pavimento da fachada principal – com exceção da parte extrema, que é recuada nos pavimentos residenciais – interrompendo a série de elementos vazados que se dispõem na parte central da fachada do quarto ao nono pavimento.



Fig. a

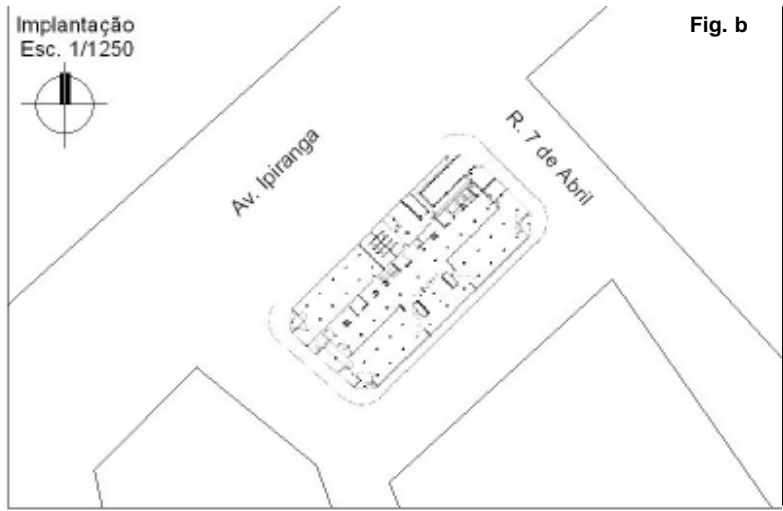


Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e



Fig. f



Fig. g



Fig. h



Fig. i



Fig. j



Fig. k



Fig.

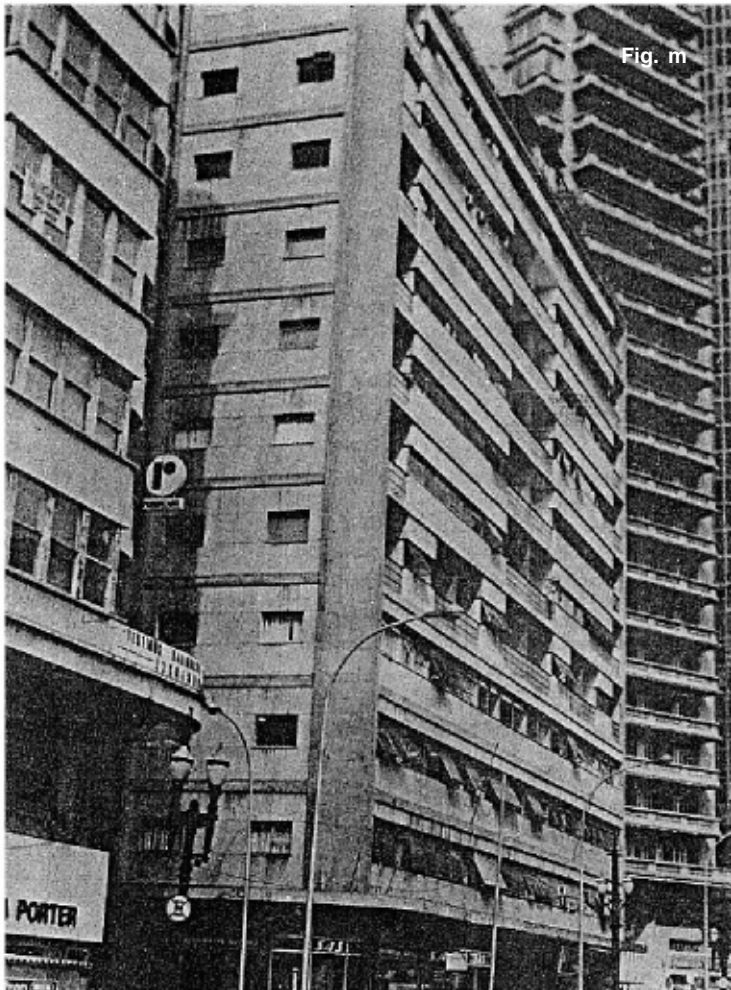


Fig. m



Fig. n

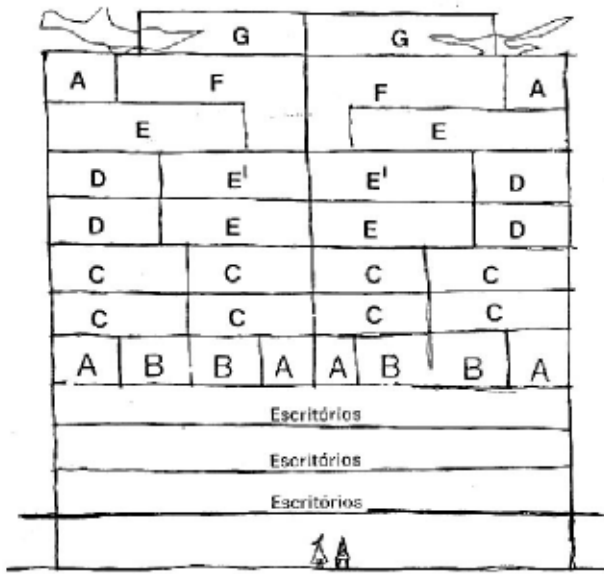


Fig. o

Esquema: Tipo de Unidades Sem Escala

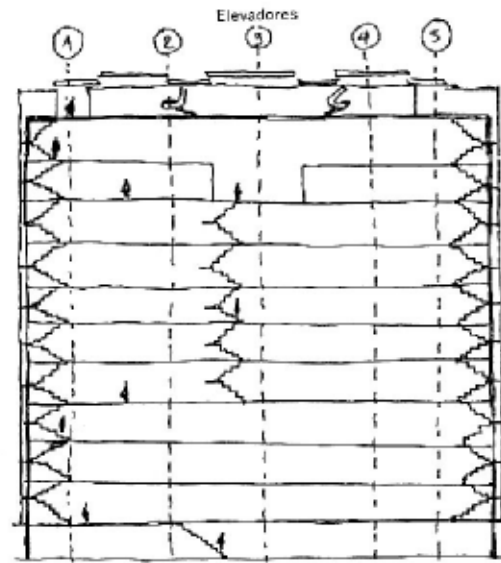


Fig. p

Esquema: Circulação Vertical Sem Escala

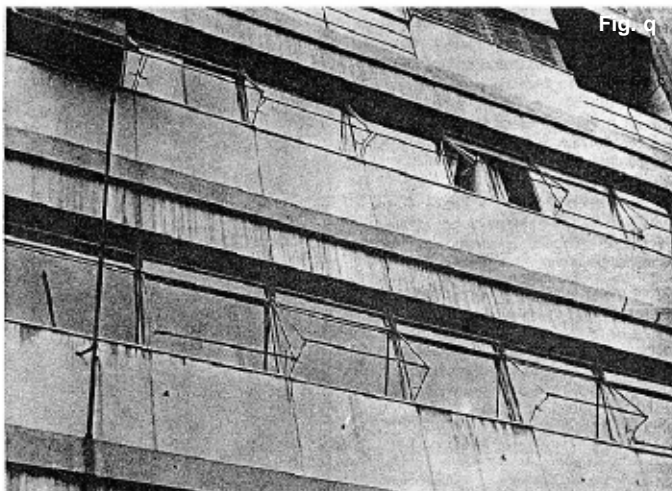


Fig. q



Fig. r



Fig. s



Fig. t

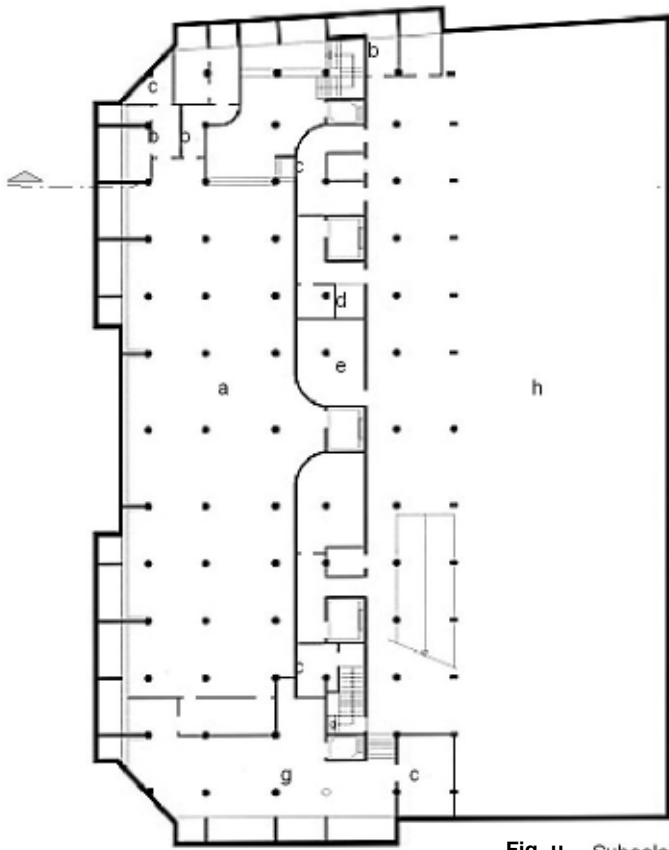


Fig. u Subsolo
Esc. 1/400

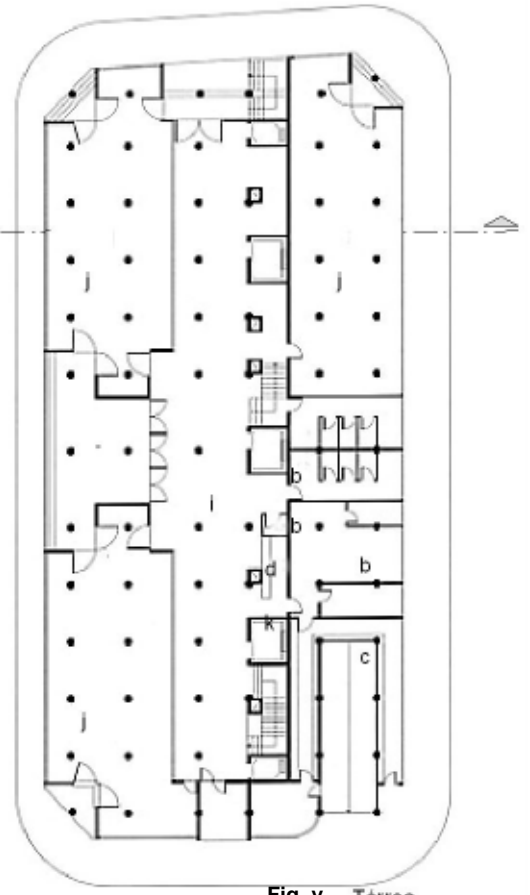


Fig. v Térreo
Esc. 1/400

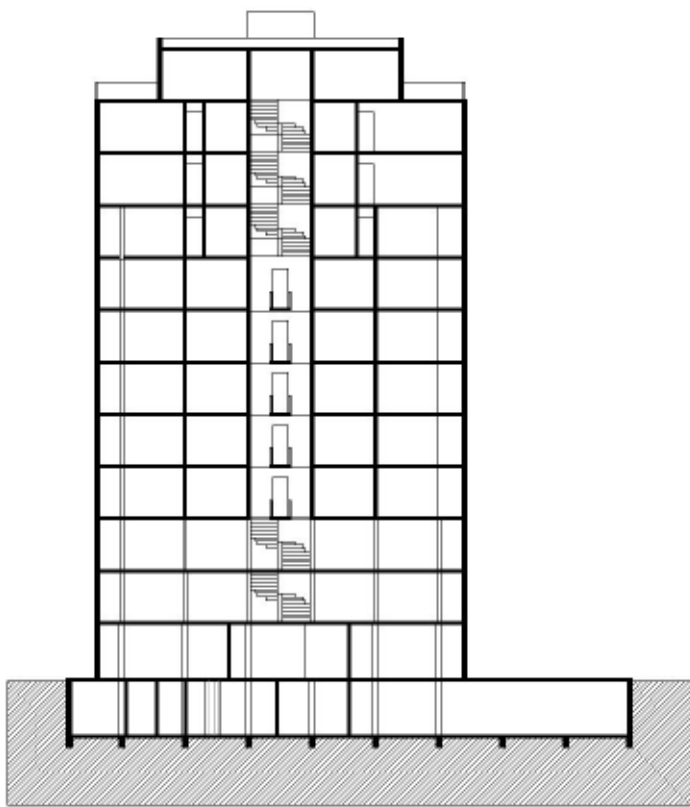


Fig. w Corte Transversal
Esc. 1/400

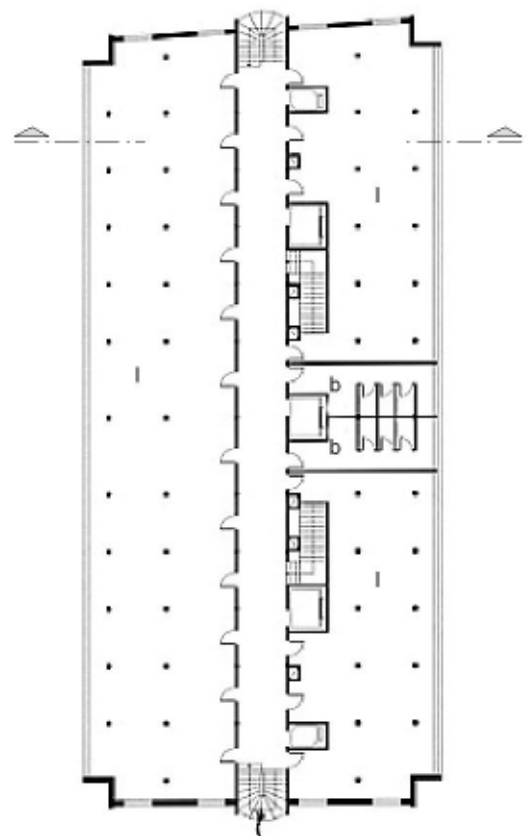


Fig. x Planta 2º e 3º Pavimentos
Esc. 1/400

LEGENDAS:

Ap.1	A= 34,75 m ²
Ap.2	A= 37,00 m ²
Ap.3	A= 39,95 m ²
Ap.4	A= 41,65 m ²
Ap.5	A= 42,15 m ²
Ap.6	A= 64,65 m ²
Ap.7	A= 95,15 m ²
Ap.8	A= 100,50 m ²
Ap.9	A= 129,45 m ²
Ap.10	A= 142,95 m ²
Ap.11	A= 176,95 m ²

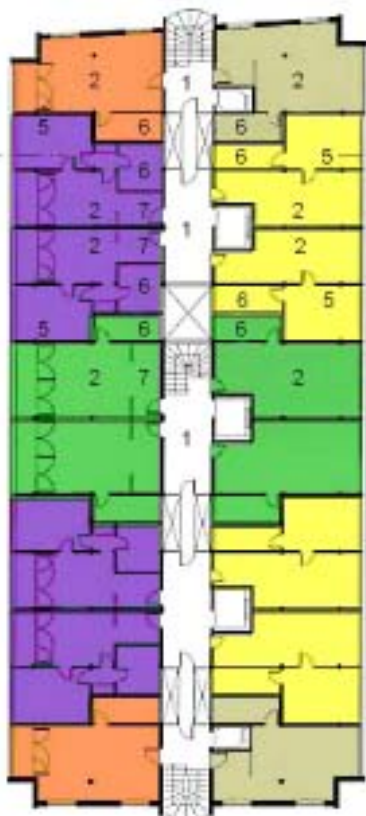


Fig. y Planta 4º Pavimento Esc. 1/400



Fig. z Planta 5º Pavimento Esc. 1/400

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 8 | Despensa |
| 10 | Elevador |
| 13 | Mezanino |

- | | |
|---|----------------|
| a | Restaurante |
| b | Sanitário |
| c | Deposito |
| d | Telefone |
| e | Caldeliras |
| f | Máquinas |
| g | Cozinha |
| h | Estacionamento |
| i | Saguão |
| j | Loja |
| k | Portaria |
| l | Escritórios |



Fig. aa Planta 10º Pavimento Esc. 1/400



Fig. ab Planta Cobertura Esc. 1/400



Ano Constr.	1936 1938
Área (m ²)	34,75 176,95
Tipologia	k, 1, 2 e 3 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex e duplex
Área Constr.	não
Config. Planta	linear de uso
N.º de Unidades	62
Vel. de Per. (km/h)	8
Config. Elev.	V / I+Ø
Perfil	paulista
Função Constr.	resid.
Particularidade	volume recuado
Função atual	comercial
Formação	fechada
Estado	aparente aparente
Organização	quadra modif.

Edifício residencial Tapir, 1939/41 **Jorge Machado Moreira**

R. Senador Vergueiro, 66
Flamengo

Rio de Janeiro, RJ

O prédio, de caráter monolítico, tem frente para a rua Senador Vergueiro, e as outras divisas, para o interior do quarteirão. O edifício desenvolve seus quatorze pavimentos sem recuos laterais, gerando uma configuração que pode ser considerada, em função das suas características tipológicas e de sua relação com o terreno, um fragmento extensível de uma barra polinuclear.

Está estruturado sobre pilotis, revelando espaço de estar na parte coberta pelo edifício, com o acesso principal marcado por uma marquise curva, junto ao jardim projetado por Roberto Burle Marx. No fundo do terreno, localiza-se o estacionamento. A parte fechada do térreo é desconstruída dos pilares, dando destaque aos elementos estruturais. Pilares aparentes revelam-se apenas no térreo e são internalizados no pavimento-tipo. Cada pavimento, com dois apartamentos, é organizado de maneira que salas e quartos principais ficam voltados para a fachada frontal, e dormitórios secundários e cômodos de serviço, para a fachada posterior, que apresenta uma expansão da planta que corresponde às áreas e dormitórios de serviço de cada apartamento e escada do edifício. A sala, que se localiza no módulo central da edificação, desloca-se, em relação ao eixo do edifício, a cada pavimento, assim como o balcão adjacente à sala contígua, gerando uma alternância no tratamento da fachada que ocorre até o pavimento anterior àquele onde existe o balcão contínuo, que marca o coroamento do corpo, no último pavimento, junto com a terminação inclinada das paredes laterais, na cobertura.

O prisma puro é marcado por elementos lineares no mesmo nível da fachada que se repetem nos treze pavimentos-tipo, e elementos pontuais repetidos através do princípio de reflexão e inversão, protuberantes, formando balcões individuais a cada dois pavimentos. No último pavimento, o elemento protuberante passa a ser linear, configurando um balcão contínuo que faz o coroamento do corpo dessa edificação, de forma mais clara que no edifício Esther, mas com o mesmo

"Sua disposição alternada em andares sucessivos é marcada pelos andares que assinalam os apartamentos de duas salas. O perfil curvo dos balcões se repete no balcão corrido do 14º andar, aparentado ao usado por Lubetkin nos apartamentos Highpoint, publicados em 1936 pela revista da Prefeitura do Distrito Federal"

(Comas, 2002, p.272)

objetivo.

O prisma que compõe o corpo da edificação apresenta as fachadas laterais praticamente cegas, apenas marcadas por elementos que se repetem, sem relevo, em todos os pavimentos. A parte posterior, marcada por uma expansão do bloco de serviço, não caracteriza um elemento linear isolado no sentido vertical, pois sua terminação superior é feita no mesmo nível do bloco retangular, definindo uma adição e caracterizando um retângulo expandido. Nesse mesmo lado, uma série de elementos pontuais criam uma textura sem relevo. A fachada principal é planar, com elementos lineares que rasgam o plano e elementos pontuais salientes que correspondem aos balcões das unidades.

Comas (2002, p.272) comenta a relação de semelhança entre o perfil curvo do balcão dos edifícios de apartamentos de Berthold Lubetkin, publicados em 1936 pela *Revista do Distrito Federal*, e o do edifício Tapir. De fato, a relação do volume isolado é indiscutível, mas se analisamos o zigue-zague que caracteriza os volumes justapostos, observamos que a idéia de reflexão da planta a cada pavimento relaciona essa edificação, principalmente, no que diz respeito à análise do corpo, a resultados de elevações tratadas com elementos cruzados. Anteriormente, esse tipo de tratamento aparece poucas vezes, em projetos de Le Corbusier, como no edifício da rua Fabert, que tem também as plantas espelhadas, e nos primeiros esboços para o edifício Porta Molitor ou nos projetos das fitas indentadas.

A elevação tripartida é marcada nitidamente com a base vazada, o corpo monolítico, e o coroamento diferenciando o corpo da cobertura. Já a tripartição da base foge do tradicional vazio entre dois sólidos e é tratada justamente com o sólido na parte central.

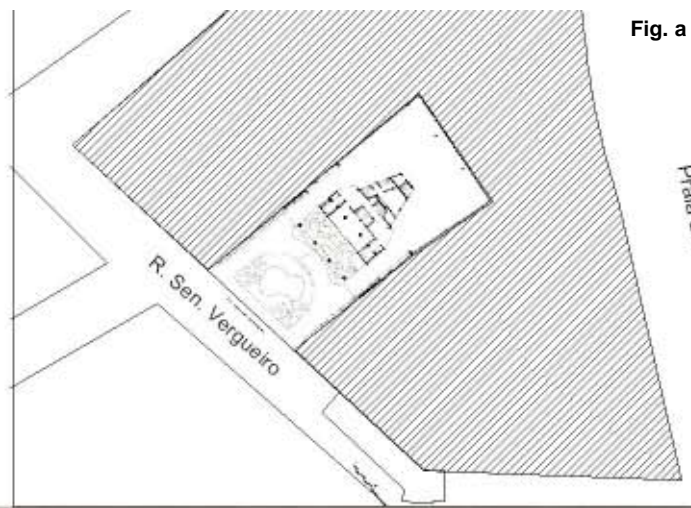


Fig. a

Praia do Flamengo

R. Sen. Vergueiro

Edifício residencial Tapir



Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e

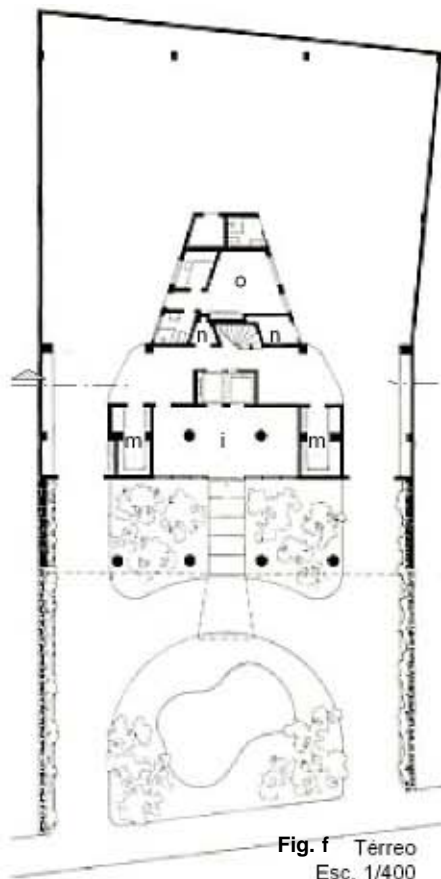


Fig. f Térreo
Esc. 1/400

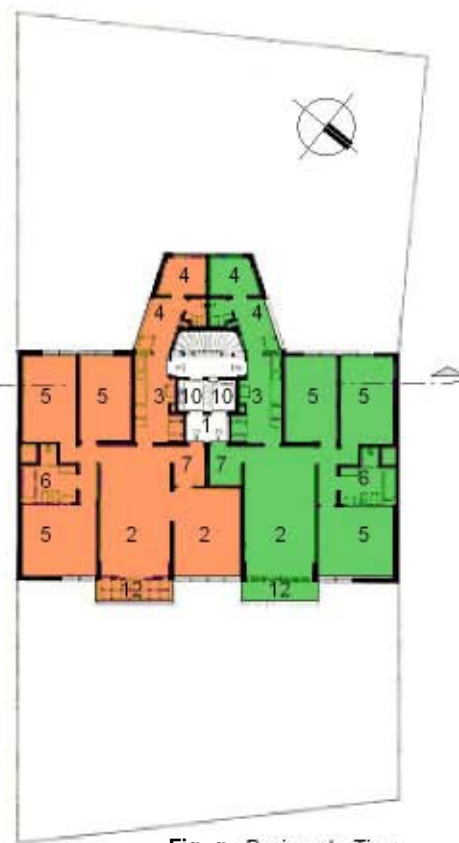


Fig. g Pavimento Tipo
Esc. 1/400

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 119,35 m²
- Ap.2 A= 136,65 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 10 | Elevador |
| 12 | Balcão |

- | | |
|---|------------------|
| i | Saguão |
| m | Medidores |
| n | Depósito de Lixo |
| o | Ap. Zelador |

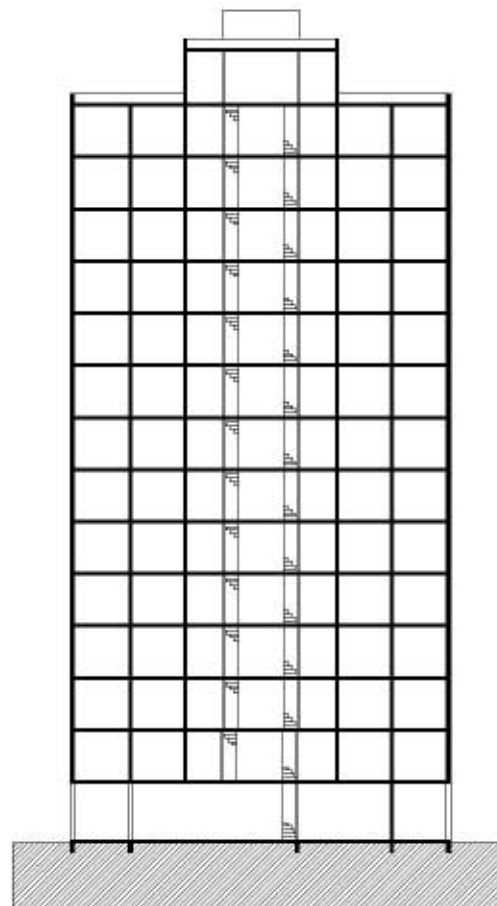


Fig. h Corte Transversal
Esc. 1/400

Projeto 1º Esc.
1939 1941
Áreas (m ²)
119,35 136,65
Número Dorm.
3 dorm.
Classe Social
média alta
Tipologia
simplex
Área Serviço
sim c/ dep.
Config. Planta
mono nuclear
No. de Unidades
26
No. de Pav. (copos)
13
Config. Core
II / I+Ø
Forma
JMM altern.
Função Constr. resid.
Forma Extern.
volume recuado
Função Base
estar
Forma Base
vazada
Estrutura
aparente interna
Insulação
meio

Conj. habitacional Realengo, 1939/42
Carlos Frederico Ferreira

Rua Mal. Modestino esquina
rua Mal. Agrícola

Rio de Janeiro, RJ

Diversas tipologias, como habitações multifamiliares e unifamiliares – com casas isoladas, geminadas ou sobrados, além de prédios de administração, saúde e escola, são implantadas nesse conjunto em uma parcela urbana do bairro Realengo, no Rio de Janeiro. Os blocos são dispostos paralelamente uns aos outros. O material disponível não possibilita maiores avaliações da implantação nesses terrenos suburbanos.

O bloco residencial analisado ocupa um quarteirão e é caracterizado por uma barra baixa linear reta de configuração simples de circulação. Apresenta as duas elevações principais distintas e as laterais cegas.

O térreo apresenta função comercial, com lojas voltadas para a calçada. Os 117 apartamentos, de apenas um dormitório, estão dispostos em três pavimentos e têm acesso por duas circulações verticais ligadas à circulação horizontal aberta. As áreas molhadas das unidades, que compreendem banheiro e cozinha, são dispostas paralelamente ao corredor do pavimento, propiciando ventilação cruzada nas unidades. A estrutura é internalizada nos apartamentos, não apresenta cobertura, e o coroamento é marcado por uma linha que destaca a platibanda.

O prisma puro pode ser facilmente percebido na fachada noroeste, onde os elementos adicionados a ele são pontuais, marcados pelos balcões e pela série de esquadrias que configuram, duas a duas, cada unidade do conjunto. Essa fachada – com os pequenos balcões isolados e alternados – mostra uma solução já apresentada por outros arquitetos brasileiros, como Jorge Moreira, no edifício Tapir, do mesmo ano, na mesma cidade, porém destinado à classe média. Os elementos protuberantes se repetem, através do princípio de inversão e reflexão, formando elementos que aparecem a cada dois pavimentos, trazendo aos balcões a dupla altura que não existe nas unidades. A fachada sudeste é resolvida basicamente

"Este tipo de plano, muito desenvolvido na Europa há alguns anos, adapta-se admiravelmente ao clima do Brasil, pois cada apartamento recebe a mais completa e livre ventilação."

(Goodwin, 1943, p.128)

com a adição dos três balcões de circulação que ocorrem praticamente em toda a extensão da edificação, recuando do alinhamento do corpo apenas nas extremidades, e dos prismas, que correspondem às duas torres de escadas. Esses elementos protuberantes lineares, que se repetem nos três pavimentos, são interceptados pelas torres de circulação vertical, alterando a percepção de uma fachada que apresenta apenas protuberâncias para uma fachada planar virtual, composta por reentrâncias na parte central, entre as escadas, onde se desenvolve a circulação dos pavimentos. As faixas são interrompidas pelas caixas de escada, formando um bloco central onde as protuberâncias se adicionam criando reentrâncias. Essa fachada apresenta elementos lineares no sentido vertical e horizontal apostos ao volume em toda a sua dimensão, tornando mais complexa a compreensão do prisma nela do que na face na oposta.

Embora Bonduki (2002, p.165) considere essa solução semelhante à adotada por Walter Gropius na residência estudantil da Bauhaus, em Dessau, é importante salientar que esse edifício não apresenta os balcões com dupla altura, ao contrário do que ocorre no Realengo e no Tapir, que apresentam a dupla altura nos balcões pela primeira vez nos casos apresentados pela bibliografia referente aos edifícios modernos brasileiros.



Fig. a



Fig. b

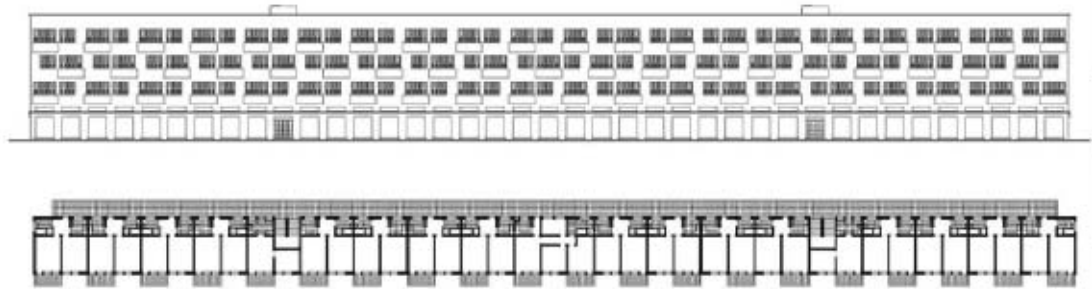


Fig. c

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 61,65 m²
- Ap.2 A= 82,45 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 12 | Balcão |

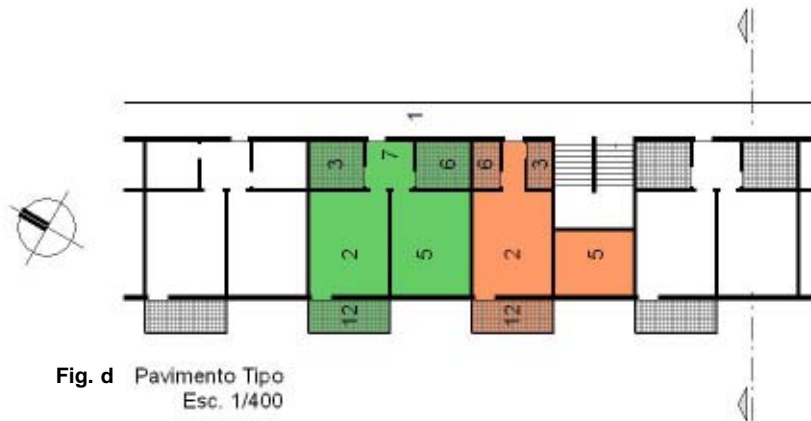


Fig. d Pavimento Tipo
Esc. 1/400



Fig. e



Fig. f

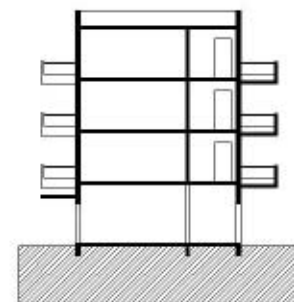


Fig. g Corte Transversal
Esc. 1/400

Projeto Arq.:	1939 1942
Área (m ²):	61,65 82,45
Número Dorm.:	1 dorm.
Classe Social:	baixa
Tipologia:	simplex
Área Serviço:	não
Conj. Habit.:	linear de circ.
Nº. de Unidades:	117
Nº. de Pav. (corpo):	3
Conj. Cielo:	II / VI+Ø
Função:	conj. hab. altern.
Função Constr.:	super estrut.
Forma Constr.:	plati-banda
Função Base:	comercial
Forma Base:	fechada
Estrutura:	interna interna
Implantação:	super quadra

Edifício Anchieta, 1941/ND Marcelo e Milton Roberto

**Av. Paulista esq. av. Angélica e
r. Consolação
Consolação
São Paulo, SP**

O edifício Anchieta está implantado em uma cabeça de quarteirão entre as avenidas Angélica, Consolação e Paulista, sendo o único exemplar de arquitetura residencial multifamiliar dos irmãos Roberto na cidade de São Paulo.

O prédio pode ser caracterizado como dois prismas justapostos de maneira que o mais curto trespassa o outro. A pequena defasagem originada por essa definição configura uma barra alta na menor extensão do terreno e uma média, na outra. Independentemente de seus tamanhos, ambas são simples lineares e retas.

O edifício apresenta dois tipos de unidades dispostas em dez pavimentos. As unidades dúplex são desenvolvidas no bloco curto, ao longo da avenida Angélica, com três apartamentos a cada dois pavimentos, e as símples na Paulista, organizadas com seis unidades do tipo A (fig. b) na porção maior da edificação, todas de três dormitórios. A circulação no pavimento é feita de maneira mononuclear nos apartamentos dúplex, e na parte que compreende os apartamentos símples ocorrem três núcleos de circulação social e um grande balcão posterior que funciona como circulação de serviço. A estrutura é contígua à vedação, nos apartamentos, e aparente, no pavimento térreo. A parte fechada nesse nível é descontraída dos pilares, conferindo maior destaque a esses elementos. A cobertura desse edifício tem função de estar com salão de festas, e a base apresenta função comercial e colunata de ordem colossal. Segundo Xavier (1983, p.8), esse edifício apresentava afastamentos consideráveis com jardins que favoreciam em muito sua implantação, mas essa importante característica foi eliminada com o alargamento posterior da avenida Paulista e da Consolação ao avançarem os passeios até os limites da projeção do prédio.

O tratamento do corpo é marcado pelo caráter monolítico dos blocos trespassados. A estrutura linear pode ser percebida em ambos os blocos, sendo que na parte de unidades símples fica evidente o tratamento bidirecional, configurando uma grelha

"Incorpora assim o edifício Anchieta princípios já presentes na ABI, Resseguros e Santos Dumont, tais como: dinâmica das fachadas - pela mudança de planos e, pelo uso diversificado de esquadrias, valorização de sombra e marcação da estrutura."

(Xavier, 1983, p.08)

em que os elementos fechados e vazados se alternam, assim como o tratamento dos balcões, definindo, mais uma vez, o tratamento cruzado, como nos dois casos anteriores, de 1939. Na porção que contém as unidades dúplex, o tratamento bidirecional evidencia a dupla altura das unidades, principalmente na diferenciação das linhas do volume, que é contínuo em uma das partes e subdividido na outra. O movimento de quebra da elevação, característico desses arquitetos, já aparece ao longo da avenida Consolação, mas os *brises*, também característicos, não figuram nessas fachadas. Na parte que corresponde à fachada lateral da barra alta, justaposta à outra, uma série de elementos reentrantes pontuais se repetem, destacando ainda mais a diferenciação dos dois blocos em uma fachada planar composta.

No lado oposto, as fachadas posteriores não apresentam qualquer relação com as frontais, sendo completamente distintas e caracterizadas por elementos protuberantes lineares que, quando dispostos no sentido horizontal, criam uma fachada planar virtual, enquanto as torres dispostas verticalmente são caracterizadas como elementos apostos à composição. É importante frisar a diferença dessa série de elementos com o que corresponderia a uma grelha bidirecional, uma vez que essas duas séries são conformações independentes com diferentes espessuras e diferentes relevos, sendo as verticais correspondentes a caixas de escadas, e as horizontais, de circulação do pavimento. A linha de elementos perfurados no prisma revela, na fachada posterior da barra maior, uma espécie de grega que configura o coroamento do corpo da edificação, nesse plano.



Fig. a



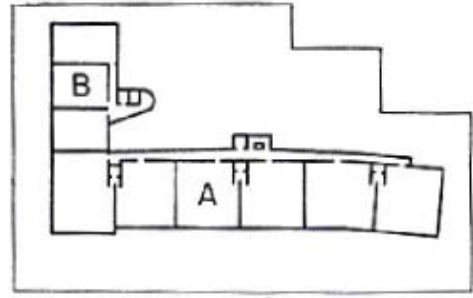
Fig. d



Fig. e

Implantação
Esc. 1/1250

Fig. b



Projeto T. Esc.
1941
ND

Área (m²)
95,90
108,10

Número de cam.
variável

Classe Social
média

Tipologia
simplex
e duplex

Área Serviço
sim
c/ dep.

Contig. Planda
linear
circ e uso

No. de Unidades
60

No. de Pav. (corpo)
10

Contig. Corpo
VII+III /
+IV+Ø

Paralelo
paulista

Função Concom.
estar

Forma Concom.
volume
recuado

Função Base
comércio

Forma Base
semi-
fechada

Estrutura
aparente
interna

Implantação
cabeça

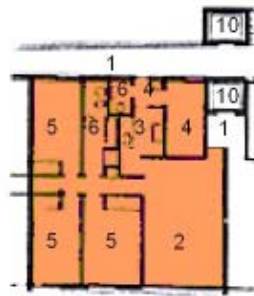


Fig. f Apartamento A
Esc. 1/400



Fig. g Apartamento B
Esc. 1/400

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 95,90 m²
- Ap.2 A= 108,10 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 10 | Elevador |



Conj. res. Baixada do Carmo, 1941/44
Attílio Corrêa Lima

São Paulo, SP

As figuras do conjunto localizado em uma zona suburbana revelam a existência de implantação setorizada, com blocos maiores de habitações multifamiliares ao centro, de onze pavimentos, e outros, de quatro pavimentos, nas extremidades. Apenas os blocos baixos foram edificadas.

O conjunto é composto pelas configurações de barras baixas e barras médias, ambas retas e simples. A diferenciação se dá pelo fato de que a primeira sugere uma configuração linear de uso e a segunda, de circulação. Como já se disse, as barras altas não chegaram a ser edificadas, mas é nítida a maior qualidade arquitetônica no tratamento de seus planos envolventes. Sua construção foi obstaculizada em função de seus custos mais altos, mesmo que fossem indiscutivelmente de superior qualidade arquitetônica que os blocos baixos, edificadas.

Os blocos projetados para o conjunto são dispostos paralelamente uns aos outros, conferindo ortogonalidade ao conjunto. As barras analisadas apresentam – aparentemente – quatro pavimentos-tipo que se desenvolvem desde o térreo. Não foram encontradas maiores informações sobre os apartamentos. Os blocos apresentam platibanda e apenas superestrutura na cobertura. A circulação parece polinuclear, e os apartamentos, simplex. O conjunto é composto por 480 unidades, ao invés das 4.038 unidades propostas.

Na fachada de acesso caracterizada como planar real, o prisma sofre recortes de alto a baixo, onde ocorrem as entradas e circulação vertical dos blocos; esses intervalos, defasados em relação ao conjunto, interrompem os elementos pontuais emoldurados em linha que se repetem por toda a sua extensão, de cima a baixo, de ponta a ponta, sem jogo de sombra, sem saliências ou reentrâncias, onde não ocorrem os acessos.

No que se refere ao desenho: o bloco alto, que não chegou a ser viabilizado, possuía característica superior, com uma fachada planar composta por elementos reentrantes que

"Trata-se de um projeto marcado pela austeridade na ornamentação, pureza de formas, racionalidade da implantação e, por outro lado, riqueza nos espaços públicos. Lamentavelmente, apenas os blocos de quatro pavimentos foram edificadas."

(Bonduki, 1998, p.184)

formavam uma grelha aposta ao edifício. As grelhas ainda separavam as unidades, como se observa nos desenhos originais de Attílio Corrêa Lima. A alternância de tratamento, característica dessa época, aparece nos guarda-corpos das unidades, fechados e vazados. Embora nos balcões do volume original, a grelha fosse levemente protuberante, como se percebe na linha dupla da perspectiva inferior. A circulação vertical dos blocos altos seria feita na parte central das extremidades, gerando um corredor em toda a extensão do pavimento-tipo, com unidades dispostas nas duas faces dele, o que parece ser semelhante, em termos de configuração de pavimento, ao recurso adotado por Álvaro Vital Brazil no edifício Esther.



Fig. a



Fig. b

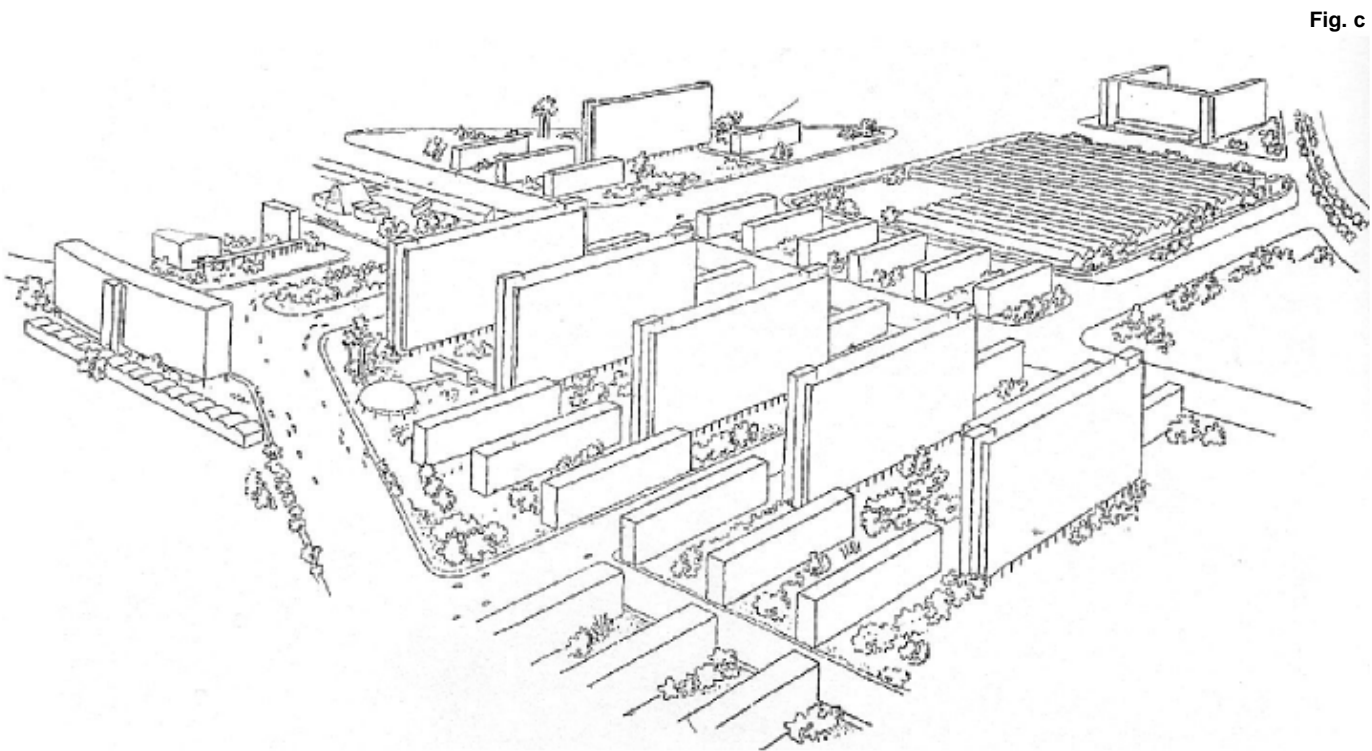


Fig. c

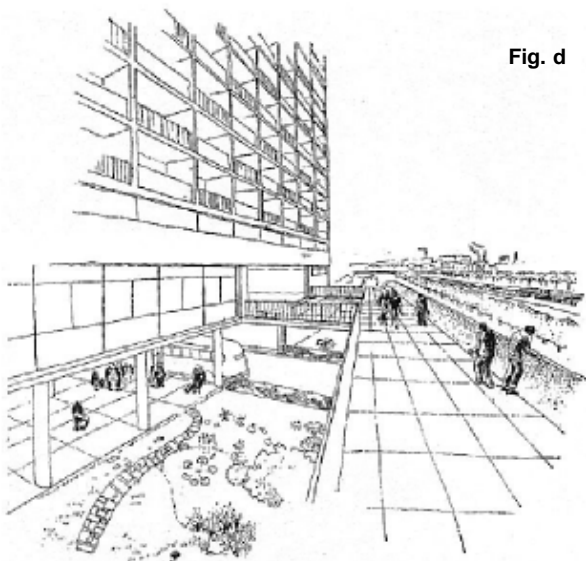


Fig. d

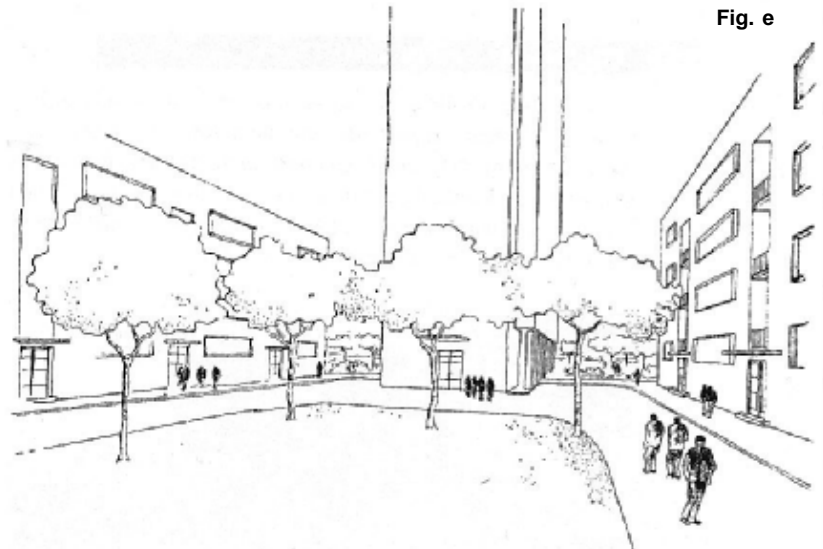


Fig. e

Conj. res. Baixada do Carmo

Projeto / Exec.
1941
1944

Área (m²)
ND
ND

Número Doms.
ND

Classe Social
baixa

Tipologia
simplex

Área Serviço
ND

Config. Planta
linear
de uso

Nº de Unidades
4038

Nº de Pav. (corp.)
4

Config. Corpo
I / I+Ø
// VIII

Taxia
conj. hab

Função Coroa.
super
estrut.

Forma Coroa.
sem
coroa.

Função Base
resid.

Forma Base
fechada

Estrutura
interna
interna

Implantação
super
quadra

Parque Eduardo Guinle, 1943/54
Lucio Costa

Laranjeiras

Rio de Janeiro, RJ

Projeto urbanístico para um setor urbano no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. O projeto de Lúcio Costa foi construído em fases e previa a construção de seis edifícios semelhantes. Apenas os edifícios Nova Cintra, Bristol e Caledônia foram edificadas.

De acordo com o projeto, os blocos do Parque Guinle são similares em dimensões, configurando barras lineares retas médias, de configuração simples de uso. A diferença entre os prédios se dá, principalmente, no tratamento do térreo e dos planos envolventes.

Enquanto o edifício Nova Cintra realiza uma transição em relação à cidade, os outros prédios estão dispostos no terreno respeitando uma implantação em forma de anfiteatro. O pavimento térreo é diferenciado nos três edifícios. Ao passo que o Nova Cintra, da rua Gago Coutinho, é totalmente fechado por lojas, o prédio Bristol apresenta pilotis semi-enterrados, e o Caledônia é totalmente vazado, com a garagem enterrada, para fazer o alinhamento com a rua. Os pavimentos-tipo possuem similaridades, contendo apartamentos simplex nas extremidades e duplex no interior, mas não são idênticos. Os três edifícios apresentam cobertura com elementos escultóricos e função residencial.

O bloco Nova Cintra apresenta uma fachada planar formada por elementos lineares horizontais e verticais que juntos configuram um pano de vidro. A fachada posterior apresenta dois elementos lineares verticais protuberantes referentes à circulação vertical, e nas extremidades dessa mesma fachada aparecem elementos lineares dispostos nas duas direções formando grelhas onde são inseridas diferentes texturas, como uma colcha de retalhos ou um *kilin* caucasiano. Já nos blocos Bristol e Caledônia, a grelha absorve toda a fachada principal, gerando em seus interstícios elementos semi vazados, pequenos buracos pontuais, colocados geometricamente no centro ou em um dos vértices desta

"It will consist of six apartment buildings (three of which are completed at the present time) and a number of lots for individual houses. The entire project is to be built according to an all over plan in which no expense is being spared." (Mindlin, 1956, p.90)

superfície, ou elementos semi-opacos. Esses elementos são dispostos de acordo com regras criadas pelo arquiteto relativas a cada um dos blocos. A fachada posterior desses blocos se apresenta mais monolítica, sendo possível definir três partes, onde se revelam pedaços compostos por grelhas, outros, por pares de pontos, e outros, por linhas.

A diferenciação de texturas é referencial nos edifícios do Parque Guinle. As protuberâncias ocorrem nas circulações verticais dos blocos, e as reentrâncias só existem em planta, mas ficam ocultas pela maneira com que a grelha e seus preenchimentos se caracterizam.

Na versão final, os volumes curvos dão lugar a uma laje de cobertura balanceada e um pergolado.

"This range of apartment blocks rising along the northern edge of the Parque Guinle is one of the most characteristic and successful examples of Cariocan architecture. By using different types of sun control, Costa has expressed with unusual clarity on the exterior the individuality of dwelling units within. First begun almost a decade ago, the design of these blocks has had a wide influence in Brazil and in other countries." (Hitchcock, 1955, p.154)

Fig. a
Perspectiva
Sem Escala

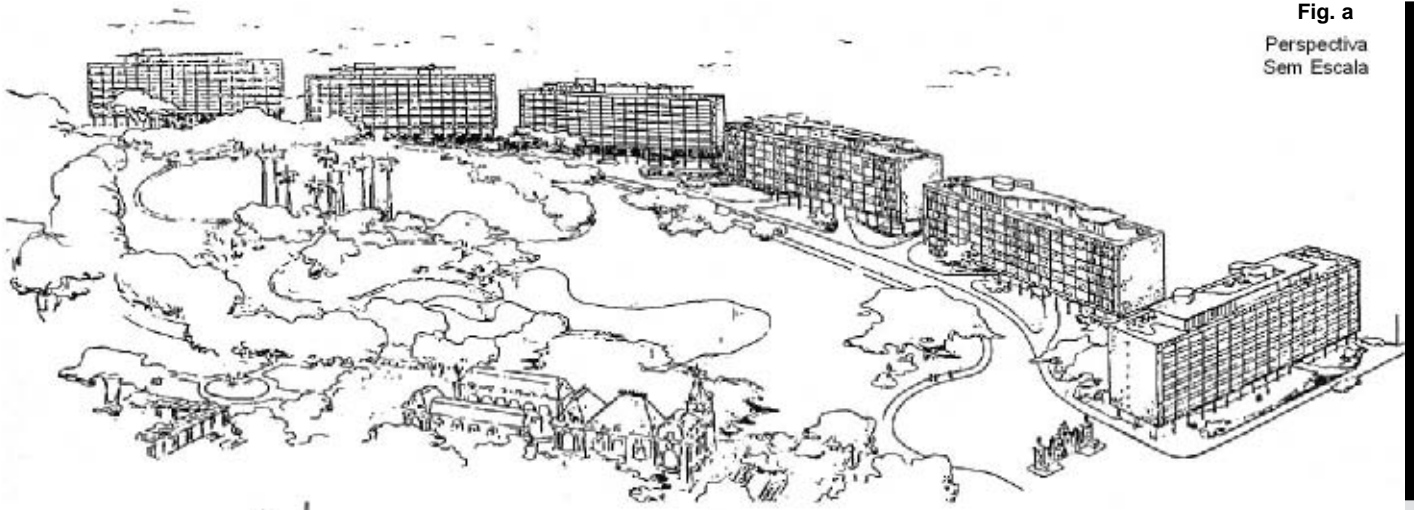


Fig. b
Implantação
Sem Escala

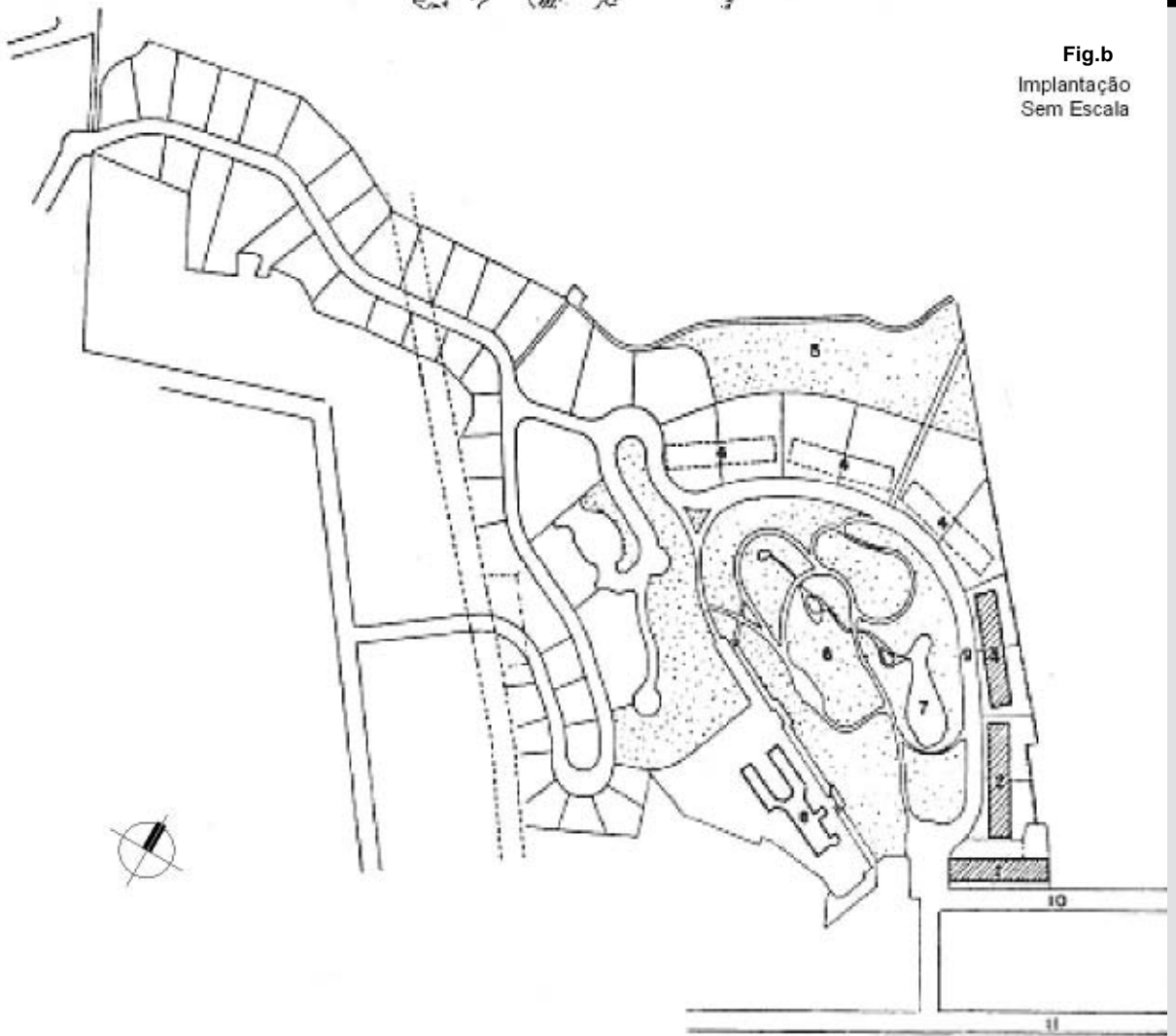


Fig. c



Fig. d



Fig. e

Edifício Nova Cintra, 1943/48
Lucio Costa

Rua Gago Coutinho, 66-68
Laranjeiras

Rio de Janeiro, RJ

O edifício Nova Cintra apresenta uma situação distinta dos outros dois, tanto no que diz respeito à implantação no tecido urbano como na habitabilidade.

A escadaria com marquise dá acesso à colunata aparente nos pilotis com função comercial dessa edificação.

Por se tratar de uma fachada orientada na posição norte-sul, ao contrário dos outros dois blocos edificadas, a fachada para a rua Gago Coutinho é envidraçada, inclusive na parte do peitoril, em vidro pintado de azul, compondo uma fachada planar real translúcida.



Fig. a



Fig. b



Fig. c



Fig. d

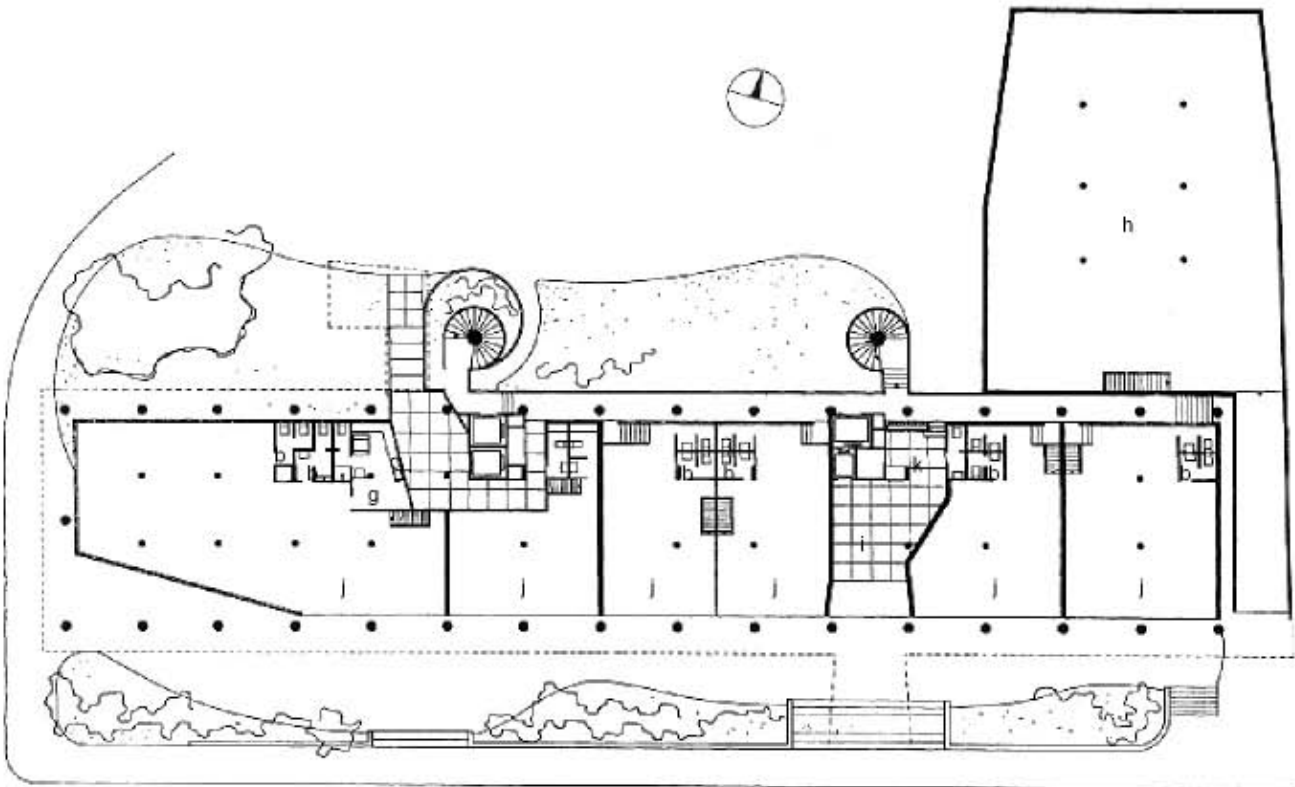


Fig. e

Pavimento Tipo
Esc. 1/400



Fig. f

1º, 3º e 5º Pavimentos
Esc. 1/400



Fig. g

2º, 4º e 6º Pavimentos
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1943 1948
Área (m ²)	253,35 331,50
Número Dors.	2, 3 e 4 dorm.
Classe Social	alta
Tipo de	simplex e duplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	linear de uso
Nº de Unidades	20
Nº de Pav. (comp)	6
Config. Corpo	VII+Ø / X
Forma	Lúcio / el. vaz.
Função Constr.	resid.
Forma Constr.	volume recuado
Função Base	comércio
Forma Base	fechada
Estrutura	aparente aparente
Implantação	super quadra

Edifício Bristol, 1943/50
Lucio Costa

Rua Paulo César de Andrade, 70
Laranjeiras

Rio de Janeiro, RJ

Em função da orientação solar desfavorável na zona social, o edifício repete o recurso utilizado na fachada norte do edifício Nova Cintra, com duas varandas, sendo uma social e uma íntima, que caracterizam fachada planar composta. Apresenta planta baixa livre, com descompasso entre colunas e parede.

O edifício Bristol, assim como o Caledônia, apresenta grelha de montantes de concreto não-estrutural, junto ao fechamento, alternando diferentes texturas aos elementos de vedação, gerando uma colcha de retalhos. Esse tratamento em nada se assemelha ao dos edifícios corbusianos.





Fig. d



Fig. e

Projeto / Esc.

1943
1950

Área (m²)

253,35
331,50

Número Dorm.

2, 3 e
4 dorm.

Classe Social

alta

Tipologia

simplex
e duplex

Área Serviço

sim
c/ dep.

Config. Planta

linear
de uso

No. de Unidades

20

No. de Pav. (corpo)

6

Config. Copo

VII /
I+III+Ø

Família

Lúcio /
el. vaz.

Função Cocon.

resid.

Forma Cocon.

volume
recuado

Função Base

estar

Forma Base

semi-
vazada

Estibura

aparente
aparente

Implantação

super
quadra



Fig. f

1º, 3º e 5º Pavimentos
Esc. 1/400



Fig. g

2º, 4º e 6º Pavimentos
Esc. 1/400

Edifício Caledônia, 1943/54
Lucio Costa

Rua Paulo César de Andrade, 106
Laranjeiras

Rio de Janeiro, RJ

Os prédios não são iguais e é possível estabelecer essas diferenças inclusive ao observarmos as elevações, apesar de todos apresentarem ao menos uma fachada planar composta, virada para o interior do parque. A base no edifício Caledônia é vazada, sem outra função além da de estar e acesso às unidades.

Topografia e vegetação são habilmente exploradas para recriar a situação de rua tradicional, com a gradação entre a calçada pública, pilotis semi-privados e os apartamentos privados. A vegetação garante a sensação de proteção nos pilotis abertos, onde o tratamento de piso é o mesmo desde a calçada.

A idéia da transformação do tradicional em moderno é tida através do rendilhado das fachadas. Embora advenha da renda, tão tradicional, há alteração de escala, de material e de maneira de confecção, que agora é feita em escala industrial.





Fig. d



Fig. e

Projeto / Escala	1943 1954
Área (m ²)	253,35 331,50
Número Dom.	2, 3 e 4 dom.
Classe Social	alta
Tipologia	simplex e duplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	linear de uso
Nº. de Unidades	20
Nº. de Pav. (corpo)	6
Config. Corpo	VII / I+III+Ø
Família	Lúcio / ef. vaz.
Função Corres.	resid.
Forma Corres.	volume recuado
Função Des.	estar
Forma Base	vazada
Estrutura	aparente aparente
Insolação	super quadr



Fig. f

1º, 3º e 5º Pavimentos
Esc. 1/400



Fig. g

2º, 4º e 6º Pavimentos
Esc. 1/400

Ed. residencial Prudência, 1944/50
Rino Levi e R. Cerqueira

Av. Higienópolis, 265

Higienópolis
São Paulo, SP

O edifício é construído em terreno amplo, de aproximadamente 50m x 80m, afastado de todas as divisas do lote.

O prisma puro é classificado como uma barra linear de uso. De acordo com sua configuração, ela é indentada.

O pavimento térreo está mais alto em relação ao nível da rua e é acessado através de rampas. Essa elevação gera extrema leveza à base da edificação, o *playground* e o jardim também se encontram nesse nível. Garagem, depósitos e apoios se localizam logo abaixo dos pilotis. O edifício de nove pavimentos-tipo, além da cobertura, possui amplos e luxuosos apartamentos de aproximadamente 350m² dispostos simetricamente em cada pavimento, tendo dois voltados para cada núcleo de circulação. Os apartamentos totalmente voltados para a avenida Higienópolis apresentam amplos balcões subtraídos do volume principal e são separados por uma parede no centro dessa fachada. O último pavimento apresenta apenas dois apartamentos de cobertura, afastados do alinhamento frontal do edifício – pela subtração dos apartamentos que se desenvolvem de frente para a av. Higienópolis. No fundo do prédio originalmente existia um jardim de Roberto Burle Marx com massas de vegetação de diferentes cores e texturas.

A estrutura é independente e fica "semi-aparente" nos apartamentos, gerando amplos espaços que podem ser subdivididos em quartos e salas pelo proprietário, de acordo com suas necessidades. Na cobertura, uma espécie de fechamento é realizado, recuado do alinhamento da edificação, para dar forma ao final do edifício, emoldurando a paisagem.

A fachada principal é composta por uma sucessão de bandas horizontais, formando uma fachada planar virtual. O interstício entre essas bandas é preenchido por amplas áreas envidraçadas e balcões frontais que marcam a elevação principal, enfatizando os nove pavimentos-tipo. Essa fachada consiste basicamente de elementos lineares horizontais com

"The complete flexibility of the arrangement of living rooms and bedrooms, the result of the type of structure adopted is demonstrated by the layout plans A, B, C and D, which show the variations possible."

(Mindlin, 1956, p.96)

relevo mínimo que emolduram as reentrâncias na parte central do volume básico, em todos os pavimentos. Esses elementos horizontais são interceptados apenas por três elementos verticais: um no centro e outros dois perto das extremidades, separando as unidades habitacionais.

As fachadas laterais apresentam dois elementos pontuais sem relevo e uma reentrância linear a cada pavimento, formando uma porção cega, outra com elementos pontuais formando grelha de 2 x 9 e, finalmente, a parte caracterizada pela série de reentrâncias em médio relevo.

A fachada posterior, considerada aqui a parte interna do bloco, é composta por uma grelha justaposta à fachada que cria elementos de sombra, formando alvéolos e a outra forma de fachada planar virtual.

"As to the façade broken by balcony recesses and see-through main floor, 'it has always been my opinion that in architecture one should try to avoid the rigidity that usually derives from huge unbroken wall masses.'" ***(Progressive Architecture, Ago 1952)***

"Cet immeuble d'appartements, actuellement en constrution, est situé dans un des plus beaux quartiers résidentiels de São Paulo et fût étudié avec le but d'offrir à ses occupants des conditions de confort exceptionnelles, aussi bien en ce qui concerne le volume et la disposition intérieure des appartements que dans le domaine des installations annexes telles que garages spacieux, jardin à usage collectif occupant toute la surface du terrain, terrain de sport, installations les plus perfectionnées de conditionnement d'air pour l'hiver et l'été, etc." ***(L'architecture D'aujourd'hui n.16)***

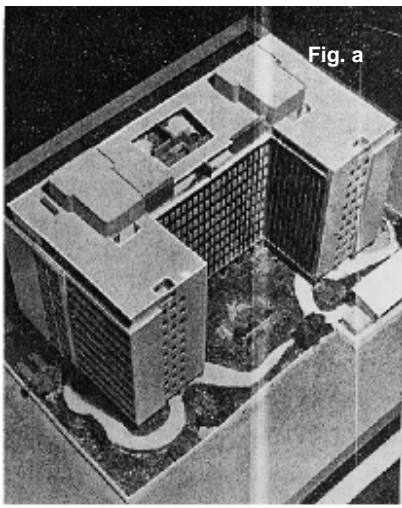


Fig. a

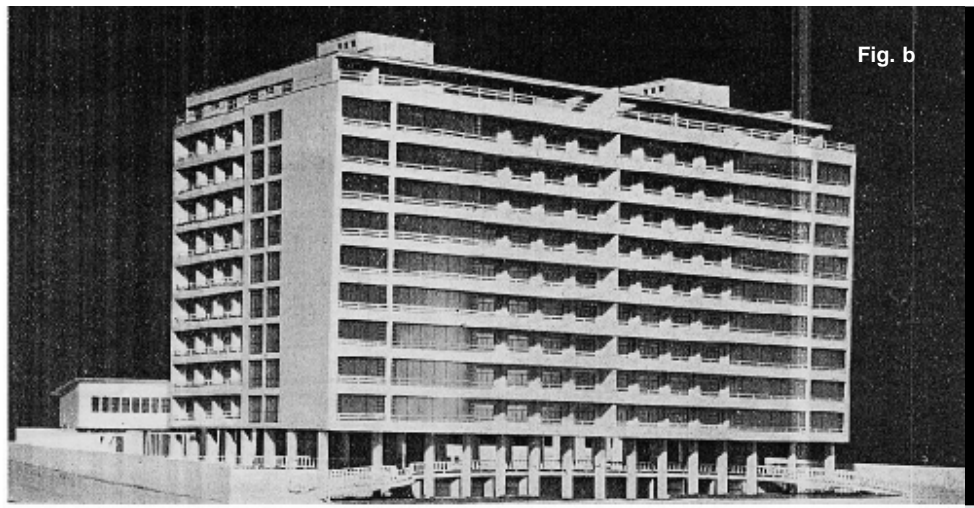


Fig. b



Fig. c



Fig. d

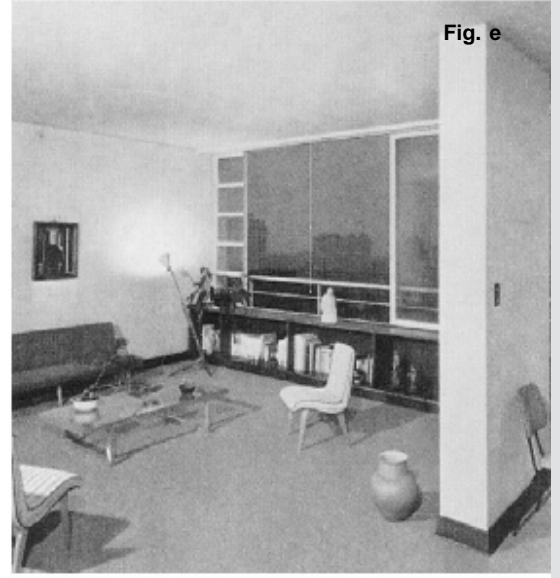


Fig. e



Fig. f

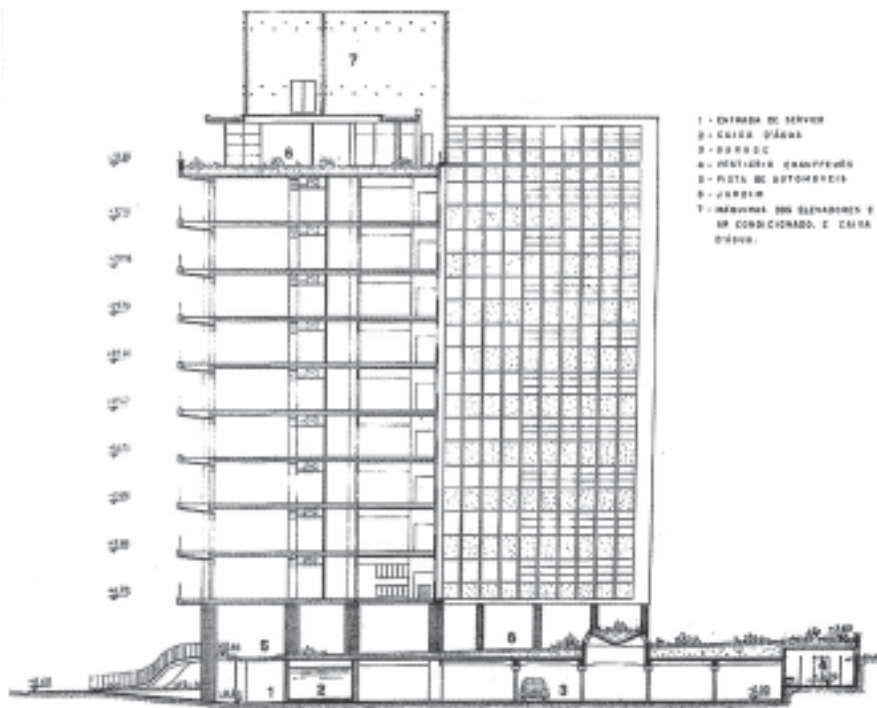


Fig. 9

Corte Transversal
Esc. 1/400

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 336,75 m²
- Ap.2 A= 341,20 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 10 | Elevador |
| 12 | Balcão |

- | | |
|---|----------------|
| h | Estacionamento |
| i | Saguão |
| k | Portaria |

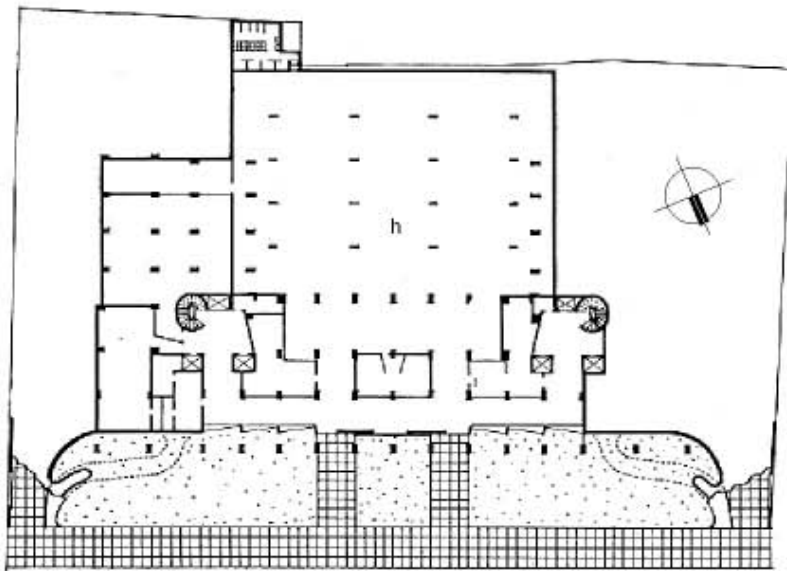


Fig. h

Subsolo
Esc. 1/750

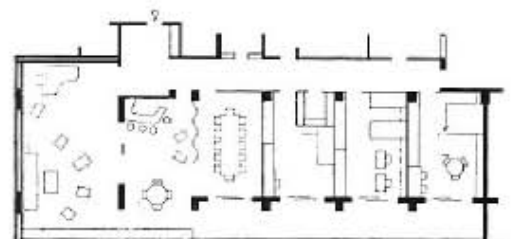
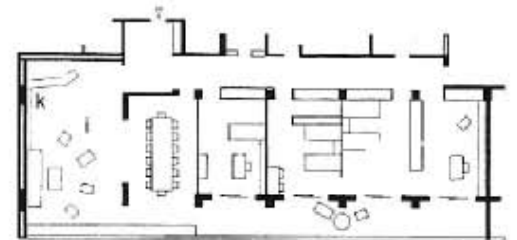
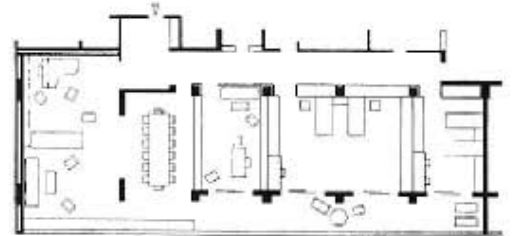


Fig. j Esquemas de Distribuição Espacial
Sem Escala

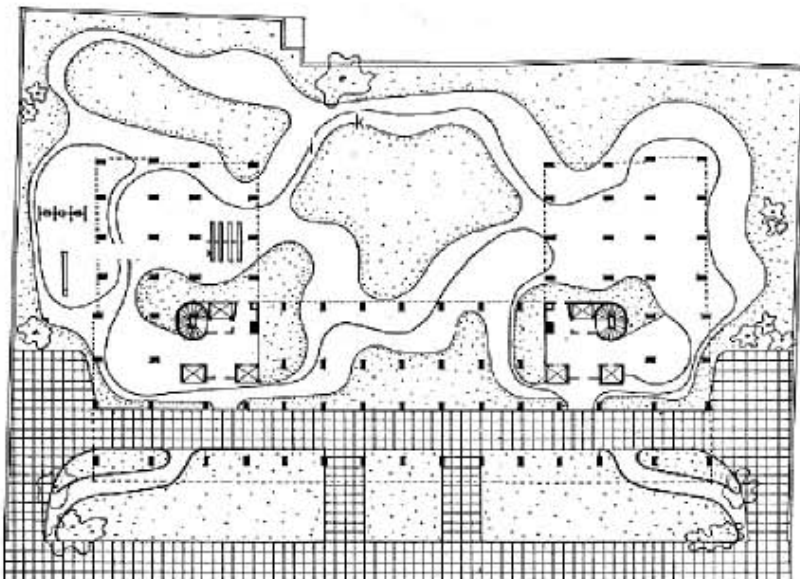


Fig. i

Térreo
Esc. 1/750



Fig. k

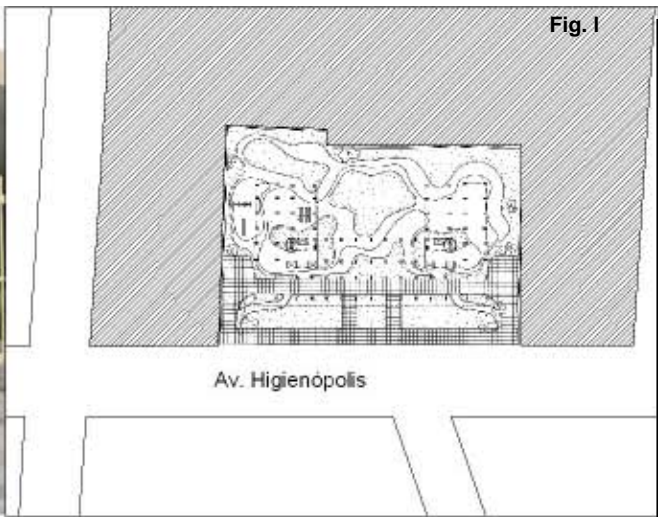


Fig. l

Av. Higienópolis

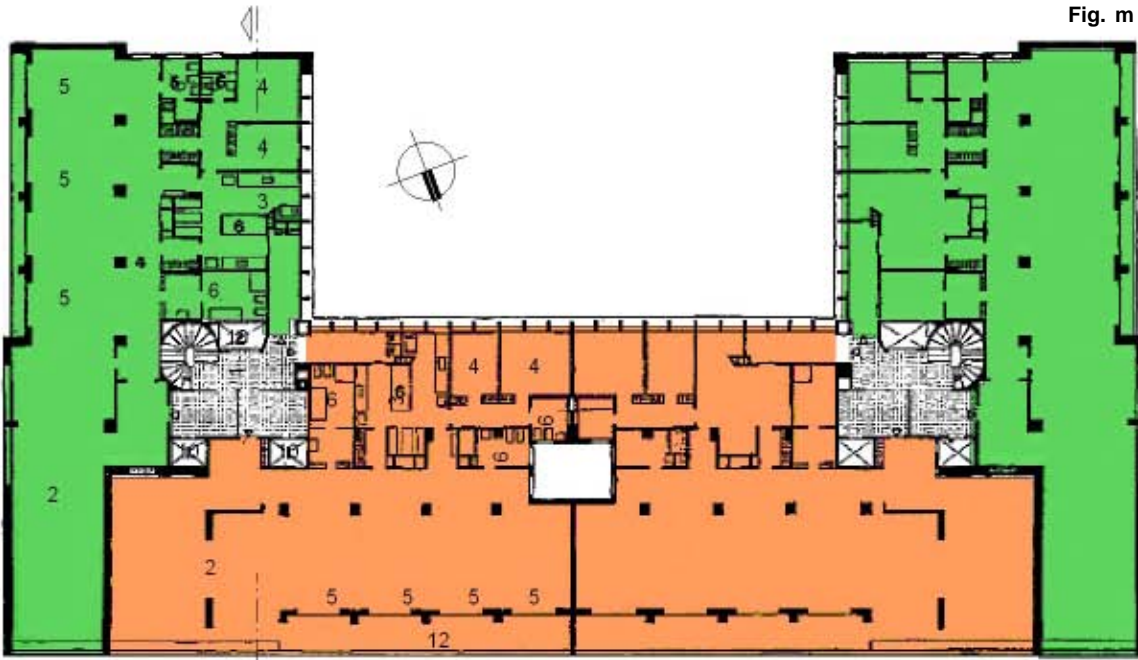


Fig. m

Pavimento Tipo
Esc. 1/400

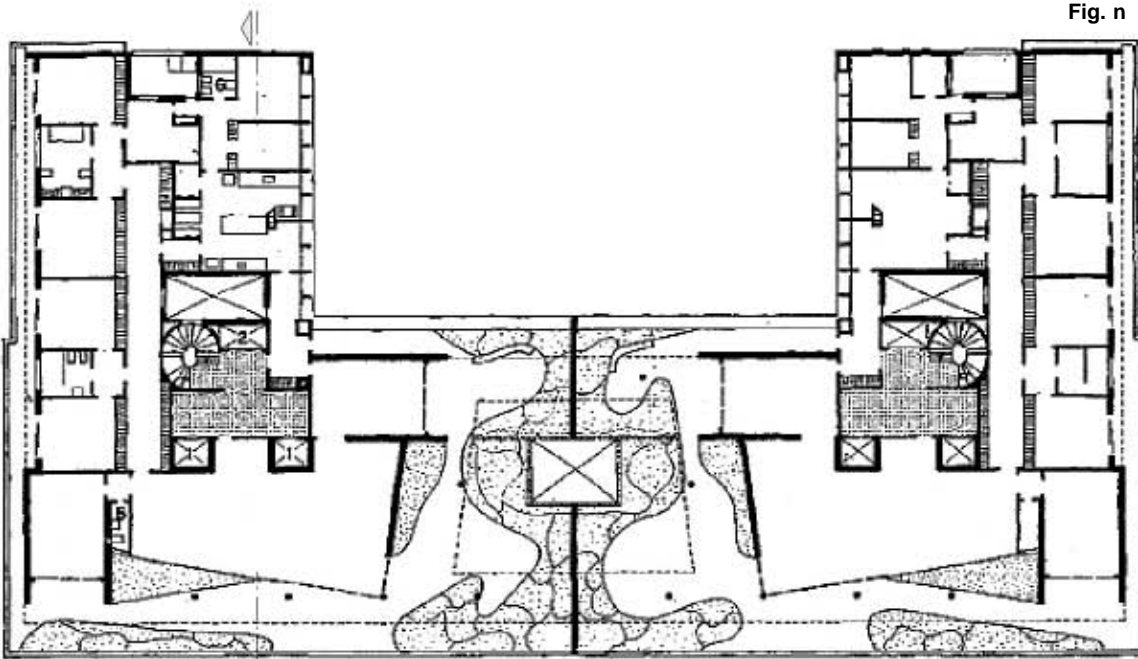


Fig. n

Cobertura
Esc. 1/400

1944
1950

Área (m²)
336,75
341,20

Número Dom.
variável

Classe Social
alta

Tipologia
simplex

Área Serviço
sim
c/ dep.

Config. Planta
linear de uso

N.º de Unidades
38

N.º de Pav. (c/dep)
9

Config. Corpo
V/
IV+I

Família
paulista

Função Constr.
resid.

Forma Constr.
volume
recuado

Função Base
estar

Forma Base
semi
vazada

Estilismo
aparente
aparente

Implantação
meio

Edifício MMM Roberto, 1945/ND Marcelo e Milton Roberto

Rua N. Sra. de Copacabana, 1267

Rio de Janeiro, RJ

O prédio situa-se em terreno estreito e pouco profundo em uma das principais avenidas comerciais de Copacabana. Com apenas uma testada para a rua, possui um apartamento em cada um dos seus seis pavimentos-tipo, e o apartamento do sétimo pavimento tem acesso à cobertura, que contém a suíte e um terraço-jardim.

O prisma é configurado como uma torre que pode ser caracterizada como fragmento extensível, de acordo com a sua relação com o sítio em que está inserido.

O térreo, de base fechada, possui o saguão de acesso social numa extremidade, e acesso independente de serviço logo ao lado. A maior parte desse pavimento é destinada ao comércio, que se desenvolve até o outro extremo. Embora os pilares estejam recuados em relação à fachada – e principalmente em relação à grelha que se projeta à frente da edificação –, os arquitetos fazem menção da estrutura independente que deixa recuado o pavimento térreo e inicia o fechamento da edificação apenas após a primeira linha de pilares. Os apartamentos-tipo apresentam dois dormitórios, com dependência completa de empregada e entradas de serviço e social independentes. A ventilação e iluminação das peças tem sua maior parte direta, e os únicos aposentos que não estão contemplados são a cozinha (ligada à área de serviço) e o banho, que possui poço de iluminação e ventilação.

O apartamento está protegido por uma grelha de controle solar (preocupação constante na obra dos irmãos Roberto) que é parte principal – e integrante – do tratamento de fachada dispensado à edificação. Com seus sete pavimentos, define uma volumetria compacta, fortalecida pelo fato de estar edificado junto às divisas. A proteção de fachada, recuada das empenas da edificação, cria um volume que se pronuncia no alinhamento do quarteirão, conferindo maior destaque ao edifício.

A fachada principal é aumentada por elementos protuberantes em praticamente toda a sua extensão,

"Embora o quebra-sol já fosse uma das marcas da arquitetura dos irmãos Roberto, este edifício assinala o início de uma exploração diferente do elemento. Experiências com sistemas de lâminas verticais, horizontais, móveis, fixas e combinações dentre estas passarão a ser uma característica da produção do escritório, gerando diferentes tipos de quebra-sol que terão importante função na configuração formal dos edifícios."

(Calovi, 1993, p. 82)

configurando uma fachada planar virtual. Esses elementos são dispostos linearmente, nos dois sentidos, embora a modulação seja diferente, e conformam uma grelha bidirecional. No sentido horizontal, as linhas estão a uma mesma distância, com exceção do sexto pavimento, onde quatro módulos são substituídos por sete originais. No sentido vertical, o ritmo da grelha é alterado nos módulos especiais do sexto pavimento. A essa grelha são adicionados elementos móveis (*brises*) que criam uma alternância na malha regular dessa fachada. No lado esquerdo do elemento protuberante, acontecem reentrâncias que são preenchidas por *brises* verticais, mas são praticamente imperceptíveis em função da projeção do elemento adjacente. A partir desse edifício é iniciada, segundo Calovi (1993, p. 141), uma abordagem francamente expressiva dos *brises*, neste caso, combinando a grelha regular de concreto armado com móveis e dinâmicas persianas de madeira.

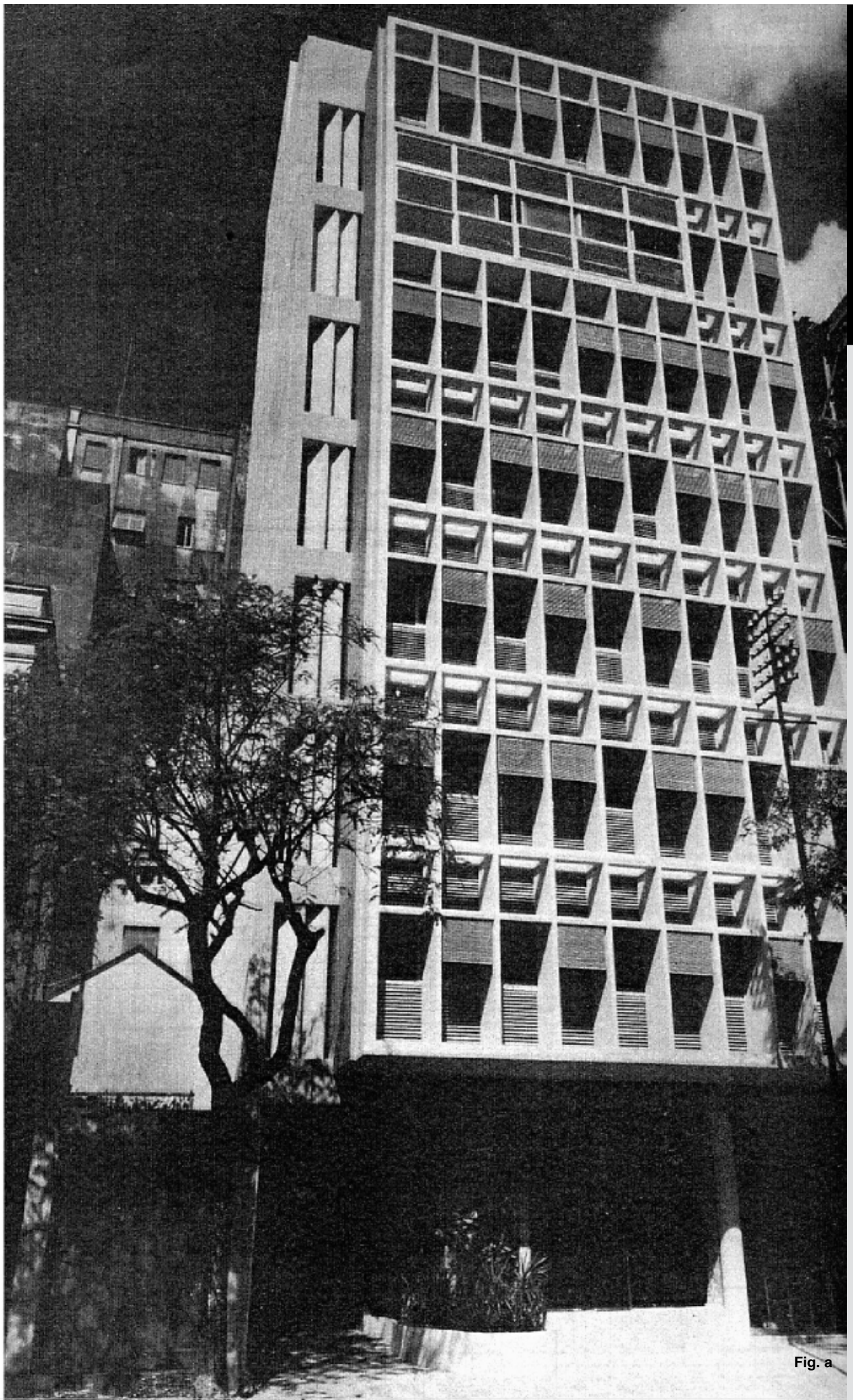


Fig. a

Fig. b

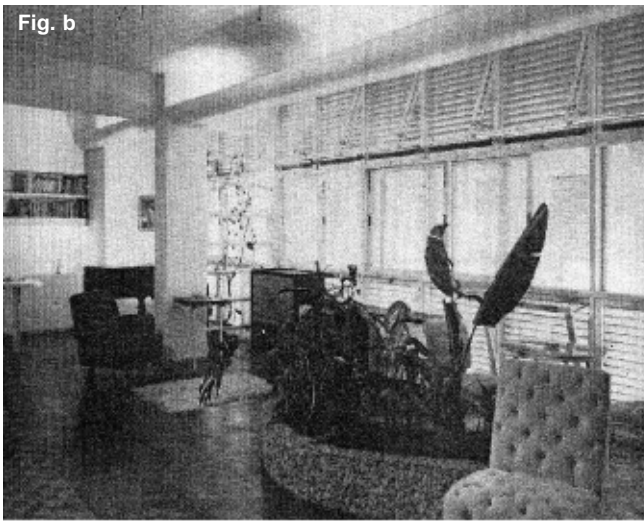


Fig. c

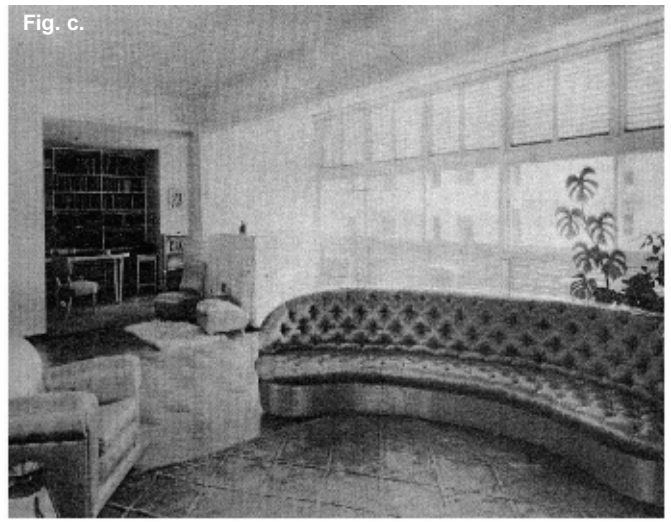


Fig. d

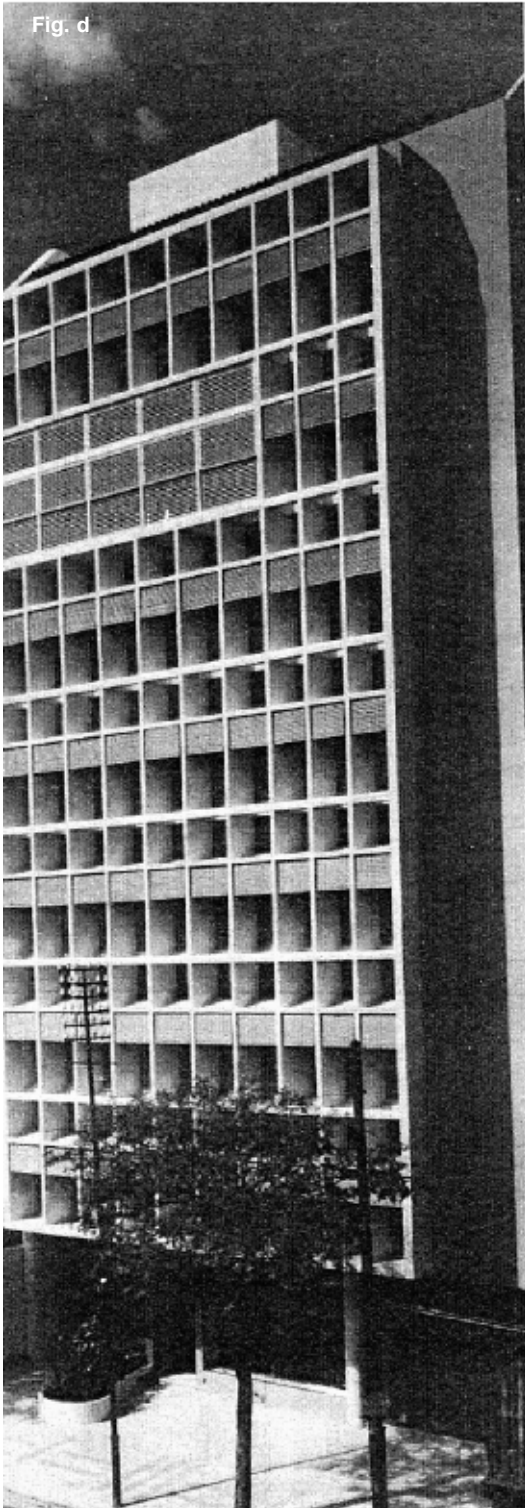
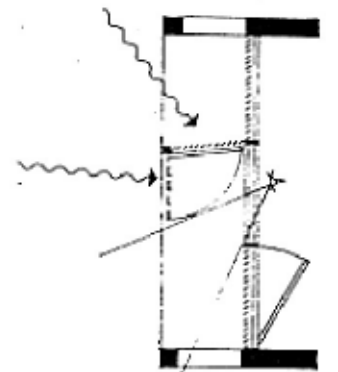
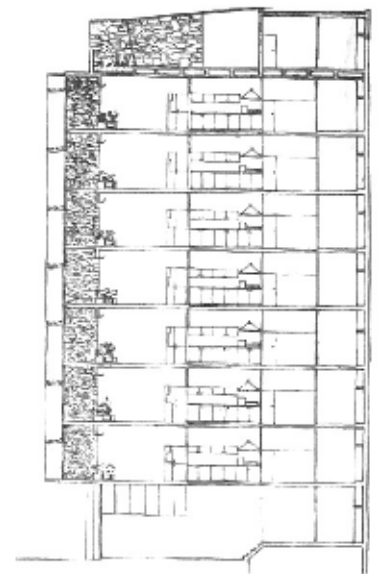


Fig. e



Corte esquemático
Sem Escala

Fig. f



Corte Longitudinal
Esc. 1/400

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 137,70 m²
- Ap.2 A= 148,90 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 8 | Despensa |
| 10 | Elevador |

- | | |
|---|-------------|
| b | Sanitário |
| i | Saguão |
| j | Loja |
| o | Ap. Zelador |



Fig. h
Térreo
Esc. 1/400



Fig. i
Pavimento Tipo
Esc. 1/400

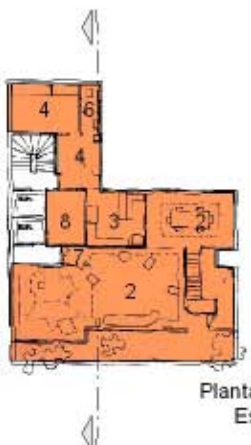


Fig. j
Planta 8º Pav.
Esc. 1/400

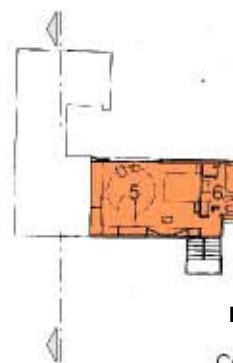
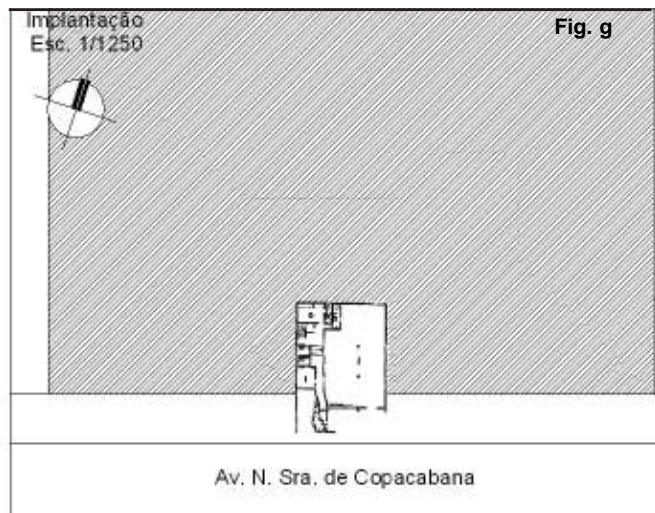


Fig. k
Cobertura
Esc. 1/400



Projeto / Esc.	1945 ND
Área (m ²)	137,70 148,90
Março Dom.	1 e 2 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	mono nuclear
Nº. de Unidades	7
Nº. de Pav. (contos)	7
Config. Corpo	VIII+I
Forma	MMM / brises
Função Constr.	resid.
Forma Constr.	volume recuado
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Edifício	aparente aparente
Implantação	meio

Seis dos dez projetos analisados aqui estão implantados no Rio de Janeiro. Além disso, dentre os edifícios paulistas, figuram o Anchieta, dos irmãos Roberto, o Esther, de Vital Brazil, e o conjunto Baixada do Carmo, de Attílio Corrêa Lima, todos formados pela Escola Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro. O edifício Prudência, de Rino Levi e Roberto Cerqueira, apresenta os pilotis vazados, o corpo descolado das divisas e outras características nitidamente cariocas, sendo o único edifício do período projetado por arquiteto radicado em São Paulo e formado fora do Rio, na Itália.

Arquitetos como os irmãos Roberto, e Attílio Corrêa Lima, entre outros, são contratados pelos institutos de aposentadorias e pensões, que começam a investir na Arquitetura Moderna. Dentro desse contexto, o Realengo (1939), de Carlos Frederico Ferreira, destaca-se como o primeiro conjunto habitacional projetado dentro da linguagem moderna, apesar de suas restrições econômicas.

Se por um lado, durante a Emergência da Arquitetura Moderna Brasileira, se vê edifícios residenciais projetados para a classe média e a classe alta, como no caso dos edifícios para o Parque Guinle, no Rio de Janeiro, ou do edifício Prudência, na capital paulista, por outro lado, as classes baixas foram contempladas através de conjuntos habitacionais, desdizendo que a arquitetura moderna é somente de elite.

No que diz respeito aos lotes, a amostragem apresenta desde implantações em setores urbanos ou suburbanos, onde é possível demarcar diversas edificações através de um plano geral maior, como ocorre

no Parque Guinle ou nos conjuntos do Realengo e da Baixada do Carmo, até o lote entre divisas, que observamos no Tapir e no edifício MMM Roberto. Esse intervalo compreende lotes de tamanhos intermediários de meio de quarteirão, como o edifício Prudência, ou de cabeça de quadra, como os edifícios Esther e Anchieta.

A forma de implantar os edifícios dentro dos lotes difere em cada projeto. No caso dos terrenos em pontas de quadra aparece a possibilidade de modificação do quarteirão, como ocorre no edifício Esther, criando uma rua e isolando o prédio em uma microquadra que destaca o edifício, ou a implantação em "L" no terreno original, respeitando o sistema viário local, como no Anchieta. Os projetos implantados em lotes de meio podem ser divididos da seguinte maneira: em terrenos maiores temos o caso onde a edificação não está lindeira às divisas e a configuração do pavimento-tipo sugere uma implantação em barra, dobrada em função das dimensões do terreno, como no Prudência. Em terrenos menores, como no edifício MMM Roberto, a construção é levada entre medianeiras, até que se cumpra o índice de aproveitamento em um terreno regular de uma avenida em Copacabana. Mais interessante é a implantação do edifício Tapir, também junto às divisas, mas que mostra, apesar das dimensões do terreno e da inserção em tecido e lote tradicionais, a possibilidade de serialização de sua tipologia através da justaposição de edifícios lado a lado. Através da formação de uma barra polinuclear, mais imponente, é possível a configuração de um quarteirão modernista pela substituição gradual do tecido existente. Os planos para os lotes maiores são específicos para cada projeto, sendo mais simples nos casos dos

conjuntos habitacionais desse período, feitos normalmente com blocos similares dispostos paralelamente, e, no caso do Parque Guinle, com um projeto urbanístico que, conforme está descrito por Lucio COSTA (1995), surge da proposta de relacionar os edifícios de forma contrastante com a mansão existente no local e mais ligados ao parque. O arquiteto convence os herdeiros do terreno a descartarem a proposta anterior, de um projeto de prédios com estilo afrancesado, prevendo, finalmente, seis blocos de apartamentos de aproximadamente 65m por 15m, dos quais foram construídos apenas os três primeiros: Nova Cintra, Bristol e Caledônia.

A prevalência volumétrica vai ser das barras, embora os edifícios sejam implantados das mais diversas formas. Ao contrário do que ocorre no cenário internacional, as barras brasileiras são mais altas. Os casos de exceção que ocorrem dentre os brasileiros são os edifícios MMM Roberto e Tapir, devido à relação entre as dimensões de seus terrenos e sua taxa de ocupação. O edifício MMM Roberto, com seus sete pavimentos, apresenta apenas um apartamento por andar, conformando o que se poderia chamar de torre baixa, em função da razão entre suas dimensões, e o Tapir apresenta circulação central e dois apartamentos similares refletidos, que ocorrem em quatorze pavimentos-tipo, configurando uma torre alta. No entanto, o segundo caso é especial em função da possibilidade de agregação por justaposição de prédios similares, como visto anteriormente, que o transformaria em uma barra. No que diz respeito às barras propriamente ditas, suas diretrizes são, geralmente, retas, e a configuração

se dá por uso, como se observa nos edifícios do Parque Guinle, Baixada do Carmo e Esther. A configuração por circulação ocorre no Realengo, e o Anchieta é configurado como duas barras justapostas, sendo que cada uma apresenta um tipo de configuração. Também angulosa, mas diferente do Anchieta, a planta do edifício Prudência é indentada, com seus núcleos de circulação coincidindo com as rótulas que geram os ângulos do prédio, cada uma com acesso a dois apartamentos. A diferenciação entre os dois casos é nítida através do deslocamento que os irmãos Roberto fizessem de um bloco em relação ao outro, além do tratamento – praticamente cego – do pano vertical, que corresponde ao deslocamento dos blocos, demonstrando que o edifício dos cariocas não se trata de uma fita indentada, mas de dois blocos justapostos.

Na base, os pilares só não são aparentes nos conjuntos residenciais Realengo e Baixada do Carmo, que têm suas bases fechadas, sendo o primeiro com função comercial e o outro, residencial. A diversidade de tratamento dos térreos é característica. O programa misto, com base comercial e corpo residencial, aparece na metade dos edifícios estudados no período: no Esther, no Realengo, no Anchieta, no MMM Roberto e no Nova Cintra, no Parque Guinle. Os blocos do Parque Guinle podem ser tidos como referência na análise das bases, pois apresentam três tipos diferentes, sendo o edifício Nova Cintra de base fechada com função comercial, o Bristol com base semi vazada e parte destinada à garagem semi-enterrada, e no edifício Caledônia a base totalmente vazada, apenas com a circulação vertical fechada. Nos três edifícios – mas especialmente no

Caledônia – a topografia e a vegetação são exploradas habilmente para recriar a situação de rua tradicional, com gradação desde a calçada pública, passando por um pilotis semi privado, até alcançar as unidades privadas.

No pavimento-tipo dos exemplares analisados a estrutura é aparente na maioria dos casos. Da mesma forma que nos antecedentes internacionais, os pilares aparecem principalmente nas áreas de estar, e nem sempre ocorrem em todos os apartamentos de uma mesma edificação. No Brasil, essa situação se repete, e a estrutura aparente está presente em alguns dos apartamentos do edifício Esther, assim como nos edifícios do Parque Guinle, no Prudência e no MMM Roberto. Nos apartamentos dos edifícios Tapir e Anchieta, os pilares se confundem com a vedação, no mesmo plano, mas os térreos dessas edificações, assim como os das outras, apresentam os pilotis aparentes, exceção feita ao Conjunto habitacional do Realengo e Baixada do Carmo, onde não fica claro o esquema estrutural utilizado, que não é aparente em nenhum momento. O único edifício analisado que apresenta pilares retangulares, quando aparentes, tanto no térreo como no apartamento-tipo, é o edifício Prudência, talvez devido à sua característica de flexibilização da planta.

Os apartamentos dúplex ocorrem na metade dos edifícios aqui estudados, revelando o espírito de estudo prototípico dessa arquitetura. Mas em nenhum dos casos os edifícios são totalmente constituídos de apartamentos dessa tipologia. A maioria dos edifícios que apresentam os dois tipos de apartamentos têm as tipologias misturadas no corpo do edifício. Porém, no edifício Anchieta, os dois blocos justapostos são compostos

por apartamentos de tipologias dúplex e síplex, separadamente, e apresentam entradas independentes. Os apartamentos dúplex brasileiros não apresentam a característica da dupla altura como uma condição essencial. O único caso em que vão aparecer estares de pé-direito duplo é no edifício Esther. Depois dele, nenhum dos edifícios de apartamentos brasileiro analisados apresenta essa característica.

Quanto ao tamanho dos apartamentos, esse período da Arquitetura Moderna Brasileira é caracterizada pela maioria de apartamentos grandes, com mais de 100 m². O número de dormitórios é variável nesse período, com edifícios que apresentam muitos tipos de apartamentos, como o Esther e os do Parque Guinle, ou com apartamentos que apresentam várias possibilidades de compartimentação em função de sua configuração interna, como o Prudência.

No que se refere à classificação do corpo das edificações, elas foram separadas em: fachadas planares (reais, virtuais, ou compostas); aumentadas por elementos protuberantes; e vazadas por elementos reentrantes. Em muitos casos, elas estão mescladas, sendo volumes que apresentam tanto saliências como reentrâncias. A distinção entre as classificações se dá de acordo com a quantidade, o tamanho, a profundidade, a proximidade e o número de repetições de cada um dos elementos.

Assim, temos a maioria dos exemplares desse período figurando entre as fachadas planares reais, ao menos no tratamento de um dos seus planos envolventes. Essa característica vai ser opaca nas fachadas laterais

do Esther, passando pelos fundos do Tapir, a frente do Anchieta, todos os planos envolventes do conjunto Baixada do Carmo. A fachada planar sólida translúcida ocorre apenas no prédio Nova Cintra, na fachada da rua Gago Coutinho, e podemos considerar as fachadas principais dos edifícios Esther e Prudência como fachadas planares compostas, com reentrâncias e bandas horizontais que separam superfícies opacas e translúcidas. Ambas apresentam, ainda, o esquema do vazio entre dois sólidos, como no edifício da rua Franklin, e no edifício Prudência guarda alguma semelhança com a Casa Rustici, de Giuseppe Terragni. A fachada principal do Anchieta e os edifícios do Parque Guinle são considerados blocos de fachadas planares, em suas elevações principais, mas uma pequena análise faz perceber que embora a casca crie uma superfície única, balcões são formados na parte interna dessa casca que constitui a edificação. A fachada frontal do edifício MMM Roberto é o caso típico de fachada planar virtual, com uma máscara aposta à ela, que compõe uma grelha bidirecional, formando reentrâncias que, de acordo com a sua regularidade, definem uma fachada planar composta por elementos reentrantes. O mesmo tipo de tratamento ocorre na parte posterior do edifício Prudência. Elementos protuberantes são compostos com fachadas planares opacas tanto no edifício Tapir como no Realengo, em elementos pontuais apostos à fachada de maneira que formam pés-direitos duplos, aumentando a distância entre eles e desfazendo a sensação de uma coisa única. As fachadas posteriores do Realengo e do Anchieta, onde ocorrem as circulações horizontais dos pavimentos, são aumentadas por elementos protuberantes, sendo que

no Realengo as circulações são interceptadas pelos balcões, criando, na parte central, a sensação de reentrâncias. Assim, não se pode falar de uma característica principal e única no que se refere ao tratamento do corpo das edificações e seus planos envolventes.

A diversidade de texturas encontradas nas fachadas dos exemplares brasileiros é um aspecto diferencial em relação ao cenário internacional. O primeiro grande exemplo são os edifícios para o Parque Guinle. Embora os três edifícios apresentem as fachadas viradas para o lago semelhantes, Lucio cria uma grelha de montantes de concreto não-estrutural junto ao balanço das lajes e gera uma espécie de colcha de retalhos ao preencher tais quadros, sempre jogando com a dualidade tradição *versus* modernidade através da idéia do rendado tradicional com alteração de material, escala e linha de montagem. Embora se pareçam bastante, os edifícios apresentam diferenciações nas fachadas, expressos nos materiais utilizados e suas disposições. Esses edifícios, de características completamente modernas, nada têm de corbusianos. A referência internacional poderia ser muito melhor expressa quando Berthold Lubetkin se refere ao *kilin* caucasiano, dizendo que as fachadas contemporâneas poderiam ser uma narrativa abstrata de seus elementos constitutivos em uma composição maior. Uma das diferenças fundamentais entre o exemplar nacional e o edifício Priory Green, ao qual Lubetkin se refere quando exemplifica o *kilin*, é que, ao contrário de Lucio, Lubetkin traz a estrutura até a borda da edificação, e essa trama é composta como um

fechamento em retângulos, e não como o preenchimento de uma grelha sobreposta, somente atentando para a composição dos elementos treliçados, fechados, no caso do Guinle.

Desde 1939, o tratamento de elementos cruzados nas fachadas começa a aparecer no Brasil, tanto no edifício Tapir como no conjunto residencial Realengo, em forma de balcões protuberantes com dupla altura. Aparece também no tratamento da fachada dos edifícios Anchieta, Bristol e Caledônia, no Parque Guinle, reforçando a idéia da simetria translacional e, em alguns casos, rotacional nas fachadas brasileiras. No caso dos volumes justapostos a essas fachadas, o zigue zague característico relaciona essas edificações a resultados de elevações com tratamentos em “X”. Estes vão aparecer, em poucos casos da obra dos arquitetos antecedentes: em Le Corbusier, nos primeiros esboços para o edifício Porta Molitor ou da rua Fabert, que têm também as plantas espelhadas. Embora Bonduki (2002, p.165) considere a solução semelhante à adotada por Gropius em Dessau, é importante lembrar que a residência estudantil da Bauhaus não apresenta os balcões com dupla altura, como ocorre no Realengo e no Tapir, que apresentam a dupla altura nos balcões pela primeira vez nos casos apresentados pela bibliografia referente aos edifícios modernos brasileiros. O edifício Anchieta também apresenta o tratamento cruzado, e os edifícios do Parque Guinle vão apresentar as diferentes texturas cruzadas.

A especial atenção a fatores climáticos, como insolação, é outra característica importante que já

aparece nesse período. Nos edifícios do Parque Guinle já aparecem elementos treliçados para a proteção solar, e o *brise* móvel surge pela primeira vez no edifício MMM Roberto. É importante salientar, aqui, que os *brises*, característicos da produção desse escritório e, já haviam sido apresentados, fixos, na ABI. O uso de elementos móveis tem referência ao Ministério, muito embora esses arquitetos já pensassem em utilizar elementos móveis na ABI. Outra característica dos *brises* nesse edifício é a utilização da máscara na fachada social. Ao contrário do caso do edifício de aluguel em Nemours – onde o arquiteto francês também recorre a uma cortina de elementos de proteção solar –, a localização deles na parte de serviço, em relação a esse edifício não deixa dúvidas sobre a ênfase do uso dos *brises*, ali, como um elemento de importância mecânica e estética.

A função residencial prevalece na cobertura das edificações, mas a existência de apartamentos que vão desde o penúltimo pavimento até a cobertura ocorre apenas no MMM Roberto. Tanto no edifício Esther, quanto no Prudência e nos edifícios do Parque Guinle, os apartamentos de cobertura se desenvolvem somente naquele andar, e normalmente com menos unidades nesse pavimento, dando espaço a um terraço-jardim. Os únicos casos analisados no período que não apresentam apartamentos de cobertura são os conjuntos Realengo e Baixada do Carmo, tendo seus coroamentos feitos com platibandas que escondem o telhado e reduzem a visibilidade da superestrutura. A finalização do corpo dos edifícios, que caracteriza o coroamento, acontece principalmente com volumes residenciais recuados. Isso ocorre nos edifícios Esther, Anchieta,

Prudência e MMM Roberto. Nos três edifícios do Parque Guinle, o pergolado projetado é considerado como volume escultórico. O pavimento diferenciado ocorre no edifício Tapir, antes do volume de cobertura recuado, e também no edifício Anchieta, que faz a finalização da parte posterior do edifício em virtude da eliminação da circulação no último pavimento na parte das unidades dúplex.

Na maioria das edificações, a composição tripartida da fachada é estabelecida através da diferenciação dos pilotis e do coroamento delas. As exceções do período circunscrevem-se aos conjuntos habitacionais da Baixada do Carmo e Realengo, sendo que o último ainda insinua essa composição, e todos os outros exemplares apresentam a tripartição do volume. A tripartição do volume, nos edifícios brasileiros, respeita, além da divisão no sentido vertical, a tripartição horizontal, que ocorre em vários exemplares já nesse período. Tanto no edifício Prudência quanto no Esther a tripartição horizontal do vazio entre dois sólidos fica evidente no corpo das edificações. Nas bases, esse tratamento é ainda mais freqüente, e ocorre, além desses dois casos, inversamente, no Tapir, com o sólido central.

CONSOLIDAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA (1946/1949)

Dez anos se passaram, e apesar de intentos como o Esther ou o Tapir, a residência coletiva exemplar de grande impacto ainda não estava desenvolvida: a construção dos apartamentos do Parque Guinle só começa em 1946, após a venda da mansão da família, e só em 1950 o edifício Prudência é inaugurado, em São Paulo. Por volta de 1947, o primeiro bloco do Parque Guinle se completa, e Reidy projeta o Conjunto habitacional Pedregulho em 1946.

Além do Pedregulho, o conjunto Vila Guiomar é construído em São Paulo, encomendado pelo IAPI. Os institutos de pensões encomendam também o edifício Júlio Barros Barreto, dos irmãos Roberto, em 1947, destinado à classe média, assim como os edifícios de iniciativa privada Antônio Ceppas, de Jorge Moreira, no Rio de Janeiro, e o edifício Louveira, de Vilanova Artigas, em São Paulo, projetados em 1946.

A arquitetura de produção está representada nesses anos pelos edifícios Três Leões, de Henrique Mindlin, de 1948/1951, que volta a aparecer com os balcões de dupla altura cruzados, como no Realengo e no Tapir, e o edifício Lealdade, de 1948, de Abelardo de Souza, que apresenta tanto uma estrutura linear bidirecional em alto-elevo, como no Júlio Barros, como a dualidade de um elemento apostado à fachada proveniente do edifício MMM Roberto. Tanto o edifício Seguradora Brasileira, de 1948/1956, de Rino Levi, como o conjunto residencial Japurá, de 1949, de Eduardo Kneese de Melo, se enquadram na categoria de divulgação principalmente

pela relevância de seus autores mais que pela qualidade de seus projetos.

Berthold Lubetkin projeta, em 1946, o Bevin Court, o Priory Heights e Hallfield Estate, o último da sua série de projetos de habitação do pós-guerra, em Paddington, que foi provavelmente um dos maiores "central urban housing redevelopments" na Inglaterra, nessa época. No ano seguinte, Le Corbusier inicia o projeto da unidade de habitação de Marselha (1947/1952). Em Chicago, os prédios Lake Shore Drive 860-880 (1948/1951) têm 26 pavimentos e são considerados a versão em aço do edifício Promontory, de 1946.

Também é desse período o livro de Henry-Russel Hitchcock, *Latin American Architecture since 1945*, que destaca a produção latino americana de arquitetura moderna no mundo, com exemplos de edifícios de apartamentos de Mario Pani (Centro Urbano Presidente Alemán), Virrey del Pino, entre outros.

Conj. res. Pedregulho - Bloco A, 1946/50

Afonso Eduardo Reidy

R. Capitão Félix, 50

São Cristóvão

Rio de Janeiro



Conj. res. Pedregulho - Bloco B, 1946/52

Afonso Eduardo Reidy

R. Capitão Félix, 50

São Cristóvão

Rio de Janeiro



Conj. res. Pedregulho - Bloco C, 1946/NE

Afonso Eduardo Reidy

R. Capitão Félix, 50

São Cristóvão

Rio de Janeiro



Ed. Antônio Ceppas, 1946/52

Jorge Machado Moreira

R. Benjamim Baptista, 180

Rio de Janeiro



Ed. resid. Louveira, 1946/50

Vilanova Artigas

Praça Vilaboim esq. r. Piauí

Higienópolis

São Paulo



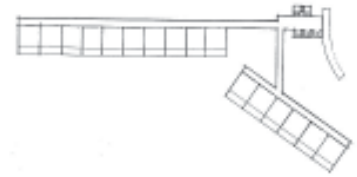
Ed. resid. Júlio Barros Barreto, 1947/ND

MMM Roberto

R. Fernando Ferrari, 61

Botafogo

Rio de Janeiro



Conj. res. Vila Guiomar, ND/1949

Carlos Frederico Ferreira

Santo André

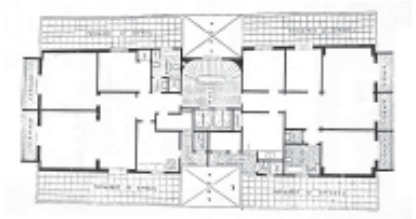
São Paulo



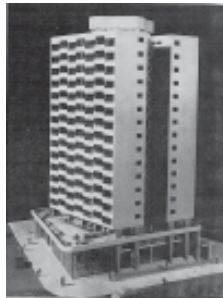
Ed. res. Três Leões, 1945
Henrique Mindlin
Rua São João, 1089
São Paulo



Ed. Lealdade, 1948
Francisco Beck
Av. 9 de Julho, 718
São Paulo



Ed. Seguradora Brasileira, 1948
Rino Levi
R. da Liberdade, largo da Pólvora
São Paulo



Conj. res. Japurá, 1949
Eduardo Knesse de Melo
R. Japurá, s/n
São Paulo



Priory Heights, 1946
Berthold Lubetkin
Londres



Bevin Court, 1946
 Berthold Lubetkin
 Londres, Inglaterra



Hallfield Estate, 1946
 Berthold Lubetkin
 Londres



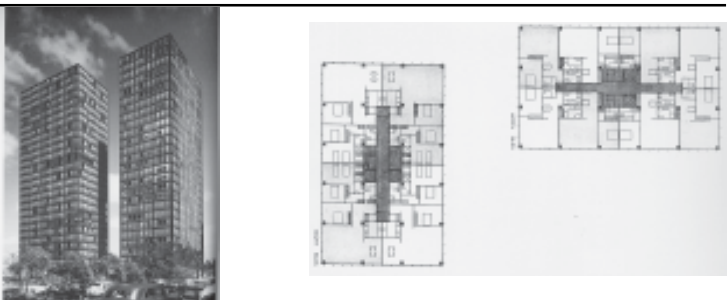
Ed. Promontory, 1946
 Mies Van der Rohe,
 Chicago



Unidade de Habitação, 1947
 Le Corbusier
 Marselha



Ed. Lake Shore Drive 860-880, 1948
 Mies Van der Rohe,
 Chicago



Conj. residencial Pedregulho

Affonso Eduardo Reidy

Rua Capitão Félix, 50
São Cristóvão

Rio de Janeiro, RJ

O conjunto residencial Prefeito Mendes de Moraes, mais conhecido como conjunto residencial Pedregulho, está situado em terreno de cerca de cinquenta mil metros quadrados, na encosta oeste do morro homônimo. A orientação solar – desfavorável – resultante é compensada pela visual da baía de Guanabara, que se revela no conjunto.

Destinado à população de baixa renda, o projeto desse conjunto residencial oferece a seus moradores uma estrutura completa que contém, além das habitações – o bloco serpenteante (A), blocos regulares (B) e o bloco C, que não foi viabilizado – escola primária, lavanderia, ginásio, vestiários, centro de saúde, creche e cooperativa.

O edifício serpenteante (bloco A) possui unidades de tipologia dúplex e simplex. Esse bloco está sobre pilotis embora seu acesso se dê acima dos dois primeiros níveis, em pavimento intermediário, ocupado em alguns trechos por equipamentos sociais. Cada bloco B contém apenas unidades do tipo dúplex, e o pilotis também é vazado. O bloco C, embora não tenha sido construído, contava com um edifício de doze pavimentos sobre pilotis, que compreenderia unicamente unidades do tipo dúplex edificadas acima da escola maternal e creche. Embora tenham sido projetadas 478 unidades residenciais, foram edificados ao todo 328 apartamentos dos mais variados tamanhos no conjunto.

Os diferentes volumes geram uma composição harmônica entre o alongado bloco serpenteante e a serialização dos outros dois blocos regulares, que apresentam apenas a circulação vertical como elemento diferenciado. O rendilhado que surge devido à proteção solar cria uma trama regular nas elevações com tratamento diferenciado no bloco serpenteante e nos outros. O nível vazado intermediário, correspondente ao térreo da composição, diferencia os tipos de tratamento das fachadas das diferentes unidades nos pavimentos, que correspondem a fachadas planares

compostas. Os demais elementos que compõem o conjunto aparecem dispersos no terreno e fortalecem a proposta geral, embora esta não tenha sido completamente finalizada.

“... It is Scheduled to hold 478 families of various sizes, housed in single-story studio apartments and duplexes with two to four bedrooms, dimensioned according to the results of the advance census, and arranged in four independent blocks: Block ‘A’ (272 units), a long seven-story building winding along the hillside; Block ‘B’(28 units each) four stories high; and Block ‘C’, with twelve floors and 150 apartments, still to be built, all raised on pilotis.” (Mindlin, 1956, p.120)

“... O juri, ao conferir o prêmio ao arq. Eduardo Reidy pelo Conj. Residencial Pedregulho, considerou esta realização como um exemplo ao Brasil e como audaciosa solução de habitação, onde já realizou uma obra social. Essa solução constitui um exemplo de como toda cidade deveria ser formada.” (Gideon apud Bonduki, 2000, p.92)

Fig. a
Implantação
Esc. 1/2000

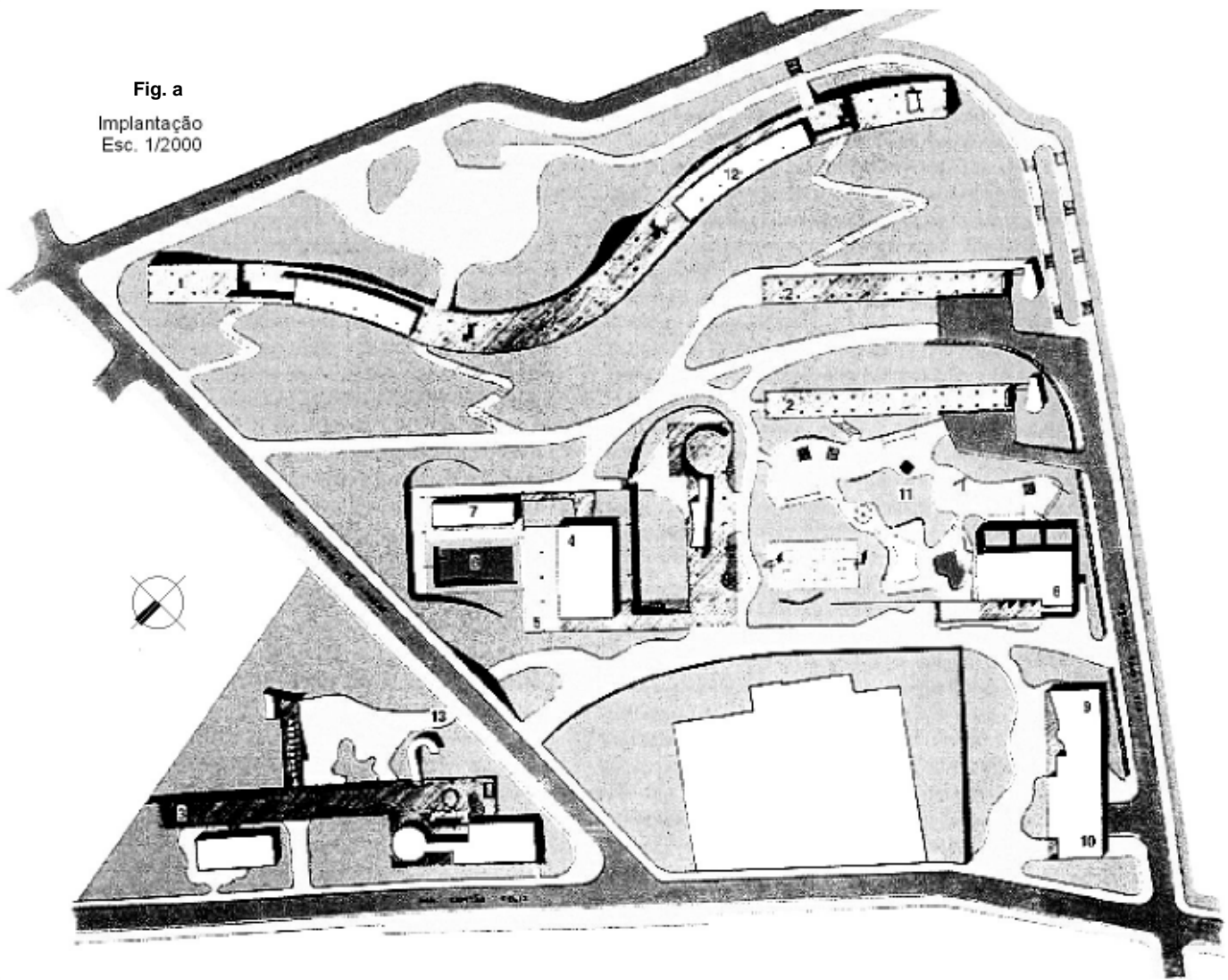
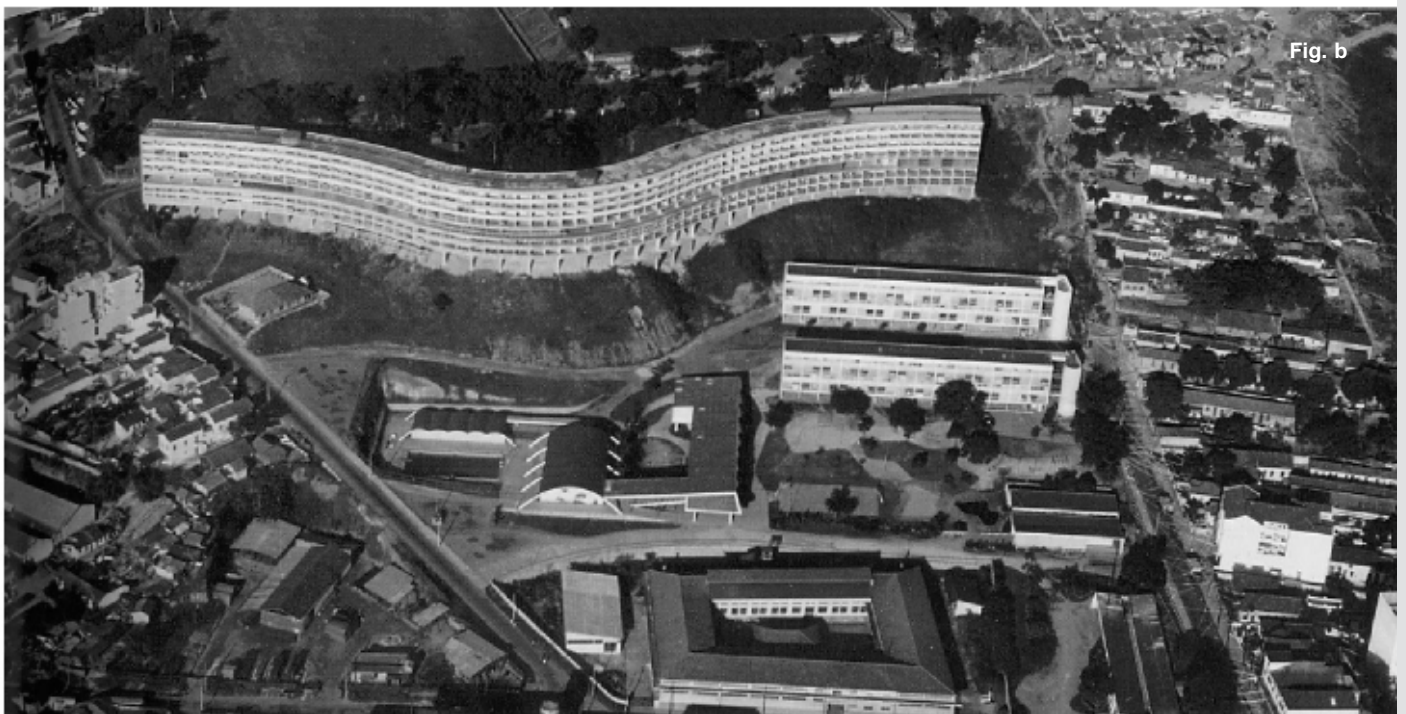


Fig. b



Conj.residencial Pedregulho

Bloco A, 1946/50

Afonso Eduardo Reidy

Rua Capitão Félix, 50

São Cristóvão

Rio de Janeiro, RJ

O edifício serpenteante (bloco A) é implantado na porção mais alta do terreno e aparece como pano de fundo para o conjunto. Possui unidades tipo dúplex, acima do nível de acesso, e unidades tipo *kitchenette* na parte inferior. Esse bloco de 260m de comprimento está sobre pilotis para vencer a inclinação natural do terreno, e seu acesso se dá pelo nível intermediário da edificação, acima dos dois níveis de *kitchenette*. A circulação nesse bloco é linear, e acima do nível de acesso ela ocorre apenas nos pavimentos pares, em função das unidades dúplex que estão localizadas na porção superior da edificação.

Esse bloco consiste em um barra baixa, de configuração linear curva e simples de circulação.

As unidades do tipo *kitchenette*, assim como no conjunto residencial do Realengo, localizam a área molhada junto ao corredor de acesso – aberto – propiciando ventilação cruzada nas unidades. Esse bloco conta também com duas séries de unidades dúplex nos quatro pavimentos superiores. Os apartamentos dúplex também apresentam a área molhada junto ao corredor de acesso, e logo em seguida a circulação vertical da unidade que separa a parte social e a de serviço da parte dos dois dormitórios e banho, que acontecem no pavimento superior. A estrutura é independente. Os pilares são aparentes no pavimento de acesso, e nas unidades residenciais a estrutura fica internalizada.

No que diz respeito aos planos envolventes, percebem-se duas fachadas principais planares opacas, sem elementos protuberantes. A parte superior da fachada voltada para o acesso é lisa, marcada por elementos lineares que se desenvolvem no sentido horizontal e se repetem, sem formar uma série. No sentido vertical, existe uma segunda malha que é percebida

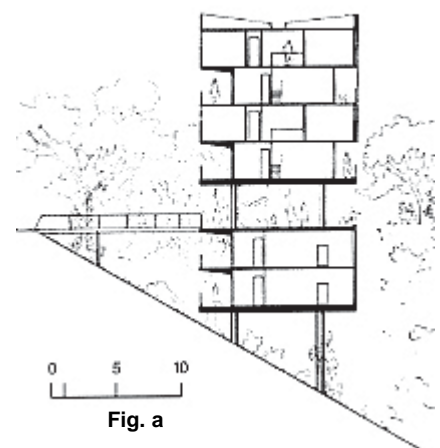
“Com seus 260m de comprimento, seguindo o contorno sinuoso da encosta, lembra em seus grandes traços os primeiros trabalhos de Le Corbusier feitos para Argel, em 1931.”

(Mindlin, 1999, p.144)

em seguida. Essa, sim, configura uma grelha, com seus elementos repetidos seqüencialmente ao longo de toda a edificação. O espaço criado entre as linhas verticais e horizontais dessa fachada é, ainda, preenchido por elementos semi vazados que apresentam em alguns momentos elementos pontuais em sua porção central.

Uma reentrância corta todo o volume, dividindo o bloco em duas partes. Na parte inferior se repete o esquema das lâminas horizontais, mas as lâminas verticais e seus fechamentos estão em baixo relevo e vazam o prisma original, também vazado em duas linhas horizontais, que recebem um tratamento diferenciado no volume superior.

Na fachada que descortina a cidade, os elementos horizontais marcam mais uma vez o prisma, que é dividido por uma reentrância na porção central e cria um bloco superior de quatro pavimentos e outro inferior, de dois. Uma outra série de elementos verticais lineares marca a separação das unidades, criando uma grelha que marca elementos reentrantes e define essa fachada como planar composta. Essa elevação tem menos elementos que a anterior em função das funções da planta, que são semelhantes em todos os pavimentos.



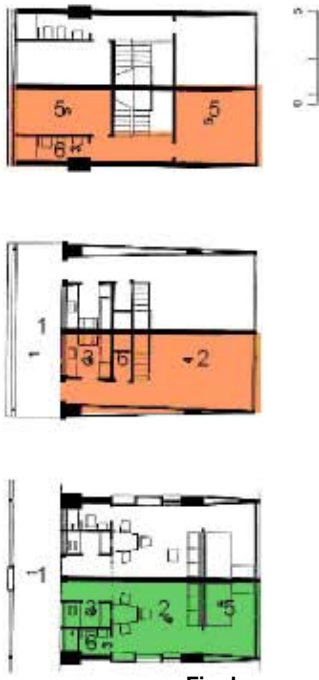


Fig. b

Unidades
Esc. 1/400

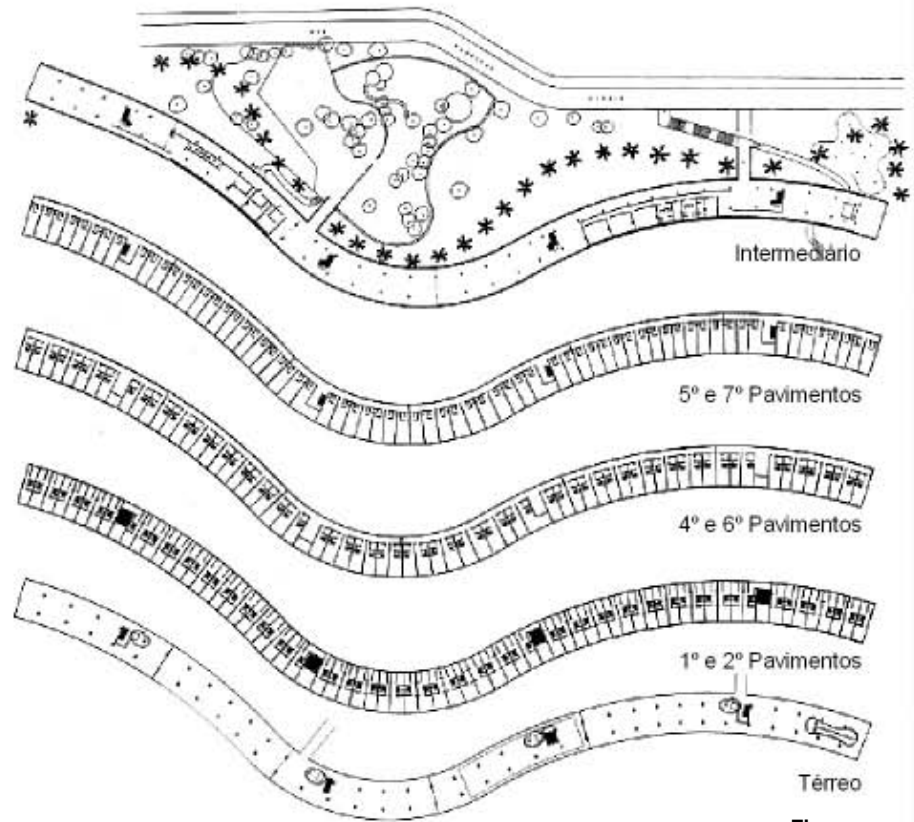


Fig. c

Plantas Baixas
Esc. 1/2000



Fig. d



Fig. e

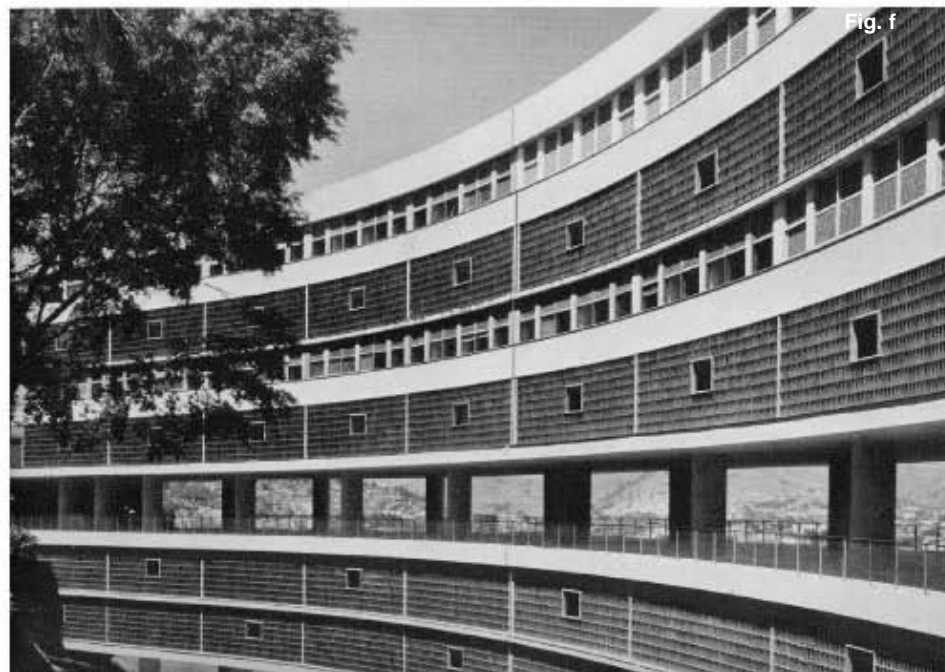


Fig. f

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 45,55 m2
- Ap.2 A= 92,55 m2

- | | |
|---|--------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |



Projeto / Esc:	1946 1950
Área (m ²):	45,55 92,55
Numero Com:	k e 2 dorm.
Classe Social:	baixa
Tipologia:	simplex e duplex
Área Serviço:	não
Config. Planta:	linear de circ.
No. de Unidades:	272
No. de Pav. (azpis):	7
Config. Copos:	VIII / IX
Forma:	conj. hab. el.vaz.alt.
Função Constr.:	super estrut.
Forma Cobert.:	plati- banda
Função Base:	estar
Forma Base:	semi vazada
Estíxion:	aparente interna
Implantação:	super quadra

Conj. residencial Pedregulho
Bloco B, 1946/52
Affonso Eduardo Reidy

Rua Capitão Félix, 50
São Cristóvão

Rio de Janeiro, RJ

O bloco B contém apenas unidades do tipo dúplex e tem os pilotis vazado, com função de estar. A cobertura não apresenta função, contendo apenas a superestrutura das edificações, e o coroamento é feito com platibanda, como no bloco serpenteante. O conjunto possui 28 unidades em cada bloco.

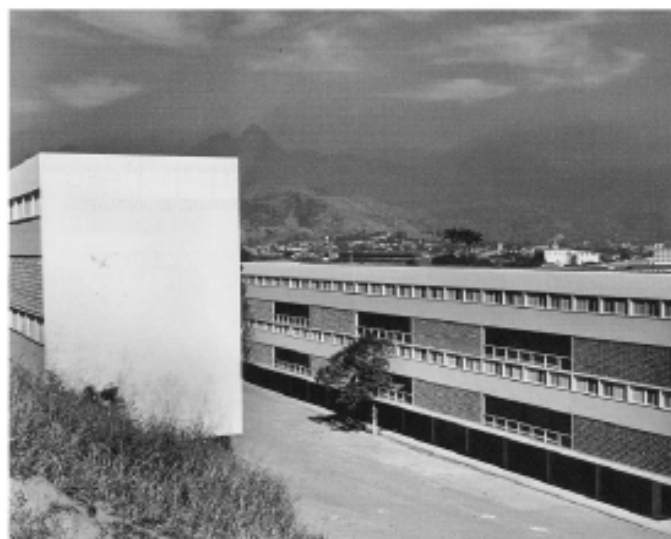
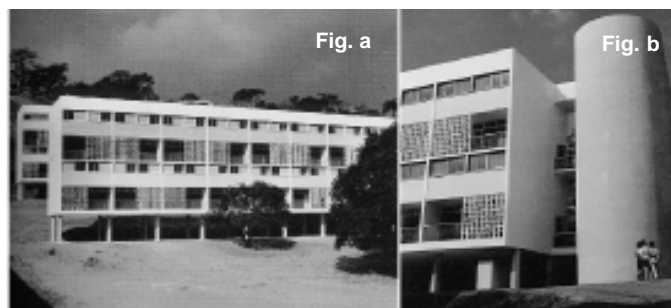
Esse bloco baixo linear, de configuração simples com elemento apostado, reforça a horizontalidade pelo uso dessas linhas, principalmente na fachada que envolve a circulação do bloco.

Nesse bloco, o corredor ocorre intercaladamente, e as unidades, de aproximadamente 70m², podem ser desdobradas em apartamentos de 60m² e 80m², com o deslocamento das suas paredes gerando apartamentos de três, quatro ou cinco dormitórios. Nessas unidades, a separação entre as áreas de estar e serviço da parte íntima também ocorrem em diferentes pavimentos, como nas unidades dúplex do bloco serpenteante.

A fachada que apresenta a circulação do pavimento é planar composta, com três faixas que se repetem no segundo pavimento, formando uma seqüência. A primeira é subdividida verticalmente, alternando partes fechadas no alinhamento por elementos semi vazados e partes vazadas em alto-relevo. A segunda faixa, que corresponde a aproximadamente metade da altura da anterior, é cega e fica no alinhamento do bloco. Acima dessa, aparece a última, que é ainda menor que a cega, em altura, e está subdividida de maneira que contém módulos abertos e fechados, que se repetem logo a seguir, até completar a segunda série.

No lado oposto, a fachada que corresponde aos balcões e dormitórios das unidades também é planar composta, mas apresenta uma composição mais complexa; ao invés das faixas que se repetem ininterruptamente, são adicionados elementos verticais (que separam as unidades), e isso cria

um ritmo propício a brincadeiras de reflexão e inversão nos módulos. Essa operação oferece um jogo mais interessante que na fachada posterior, embora os elementos sejam praticamente os mesmos.



LEGENDAS:

- Ap.1 A= 62,50 m²
- Ap.2 A= 72,55 m²
- Ap.3 A= 83,95 m²

- | | |
|---|--------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |



Fig. f Unidades
Esc. 1/400

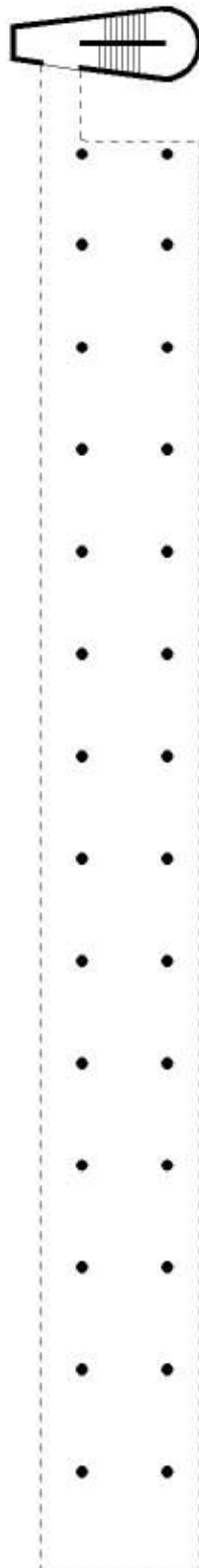


Fig. g Térreo
Esc. 1/400

Fig. e

Trecho de fachada
Esc. 1/400

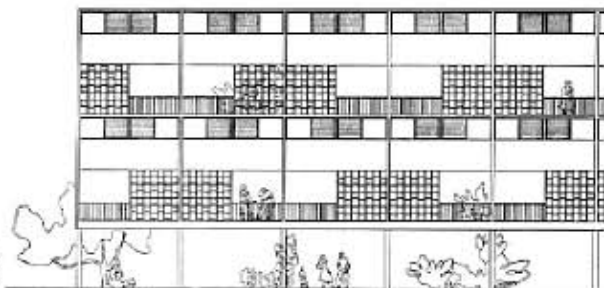


Fig. h Planta 1° e 3° Pavimentos
Esc. 1/400

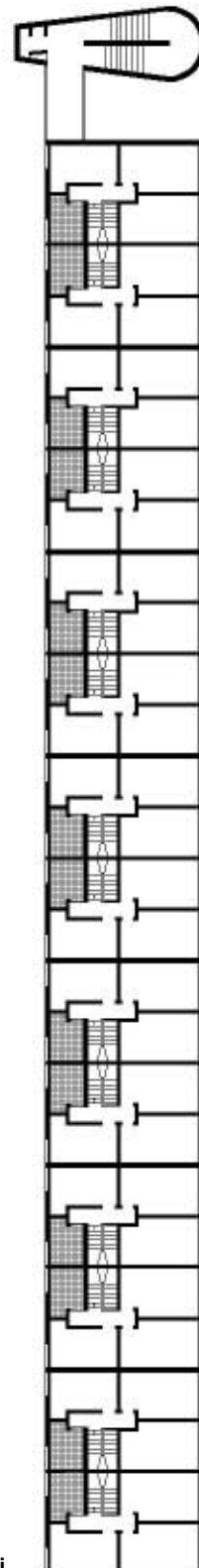


Fig. i Planta 2° e 4° Pavimentos
Esc. 1/400

Projeto Arq.:	1946 1952
Áreas (m ²):	62,50 83,95
Número Dorm.:	2, 3 e 4 dorm.
Classe Social:	baixa
Tipologia:	duplex
Área Serviço:	não
Contig. Planta:	linear de circ.
Nº. de Unidades:	28
Nº. de Pac. Cores:	2 (X2)
Contig. Cores:	V / VII+Ø
Faixa:	conj. hab. el. vaz. alt.
Função Cores:	super estrut.
Forma Cores:	plati- banda
Função Dias:	estar
Forma Dias:	vazada
Estrutura:	aparente interna
Insolação:	super quadra

Conj. residencial Pedregulho
Bloco C, 1946/NE
Afonso Eduardo Reidy

Rua Capitão Félix, 50
São Cristóvão

Rio de Janeiro, RJ

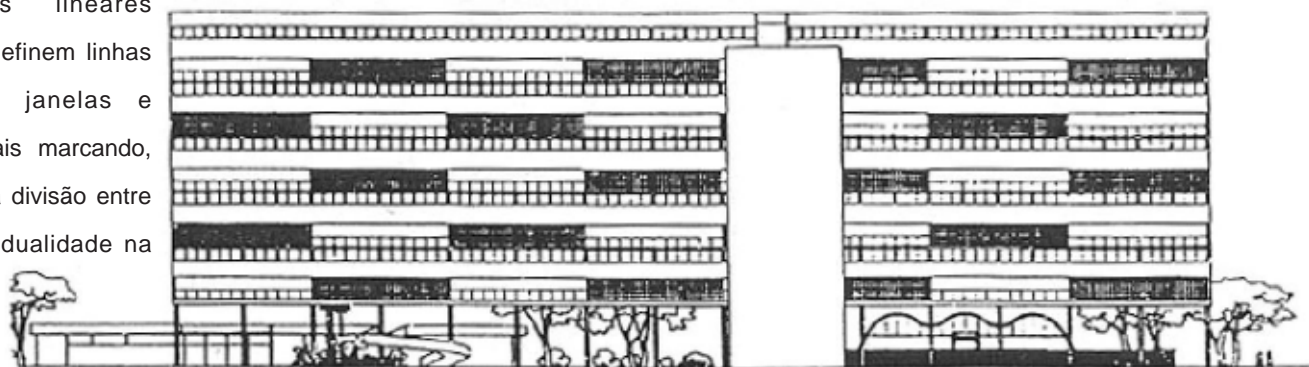
O bloco C, menos divulgado, contém apenas unidades do tipo dúplex, e os pilotis são mais uma vez vazados. Uma característica essencial desse bloco é a existência do pavimento de cobertura com uso coletivo e a verticalização da edificação com doze pavimentos, que é exceção no conjunto.

O bloco C é uma barra média, com elemento apostado, de configuração simples de circulação.

O pavimento-tipo conta com trinta unidades dúplex por pavimento, totalizando 150 unidades. O pavimento térreo é em pilotis e próximo dali se encontram a creche e a escola maternal, como volumes anexos ao corpo principal da edificação, mas não sob ela. Nos apartamentos, a estrutura está internalizada.

O bloco C apresenta uma característica diferenciada dos outros blocos do conjunto. Com seus doze pavimentos, se fosse viabilizado, geraria uma composição vertical inexistente no conjunto de blocos baixos e sem elevadores existentes nos outros projetos. Possui uma torre de circulação vertical que dá acesso às unidades do bloco de apartamentos e à cobertura coletiva através de rampas.

O tratamento de seus planos envolventes consiste em uma fachada planar composta, semelhante à do bloco B, mas nesse caso repete um elemento quinze vezes em cinco linhas (fig. g), se for visto dessa maneira, ou, de outra, uma sucessão de elementos lineares horizontais que definem linhas de peitoris e janelas e elementos verticais marcando, principalmente, a divisão entre as unidades. A dualidade na



“... cada um dos elementos do conjunto tem a sua autonomia formal, cada edifício implantado busca ser uma situação prototípica, na qual se soluciona o problema da habitação coletiva. Não existia a pretensão de se criar uma tipologia predominante de edificação, como ocorria na maioria dos projetos modernos da época. Nesse projeto o sentido de racionalização e de padronização estava relacionado ao estudo da célula básica de habitação, os apartamentos tipo.”

(Caixeta, 1999, p.332)

interpretação ocorre em virtude da escassez de informação e do fato de não ter sido construído.

A fachada posterior, que engloba a área de circulação, apresenta, novamente, uma composição cruzada na elevação, com elementos horizontais que se estendem em toda a sua extensão e separam outras faixas, também horizontais, de elementos pontuais que se repetem num único sentido. É interessante, nessa composição, as duas séries de elementos – sendo uma representada em branco e a outra, em preto – dispostas alternadamente na faixa e inversamente nos pavimentos, como na fachada frontal do bloco B, mas em outra proporção, que demonstra melhor esse recurso. Possivelmente, a parte escura (fig. b) é a representação de uma retícula de elementos treliçados ou cobogós, e a outra, reentrâncias no volume, gerando uma fachada planar composta.

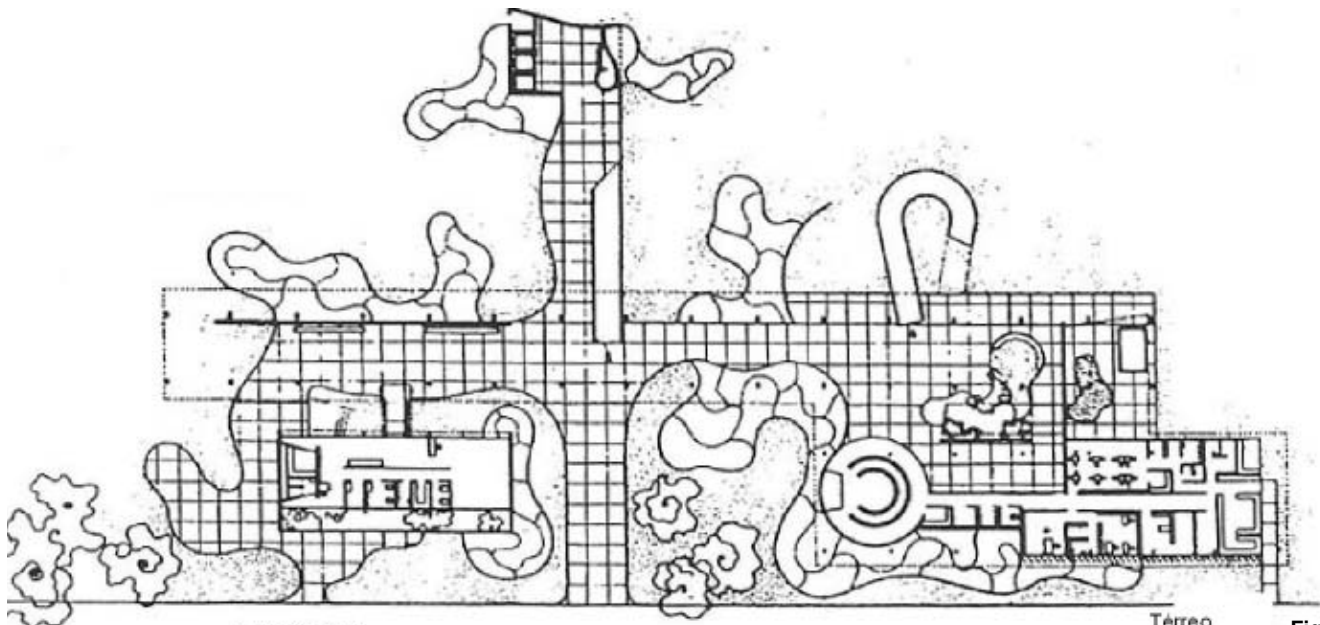


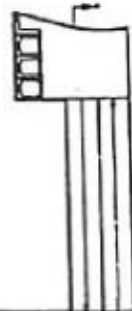
Fig. k Terreo Esc. 1/750

Fig. c

LEGENDAS:

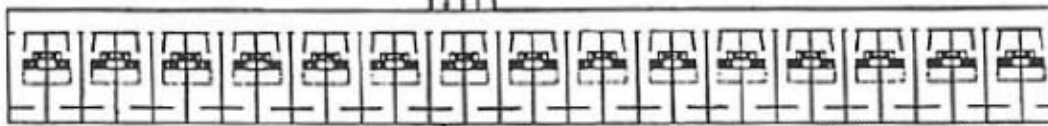
Ap.1 A= 62,50 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 7 Vestibulo
- 10 Elevador
- 12 Balcão



Unidade Esc. 1/400

Fig. d



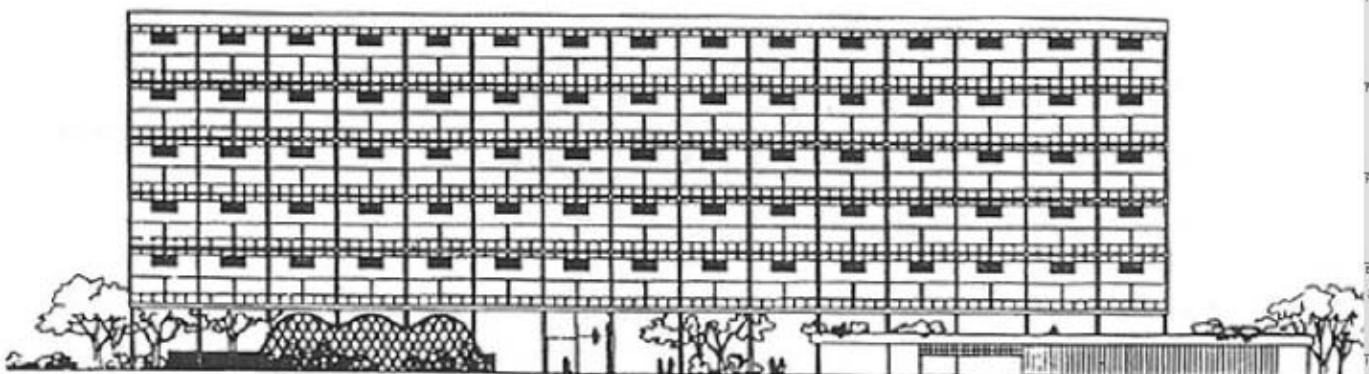
Planta Pavimentos Pares Esc. 1/750

Fig. e



Planta Pavimentos Esc. 1/750

Fig. f



Fachada Esc. 1/750

Fig. g

Projeto: Esc.	1946
	NE
Área (m ²)	56,70
	56,70
Número D. oc.	2
	dorm.
Classe Social	baixa
Tipologia	duplex
Área Serviço	não
Convig. Planta	linear de circ.
Nº. de Unidades	150
Nº. de Pav. (copo)	5 (X2)
Elevig. Copo	VII+I / V+Ø
Família	conj. hab. el.vaz.alt.
Função Concom.	estar
Forma Concom.	plati-banda
Função Base	estar
Forma Base	vazada
Estrutura	aparente interna
Representação	super quadra

Ed. Antônio Ceppas, 1946/52
Jorge Machado Moreira

Rua Benjamin Baptista, 180

Rio de Janeiro, RJ

“A combinação sutil das exigências funcionais com os elementos tradicionais e contemporâneos resultou em elevações de caráter nitidamente regional. As janelas de correr do living são apoiadas em venezianas basculantes em madeira encimadas por treliças similares às dos quartos. As janelas dos quartos também dispõem de ventilação, através de venezianas pivotantes ou basculantes. (...) A área em torno dos pilotis foi tratada por Roberto Burle Marx, que também desenhou o painel de pastilhas de vidro (...) e o painel de ladrilhos (...).” (Mindlin, 1999, p. 122)

O edifício está implantado em um terreno de topografia acidentada, de meio de quarteirão, na encosta do morro do Corcovado, no alto do bairro Jardim Botânico. O acesso de veículos e de pedestres se dá pela avenida Benjamin Baptista.

O prisma em questão se encontra numa situação-limite entre torre e barra em função de suas dimensões, que apresentam uma planta aquadrada, mas que não chega a ter altura para ser designada torre. Assim, pode ser considerada no limite de uma torre baixa isolada no lote com suas fachadas tratadas diferentemente duas a duas, sendo similares nas faces opostas.

Apresenta o pavimento térreo semi vazado, com portaria e zona de estar aberta coberta composta por jardins criados por Roberto Burle Marx. Nesse pavimento existe ainda uma “marquise de acesso inclinada, apoiada em estrutura delgada de ferro e engastada na laje do primeiro piso”, como define Czajkowski (1999, p.76). A circulação vertical é mononuclear e atende às quatro unidades que acontecem em cada um dos seis pavimentos-tipo, sendo elas de dois e três dormitórios, todos com dependência de empregada. O prédio é afastado das divisas e a iluminação e a ventilação são boas em todos os aposentos de cada um dos quatro apartamentos do andar, principalmente em função de dois vazios centrais, que auxiliam nesses aspectos. Aparentemente, não existe apartamento de cobertura, e essa área é reservada para a superestrutura do edifício. O coroamento é feito através de uma platibanda.

O térreo vazado sustenta o bloco de seis pavimentos, que apresenta uma grelha em sua elevação, refletindo a modulação dos pilotis, que descortinam a vegetação nos dois extremos. O coroamento é feito apenas por uma platibanda, que esconde o telhado.

As fachadas principais – de frente e fundos – são compostas por elementos lineares seriados que se repetem nos dois sentidos e com relevo mínimo do plano da fachada,

formando uma grelha bidirecional sem relevo. O preenchimento dessa grelha cria uma segunda malha com elementos que reforçam o sentido horizontal, criando três faixas que são tratadas diferentemente. Assim, percebe-se uma fachada planar composta com elementos reentrantes e diferenciação de relevo em alguns pontos. Os elementos treliçados e brises horizontais dão uma característica nitidamente brasileira a essa elevação.

As fachadas laterais, por sua vez, não apresentam tanto desenvolvimento, podendo ser classificadas como fachadas planares opacas, muito mais facilmente relacionadas aos antecedentes italianos, como Terragni, que se utilizam das fachadas rebocadas e bastante opacas. Essas empenas laterais apenas respondem às necessidades da planta, configurando elementos lineares associados que rasgam o plano. Esses elementos são compostos de rasgos longelíneos com centros concomitantes a outros rasgos, de outra proporção, que se repetem em todos os pavimentos.



Fig. a

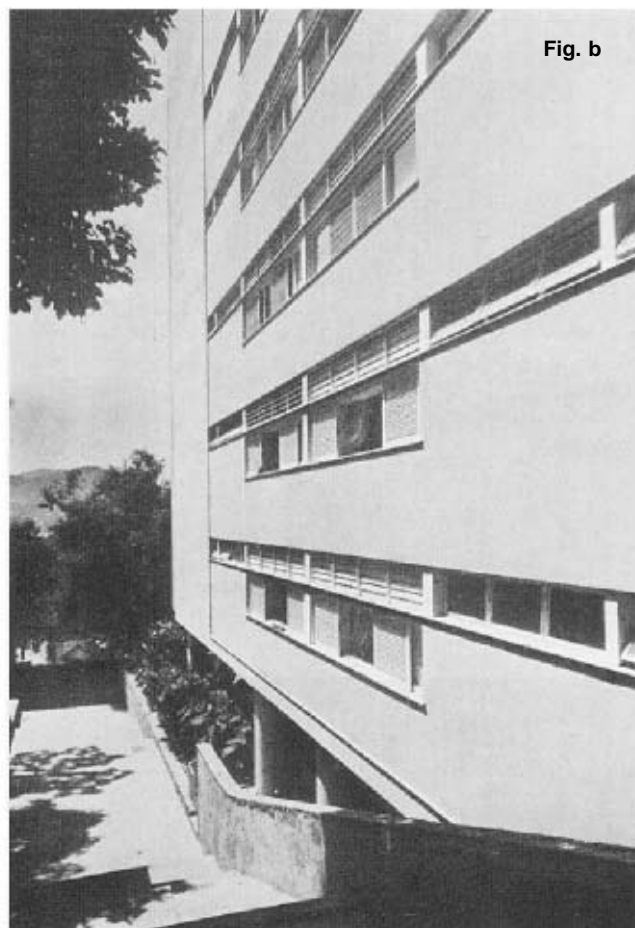


Fig. b



Fig. c

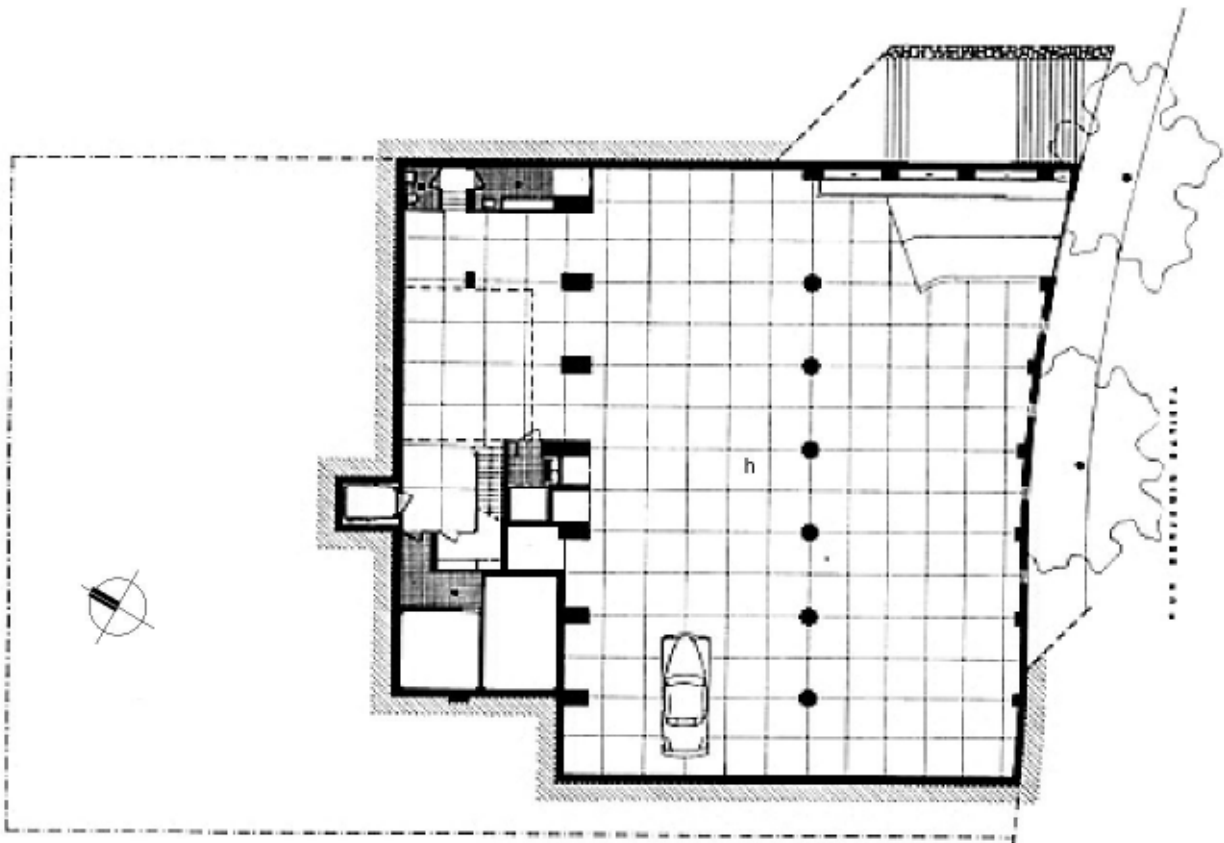


Fig. d Planta Baixa Subsolo
Esc. 1/400

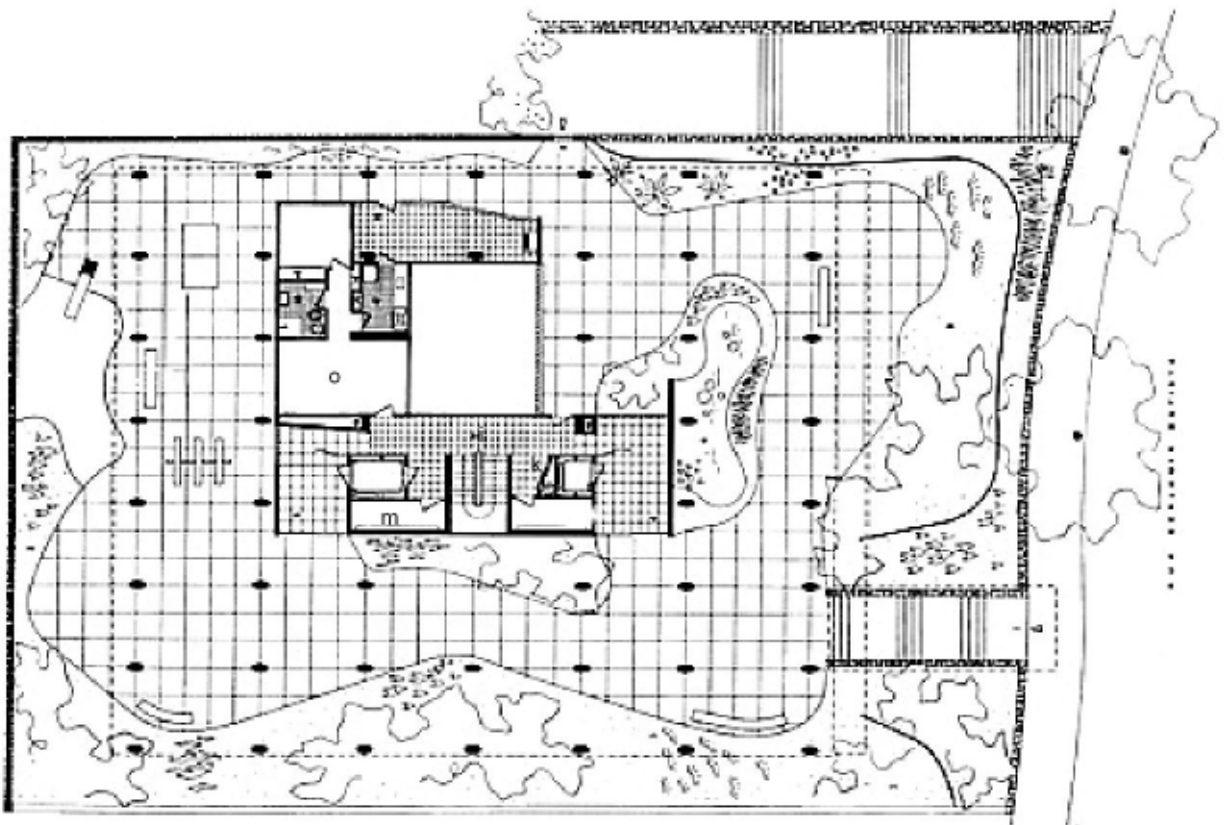


Fig. e Planta Baixa Térreo
Esc. 1/400



Fig. f

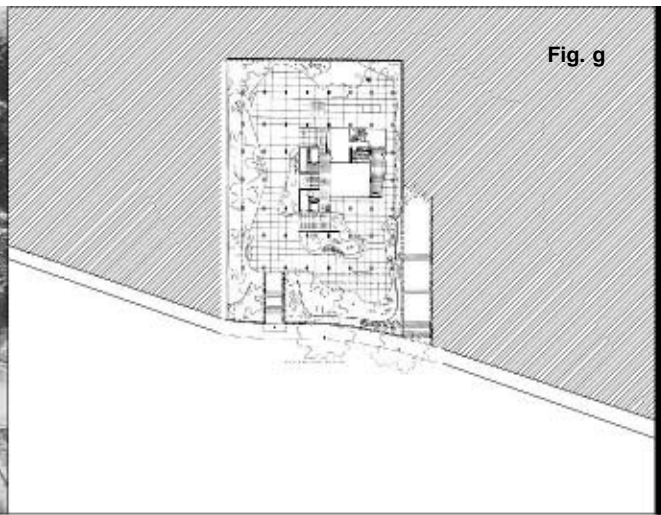


Fig. g

Projeto / Esc.
1946
1952

Área (m²)
284,45
335,80

Número Dorm.
3
dorm.

Classe Social
alta

Tipologia
simplex

Área Serv. (v)
sim
c/ dep.

Coef. Planta
anelar
de uso

N.º de Unidades
24

N.º de Pav. (corros)
6

Coef. Crisp
VII+V
/ III

Família
JM /
el. vaz.

Função C. Corros.
resid.

Forma Corros.
volume
recuado

Função Des.
estar

Forma Base
semi
vazada

Edifício
aparente
interna

Implantação
meio

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 284,45 m²
- Ap.2 A= 293,20 m²
- Ap.3 A= 302,45 m²
- Ap.4 A= 335,80 m²

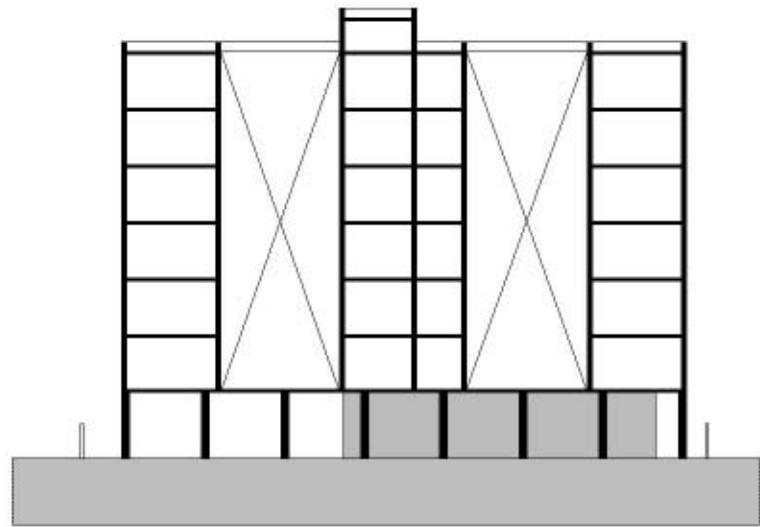


Fig. h Corte Transversal Esc. 1/400

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 10 | Elevador |
| 12 | Balcão |
-
- | | |
|---|----------------|
| h | Estacionamento |
| i | Saguão |
| k | Portaria |
| m | Medidores |
| o | Ap. Zelador |

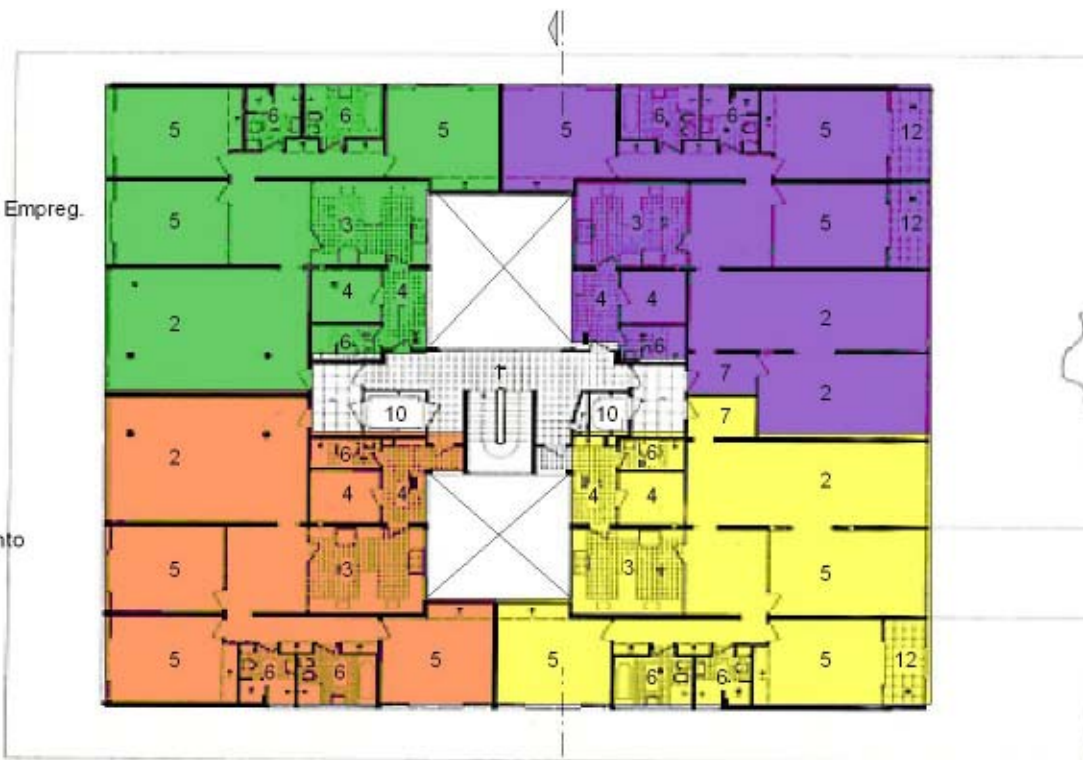


Fig. i Planta Baixa Pavimento Tipo Esc. 1/400



Ed. residencial Louveira, 1946/50

Vilanova Artigas

Praça Vilaboim esq. rua Piauí
Higienópolis

São Paulo, SP

O acesso principal ao prédio, tombado e em perfeito estado de conservação, dá-se pela esquina, e os acessos de serviço e de veículos ocorrem nos extremos do amplo lote de aproximadamente 35m x 45m. Os dois blocos estão recuados das divisas e possuem a mesma orientação solar, voltando uma empena cega para a praça Vilaboim.

O conjunto apresenta duas barras altas, de sete pavimentos, dispostas paralelamente, gerando um pátio interno / local de convívio que, ao mesmo tempo que separa a edificação da rua Piauí, traz uma ligação forte com a praça que se desenvolve na outra frente do terreno. Uma rampa sinuosa faz a ligação entre os dois blocos e define um dos bordos do pátio interno.

O pavimento-tipo é idêntico nos dois blocos, contendo dois apartamentos em cada barra, mas a sensação de um andar a mais no bloco mais distante da rua Piauí ocorre devido à ocupação do pavimento térreo por um apartamento a mais, que é possibilitado pela declividade do terreno. Os blocos não apresentam apartamentos de cobertura, tendo somente a superestrutura acima deles e o coroamento é marcado através do prolongamento da laje do último pavimento. Os pavimentos térreos contêm um apartamento padrão de 144m² e, o bloco contíguo à rua Piauí apresenta uma escada que se desenvolve desde o acesso na esquina, e o outro, um apartamento de zelador. São ao todo 26 apartamentos-tipo. Em termos de ventilação e iluminação o projeto está muito bem estruturado, tendo apenas um banho com ventilação indireta, feita através da área de serviço. As unidades, de tipologia simplex, possuem dependência de empregada completa e três dormitórios. O térreo do edifício apresenta área aberta com pilares aparentes e um apartamento-tipo. A estrutura é interna às paredes nas unidades, exceto na parte de estar, onde um pilar pode ser percebido. Apesar do apartamento no pavimento térreo, a percepção é de um ambiente mais vazado do que realmente o

“Avoiding the conventional arrangement along the two street fronts, the plan leaves the two units completely separate with no enclosed court, and a large garden and turn-around patio between them.”

(Mindlin, 1956, p.94)

é.

O tratamento dos planos envolventes mostra a fachada principal composta por elementos (lineares) dispostos tanto no sentido vertical quanto no horizontal. O tratamento sugere uma fachada composta, onde a repetição das bandas vazadas cria um plano um pouco recuado composto por elementos lineares (montantes verticais) levemente projetados em relação ao plano, onde correm, nos dois extremos dessa fachada, painéis venezianados que guilhotinam. Assim, as linhas das bordas de lajes, que iludem ser salientes, em função da profundidade dos elementos que funcionam como fundo, não passam do alinhamento do bloco. A relação de profundidade e dimensão entre esses elementos demonstra que se tratam de duas grelhas unidirecionais que se desenvolvem em direções perpendiculares e não configuram uma grelha bidirecional. De fato, revelam espaços retangulares – mas não monodirecionais – entre essas duas séries de elementos lineares que contem, em alguns momentos, elementos deslizantes no sentido vertical que funcionam como proteção solar.

A fachada posterior não guarda nenhuma semelhança com a outra, analisada anteriormente. Seu tratamento é de uma fachada aumentada por elementos protuberantes que se repetem em todos os pavimentos e são indentados, ao invés do usual recurso dos elementos lineares, inclusive da sua oposta, que fica paralela à essa, no pátio central do edifício. Ao contrário do que algumas bibliografias comentam, os dois edifícios não estão frente a frente, e, sim, como já se disse, dispostos paralelamente, por isso ocorre a diferenciação das fachadas social e de serviço no pátio central e também por isso a insolação é a mesma – e boa – nos dois blocos. Outras bibliografias também comentam que um edifício tem sete e o outro oito pavimentos, mas o número de pavimentos – incluindo térreo e subsolo – é o mesmo, o que diverge é o número de pavimentos-tipo (seis num, e sete noutro).

Implantação
Esc. 1/1250

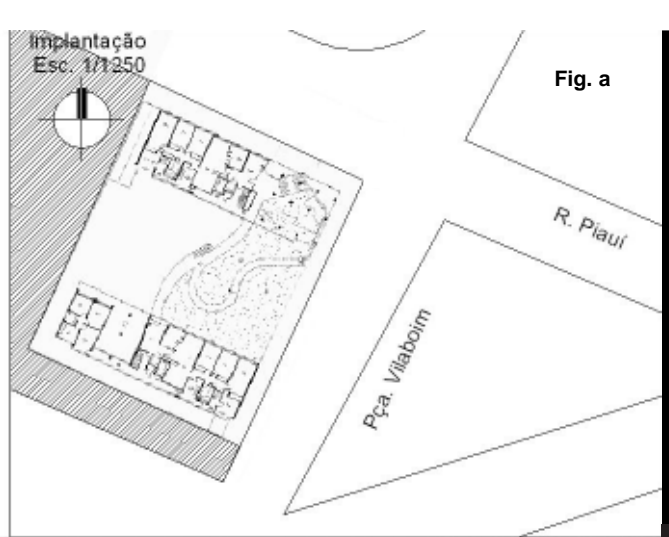


Fig. a



Fig. b



Fig. c

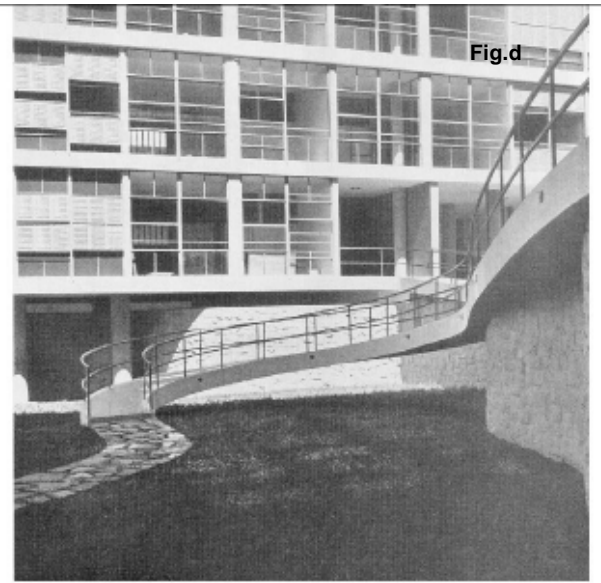


Fig. d

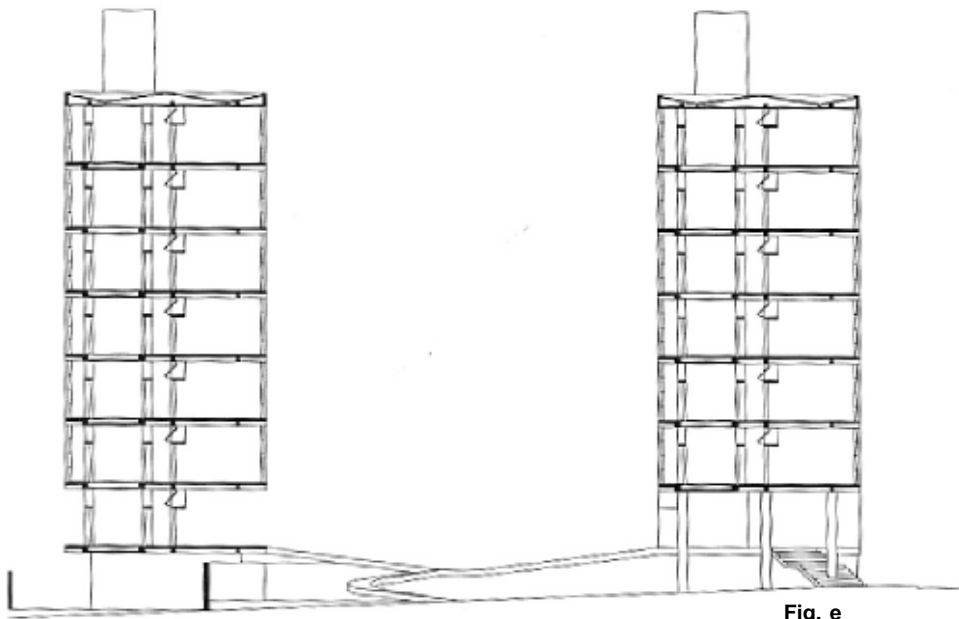


Fig. e

Corte Transversal
Esc. 1/400



Fig. f



Fig. g



Fig. h

Térreo
Esc. 1/400

LEGENDAS:

 Ap.1 A= 144,00 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 A. Serv./Dep. Empreg.
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 7 Vestibulo
- 10 Elevador

- i Saguão
- n Depósito de Lixo
- o Ap. Zelador

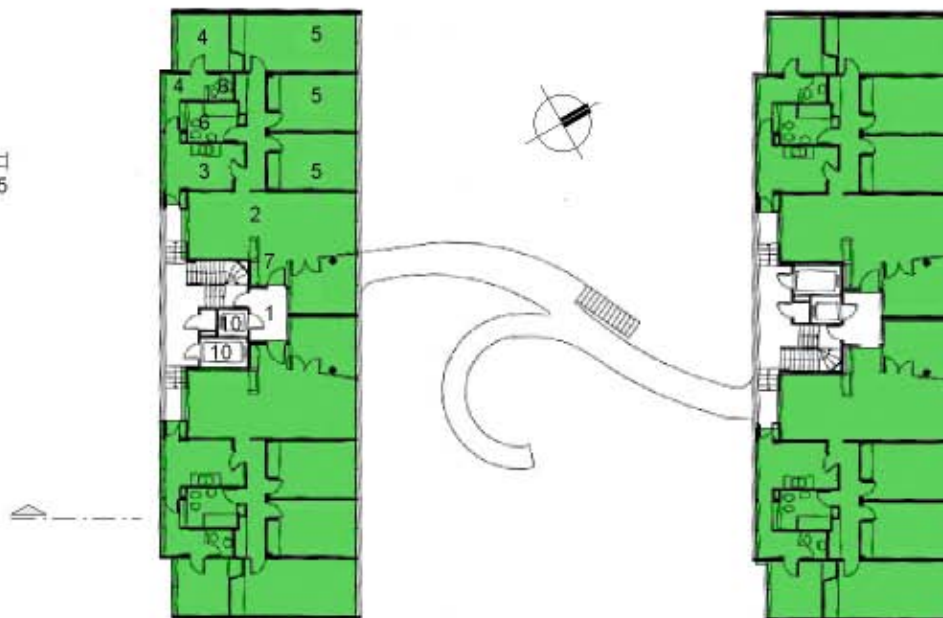


Fig. i

Pavimento Tipo
Esc. 1/400

Projeto (A. Esc.)	1946 1950
Área (m ²)	144,00 144,00
Número Doms.	3 dom.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	linear de uso
Nº. de Unidades	15 (X2)
Nº. de Pav. (corpo)	7
Config. Copo	IX / V*
Forma	paulista
Função Coroa.	super estrut.
Forma Coroa.	sem coroa.
Função Base	resid. e zeladoria
Forma Base	semi fechada
Estímulo	aparente aparente
Representação	esquina

O edifício, encomendado pelo Instituto de Pensão dos Servidores do Estado (IPASE), é construído em um terreno acidentado na enseada do Botafogo e constituído por dois blocos laminares ligados por um volume independente que encerra a função de circulação vertical e funciona como uma espécie de nó de ligação do conjunto. A disposição em três blocos, ao invés de uma barra única, absorve a inclinação do terreno.

Volumetricamente, o conjunto é constituído de uma barra laminar fragmentada, sua configuração é laminar simples de circulação. Na barra, os apartamentos são duplex e a circulação está disposta nos dois níveis, apesar das paradas de elevador acontecerem em um só.

A entrada do edifício é demarcada por uma marquise curva que se prolonga a partir do volume de circulação vertical. O térreo, vazado, apresenta pilotis, e o edifício não apresenta função na cobertura, que é composta apenas pela superestrutura da edificação. O coroamento é feito pelo prolongamento da laje de cobertura e não tem nenhuma outra marcação além dessa.

O Júlio Barros Barreto apresenta um bloco maior com dez unidades duplex por pavimento e outro com 6 unidades um pouco menores. As unidades possuem excelente ventilação e iluminação, característica do uso dessa tipologia. Os apartamentos possuem dependência de empregada no nível inferior, junto a área social, e os dormitórios ocorrem no pavimento superior. A estrutura não é aparente nas unidades, sendo visível apenas no pavimento térreo.

O bloco de dez pavimentos sobre pilotis apresenta uma malha que define cada uma das unidades duplex, representando uma estrutura de apenas cinco pavimentos. O outro, também com dez pavimentos, mas defasado em função do desnível do terreno, compreende as unidades de tamanho maior. É interessante o recurso utilizado de inclinação das barras e diferenciação do tratamento da parte interna das *loggias* nos dois volumes, para que a sensação externa seja de que os apartamentos tenham igual tamanho.

“In these apartments (built for employees of one of retirement and pensions funds which are the basic elements of the system of workers’ insurance and social welfare in Brazil) a special effort was made to combine cross ventilation and double exposure in each dwelling unit along with the requirements already mentioned: keeping the service circulation apart from the main circulation.”

(Mindlin, 1956, p.88)

Sua elevação principal é um exemplo típico de fachada planar virtual, formada por uma grelha que apresenta elementos reentrantes. As reentrâncias têm um ritmo contínuo, de modo que a sensação é de uma grelha que forma um plano virtual na casca do volume. Elementos lineares horizontais marcam os peitoris das *loggias* formadas pelas reentrâncias no volume, num plano mais interno ao quadro que emoldura as unidades. Por serem duplex, a composição apresenta esse grão maior que o comum nos edifícios de apartamentos, e certamente é devido a isso a relação que se faz desse prédio com a unidade de habitação de Le Corbusier, embora essas unidades não apresentem o mesmo tipo de tratamento, com o exemplar internacional revelando elementos interpostos na parte central do “favo” que aqui não aparecem, além de uma série de outros elementos compositivos que alternam ritmo e criam rotações e inversões que aqui não ocorrem, deixando essa fachada pura, marcada apenas pelo quadro externo às unidades.

As *loggias* de dupla altura nas fachadas podem fazer alguma referência às unidades de habitação, aos desavisados, mas, como comenta Calovi (1993, p.85), as unidades de Le Corbusier acabavam de ter seu projeto concluído, cuja obra só estaria pronta em 1952; assim, nenhuma afirmação precisa da relação entre as duas edificações pode ser feita. Além disso, esse edifício é monofuncional, ao contrário da unidade, e tem a cobertura sem função e o térreo com função de estar, justamente ao contrário do modelo francês.

A fachada posterior recebe tratamento nitidamente brasileiro, com diferenciação de texturas dispostas de forma cruzada na fachada. É nesse trecho que se evidencia o elemento vertical que une os dois fragmentos da barra. O tratamento do plano apresenta, em uma das elevações, uma composição de faixas e pontos dispostos de forma a criar uma alternância de linhas com elementos isolados que falham a cada ocorrência de uma linha, gerando cruzes. Na outra, ocorrem simplesmente os elementos lineares dos corredores de acesso da torre de circulação vertical aos blocos.

“Les accès verticaux concentrés sur la partie plate du terrain sont des éléments de liaison entre les blocs.”

(L’Architecture d’Aujourd’hui, Brésil, ago 52)

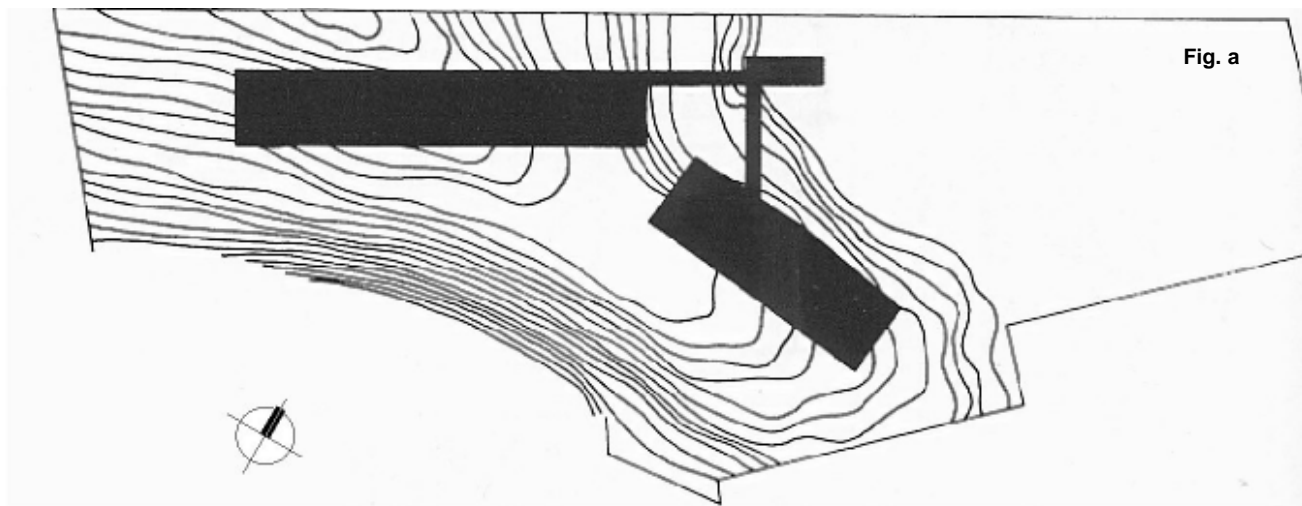


Fig. a

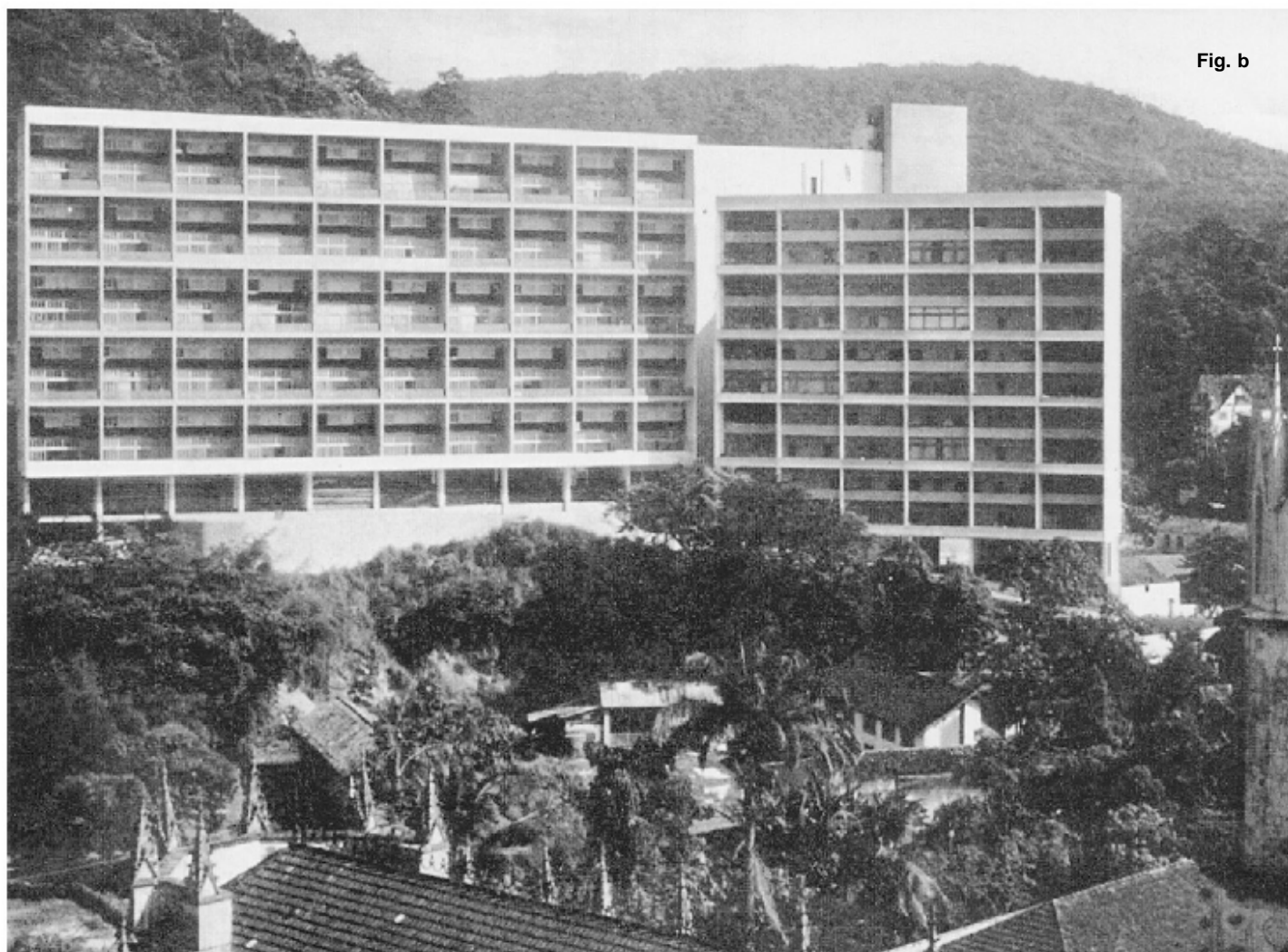


Fig. b

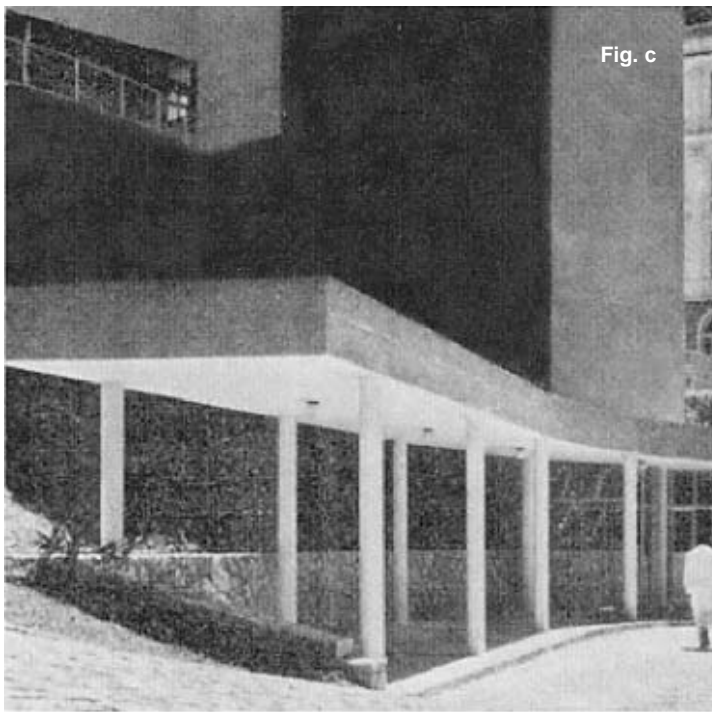


Fig. c



Fig. d

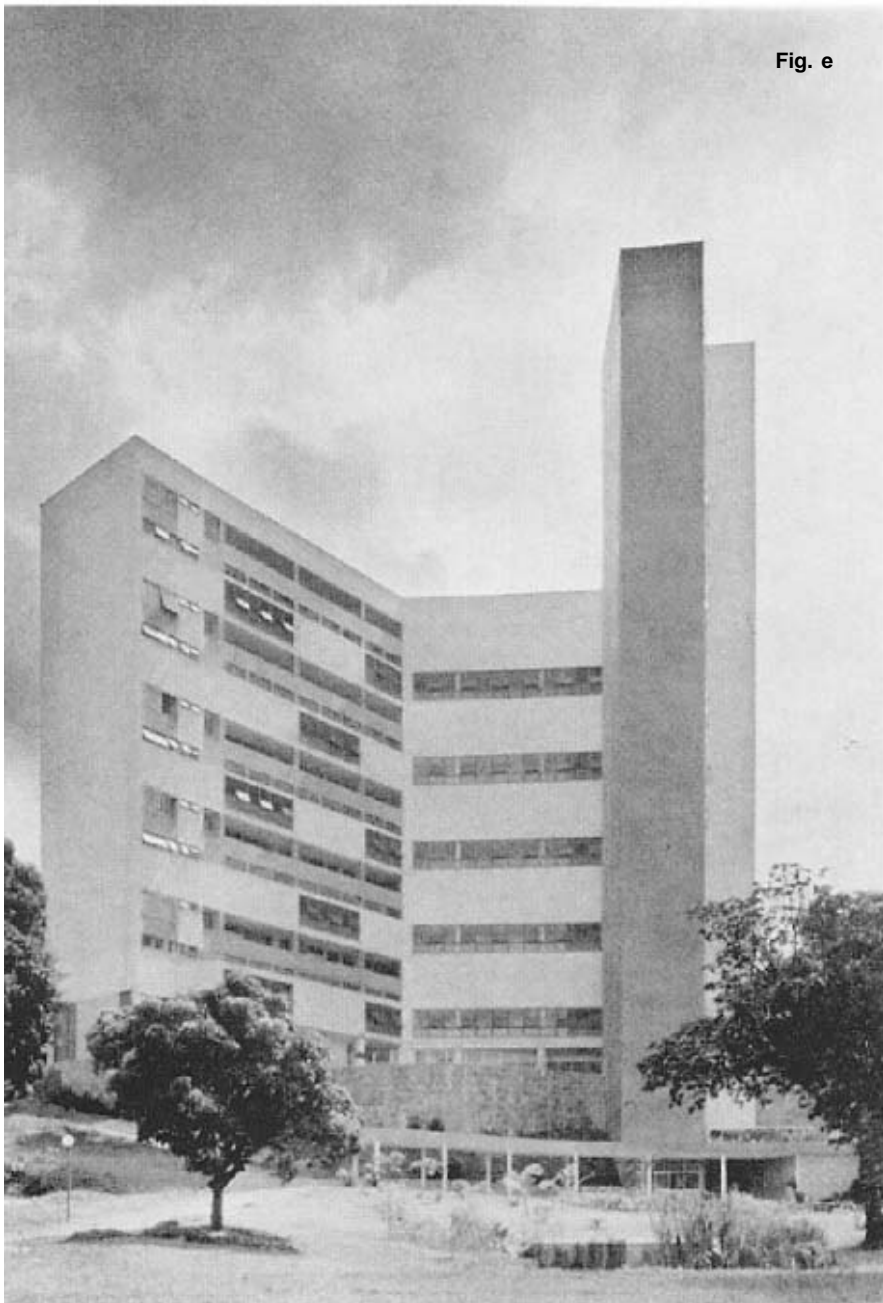


Fig. e

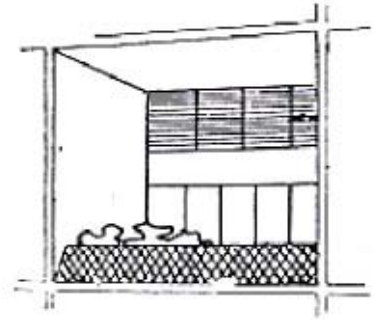


Fig. f

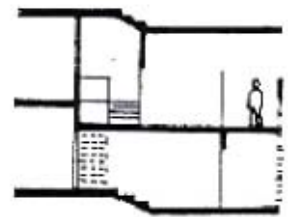


Fig. g

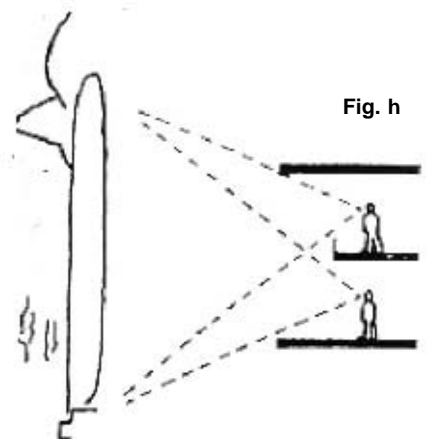
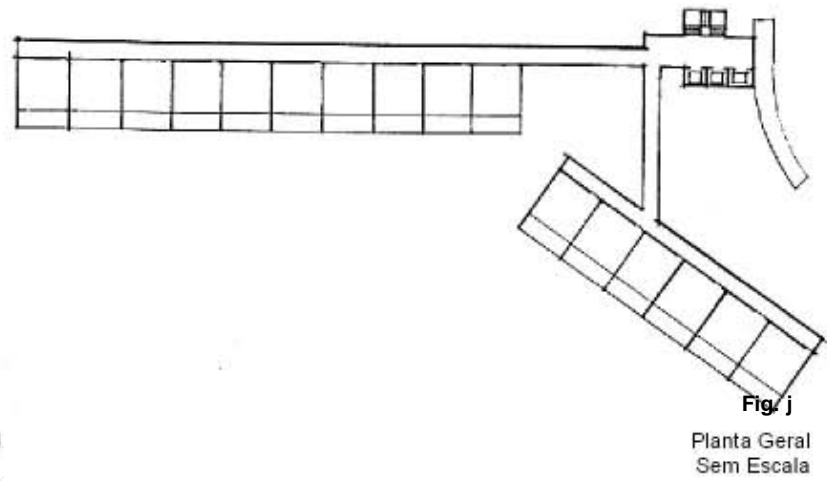
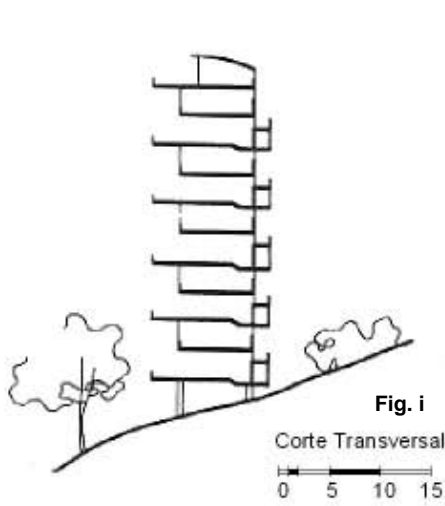


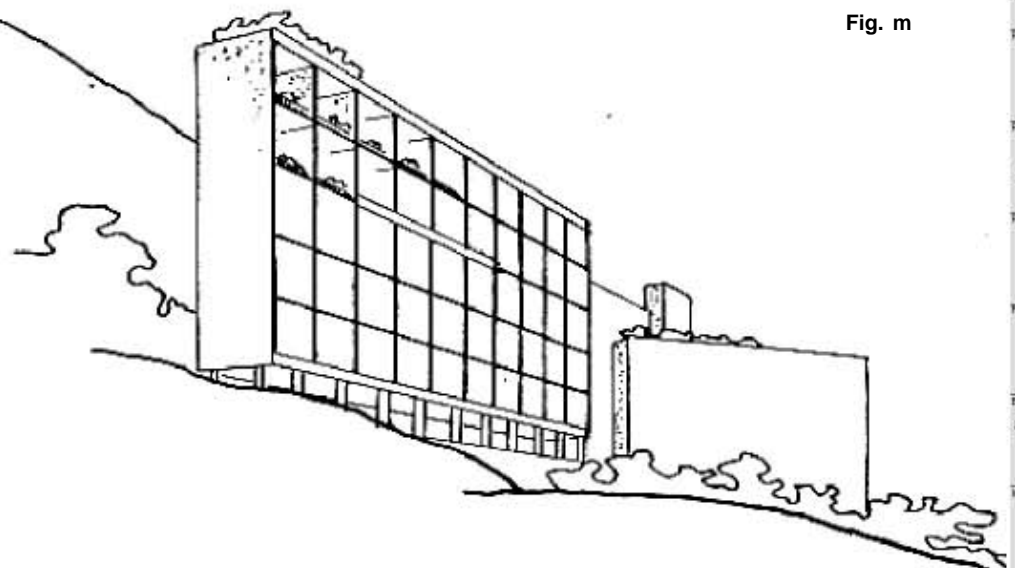
Fig. h



LEGENDAS:

- Ap.1 A= 119,95 m²
- Ap.2 A= 134,00 m²

- | | |
|---|-----------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | Área de Serviço |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |



Projeto Exec.	ND
1947	
Área (m ²)	119,95
	134,00
Número Units	3
	dorm.
Classe Social	média
Tipologia	duplex
Área Serviço	sim
	c/ dep.
Corrig. Planta	linear
	de circ.
Nº. de Unidades	50
	+ 30
Nº. de Pav. (corpo)	5 (X2)
Corrig. Corpo	VIII /
	III com I
Família	MMM /
	el.vaz.alt.
Função Coroa.	super
	estrut.
Forma Coroa.	sem
	coroam.
Função Base	estar
Forma Base	vazada
Estrutura	aparente
	interna
Implantação	super
	quadra

Conj. res. Vila Guiomar, ND/1949
Carlos Frederico Ferreira

Santo André, SP

A implantação do conjunto em uma parcela urbana da cidade de Santo André, no ABC paulista, revela a existência de habitações multifamiliares dispostas na parte mais periférica do conjunto, além de residências unifamiliares que ocupam a parte central da área. Próximo a essas unidades – tanto uni quanto multifamiliares – estão dispostas áreas verdes, destinadas a parques e praças. Os blocos são dispostos paralelos uns aos outros, em contraposição à sinuosidade das vias, o que parece ser influenciado pelo movimento moderno racionalista e pelas cidades-jardim.

O conjunto é formado por barras baixas lineares de apartamentos que têm como característica a configuração linear de uso, com circulação polinuclear. Os blocos laminares apresentam térreo vazado com canchas de areia e acesso aos núcleos de circulação vertical – normalmente três por edificação. O corpo é de apenas três pavimentos, e os balcões alinhados com o bloco conferem, associados à diferenciação de texturas nesses intervalos, um interessante jogo de cheios e vazios aos blocos.

Os blocos possuem três pavimentos-tipo e pilotis vazados com área destinada, principalmente, ao estar. Os apartamentos são destinados a classe operária e têm três dormitórios com área aproximada de 70m² com sacada e um banheiro. A ventilação é cruzada e a iluminação de todas as peças é direta. Os blocos são cobertos por telhados de quatro águas e não apresentam apartamentos de cobertura ou volumes aparentes. Cada núcleo dá acesso a seis unidades, duas por pavimento. O conjunto todo é composto por 1.411 unidades.

As fachadas desses blocos diferem umas das outras, mas são compostas, basicamente, por elementos lineares horizontais que se desenvolvem em toda sua extensão.

O bloco mais referido nas publicações (fig.b) apresenta a fachada principal planar mista, formada pela alternância de

“The apartments are grouped in three-story blocks raised on pilotis with a staircase for each two units. The area underneath the block is arranged as a playground with a sandbox in the middle. The laundry sinks in this area are only for emergency use.

This project is typical of the best standard practice prevailing among the social insurance and welfare institutes.”
(Mindlin, 1956, p.118)

elementos opacos e translúcidos, dispostos em bandas horizontais, associados a elementos reentrantes que vazam o volume de maneira seqüencial e aproximada, criando uma fachada planar composta. Os elementos horizontais dessa fachada alternam cores claras e escuras, e no primeiro pavimento-tipo a banda horizontal não alterna a cor e é escura em toda a sua extensão. Nos demais, a parte escura delimita a área que apresenta as reentrâncias no volume. No segundo pavimento surgem elementos verticais que marcam essa troca. A platibanda do bloco apresenta os mesmos atributos da parte clara, reforçando a sensação dos balcões integrados ao bloco, escavados em alto-relevo e fortalecendo, ainda, a presença de um coroamento em forma de platibanda, ainda que seja essa a forma mais simples de terminação que vamos encontrar nos exemplares modernos, mas reforçando a idéia da tripartição do volume.

A fachada posterior desse bloco não relaciona as imagens com as plantas; enquanto as imagens mostram elementos protuberantes no sentido horizontal que não são indicados na planta do pavimento-tipo, o desenho dá a sensação de que deveríamos estar frente a três elementos verticais protuberantes associados a fachadas lisas esburacadas pontualmente. De qualquer maneira, o que podemos observar na imagem (fig. c) é uma situação de fachadas aumentadas por elementos protuberantes e não fachadas planares compostas por esses elementos, uma vez que apesar da serialização dos balcões fica faltando um fechamento para o conjunto no pavimento superior, que poderia ter sido feito até mesmo com o telhado, se a intenção do autor do projeto fosse a de ter um bloco de volumes apostos à fachada que a partir de sua serialização gerasse um maciço.

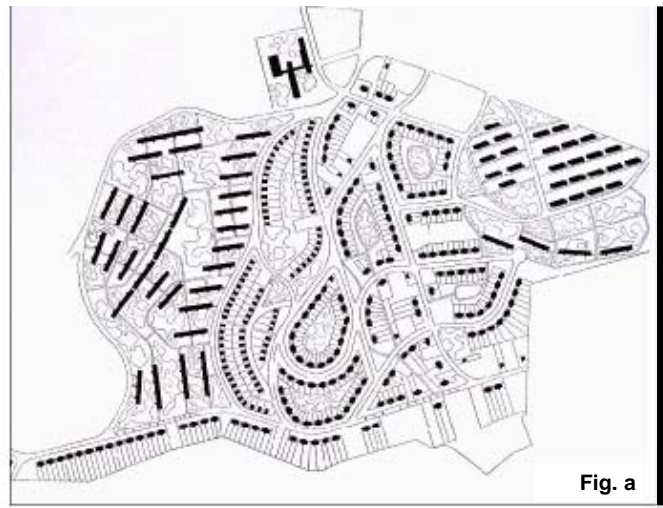


Fig. a

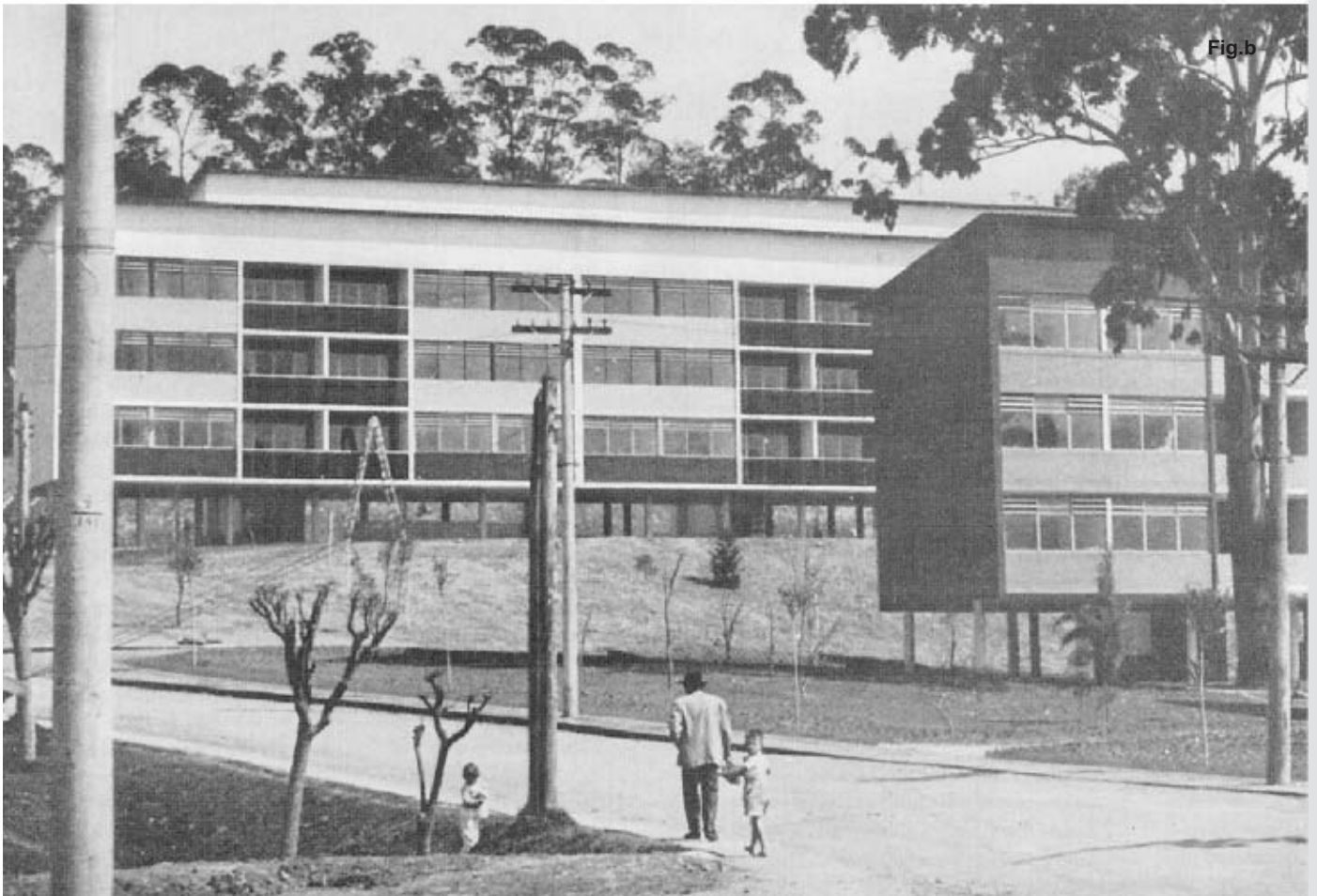


Fig.b

Fig. c

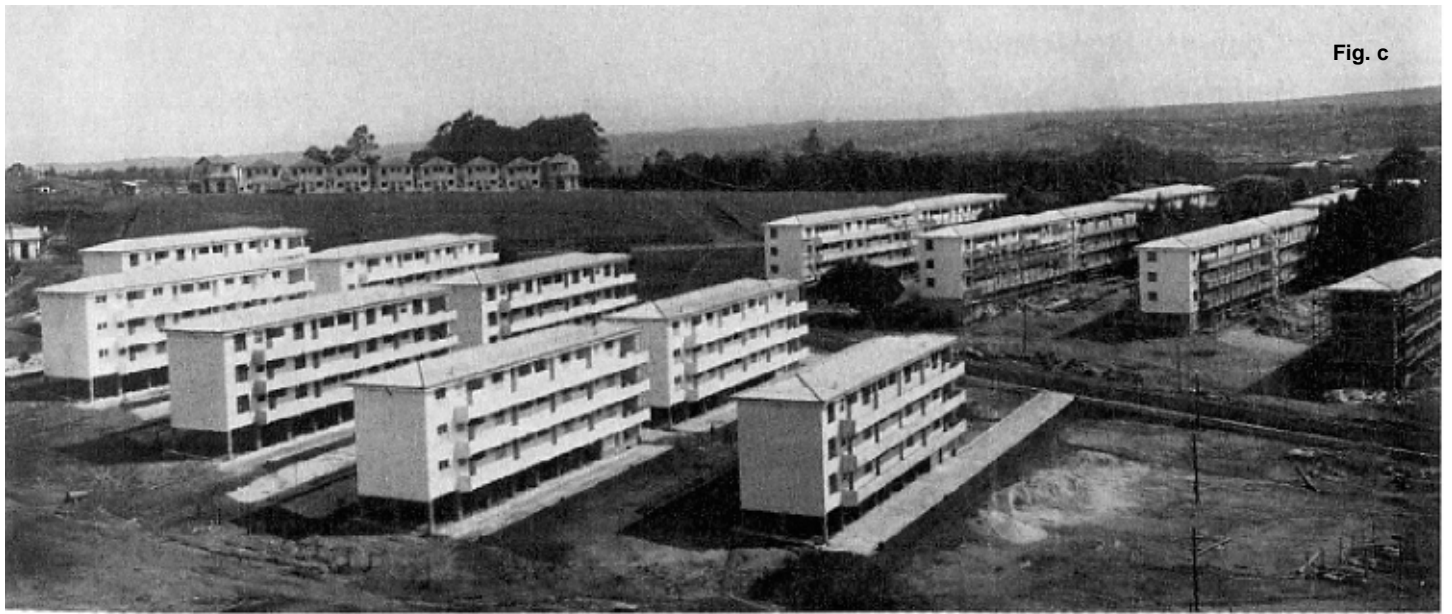


Fig. d

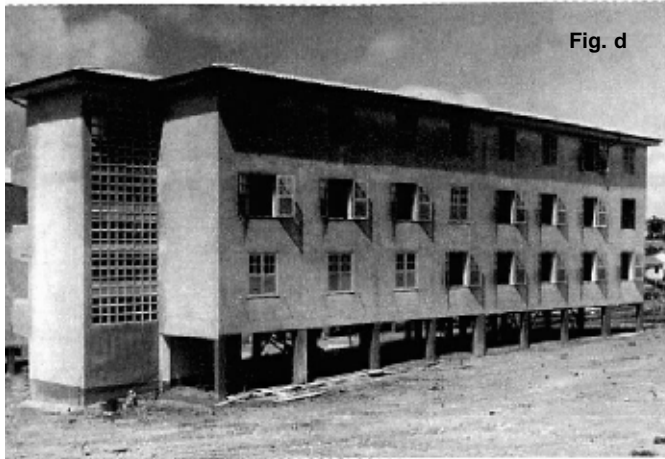


Fig. e



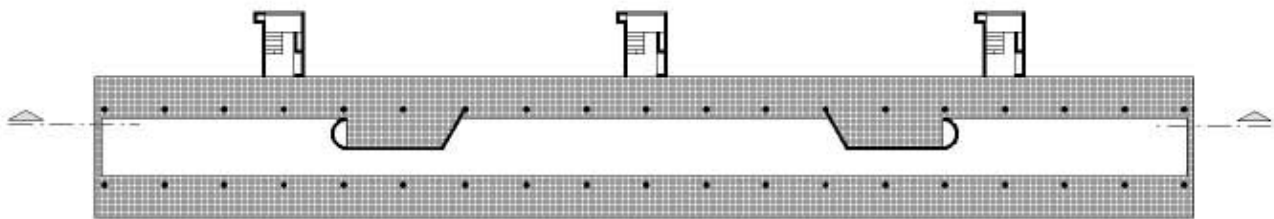
Fig. f



LEGENDAS:

Ap.1 A= 68,60 m²

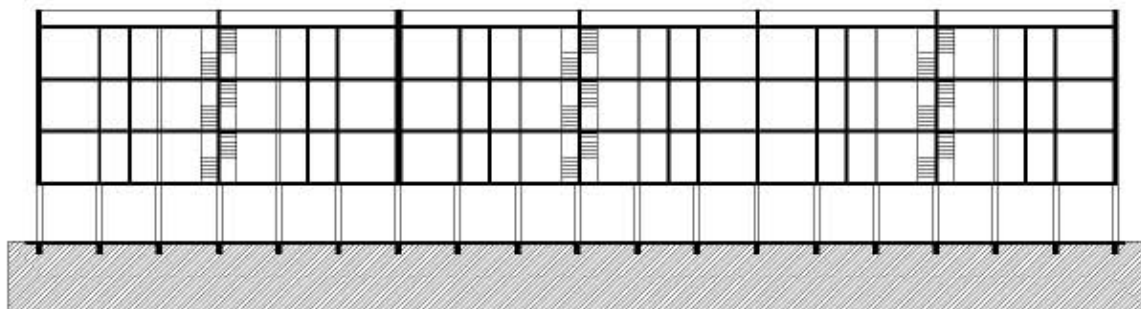
- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 5 Dormitório
- 6 Banho



Térreo
Esc. 1/400 Fig. g



Pavimento Tipo
Esc. 1/400 Fig. h



Corte Longitudinal
Esc. 1/400 Fig. i

Projeto / Esc.	ND 1949
Área (m ²)	68,60 68,60
Número Quartos	3 dorm.
Classe Social	baixa
Tipo Loge	simplex
Área Serviço	no condom.
Config. Planta	linear de uso
Nº. de Unidades	18
Nº. de Pav. (tempo)	3
Config. Corpo	V / I+VI ou I+Ø
Forma	conj. hab. altern.
Função Constr.	super estrut.
Forma Constr.	plati- banda
Função Base	estar
Forma Base	vazada
Estilismo	aparente interna
Implantação	super quadra

Como se viu, as edificações exemplares projetadas nesse período se localizam, principalmente, no Rio de Janeiro, estando em São Paulo apenas o edifício Louveira e o conjunto residencial Vila Guiomar. As encomendas da época são basicamente de conjuntos habitacionais, encomendados por institutos de pensão e pela Prefeitura do Rio – no caso do Pedregulho. Os edifícios Antônio Ceppas e Júlio Barros Barreto, no Rio de Janeiro, e o edifício Louveira, em São Paulo, são os exemplares do período destinados à classe média, sendo os demais para a classe inferior. Apesar do estigma de uma arquitetura para os ricos, ao contrário do que se seria de esperar, nenhum exemplar desse período atende a essa classe.

Os projetos para conjuntos habitacionais são implantados em áreas suburbanas, e os outros, destinados à classe média, são inseridos na malha urbana, com lotes variando de tamanho. O edifício Júlio Barros Barreto é implantado em um sítio de dimensões avantajadas e de declividade muito acentuada, e os edifícios Ceppas e Louveira inseridos em lotes mais tradicionais, com terrenos de tamanhos menores e formas mais padronizadas, retangulares.

A implantação desses projetos no terreno se dá de forma solta, não aparecendo nenhum colado junto às divisas, nem edifícios inseridos em lotes de pequenas proporções. Os três blocos residenciais projetados para o Pedregulho estão dispostos livremente, alternados com os outros elementos existentes no conjunto, enquanto no Vila Guiomar os blocos multifamiliares são baixos e similares, formando barras polinucleares com duas, três

e até quatro circulações verticais, dispostos paralelamente uns aos outros se adaptando ao desnível existente. De maneira semelhante a esse caso, o edifício Louveira apresenta dois blocos dispostos paralelos um ao outro (e não um de frente para o outro), respeitando as vantagens da orientação solar proveniente dessa localização, descartando possibilidades de edifícios dispostos perpendicularmente em um lote de esquina, como seria de se esperar. O arquiteto coloca os dois prédios paralelos à rua Piauí, diferindo apenas no tratamento do pavimento térreo, para adaptação ao terreno, que apresenta uma praça central para absorver a declividade. O acesso principal de pedestres é feito pela esquina. Diferente do edifício Júlio Barros Barreto, o Antônio Ceppas chega muito perto das divisas, devido ao tamanho do lote. Assim, enquanto um tem sua implantação condicionada a fatores topográficos, o outro respeita normas de plano diretor. Pode-se perceber, ainda, que a diferenciação entre as classes sociais não influencia o arquiteto na maneira de implantar os edifícios.

Volumetricamente, as edificações projetadas nesses anos que compreendem o período de Consolidação pertencem à classificação das barras, excetuando-se o caso do edifício Antônio Ceppas que, como já foi explicado na sua análise separada, pode ser considerado uma torre de baixa altura. Os blocos baixos configuram barras baixas com ou sem térreo vazado e os blocos altos vão mostrar barras médias fragmentadas, no caso do Júlio Barros, ou barras altas, como o Louveira e o Pedregulho C.

A análise das bases desses edifícios mostra que ao contrário dos exemplos internacionais, normalmente

os exemplos nacionais se caracterizam por edificações com o térreo vazado, ou semi vazado, expondo a estrutura desse pavimento. Mesmo quando o pavimento é parcialmente ocupado, como no caso do edifício Louveira, que apresenta apartamentos térreos, os pilotis são aparentes em alguma porção importante – nesse caso a esquina e o subsolo – para enfatizar a diferenciação entre o corpo e a base da edificação. Os outros edifícios apresentam a base livre. A sucessão de pilares é feita de forma simples e a colunata de dupla altura aparece apenas no bloco C do Pedregulho. Em função do desnível do terreno, pilares de dupla altura também aparecem em alguns trechos do edifício Louveira, mas nunca em toda a sua extensão.

Nenhum dos casos apresenta função comercial em suas bases, e na maioria dos casos essa área é destinada a estar, funcionando como uma espécie de varanda das edificações. A exceção é feita ao edifício Louveira, em que parte do pavimento térreo é aproveitada para apartamentos idênticos ao do pavimento-tipo, mas de qualquer forma restam espaços de estar nos pilotis do edifício e a configuração do partido forma uma praça no centro do terreno.

A tipologia dúplex aparece em mais da metade dos exemplares desse período. Enquanto o bloco serpenteante do Pedregulho é misto, apresentando apartamentos dúplex e *simplex*, os blocos B e C do mesmo conjunto habitacional são compostos exclusivamente por apartamentos de dois pavimentos, como no edifício Júlio Barros Barreto. A tipologia exclusivamente dúplex aparece pela primeira vez na arquitetura moderna nesse período. Os demais edifícios

são *simplex*.

No pavimento-tipo a estrutura é interna na maioria dos casos analisados, pilares vão aparecer desnudos apenas na parte de estar do edifício Louveira e nos apartamentos voltados para a lagoa Rodrigo de Freitas, no edifício Antônio Ceppas. Tanto no edifício Júlio Barros Barreto, como nos condomínios habitacionais para população de baixa renda, os pilares são coincidentes com a vedação no interior das unidades.

Aparecem apartamentos de todos tamanhos, desde aqueles com mais de 200m², no Antônio Ceppas, com três dormitórios, até os apartamentos dos edifícios Louveira e Júlio Barros Barreto, também de três dormitórios, mas com aproximadamente 150m². Os apartamentos para as classes baixas são de configurações que variam de *kitchenettes* a quatro dormitórios, mas não ultrapassam os 90m².

Embora apareçam edifícios altos, de até dez pavimentos, há exemplares baixos e desprovidos de elevador. Isso se deve ao fato de muitos prédios tratarem-se de conjuntos habitacionais para população de baixa renda, embora um dos blocos do Pedregulho apresente doze pavimentos, com sistema especial de paradas de elevador intercaladas com rampas para acessar aos pavimentos intermediários. Infelizmente, não chegou a ser viabilizado. Excetuando-se o bloco serpenteante, que tem uma contagem de pavimentos distintas devido à localização intermediária do pavimento térreo, tanto o bloco B desse conjunto, quanto o Vila Guiomar possuem quatro pavimentos. Os blocos altos, destinados a uma população menos carente, são representados pelo

edifício Antônio Ceppas, de oito pavimentos, o Louveira, com um bloco de seis e outro de sete pavimentos-tipo e o Júlio Barros Barreto, com dez pavimentos.

A maioria dos edifícios apresentam fachadas planares; apenas as fachadas posteriores do conjunto vila Guiomar e do edifício Louveira são aumentadas por elementos protuberantes. A fachada planar opaca aparece nas laterais cegas dos edifícios e vai sendo perfurada gradativamente, como na lateral do Ceppas, até passar a uma fachada planar translúcida, que ocorre nas fachadas principais dos edifícios Louveira e Ceppas. O edifício Júlio Barros é o exemplo mais claro de fachada planar virtual, com uma série de elementos reentrantes repetidos com igual distância e grande proximidade. Nas sacadas do Vila Guiomar temos um exemplo não tão enfático, mas igualmente caracterizado, assim como nas elevações de frente e fundos do bloco B e C do Pedregulho. Na porção central do bloco serpenteante do Pedregulho, o rasgo central que divide o bloco em duas partes deve ser lido de maneira diferente, caracterizando esse como uma fachada vazada por um elemento reentrante.

As texturas e materiais estão mais pronunciadas nessa fase. O uso de elementos treliçados no edifício Antonio Ceppas e nos blocos perfurados dos edifícios do Pedregulho marcam uma característica brasileira, já recorrente no edifício residencial desde os blocos do Parque Guinle. Outro elemento que aparece são as tradicionais venezianas no edifício Júlio Barros e esquadrias de guilhotina no Louveira, além dos elementos móveis para ventilação que ocorrem junto às

treliças do Ceppas. A marcação de elementos cruzados nas fachadas está presente mais uma vez, mas agora não em balcões como no Realengo ou no Tapir, e, sim, na diferenciação de texturas. Essa característica aparece nas fachadas posteriores dos blocos A (serpenteante) e C do Pedregulho, na fachada frontal do bloco B e na fachada posterior do Júlio Barros. Em outras fachadas aparecem alternâncias de texturas sem ser cruzadas, mas o jogo de materiais está evidente em muitos casos dos edifícios residenciais.

Os apartamentos de cobertura são pouco freqüentes de 1946 a 1949. Nos conjuntos habitacionais, o topo da edificação não tem função, com exceção do bloco C do Pedregulho. Os edifícios residenciais, como o Louveira e o Júlio Barros Barreto, também não apresentam função no coroamento, que vai apresentar apartamento de cobertura apenas no edifício Antônio Ceppas. Assim, a forma de finalização do corpo do edifício, que caracteriza o coroamento, acontece basicamente com platibanda. Fogem a essa regra o Louveira e o Júlio Barros, que apresentam apenas a laje do último pavimento como coroamento, e o Vila Guiomar, que tem o beiral do telhado como acabamento do corpo da edificação. O volume residencial recuado ocorre no Antônio Ceppas, porém não é possível perceber no nível do pedestre.

A elevação tripartida tradicional, que divide o corpo horizontalmente, não parece ser uma busca desses arquitetos no período. Já a tripartição horizontal, pode ser percebida na fachada do edifício Louveira, nos pilotis do bloco C do Pedregulho, onde ele dispõe os dois blocos

de apoio nas laterais, liberando a parte central, e mesmo na disposição da parte destinada aos tanques de lavar-roupa, na base dos edifícios da Vila Guiomar.

O conjunto residencial Pedregulho, de Eduardo Reidy, juntamente com outros conjuntos habitacionais, serviram como corpo de prova para muitas experimentações dos arquitetos modernos. O Conjunto residencial da Gávea, do mesmo arquiteto, entre outros projetados posteriormente, seguiram os ensinamentos adotados nesses primeiros testes.

O estudo desses anos é importante para consolidar algumas variáveis que ainda estavam dispersas, como a questão da materialidade das fachadas e da diversidade de seus ritmos. Durante essa época, também foram desenvolvidos projetos importantes para a formação dessa escola, projetados no período de Emergência, como é o caso dos Blocos do Parque Guinle. Mas projetos de Oscar Niemeyer e outros arquitetos de edifícios exemplares, só começam a figurar a partir de 1950.

A HEGEMONIA DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA (1950/55)

No período de Hegemonia, Oscar Niemeyer apresenta sete projetos que mostram a Arquitetura Moderna Brasileira adaptando-se tanto à cidade funcional – nos edifícios *Mauá*, em Petrópolis (RJ), e *Hansaviertel*, em Berlim –, quanto à cidade tradicional, nos casos dos edifícios *Eiffel*, *Copan* e *Montreal*, em São Paulo, e *Juscelino Kubitschek* e *Oscar Niemeyer*, em Belo Horizonte.

Os irmãos Roberto têm o encargo, nesse período, de projetar os edifícios *Sambaíba*, *Guarabira*, *Finússia* e *Dona Fátima*, inseridos na cidade tradicional, destacando-se sem concorrer com as pre existências, além dos edifícios para o Parque Guinle (chamados Guinle II e presentes no anexo I), que são executados na parte mais alta do parque, embora não tenham a mesma qualidade projetual dos outros edifícios do escritório e muito menos se comparam à qualidade excepcional do projeto de Lucio Costa.

As obras do conjunto residencial *Pedregulho* são concluídas e, em seguida, Reidy projeta o conjunto da *Gávea*. As colunas já aparecem em “V”, marcando o pavimento de acesso – térreo, no caso dos edifícios *Mauá* e *Hansa*, e intermediário, no *Gávea* – como solução estrutural à redução de apoios e como alegoria à natureza através de pilares que remetem a troncos de árvores.

Em São Paulo ainda aparecem diversos projetos pontuais, propositivos, de arquitetos isolados. É o caso dos edifícios *Paulicéia* e *São Carlos do Pinhal*, de 1955, de Pilon e Gasperini; a quadra dos edifícios *João Ramalho*, de Croce, Aflalo e Candia; o *Edifício Nações*

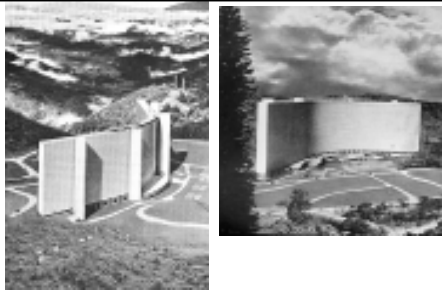
Unidas, de Abelardo de Souza, na avenida Paulista, e o *conjunto Nacional*, de David Liebeskind.

É nesse momento que a arquitetura moderna passa a se propagar pelo país. Assim, são construídos exemplares de extrema qualidade fora do eixo Rio – São Paulo. Em 1950, surge, na capital gaúcha, o edifício *Santa Terezinha*, de Carlos Alberto Holanda de Mendonça, e após, em 1951, o edifício *Jaguaribe*, de Fernando e Luis Fernando Corona. Em 1952, é lançado o projeto do edifício *Esplanada*, do uruguaio Roman Fresnedo Siri, que vai ter concluído seu bloco D somente em 1960.

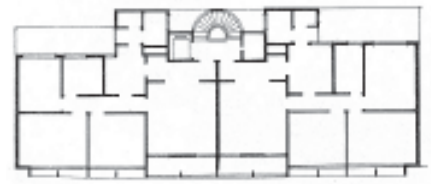
Dentre os casos de arquitetura de divulgação destacados na bibliografia, aparecem os edifícios *Sarzedas* (1950), *Biaçá* (1953), *Helena Maria* (1953), *Califórnia* (1953), *Guinle II* (1954), *Ministro Godoy* (1954), sistematizados no anexo I.

No cenário internacional temos, em 1951, de Alvar Aalto, o edifício *Munkkiniemi*. Em Londres, de Lubetkin, *Dorset Estate* (1953), *Cranbrook* (1955) e *Lakeview* (1955). Mies van der Rohe, apresenta: *Commonwealth Promenade* e *Lake Shore*, 900-910. Além de Niemeyer, na exposição do *Hansaviertel* aparecem os edifícios de Mies van der Rohe e Alvar Aalto. No cenário Latino Americano, surgem prédios de Mario Pani, Sordo e Madaleno, entre outros de menor destaque.

Ed. Mauá, 1950/NE
Oscar Niemeyer
Petrópolis
Rio de Janeiro



Ed. Sta. Terezinha, 1950/ND
Carlos Alberto H. Mendonça
Av. Sen. Salgado Filho, 219
Centro
Porto Alegre



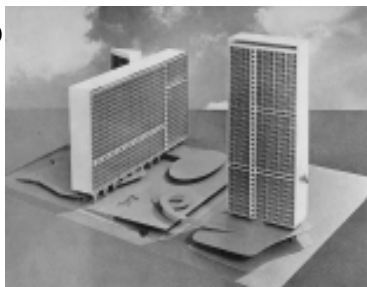
Ed. Copan, 1951/54/70
Oscar Niemeyer
Av. Ipiranga, 200
São Paulo



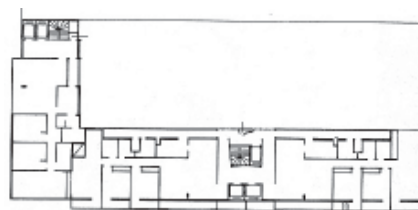
Ed. Montreal, 1951/ND
Oscar Niemeyer
Av. Ipiranga esq av. Cásper
Líbero
São Paulo



Conj. J. Kubitschek, 1951/ND
Oscar Niemeyer
Av. Amazonas, 172
Belo Horizonte



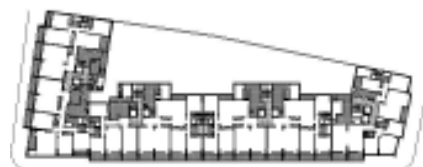
Ed. Jaguaribe, 1951/ND
 Fernando e Luis F. Corona
 Av. Sen. Salgado Filho esq.
 r. Vigário José Inácio
 Centro
 Porto Alegre



Ed. Sambaíba, 1952/ND
 MMM Roberto
 R. Sambaíba, 166
 Rio de Janeiro



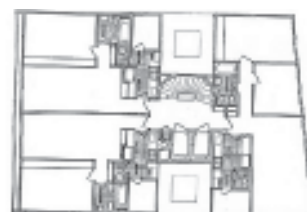
Ed. Esplanada, 1952/ND
 Román Fresnedo Siri
 R. Ramiro Barcelos, esq.
 av. Independência e rua André
 Puente. Independência.
 Porto Alegre



Conj. res. da Gávea, 1952/67/NE
 Affonso Eduardo Reidy
 Av. Pe. Leonel Franca, s/n
 Rio de Janeiro



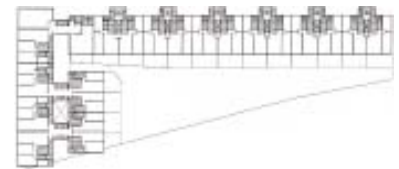
Ed. Lúcio Cardoso, 1953/ND
 Jorge Machado Moreira
 Rio de Janeiro



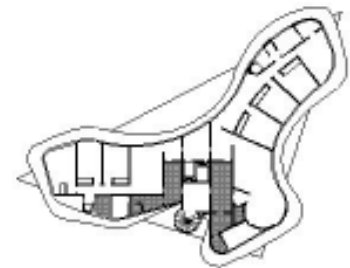
Ed. Guarabira, 1953/ND
MMM Roberto
R. Ferreira Vianna esq. av.
Praia do Flamengo
Rio de Janeiro



Ed. Nações Unidas, 1952/59
Abelardo de Souza
Av. Paulista, 620
São Paulo



Ed. Oscar Niemeyer, 1954/60
Oscar Niemeyer
Praça Liberdade
Belo Horizonte



Ed. Finússia e D. Fátima, 1954/ND
MMM Roberto
R. Barata Ribeiro, 283
Rio de Janeiro



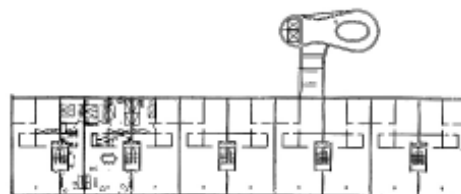
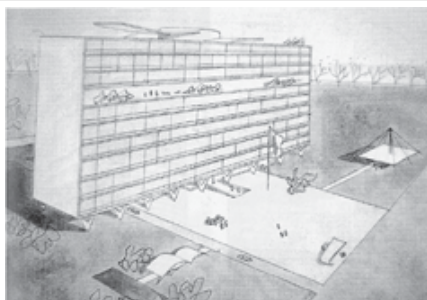
Ed. João Ramalho, 1954/ND
Crocce, Aflalo, Candia
R. João Ramalho esq.
r. Ministro Godoi
São Paulo



Ed. Eiffel, 1955/ND
 Oscar Niemeyer
 R. Araújo esq. r. Marquês
 de Itu.
 Praça da República
 São Paulo



Ed. Hansaviertel, 1955/ND
 Oscar Niemeyer
 Berlim



Ed. Paulicéia, 1955/ND
 Pilon e Gasperini
 Av. Paulista, 960
 São Paulo



Conjunto Nacional, 1955/62
 David Liebeskind
 Av. Paulista esq. r. Augusta
 São Paulo



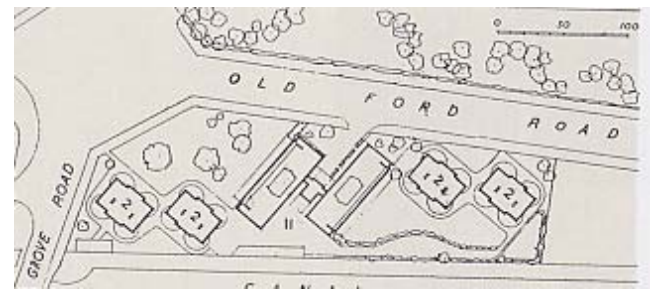
Resid. Munkkiniemi
Alvar Aalto
Helsinki



Dorset Estate
Berthold Lubetkin
Londres



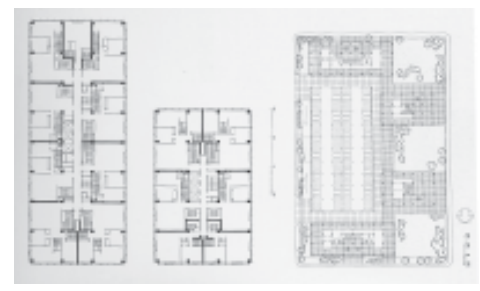
Lakeview
Berthold Lubetkin
Londres



Cranbrook
Berthold Lubetkin
Londres



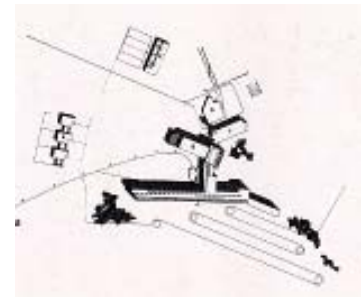
Commonwealth Promenade
Mies van der Rohe
Chicago



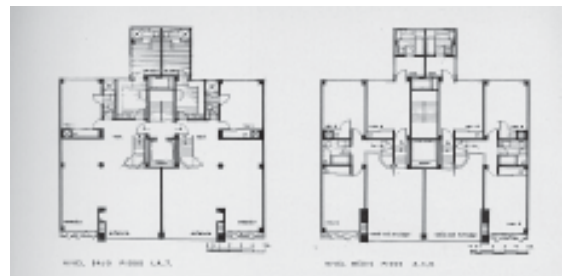
Laffayette Park e Towers
 Mies van der Rohe
 Chicago



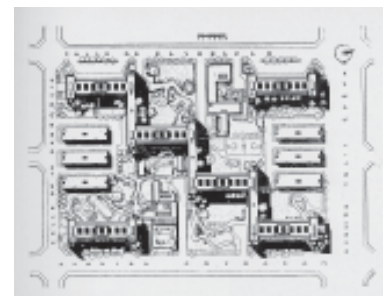
Hansaviertel
 Alvar Aalto
 Berlim



Edifício de apartamentos
 Mario Pani e Sordo Madaleno
 Cidade do México



Conj. Presidente Miguel Alemán
 Mario Pani
 Cidade do México



Edifício de Benito Juarez
 Mario Pani
 Cidade do México, México



Ed. Sarzedas, 1950
Maurício Hachem
Praça Conde de Sarzedas
São Paulo



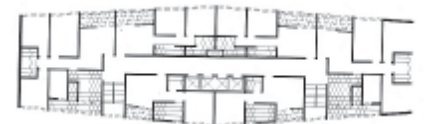
Ed. res. Biaça, 1953
Plínio Croce e Roberto Aflalo
R. Prof. Aristides de Macedo, 177
São Paulo



Ed. Helena Maria, 1953
Oswaldo Bratke
R. Avanhandava, 416
São Paulo



Ed. Califórnia, 1953
Acácio Gil Borsói
Av. Beira-Mar esq. r. Artur Muniz
Recife



Parque Guinle II, 1954
MMM Roberto
R. Paulo César de Andrade, 200,
222, 232, 240, 274, 296
Rio de Janeiro

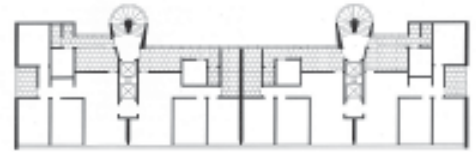


R. Ministro Godoy, 1954

Abelardo de Souza

R. Ministro Godoi esq. r. João Ramalho

São Paulo



Edifício Mauá, 1950/NE
Anexo do Hotel Quitandinha
Oscar Niemeyer

Petrópolis, RJ

O edifício Mauá está implantado em terreno de área não definida, ao lado do Hotel Quitandinha, em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Segundo Papadaki (1956, p. 19), o projeto do anexo do Hotel Quitandinha é o edifício mais gigantesco do nosso tempo. Se tivesse sido construído, suas dimensões superariam em muito às dos edifícios mais monumentais conhecidos, dominando a paisagem e competindo com montanhas e desfiladeiros.

O edifício conforma-se como uma barra linear dupla curva com circulação linear central e intercalada.

A solução adotada contém 5.700 apartamentos com cinco unidades diferentes, em 33 pavimentos, destinados à residência permanente ou transitória, no corpo do edifício. Na sua maioria, os apartamentos têm ventilação cruzada obtida por plantas escalonadas às quais se tem acesso através de um corredor situado em um nível intermediário, tendo as circulações dos pavimentos a cada dois níveis. A ventilação das cozinhas e da maioria dos banheiros é forçada por dutos de ventilação.

Se passarmos um corte pelo edifício, aparecem três esquemas básicos de encaixe das plantas em meios-níveis: nas partes inferior e superior aparecem duas unidades menores, com 19,25m², que apresentam apenas *kitchenette* no lado convexo do edifício e do outro lado, ocupando o dobro dessa área, uma unidade de dois dormitórios, mas também em um nível só e também com acesso pelo mesmo corredor, um apartamento de dois dormitórios que apresenta uma diferença de nível, mas sem sobreposição de andares. Em outra seção da edificação se repetem as unidades *kitchenettes* no lado menor, e no outro aparece uma unidade disposta em dois níveis, com 60m², com a mesma largura da célula básica.

Como base temos pilotis e mais dois pavimentos que agregam as funções comerciais do empreendimento e se diferenciam do grande plano de 33 pavimentos que configura

“This is, perhaps, the boldest single building project in our time. Over a quarter of mile long, a true one-building town, it joins the family of the world’s largest dams and dominates the landscape in competition with such natural elements as mountains and gorges.”

(Papadaki, 1956, p. 19)

o corpo do edifício. A cobertura consiste num terraço-jardim tornando clara, junto à base expandida e ao grande corpo, a configuração tripartida do volume.

Os pilares em “Y” aparecem pela primeira vez, entre os edifícios estudados, no projeto dessa edificação. O caráter inovador desses pilares demonstra conotações naturalistas, e a semelhança com troncos de árvores desses pilares pode ser percebida ao relacionarmos os diferentes croquis do pavimento térreo, que apresentam ora os pilares ora as árvores em forma de Y, ao fundo.

Os planos curvos que envolvem o volume são constituídos por uma grelha bidirecional definida pelas separações entre as células e as lajes dos pavimentos, que chegam até esse mesmo plano. As vedações são recuadas o suficiente para que se perceba esse tratamento. Dessa forma, tanto a fachada côncava quanto à convexa são enquadradas na categoria das fachadas planares virtuais, mesmo que o fechamento interno seja distinto nos lados opostos do volume. As fachadas laterais são cegas, e no lado convexo existem quatro elementos verticais anexos ao volume principal que configuram as torres de circulação dessa edificação.

Embora não exista nenhuma relação visual com a unidade de habitação de Le Corbusier, funcionalmente, esse edifício é o que mais se assemelha a sua proposta de unidades auto contidas. A idéia da vida nesse tipo de unidades está nitidamente presente nessa edificação, distante da cidade do Rio de Janeiro, que possibilitaria o edifício-cidade, através de uma base única com todas as funções necessárias para o bem-viver. Uma diferença importante dos dois projetos, é a parte comercial, disposta no térreo da edificação brasileira, que propicia serviços e comércio para toda a cidade, ao invés da proposta de Le Corbusier da rua interna ao edifício. Outra questão que os diferencia são suas dimensões, que em muito superam o exemplar internacional.

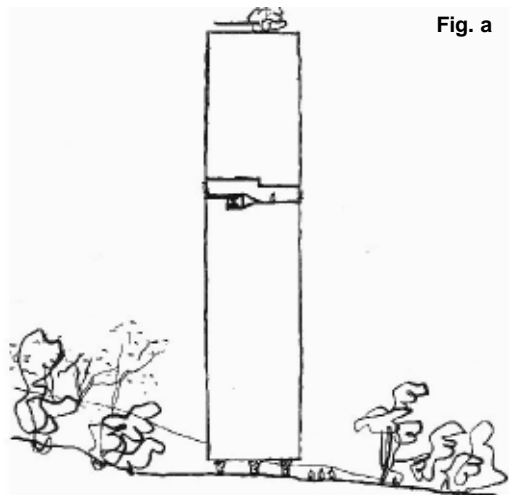


Fig. a

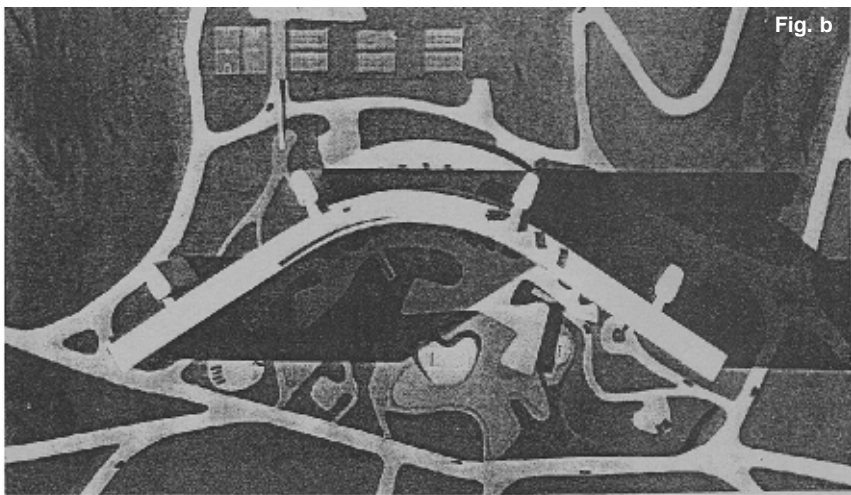


Fig. b

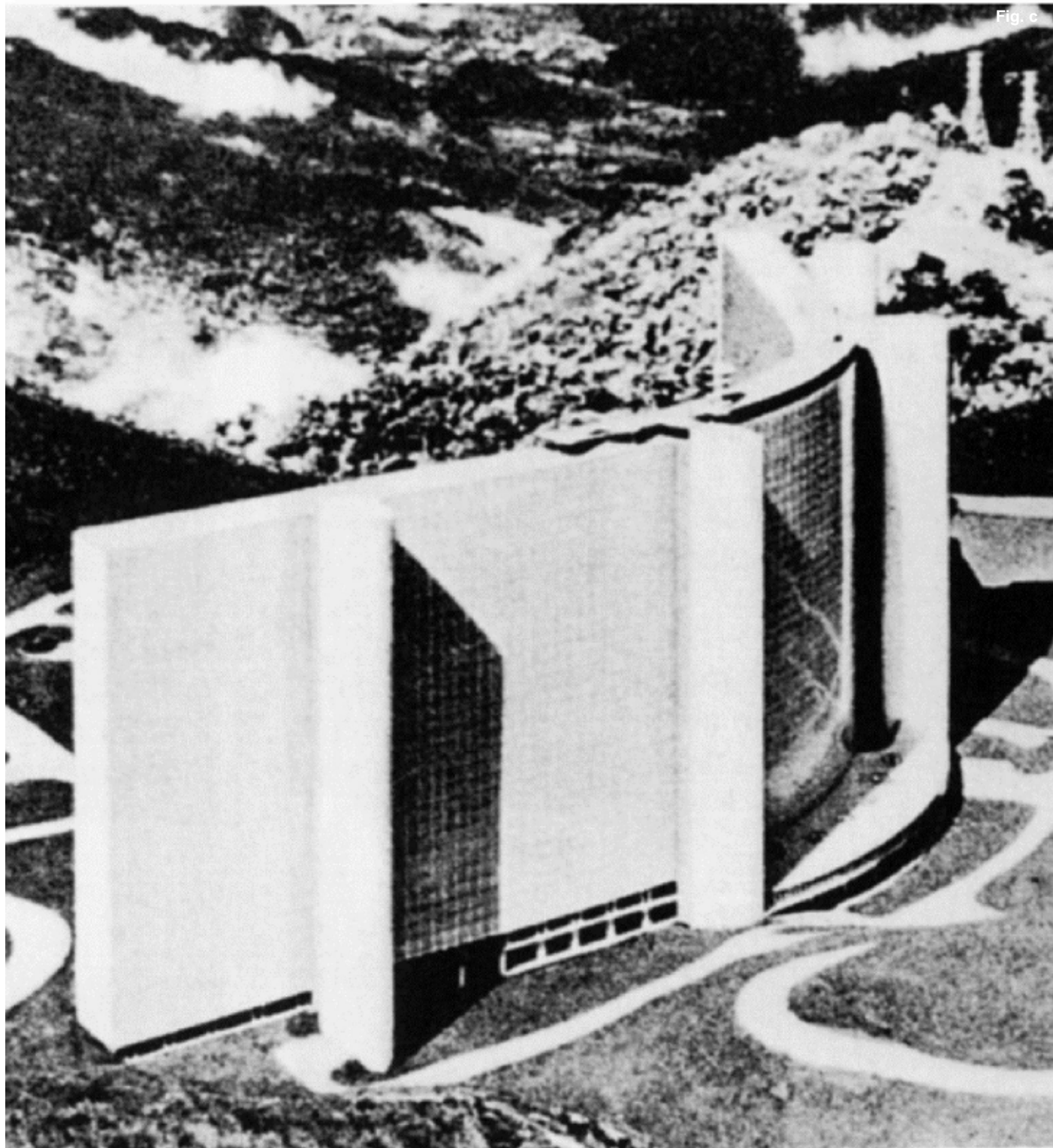


Fig. c

Fig. d

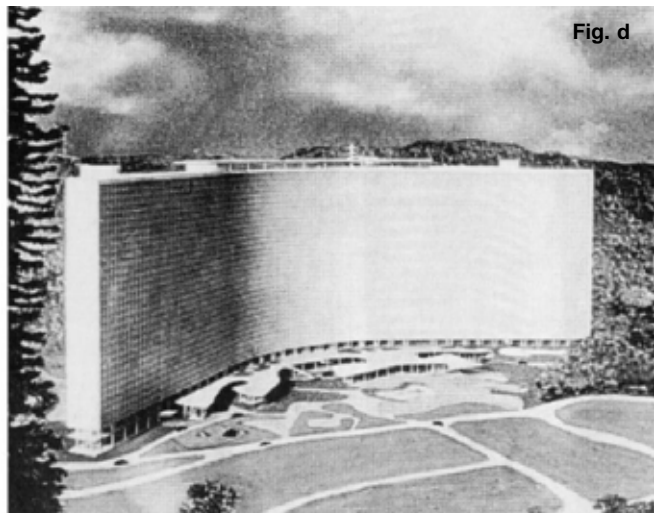
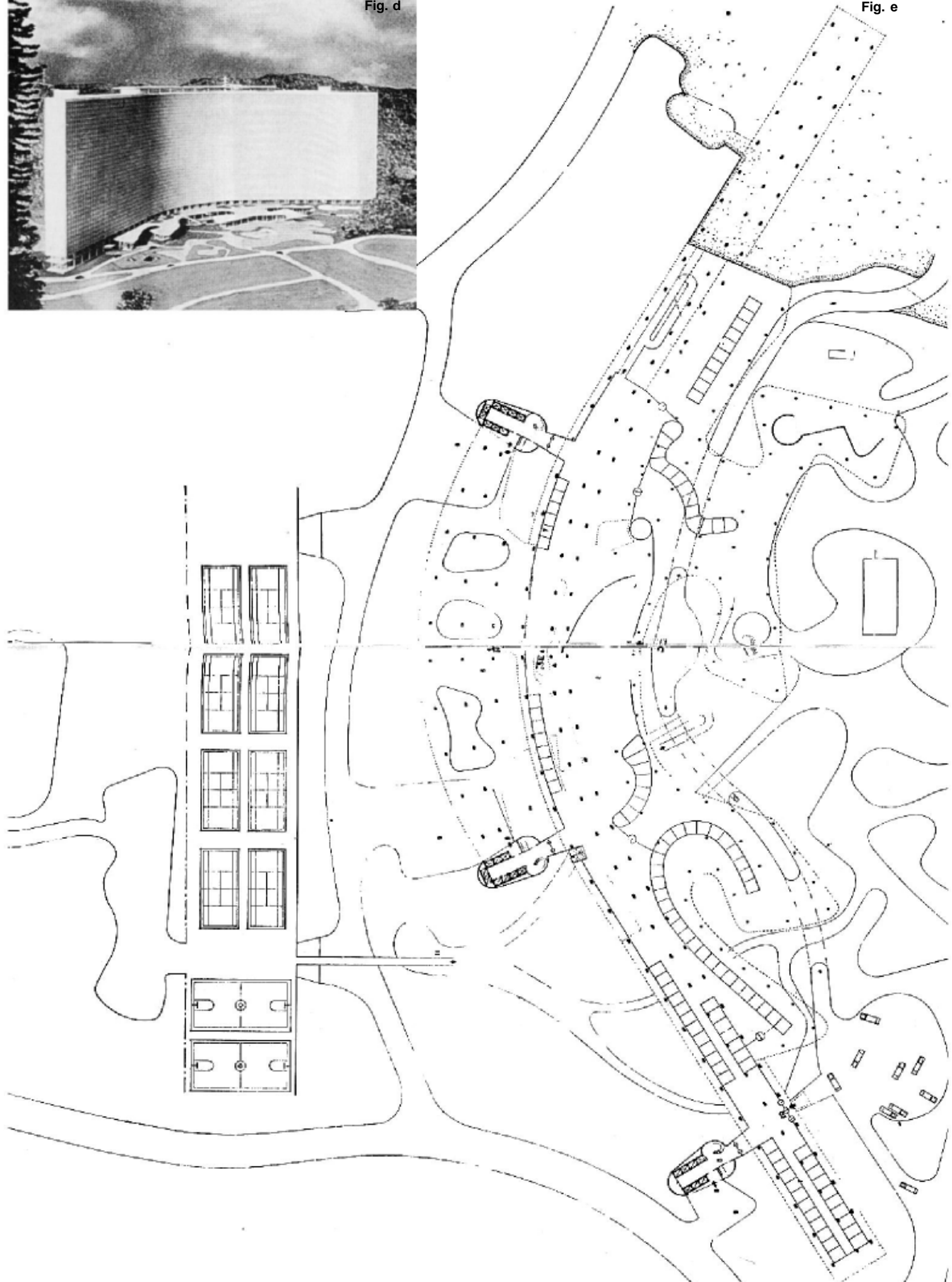


Fig. e



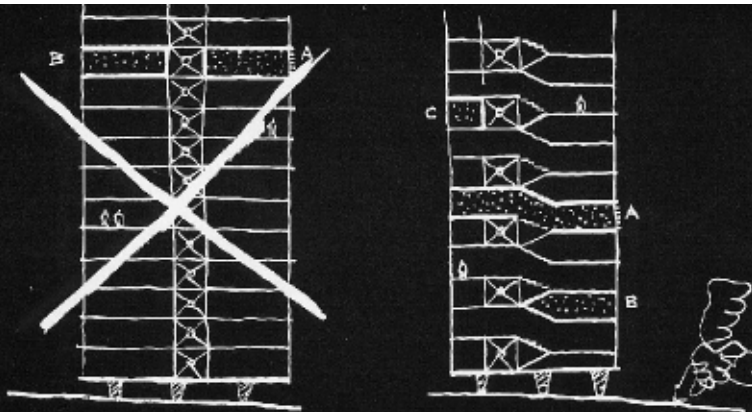


Fig. f



Fig. g

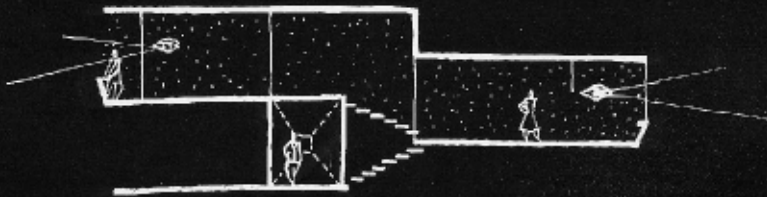


Fig. i

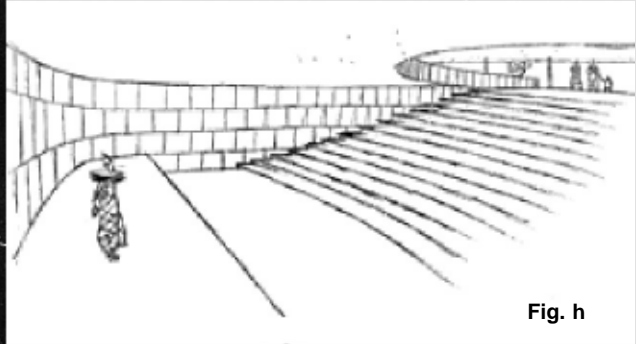


Fig. h

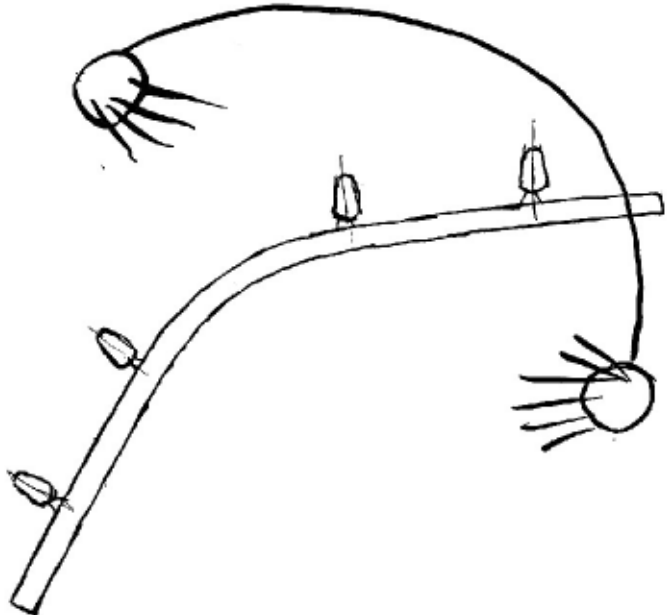


Fig. j



Fig. k

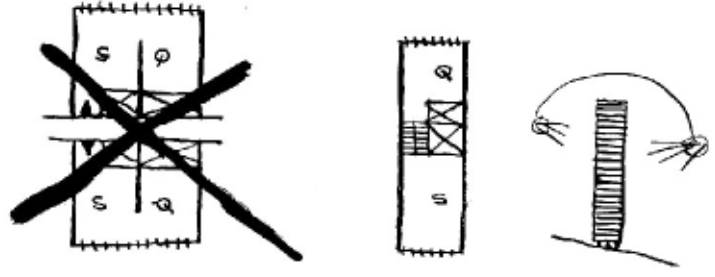
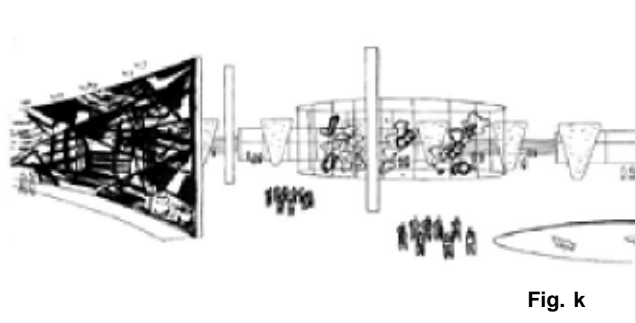


Fig. l



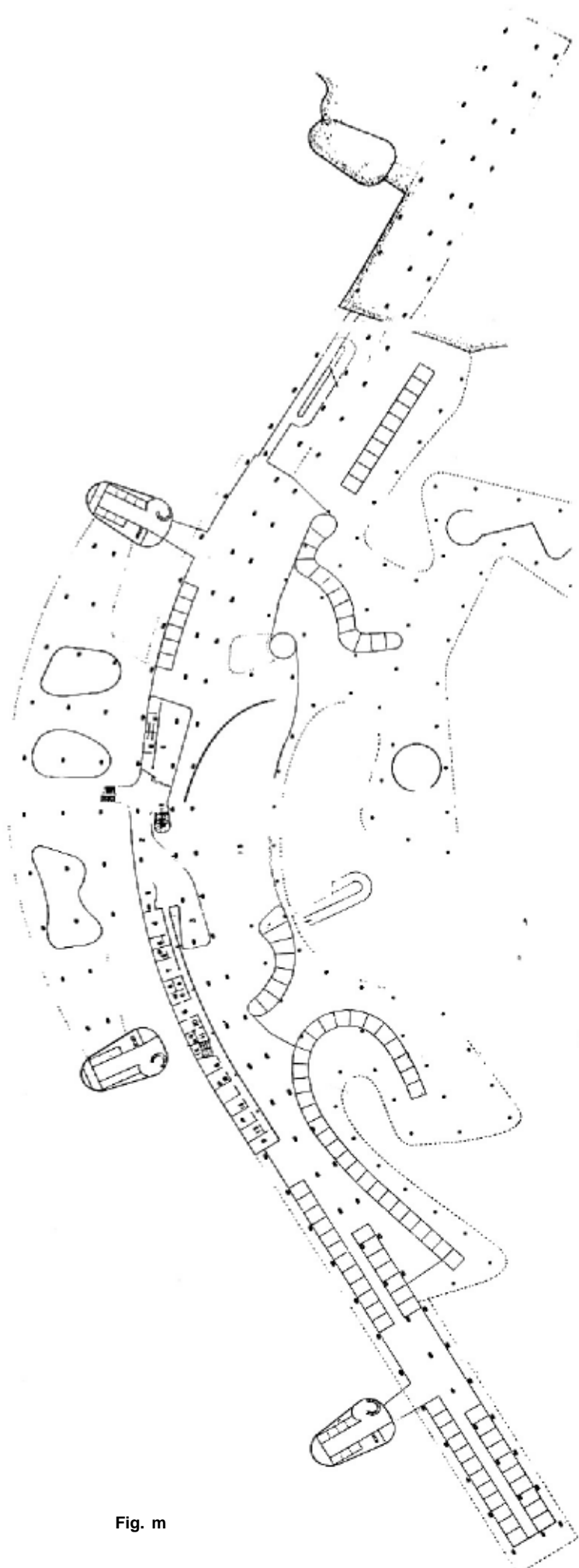


Fig. m

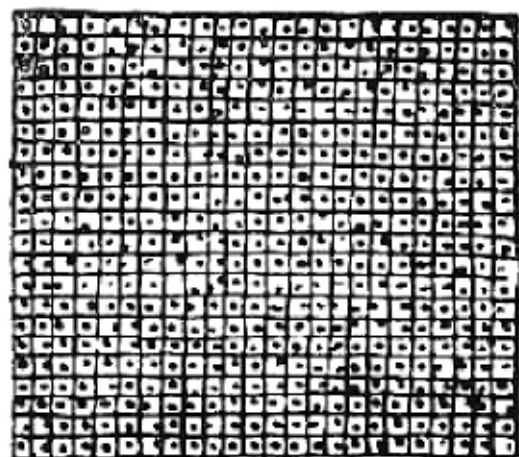
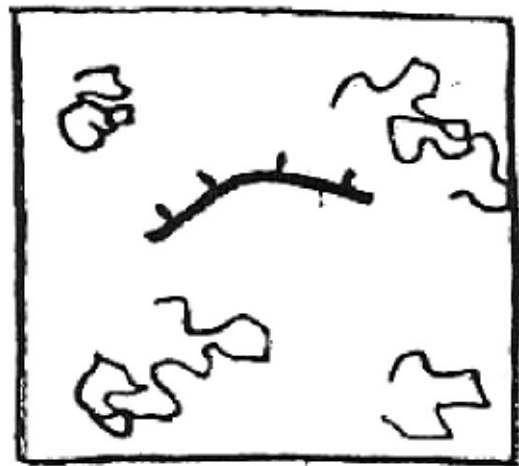


Fig. n

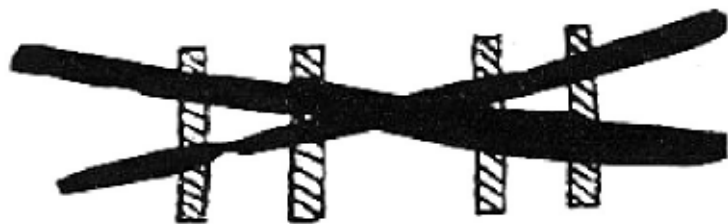


Fig. o

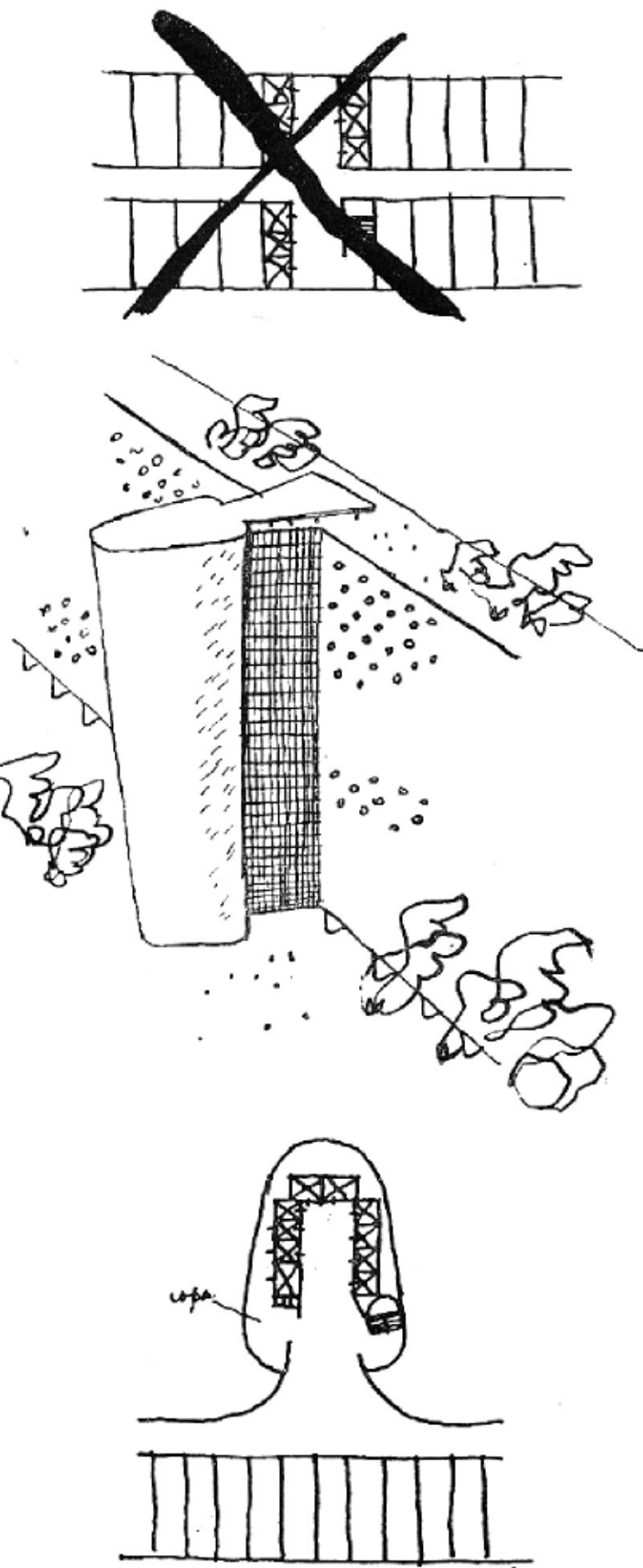


Fig. p

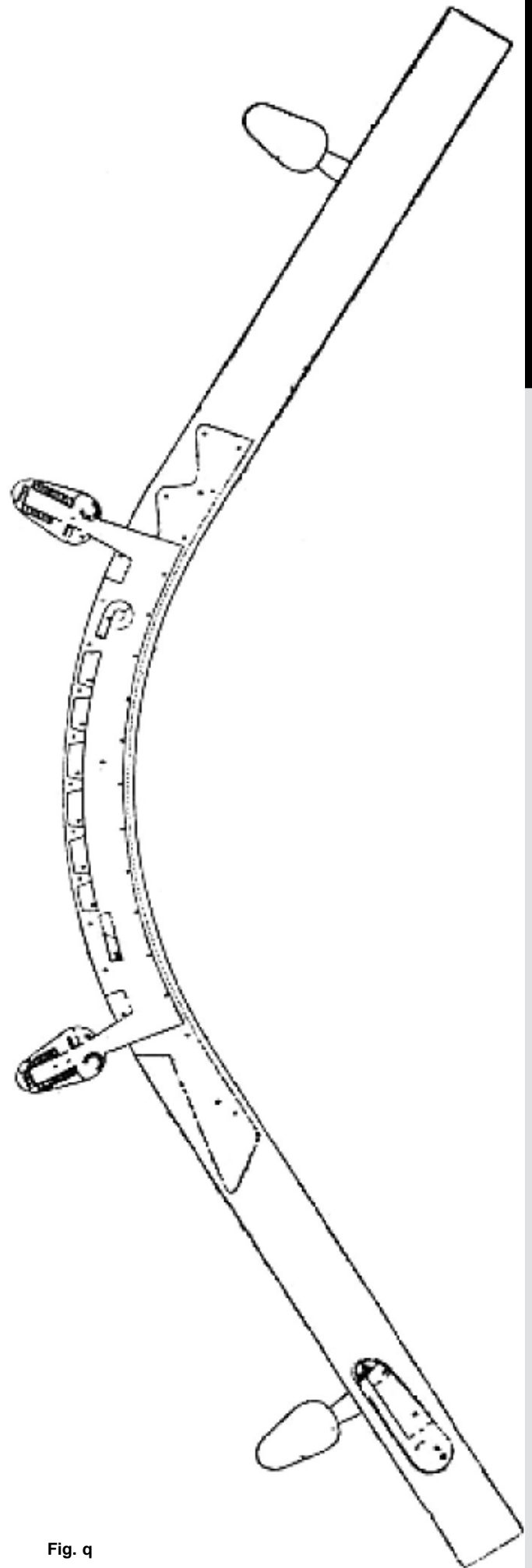


Fig. q

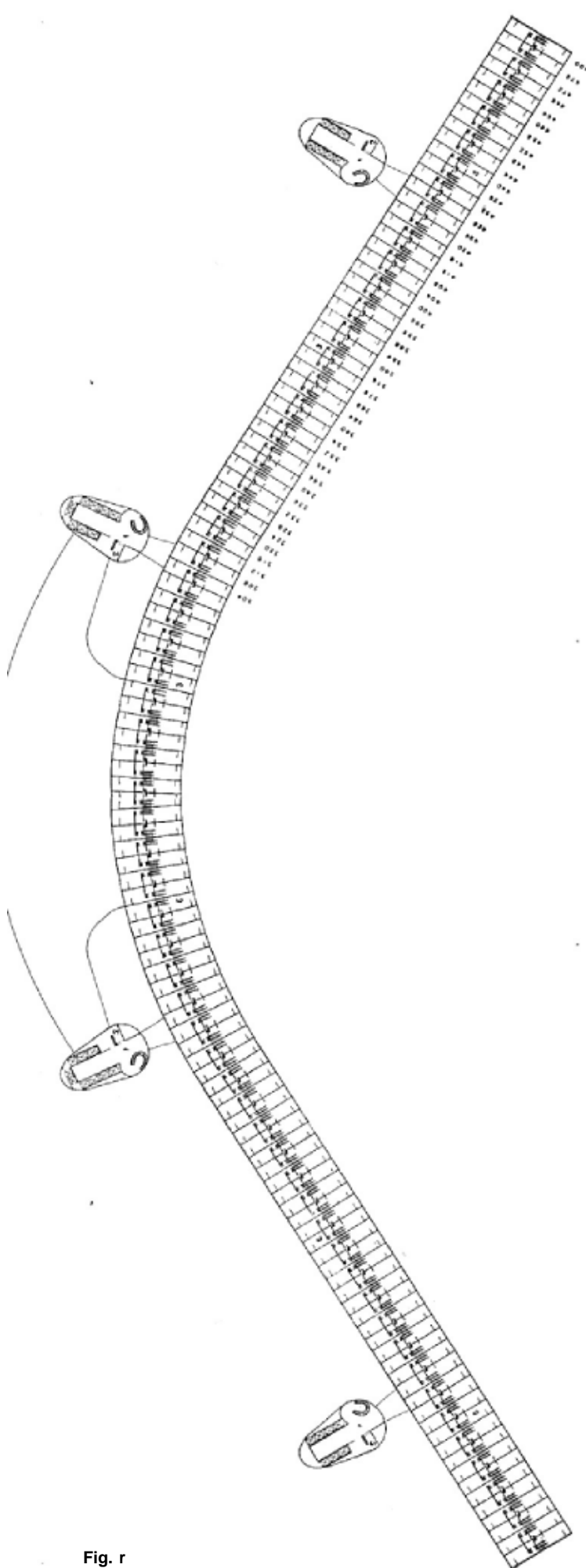


Fig. r

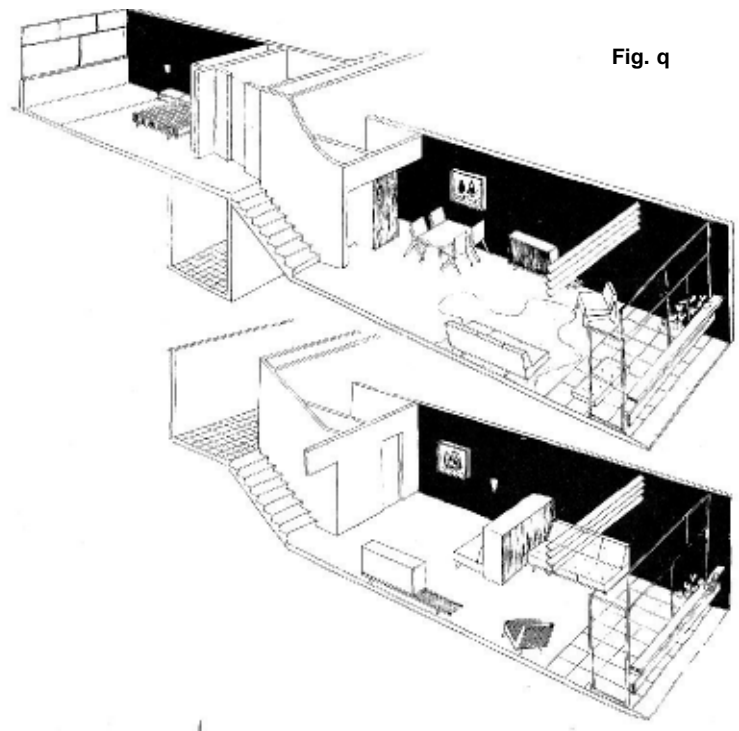


Fig. q

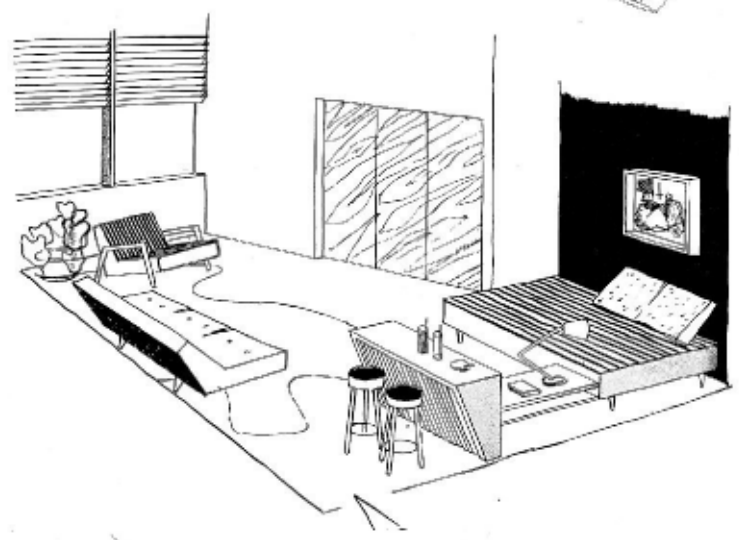
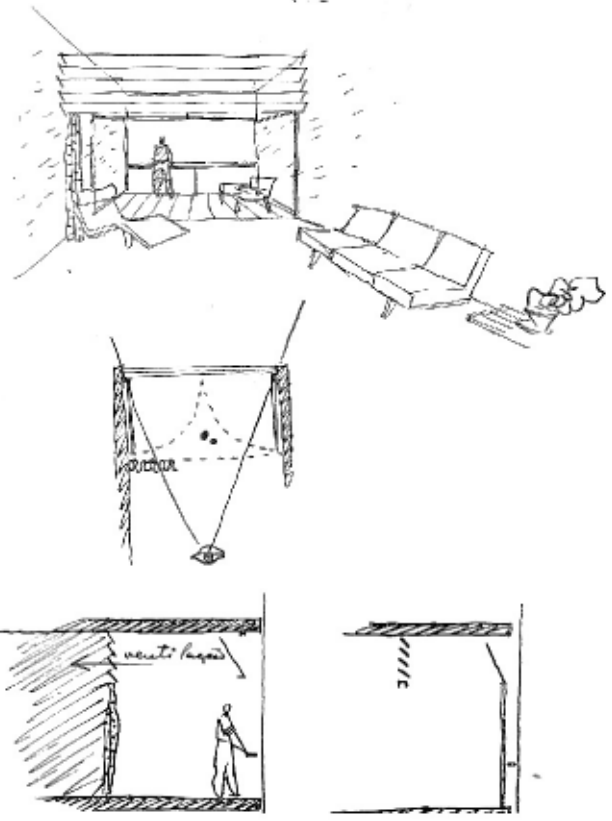
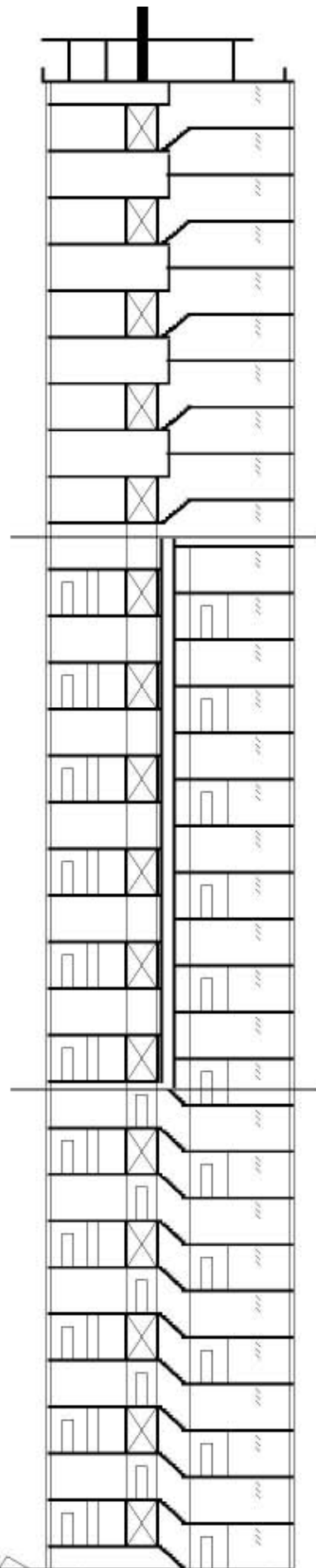


Fig. s





LEGENDAS:

- Ap.1 A= 19,25 m²
- Ap.2 A= 37,15 m²
- Ap.3 A= 60,55 m²
- Ap.4 A= 74,20 m²
- Ap.5 A= 129,35 m²

- | | |
|----|--------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 11 | Kitchnette |



Fig. t

Fig. u



Fig. v



Fig. x



Unidades
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1950 NE
Área (m ²)	19,25 129,35
Número de Cors.	k, 1, 2 e dorm.
Classe Social	média alta
Tipologia	duplex
Área Serviço	não
Config. Planta	linear de circ.
Nº. de Unidades	> 5.700
Nº. de Pax. (capacidade)	32
Config. Torre	VII / VII+Ø
Forma	ON / linear
Função Constr.	estar
Forma Constr.	volume recuado
Função Base	comercial
Forma Base	semi vazada
Estúdio	aparente interna
Implantação	super quadra

Edifício Santa Terezinha, 1950/ND
Carlos Alberto H. Mendonça

Av. Senador Salgado Filho, 219
Centro

Porto Alegre, RS

O edifício situa-se em terreno de meio de quarteirão, localizado em Porto Alegre, e possui frente para a av. Senador Salgado Filho. O acesso é feito no vão central da fachada, em uma parte recuada que libera três pilares da linha de fechamento. Na parte da sobreloja podemos perceber os cinco pilares, devido ao recuo desse pavimento em relação ao térreo.

Construído junto às divisas do lote, essa barra alta apresenta a possibilidade de associar-se a outras, sendo um fragmento extensível de uma barra mais extensa. Sua configuração é linear de uso, com um núcleo de circulação vertical central.

O térreo compreende, além do hall de entrada com dupla altura da parte residencial, quatro lojas com sobreloja e banheiros independentes. Acima, desenvolvem-se nove pavimentos-tipo com dois apartamentos de aproximadamente 80m² cada, que apresentam três dormitórios e projetam-se em relação ao térreo, gerando uma parte coberta na frente da área comercial. Os apartamentos apresentam excelentes condições de iluminação e ventilação, de forma que a iluminação nas unidades é direta em todas as peças, e a ventilação é cruzada. O prédio apresenta apartamento de cobertura, recuado da parte frontal do edifício, mas colado às laterais.

A fachada frontal é protegida do sol por uma grelha bidirecional de concreto, aplicada ao corpo da edificação, que cobre todas as esquadrias desse plano onde está fixada. Sua modulação varia no sentido horizontal, enfatizando a diferenciação da parte central do volume, desde o térreo, passando pelo corpo. As reentrâncias dessa grelha definem uma fachada planar virtual onde a modulação A-B-A pode ser facilmente percebida. A composição central é resultado das varandas contíguas ao estar dos apartamentos; assim, o peitoril, que na parte íntima fica atrás da grelha, é levado para a parte frontal do conjunto, ressaltando a tripartição do corpo

“O sistema de septos que se conjugam aos brises horizontais e o deliberado recuo dos andares comerciais, com as colunas destacadas, estabelecem um claro parentesco com o espírito do edifício pioneiro do Ministério da Educação.”

(Xavier, 1987, p. 67)

horizontalmente.

Embora Xavier (1987) tenha se referido a esse edifício como um seguidor do edifício do Ministério da Educação, suas relações de parentesco não parecem tão claras assim quando percebemos tanto o tratamento do térreo, que deixa alguns pilares dentro das paredes, quanto a parte do corpo, que não respeita a uma modulação única, alternando a fachada e buscando essa tripartição que não aparece no Ministério. No caso gaúcho, as colunas do térreo vão estar destacadas realmente apenas no pavimento da sobreloja, e mesmo assim, acabam sendo cobertas por letreiros desta.



Fig. a



Vig. José Inácio

Av. Salgado Filho

Fig. b

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 76,70 m²
- Ap.2 A= 79,15 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 10 | Elevador |

- | | |
|---|-----------|
| b | Sanitário |
| i | Saguão |
| j | Loja |

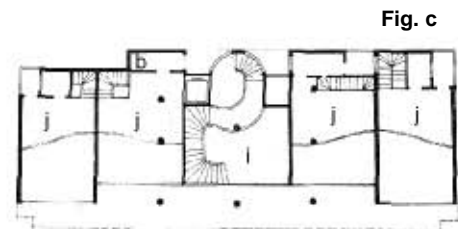


Fig. c

Mezanino
Esc. 1/400



Fig. d

Pavimento Tipo
Esc. 1/400

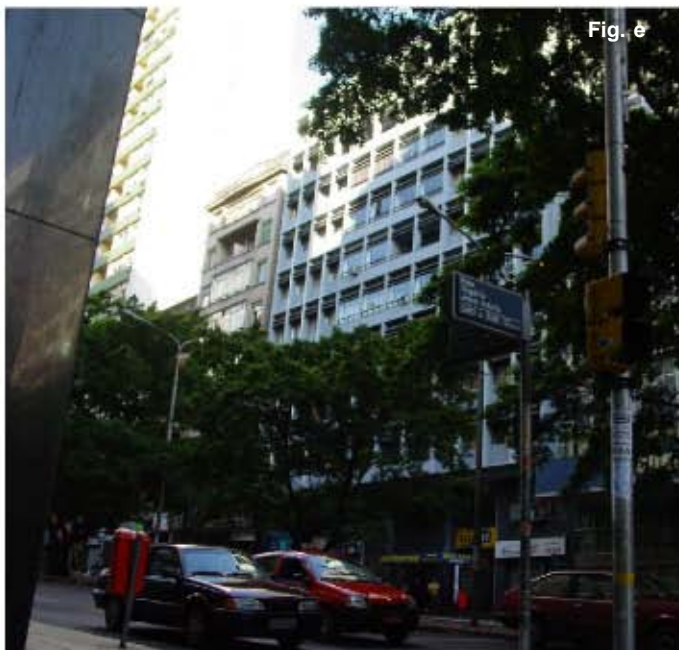


Fig. e



Fig. f

Área (m ²)	1950
	ND
Área (m ²)	76,70
	79,15
Número de con.	3
	dorm.
Clique social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim
	c/ dep.
Contig. Planta	linear
	de uso
Nº de Unidades	20
Nº de Pav./corpo	10
Contig. Corpo	VIII
Forma	gaúcho
Função Corres.	resid.
Forma Corres.	volume
	recuado
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Estrutura	aparente
	interna
Implantação	meio

Edifício Copan, 1951/54/70

Oscar Niemeyer

Av. Ipiranga, 200

São Paulo, SP

O edifício Copan está implantado em um lote de formato irregular no centro da cidade de São Paulo, que foi modificado para receber esse edifício, assim como no projeto do edifício Esther, na mesma cidade.

O edifício sinuoso de onze pavimentos-tipo contém brises que reforçam a horizontalidade e sinuosidade do volume. Volumetricamente, consiste em uma barra alta curva, polinuclear, de configuração majoritariamente de uso, apresentando configuração por circulação apenas em um ponto.

Esse edifício traz alguns aspectos da concepção de unidade de habitação de Le Corbusier, tendo bloco residencial, hotel, serviços de lazer, comércio e área livre em um amplo terraço-jardim, incorporando em um mesmo edifício uma multiplicidade de usos, com o objetivo de criar vários aspectos da vida de uma cidade.

Segundo Sampaio (2002, p.161), “em um grande bloco construído pelo pavimento térreo, 1º e 2º subsolos, sobreloja, terraço e *foyer*, estão localizados serviços (...), cinema de 1.214 lugares (...), escritórios e 82 lojas distribuídas ao longo de sinuosas galerias cobertas. Por intermédio destas galerias, há o acesso para os diversos blocos residenciais em que está subdividida a grande lâmina”.

O bloco tem seis núcleos de circulação vertical tendo apenas nas unidades menores uma circulação linear para atendê-las. O edifício apresenta 688 unidades tipo *kitchenettes*, 280 de um dormitório, 64 de dois e 128 de três dormitórios. A ventilação das unidades é - na sua maioria - forçada nos banheiros, e a iluminação parece eficaz nas peças principais dos apartamentos, que não apresentam estrutura aparente nem dormitório de empregada. A base, de função comercial, é semi fechada, ocupada por lojas, mas apresenta estrutura aparente. O terraço-jardim encontra-se atualmente desocupado e apresenta volumes escultóricos e possibilidade

“The COPAN building, an imposing thirty-storey apartment block, curving in form, with its loose, fluid composition, a clear reflection of the irregular shape of the plot and its strongly accentuated horizontal brise-soleils, is still today one of the most beautiful constructions in the centre of São Paulo.”

(Botey, 1986, p. 64)

de função de estar em praticamente toda a sua extensão.

A fachada principal, das lâminas horizontais, é planar virtual, em função da repetição e dos intervalos entre as lâminas. Diferente da fachada principal, sua oposta também está caracterizada como planar virtual, embora as duas sejam completamente distintas, de modo que uma forma linhas de sombras e a outra, retângulos. O princípio é o mesmo, a diferença está na bidirecionalidade da fachada de fundos, e no fato de que não apresenta os dois rasgos maiores, mas apresenta diversos volumes de circulação vertical apostos.



Fig. a

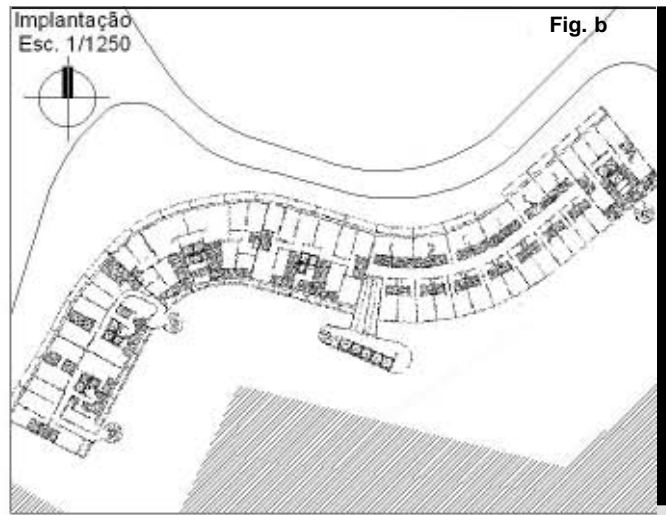


Fig. b



Fig. c

Fig. d



Fig. e



Fig. f





Fig. g



Fig. h

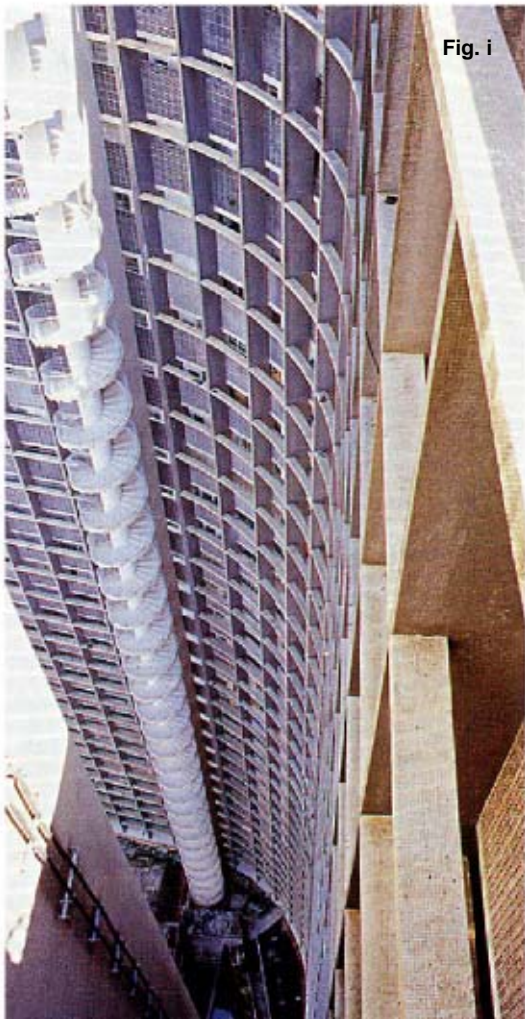


Fig. i

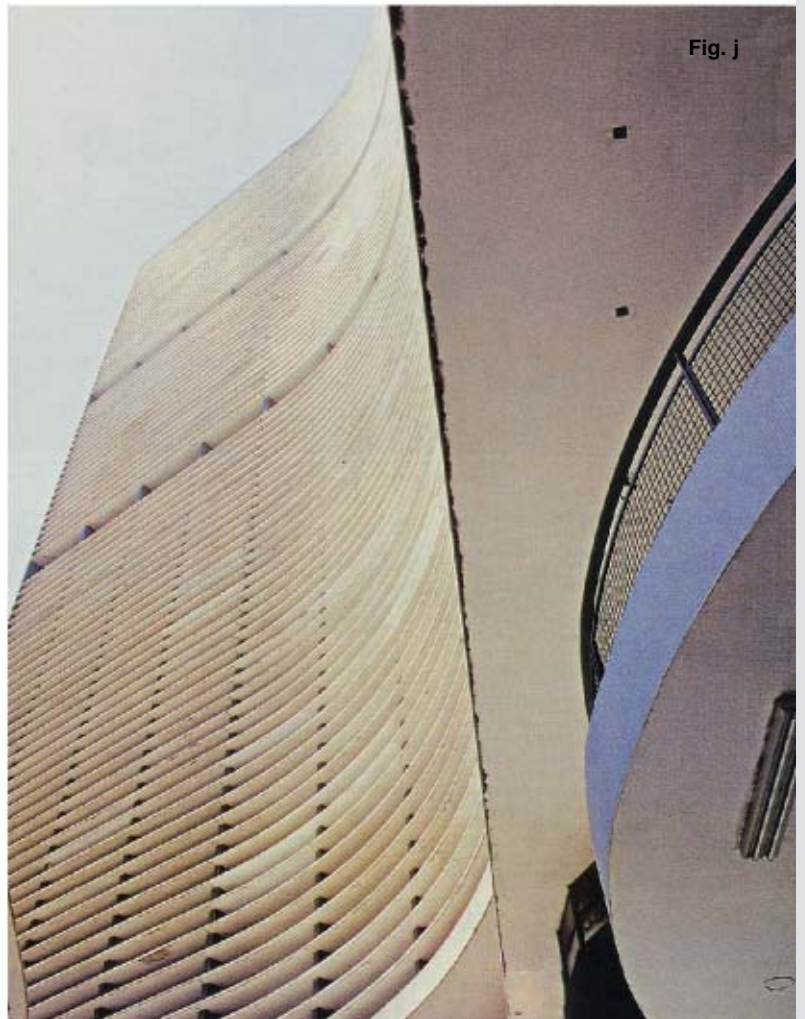


Fig. j



Fig. k

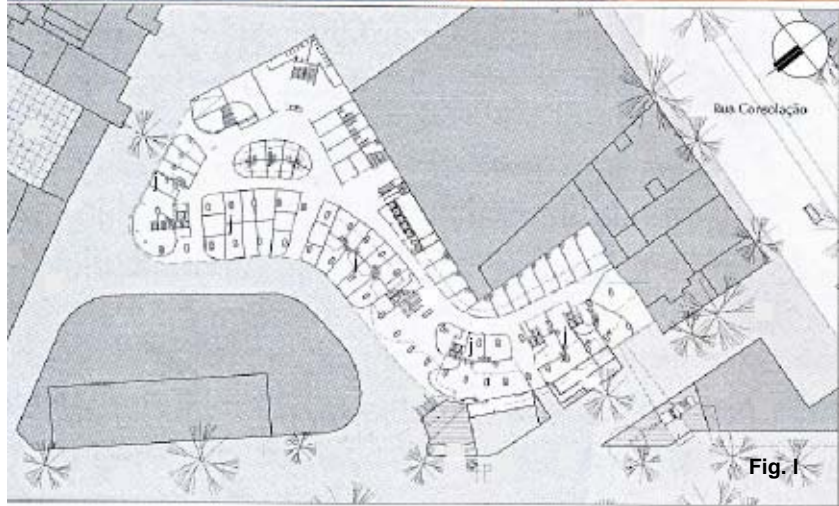


Fig. l

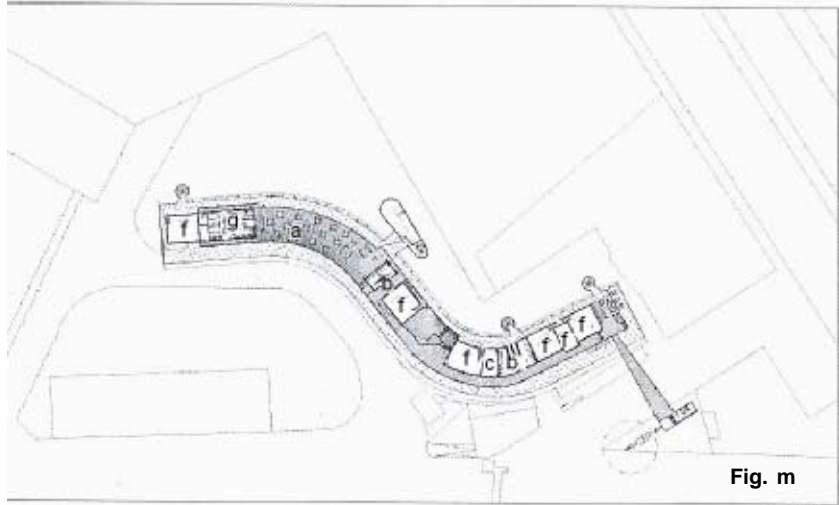


Fig. m

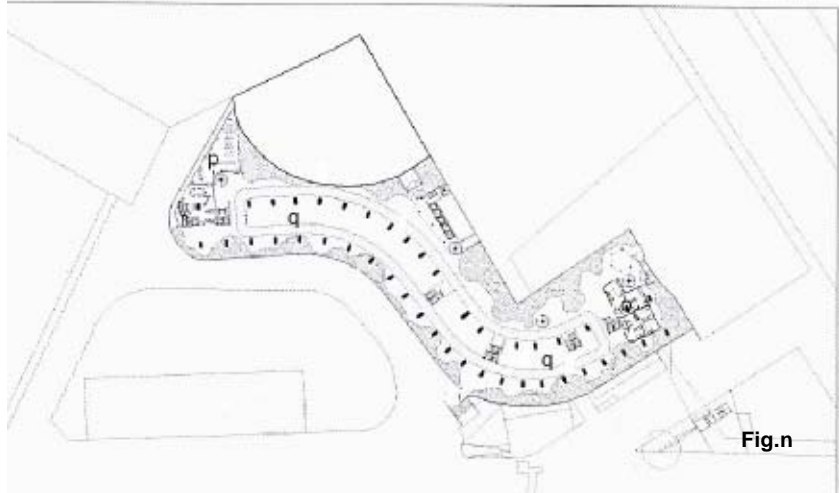
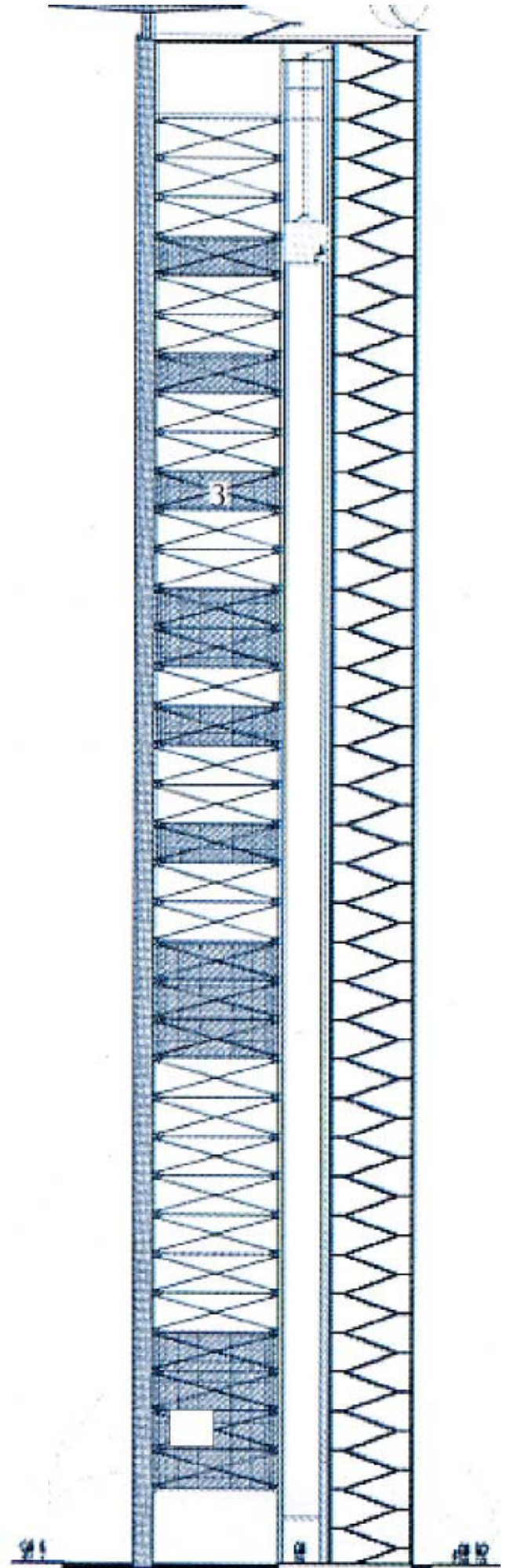


Fig.n



Corte Transversal Esc. 1/400 Fig. o

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 27,40 m²
- Ap.2 A= 28,75 m²
- Ap.3 A= 32,45 m²
- Ap.4 A= 37,00 m²
- Ap.5 A= 38,00 m²
- Ap.6 A= 40,25 m²
- Ap.7 A= 40,88 m²
- Ap.8 A= 59,00 m²
- Ap.9 A= 66,55 m²
- Ap.10 A= 94,65 m²
- Ap.11 A= 130,90 m²
- Ap.12 A= 152,30 m²

- 1 Hall
 - 2 Estar/Jantar
 - 3 Cozinha
 - 4 A. Serv./Dep. Empreg.
 - 5 Dormitório
 - 6 Banho
 - 7 Vestibulo
 - 10 Elevador
 - 11 Kitchnete
 - 14 Salão
-
- a Restaurante
 - b Sanitário
 - c Depósito
 - f Máquinas
 - g Cozinha
 - i Saguão
 - j Lojas
 - o Ap. Zelador
 - p Administração
 - q Área de Ginástica

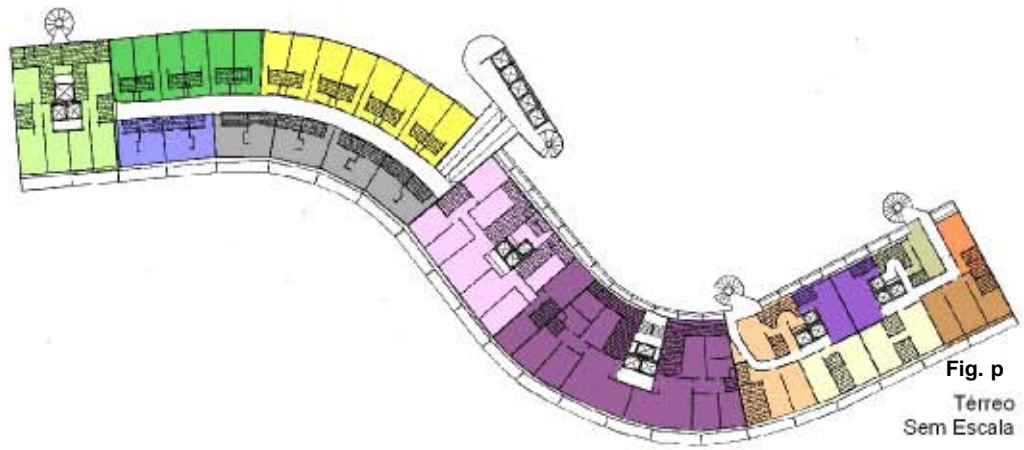


Fig. p
Terreo
Sem Escala

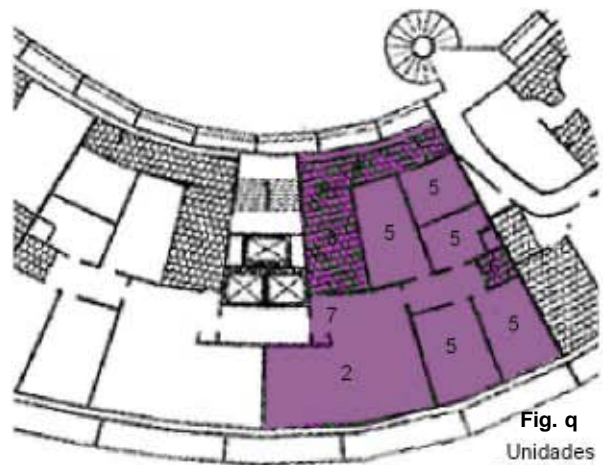
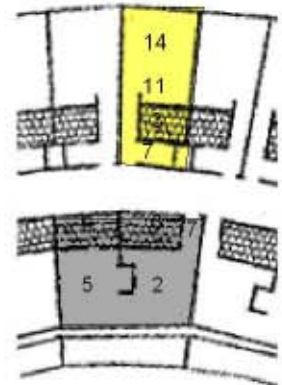
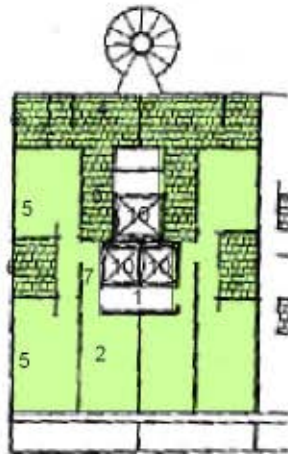


Fig. q
Unidades
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1951 54/70
Área (m ²)	27,40 152,30
Número de loc.	k, 1, 2, 3 e 5 dorm.
Classe Social	variável
Tecologia	simplex
Área Serviço	variável
Contig. Planta	linear de circ.
No. de Unidades	1.160
No. de Pav. (Imped)	32
Contig. Corpo	VI / VII+Ø
Forma	ON / lâmina
Função Condân.	estar
Forma Constr.	volume recuado
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Estrutura	aparente interna
Implantação	miolo modif.

Edifício Montreal, 1951/ND Oscar Niemeyer

Av. Ipiranga esq. av. Cásper Líbero

São Paulo, SP

Após longas discussões a respeito da implantação desse edifício, em função do terreno contar com a legislação de duas avenidas, o prédio configura o bordo desse quarteirão, construído até o alinhamento em toda a sua extensão, definindo a esquina.

O grande volume curvo explora a plasticidade dos *brises* e implanta no centro da cidade esse bloco de 24 pavimentos que finaliza, com uma sucessão de lâminas, o quarteirão das ruas Ipiranga e Cásper Líbero. Trata-se do projeto de uma torre, enfatizado pelo tratamento da fachada, com configuração centrífuga, de unidades dispostas na parte periférica e a circulação na parte central, mas de forma linear, gerando um triângulo de circulação no volume e um vazio central.

O acesso aos apartamentos é feito pelo hall – decorado com um painel de mosaicos de Di Cavalcanti –, que se localiza no subsolo, garantindo ao andar térreo mais área para uso comercial. Essa área térrea é totalmente fechada e os pilares estão livres e visíveis na parte interna. O pavimento-tipo conta com doze unidades *kitchenettes* até o décimo pavimento, e a partir dali uma delas é subtraída em virtude dos planos urbanísticos. Em nenhum momento os pilares são aparentes nas unidades residenciais, que consistem em um salão de aproximadamente 45m² e apresentam como únicos espaços definidos a área para armários, na entrada do banheiro, e um anteparo na entrada do apartamento, configurando uma espécie de vestibulo. A ventilação e a iluminação das unidades é feita diretamente pela fachada principal.

O edifício Montreal, como o COPAN, possui sua fachada principal planar virtual devido à multiplicidade de lâminas dispostas regularmente que compõem uma outra pele (virtual) afastada do plano de vedação dessa edificação. Da mesma forma que no outro edifício do arquiteto, o Montreal apresenta uma interrupção na série de elementos laminares, mas nesse caso em apenas um momento, no décimo pavimento, quando inicia o avanço de altura do edifício em relação aos outros

“Situating at the sharp intersection of two avenues, this building consists of a ground floor and twenty stories of rentable space for offices and showrooms. The horizontal, closely spaced fins create the impression that the Montreal is a much taller building or has a greater number of floors, thus disproving the accepted opinion that horizontal lines always are the best means to shorten a given height.”

(Papadaki, 1956, p. 61)

existentes no contexto. Dando continuidade à parte das lâminas, outro tratamento é apresentado, dessa vez sem as lâminas horizontais, mas com brises verticais colocados entre as lajes dos pavimentos. Apesar do maior número de linhas verticais nesse trecho de fachada, que cria uma outra textura no edifício, a horizontalidade ainda é marcada pelas linhas dos entrepisos, que ficam no mesmo alinhamento das lâminas da outra parte do volume.

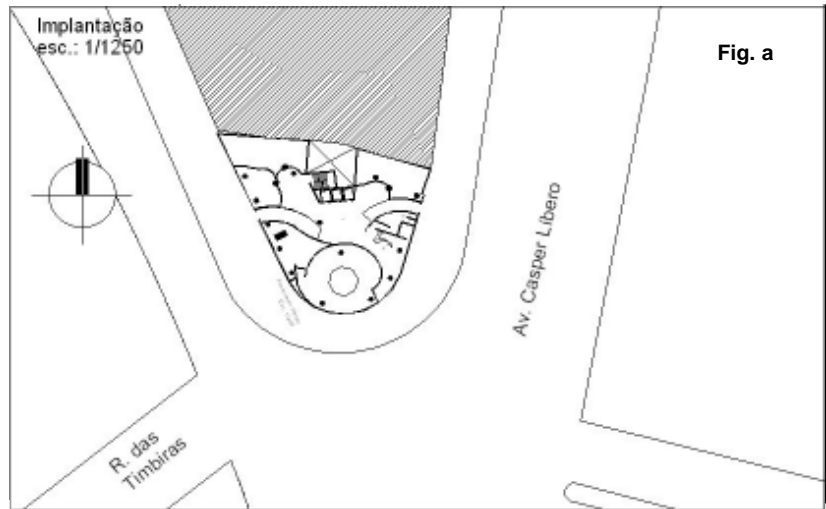


Fig. a



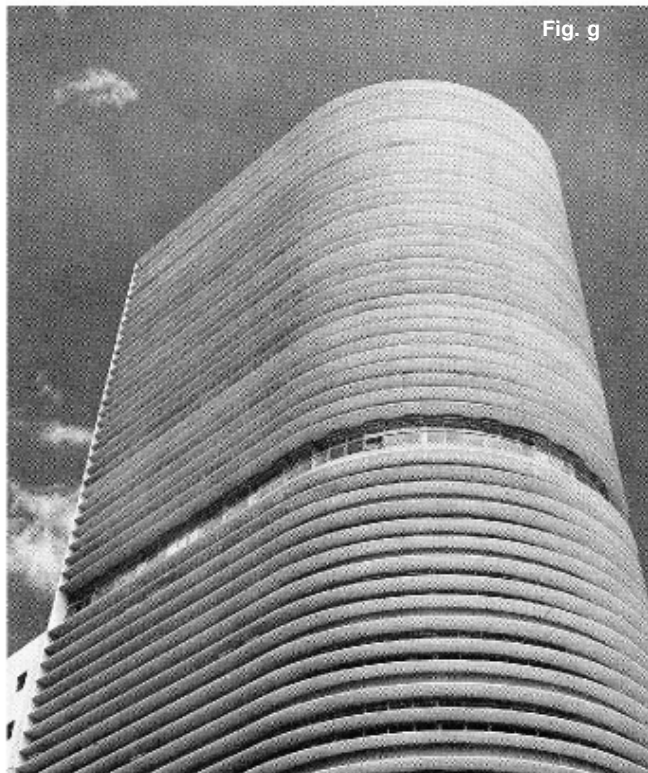
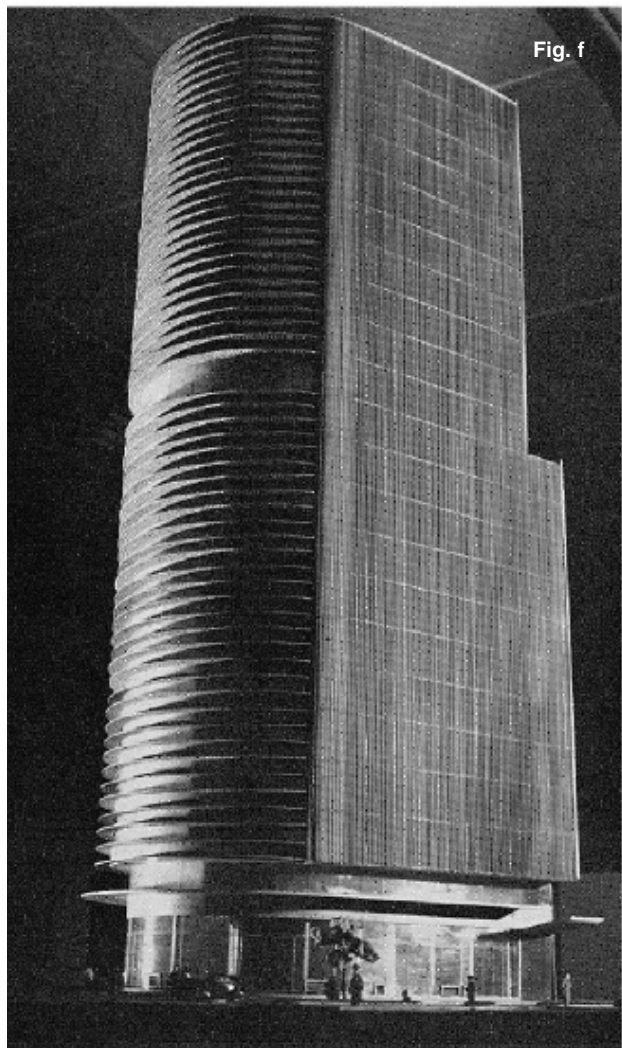
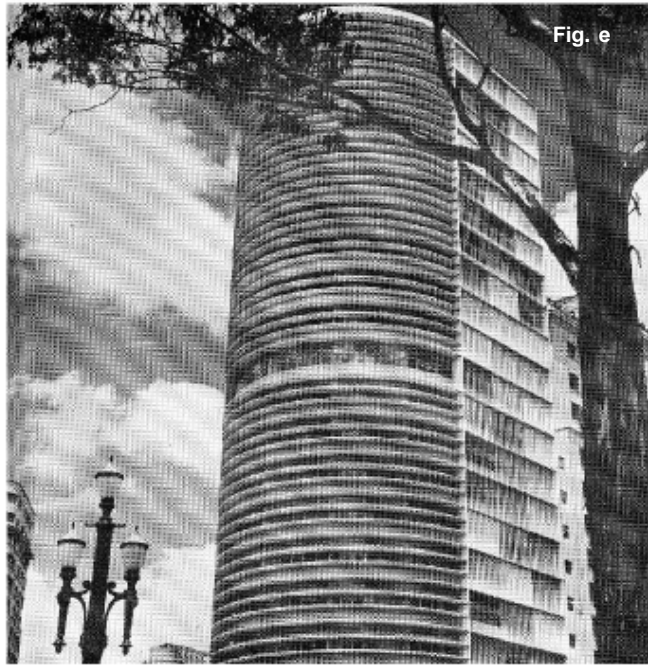
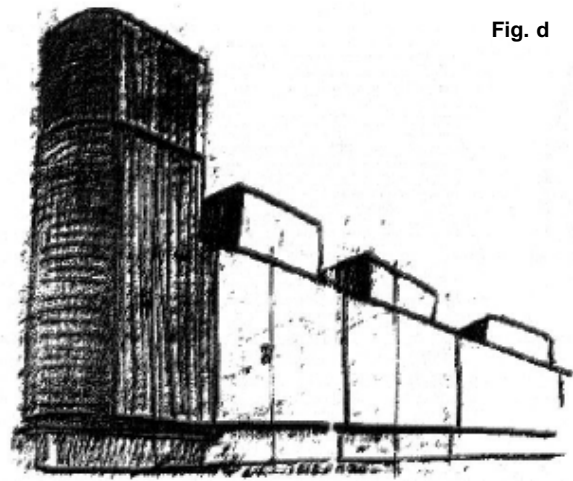
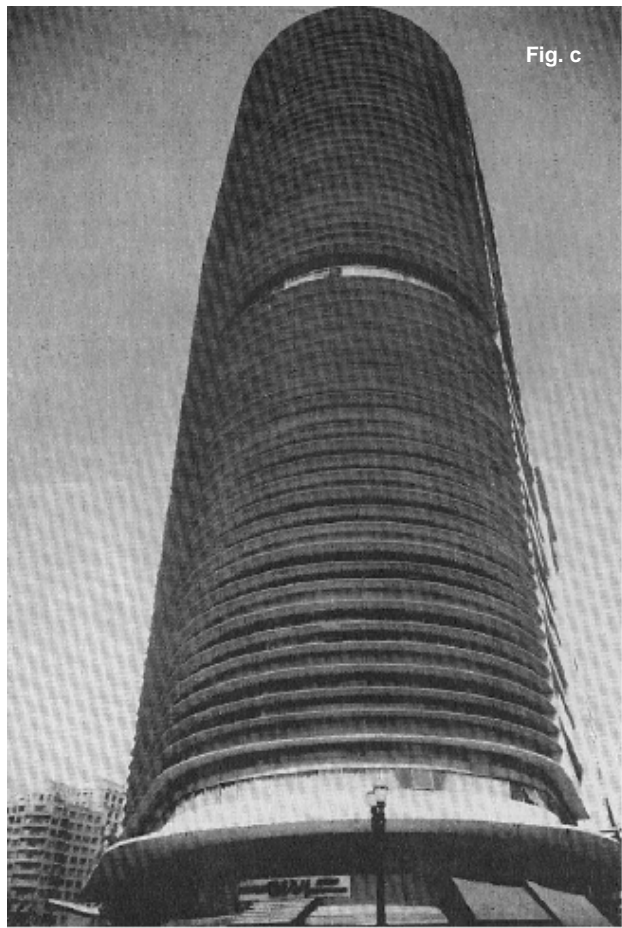




Fig. h

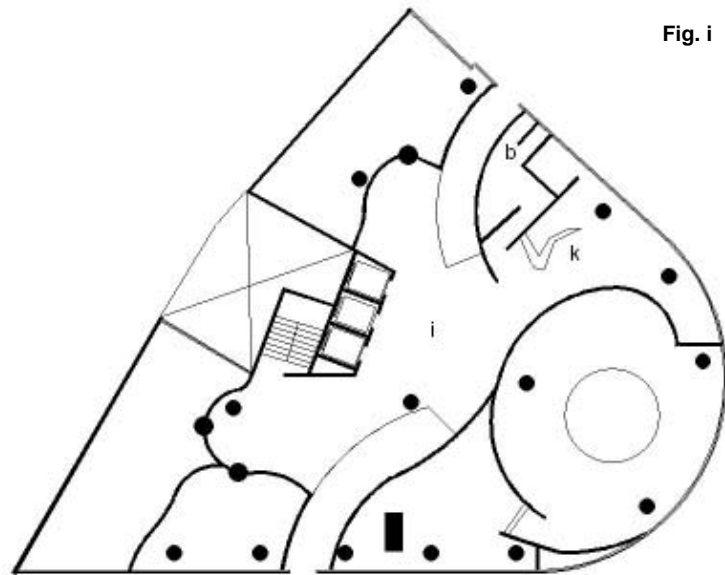


Fig. i

Pavimento Térreo
Esc. 1/400

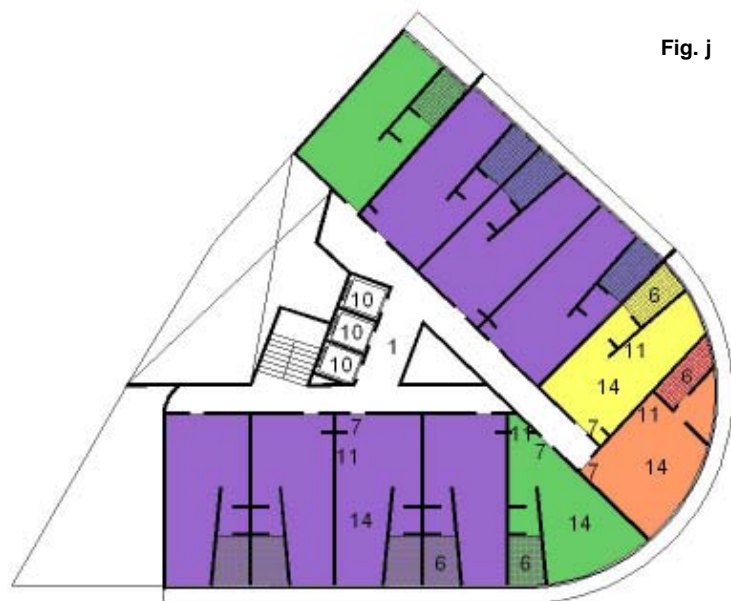


Fig. j

Planta do 1º ao 10º Pav.
Esc. 1/400

LEGENDAS:

	Ap.1 A= 42,50 m2
	Ap.2 A= 43,35 m2
	Ap.3 A= 43,60 m2
	Ap.4 A= 46,00 m2
	Ap.5 A= 56,50 m2

1	Hall
6	Banho
7	Vestibulo
10	Elevador
11	Kitchenette
14	Salão
b	Sanitário
i	Saguão
k	Portaria

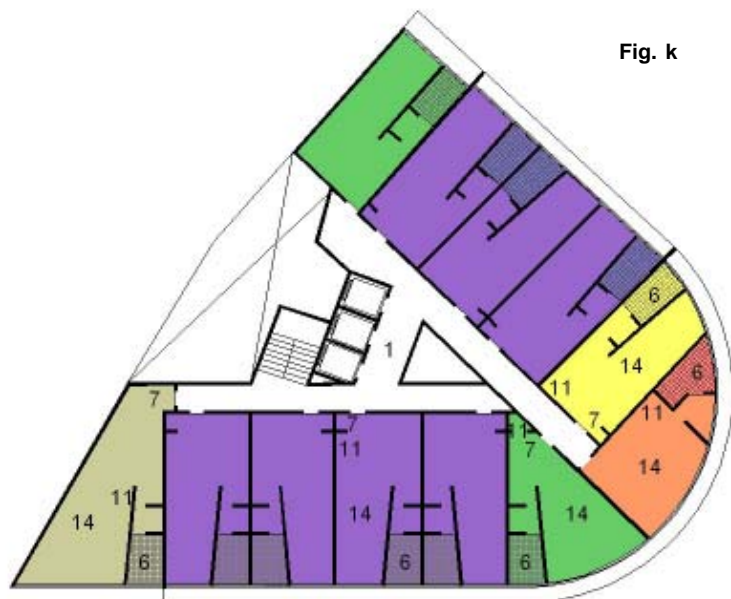


Fig. k

Planta do 11º ao 24º Pav.
Esc. 1/400

Projeto / Exec.	1951 ND
Áreas (m2)	42,50 56,50
Número Cors.	k
Classe Social	baixa
Tipologia	simplex
Área Serviço	não
Condiç. Planta	anelar de circ.
No. de Unidades	278
No. de Pav. (corpo)	21
Condiç. Corpo	VI+III
Família	ON / lâmina
Função Constr.	super-estrut.
Forma Constr.	plati-banda
Função Dist.	comercial
Forma Base	fechada
Estilismo	aparente interna
Implantação	esquina

Conj. Juscelino Kubitschek, 1951/ND
Oscar Niemeyer

Av. Amazonas, 172

Belo Horizonte, MG

O conjunto Juscelino Kubitschek é harmonioso com seu entorno, embora tenha sido edificado com um bloco de 36 pavimentos e outro de 26 em uma cidade essencialmente horizontal. O bloco A se constitui de uma barra média, com um volume triangular anexado, que corresponde à torre de circulação vertical do edifício, e uma torre correspondente ao bloco B, com a mesma área edificada do bloco A. O edifício se constituiria, segundo Kubitschek, em uma “marca registrada” de Belo Horizonte, como a torre Eiffel para Paris ou o Rockefeller Center para Nova York. (Teixeira, 1998, p.212).

O projeto executado conta com apenas um dos dois blocos residenciais e algumas atividades comerciais; sem o *glamour* do projeto original, pode ser considerado uma espécie de corpo-de-prova da “unidade de habitação brasileira”, que foi repetida, em seguida, no projeto do edifício Copan, numa escala reduzida. O primeiro bloco, de 26 pavimentos, situado na parte mais alta do terreno, seria destinado ao hotel, que desenvolver-se-ia na parte inferior. O segundo bloco é composto de 36 andares com apartamentos residenciais e lojas. As repartições públicas, que já figuravam no projeto original, seriam instaladas nos sete primeiros pavimentos, trazendo a idéia das unidades autocontidas das unidades de habitação. O pavimento-tipo conta com unidades *kitchenette*, um, dois e três dormitórios, sem dependência de empregada. A estrutura no pavimento-tipo é interna às paredes e a circulação é linear. A ventilação de banheiros e cozinhas é mecânica e o estar e dormitórios estão dispostos junto à fachada, não havendo problemas de iluminação nas unidades, a não ser nas peças junto à circulação do pavimento. A partir do 11º andar, as unidades de meio nível de defasagem, como as propostas no edifício Mauá, são realizadas compreendendo até cinco tipos diferentes de arranjos.

A fachada é composta por elementos lineares horizontais e verticais que formam uma fachada planar

“This group of buildings was designed to provide residential units in a great variety of types, for both permanent and occasional use. The principle of the complex rests on the construction of simple volumes in order to create a coherent whole, with particular attention to the siting of the buildings to reduce obstruction of the view to a minimum.”

(Botey, 1986, p. 84)

composta, rasgada parcialmente no sentido horizontal em um pavimento intermediário, no bloco mais largo, chegando até o trecho onde iniciam as unidades que são dispostas em meios-níveis e resolvendo o desencontro das linhas nessa elevação. Esse elemento linear diferenciado se repete verticalmente como uma protuberância no volume mais alto, e nesse bloco ocorrem reentrâncias na fachada em um pavimento inteiro e em parte de outro.

Esse projeto parece ser a concretização de muitos estudos para o edifício Mauá – que não chegou a ser realizado. O arquiteto vale-se de diversos desenhos, e sua idéia é finalmente viabilizada nesse conjunto. O empreendimento compreenderia mais de um quarteirão, e o programa, em seu projeto original, incluía, além das unidades residenciais, hotel, centro comercial, cinemas, museu, piscinas, *playground*, instalações para órgãos públicos e, no subsolo, uma estação rodoviária, um mercado, um restaurante popular, etc.

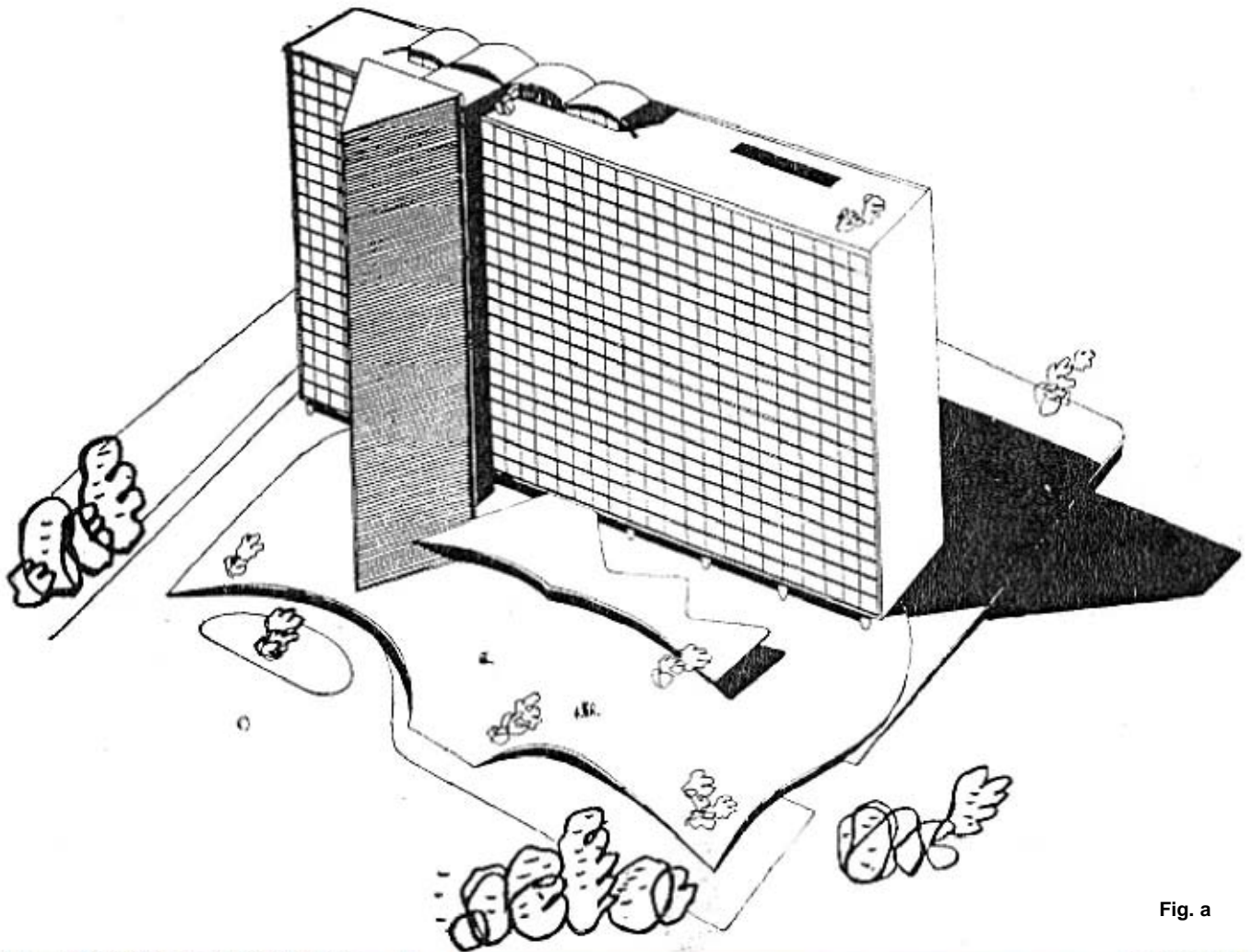


Fig. a



Fig. b



Fig. c



Fig. d

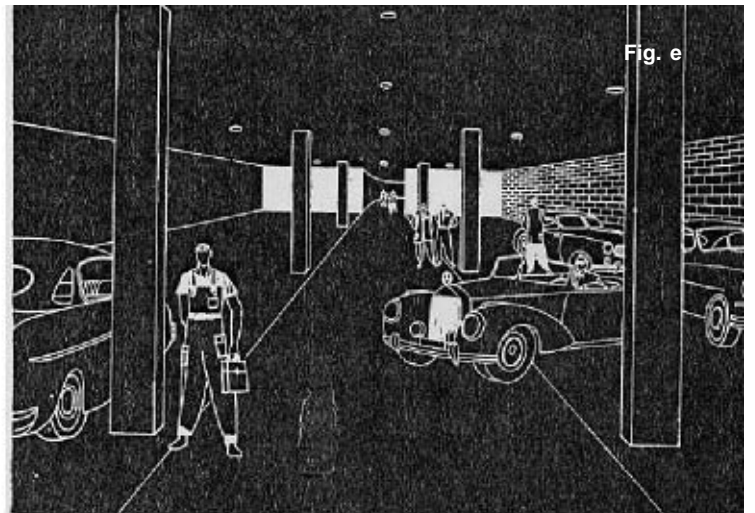


Fig. e

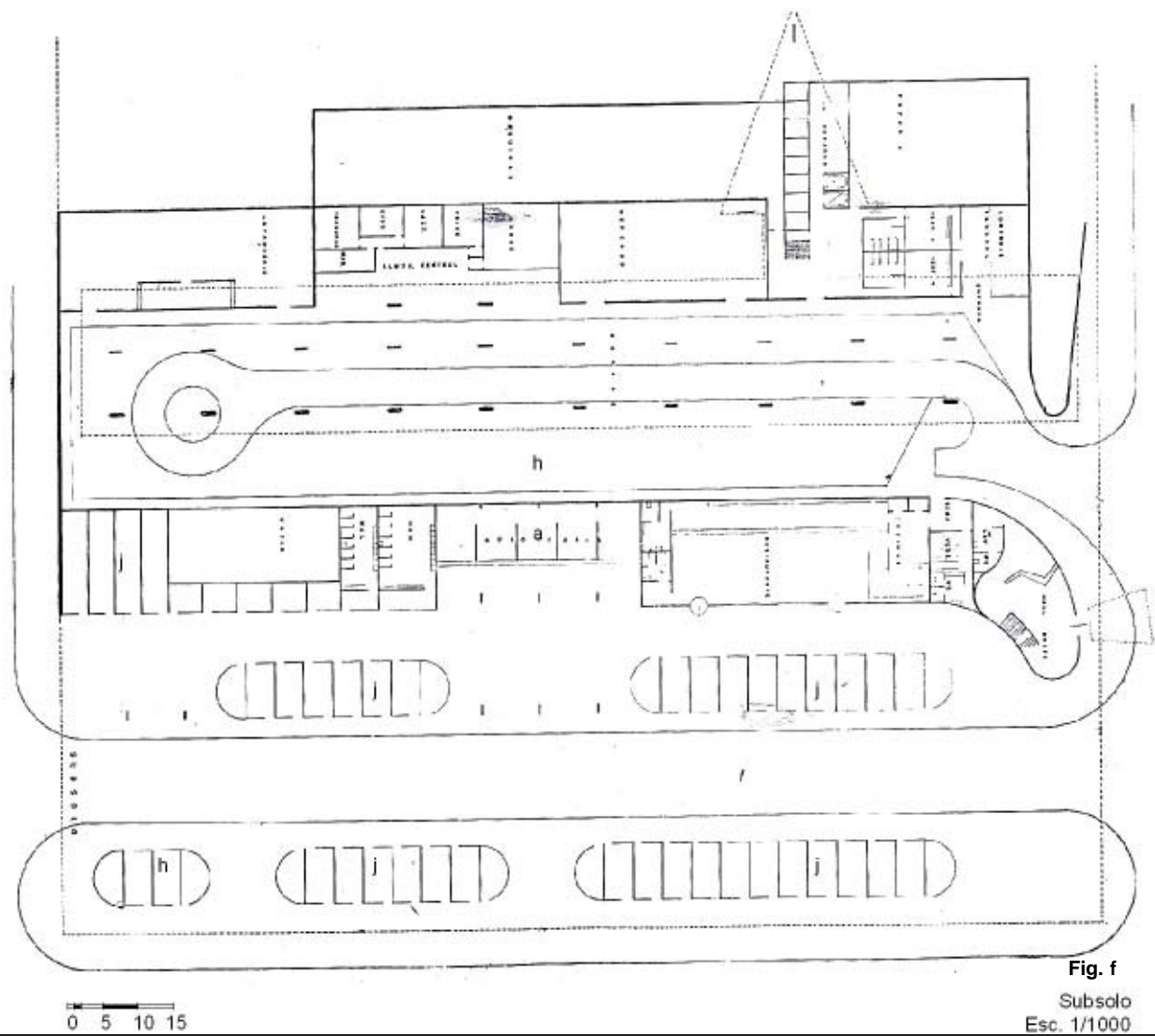


Fig. f

Subsolo
Esc. 1/1000

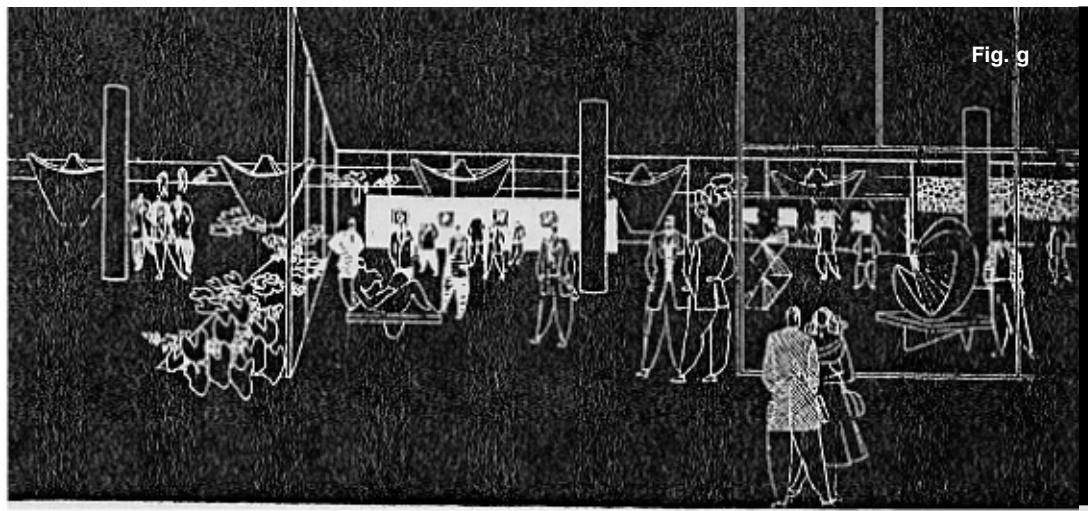


Fig. g

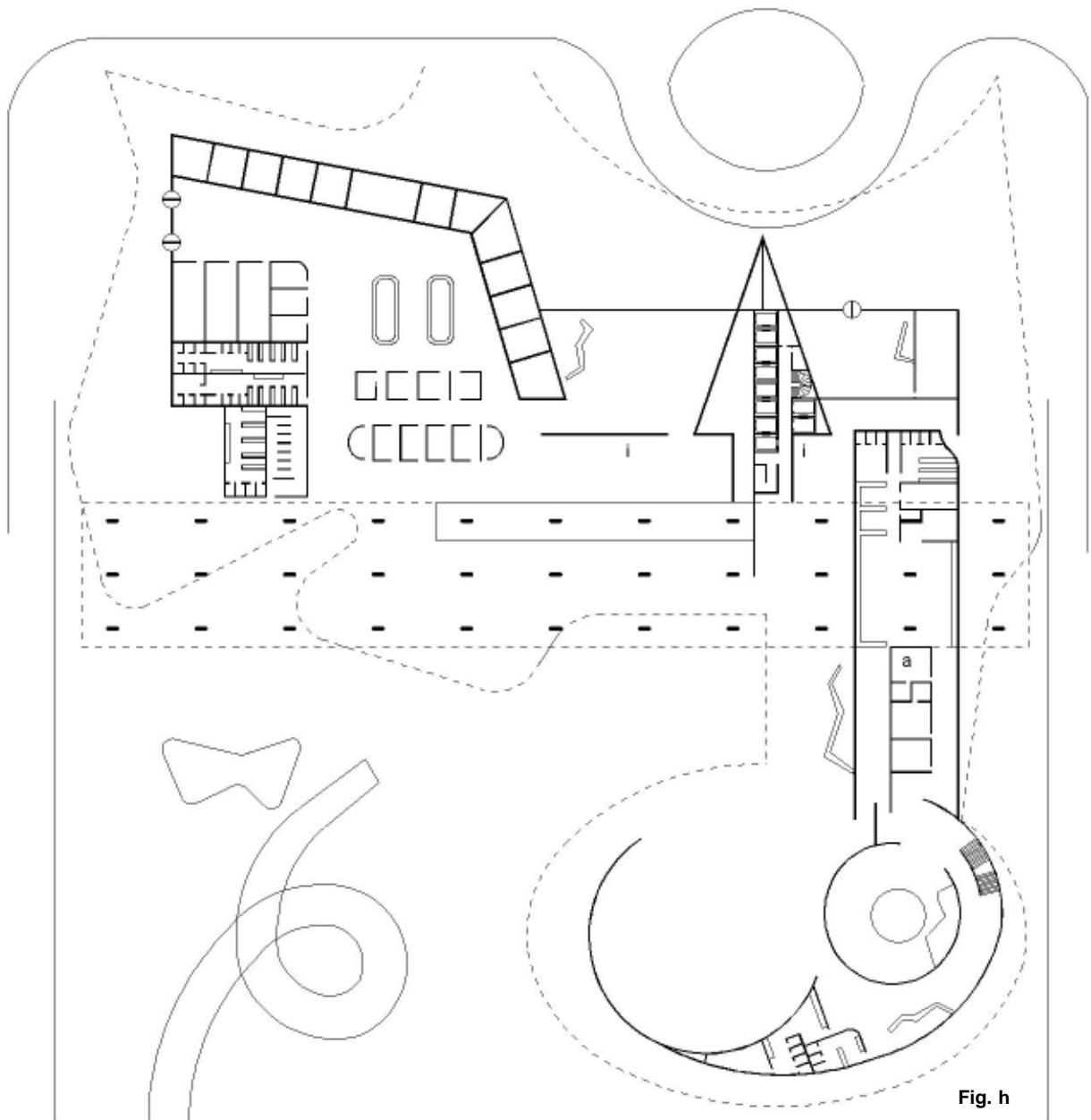
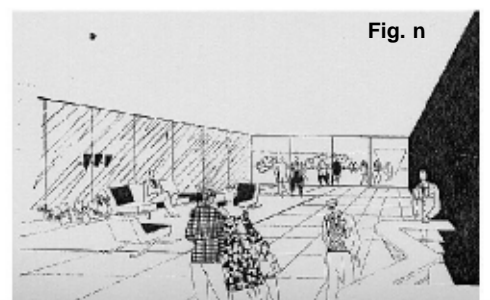
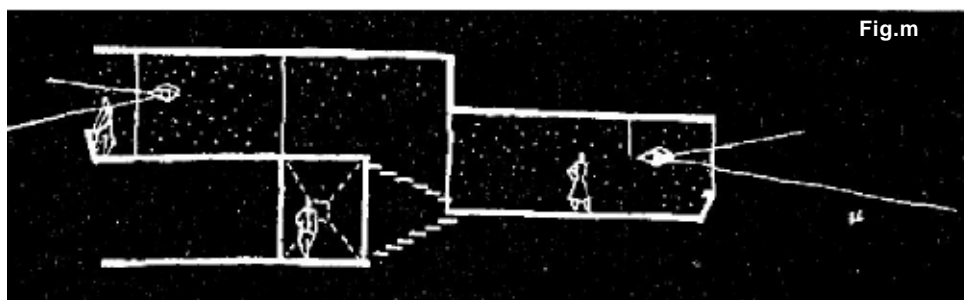
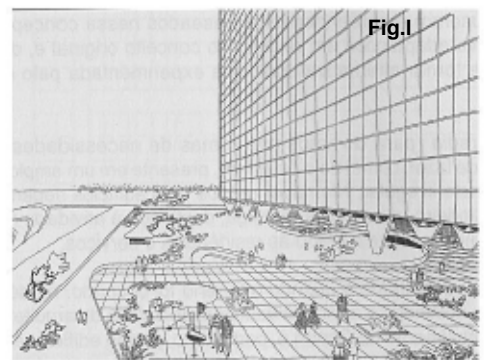
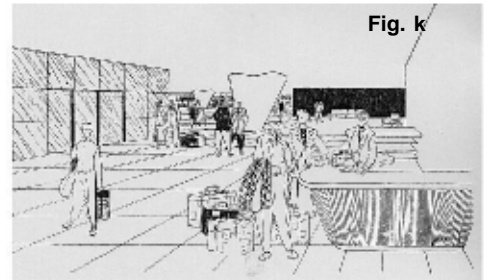
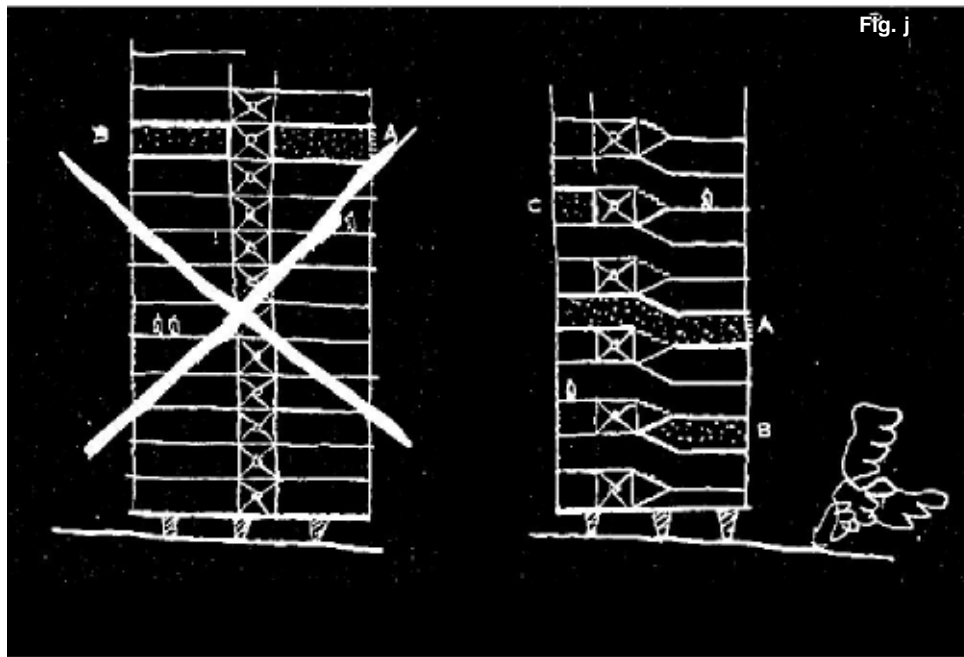
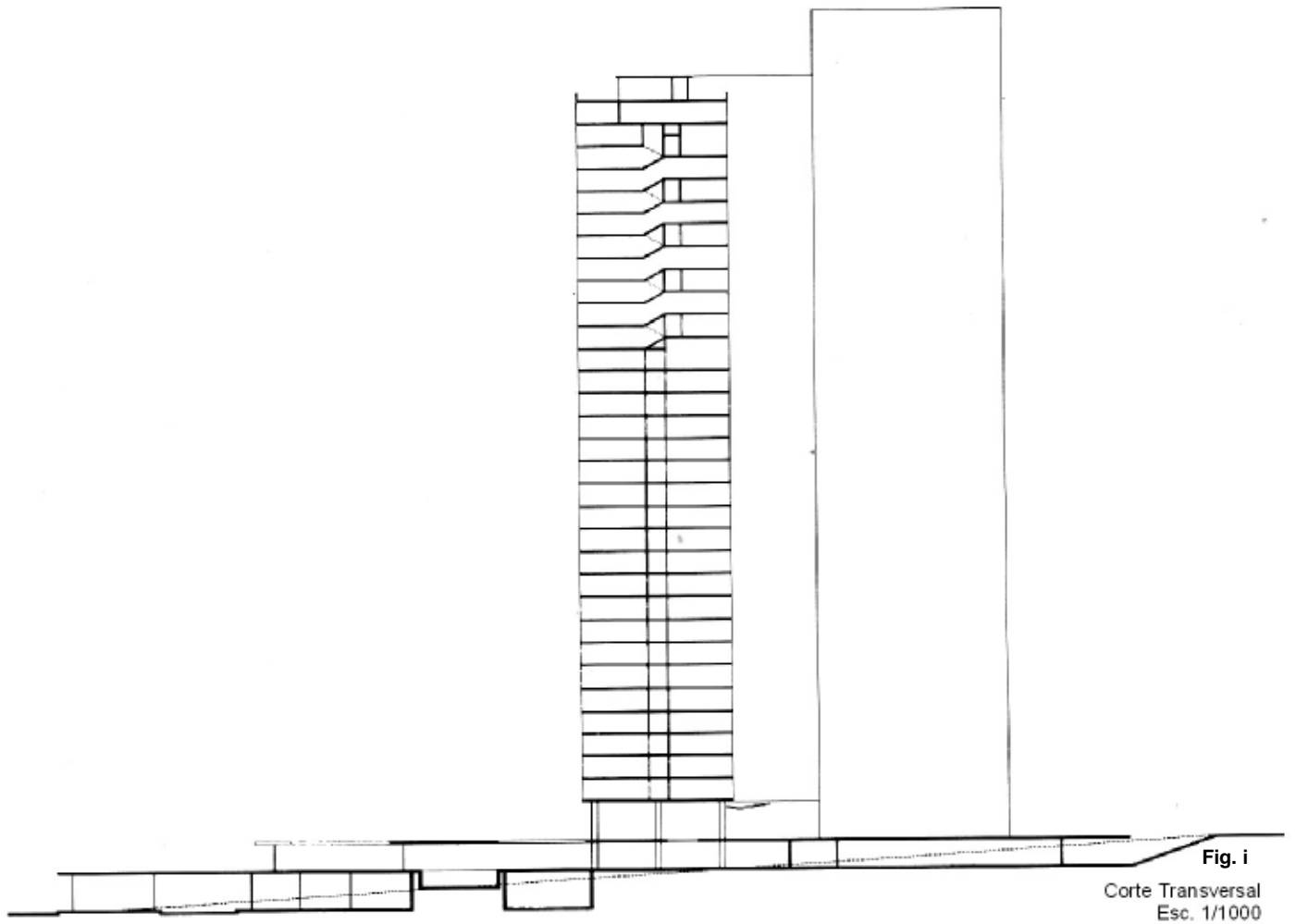
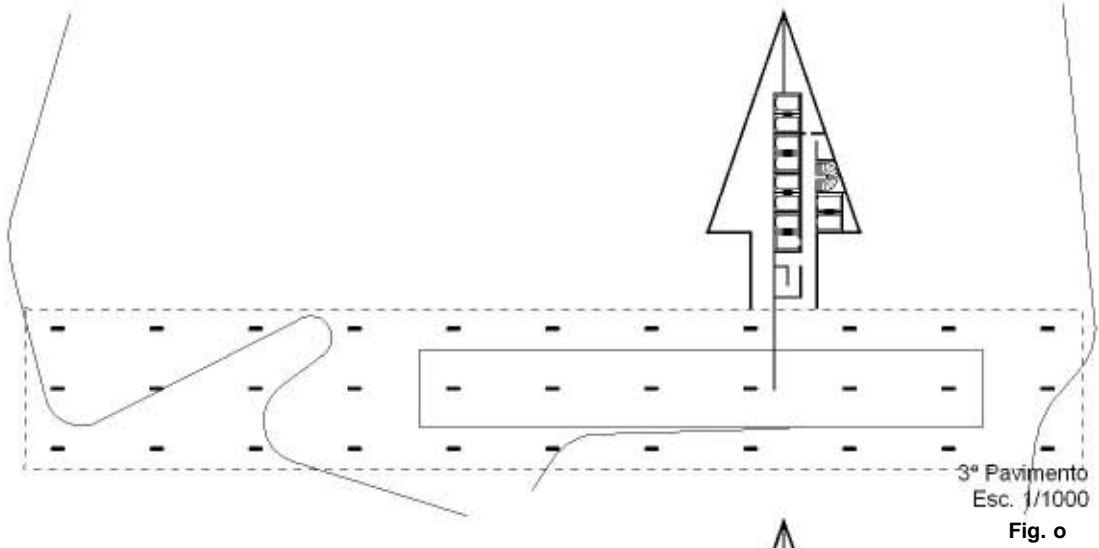


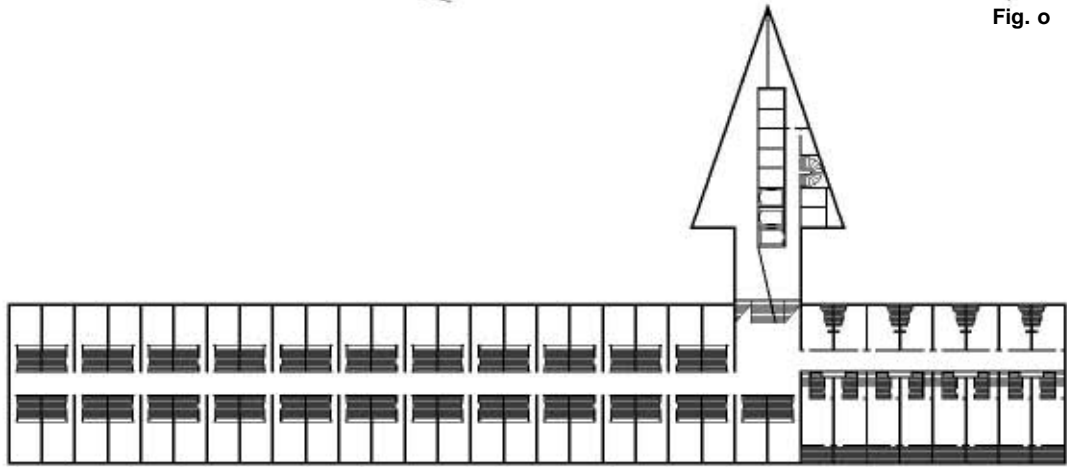
Fig. h

Térreo
Esc. 1/1000

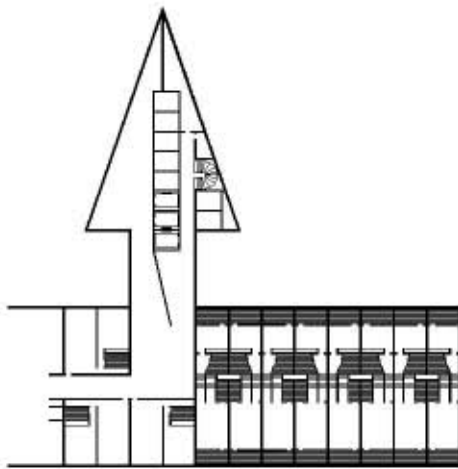




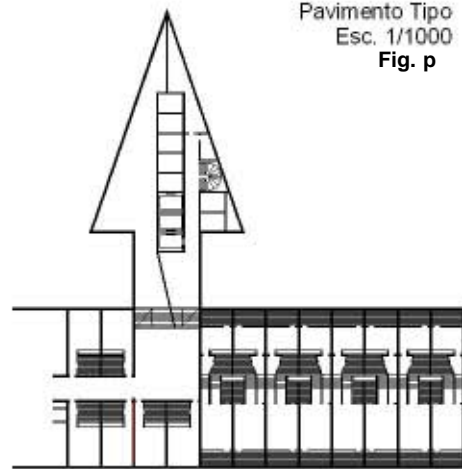
3º Pavimento
Esc. 1/1000
Fig. o



Pavimento Tipo
Esc. 1/1000
Fig. p



12º, 14º, 16º, 18º, 20º, 22º Pavimentos
Esc. 1/1000



4º Pavimento
Esc. 1/1000
Fig. q

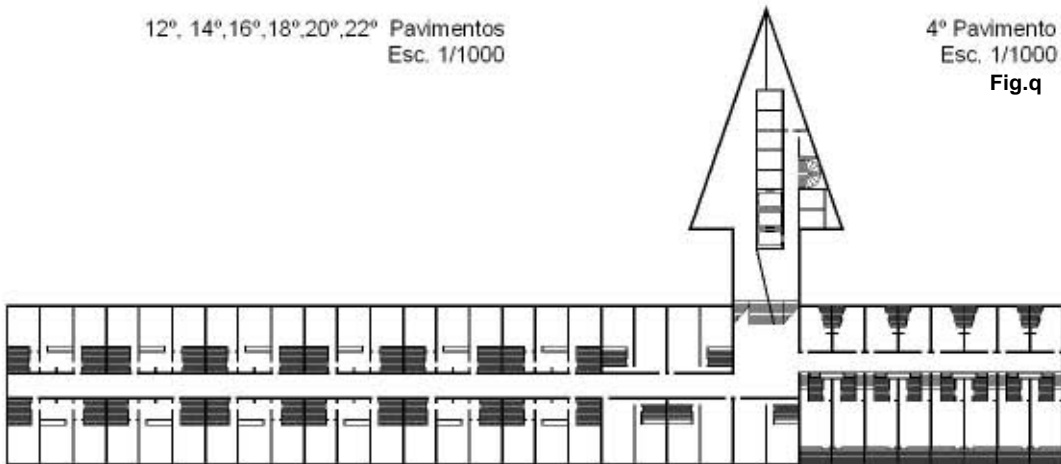


Fig. r 11º, 13º, 15º, 17º, 21º Pavimentos
Esc. 1/1000

Fig. s

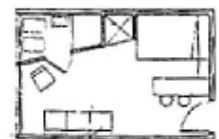
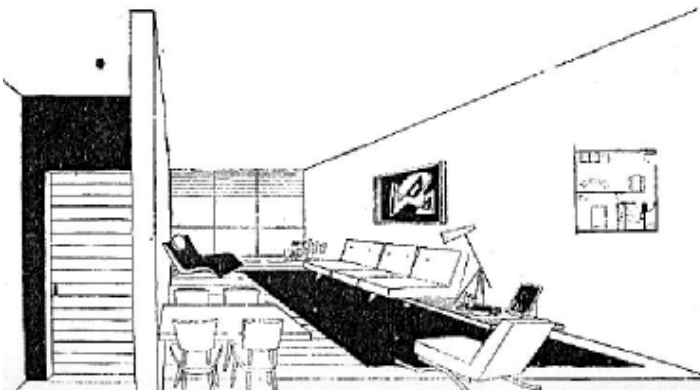
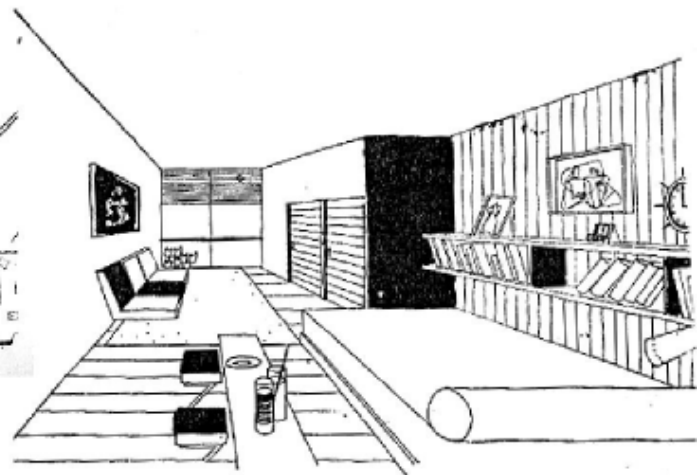
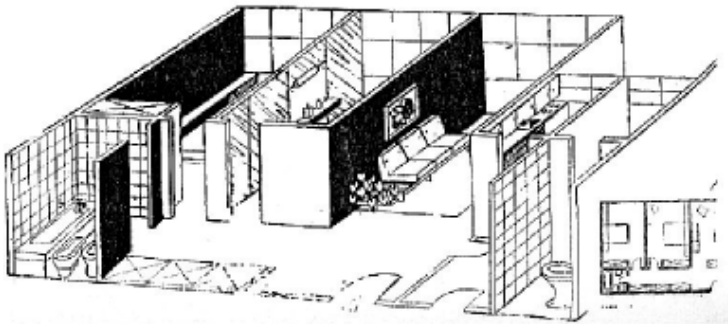
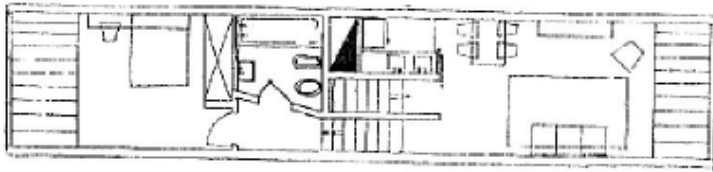
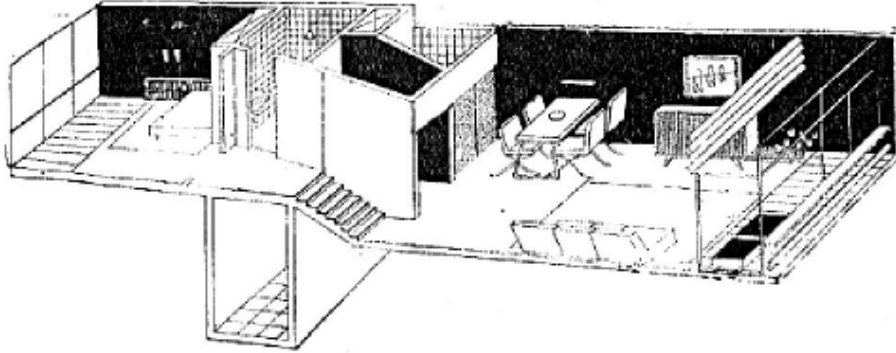
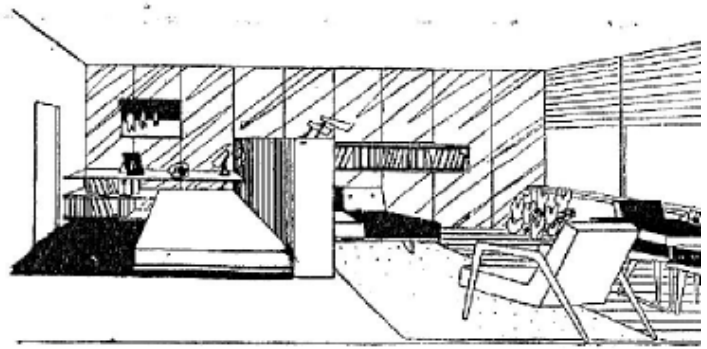
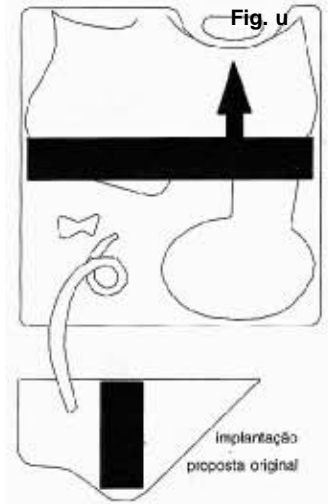
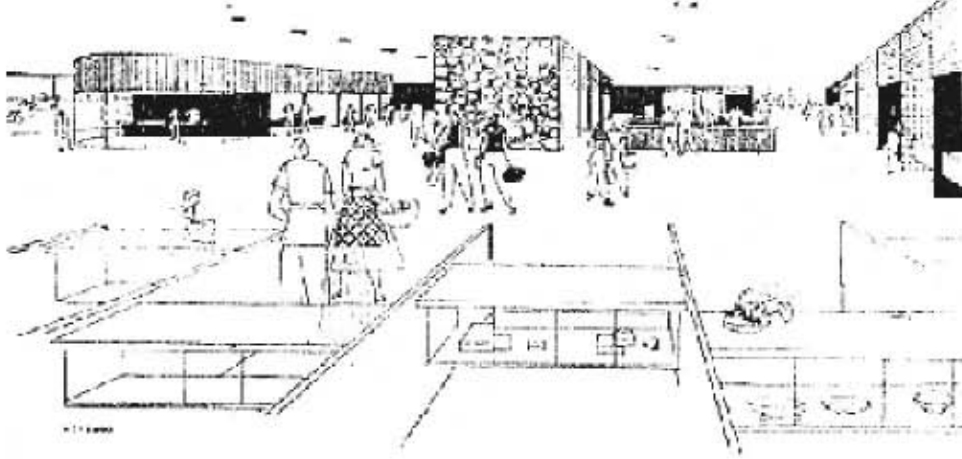


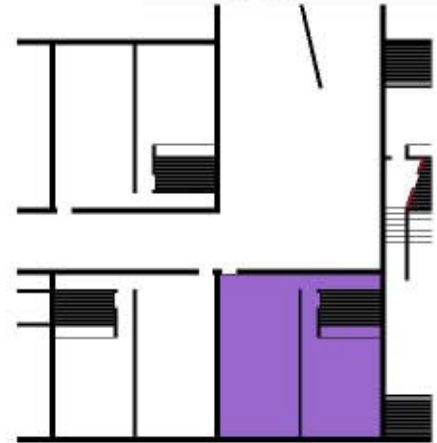
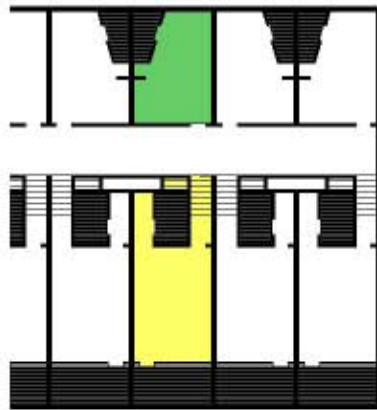
Fig. t



Projeto Esc.	1951 ND
Área (m ²)	26,70 203,95
Número de loc.	k, 1, 2 e 3 dom.
Classe Social	média baixa
Tipologia	simplex e duplex
Área Serviço	variável
Contig. Planta	linear de circ.
Nº. de Unidades	1.364
Nº. de Pav. (porço)	22
Contig. Corpo	X / X+Ø
Planta	ON /linear
Função Corres.	estar
Forma Corres.	volume recuado
Função Base	estar/ comercial
Forma Base	semi- fechada
Estimulo	aparente interna
Implantação	quadra

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 26,70 m²
- Ap.2 A= 52,35 m²
- Ap.3 A= 38,70 m²
- Ap.4 A= 81,90 m²
- Ap.5 A= 98,45 m²
- Ap.6 A= 115,70 m²
- Ap.7 A= 203,95 m²



- | | |
|----|-----------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | Área de Serviço |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 11 | Kitchnette |
-
- | | |
|---|----------------|
| a | Restaurante |
| h | Estacionamento |
| i | Saguão |
| j | Lojas |

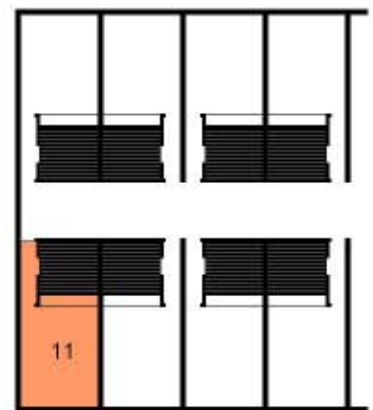
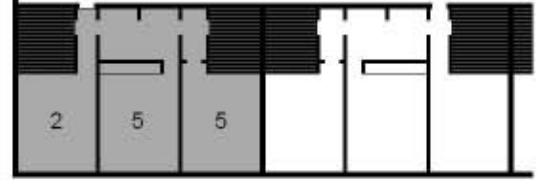
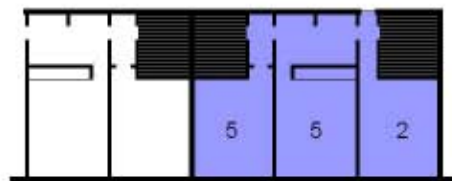
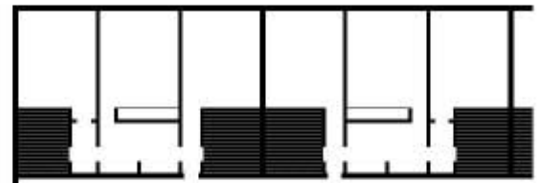


Fig. v

Unidades
Esc. 1/400

Edifício Jaguaribe, 1951/ND Fernando e Luís F. Corona

**Av. Sen. Salgado Filho esq.
rua Vigário José Inácio
Centro**

Porto Alegre, RS

O edifício foi construído na esquina da rua Vigário José Inácio com a avenida Senador Salgado Filho, no centro de Porto Alegre. Ele se destaca na paisagem não apenas por seus 26 pavimentos, mas também pelo jogo de volumes que acontece nas sacadas do corpo da edificação.

Trata-se de uma torre de configuração centrífuga e com base que acompanha o alinhamento das edificações vizinhas, fazendo uma continuação do quarteirão edificado; ela não ocupa toda a projeção do terreno, mas busca fechar o tecido da cidade tradicional.

O edifício, em seu projeto original, apresentaria funções variadas, sendo elas: térreo com cinema para dois mil lugares, garagem no subsolo, confeitaria no segundo pavimento, e a partir dali, o corpo com 26 pavimentos-tipo, e o nono pavimento reservado para uso condominial, com restaurante, bar, biblioteca, sala de conferências e uma biblioteca.

Durante a execução, o projeto foi modificado. O pavimento térreo sofreu algumas alterações na forma, principalmente na esquina, mas suas funções permaneceram iguais, e as funções originariamente do nono pavimento se deram no sexto, imediatamente acima do cinema. O edifício apresenta mais de um tipo de pavimento, com diversas disposições e tamanhos de apartamentos. O pavimento que corresponde ao nono e décimo primeiro andares, por exemplo, conta com um núcleo de circulação vertical que dá acesso a dois apartamentos de três dormitórios na av. Senador Salgado Filho, e outro núcleo, independente, que chega ao apartamento voltado para a rua Vigário José Inácio, também de três dormitórios. A ventilação das unidades é cruzada e a iluminação, direta. Os apartamentos apresentam dependência de empregada e sua estrutura não é aparente nas unidades, a estrutura independente pode ser percebida somente até o pavimento especial, no sexto andar. A base tem função comercial, e o coroamento é feito pelo fechamento da moldura,

“Idealizado para a sua comodidade (...). A aquisição de um apartamento no Edifício Jaguaribe, proporcionar-lhe-á a vantagem e a comodidade de, no seu próprio edifício, possuir um dos maiores, modernos e mais luxuosos cinemas do Brasil: Cinema São João, além de um bar, um grande restaurante, uma confeitaria (...), e playground no último pavimento para o recreio das crianças”

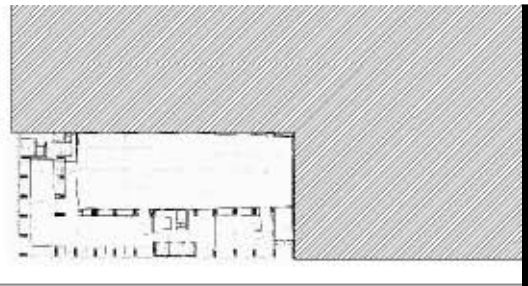
(Corona apud Canez, 1998, p. 148)

que continua nas laterais do edifício.

As fachadas do edifício Jaguaribe ficaram a cargo de Luís Fernando Corona, e revelam uma fachada planar virtual, composta por elementos protuberantes em um grande plano recuado em relação ao contorno que o arquiteto faz no edifício, tornando esses elementos todos alinhados. É interessante o uso de diferentes cores e texturas no tratamento dessa fachada para diferenciar as linhas de lajes dos planos de peitoris. Nas fachadas se percebe a clara diferenciação da base com funções comerciais do corpo que agrega os apartamentos. No edifício Jaguaribe ocorre o único caso em que o tratamento do corpo é transformado dentro de uma categoria: pode-se dizer que os elementos pontuais salientes derivam-se para reentrâncias horizontais lineares.

Fig. a

Implantação
Esc. 1/1250



Av. Salgado filho



Fig. b



Fig. c



Fig. d

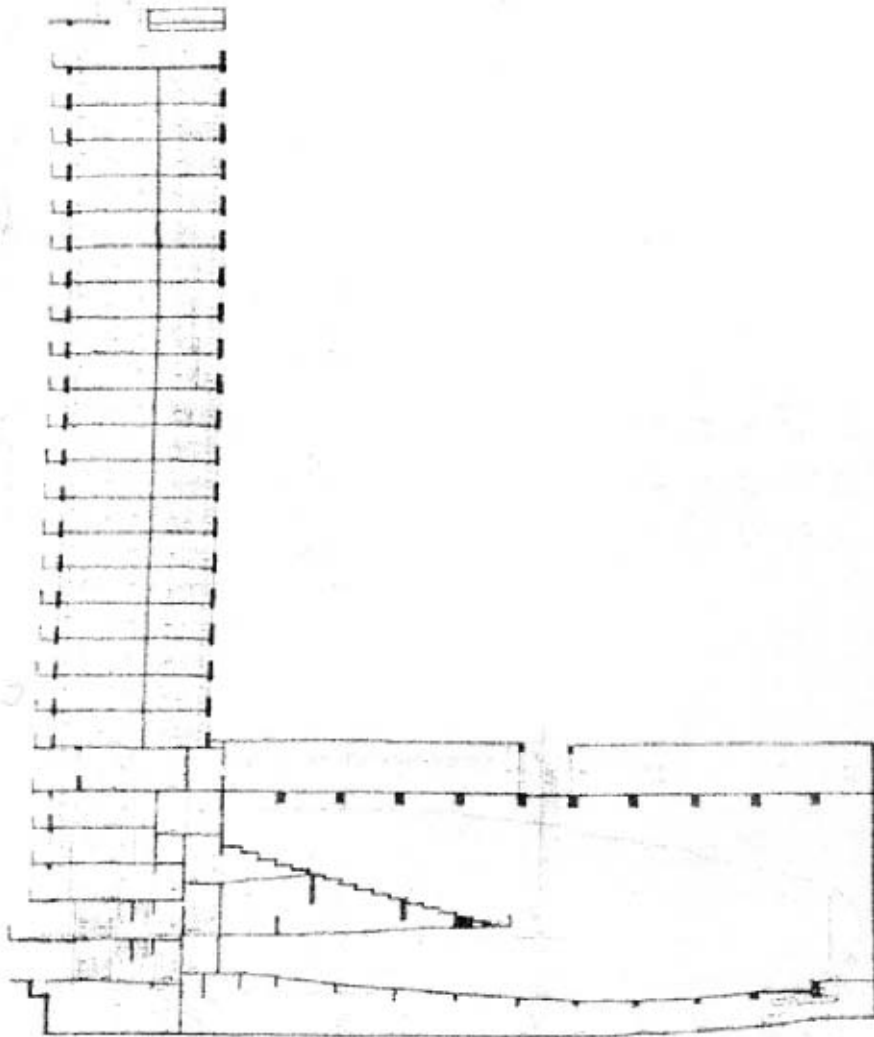
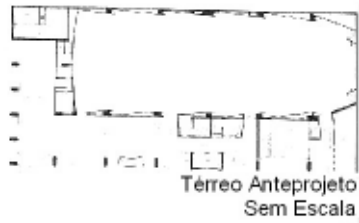
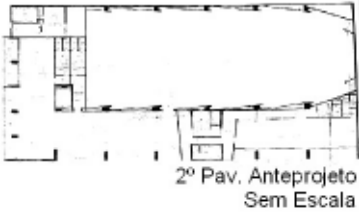


Fig. e
Corte Longitudinal
Esc. 1/400



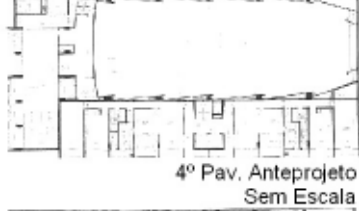
Térreo Anteprojeto
Sem Escala



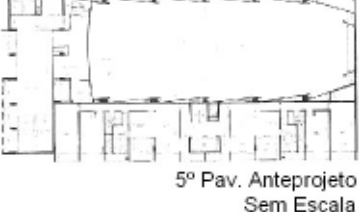
2º Pav. Anteprojeto
Sem Escala



3º Pav. Anteprojeto
Sem Escala



4º Pav. Anteprojeto
Sem Escala



5º Pav. Anteprojeto
Sem Escala



6º Pav. Anteprojeto
Sem Escala



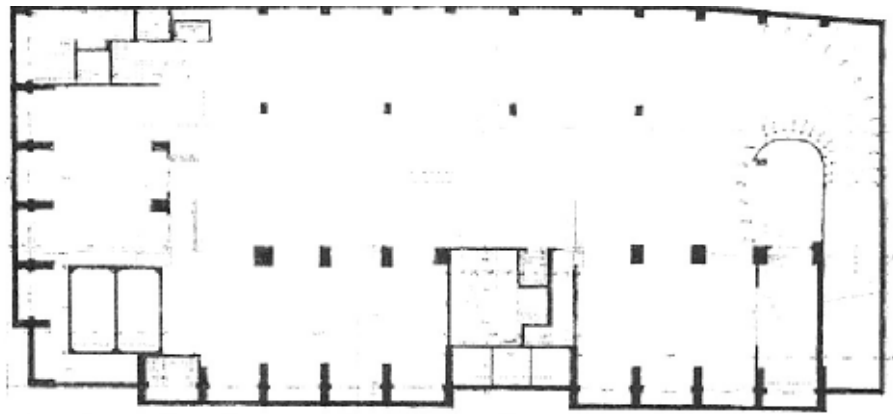
8º Pav. Anteprojeto
Sem Escala



10º-24º Pav. Pares Anteprojeto
Sem Escala



Fig. f 26º Pav. Anteprojeto
Sem Escala



Subsolo
Fig. f Esc. 1/400

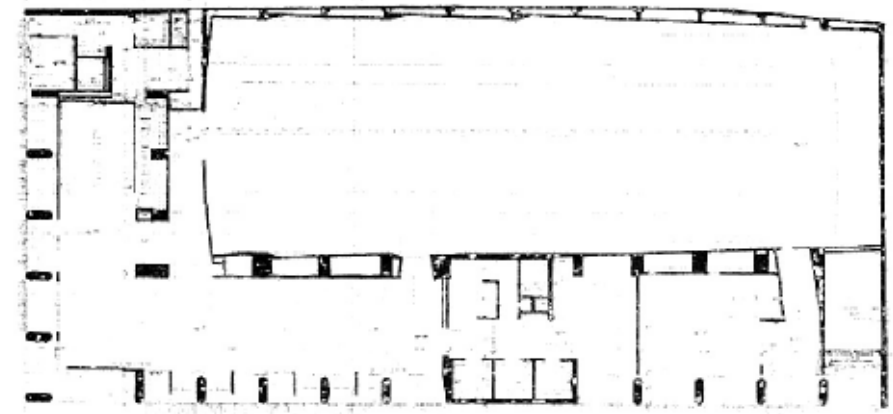


Fig. g Térreo
Esc. 1/400

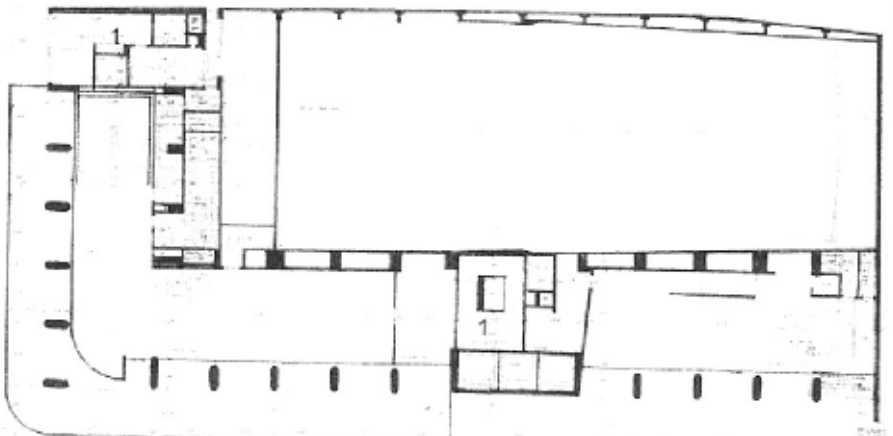


Fig. h 2º Pavimento
Esc. 1/400

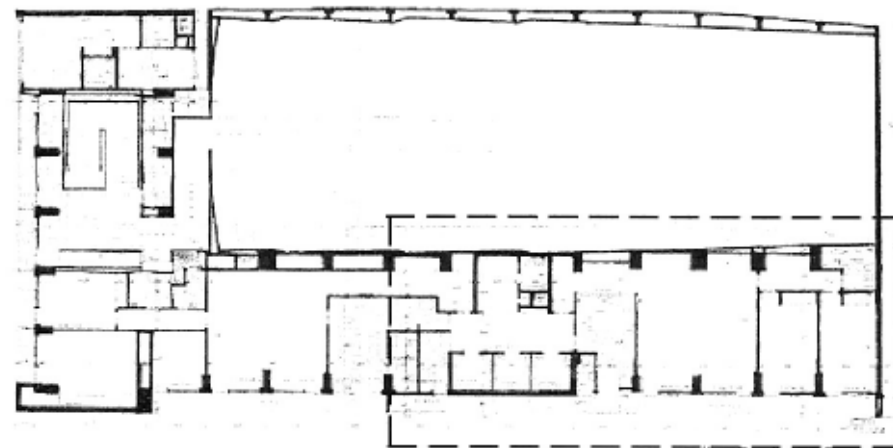


Fig. j 3º Pavimento
Esc. 1/400



Fig. k

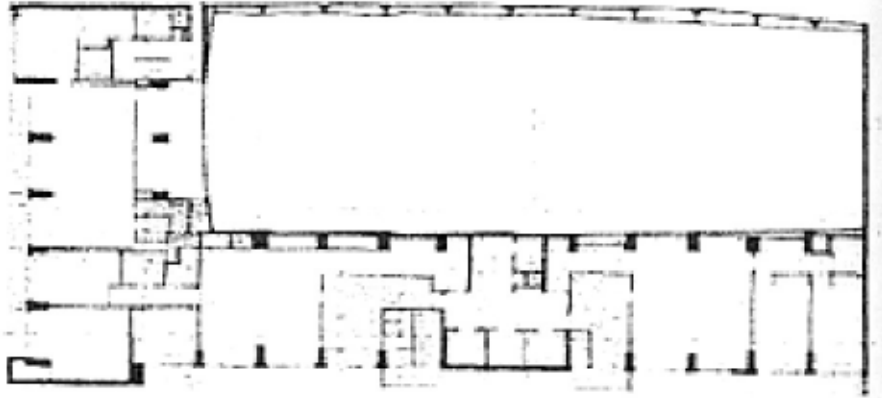


Fig. l 4° Pavimento
Esc. 1/400

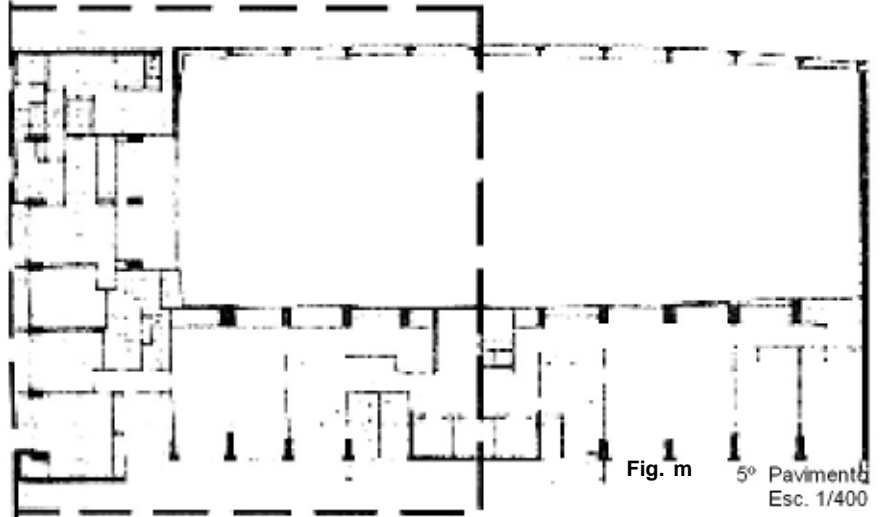


Fig. m 5° Pavimento
Esc. 1/400

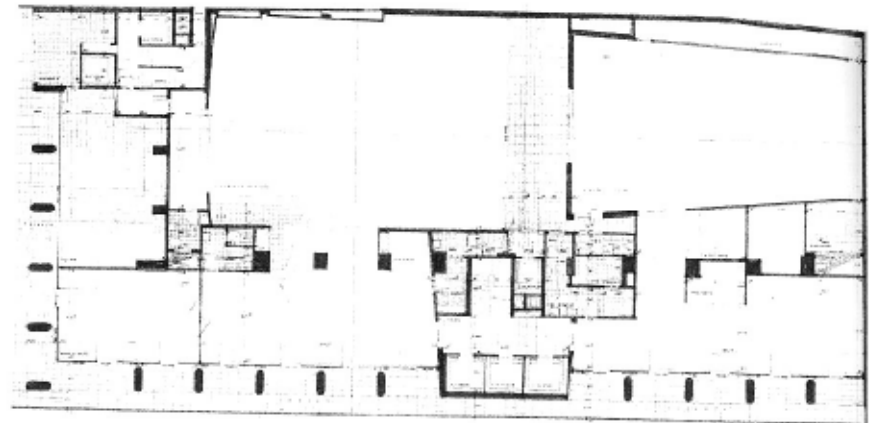


Fig. n 6° Pavimento
Esc. 1/400

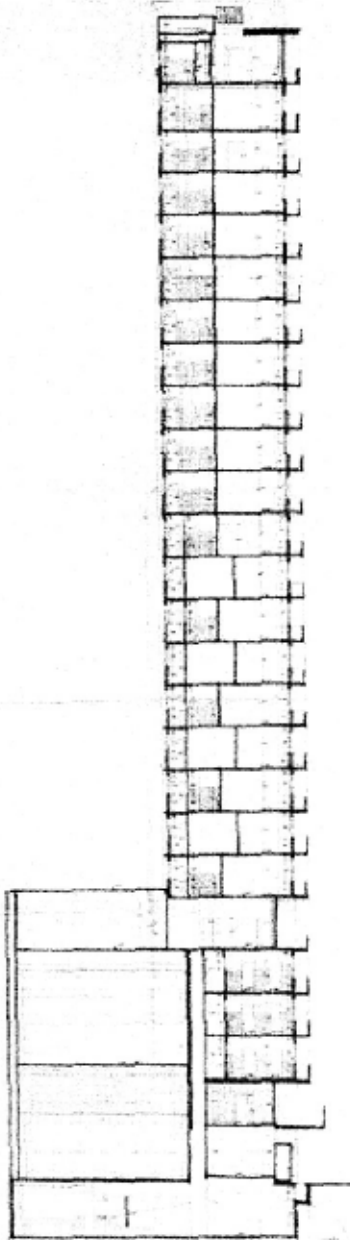


Fig. o Corte Transversal
Esc. 1/400

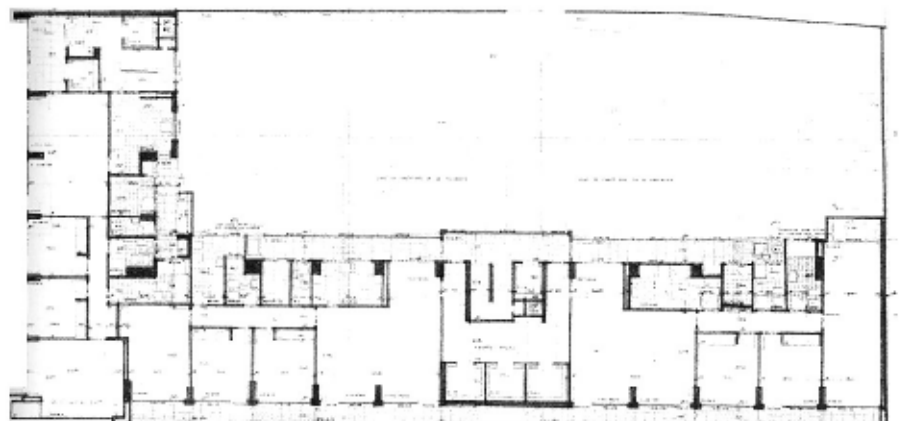


Fig. p 7° Pavimento
Esc. 1/400



Fig. q



Fig. r

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 53,50 m²
- Ap.2 A= 77,85 m²
- Ap.3 A= 83,25 m²
- Ap.3 A= 122,00 m²
- Ap.5 A= 128,00 m²
- Ap.6 A= 136,80 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 10 | Elevador |
| 12 | Balcão |

- | | |
|---|---------------|
| a | Restaurante |
| b | Sanitário |
| g | Cozinha |
| i | Saguão |
| j | Loja |
| k | Portaria |
| p | Administração |
| r | Bar |
| s | Plateia |



Planta 8°, 10°, 12°, 14° Pavimento
Esc. 1/400

Fig. s



Planta 9° e 11° Pavimentos
Esc. 1/400

Fig. t

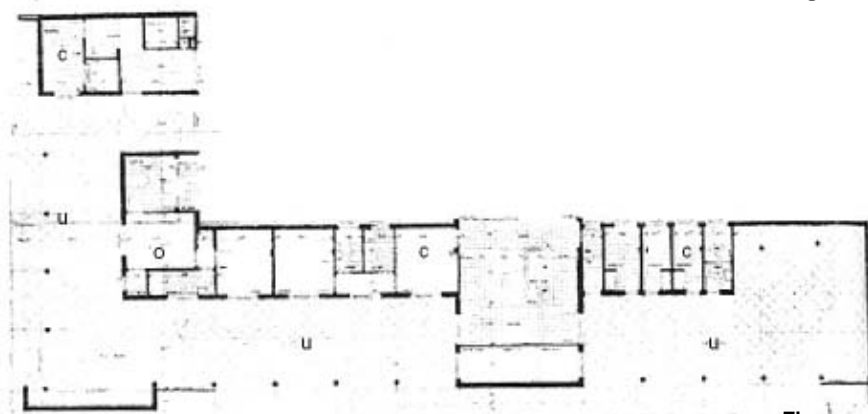


Fig. u

Planta 26° Pavimento
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1951 ND
Área (m ²)	53,50 136,80
Número de Torres	1, 2, 3 e 4 dorm.
Classe Social	média
Tipoologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	linear de uso
Nº. de Unidades	72
Nº. de Pav. (temp.)	20
Config. Corpo	II* > IV
Paralelo	gaucho
Função Constr.	estar
Forma Constr.	subtraído do vol.
Função Base	comercial
Forma Diver.	fechada
Estilização	aparente interna
Implantação	esquina

Edifício Sambaíba, 1952/ND

MMM Roberto

R. Sambaíba, 166

Rio de Janeiro, RJ

O edifício Sambaíba está implantado cuidadosamente em um terreno triangular de esquina, respeitando a forte declividade do lote, dispondo seus três blocos nos bordos do terreno e liberando um vazio central conectado por passarelas ao nível do primeiro piso. O terreno triangular tem seu menor lado orientado para norte, mas essa lateral fica na divisa com outros terrenos.

Volumetricamente, esse edifício se constitui de uma barra dobrada de configuração linear de uso.

O edifício apresenta pilotis ao longo da avenida Sambaíba, para vencer a declividade do terreno. No pavimento térreo existem pilotis, e um partido com pátio interno de distribuição, e barras delgadas ao longo das 3 faces do terreno é revelado, abrigando um total de 26 unidades divididas em quatro pavimentos. O pavimento-tipo contém seis apartamentos de dois dormitórios com dependência de empregada e um apartamento duplex (solução adotada já em outras obras dos arquitetos), com área útil equivalente às outras unidades, na face norte. O pátio interno confere qualidade de ventilação e iluminação ao conjunto. A cobertura é composta por apartamentos com jardim e é recuada do alinhamento do edifício, embora uma máscara simule a construção junto ao alinhamento dando continuidade ao corpo do edifício. Os 4 pavimentos-tipo somam-se à cobertura, formando um plano único vazado no corpo do edifício.








As fachadas são possuem trecho oblíquo à rua, como de costume na obra dos irmãos Roberto, conferindo sensação de movimento na fachada para pedestre que observa o edifício desde a calçada. Enquanto uma fachada é planar composta, com uma grelha de elementos bidirecionais formados pelo acabamento das lajes dos pavimentos no sentido horizontal e pelas finalizações das paredes dos ambientes internos, no sentido vertical, e substituídas por elementos verticais, nos ambientes de estar, preenchida nesse mesmo plano por vidro,

“Localizado no Alto Leblon, zona sul do Rio de Janeiro (RJ), em terreno triangular de encosta. O sítio difícil e a necessidade de abrigar o maior número possível de apartamentos levou os arquitetos a adotarem um partido com pátio interno de distribuição e barras delgadas estendidas ao longo das três faces do terreno, abrigando um total de 26 unidades em quatro pavimentos.”

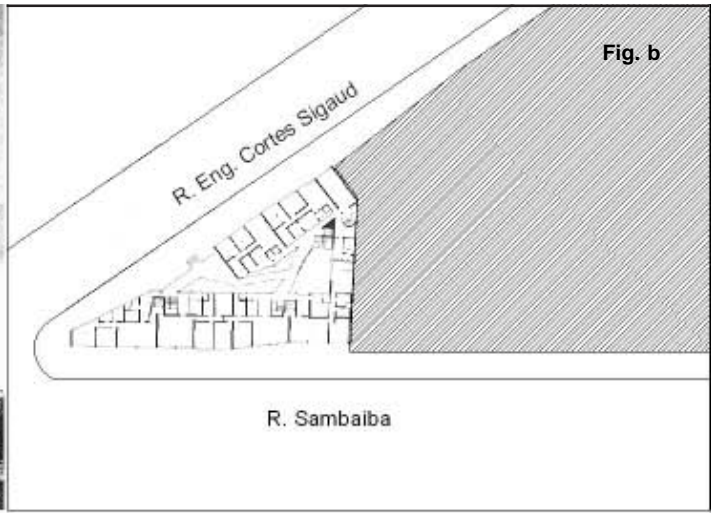
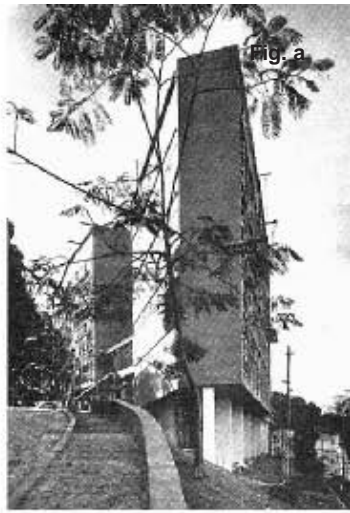
(Calovi, 1993, p. 113)

na fachada oposta, da Rua eng. Cortes Sigaud, essa grelha bidirecional fica vazada em alguns momentos (fig.d) configurando uma fachada planar composta por reentrâncias.

LEGENDAS:

	Ap.1 A= 70,00 m ²
	Ap.2 A= 73,75 m ²
	Ap.3 A= 86,90 m ²
	Ap.4 A= 87,45m ²
	Ap.5 A= 89,80 m ²
	Ap.6 A= 98,70 m ²
	Ap.7 A= 112,55 m ²

1	Hall
2	Estar/Jantar
3	Cozinha
4	A. Serv./Dep. Empreg.
5	Dormitório
6	Banho
7	Vestibulo
10	Elevador



Pavimento Tipo
Esc. 1/400
Fig. c



Edifício Sambaíba

Projeto / Exec.	1952 ND
Áreas (m ²)	70,00 112,55
Número Dorm.	2 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex e duplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	anelar de uso
Nº. de Unidades	26
Nº. de Pav. (corpo)	4
Cartão. Corpo	VII
Parcela	MMM
Função Constr. resid.	resid.
Forma Constr. subtraído do vol.	subtraído do vol.
Função Base	estar
Forma Base	semi- vazada
Estrutura	aparente interna
Implantação	esquina

Edifício Esplanada, 1952/60 **Román Fresnedo Siri**

**Rua Ramiro Barcelos, esq.
av. Independência e r. André Puente**

Porto Alegre, RS

O edifício Esplanada está implantado em amplo terreno (1.800m²) na cabeça de quarteirão do bairro Independência, tem frente para a avenida Independência e as ruas Ramiro Barcelos e André Puente. O edifício é composto por quatro blocos isolados, sendo que dois deles têm acesso pela rua Ramiro Barcelos. O projeto foi construído em três etapas, iniciado pelo bloco A, na rua André Puente, e em seguida foi erigido o bloco B, na rua Ramiro Barcelos. Em 1960, o projeto ficou completo, com a construção dos blocos C e D, juntamente. Todos os blocos contam com amplos e confortáveis apartamentos.

O corpo do edifício apresenta quinze pavimentos cobertos por uma grelha regular que une os blocos B e C, conformando um volume único que faz a terminação desse quarteirão. Volumetricamente, poderia ser designado como uma barra alta dobrada de configuração linear de uso.

O pavimento térreo, fechado, contém, além do hall de entrada dos quatro blocos, lojas e restaurantes aos quais se antepõem pilares de grande porte, conformando uma galeria sobre a calçada. O edifício apresenta dois pavimentos-tipo, cada um com diversas opções de apartamentos, que vão desde o *kitchenette*, em apenas um pavimento do bloco A, devido ao desnível do terreno, passando por apartamentos de dois, três e quatro dormitórios. As dependências principais, dotadas de varanda, impelem um forte ritmo à edificação. O coroamento é vazado no corpo da edificação, marcado por uma pérgola, e destina-se às dependências do zelador e salões de festa com grandes terraços periféricos.

O edifício Esplanada apresenta duas fachadas semelhantes, na rua Ramiro Barcelos e na Avenida Independência, onde parece ser adicionada uma grelha que contém as sacadas dos apartamentos, revestida de pastilha de cor esverdeada, que confere uma fachada planar virtual. Mesmo que nessa grelha as linhas verticais estejam mais

“Iniciativa de grandes proporções para a época, com cerca de 20 mil m² de área edificada, o Esplanada compreende quatro blocos, construídos por etapas, contando com amplos e confortáveis apartamentos.”

(Xavier, 1987, p. 93)

salientes que as horizontais, a sensação é de planeza, da mesma forma que ocorre já no corpo dessas fachadas, onde não existe esse elemento adicionado, mas também temos essa série de elementos reentrantes formando uma planaridade virtual.

Na fachada da rua André Puente, o tratamento de fachada é distinto das outras duas, mas a classificação é a mesma, de fachada composta por elementos reentrantes, devido à série de reentrâncias na parte central dessa fachada.







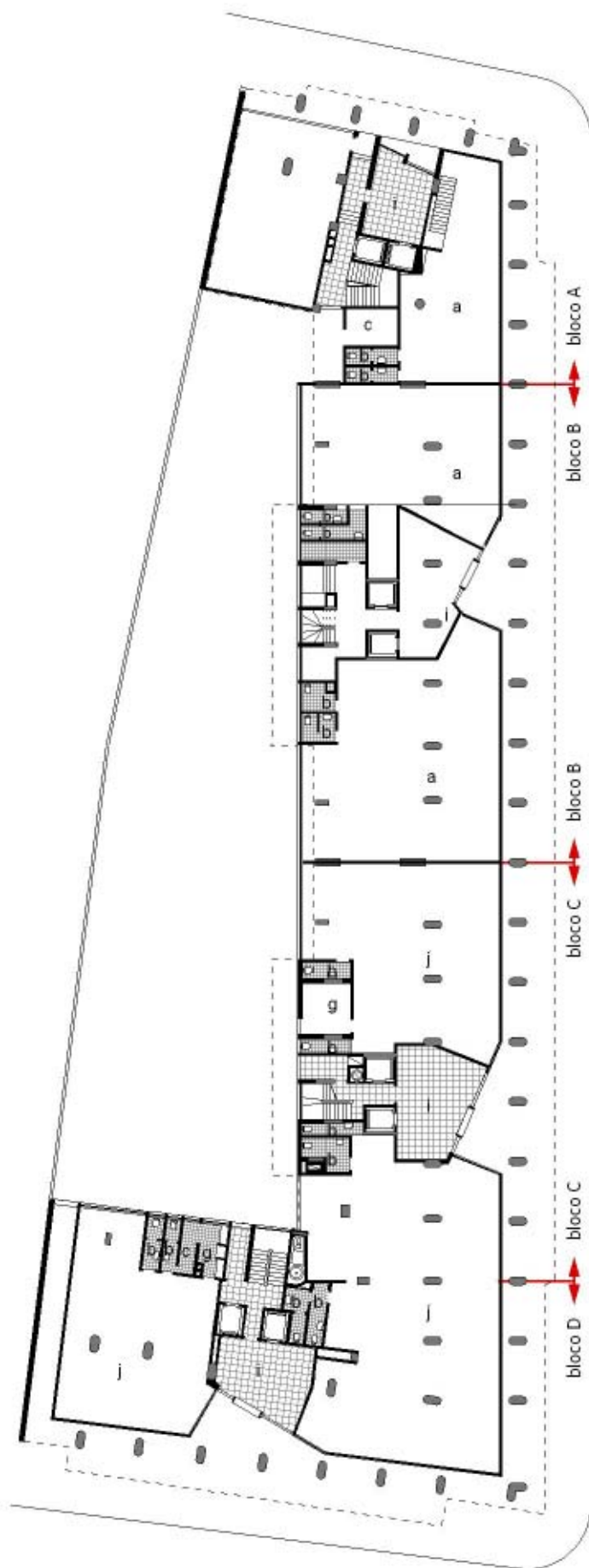














Fig. j Pavimento Térreo
Esc. 1/400

LEGENDAS:

	Ap.1 A= 108,60 m2
	Ap.2 A= 110,25 m2
	Ap.3 A= 113,15 m2
	Ap.4 A= 143,25 m2
	Ap.5 A= 151,20 m2
	Ap.6 A= 157,40 m2
	Ap.7 A= 160,65 m2
	Ap.8 A= 162,25 m2
	Ap.9 A= 208,35 m2
	Ap.10 A= 214,15 m2
	Ap.11 A= 215,75 m2
	Ap.12 A= 225,65 m2

1	Hall
2	Estar/Jantar
3	Cozinha
4	A. Serv./Dep. Empreg.
5	Dormitório
6	Banho
7	Vestibulo
9	Estar Íntimo
10	Elevador
12	Balcão

a	Restaurante
b	Sanitário
c	Depósito
g	Cozinha
i	Saguão
j	Loja





Fig. k
Pavimento Tipo
Esc. 1/400



Fig. l
Pavimento Tipo 2
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1952 1960
Área (m ²)	108,60 225,65
Número Dorm.	2, 3 e 4 dorm.
Classe Social	média alta
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	linear de uso
No. de Unidades	30+37 +31+33
No. de Pav. (tempo)	15
Config. Corpo	VIII+II
Paralelo	gaúcho
Função Coroa	estar
Paralelo Coroa	subtraído do vol.
Função Base	comercial
Paralelo Base	fechada
Estrutura	aparente interna
Expositivo	cabeça

Conj. res. da Gávea, 1952/67/NE
Affonso Eduardo Reidy

Av. Pe. Leonel Franca, s/n

Rio de Janeiro, RJ

O projeto do conjunto residencial Marquês de São Vicente, mais conhecido como conjunto residencial da Gávea, localiza-se em terreno irregular, cortado por um rio. O bloco serpenteante está separado dos blocos regulares, que ocorrem em maior número, por via de alto fluxo de veículos, e a ligação é feita por passarela sobre essa via.

O conjunto proposto apresenta o bloco A, caracterizado como uma barra curvilínea de configuração linear de circulação, que foi concretizado em 1967, e os outros blocos, que são barras retas paralelas de configuração linear de circulação, e não foram edificadas.

O projeto desse conjunto se assemelha ao outro projeto para habitação popular de Reidy – o Pedregulho –, contando também com jardim-de-infância, creche, escola, centro comercial, capela, lavanderia, ambulatório etc, além dos blocos habitacionais, que possuem muitas semelhanças tipológicas. Algumas alterações podem ser percebidas: o bloco A, nesse caso, apresenta função de uso comunitário na cobertura e nos blocos regulares (B), que nesse caso não compreendem unidades exclusivamente dúplex, o corredor de circulação passa a ser central e a ventilação das unidades deixa de ser cruzada. O bloco A, assim como no conjunto residencial Pedregulho, apresenta, abaixo do corredor de acesso, unidades simples de um pavimento e outras maiores, tipo dúplex, com dois dormitórios acima. O bloco B compreende uma unidade pequena, de um dormitório, e uma maior, de três. A área de serviço é coletiva, localizada na cobertura do bloco A, com tanques individuais para cada apartamento. O acesso ao bloco A também ocorre em um pavimento intermediário, mas nesse edifício já aparecem pilares em “V”. A circulação é linear e não ocorre em todos pavimentos, em função das unidades dúplex. Ao todo foram projetadas 748 unidades, das quais, 328 foram construídas.

O pavimento de circulação central gera uma área que

separa os diferentes tratamentos de fachada dos apartamentos menores, que se localizam abaixo, e dos tipo dúplex, acima. Os dois trechos são considerados planares reais, sendo que no superior as partes translúcidas são compostas por elementos pontuais seriados que ocorrem no sentido horizontal e são intercalados com elementos lineares que vão de ponta a ponta da fachada, e na parte inferior do bloco os elementos constituintes são apenas pontos dispostos de maneira cruzada na fachada, mas com a mesma característica de fachada planar real. Essas diferentes maneiras de dispor elementos opacos e translúcidos agregam características completamente diversas às duas metades do conjunto.

“It is slowly beginning to be understood by the public – and more importantly by authorities – that the problem of providing public housing has altered radically. Just as all our lives have changed and become more complex, so also have the services and amenities required by modern living. In addition to the basic, normal needs such as space, light, power etc., there must now be – as well – planned medical and pediatric centers, school units, religious and social centers, several kinds of recreation areas, etc. In fact, the plan must include all those facilities which create a neighbourhood capable of providing a full and satisfying life to its residents.”

(Reidy apud Bonduki, 2000)

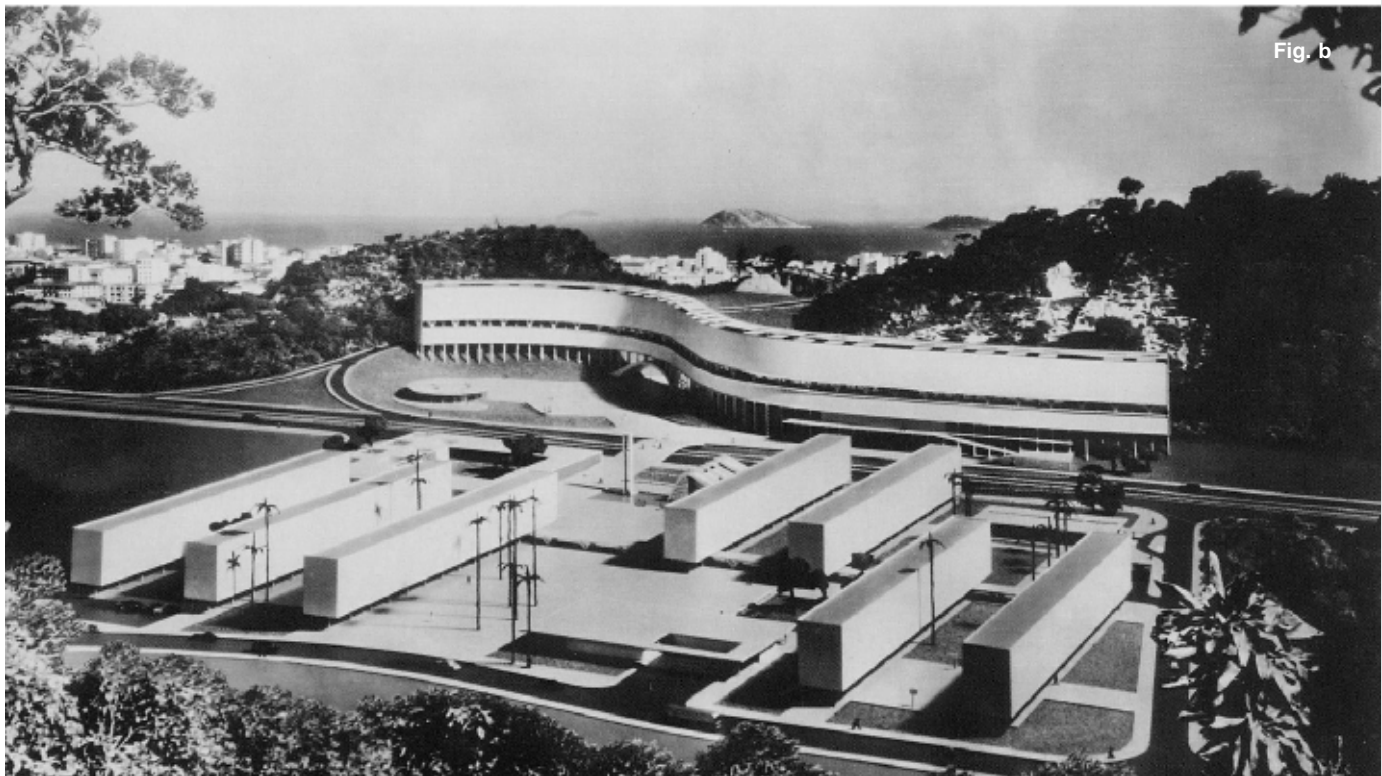
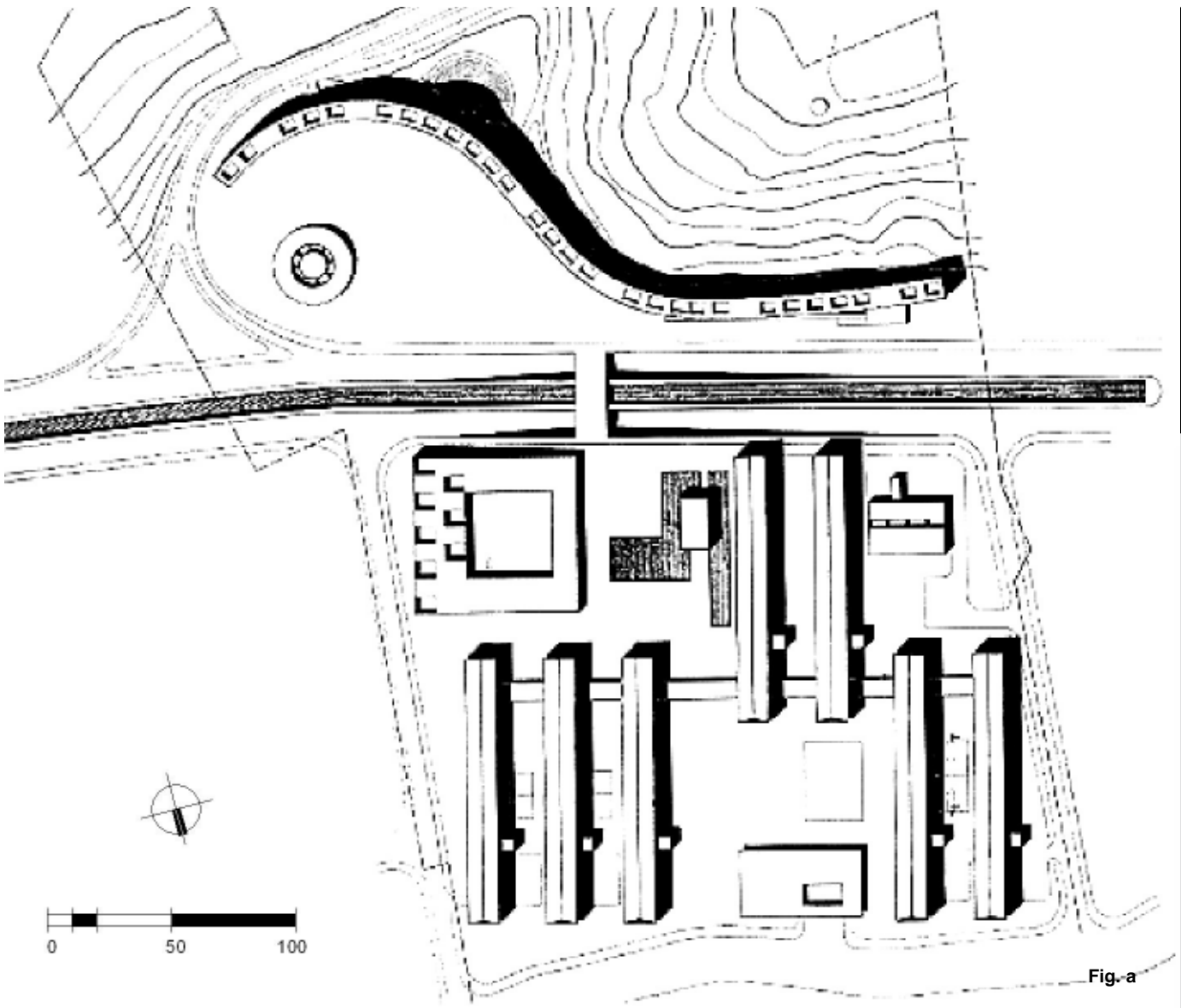




Fig. c



Fig. d



Fig. e

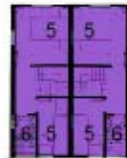
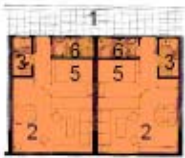


Fig. f



Fig. g

Projeto / Escala	1952 67/NE
Área (m ²)	11,85 43,00
Número de Unidades	k, 1, 2 e 3 dorm.
Classe Social	baixa
Tipologia	simplex e duplex
Área Serviço	não
Config. Planta	linear de circ.
Nº de Unidades	748
Nº de Pav. Depend.	7
Config. Corte	I
Forma	conj. hab.
Função Concom.	estar
Forma Concom.	subtraído do vol.
Função Base	estar
Forma Base	vazada
Estilismo	aparente interna
Implantação	superquadra

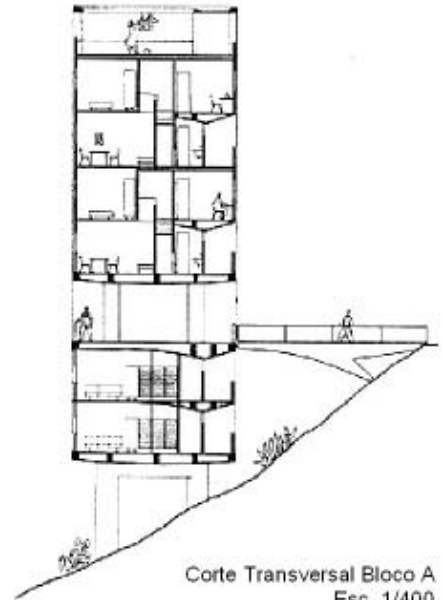


Unidades Bloco A
Esc. 1/400



Unidades Bloco B
Esc. 1/400

Fig. h



Corte Transversal Bloco A
Esc. 1/400

Fig. i

LEGENDAS:

Ap.1	A= 11,85 m ²
Ap.2	A= 27,90 m ²
Ap.3	A= 32,80 m ²
Ap.4	A= 43,00 m ²

1	Hall
2	Estar/Jantar
3	Cozinha
4	A. Serv./Dep. Empreg.
5	Dormitório
6	Banho

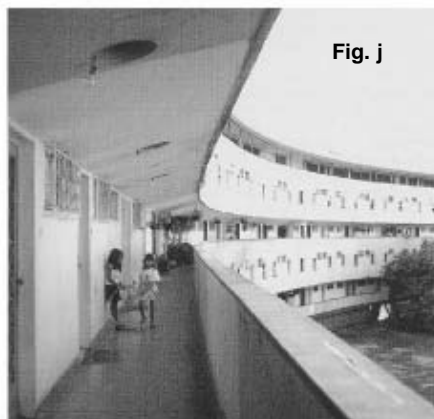


Fig. j



Fig. k

Edifício Lúcio Cardoso, 1953/ND ***Jorge Machado Moreira***

Rio de Janeiro, RJ

Pelo projeto, o edifício está localizado em um terreno de meio de quarteirão, ocupando toda a sua frente, de uma divisa a outra. Ele foi encomendado por um Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, mas não se sabe, pela literatura, se foi edificado.

Volumetricamente, constitui-se de uma torre de oito pavimentos que tem a sua fachada de fundos escalonada e a frontal inclinada, acompanhando o alinhamento da rua, sugerindo a idéia de que essa torre não fosse, a longo prazo, um elemento isolado na paisagem, mas fragmento extensível.

A solução adotada apresenta um pavimento térreo semi-vazado, com portaria fechada na parte central e acesso de veículos pelas duas laterais, que chegam ao estacionamento na parte posterior do terreno. Nesse pavimento, “as paredes em ângulos e curvas também geram um espaço dinâmico em contraste ao equilíbrio dominante no edifício”. (Czajkowski, 1999, p. 84)

A circulação é nuclear e atende três apartamentos que acontecem em cada um dos oito pavimentos-tipo. Em virtude do escalonamento na parte posterior do terreno, os dois apartamentos de fundos, de um dormitório, diminuem suas áreas à medida que aumentam sua distância do solo, e o apartamento frontal permanece igual nos oito pavimentos, com dois dormitórios, tendo sua parede frontal inclinada, de acordo com o alinhamento da rua. Iluminação e ventilação funcionam bem em todas as partes de cada um dos apartamentos do andar, principalmente em função de dois recuos laterais junto à circulação, que funcionam como poços de ventilação e iluminação para auxiliar nesses aspectos. Não existe apartamento de cobertura, sendo essa área reservada somente para a superestrutura do edifício. O coroamento é feito apenas por uma platibanda.

O tratamento das fachadas é feito com panos de distintos materiais e proporções que se juntam de diversas

maneiras, sempre dentro de uma grelha maior, respeitando linhas horizontais de peitoris, vergas e lajes. A fachada da frente é planar composta, e a de fundos não se tem material para análise, mas pelo corte sugere uma fachada planar composta por elementos reentrantes em função da inclinação que existe tanto nas lajes quanto nos peitoris. Poderia ser uma fachada planar real, mas foi considerada aqui composta em função da profundidade em que as esquadrias são colocadas.

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 81,45 m²
- Ap.2 A= 109,05 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 10 | Elevador |

- | | |
|---|-----------|
| b | Sanitário |
| i | Saguão |
| k | Portaria |
| m | Medidores |



Fig. a

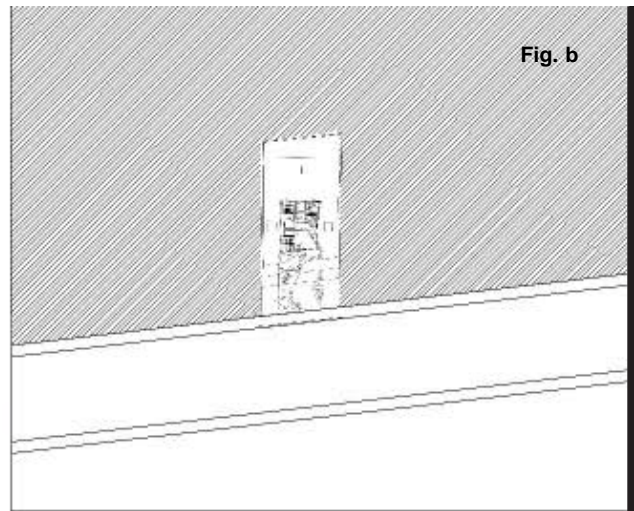


Fig. b



Fig. c Planta Baixa Térreo Esc. 1/400



Fig. d Planta Baixa Tipo Esc. 1/400

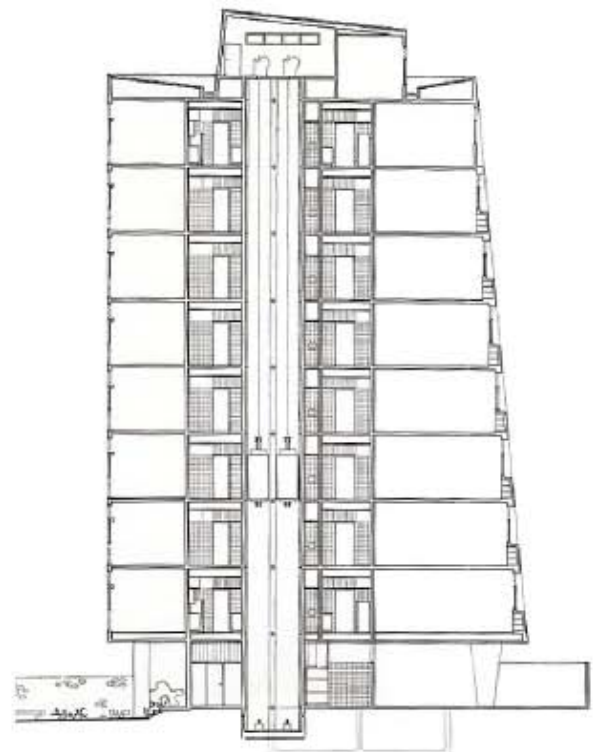


Fig. e Corte Longitudinal Esc. 1/400

Projeto / Escala	1953 ND
Áreas (m ²)	81,45 109,05
Número Dorm.	1 e 2 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	mono-nuclear
Nº. de Unidades	16
Nº. de Par. (Corpos)	8
Config. Corpo	III
Família	JM
Função Constr.	super-estrut.
Forma Cobert.	plati-banda
Função Desc.	estar
Forma Base	semi-vazada
Estrutura	aparente interna
Implantação	meio

Edifício Guarabira, 1953/ND

MMM Roberto

**Rua Ferreira Vianna esq.
av. Praia do Flamengo**

Rio de Janeiro, RJ

“O sítio em quarteirão regular de zona densa suscita uma solução mais ortodoxa: poços de ventilação atendem os espaços de serviço enquanto quartos e salas abrem para as ruas vizinhas ou para um grande vazio central que, por suas dimensões (19 x 11m), adquire um aspecto de pátio interno, pontuado num de seus lados por uma escada helicoidal.”

(Calovi, 1993, p. 114)

O edifício está localizado em terreno em forma de L, na esquina da rua Ferreira Viana com a avenida Praia do Flamengo, em zona de alta densidade populacional, diante da praia do Flamengo.

O volume parte de uma barra dobrada que se encontra formando uma parte que se poderia chamar anelar, devido ao pátio central criado. De qualquer maneira, essa barra tem uma configuração linear de uso, polinucleada, com o corpo misto.

O acesso aos núcleos de circulação vertical, *playground*, jardim, zonas de estar e residência do zelador ocorrem no térreo, semi-aberto, com pilotis aparente. Existem dez pavimentos-tipo com quinze unidades em cada, totalizando 150 apartamentos no condomínio. O pavimento está dividido em dois tipos básicos de apartamentos, com algumas variações: o primeiro tipo apresenta apartamentos de três dormitórios, com dependência de empregada, virados para um pátio central, e o outro, apartamentos de dois dormitórios, também com dependência, mas dispostos ao longo da rua Ferreira Vianna. O prédio apresenta circulação vertical polinuclear, e os apartamentos possuem ventilação cruzada direta ou em virtude do amplo pátio interno que se abre para as unidades de três dormitórios. Todas as unidades apresentam ótima iluminação. A transmissão de cargas chega até os pilotis pela estrutura que está interna às paredes e descarrega nos pilares do térreo.

Nesse edifício, os irmãos Roberto fazem uso, novamente, da divisão tripartida do plano de fachada associada a pilotis no térreo e do coroamento recuado do alinhamento. A divisão da fachada, nos seus quinze pavimentos, cria mais uma vez o efeito de movimento desejado pelos arquitetos no nível da rua, em virtude da decomposição da superfície em três planos oblíquos entre si. O cuidado com a proteção solar, tão característico das obras desse escritório, não tem destaque nessa edificação.

O edifício Guarabira apresenta duas fachadas distintas, sendo uma planar real, onde se percebem as bordas das lajes como elementos horizontais principais e os montantes das esquadrias formando uma grelha bidirecional, e a outra, que apresenta o deslocamento de planos na grelha bidirecional, correspondendo a uma fachada planar virtual.



Fig. a

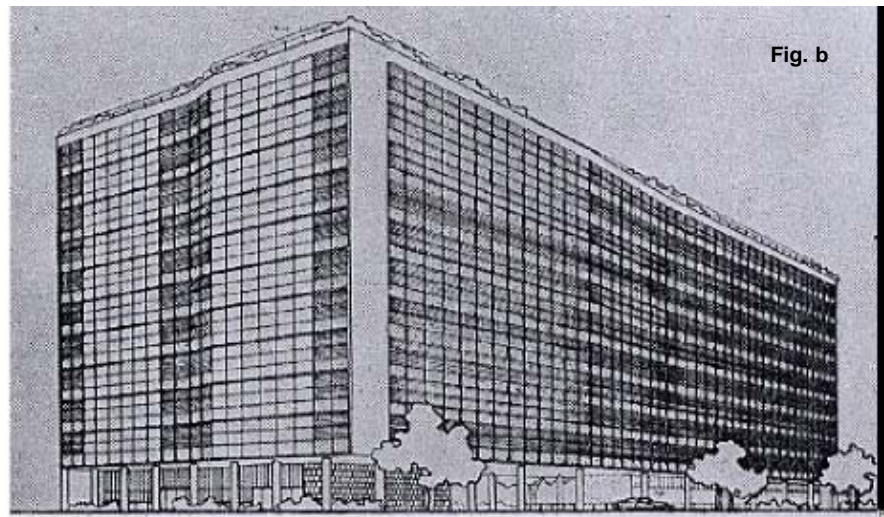
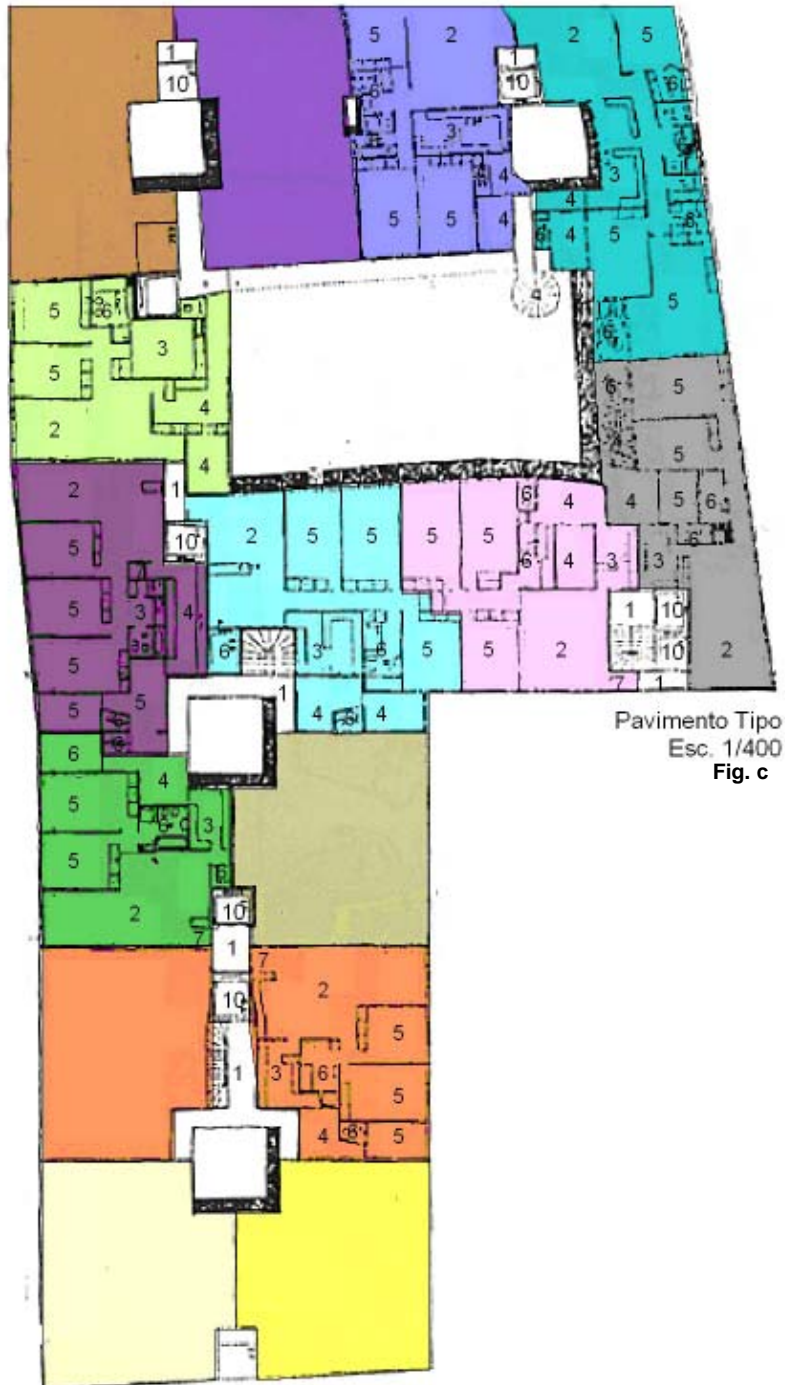


Fig. b

LEGENDAS:

	Ap.1 A= 97,75 m2
	Ap.2 A= 99,00 m2
	Ap.3 A= 105,80 m2
	Ap.4 A= 106,60 m2
	Ap.5 A= 108,10 m2
	Ap.6 A= 108,75 m2
	Ap.7 A= 108,90 m2
	Ap.8 A= 110,00 m2
	Ap.9 A= 111,90 m2
	Ap.10 A= 113,65 m2
	Ap.11 A= 115,25 m2
	Ap.12 A= 122,90 m2
	Ap.13 A= 130,40 m2
	Ap.14 A= 134,90 m2

1	Hall
2	Estar/Jantar
3	Cozinha
4	A. Serv./Dep. Empreg.
5	Dormitório
6	Banho
7	Vestibulo
10	Elevador



Pavimento Tipo
Esc. 1/400
Fig. c

Projeto T. Esc.	1953
	ND
Área (m ²)	97,75
	134,90
Número Dorm.	2 e 3 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Sanit.	sim c/ dep.
Contig. Planta	anelar de uso
No. de Unidades	150
No. de Pav. (copas)	10
Contig. Corço	X
Faixa	MMM
Função Constr.	estar
Forma Constr.	volume recuado
Função Base	estar
Forma Base	semi- fechada
Estiloso	aparente interna
Implantação	cabeça

Edifício Nações Unidas, 1952/59 **Abelardo de Souza**

Av. Paulista, 620

São Paulo, SP

O edifício localiza-se em um lote de cabeça de quarteirão na esquina da Av. Paulista com a Rua Brigadeiro Luís Antônio e a rua São Carlos do Pinhal. “O partido opta pelo bloco maior disposto paralelamente à divisa do terreno e com grande recuo em relação à rua, evitando a habitual solução de pátios internos.” (Xavier, 1983, p. 35)

Volumetricamente, pode ser caracterizado como uma barra fragmentada, com a menor apresentando um anexo, tudo edificado sobre uma base comum, expandida. A configuração dessas barras é linear de uso.

O térreo, semifechado, é destinado ao comércio e organizado de maneira que as lojas estão voltadas para a rua brigadeiro Luís Antônio ou distribuídas ao longo de uma galeria que liga a av. Paulista e a rua São Carlos do Pinhal. Essa galeria não se abre à av. Paulista em virtude de problemas relacionados ao código de obras da época, que a caracterizava como de uso estritamente residencial. A partir dali, uma laje plana com jardim separa o bloco comercial dos três blocos residenciais interligados. Cada bloco apresenta características diferenciadas, seja no tratamento de fachadas, seja na volumetria, levando uma visão diferenciada do conjunto conforme o ângulo de observação. O pavimento-tipo apresenta basicamente três tipos de unidades: uma de um, e duas de dois dormitórios. Na barra disposta ao longo da rua brigadeiro Luís Antônio se localizam as unidades de dois dormitórios, com ventilação cruzada e mais amplas que as demais. As unidades de um dormitório estão localizadas no bloco anexo ao da avenida Paulista, e dividem com as unidades de um e dois dormitórios a mesma circulação vertical, sendo que os apartamentos maiores são voltados para essa avenida. Nenhum dos apartamentos possui dependência de empregada, mas todos têm área de serviço. Todos os apartamentos possuem uma boa iluminação e ventilação. O último pavimento tem função residencial, e o coroamento da

“Dadas as deficiências de ordem urbanística, inexistência de um zoneamento, respeito excessivo à ultrapassada idéia de arruamento existente, ausência de determinações reguladoras da defesa do habitante da cidade, o arquiteto não poderia fazer melhor, ainda mais premido por vários motivos que devem ter determinado algumas soluções aqui repontando e que poderiam ter atingido outras altitudes de qualidade.”

(Habitat nº 57, 1959, p.20)

edificação é marcado por uma laje perfurada que funciona como pérgola. Os pilares em “V” aparecem nessa edificação, na parte do pavimento térreo que é voltada para a avenida paulista.

O tratamento das fachadas é semelhante nos blocos perpendiculares, que ficam voltados para a avenida Paulista e para a rua brigadeiro Luís Antônio, caracterizados pela prevalência das linhas horizontais com diferentes texturas nas esquadrias (vенеzianas) e peitoris. O bloco anexo ao fragmento da av. Paulista apresenta um tratamento distinto, com elementos pontuais deslocados, gerando linhas oblíquas e cruzadas na fachada. Apesar das diferenças, as três fachadas referidas são predominantemente opacas e exemplos de fachadas planares reais, pois não apresentam diferenciação de relevo. A fachada posterior dessa edificação, voltada para o miolo do quarteirão, apresenta elementos de circulação vertical seriados, criando um ritmo de elementos salientes com tratamento pontual e reentrantes com tratamento linear.

Implantação
Esc.: 1/2000

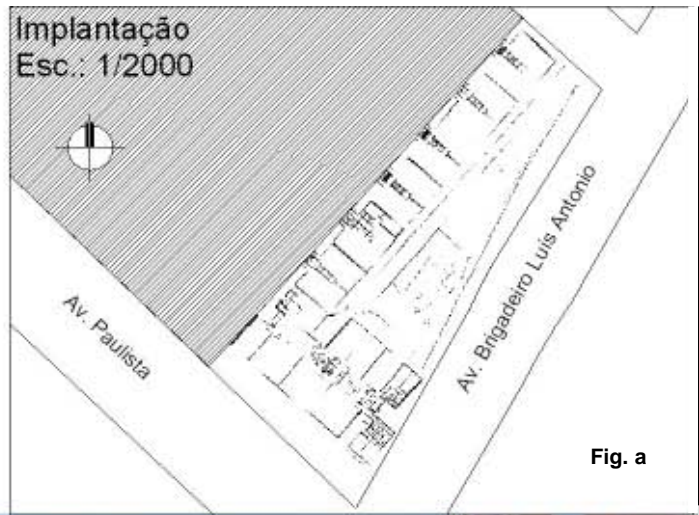


Fig. a

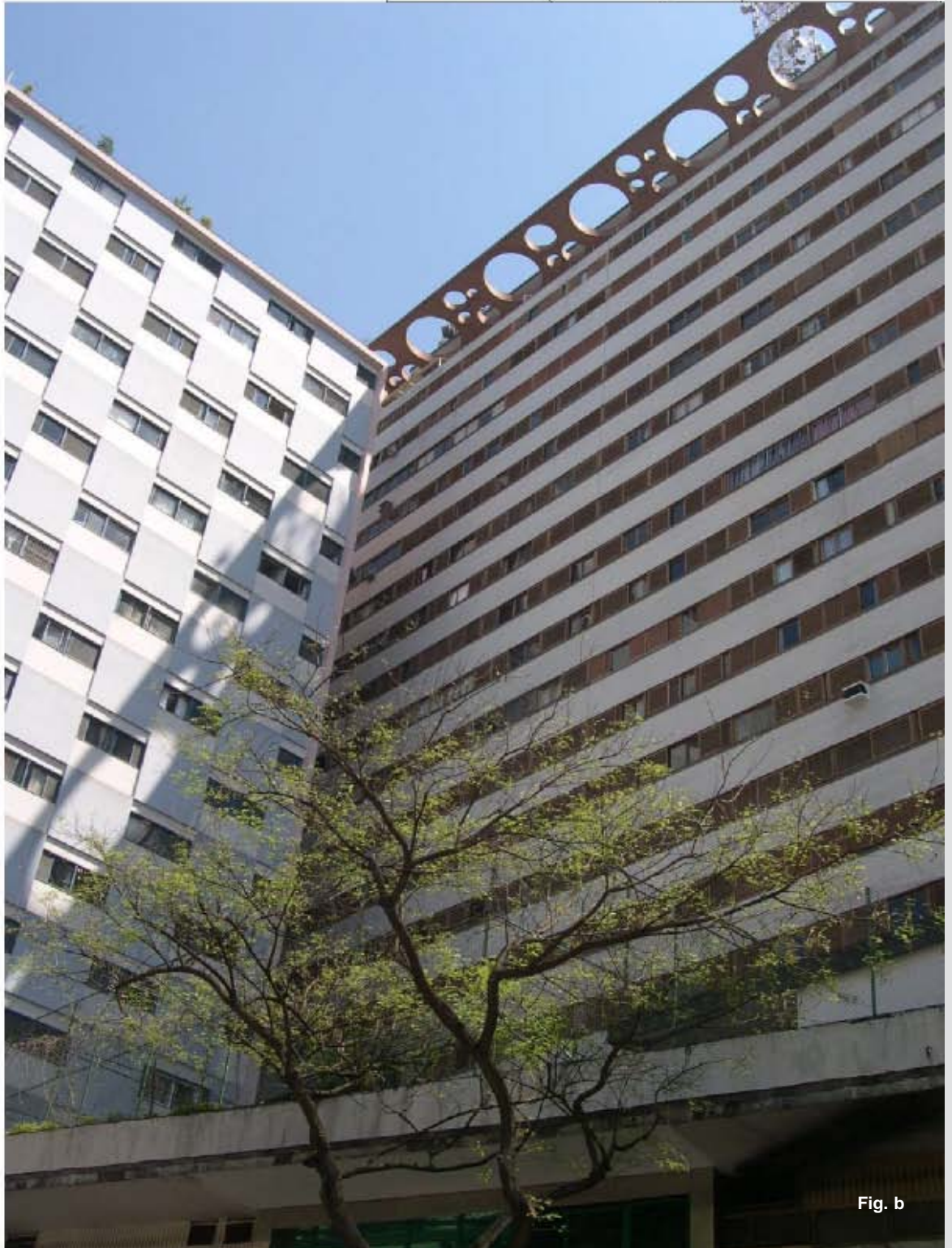


Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e



Fig. f

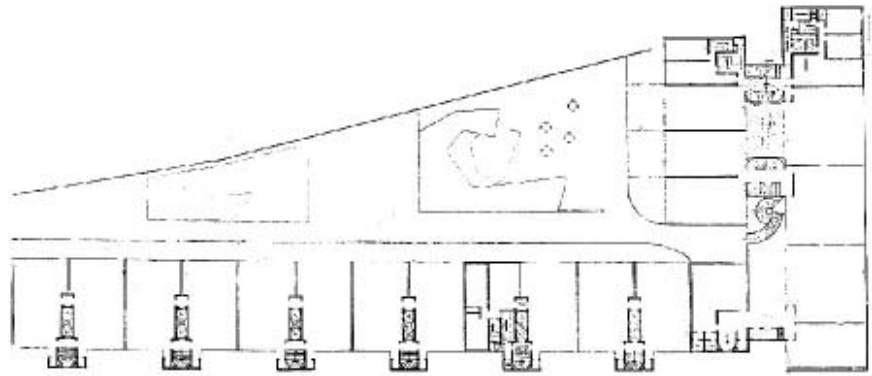


Fig. g

Térreo
Esc. 1/400

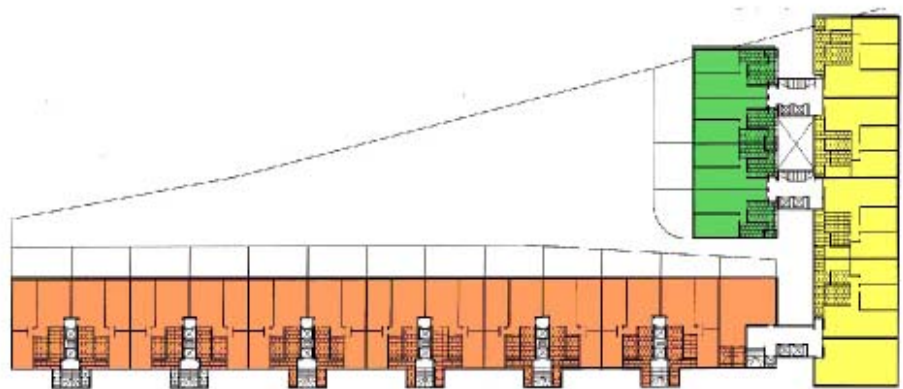


Fig. h

Pavimento Tipo
Esc. 1/400



Fig. i



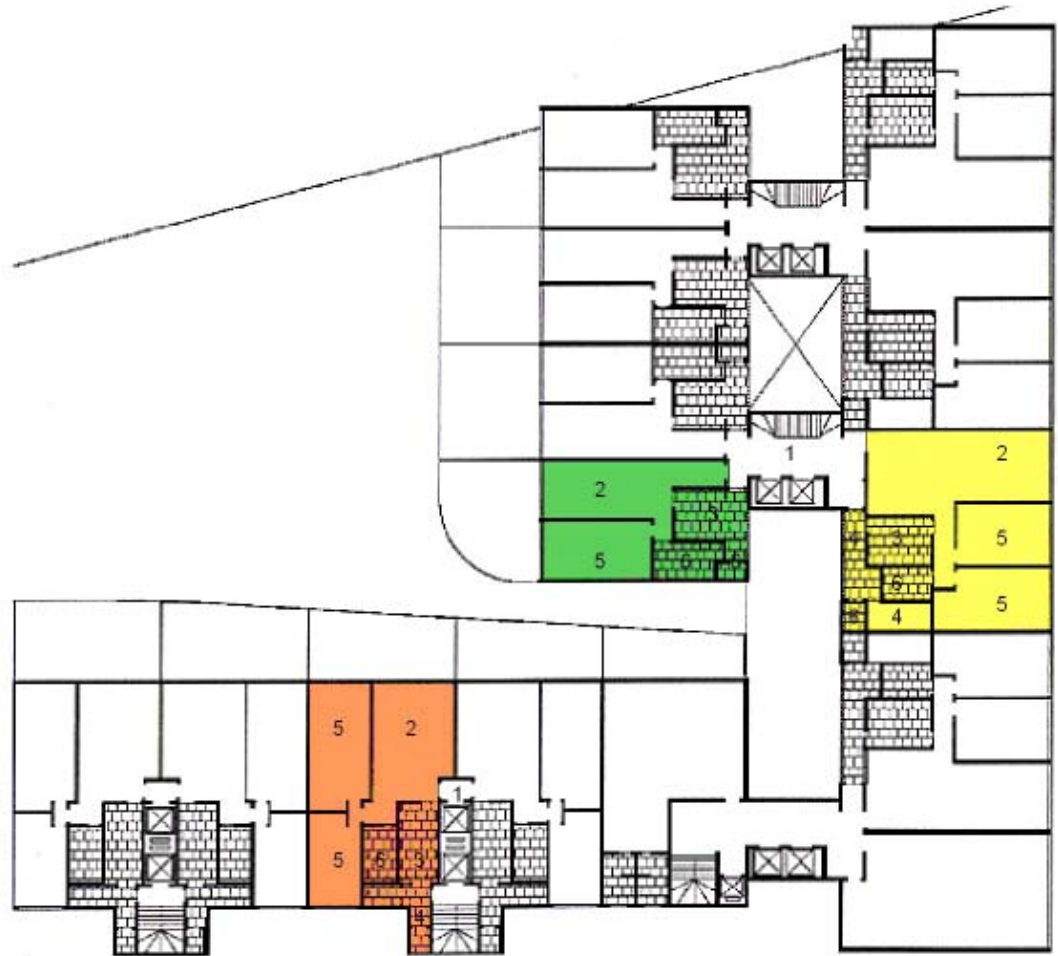
Fig. j



Fig. k



Fig. l



LEGENDAS:

- Ap.1 A= 67,35 m²
- Ap.2 A= 88,70 m²
- Ap.3 A= 110,35 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 A. Serv./Dep. Empreg.
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 10 Elevador



Fig. m Pavimento Tipo Esc. 1/400

Projeto / Exec.	1952 1959
Área (m ²)	67,35 110,35
Número Dom.	1 e 2 dom.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim s/ dep.
Config. Planta	linear de uso
Nº de Unidades	357
Nº. de Pav. (Largo)	17
Config. Corpo	III / I
Família	paulista
Função Constr.	resid.
Forma Constr.	volume recuado
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Estrutura	aparente interna
Implantação	cabeça



Fig. n



Fig. o



Fig. p

Edifício Oscar Niemeyer, 1954/60

(Edifício Liberdade)

Oscar Niemeyer

Praça da Liberdade

Belo Horizonte, MG

O Edifício Oscar Niemeyer está localizado em um terreno triangular que ocupa uma microquadra de aproximadamente 30m de lado e apresenta forte declividade, na Praça Liberdade. Também conhecido como edifício Liberdade.

O volume conforma-se como uma torre isolada de configuração compacta.

O prédio, com suas linhas curvas e a sucessão de brises horizontais, segundo Oscar Niemeyer, teria vindo da idéia de uma pilha de discos em um canto, muito embora faça uma alusão ao *sky-scrafer* de Mies van der Rohe, de 1922. Segundo Comas (2002, p.232), “a forma amebóide repetida do edifício Liberdade se inclui também na tendência de substituição das alusões clássicas por alusões biomórficas”.

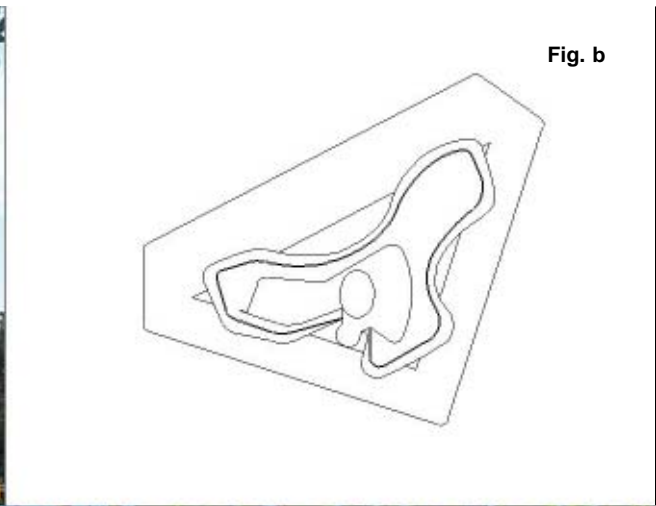
O pavimento térreo, vazado, apresenta apenas a portaria e a garagem, que também se desenvolve no nível inferior, mas não no subsolo. Esse nível, abaixo do térreo, mas no alinhamento de uma das calçadas da quadra, também acolhe a casa do zelador. Os pilares do pavimento térreo fogem, mais uma vez, do paliteiro tradicional na parte baixa das edificações e surgem de forma losangular, ocupando o lugar de dois e dando a sensação de um pavimento fechado, ao ser visto desde a esquina, ou aberto, quando se olha frontalmente, desde a praça Liberdade. O edifício tem nove pavimentos-tipo com duas unidades, sendo uma de três e outra de quatro dormitórios por andar, todas com dependência completa de empregada e iluminação e ventilação diretas, atendidas por um núcleo de circulação central. Os dois apartamentos do último andar têm acesso à cobertura, que apresenta apenas área livre para acesso ao terraço e um banheiro (fig. r). O coroamento é feito por uma platibanda que serve de peitoril ao terraço.

O edifício apresenta um tratamento de fachada contínuo nas três faces, interrompido apenas pelo núcleo de circulação, tratado de maneira opaca e vertical. As fachadas são caracterizadas como planares virtuais e tratadas com uma

“(...) whith relatively low-rise neighbouring constructions, allowed Niemeyer to give free rein to his imagination, designing cloverleaf-shaped plan in which the curving and convex lines are harmoniously balanced; here, according to P. Johnson, there is no implicit reference to a 1922 scheme by Mies van der Rohe, the Glaswolkenkratzer in Entwurf.”

(Botey, 1986, p. 88)

sucessão de lâminas horizontais, em que cada três vãos correspondem a um pavimento.



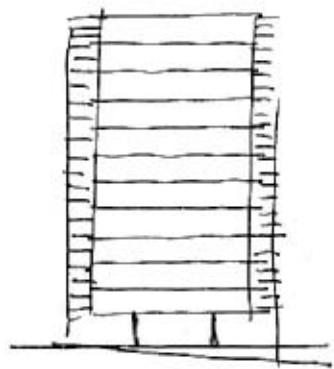
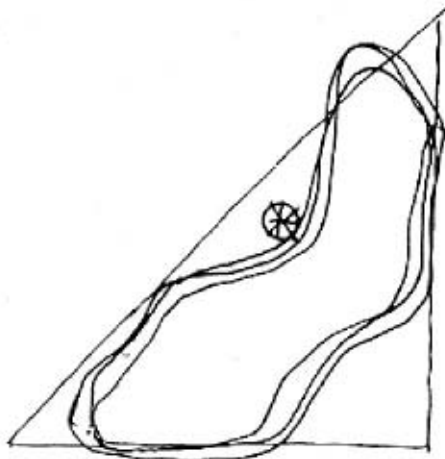
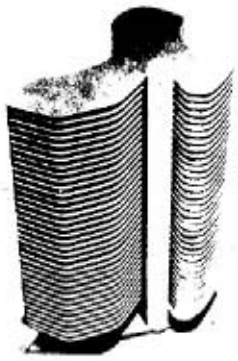


Fig. d



Fig. e



Fig. f



Fig. g

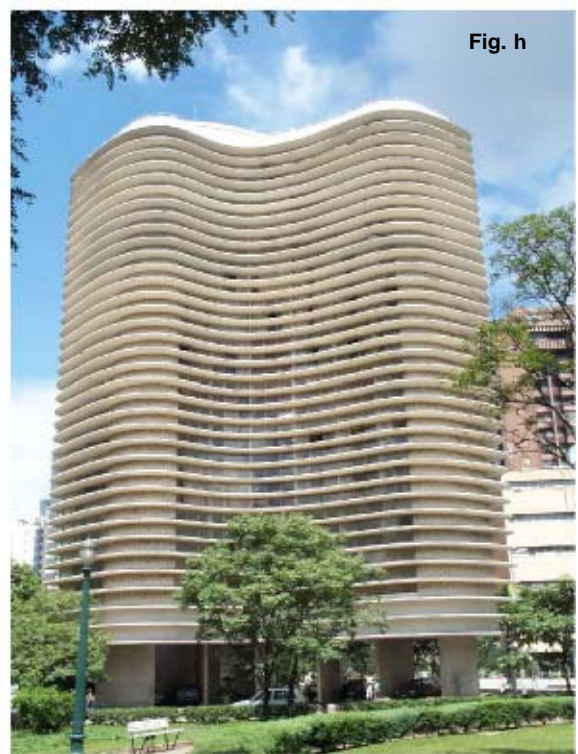


Fig. h

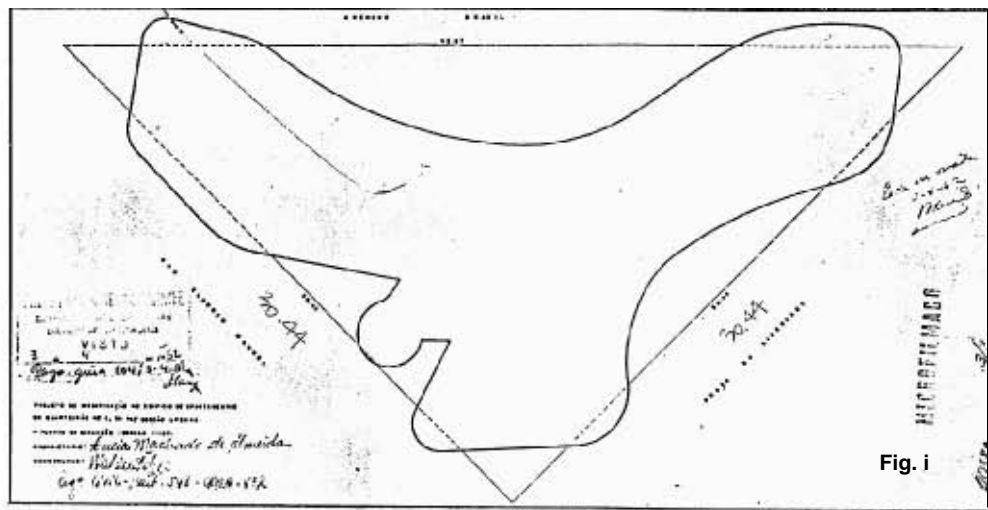


Fig. i



Fig. j



Fig. k

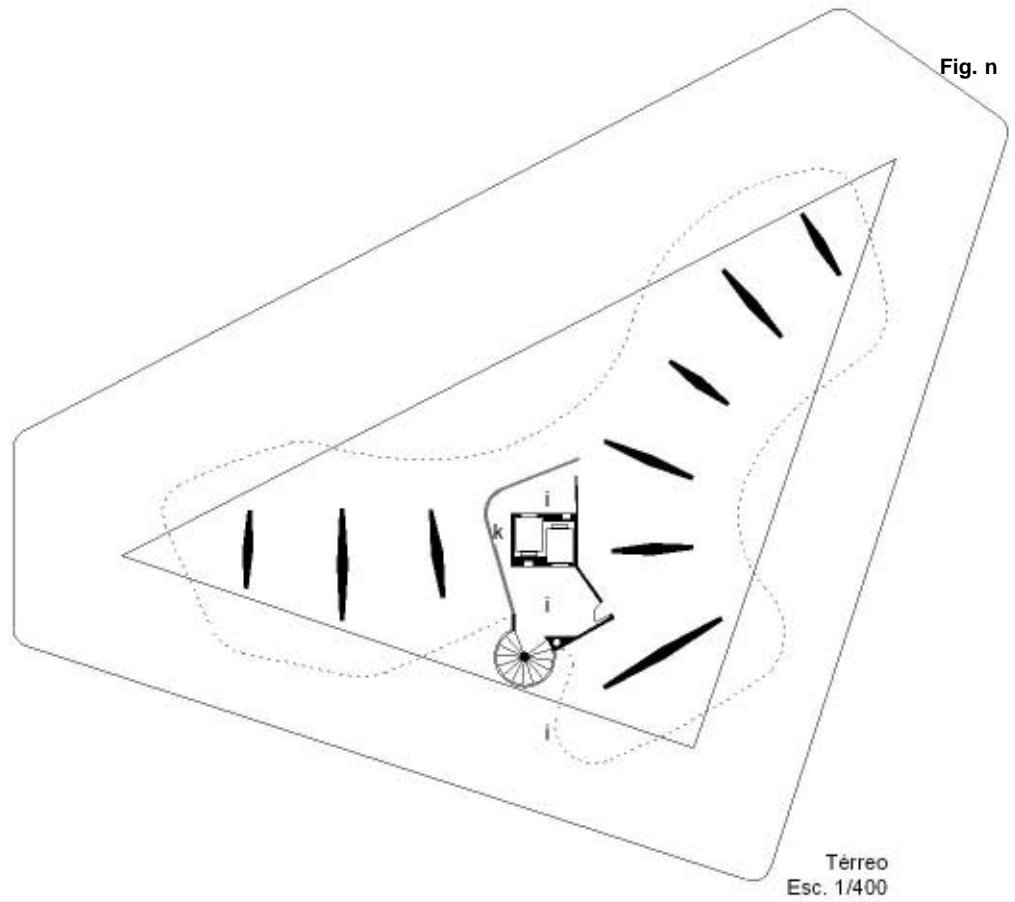
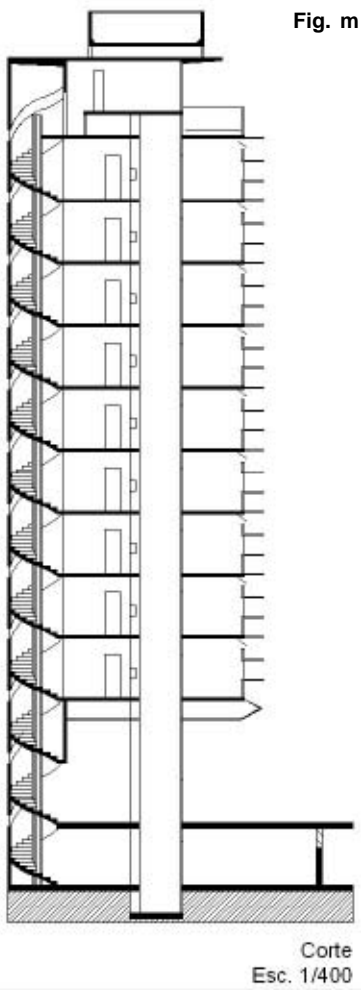
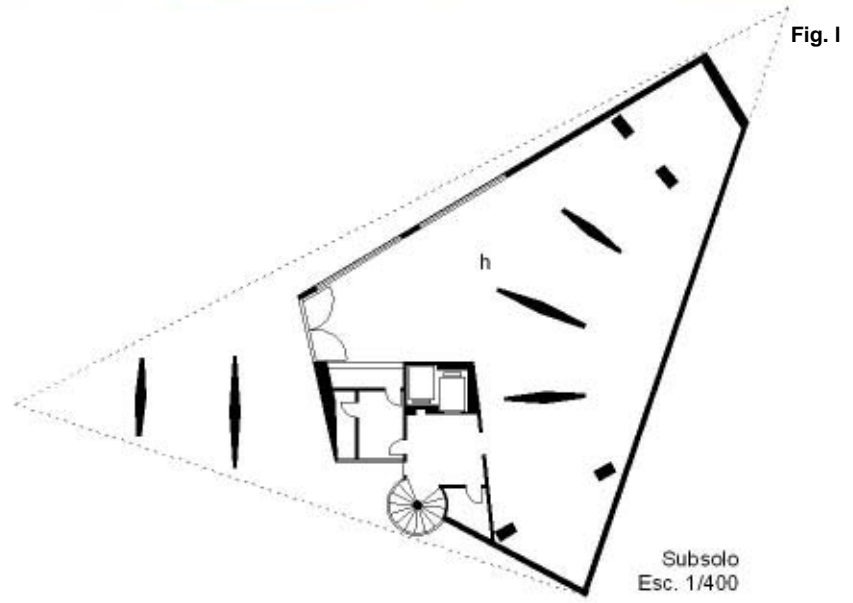
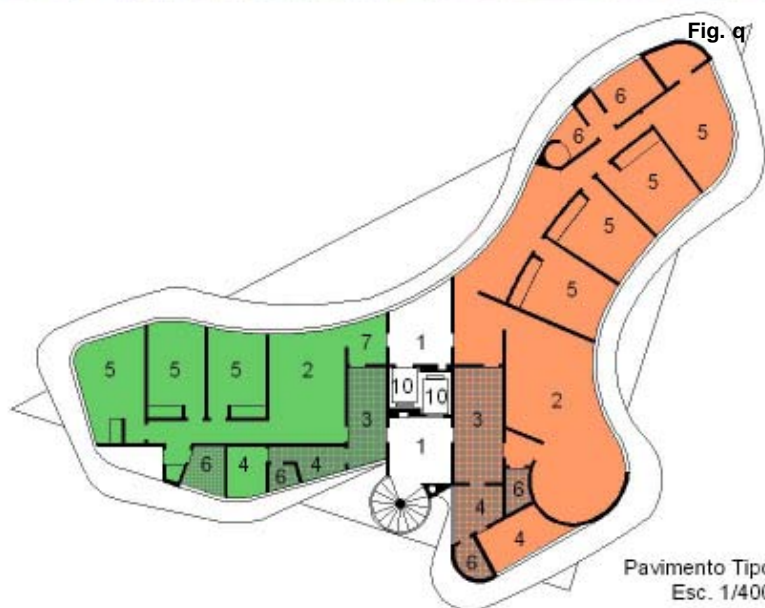




Fig. o



Fig. p



Pavimento Tipo
Esc. 1/400

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 136,10 m²
- Ap.2 A= 225,40 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 10 | Elevador |

- | | |
|---|----------------|
| h | Estacionamento |
| i | Saguão |
| k | Portaria |

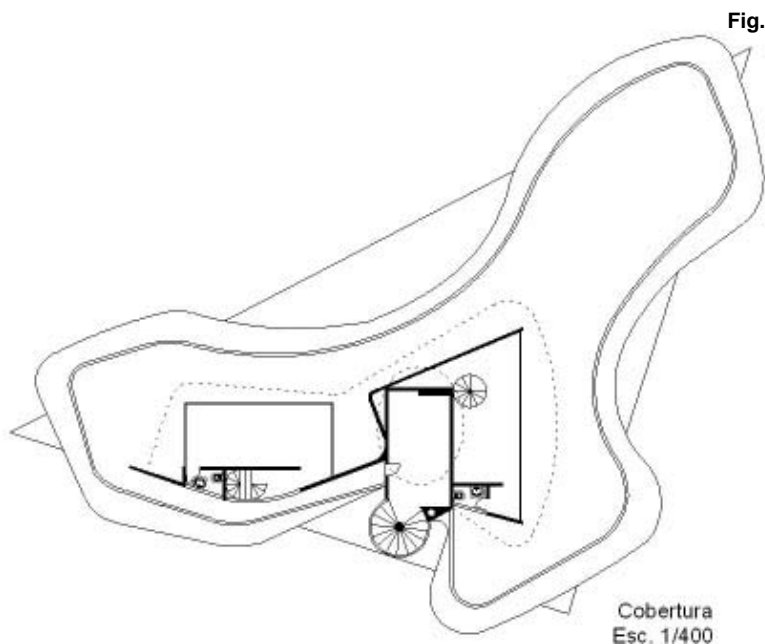


Fig. r

Cobertura
Esc. 1/400

Projeto / Exec.	1954 1960
Área (m ²)	136,10 225,40
Número Dorm.	3 e 4 dorm.
Classe Social	média alta
Tecologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Contig. Planta	mono- nuclear
Nº. de Unidades	18
Nº. de Pac. (corpo)	9
Contig. Corpo	VI+Ø
Forma	ON / lâmina
Função Cores.	resid.
Forma Cores.	volume recuado
Função Base	garagem
Forma Base	vazada
Estrutura	aparente interna
Implantação	quadra

**Edifício residencial Finússia e
Dona Fátima, 1954/ND
MMM Roberto**

**Rua Barata Ribeiro, 283 esq.
r. República do Perú**

Rio de Janeiro, RJ

O edifício foi construído em um terreno de esquina no bairro de Copacabana. O prédio, que engloba o bloco Finússia e o Dona Fátima, com 10 pavimentos-tipo, possui acesso distinto, cada um por uma das vias, mas ambos nos mesmos pilotis. O acesso de veículos é feito em duas rampas que ligam à garagem, no subsolo, nas extremidades do terreno, junto às divisas.

O térreo possui acesso aos dois blocos e zona de estar, além de jardins, *playground* e o apartamento do zelador. O pavimento-tipo, embora claramente dividido em dois blocos na planta baixa, não recebe o mesmo tratamento nas fachadas, unificadas. Cada bloco possui duas unidades por pavimento, sendo quatro unidades ao todo: duas de três dormitórios os apartamentos que ficam na parte mais central e de quatro os das extremidades, todos com dependência de empregada. A estrutura é interna às paredes nas unidades e aparece somente no térreo. Os apartamentos apresentam ventilação cruzada e iluminação direta em quase todas peças, exceção feita aos banheiros e à cozinha, que se iluminam e ventilam através da área de serviço.

A fachada da rua Barata Ribeiro recebe maior incidência solar e por essa razão é protegida por uma grelha de concreto armado adossada à fachada. A outra elevação, com menor incidência solar, recebe uma pele de vidro na parte de estar e cortinas de madeira na parte íntima. É interessante, ainda nessa fachada sem os *brises*, a preocupação dos arquitetos - que é representada em esquemas de cortes (fig. g) - com a privacidade dos moradores, fazendo uso de um peitoril opaco até o quinto pavimento para evitar que essas unidades fossem devassadas pelo olhar dos transeuntes.

Nesse projeto está configurada, mais uma vez na obra dos irmãos Roberto, a decomposição das superfícies de fachada, gerando planos oblíquos nas duas fachadas, sendo que na rua República do Peru esse plano costura os dois

A fachada da rua Barata Ribeiro (noroeste) é fortemente insolada à tarde, tendo por isso uma grelha quadriculada de concreto armado como elemento de sombreamento da superfície. Novamente, a leitura de fachadas acusa a sensação de movimento obtida pela decomposição das superfícies em três planos oblíquos entre si.

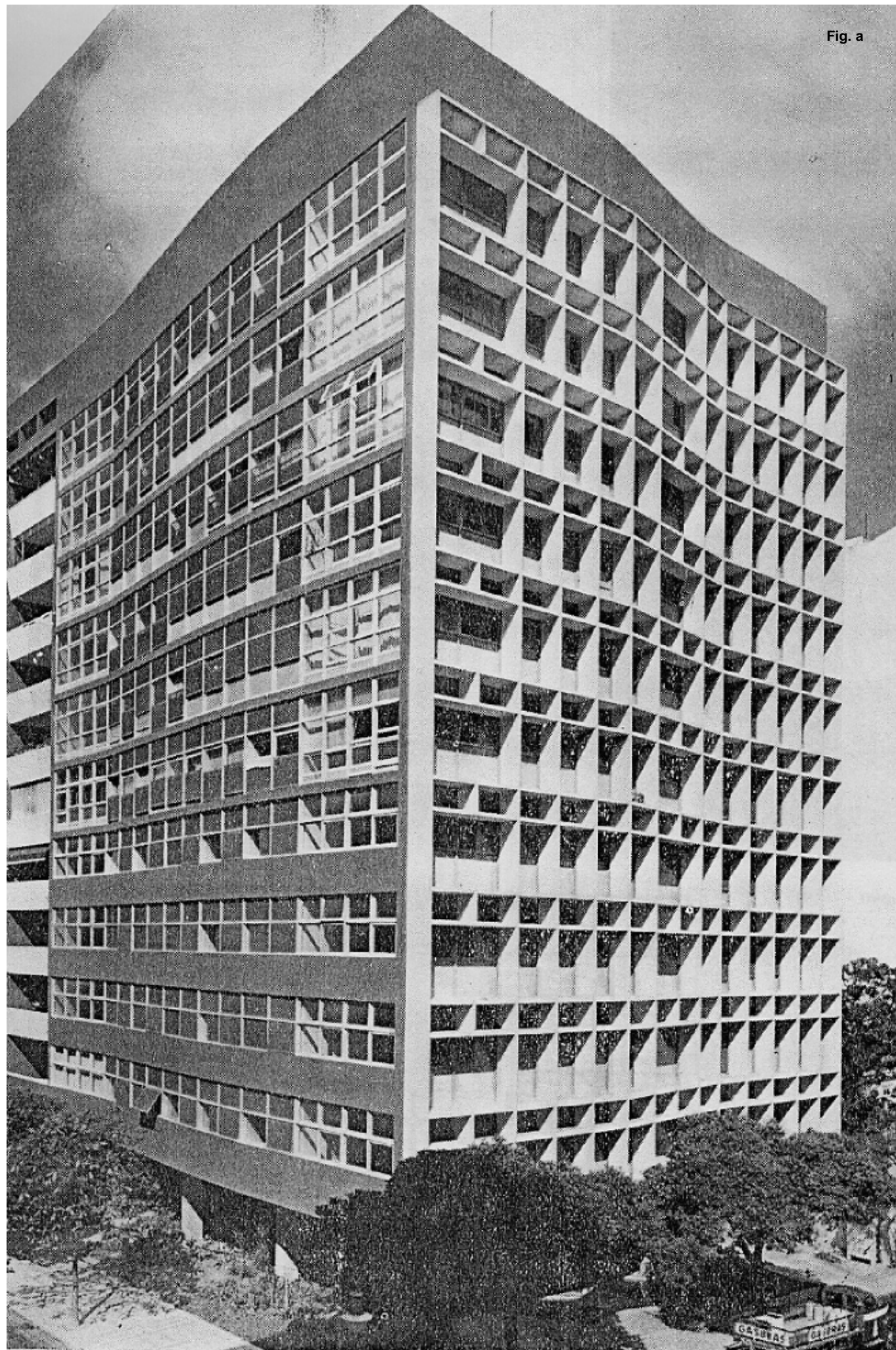
(Calovi, 1993, p. 115)

blocos de apartamentos. Enquanto essa fachada apresenta uma pele de vidro, caracterizando uma fachada planar real translúcida, seu outro bordo apresenta uma fachada planar virtual, composta por elementos reentrantes, caracterizados por uma grelha, que acompanha o tratamento inclinado do plano da fachada, de elementos bidirecionais que impelem um ritmo que intercala vãos duplados com seqüências de vãos normais.

“O aproveitamento máximo do lote determinou a altura de dez pavimentos, com quatro apartamentos por andar (dois com três quartos e dois com quatro quartos). O volume apresenta-se com térreo sob pilotis, plano de pavimentos-tipo e coroamento assinalado por platibanda.

(Calovi, 1993, p. 115)

Fig. a



Edifício res. Finúzia e D. Fátima

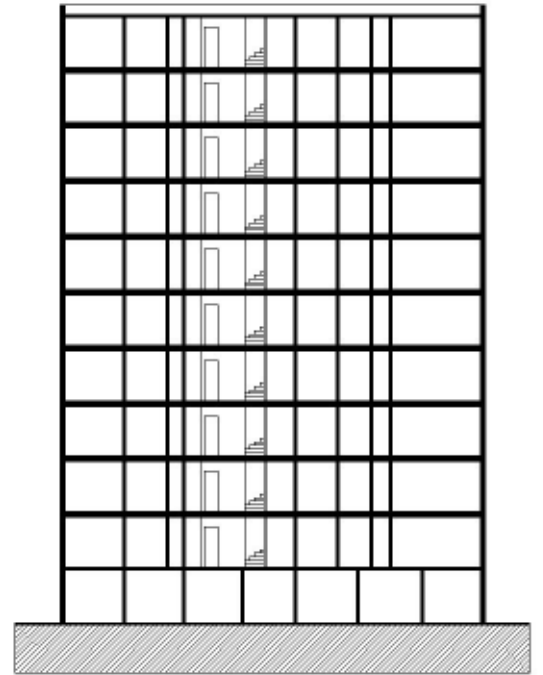
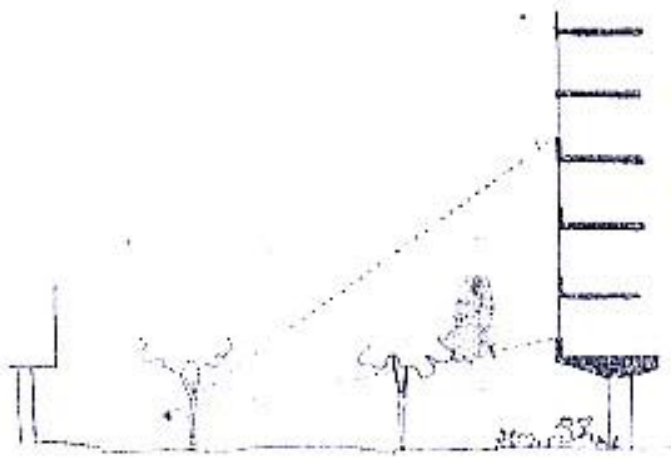


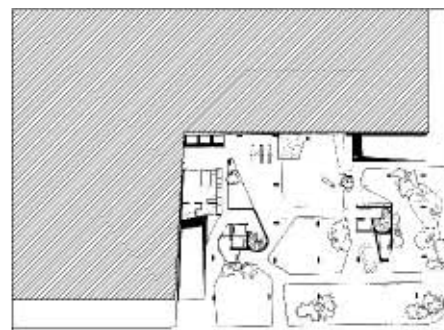
Fig. c





Esquema da visibilidade

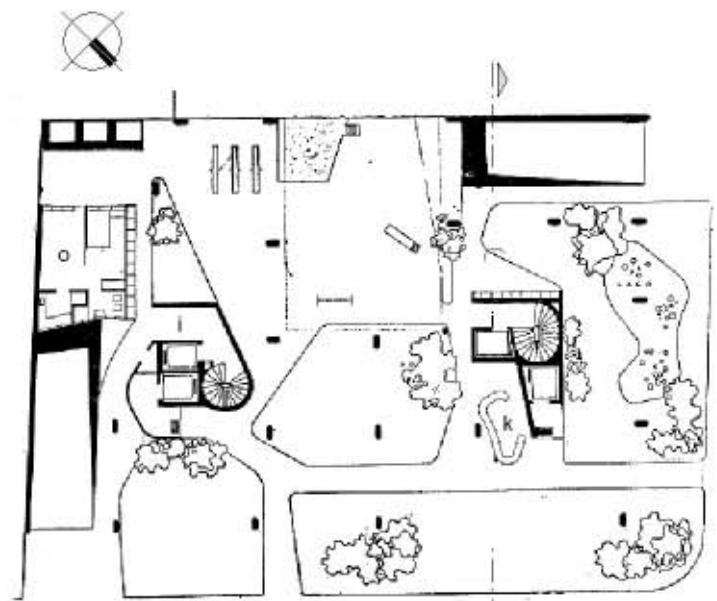
Fig. g



R. Barata Ribeiro

R. República do Peru

Fig. f



Térreo
Esc. 1/400

Fig. h

LEGENDAS:

	Ap.1 A= 110,15 m ²
	Ap.2 A= 127,90 m ²
	Ap.3 A= 132,10 m ²
	Ap.4 A= 175,90 m ²

1	Hall
2	Estar/Jantar
3	Cozinha
4	A. Serv./Dep. Empreg.
5	Dormitório
6	Banho
10	Elevador
12	Balcão

i	Saguão
k	Portaria
o	Ap. Zelador

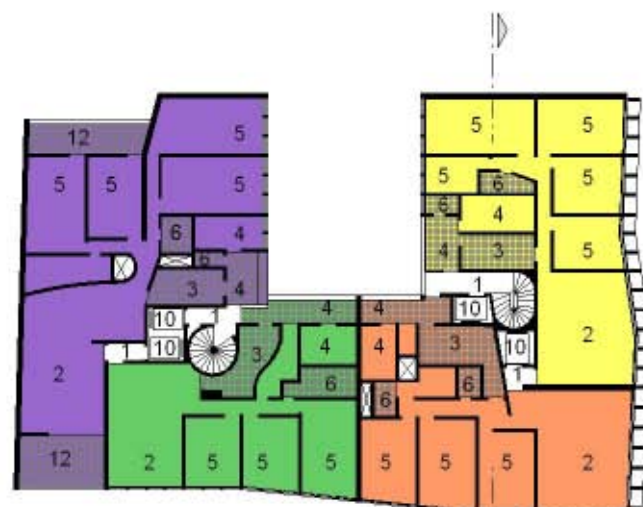


Fig. i

Planta Pavimento tipo
Esc. 1/400

Projeto / Exec.	1954 ND
Área (m ²)	110,15 175,90
Número de Cox.	3 e 4 dom.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	linear de uso
Nº. de Unidades	40
Nº. de Fax. (copias)	10
Config. Corpo	X / VIII
Forma	MMM
Função Coroa	super estrut.
Forma Coroa	plati- banda
Função Base	estar
Forma Base	vazada
Estrutura	aparente interna
Implantação	esquina

Edifício João Ramalho, 1954/ND Crocce, Aflalo, Candia

**Rua Ministro Godoi esq.
rua João Ramalho**

São Paulo, SP

O edifício João Ramalho faz parte, junto com o edifício Ministro Godoi – apresentado em anexo – e o Franco da Rocha, de um grande conjunto residencial, no bairro de Perdizes, instalado em um quarteirão de 14.000 m² premiado na IV bienal de São Paulo na categoria de Habitações Coletivas.

Caracterizado como uma barra alta, sua configuração linear de uso sugere, como nas outras torres, a possibilidade de um fragmento extensível polinuclear.

Possui pavimento térreo vazado com área de estar e acesso aos elevadores – a portaria foi projetada recentemente e não faz parte do projeto original. Abaixo dele temos as garagens e serviços de apoio. Os dezesseis pavimentos-tipo apresentam apartamentos de três dormitórios na parte central e de dois dormitórios nas extremidades, dispostos um em cada núcleo de circulação vertical, totalizando quatro apartamentos por pavimento. O prédio apresenta estrutura periférica externalizada – conforme o próprio autor define – como influência de Mies Van Der Rohe. Os apartamentos têm boas condições de iluminação e ventilação e são concebidos de maneira que pudessem apresentar mais de dois blocos de circulação vertical de acordo com o tamanho do quarteirão em que o projeto fosse inserido. O edifício não apresenta coroamento, apenas percebe-se a superestrutura sobre a edificação.

É interessante observar o caráter diferenciado que esse edifício apresenta em relação ao conjunto estudado em função dessa estrutura que se faz aparente e ressalta as linhas verticais, coisa que não acontece em nenhum outro caso brasileiro, mas pode ser observado, em estrutura de concreto nos edifícios Promontory, de Mies, que apresentam estrutura de concreto, ou até nos seus edifícios de aço. Mesmo relacionando essas obras com o caso brasileiro, ressalta-se a preferência de Mies por volumes que configuram torres isoladas, enquanto o edifício João Ramalho não só pode ser

“O edifício ‘João Ramalho’, primeiro de uma série de três blocos e garagem para 250 carros, está situado junto à rua Ministro Godoi, no bairro Perdizes. No local, uma quadra de cerca de 14.000m², já haviam sido erguidos dois outros prédios quando os arquitetos receberam o encargo deste projeto.”

(Acrópole 242, 1958, p. 56)

definido claramente como uma barra, como ainda é configurado de modo a possibilitar a expansão lateral, ampliando ainda mais essa dimensão.

A fachada frontal do edifício é composta por duas grelhas unidirecionais, sendo a de sentido vertical pronunciada em relação a outra, enfatizando essas linhas, que são cortadas abruptamente no topo do edifício. Horizontalmente, linhas que definem claros e escuros são marcadas nessa fachada. As fachadas são consideradas planares virtuais, sendo que os elementos que às compõem são os pilares externos. Essa virtualidade no sentido vertical é um caso de exceção na arquitetura moderna brasileira, mas recorrente na obra de Mies.

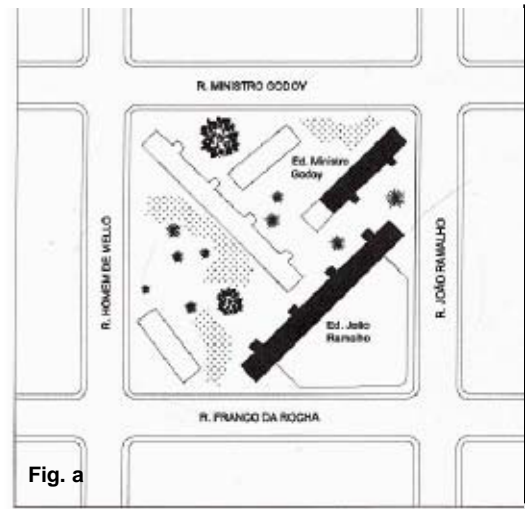


Fig. a

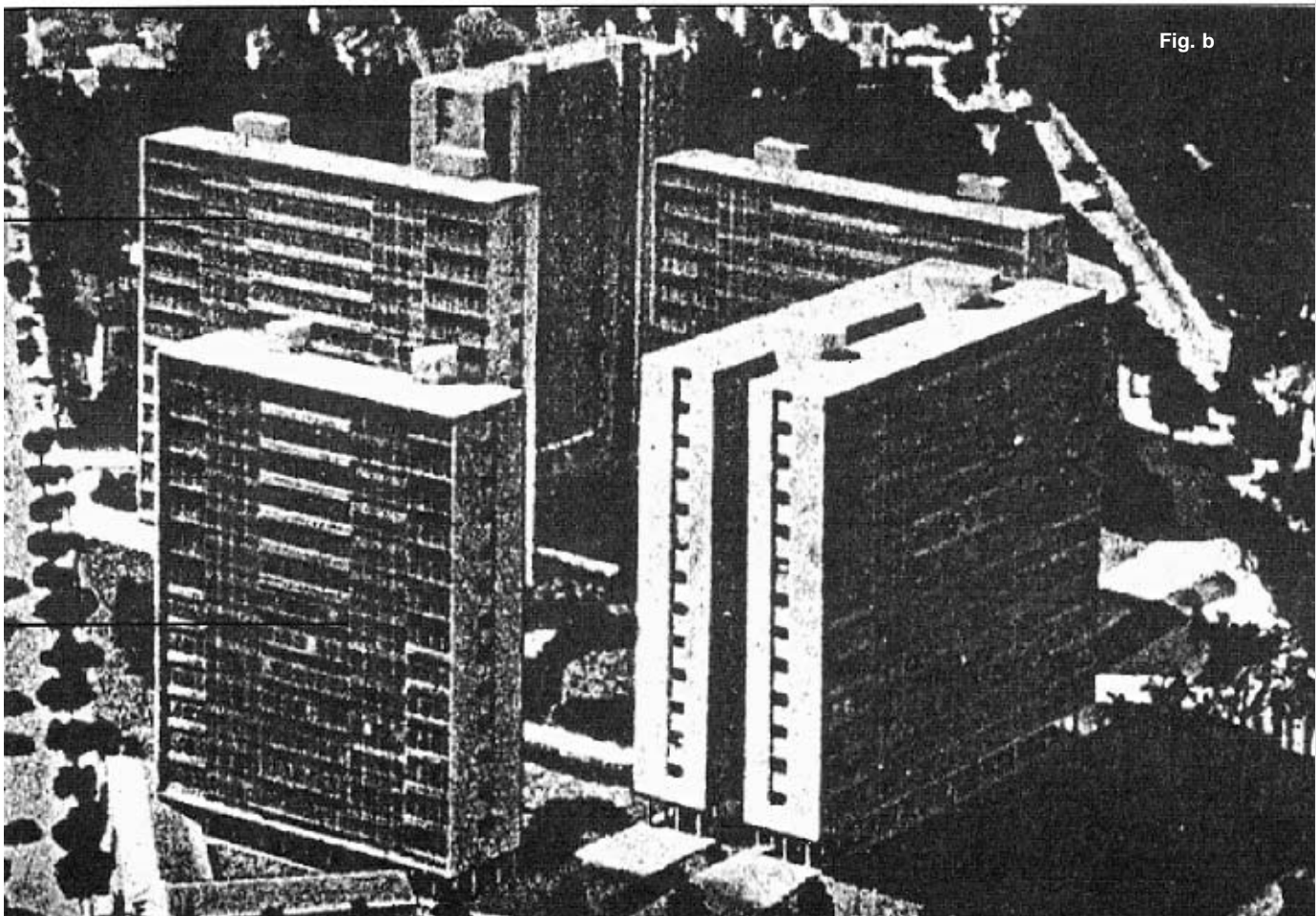


Fig. b



Fig. c



Fig. d

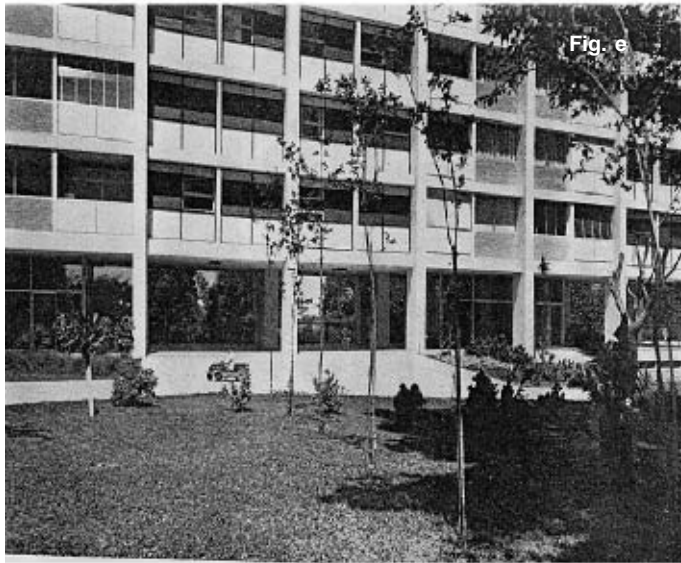


Fig. e

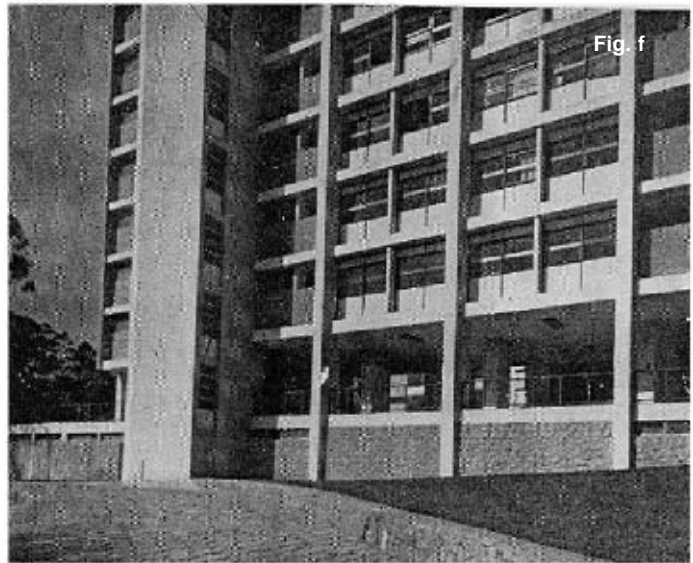


Fig. f



Fig. g



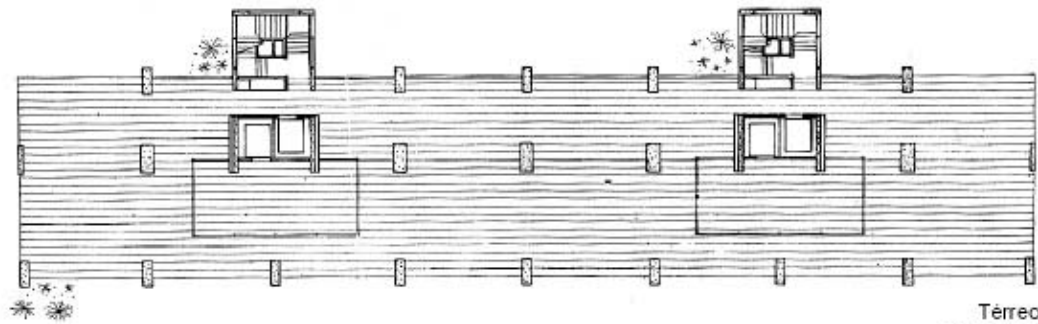
Fig. h



Projeto / Esc.	1954 ND
Área (m ²)	114,00 122,75
Número Dorm.	2 e 3 dorm.
Classe Social	média alta
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	linear de uso
No. de Unidades	74
No. de Pát. (corpo)	16
Config. Corpo	IX / IX+Ø
Forma	paulista
Função Coroa	super estrut.
Forma Coroa	sem coroa
Função Base	estar
Forma Base	vazada
Estrutura	aparente interna
Implantação	esquina

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 114,00 m²
- Ap.2 A= 122,75 m²



Térreo
Esc. 1/400
Fig. m

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 10 | Elevador |



Pavimento Tipo
Esc. 1/400
Fig. n

Edifício Eiffel, 1955/ND

Oscar Niemeyer

**Rua Araújo esq rua Marquês de Itu
Praça da República**

São Paulo, SP

O edifício está implantado em terreno triangular na ponta de um quarteirão com apenas uma testada livre, de frente para a praça da República. O acesso aos apartamentos e ao restaurante na parte superior da base é feito pela galeria comercial, que se abre para a praça. Ao contrário da implantação do edifício Montreal, este terreno triangular tem seu maior lado voltado para a cidade e não para o meio do quarteirão, implicando em uma estratégia totalmente distinta para a implantação deste volume.

Niemeyer cria uma base que ocupa toda a área do terreno, com um jardim na parte superior que separa esse bloco de dois pavimentos do volume residencial que se desenvolve acima. Embora se tenha a sensação de uma torre, esse projeto é caracterizado como uma barra alta de configuração linear – indentada até o 11º andar – de uso.

O edifício apresenta uma base comercial, no nível do pedestre, com oito lojas viradas para a rua e mais oito com acesso interno, todas com sobreloja; o acesso à circulação vertical se dá na parte interna da galeria. Os pilares são aparentes e a primeira linha deles é externa à área das lojas. Logo acima dessa base, no primeiro pavimento, estão localizados restaurante e terraço, e, abaixo, ampla garagem no subsolo. A barra residencial é composta exclusivamente por apartamentos duplex de dois e três dormitórios. Na parte central, paralela ao alinhamento da praça, localizam-se as unidades de dois dormitórios, que se desenvolvem até o 23º andar. As unidades de três dormitórios ficam na parte que sofre uma inflexão e alcança o 11º andar. As unidades têm o acesso e as áreas social e de serviço na parte inferior, deixando a parte superior reservada para o uso de dormitórios e seus respectivos banhos. A cobertura desse edifício tem função residencial, transformando esse último apartamento em triplex. O coroamento é feito apenas por uma linha que emoldura todo o bloco e fica mais espessa no topo e na base que nas paredes

“Possui 54 apartamentos, todos tipo duplex e de frente, com absoluta separação entre as partes nobres e de serviço.

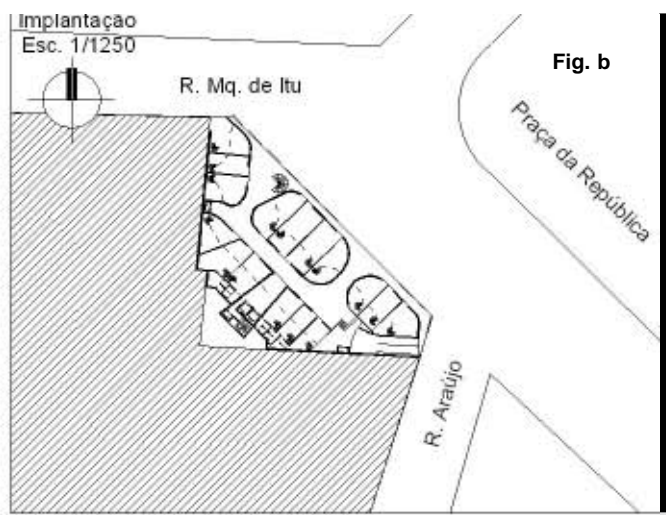
(...) Os andares restantes do corpo central continuam com a mesma distribuição interna, porém sem as duas alas laterais.”

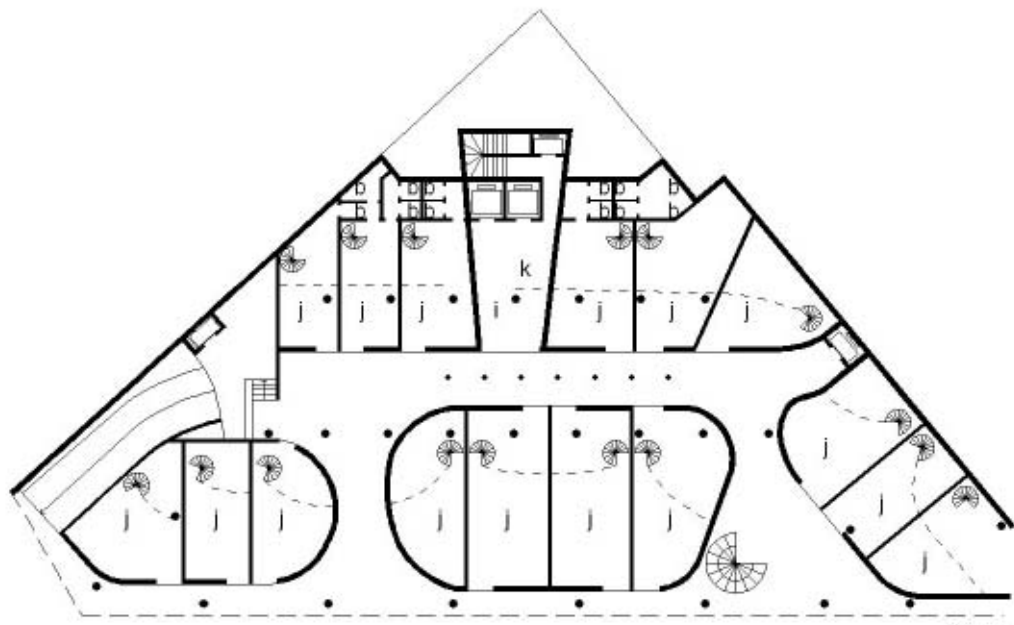
(Acrópole 208, p. 136)

laterais.

A fachada é planar composta e cria uma malha que alterna, no sentido horizontal, elementos opacos e translúcidos, e no vertical, as faixas lisas e alternadas, demarcadas pelas lajes dos pavimentos.

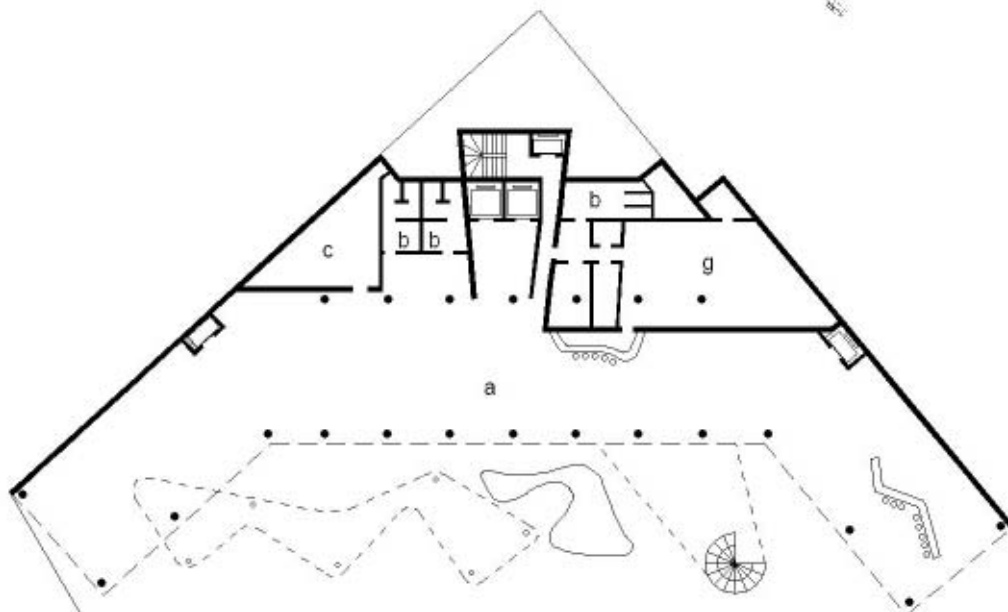
Ainda sobre a questão da implantação, é importante frisar a colocação de Bruand sobre a semelhança desse edifício com o arranha-céu cartesiano de Le Corbusier. Apesar da forma em pé de galinha, que já existia anteriormente a essa edificação, o arranha-céu corbusiano é estritamente comercial e está implantado solto em um quarteirão, diferente deste edifício residencial, que foi uma resposta à configuração do terreno.





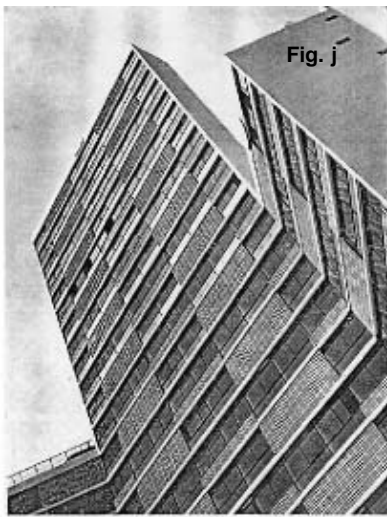
Térreo
Esc. 1/400

Fig. h



Primeiro Pavimento
Esc. 1/400

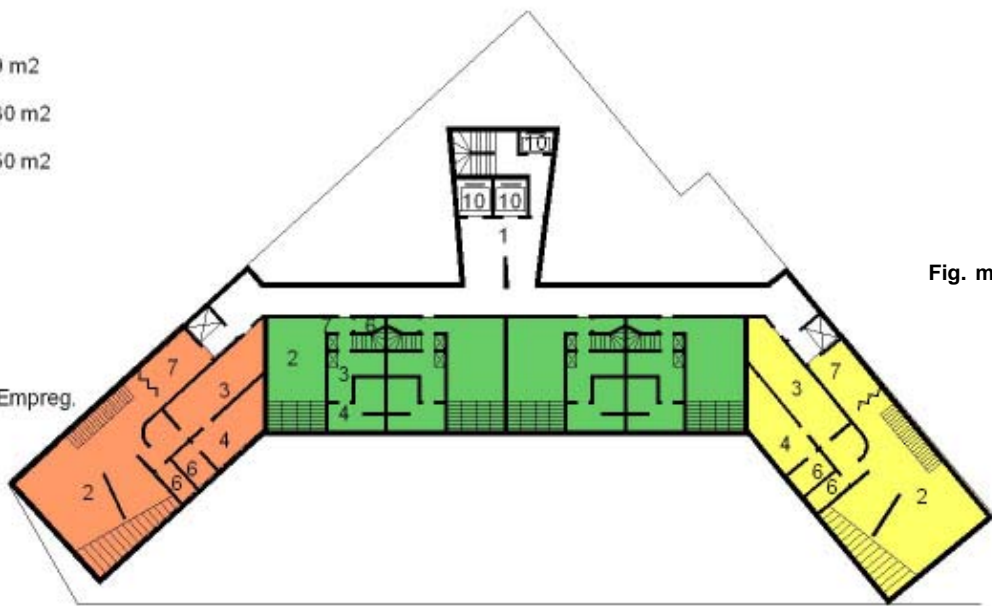
Fig. i



LEGENDAS:

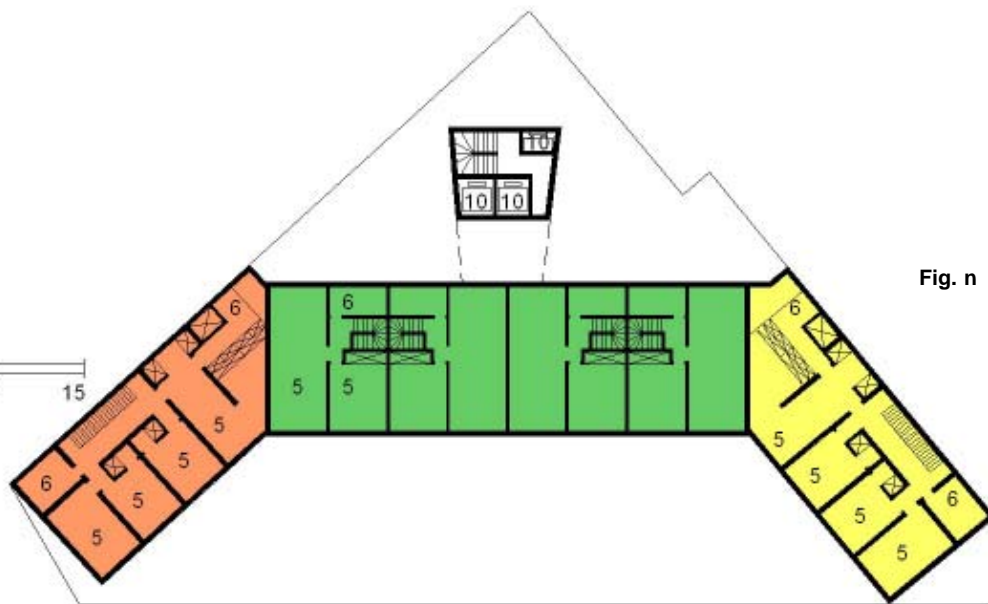
- Ap.1 A= 89,50 m²
- Ap.2 A= 196,80 m²
- Ap.3 A= 208,50 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 A. Serv./Dep. Empreg.
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 7 Vestibulo
- 10 Elevador



Pavimento Tipo (Salas)
Esc. 1/400

- a Restaurante
- b Sanitário
- c Depósito
- g Cozinha
- l Saguão
- j Loja
- k Portaria



Pavimento Tipo (Quartos)
Esc. 1/400

Projeto / Exec.
1955
ND

Área (m²)
89,50
208,50

Número Dorm.
2 e 4
dorm.

Classe Social
média

Tipologia
duplex

Área Serviço
sim
c/ dep.

Contig. Planta
linear
de uso

Nº. de Unidades
54

Nº. de Pav. (superp)
11 (X2)

Contig. Corpo
III /
I+Ø

Fachada
ON
/ el. vaz.

Função Constr.
resid.

Forma Constr.
volume
recuado

Função Base
comercial

Forma Base
fechada

Estrutura
aparente
interna

Implantação
esquina

Edifício Hansaviertel, 1955/ND **Oscar Niemeyer**

Berlim, Alemanha

Esse edifício faz parte de um conjunto de propostas residenciais para uma exposição, de 1957, implantadas em uma ampla área de reurbanização no bairro Hansaviertel, em Berlim. Os prédios eram dispostos livremente no terreno.

O prédio solto no terreno apresenta uma volumetria regular, caracterizando uma barra linear de uso.

Essa volumetria é marcada pelo térreo vazado com área de estar e pilares em “V” sob o corpo de sete pavimentos. O pavimento intermediário é destacado no volume, e a cobertura, que no estudo inicial apresenta função recreativa, não apresenta função, sendo essa área transferida para o pavimento intermediário, na versão final.

Os primeiros estudos continham o térreo, vazado, com pilotis, e a portaria com as escadas que levam aos primeiros pavimentos. A proposta de circulação é um elemento diferencial nesse edifício, com uma torre de circulação vertical localizada em um bloco separado do edifício e ligada a ele por passarelas conectadas somente a um pavimento intermediário e à cobertura. O acesso aos dois pavimentos imediatamente inferiores e superiores ao pavimento intermediário é feito através das escadarias, que ligam verticalmente o térreo à cobertura, passando por ali. A cobertura, nessa versão preliminar, teria função recreativa, como já foi dito acima

O pavimento-tipo se manteve como na proposta original, somente com a supressão de alguns módulos, e apresenta duas unidades ligadas a cada núcleo de circulação. Seus apartamentos possuem dois dormitórios, muito embora essa planta possa ser modificada de modo que dois apartamentos padrão transformem-se em um apartamento de um dormitório e outro de três. Assim, o arquiteto elimina a idéia, que surge na primeira versão, de ter unidades menores com outra modulação no final do conjunto. Vale também salientar que o prédio construído, embora não apresente o volume curvo proposto, é mais largo que os estudos iniciais de Niemeyer.

“Housing units for the 1957 International Reconstruction Fair at Berlin. Not only will the Fair inform the building trades of the most recent technical possibilities and make the public aware of a new, postwar modus vivendi, but also, at the exhibition period, the whole undertaking will be inhabited and become a permanent part of Berlin’s Hansa district, Fifteen architects were invited to participate in this ‘housing fair’, each one contributing a personal approach to mass dwelling.”

(Papadaki, 1956, p.170)

Os apartamentos recebem ventilação e iluminação direta em todas as peças. O térreo, como no projeto original, continua vazado, somente com as portarias fechadas, e a cobertura foi completamente alterada, sendo eliminada a função recreativa, como já referido

A fachada frontal (voltada para o acesso de veículos) é planar virtual, formada por elementos reentrantes, que correspondem aos balcões dos apartamentos. A exceção feita nesse plano é no pavimento especial, em que a vedação é colada à face mais exterior da edificação. Na fachada oposta, onde é adicionada a torre de circulação vertical, a fachada é planar composta, constituída por elementos opacos e translúcidos intercalados, gerando bandas horizontais. O volume de circulação vertical é opaco, mas recebe uma textura em toda a sua extensão, gerando um maior contraste entre ele e o bloco de apartamentos.

“Esta exposição, inaugurada em 1957, foi concebida como uma vitrine do urbanismo e arquitetura modernos em que cada um dos quatorze arquitetos convidados a participar, entre eles Gropius, Aalto, Le Corbusier, Niemeyer, Bakema, Baldessari etc. contribuía com uma apreciação pessoal sobre a habitação multifamiliar”

(Botey, 1986, p. 86)

Fig. a

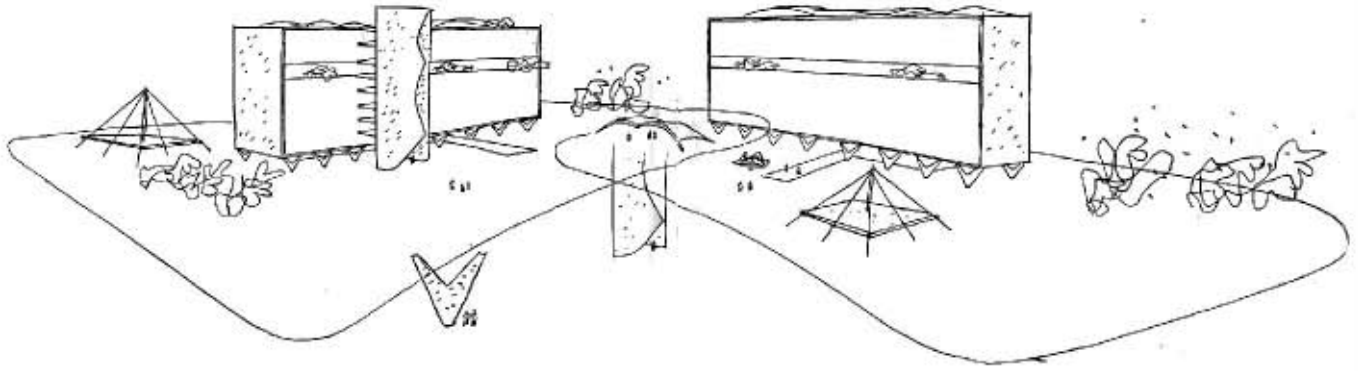


Fig. b

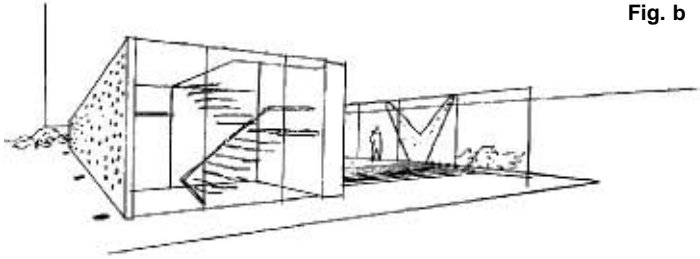


Fig. c

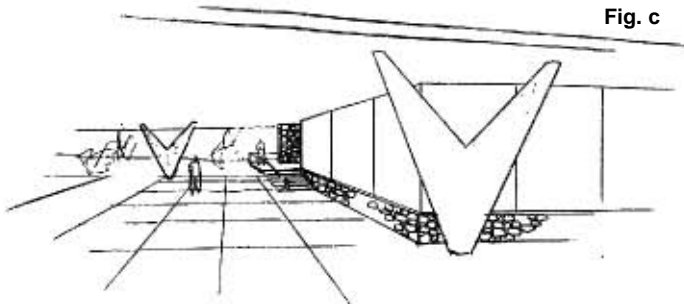


Fig. d

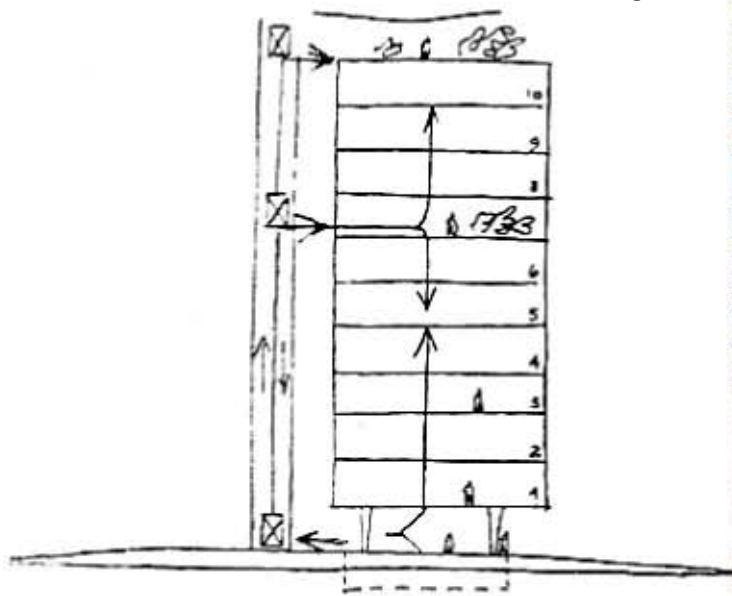


Fig. e



Fig. f



Fig. g



DIE ARCHITEKTEN DES HANSVIERTELS

- 1 Hans Ch. E. Müller, Berlin
 - 2 Günther Gottwald, Berlin
 - 3 Wassili Luckhardt und Hubert Hoffmann, Berlin
 - 4 Paul Schneider-Eibers, Düsseldorf
 - 5 Bezirksamt Tiergarten, Amt für Hochbau
 - 6 Willy Kreis, Berlin
 - 7 Ernst Zissler und Hansradolf Piarre, Hannover und Berlin
 - 8 Luciano Baldassari, Mailand
 - 9 J. H. van den Broek und J. B. Bakema, Rotterdam
 - 10 Cuztan Hassenpflug, München
 - 11 Raymond Lopez und Eugene Benoudoun, Paris
 - 12 Hans Schwippert, Düsseldorf
 - 13 Werner Dittmann, Berlin
 - 14 Otto H. Senn, Basel
 - 15 Kay Esker, Kopenhagen
 - 16 Max Taut, Berlin
 - 17 Franz Schuster, Wien
 - 18 Eggon Eiermann, Karlsruhe
 - 19 Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro
 - 20 Fritz Jarewsky und Sten Sarnelius, Malmö
 - 21 Werner Dittmann, Berlin
 - 22 Alvar Aalto, Helsinki
 - 23 Pierre Vajns, Paris
 - 24 Walker Group and The Architects Collaborative (IAC), Cambridge, Mass., mit Wijs Ebert, Berlin
 - 25 Klaus Müller-Bellm und Gerhard Siegmann, Berlin
 - 26 Ludwig Lemmer, Berlin
 - 27 Paul C. R. Baumgarten, Berlin
 - 28 Eduard Ludwig, Berlin
 - 29 Anne Jacobsen, Kopenhagen
 - 30 Gerhard Weber, Frankfurt am Main
 - 31 Absi Ciesler und Hermann Mückler, Frankfurt am Main
 - 32 Johannes Krahn, Frankfurt am Main
 - 33 Wolf von Möllendorff und Scripius Rueggienberg, Berlin
 - 34 Sep Ruf, München
 - 35 Günter Hornow, Berlin
- NICHT IM RAHMEN DER INTERBAU-GEPLÄNE
- 36 Klaus Kirsten I, Berlin
 - 37 Klaus Kirsten II, Berlin
 - 38 Bodamer und Berndt, Berlin
- AUßERHALB DES AUSSTELLUNGSGELÄNDIS
- 39 Bruno Grimmek, Berlin
 - 40 Le Corbusier, Paris
 - 41 Hugh A. Stubbins, Cambridge, Mass.

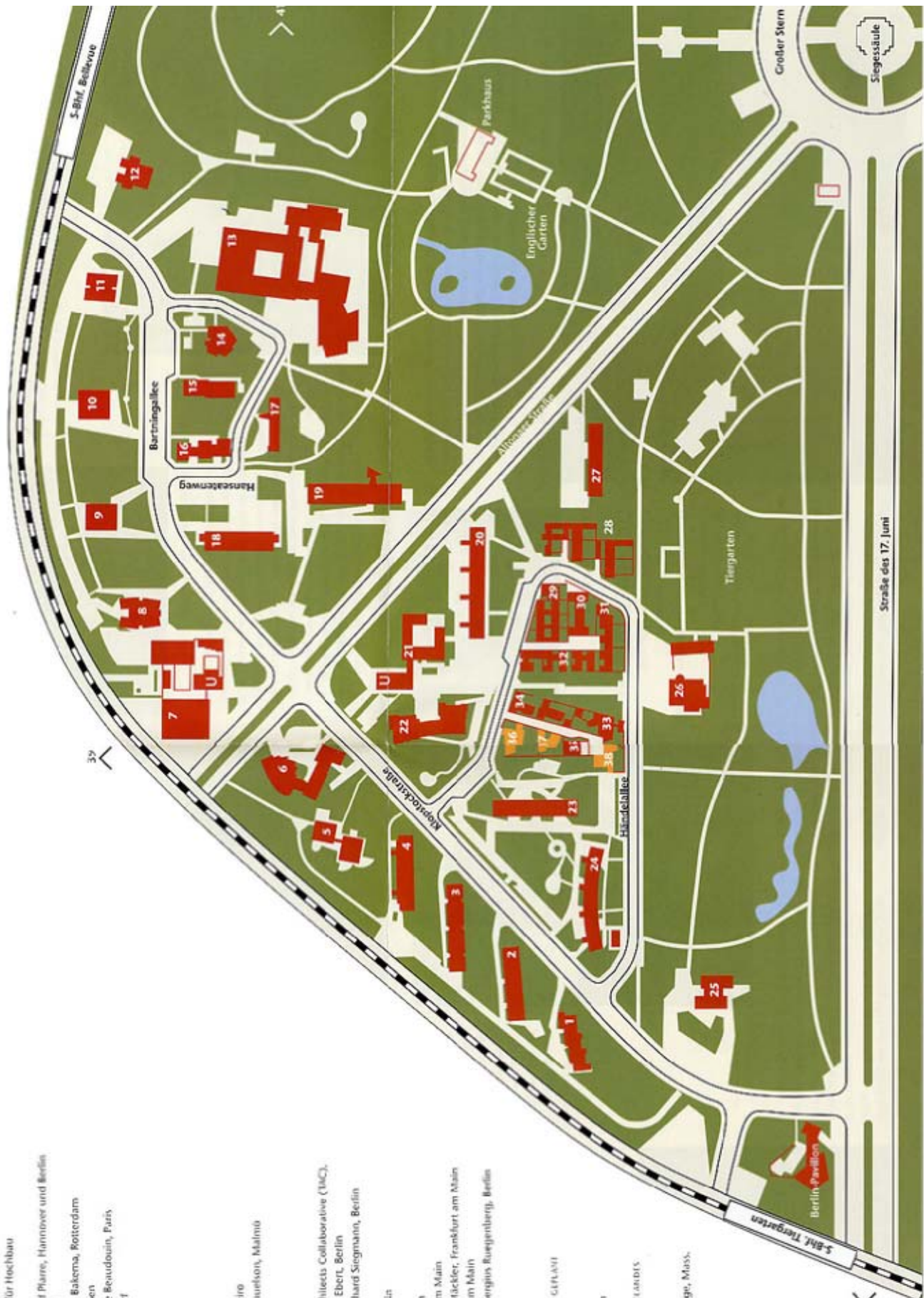


Fig. h



Fig. i

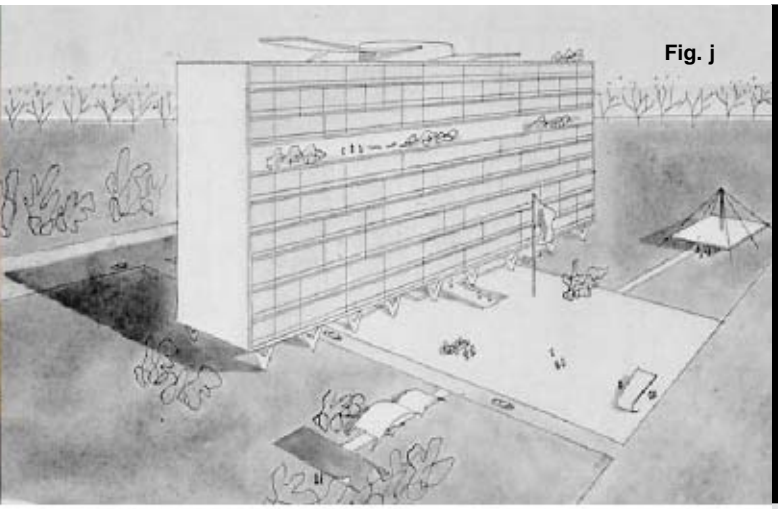


Fig. j

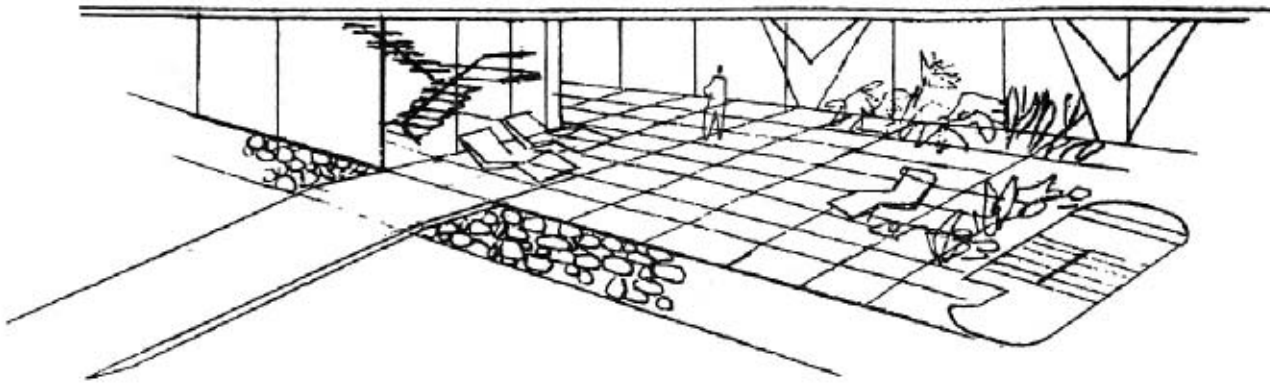


Fig. k

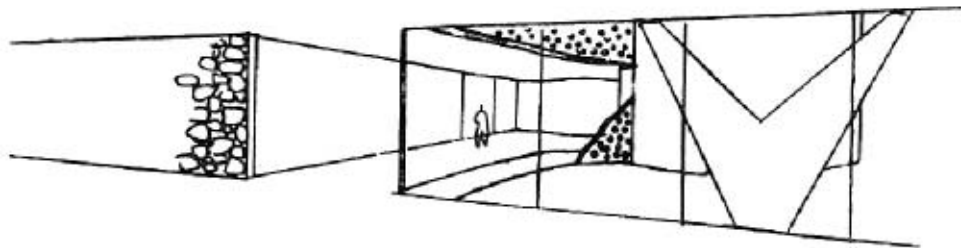


Fig. l

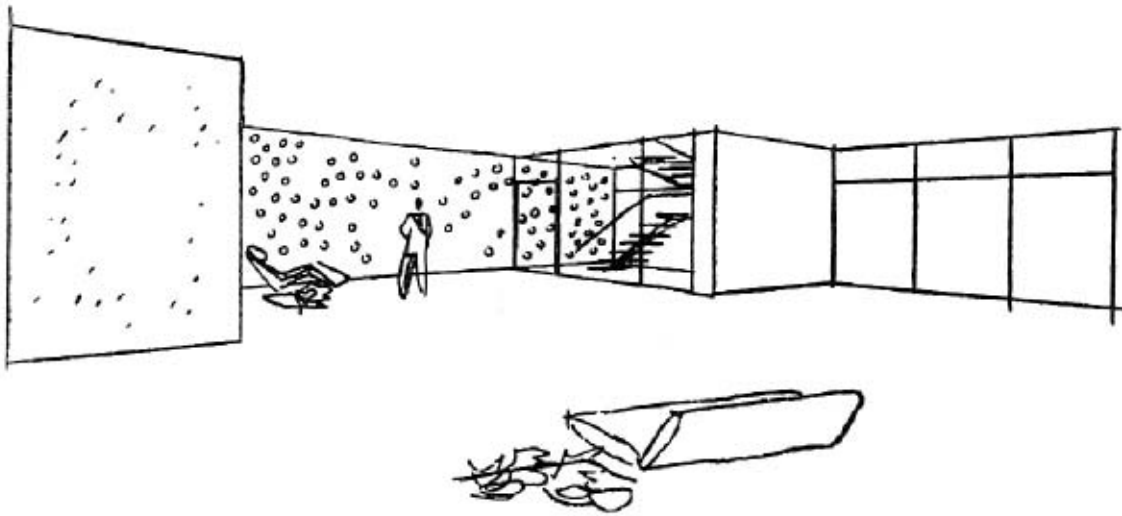
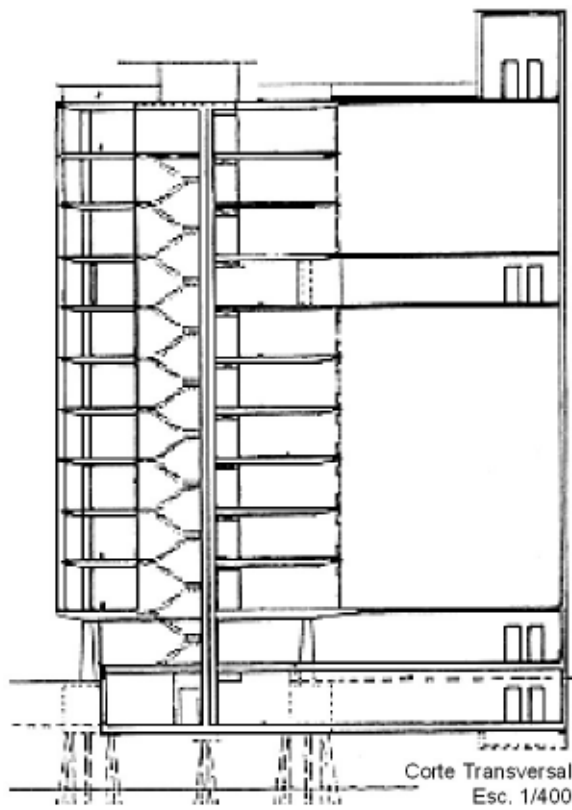
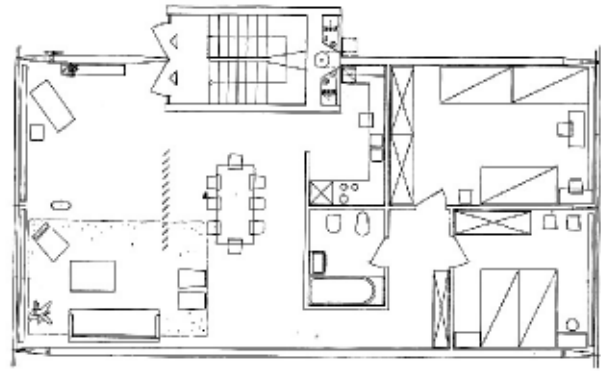


Fig. m



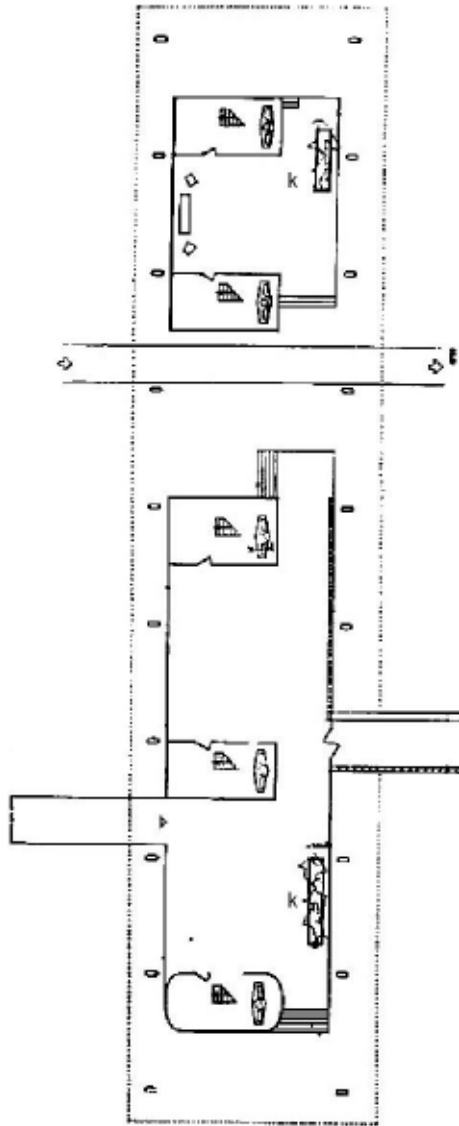
Corte Transversal
Esc. 1/400

Fig. n



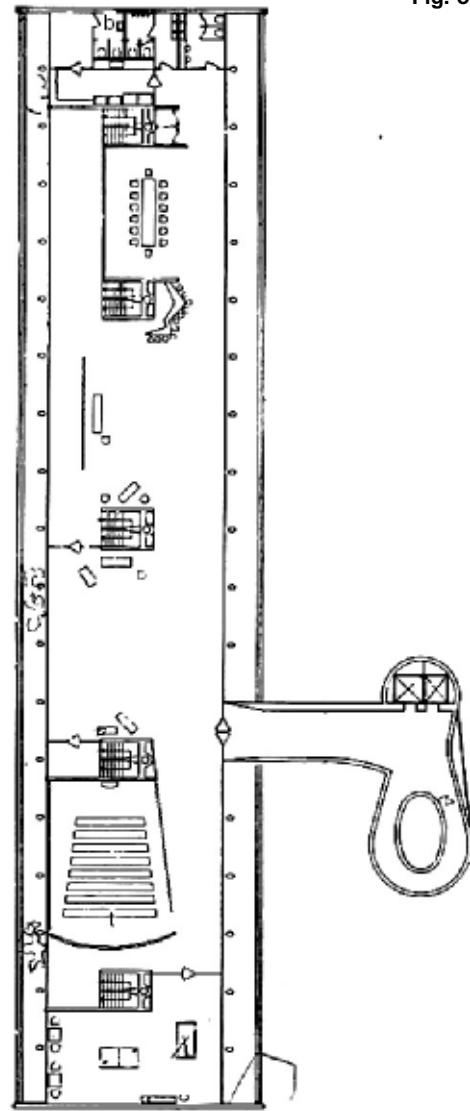
Unidades
Esc. 1/200

Fig. o



Térreo
Esc. 1/400

Fig. p



Pavimento Intermediário
Esc. 1/400

Fig. q

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 85,50 m²
- Ap.2 A= 101,70 m²
- Ap.3 A= 68,00 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 A. Serv./Dep. Empreg.
- 5 Dormitório
- 6 Banho

- b Sanitário
- i Saguão
- k Portaria
- t Auditório

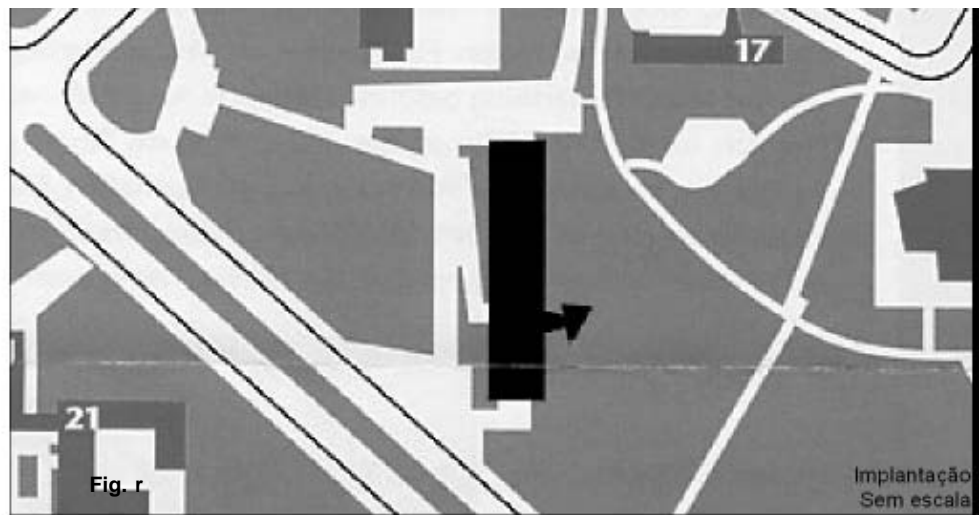


Fig. r

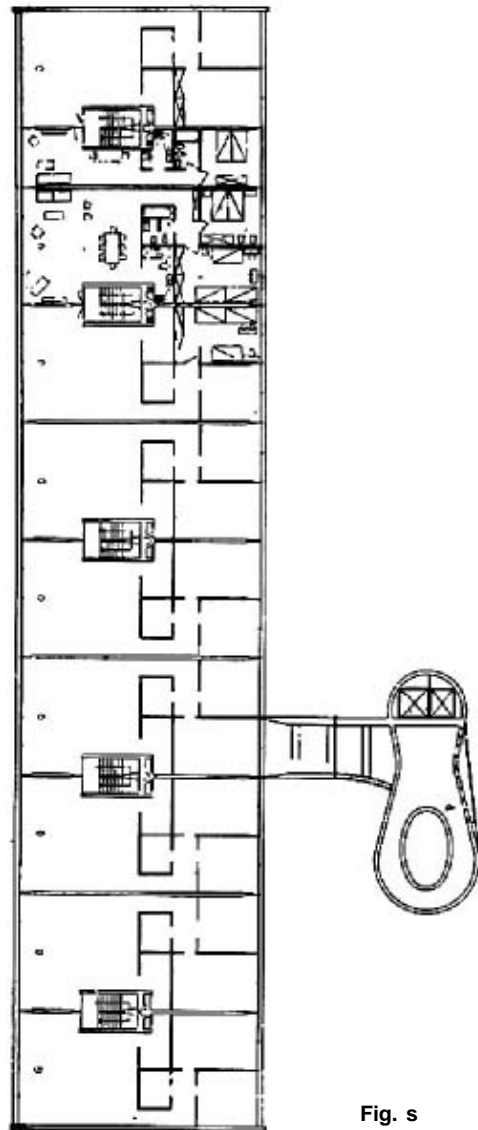


Fig. s

Pavimento Tipo (projeto)



Pavimento Tipo (executada)

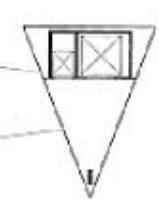


Fig. t



Projeto / Escala	1955 ND
Área (m ²)	68,00 101,70
Número Dorm.	1, 2 e 3 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	não
Corrig. Planta	linear de uso
Nº. de Unidades	72
Nº. de Pav. (corpo)	7
Corrig. Corpo	VIII+III / III+Ø
Tanho	ON / fita
Função Constr.	super estrut.
Forma Constr.	plati- banda
Função Usos	estar
Forma Base	vazada
Estrutura	aparente interna
Implantação	super quadra

**Edifício Paulicéia, 1955/ND
(e São Carlos do Pinhal)
Pilon e Gasperini**

Av. Paulista, 960

São Paulo, SP

Os edifícios Paulicéia e São Carlos do Pinhal ocupam um lote privilegiado no meio de um quarteirão com frentes para a avenida Paulista e a rua São Carlos do Pinhal, no Centro Novo de São Paulo. Ambos estão dispostos na parte central do lote, recuados das divisas e em meio a partes de jardim.

O projeto consiste em duas barras dispostas uma contra a outra, cada uma virada para uma das frentes do terreno. A configuração dessas barras lineares se dá por uso.

O térreo, semi vazado, apresenta amplas áreas ajardinadas e as rampas de acesso ao subsolo do empreendimento, que ocupa toda a área do terreno. O pilotis apresenta grande área livre, com as portarias de acesso aos três núcleos de circulação totalmente envidraçadas, além do apartamento do zelador, conferindo permeabilidade ao conjunto. Uma marquise marca o acesso de visitantes e veículos a esse espaço aberto e coberto na parte inferior do edifício.

O pavimento-tipo apresenta três apartamentos diferentes - tendo uma circulação vertical para cada dois apartamentos. As soluções vão desde a mais econômica, tipo quarto-e-sala; passando por outra com dois dormitórios e uma terceira maior, com três dormitórios. O prédio possui 23 pavimentos-tipo, com seis apartamentos por andar, dois de cada tamanho. Somente os apartamentos de quarto-e-sala não apresentam dependência de empregada, mas possuem área de serviço. A ventilação e a iluminação são razoáveis e a circulação vertical é feita através de núcleos de escadas e dois elevadores. O material disponível não tornou clara a função da cobertura, que parece residencial, através das fotos. O coroamento é feito com uma platibanda.

As fachadas principais são planares reais e apresentam uma marcação horizontal criada através de persianas de enrolar, justapostas umas as outras, criando uma textura rara que é enfatizada pela linha dos peitoris. Esses elementos

“A importância do empreendimento e as características excepcionais do terreno levaram a um estudo minucioso de diversas soluções, tendo sido verificado que a mais conveniente para a construção de um conjunto residencial de elevado padrão seria de dois prédios paralelos, na altura máxima autorizada pelos gabaritos.”

(Acrópole n246, ano XXI, p. 226)

lineares criam mais uma vez o jogo de texturas oblíquas nas fachadas, tão encontrado nos exemplos brasileiros. As fachadas posteriores, nesse caso internas, são aumentadas por elementos protuberantes, definidos pelos núcleos de circulação laterais, e constituídas por elementos lineares que configuram bandas horizontais.



Fig. a

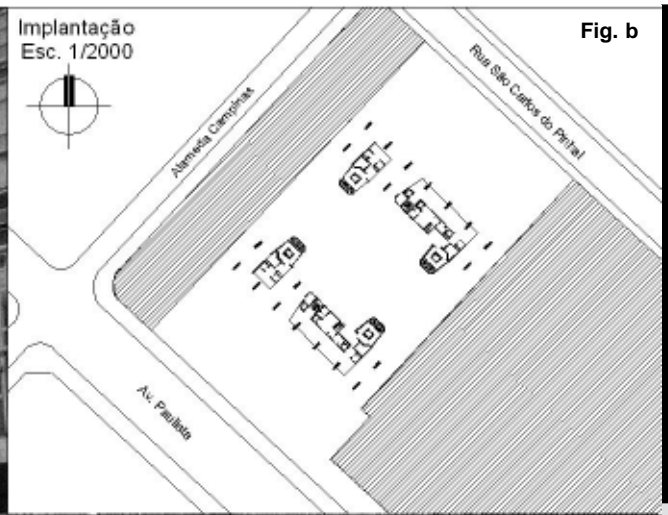


Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e

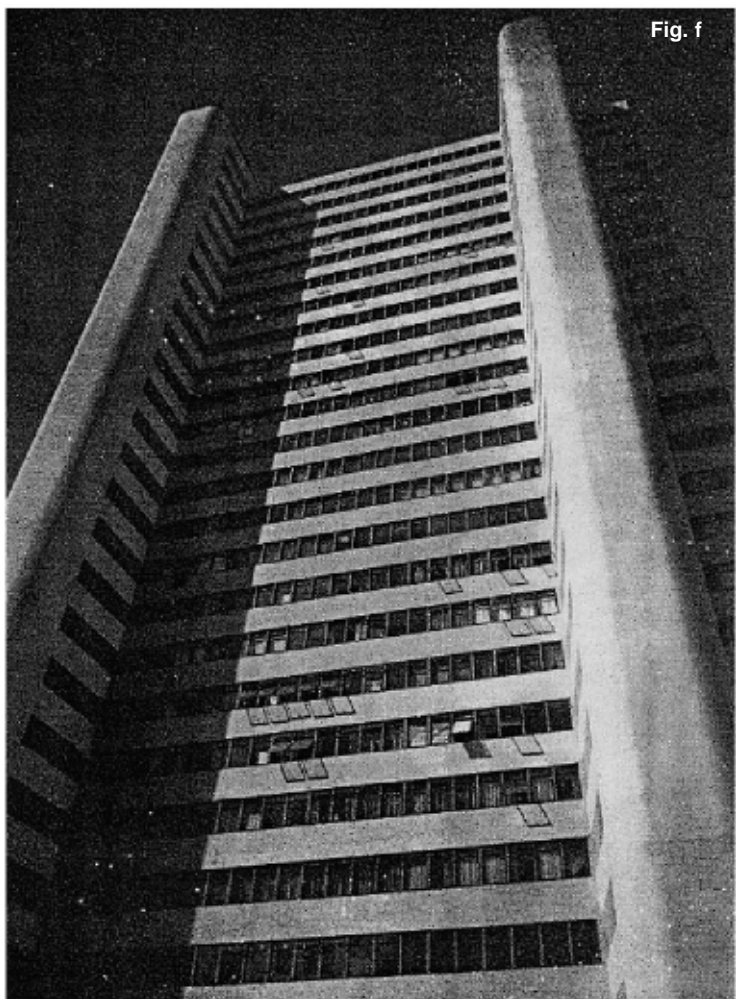


Fig. f

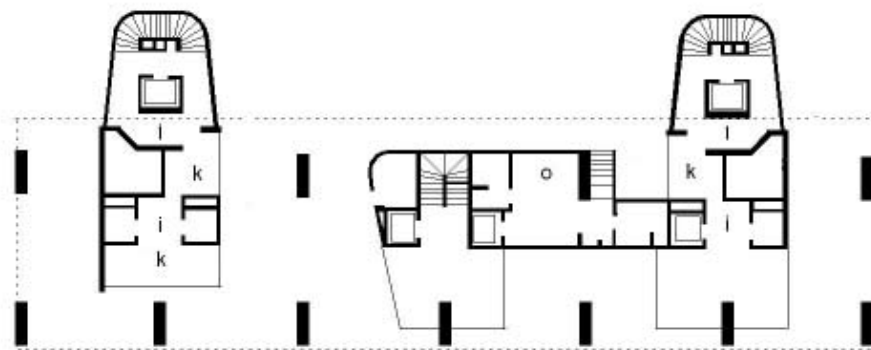
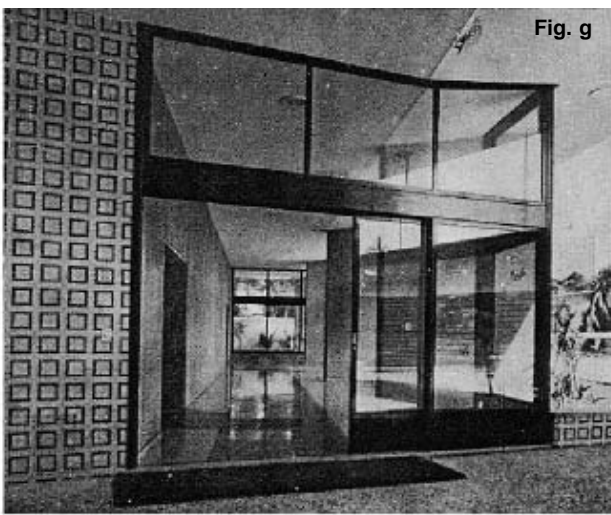


Fig. i

Térreo
Esc. 1/400

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 63,80 m²
- Ap.2 A= 90,15 m²
- Ap.3 A= 107,90 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 10 | Elevador |

- | | |
|---|-------------|
| i | Saguão |
| k | Portaria |
| o | Ap. Zelador |



Fig. j

Pavimento Tipo
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1955 ND
Área (m ²)	63,80 107,90
Número Dorm.	1, 2 e 3 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ e s/ dep.
Contig. Ffios	linear de uso
Nº de Unidades	138
No. de Pax. (corpo)	23
Contig. Corpo	III / III+Ø
Contig. Abertura	paulista
Função Constr.	resid.
Forma Constr.	volume recuado
Função Base	estar
Forma Base	semi- vazada
Estiloso	aparente interna
Implantação	miolo

Conjunto Nacional, 1955/62

David Liebeskind

**Av. Paulista esq. rua Augusta,
alameda Santos e rua Padre Manoel**

São Paulo, SP

O conjunto Nacional ocupa o quarteirão formado pela avenida Paulista, alameda Santos e as ruas Augusta e Padre Manoel.

O projeto consiste em uma base que ocupa toda a quadra e apóia, separados por um terraço, outros dois volumes, ambos sobre pilotis, sendo um baixo, de um pavimento, e o outro, que corresponde à barra residencial, com 25 pavimentos com configuração linear de uso.

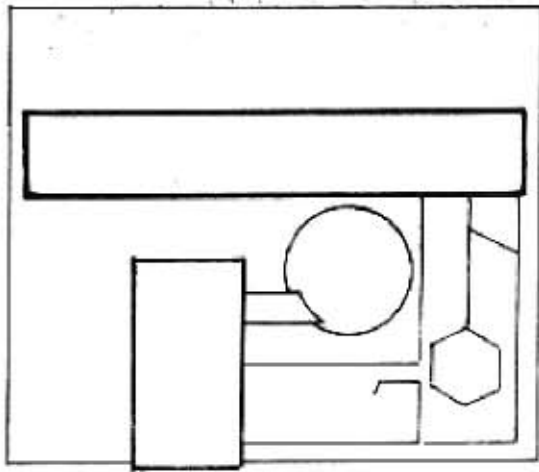
A base apresenta três pavimentos comerciais e dois pavimentos no subsolo para garagens. A cobertura desse bloco possui um vasto jardim cujo acesso dá-se através de rampas circulares com a cobertura em forma de cúpula, envidraçada, com estrutura tridimensional em alumínio. Esse jardim possui dois setores, sendo um deles para a parte residencial, onde se localiza o *playground* e o outro para o setor comercial, que inclui restaurante, salão de festas, boate etc. A partir desse bloco / base desenvolve-se, sobre pilotis e apoiado em laje de transição, um outro bloco, no sentido vertical, de 25 pavimentos, destinados a apartamentos, totalizando um complexo de 150mil m². O pavimento-tipo tem quatro núcleos de circulação vertical, cada um dando acesso a dois apartamentos. O conjunto nacional compreende apartamentos de dois, três e quatro dormitórios com áreas que variam de 150 a 300m² que distribuem-se dentro de uma malha regular que define a fachada do bloco laminar. O coroamento é vazado no corpo da edificação.

No conjunto Nacional aparece, mais uma vez, a idéia de incorporar diversos usos dentro de uma mesma edificação, uma unidade autocontida, com o objetivo de recriar vários aspectos da vida de uma cidade.

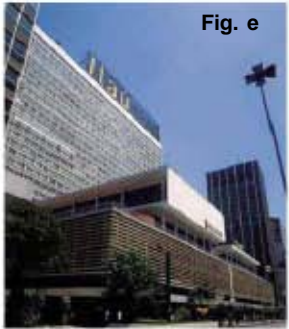
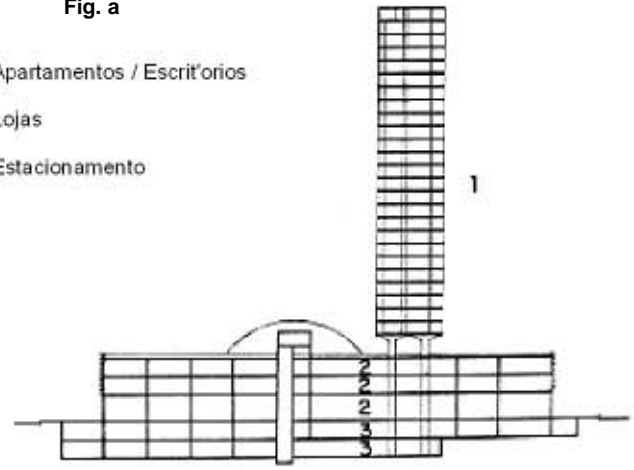
“O conjunto Nacional é composto de dois blocos completamente distintos e independentes: um vertical, que constitui a parte residencial e outro horizontal, constituindo Centro Comercial.”

(Acrópole 222, p. 210)

A base revela uma fachada planar composta pelos elementos horizontais, que configuram os *brises* desse bloco e são contínuos em todo o perímetro dele. Acima, o bloco baixo que fica apoiado sobre a base mostra uma fachada planar real opaca no menor lado e no maior consiste uma fachada vazada por elemento reentrante. O prisma alto que dessa base emerge revela duas grelhas unidirecionais, sendo que a horizontal prevalece. Assim, o bloco principal consiste em uma fachada planar virtual.



- Fig. a
- | | |
|---|----------------------------|
| 1 | Apartamentos / Escritorios |
| 2 | Lojas |
| 3 | Estacionamiento |



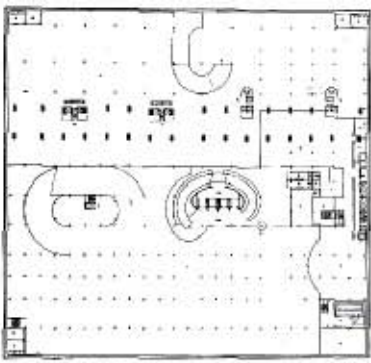


Fig. j

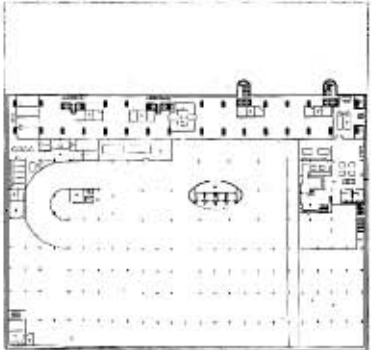


Fig. k

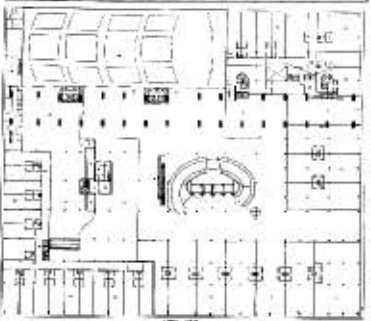


Fig. l

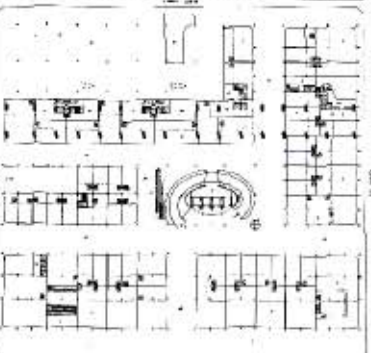


Fig. m

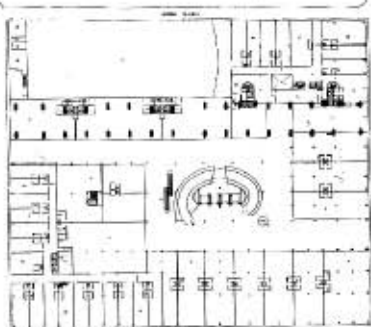


Fig. n

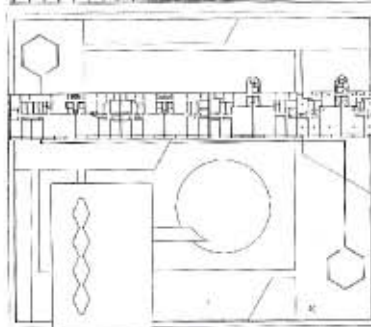
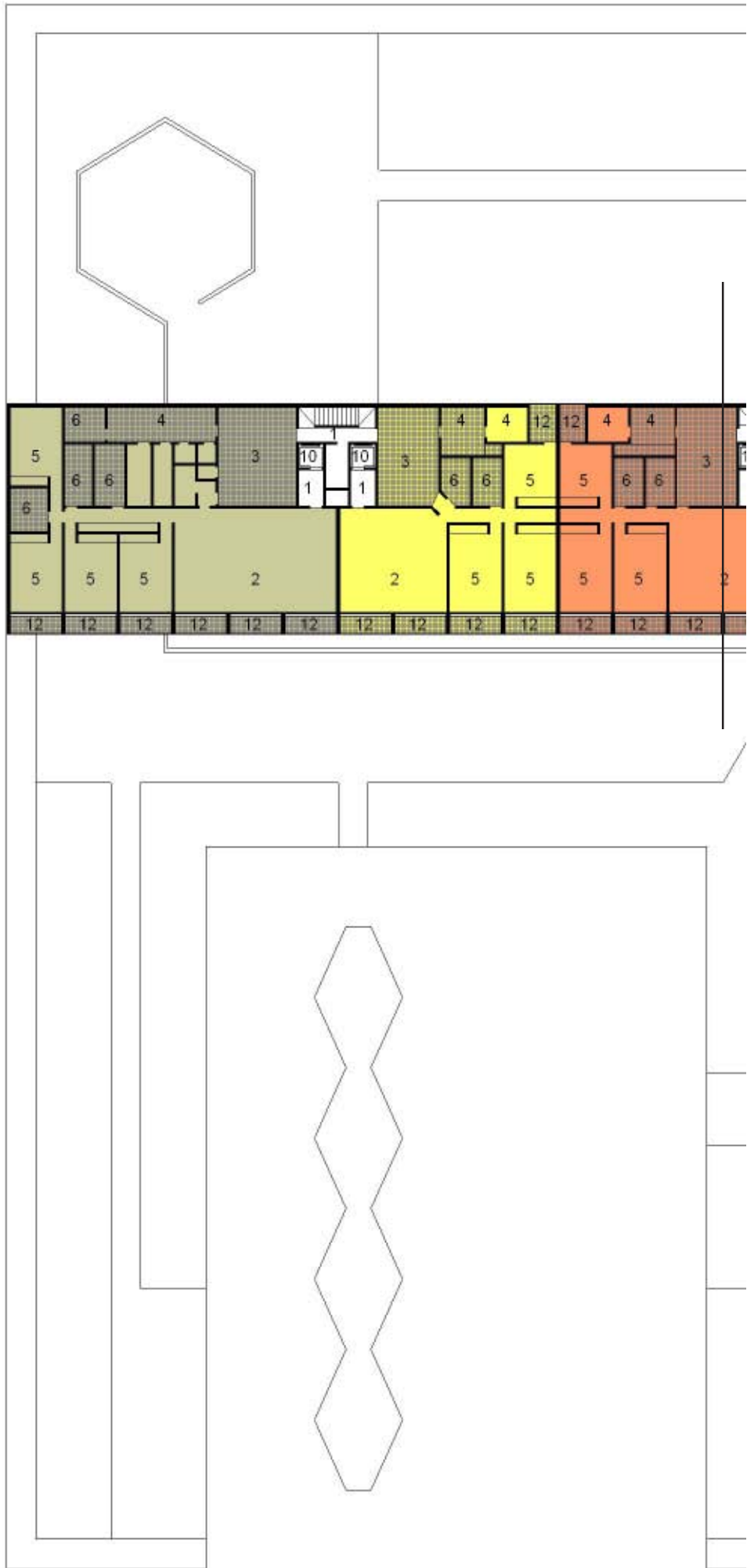
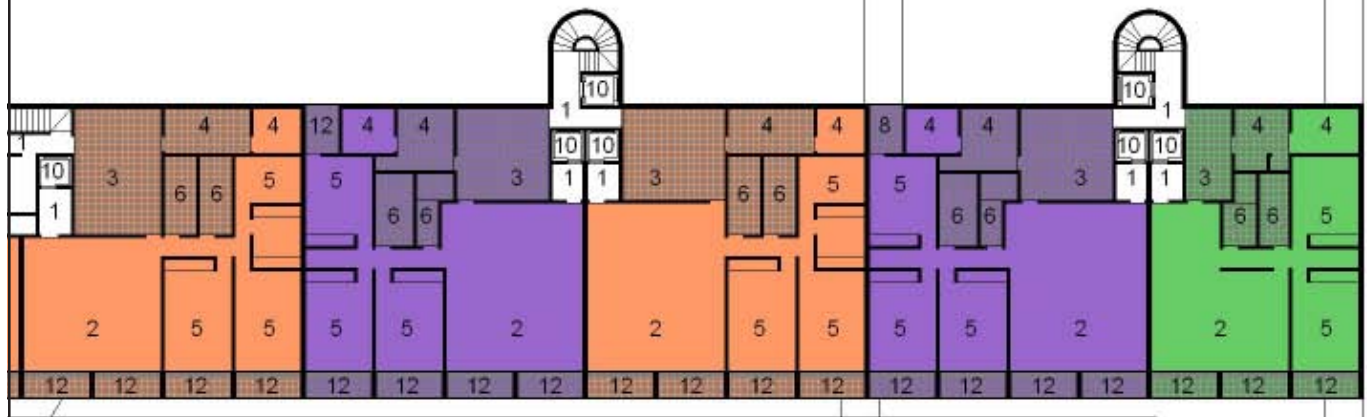


Fig. n





LEGENDAS:

- Ap.1 A= 151,05 m²
- Ap.2 A= 197,10 m²
- Ap.3 A= 197,50 m²
- Ap.4 A= 205,80 m²
- Ap.5 A= 305,15 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 A. Serv./Dep. Empreg.
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 10 Elevador
- 12 Balcão



Projeto / Exec.	1955 1962
Áreas (m ²)	151,05 305,15
Número Doms.	2, 3 e 4 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	linear de uso
Nº. de Unidades	160
Nº. de Pav. (c/obras)	20
Config. Corpó	VIII / III+Ø
Família	paulista
Função Corres.	estar
Forma Corres.	subtraído do vol.
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Estrutura	aparente interna
Implantação	quadra

Fig. o

Como se observa na seqüência de fichas dos exemplares, o período de Hegemonia apresenta prédios representativos da arquitetura moderna em diversas capitais brasileiras. Em Porto Alegre (RS), os edifícios Santa Terezinha, Jaguaribe e Esplanada, e em Belo Horizonte (MG) o edifício Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek são o reflexo da abrangência dessa escola, embora existam exemplos de qualidade em outras partes do Brasil. É curioso, todavia, observar a influência de Oscar Niemeyer fora da capital fluminense: dos sete projetos por ele desenvolvidos e aqui analisados, apenas um está localizado no Rio de Janeiro, na cidade de Petrópolis, três estão localizados na cidade de São Paulo (SP) – Copan, Eiffel e Montreal – enquanto Belo Horizonte (MG) conta com os projetos do conjunto Juscelino Kubitschek e do edifício Oscar Niemeyer, na praça da Liberdade. Além disso, o único projeto internacional analisado – de autoria brasileira – também é dele: o edifício para o Hansaviertel, em Berlim.

A demanda desses projetos não pode ser caracterizada por um tipo específico de cliente. Existem projetos de alto padrão, contratados por pequenos grupos de investidores, contrastando com conjuntos residenciais para baixa renda, encomendados por prefeituras e institutos de pensões. A maioria dos projetos é destinada à classe média e compreende um número elevado de unidades, caracterizados como projetos grandes e inovadores, contratados normalmente por grupos de investidores. Três edifícios contam com mais de mil unidades, sendo eles Copan, Mauá e Juscelino Kubitschek. O edifício Montreal possui 278 unidades

habitacionais, e o Nações Unidas, 357. Esplanada, Paulicéia, Guarabira e conjunto Nacional apresentam entre cem e duzentas unidades. Os edifícios Eiffel, Jaguaribe, Hansaviertel, João Ramalho e o bloco B do conjunto residencial da Gávea apresentam entre 51 e cem. O Finússia e Dona Fátima têm quarenta unidades, e apenas os edifícios Lucio Cardoso, Liberdade, Santa Terezinha e Sambaíba têm menos de trinta apartamentos.

No que diz respeito à implantação, os projetos de Niemeyer para o Hansaviertel, em Berlim, e para o edifício Mauá, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, são exceção em relação aos dezessete exemplares inseridos no tecido da cidade tradicional. Ambos estão soltos na paisagem – o edifício Mauá é implantado em terreno de área não-definida, ao lado do Hotel Quitandinha, e o projeto para o Hansaviertel é disposto livremente no terreno. O exemplar internacional faz parte de uma exposição concebida como vitrine do Urbanismo e Arquitetura modernos, que, segundo Papadaki (1956, p.170), tem também a função de informar a população sobre o *modus vivendi* no pós-guerra. O edifício proposto por Niemeyer está implantado, então, numa ampla área de reurbanização no bairro Hansaviertel em Berlim.

Dentro da malha da cidade tradicional, os projetos estão dispostos em lotes das mais diferentes formas, desde lotes de três testadas, que normalmente correspondem a cabeças de quarteirões – como nos edifícios Esplanada, Guarabira e Nações Unidas –, mas que também podem ocupar um quarteirão (triangular), como no edifício da praça da Liberdade, de Oscar Niemeyer, ou em lotes de esquina – como Montreal,

Eiffel, Jaguaribe, Sambaíba, Finússia e Dona Fátima –, ou ainda em quadras inteiras, como no Juscelino Kubitschek e no conjunto Nacional. Outros projetos são inseridos em terrenos especiais de meio de quadra como o Copan, que altera o quarteirão, e o Paulicéia, que ocupa uma faixa do quarteirão onde está inserido, apresentando duas testadas. Apenas o Santa Terezinha e o Lúcio Cardoso estão construídos em lotes convencionais de meio de quarteirão.

O fato de alguns projetos estarem implantados em terrenos de geometrias similares não implica que estes apresentem soluções semelhantes. A forma de dispor os prédios dentro do terreno, como vimos, não tem uma característica única. Os prédios Montreal e Eiffel estão igualmente dispostos em esquinas que geram terrenos triangulares, mas ao passo que o terreno do edifício Eiffel tem a base do triângulo aberto para a cidade, o outro tem um de seus vértices abrindo dois lados. A forma de inserir os dois edifícios no lote, por conseguinte, é oposta. Enquanto o Montreal fecha a esquina, e auxilia na configuração quarteirão – da mesma maneira que no edifício Sambaíba –, e o outro se dispõe no terreno em forma de pé de galinha, embora sua base siga o alinhamento do terreno, de forma expandida, fazendo o fechamento do quarteirão, como no caso anterior. Segundo Bruand (2002, p.165), o edifício Eiffel é uma "retomada indiscutível, embora num sentido nitidamente mais plástico e variado, do arranha-céu cartesiano". Ora, o arranha-céu cartesiano é solto em um quarteirão, tornando discutível, sim, essa colocação.

Outro edifício disposto em terreno triangular é o

Oscar Niemeyer, em frente à praça da Liberdade, porém esse terreno corresponde a um (micro) quarteirão e o terreno não possui divisas, apenas os alinhamentos de recuo. Nesse projeto, a proposta de Niemeyer foi construir até o alinhamento, quebrando a força dos ângulos agudos com a inserção das curvas. No caso de projetos implantados em cabeça de quarteirão, aparecem soluções em que o edifício está junto ao alinhamento em toda a sua testada, até os limites do lote, fazendo menção à possibilidade de continuidade do preenchimento desse quarteirão pelas bordas liberando pátios internos, como no caso dos edifícios Esplanada ou Sambaíba e edifícios recuados das laterais como o Guarabira, o Finússia e Dona Fátima ou o Nações Unidas. Aparecem edifícios soltos no lote, como o edifício João Ramalho, e outros edificados até as divisas laterais sugerindo continuidade, demonstrando a diversidade possível de configurações.

As bases de configuração fechada e semi fechada têm maior representação nesse período que nos anteriores. As bases expandidas aparecem a partir de 1950 no edifício Mauá (RJ), mas ocorrem principalmente em São Paulo (SP), nos edifícios Copan, Eiffel, Nações Unidas e conjunto Nacional. Na cidade de Belo Horizonte (MG) temos como representante o conjunto Juscelino Kubitschek. As bases de oito exemplares são fechadas e duas semi fechadas. Só vão aparecer bases vazadas no conjunto residencial da Gávea, no João Ramalho, no Finússia e Dona Fátima e no Hansaviertel.

A função comercial aparece na base de dez dos dezenove edifícios, coisa que não era freqüente

anteriormente, e os outros apresentam função de estar nessa área.

A estrutura é aparente no nível térreo em todas as edificações do período. Pilares desse pavimento aparecem basicamente de cinco formas: a) em formatos especiais, como no Mauá, Gávea, Nações Unidas, Hansa, Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek; b) em colunatas – Eiffel, Guarabira, conjunto Nacional, Santa Terezinha e Esplanada; c) pilotis – no Paulicéia e no Finússia; d) externos ao corpo, no João Ramalho, e e) em bases fechadas onde os pilares não tem tanta importância, como no Copan, na parte maior do Nações Unidas e também na versão final do Montreal – isso porque na maquete os pilares eram bastante enfatizados, apesar de internos.

Uma característica importante desse período, que pode ser observada nos edifícios Mauá, Hansa, Gávea, Nações Unidas, Juscelino Kubitschek e Oscar Niemeyer, é o caráter inovador da forma dos pilares, que agora aparecem em Y, V e W. Segundo Comas (2002, p.232) com evidentes conotações naturalistas, tanto no tratamento do corpo, em lâminas paralelas, gerando formas amebóides, como no caso do edifício Oscar Niemeyer, ou neo expressionistas como no Montreal, que também denotam essa característica natural.

Nos apartamentos de todos os edifícios analisados no período, a estrutura ocorre no mesmo plano das paredes internas. Pondo de lado a idéia de lutar pela planta livre aparente. Ela pode ficar escondida nas paredes para facilitar o uso das unidades que têm recintos de tamanhos reduzidos.

A tipologia dominante nos apartamentos analisados é simplex, correspondendo a quatorze edifícios. Além desses, quatro apresentam apartamentos das duas tipologias, sendo eles Mauá, Juscelino Kubitschek, Sambaíba, Gávea (A e B). E por fim, o edifício Eiffel é o único exemplar do período que apresenta exclusivamente unidades dúplex.

As soluções encontradas para o edifício Mauá vão comparecer em outros projetos de Niemeyer, como no Juscelino Kubitschek, que pode ser considerado uma adaptação desse projeto, onde o arquiteto teve a oportunidade de conferir algumas de suas idéias – como por exemplo, os apartamentos distribuídos em meios-níveis – finalmente edificadas.

Quanto à configuração do corpo das edificações, nessa etapa aparecem nove torres dentre os edifícios analisados, sendo elas: Montreal, Copan, Paulicéia, Jaguaribe, Santa Terezinha, Eiffel, Lúcio Cardoso, Liberdade e um dos blocos do conjunto Juscelino Kubitschek. As barras dividem-se em altas, médias e baixas. Dentre as altas estão os edifícios Nações Unidas, Finússia, João Ramalho, Esplanada, conjunto Nacional, conjunto Juscelino Kubitschek (outro bloco) e as médias: Guarabira, Hansa, Sambaíba e Mauá. A única barra baixa nesse período corresponde ao conjunto da Gávea.

O tipo de circulação do pavimento, que também define a volumetria, ocorre de quatro formas nessa etapa: temos os edifícios Montreal, Sambaíba e Guarabira com circulação anelar; os edifícios Mauá, Copan, Juscelino Kubitschek e conjunto residencial da Gávea com

configuração linear de circulação, o edifício Lúcio Cardoso com a circulação mononuclear, e os demais, com configuração linear de uso.

Quanto ao tratamento dos planos envolventes dos edifícios, as fachadas planares são praticamente absolutas no período, as diferenças entre elas se dão geralmente pela natureza dos elementos que as compõem. As planares compostas representam a maioria dos casos de fachadas planares, enquanto as reais, menos freqüentes, se caracterizam geralmente pelo tratamento que intercala panos opacos e translúcidos em bandas horizontais.

No que diz respeito aos elementos componentes das fachadas, aparecem os panos de vidro comendo planares reais translúcidas, como nos edifícios dos irmãos Roberto: Guarabira e Finússia e Dona Fátima. Sendo que esse último apresenta, na sua outra fachada, elementos lineares bidirecionais que geram as chamadas fachadas planares compostas, que ocorrem também – em edifícios de outros arquitetos – no Esplanada e Santa Terezinha, em Porto Alegre (RS).

No edifício Jaguaribe ocorre o único caso em que o tratamento do corpo é transformado dentro de uma categoria: pode-se dizer que os elementos pontuais salientes derivam-se para reentrâncias horizontais lineares.

Uma utilização freqüente nos edifícios do período é a das linhas horizontais no tratamento das fachadas, que podem representar lâminas ou faixas. As lâminas são freqüentes nos projetos de Oscar Niemeyer, como o Montreal (que também apresenta faixas e pontos),

Oscar Niemeyer, Copan, e no conjunto Nacional, de David Liebeskind. O edifício Eiffel, embora incluído na categoria dos elementos lineares, é diferente em função de suas lâminas não apresentarem relevo. As faixas ocorrem em edifícios como o Paulicéia (frente e fundos), Hansa, Lúcio Cardoso e Nações Unidas. Freqüentemente se encontra, no corpo desses edifícios, elementos desenhados, em cima das faixas, como no caso do edifício Paulicéia ou Lúcio Cardoso. Outra característica moderna brasileira que ocorre também nesse período, porém com menor freqüência, são os elementos vazados, que encontramos nos edifícios Eiffel e Sambaíba.

Mais freqüentemente, aparecem elementos repetidos, gerando formas cruzadas nas fachadas, que podem ocorrer através de pontos, como no Gávea e em uma das fachadas do Nações Unidas, ou em linhas, que podemos observar no Paulicéia e Lúcio Cardoso.

A torre de circulação externa vai ocorrer adossada ao corpo de dez dos dezenove edifícios analisados, sendo eles: Nações Unidas, Paulicéia, Liberdade, Eiffel, Copan, Mauá, Hansa, conjunto Nacional, João Ramalho e Juscelino Kubitschek.

A função da cobertura desses edifícios é definida principalmente em áreas de estar e lazer, correspondendo a oito edifícios. Os apartamentos de cobertura em um ou dois níveis continuam sendo uma solução freqüente, ocorrendo em sete dos dezenove casos analisados. Apenas quatro não apresentam função na cobertura.

A existência dos volumes escultóricos nesse

período tem um destaque maior que anteriormente dentro da história da Arquitetura Brasileira. Surge o coroamento que se faz subtraído do volume, evidenciado nos edifícios Jaguaribe, Sambaíba, Esplanada, Gávea e conjunto Nacional. Outra forma freqüente de se realizar o acabamento das edificações é com volumes recuados, como ocorre nos edifícios Mauá, Copan, Juscelino Kubitschek, Guarabira, Nações Unidas, Liberdade, Eiffel e Paulicéia, muitos com volumes escultóricos.

Dentre os projetos soltos na paisagem, é necessário frisar que enquanto o Hansa tem uma volumetria totalmente regular, no edifício Mauá, a forma curva já aparece no bloco de 36 pavimentos. Ambos são barras de altura média e apresentam torre de circulação adossada ao volume e os pilares em "V" na base, sendo que essas duas características são exploradas e acentuadas nas perspectivas do arquiteto, principalmente no edifício Hansa, onde a torre, de forma mais livre, contrasta com o corpo da edificação. O edifício Mauá apresenta marquises curvas em uma base expandida onde os pilares são em forma de Y. Truncados pelo mezanino, estes pilares aparecem para o observador em "V", na sobreloja, enquanto no pavimento térreo apresentam pilares "I".

O período de Hegemonia é a época de maior divulgação da Arquitetura Moderna Brasileira. Nessa fase já existe um número muito superior de exemplares construídos, principalmente pela aceitação dessa nova proposta construtiva pela sociedade, sendo a Hegemonia moderna uma marca na Arquitetura Brasileira dos anos 50.

Historicamente, o Rio de Janeiro esteve na vanguarda do movimento modernista da arquitetura, não só porque criou a primeira Escola de Belas-Artes do Brasil, mas porque ali – como centro pioneiro e de excelência – se formaram destacados profissionais de outros estados. Dos 36 projetos examinados aqui, 28 tem inequívoca identidade com essa escola, seja porque estejam situados na cidade do Rio de Janeiro, seja porque seus autores, lá formados, a refletem em suas obras. O panorama examinado, portanto, é composto por dezenove prédios que se localizam no Rio de Janeiro, treze em São Paulo e os seis restantes em outras cidades (sendo que três do carioca Oscar Niemeyer e os demais de gaúchos com forte influência da escola carioca).

A análise da amostra desses edifícios revela as características que acompanharam o processo de lapidação e sedimentação dos princípios da Arquitetura Moderna Brasileira dentro do período de Emergência (dez), de Consolidação (sete) e de Hegemonia (dezenove).

O programa residencial multifamiliar, combinado ou não ao uso comercial, define a amostra estudada, que contempla tanto o condomínio de luxo quanto o conjunto habitacional. Se observados do ponto de vista quantitativo, esses edifícios foram projetados predominantemente para a classe média, mas em todos os períodos encontram-se exemplares de qualidade para as classes mais e menos favorecidas. Assim, o exemplar de maior destaque no período de Emergência – o Parque Guinle –, bem como o edifício Prudência, claramente destinados à classe alta, são contemporâneos de conjuntos habitacionais como Realengo e Baixada do

Carmo. Já no período de Consolidação, o predomínio é de edifícios destinados à classe baixa, destacando-se os três blocos do Pedregulho e o conjunto residencial Vila Guiomar. No período de Hegemonia, quinze dos dezenove projetos destinam-se a moradores de classe média. É legítimo afirmar, portanto, no que se refere ao edifício residencial multifamiliar, que a idéia de que a arquitetura moderna é elitista é mito que não encontra sustentação, uma vez que o conjunto estudado reflete uma sintonia com as mudanças sócio econômicas e culturais da época e uma democrática dedicação aos desafios daquele novo contexto. A partir de 1950, aparecem estudos de tipologias tanto para apartamentos *kitchenette* como para grandes apartamentos que vêm responder a uma flexibilidade de programas relacionados às novas expectativas da família moderna.

O resultado da análise da amostra concentrou-se no aprofundamento dos seguintes pontos: situação (e volumetria), base, corpo e coroamento.

SITUAÇÃO

Em relação à situação são examinados aspectos como os tipos de terreno e de implantação, assim como a volumetria básica desses edifícios, relacionando-os à sua implantação.

No que diz respeito aos terrenos, observam-se edifícios situados em lotes inseridos no meio, esquina ou cabeça de quarteirões da malha urbana, em grandes lotes, em setores urbanos e em terrenos suburbanos. A forma de implantar os edifícios não segue um critério

único, mesmo quando inserida nos mesmos regimes urbanísticos.

A implantação dos edifícios pode ser dividida em três formas: dezenove casos aparecem com todos os lados afastados das divisas do lote, como no edifício Júlio Barros Barreto ou João Ramalho; cinco têm base junto ao alinhamento do terreno e o corpo afastado, acima, como no Eiffel ou no conjunto Nacional; e, finalmente, doze aparecem junto ao alinhamento do quarteirão em toda a sua extensão vertical e horizontal, como nos edifícios Montreal e Esplanada.

Nos lotes de tamanho convencional – inseridos na malha urbana – muitos edifícios estão junto às divisas, acompanhando o alinhamento predial, principalmente antes de 1950. A ocorrência de edifícios soltos no lote, ainda nesse período, se resume aos edifícios Prudência e Antônio Ceppas, projetados em terrenos de maiores dimensões, mas também de meio de quadra. A partir de 1950, tornam-se mais freqüentes os edifícios soltos, sem comprometimento com a configuração do quarteirão (correspondendo a onze exemplares), mas ainda se observam oito exemplares localizados entre paredes de meação, junto às divisas, e configurando esquina, meio ou cabeça de quadra e, até mesmo, quadras inteiras.

A análise das formas de implantar os edifícios nos lotes urbanos impõe destacar os casos do Esther, de Álvaro Vital Brazil, no período de Emergência, e do Copan, de Oscar Niemeyer, já durante a Hegemonia. Esses edifícios alteram o quarteirão em que se situam a fim de modificar a sua relação com a cidade. A criação de uma rua interna ao lote produz uma importante alteração na

configuração do tecido urbano com a criação dos edifícios-quarteirão.

De maior dimensão que um lote, os edifícios do Parque Guinle estão implantados em setor urbano, onde anteriormente se situava um parque. A substituição tipológica por um condomínio é encomendada pelos proprietários da gleba, e a implantação dos prédios toma a forma de um *crescent* georgiano.

Em terrenos suburbanos estão implantados alguns dos conjuntos habitacionais, representando uma das fontes mais importantes de soluções tipológicas no que diz respeito à habitação moderna. Os conjuntos habitacionais são implantados basicamente de duas maneiras: amarrados a linhas imaginárias, afastados das divisas, como no Pedregulho (A, B e C) ou na Gávea, ou de forma mais seriada, formando quadras regulares e blocos paralelos, como no Realengo, Baixada do Carmo e Vila Guiomar. Uma distinção a salientar é que nos terrenos suburbanos era usual a implantação mais regular, com prédios paralelos ou em série.

Embora ocorram casos como o Hansa e o Mauá, soltos em terrenos de dimensões incomensuráveis, passando por projetos em terrenos suburbanos ou em setores urbanos, a prevalência é de edifícios que se inserem no tecido tradicional, em lotes urbanos de tamanho padrão, demonstrando a adaptação do novo edifício à cidade existente. Os edifícios estão localizados em terrenos das mais variadas formas e dimensões, dentro ou fora da cidade tradicional, revelando que sua implantação é possível mesmo fora da *cidade funcional*.

O que se observa é que os exemplares de maior destaque em cada período têm sua implantação em terrenos de grandes dimensões, que se poderiam chamar superquadras – certamente se aproximando dos ideais de implantação na cidade funcional da arquitetura moderna – como os edifícios do Parque Guinle no período de Emergência, o conjunto residencial do Pedregulho na etapa de Consolidação, e, no período de Hegemonia, os edifícios Mauá e Hansaviertel, de Oscar Niemeyer.

Os volumes de configuração compacta aparecem na maioria dos casos, mas não pode ser desprezada a quantidade de corpos perfurados por poços de ventilação, de tamanhos variados, que chegam a se transformar em pátios centrais, como no edifício Guarabira, que pode ser comparado aos edifícios-vilas de Le Corbusier, embora esse último apresente dimensões superiores.

Independente do tipo de lote, as barras são maioria em relação às torres, tanto no caso internacional como no Brasil, em que apenas 1/6 dos edifícios comparados são assim classificados. De qualquer maneira, no período de Hegemonia, quando as torres se tornam mais freqüentes, representam apenas quatro exemplares. Mesmo assim, se comparamos com a amostragem internacional, observa-se uma diferença entre os dois grupos: excetuando-se exemplares como os edifícios de Mies, a unidade de habitação de Le Corbusier e alguns de Lubetkin, a maioria das edificações internacionais não é feita em altura, e sim em comprimento. Já no cenário nacional, é frequente a ocorrência das barras

altas, que, apesar das grandes dimensões verticais, não são consideradas torres, em função de planta retangular.

BASES

Ao contrário dos pilotis vazados sugerido por Le Corbusier, que separam a edificação do solo, a forma das bases no universo comparado não apresenta uma característica estanque. Treze exemplares têm base vazada, outros treze as têm fechadas. Os onze restantes estão numa classificação intermediária, sendo que sete têm bases semi vazadas e quatro semi fechadas. Se numericamente as bases fechadas e vazadas parecem ter recebido igual preferência, há uma clara prevalência das primeiras tanto no período de Emergência quanto de Hegemonia, em relação ao período de Consolidação, que apresenta quatro dos sete projetos com base vazada e nenhum exemplar de base fechada. As bases de configuração semi fechada têm maior representação nos períodos de Emergência (seis dos dez) e Hegemonia (dez dos dezenove).

Em relação à função das bases, pode-se perceber que a função de estar nos pavimentos térreos, principalmente nas bases caracterizadas como vazadas ou semi vazadas, é maioria. Na cidade do Rio de Janeiro aparecem muitas soluções, sempre agregando essa área à edificação como um espaço de lazer coberto à disposição dos moradores. As bases fechadas e semi fechadas apresentam, normalmente, função comercial.

Nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo se observam diferenças no tratamento das bases. Enquanto na primeira a prevalência é de bases vazadas, com

função de estar, na capital paulistana há maior quantidade de bases fechadas, de função comercial, nos edifícios do centro da cidade. Nos edifícios mais distantes, no bairro Higienópolis, por exemplo, os pilotis reaparecem associados à base vazada no edifício Prudência e semi fechada no Louveira.

Analisando as bases fechadas, vê-se que ocorrem significativamente nos períodos de Emergência e Hegemonia, e chama a atenção a inexistência de edificações desse tipo no período entre 1946 e 1949. Além disso, os exemplares elencados nessa categoria, a partir de 1950, inexistem na cidade do Rio de Janeiro, sendo representativos nas cidades de São Paulo e Porto Alegre. O fechamento das bases é freqüentemente utilizado para galerias comerciais.

É significativa, já no primeiro período, a prevalência das bases vazadas no Rio de Janeiro. Ao analisá-las, especialmente nessa cidade, vale observar o número de variantes criadas para tornar esse pavimento uma área agradável e convidativa à edificação. Os casos de base vazada que ocorrem no estado de São Paulo antes de 1950 se localizam em um loteamento popular na cidade de Santo André, no abc paulista, e no edifício Prudência, como já mencionado. No período de Hegemonia os edifícios Ministro Godoy e João Ramalho têm as bases vazadas, e estão localizados no mesmo quarteirão, sem lotes definidos. Da mesma forma, os edifícios Paulicéia e São Carlos do Pinhal, ocupam uma faixa de quarteirão entre a avenida Paulista e rua São Carlos do Pinhal. Além desses casos paulistas, houve a experiência de Niemeyer para o Hansaviertel, em Berlim, onde o prédio

se localiza solto no parque e tem fechada apenas a portaria que dá acesso à circulação vertical. No Rio, a base vazada não é mais tão freqüente, os únicos representantes cariocas, após 1950, são os edifícios Guarabira e o Finúzia e Dona Fátima, dos irmãos Roberto, e o conjunto residencial da Gávea – do qual só foi construído o bloco A –, do arquiteto Affonso Reidy.

Em Belo Horizonte, os dois casos de Oscar Niemeyer estudados possuem, juntamente com o edifício Mauá, do mesmo arquiteto, mas em Petrópolis, RJ, as bases mais permeáveis, categorizadas como semi fechadas.

A função comercial aparece principalmente na cidade de São Paulo. No Rio de Janeiro, ela vai aparecer, dentre os edifícios analisados, apenas no período de Emergência, no edifício MMM Roberto, na avenida Nossa Senhora de Copacabana, localizado em um corredor de térreos essencialmente comerciais, e no caso do edifício Nova Cintra, do Parque Guinle, que faz a transição através do conjunto de edifícios entre a cidade e o parque.

Função residencial e de garagem também aparece nas bases da amostra examinada. A base residencial aparece no conjunto Baixada do Carmo. Com térreo fechado, os apartamentos se distribuem desde esse nível, apenas com uma pequena defasagem de altura para resguardar a privacidade dos residentes do primeiro pavimento. Posteriormente, mais desenvolvida no edifício Louveira, a base semi aberta abriga a entrada do edifício com pilares aparentes e, nas extremidades, apartamentos similares aos do pavimento-tipo. Nos edifícios brasileiros, mesmo quando a base tem apenas

a função de garagem, ela é projetada com cuidado para que a área não se torne um simples estacionamento de carros. Algum tipo de tratamento volumétrico preserva a estética do edifício sem descartar a função de garagem da base, como se observa no tratamento dos planos de sustentação do edifício Oscar Niemeyer, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

Mesmo quando a base é fechada, a estrutura geralmente aparece exposta no nível térreo. Isso ocorre na maioria dos exemplares do período de Emergência, excetuando-se apenas os conjuntos habitacionais do Realengo e do Carmo. Em todas as outras edificações estudadas, os pilares aparecem de alguma maneira, seja em colunatas aparentes na parte interna das bases fechadas, seja em pilotis externos ao corpo da edificação e, a partir de 1950, com formatos especiais (Y, V, W), como já foi dito. Esses pilares de formas especiais, que não apresentam precedentes até então, são característicos da Arquitetura Moderna Brasileira e vão ser adotados fora do país tanto pelos arquitetos nacionais, como por arquitetos estrangeiros.

No edifício brasileiro a base faz a interface entre o espaço público e o privado, agregando funções de estar, de garagem, comercial e residencial, ao invés de ser apenas o espaço de sustentação e acesso ao corpo do edifício. As bases expandidas – que aparecem em cinco casos, e apenas no período de Hegemonia – incrementam essa característica nacional, aumentando as possibilidades funcionais e a área condominial na base das edificações.

CORPO

A análise do corpo foi aprofundada em questões relacionadas tanto à estrutura desse setor da edificação, relacionada à sua intervenção na configuração dos apartamentos, como no que diz respeito ao tamanho das unidades, número e tipologia. A configuração do pavimento-tipo e dos planos envolventes do volume, o número de pavimentos do corpo das edificações e o tratamento das fachadas, assim como o uso de texturas e elementos vazados nas faces opostas do prisma, também são aprofundadas aqui.

Chama a atenção, na análise do edifício residencial, que a compartimentação e rigidez do programa do edifício de apartamentos revela uma maior preocupação com o tratamento de fachada livre do que com a planta livre, onde o pilar desnudo vai aparecer basicamente no pavimento térreo, em forma de pilotis abertos ou fechados, e em raros casos no corpo das edificações. A estrutura independente na base é mais relevante para a diferenciação do corpo da edificação, reforçando a idéia do bloco solto, em repouso sobre pilotis aparentes. A percepção das linhas de pilares da base fica subentendido no corpo da edificação, mesmo quando eles estão dentro das paredes. Quando aparentes no pavimento-tipo, ocorrem principalmente na parte social, onde os espaços são mais amplos, para reforçar a idéia da estrutura independente da edificação.

Mas se no nível térreo a estrutura é aparente na maioria dos exemplares durante todo o período analisado, no pavimento-tipo ela só representa a maioria

dos exemplares analisados durante o período de Emergência, em que seis dos dez projetos têm pilares aparentes no corpo da edificação. Durante o período de Consolidação, a estrutura aparente no pavimento-tipo só aparece no edifício Louveira, e no período de Hegemonia não ocorre em nenhum caso. Nos pequenos espaços – correspondentes aos dormitórios, banhos e circulações –, os pilares visíveis tendem a tornar a ambientação dessas áreas ainda mais complexa, fazendo com que a localização da estrutura ocorra normalmente no mesmo plano da vedação.

O número de unidades dos edifícios é variável em todas as épocas, mas conjuntos que compreendem maior número de unidades são projetados após 1950, sendo eles os edifícios Copan, Mauá e JK, todos com mais de mil unidades. Já nos períodos de Emergência e Consolidação, a maioria dos edifícios apresenta até 50 unidades, correspondendo a seis dos dez casos, no primeiro, e quatro dos sete, no segundo.

No período de Emergência, onde a demanda de apartamentos é derivada de uma classe social mais alta, as unidades são mais amplas, e aparece o maior número de unidades com mais de 100m². Já os apartamentos de menos de 50m² – que correspondem a *kitchenettes* e unidades de um dormitório – são mais característicos do período de Hegemonia, ocorrendo em apenas um caso do período de Emergência e outro no de Consolidação. Percebe-se, quanto ao tamanho das unidades, que os apartamentos não apresentam uma característica única, mas que a maioria apresenta áreas entre 100 e 200m².

A tipologia dúplex foi bastante aplicada no início da arquitetura moderna, devido ao caráter inovador dessa proposta. Na primeira fase, metade dos exemplares construídos possuía apartamentos dúplex misturados aos apartamentos *síplex*. No período de Consolidação, apenas o bloco serpenteante do Pedregulho apresenta as duas tipologias, e os outros três edifícios, representados pelos blocos B e C do mesmo conjunto e pelo edifício Júlio Barros, são exclusivamente dúplex. A partir de 1950, apenas os edifícios Mauá e Eiffel, dentre os dezenove edifícios estudados do período, vão apresentar apartamentos exclusivamente dúplex, três exemplares têm os dois tipos de apartamentos, e o restante é composto exclusivamente por apartamentos dispostos em um nível.

Após sucessivas experimentações da tipologia dúplex, parece apropriado considerar que seu emprego não redundou em real economia de área condominial, já que a maioria dos edifícios eram mistos e necessitavam espaço de circulação em todos os pavimentos. Restam curiosidades; ao contrário do cenário internacional, onde o pé-direito duplo é uma constante, o edifício moderno brasileiro, excetuando o Esther, não apresenta essa característica. Por outro lado, a área de serviço individual é uma ocorrência predominantemente brasileira.

O tipo de circulação nos pavimentos da amostra é principalmente linear por uso, correspondendo a seis dos dez edifícios projetados entre 1936 e 1945, e a dez dos dezenove exemplares do período de Hegemonia. O período de Consolidação representa a maioria de configuração linear por circulação, que corresponde aos

três blocos do Pedregulho e ao edifício Júlio Barros Barreto.

Definidos os corpos, os planos envolventes do volume foram separados segundo o número de elevações similares – se duas a duas, todas, alternadas, etc. – para que se procedesse à análise das fachadas propriamente ditas. Em poucos casos os edifícios vão ter o mesmo tratamento em todas as faces. Assim, podemos falar em fachadas com saliências ou reentrâncias em um mesmo corpo – compacto, vazado ou aumentado. Conforme Comas (2003, p.296), os brasileiros acentuam a diferenciação das faces opostas e fazem disto uma tendência geral. São os casos dos edifícios que apresentam duas ou mais fachadas importantes, como o Realengo, Esther, Tapir, Anchieta, Nova Cintra, Prudência, Pedregulho, Louveira, Mauá, Copan, Montreal, Nações Unidas, Finússia e Dona Fátima e Hansa. Os edifícios que não apresentam duas fachadas opostas de tratamento diferenciado ou aparentes são: Baixada do Carmo, MMM Roberto, Sta. Terezinha, Montreal, Jaguaribe, Sambaíba, Gávea, Lúcio Cardoso, Guarabira, Oscar Niemeyer, João Ramalho, conjunto Nacional.

As fachadas da amostragem foram separadas em três grupos principais: fachadas aumentadas por saliências, fachadas planares e fachadas vazadas por reentrâncias. Em função da existência de uma linha tênue entre alguns tipos de fachadas planares e as fachadas com adições ou subtrações, esse grupo sofreu uma subdivisão. A categoria das fachadas planares virtuais, também apresenta reentrâncias ou saliências em seus

corpos, porém isto ocorre com proximidade e repetitividade. Além de virtuais, as fachadas planares foram divididas, também, em planares reais e planares compostas.

Dentre os edifícios selecionados, a grande maioria possui fachadas planares, aparecendo poucos exemplos caracterizados como aumentados, como o Tapir e o Realengo, e nenhum vazado. A maior parte das fachadas planares corresponde à categoria virtual, tanto com reentrâncias como saliências no prisma. É curioso observar a alternância entre os diversos tipos de fachadas planares ao longo dos três períodos estudados. As fachadas virtuais são maioria absoluta no período de Hegemonia e de Emergência, mas durante o período de Consolidação ocorrem em apenas dois dos sete exemplares, sendo as outras cinco fachadas planares compostas e nenhuma fachada planar real. Em 1950, Oscar Niemeyer inaugura o uso das lâminas seriadas nas fachadas do edifício residencial, no edifício Copan, 1951. Elas são utilizadas, ao menos na amostragem selecionada, somente por esse arquiteto.

No cenário internacional, os tratamentos de fachada em nada correspondem aos brasileiros. Durante o período de Emergência, enquanto as fachadas brasileiras são prioritariamente virtuais, seguidas por tratamentos compostos, as fachadas internacionais têm tratamentos planares compostos principalmente, mas os dois projetos de Le Corbusier do período apresentam fachadas virtuais. Na Consolidação, as fachadas compostas são maioria tanto nacional quanto internacionalmente, mas as fachadas planares reais,

nesse período apresentadas apenas por Mies van Der Rohe, só vão aparecer fora do Brasil. A grande diferença entre os tratamentos está entre 1950 e 1955, quando as fachadas virtuais e compostas representam 80% dos casos analisados no Brasil, enquanto no exterior mais de metade dos exemplares apresentam fachadas planares.

O uso de elementos vazados é feito pela primeira vez, dentre os analisados, nos edifícios do Parque Guinle, mas seu uso é repetido em muitos exemplares. Diferentes materiais e texturas são utilizados nesses edifícios. Os arquitetos alternam tanto elementos quanto cheios e vazios, gerando composições cruzadas nas fachadas, que vão ser características da arquitetura brasileira. Dentre os antecedentes, esse tipo de composição cruzada vai ocorrer em raros casos nas obras de Le Corbusier e Lubetkin, mas passam a ser freqüentes, principalmente na obra do arquiteto inglês, após 1945.

COROAMENTO

As questões referentes ao coroamento estão ligadas, principalmente, à forma e ao tipo de tratamento dado a essa parte que faz a finalização do edifício. Observa-se que a tripartição do volume não se constitui em condição obrigatória nos exemplares comparados, pois doze não possuem qualquer função no topo. A cobertura de função coletiva em substituição ao telhado tradicional – princípio basilar da arquitetura moderna – ocorre em apenas dez edifícios. A maioria dos prédios (quatorze) conta com cobertura de função privada às

unidades que a ela tem acesso. O teto-jardim não encontra aderência dos arquitetos nacionais. Dos 36 exemplares analisados, apenas o bloco C do conjunto Pedregulho e o edifício Mauá, se construídos, agregariam essas funções.

A cobertura com função coletiva – idealizada no pós-guerra e como proposta de solução para o restabelecimento das relações perdidas com a casa, com o conforto, com pessoas – certamente não respondia à (alijada) realidade nacional de então. Assim, “as casas empilhadas” eram contemporâneas; “viver em comunas”, um retrocesso. Como os investidores da arquitetura moderna residencial multifamiliar são maciçamente da iniciativa privada, seus projetos refletem a demanda da sociedade brasileira.

No que diz respeito ao tratamento da parte superior do corpo, foram usadas algumas maneiras de fazer esse acabamento – até mesmo de ignorá-lo, como acontece nos quatro casos estudados que têm composição bipartida. Nos prédios de volume tripartido aparecem duas estratégias: de um lado, estão os coroamentos feitos por platibanda ou subtraídos do volume, que estão alinhados à parte superior do corpo da edificação. De outro lado, há os volumes recuados, escultóricos ou não e semi recuados, que se localizam acima do corpo da edificação. Os volumes recuados são utilizados em quinze exemplares, sendo seis no período da Emergência, um da Consolidação e oito da Hegemonia. Os volumes semi recuados não são escultóricos e correspondem a dois exemplares do período de Emergência e um do de Hegemonia. Dos

edifícios com platibanda, que aparecem em nove prédios, apenas um é do período de Emergência. Dos restantes, a metade é de Consolidação e a outra metade do período de Hegemonia. Os coroamentos que se fazem subtraídos do volume do edifício correspondem a cinco casos, e são característicos do período de Hegemonia da arquitetura brasileira.

Os volumes escultóricos no coroamento da edificação – característicos da arquitetura moderna – aparecem independentemente da função coletiva nesse nível, mas em reduzido número na amostra, sendo a maioria deles nos edifícios de Oscar Niemeyer: apenas no Montreal não foram projetados volumes escultóricos. Os volumes da primeira versão do Hansaviertel foram substituídos na fase de execução por uma platibanda, e os três blocos do Parque Guinle, de Lucio Costa, assim como aconteceu com o Hansaviertel, tiveram seu volume escultórico substituído por um pergolado.

OS PONTOS CORBUSIANOS E O EDIFÍCIO RESIDENCIAL MULTIFAMILIAR BRASILEIRO

Da mesma forma que nos exemplares internacionais – e mesmo nos exemplares do próprio arquiteto –, *os cinco pontos corbusianos* não são encontrados concomitantemente em todos os casos estudados. A fachada livre e os pilotis são os pontos mais freqüentes. A planta livre e a janela corrida, por sua vez, ocorrem menos ainda que o terraço-jardim.

As fachadas livres dos prédios analisados revelam o predomínio de uma característica nacional, distinta da corbusiana, mais ligada ao tratamento em “x” e às

fachadas planares opacas e virtuais em contraponto à possibilidade de vedação externa propostas por Le Corbusier em suas conferências sul-americanas. O pilotis, principalmente para os brasileiros, agrega outras funções além da de estacionamento para separar o corpo do edifício do solo.

No que se refere ao teto-terraço, novamente ocorre uma variação de sua utilização original nos exemplares estudados. Quando apresenta função, a grande maioria dos prédios nacionais faz uso particular desse espaço para o(s) apartamento(s) localizado(s) no último andar, ao invés da proposta de um espaço comunitário de lazer e recreação, magnificamente exemplificada nas unidades de habitação de Le Corbusier.

A planta livre, com pilares aparentes, e a janela corrida são pouco encontradas nos exemplares estudados tanto do acervo nacional como do internacional.

O esforço, enfatizado por Comas em sua Tese, de valorizar o volume tripartido é evidente na maioria das obras. A tripartição não acontece só no sentido vertical, em base, corpo e coroamento, mas também horizontalmente, nos tratamentos de bases e de fachadas, do vazio entre dois sólidos.

Essas características claramente identificadas com a proposta modernista, com toques de originalidade da produção nacional, acabaram referendadas não só nas publicações nacionais e internacionais, mas também pela sua utilização em edifícios de profissionais estrangeiros.

A publicação internacional dos edifícios de Oscar Niemeyer, é feita principalmente através dos livros de Stamo Papadaki. Outros edifícios são publicados em números especiais de revistas como a *L'Architecture d'aujourd'hui*, em setembro de 1947 e agosto de 1952, e ali se encontram, além dos de Oscar, dois edifícios dos irmãos Roberto: o Finússia e Dona Fátima e os seus edifícios para o Parque Guinle. É curiosa e lastimável a pouca atenção que é dada nessa fase aos projetos – de extrema qualidade – desses arquitetos, como os edifícios Sambaíba e Guarabira, que não são publicados em nenhum periódico, assim como a pouca atenção dada ao edifício da rua do Lavradio – que embora não seja um projeto excepcional, consta como o primeiro dúplex do Brasil.

Durante os períodos de Emergência e Consolidação do movimento moderno brasileiro, apenas os edifícios Tapir e Anchieta não tiveram publicação internacional. A situação muda a partir de 1950, e as publicações de catálogos da Arquitetura Moderna Brasileira passam a ocorrer com menos frequência.

O que foi sintetizado nesses aspectos examinados certamente não esgota a riqueza e diversidade com que a Arquitetura Moderna Brasileira contribuiu para o edifício residencial multifamiliar. O conteúdo desse estudo se debruça sobre a anatomia da produção nacional exemplar, caracterizando, ilustrando e sistematizando a identidade modernista dessas obras, observando o contexto histórico e socio cultural em que se deram.

Cabe reconhecer, todavia, que a partir dele muitos outros aprofundamentos podem vir a ser realizados.

Resta a expectativa de haver contribuído para o aprofundamento do conhecimento sobre o edifício residencial multifamiliar na Arquitetura Moderna Brasileira e de que seja útil como fonte de pesquisa e esclarecimentos tanto para outros estudos como para validar a nacionalidade da produção arquitetônica moderna.

- AALTO, Elissa. **Alvar Aalto**. Barcelona: GG, 1982.
- ALLAN, John. **Berthold Lubetkin**. Londres: Merrell, 2002.
- ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. **Arquitetura e Cidade: Rino Levi**. São Paulo: Romano Guerra, 2001.
- BACON, Edmund N. **Design of Cities**. New York: Studio Books, 1974.
- BAYON, Damian. **Panoramica de la arquitectura latino-americana**. Barcelona: Blume, 1977.
- BERNARDES, Dalton. **Jaguaribe e Esplanada: o edifício de apartamentos moderno e um novo paradigma habitacional em Porto Alegre**. Porto Alegre: PROPAR, UFRGS, 2003.
- BLASER, Werner. **Mies Van der Rohe, the art of structure die kunst der**. Basel: Birkhauser, 1993.
- BOESIGER, Willy. **Le Corbusier**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BONDUKI, Nabil Georges (org.). **Affonso Eduardo Reidy**. Série Arquitetos Brasileiros. Lisboa: Editorial Blau, Instituto Lina Bó e P. M. Bardi, 2000.
- _____. **Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- BORONAT, J. Yolanda. **Roman Fresnedo Siri: un arquitecto uruguayo**. Montevideo: Universidad de la República, 1990.
- BOTEY, Josep Ma. **Oscar Niemeyer, Works and Projects**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1996.
- BRAZIL, Álvaro Vital. **Cinquenta anos de arquitetura**. São Paulo: Nobel, 1986.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- BULLRICH, Francisco. **New directions in latin american architecture**. New York : G. Braziller, 1969.
- CAIXETA, Eline. **Affonso Eduardo Reidy: o poeta construtor**. Universidade Politecnica da Catalunia. ETSAB Departamento de composicão arquitetónica. Barcelona: Programa de Doutorado, tese orientada pelo prof. Fernando Alvarez Prozorovich, 1999.
- CALAFELL, Eduard. **Las Unités d'habitation de Le Corbusier: aspectos formales e constructivos**. Barcelona: Fundacion Caja de Arquitectos, 2000.
- CANEZ, Ana Paula. **Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: Unidade editorial, 1998.
- CARTER, Peter. **Mies Van der Rohe**. Hong Kong: Phaidon, 1999.
- CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CHAZAN, Daniel. **Arquitetura Contemporânea Brasileira: criatividade e inventividade**. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen, 1977.
- COLQUHOUN, Alan. **Essays on Architectural Criticism**. New York: Opposition Books, 1980.

- _____. **Modernity and the Classical Tradition.** Cambridge: MIT Press, Cambridge Mass, 1989.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões Brasileiras Sobre um Passado da Arquitetura e Urbanismo Modernos a Partir dos Projetos e Obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia, 1936-45.** Tese de Doutorado. Universidade de Paris, 2002.
- _____. **Arquitetura moderna, estilo Corbu, Pavilhão Brasileiro.** São Paulo: AU – Arquitetura e Urbanismo, 1989.
- _____. **Arquitetura urbana: Cidade Funcional & Figurativa.** Campinas: Oculum 4, 1993.
- _____. **A Legitimidade da diferença.** São Paulo: AU – Arquitetura e Urbanismo, 1994.
- _____. **Crítica com Critério.** São Paulo: Revista Projeto, 1994.
- _____. **Década e Meia de Arquitetura Brasileira.** São Paulo: AU – Arquitetura e Urbanismo, 1993.
- _____. **Em busca de uma arquitetura latino-americana própria.** São Paulo: Revista Projeto, 1989.
- _____. **Teoria Acadêmica, Arquitetura Moderna, Corolário.** Rio de Janeiro: Gávea- Revista de História da Arte e Arquitetura, 1994.
- _____. **Uma certa arquitetura brasileira: experiência a reconhecer.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.
- CONDURU, Roberto. **Vital Brazil.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- CORBUSIER, Le. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complete de 1910-1929.** Zurique: Edições de Arquitetura, 1964.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complete de 1929-1934.** Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1999.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complete de 1934-1938.** Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1938.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complete de 1938-1946.** Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1999.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complete de 1946-1952.** Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1999.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complete de 1952-1957.** Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1999.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complete de 1957-1965.** Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1999.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complete de 1965-1969.** Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 1999.
- _____. **Por uma arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

- _____. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Precisiones - Respecto a un Estado Actual de la Arquitectura y del Urbanismo**. Barcelona: Poseidon, 1978.
- _____. **A carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1993.
- COSTA, Lucio. **Sobre Arquitetura**. Alberto Xavier (org), Porto Alegre: CEUA, 1962.
- _____. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- CURTIS, William. **Modern Architecture Since 1900**. Londres: Phaidon, 1999.
- _____. **Le Corbusier, Ideas and Forms**. Londres: Phaidon, 1999.
- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Jorge Machado Moreira**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.
- _____. **Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 2000.
- DE FUSCO, Renato. **História de la arquitectura contemporânea**. Madri: Hermann Blume, 1984.
- DOLFF-BOMNEKÄMPER, Gabi; SCHMIDT, Franziska. **Das Hansaviertel Internationale Nachkriegsmoderne in Berlin**. Berlin: Verlag Bauwisen, 1999.
- FRAMPTON, K. **Modern Architecture: a Critical History**. London: Thames and Hudson, 1980
- FROTA, José Artura D'Aló. **O Vão do Fênix**. Barcelona: Universidade Politécnica da Catalunia. ETSAB Departamento de composição arquitetônica. Programa de Doutorado, tese orientada pelo prof. Josep Maria Montaner I Martorell. janeiro de 1997.
- FERRAZ, Geraldo. **Warchavchik e as origens da arquitetura moderna no Brasil**. São Paulo: MASP, 1971.
- GOODWIN, Philip. **Brazil Builds**. New York: MoMA, 1943.
- HUSSEL, Lesley. **Le Corbu: Life in the unité d'habitation, Cité Radieuse, in Marseilles**. The Architectural Review 1204, Jun. 1997.
- HITCHCOCK, Henry-Russel. **Latin American Architecture, since 1945**. Nova York: MoMA, 1955.
- INSTITUTO ROBERTO SIMONSEN (org.). **Henrique Ephim Mindlin: o homem e o arquiteto**. São Paulo: IRS, 1975.
- KAMITA, João Masao. **Vilanova Artigas**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- LEÃO, Sílvia. **O Hotel na Obra de Oscar Niemeyer**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Arquitetura brasileira**. São Paulo : Melhoramentos/Edusp, 1979.
- LEVI, Rino. **Arquitetura e Cidade/Rino Levi**. São Paulo : Romano Guerra, 2001.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.
- _____. **Some words on the work of Le Corbusier**. Porto Alegre: UFRGS, 1981.

- _____. **O Clássico, o Poético e o Erótico em Oscar Niemeyer.** In: Locus. Revista do curso de arquitetura e urbanismo da pucpr. n. 2 abril de 1999.
- MILLS, Edward D. **The new architecture in Great Britain: 1946-1953.** New York : Reinhold, 1953.
- MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.
- _____. **Modern Architecture in Brazil.** Rio de Janeiro and amsterdam: Colibris, 1956.
- MONTANER, Josep Maria. **Después del Movimiento Moderno.** Barcelona: Gustavo Gilli, 1993.
- _____. **Modernidade superada.** Barcelona: Gustavo Gilli, 1999.
- MONTEYS, Xavier. **La Gran Máquina: La Ciudad en Le Corbusier.** Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996.
- MONTEZUMA, Roberto (org.). **Arquitetura: Brasil 500 anos.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
- MYERS, I.E. **Arquitectura moderna mexicana.** New York: Architectural Book, 1952.
- NIEMEYER, Oscar. **Oscar Niemeyer.** Hélio Penteadó (org). Almed, São Paulo, 1985.
- _____. **Meu sócia e eu.** Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- PAPADAKI, Stamo. **Oscar Niemeyer: Works in Progress.** New York Reinhold Publishing Corporation, 1956.
- _____. **The Work of Oscar Niemeyer.** New York Reinhold Publishing Corporation, 1954.
- _____. **Oscar Niemeyer.** New York: George Braziller, 1960.
- PASSOS, Luis Mauro do Carmo. **Edifícios de Apartamentos – Belo Horizonte, 1939-1976: formações e transformações tipológicas na cidade.** Belo Horizonte: AP cultural, 1998.
- PEREIRA, Cláudio Calovi. **Os irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1936-1954).** Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, PROPAR, dissertação orientada pelo prof. Carlos Eduardo Dias Comas. Julho de 1993.
- ROWE, C. **Ciudad Collage.** Barcelona: GG, 2ª Edição, 1998.
- SAFRAN, Yehuda. **Mies Van der Rohe.** Lisboa: Editorial Blau, 2000.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964.** São Paulo: Rima, 2002.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: EdUSP, 2002.
- SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme Mazza. **Oswaldo Arthur Bratke.** São Paulo: ProEditores Associados Ltda, 1997.
- SHERWOOD, Roger. **Vivienda: Protótipos del Movimiento Moderno.** Barcelona: GG, 1983.
- UNDERWOOD, David. **Oscar Niemeyer and the architecture in Brazil.** New York: Rizzoli, 1994.
- VON MOOS, Stanislaus. **Le Corbusier.** Barcelona: Editorial Lumen, 1977
- WESTON, Richard. **Modernism.** Londres: Phaidon, 1996.
- WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa.** São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

- XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987.
- XAVIER, Alberto; outros. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo: Pini, 1991.
- _____. **Arquitetura Moderna Paulistana**. São Paulo: Pini, 1983.
- ZEVI, Bruno. **Arquitetura e Judaísmo: Mendelsohn**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. **Frank Lloyd Wright**. Barcelona: GG, 1995.
- _____. **Giuseppe Terragni**. Barcelona: GG, 1982.
- ZEIN, Ruth Verde. **Arquitetura brasileira, escola paulista e as casas de Paulo Mendes da Rocha**. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, PROPARG, dissertação orientada pelo prof. Carlos Eduardo Dias Comas. 2000.
- INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. Departamento do Rio de Janeiro. **IAB 80 anos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dois/Um Produções, 2001.
- MONTEZUMA, Roberto. (org). **Arquitetura Brasil 500 anos: uma invenção recíproca**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

NÚMEROS ESPECIAIS DE REVISTAS:

- NIEMEYER, Oscar. Problemas atuais da arquitetura brasileira. **Módulo nº 3** (1955).
- _____. Niemeyer fala sobre Brasília. **Módulo nº 6** (1956).
- _____. Considerações sobre a arquitetura brasileira. **Módulo nº 7** (1957).
- _____. Depoimento. **Módulo nº 9** (1958).
- _____. A imaginação na arquitetura. **Módulo nº 15** (1959).
- _____. Forma e função na arquitetura. **Módulo nº 21** (1960).
- _____. Considerações sobre a arquitetura. **Módulo nº 44** (1976).
- _____. Viagens: origens e influência na arquitetura. **Módulo nº 46** (1977).
- _____. Problemas da arquitetura 1: o espaço arquitetural. **Módulo nº 50** (1978).
- _____. Problemas da arquitetura 2: as fachadas de vidro. **Módulo nº 51** (1978).
- _____. Problemas da arquitetura 3: arquitetura e técnica estrutural. **Módulo nº 52** (1978).
- _____. Problemas da arquitetura 4: o pré-fabricado e a arquitetura. **Módulo nº 53** (1979).
- _____. Problemas da arquitetura 5: o mercado de trabalho. **Módulo nº 54** (1979).
- _____. Problemas da arquitetura 6: o problema estrutural e a arquitetura contemporânea. **Módulo nº 57** (1980).
- _____. Entrevista Oscar Niemeyer. **Módulo nº 58** (1980).
- _____. Problemas da arquitetura 7: método de trabalho. **Módulo nº 58** (1980). Arquitetura Nova.
- _____. **Módulo** (1985). Número especial.
- Oscar Niemeyer, 50 anos de arquitetura. **Módulo** (1988). Número especial.

Memorial da América Latina. **Módulo** (1989). Número especial.

Lúcio Costa. **AU nº 38**. Número especial.

Oscar Niemeyer. **AU nº 55** (ago.-set. 1994). Número especial.

Brasil. **Architecture d’Aujourd’hui**. Número especial

Brasil. **L’Architecture d’Aujourd’hui nº 13-14** (set. 1947).

Brasil. **L’Architecture d’Aujourd’hui nº 42-43** (ago. 1952).

Niemeyer. **Domus nº 255** (fev. 1951, pp. 15-18).

Niemeyer. **Domus nº 278** (jan. 1953, pp. 8-9).

Le Corbusier 1905-1933. **Oppositions nº 15-16**. Número especial.

Le Corbusier 1933-1960. **Oppositions nº 19-20**. Número especial.

Paradigms of Architecture . **Perspecta nº 22** (1986).

Edifício Esther. **Revista Acrópole nº 1** (ano I, mai. 1938, pp. 54-66).

Edifício Mara. **Revista Acrópole nº 81-82** (ano VII, jan.-fev. 1945, pp. 281-282).

Edifício Conjunto Nacional. **Revista Acrópole nº 222** (ano XIX, pp. 208-213).

Edifício Lealdade. **Revista Acrópole nº 128** (ano XI, dez. 1948, p. 246-247).

Edifício de Apartamentos. **Revista Acrópole nº 174** (ano XV, p. 276-279).

Um edifício tipo dúplex no Rio. **Revista Arquitetura e Urbanismo** (set.-out. 1939, pp. 42-44).

Immeuble Prudência a São Paulo. **Revista L’Architecture d’Aujourd’hui nº 13-14** (dez. 1947, pp. 25-29).

Apartment House. **Revista Progressive Architecture nº 8** (ago. 1952, pp. 63-67).

O edifício Esther e a estética do modernismo. **Revista Projeto nº 26** (jan. 1981, pp. 55-63).

Revista Arquitetura e Engenharia nº 28 (ano V).

Revista Arquitetura e Engenharia nº 37 (ano VI, nov.-dez. 1955).

AP Revista de Arquitetura (jul.-ago. 1996).

Edifício Conceição. **Revista Acrópole nº 126** (ano XI, out. 1948, pp. 186-187).

Prédio de Apartamentos. **Revista Acrópole nº 182** (ano XVI, pp. 70-71).

Edifício de Apartamentos em Copacabana. **Revista Acrópole nº 206** (pp. 52-53).

Edifício Eiffel. **Revista Acrópole nº 208** (pp. 136).

Edifícios “Franco da Rocha” e “Ministro Godoy”. **Revista Acrópole nº 200** (ano XVII, pp. 366-367).

Edifício de Apartamentos. **Revista Acrópole nº 242** (ano XXI, pp. 55-57).

Edifício de Apartamentos. **Revista Acrópole nº 246** (ano XXI, pp. 226-227).

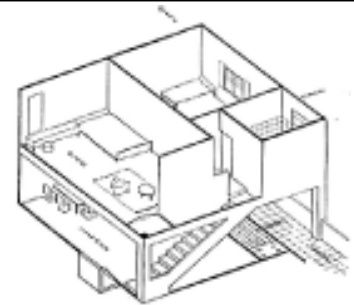
Conjunto Residencial na Avenida Paulista. **Revista Acrópole nº 246** (ano XXI, pp. 205-207).

Parque Eduardo Guinle. **Revista Acrópole nº 288** (ano XXIV, nov. 1962, pp. 394-395).

OUTRAS REFERÊNCIAS NACIONAIS

Edifício Morro de Santo Antônio
Edifício Residencial
Edifício Conceição
Edifício Mara
Edifício Luis Felipe
Edifício Três Leões
Edifício Lealdade
Edifício Seguradora Brasileira
Conjunto Residencial Japurá
Edifício Sarzedas
Edifício Residencial Biaça
Edifício Helena Maria
Edifício Califórnia
Edifício Parque Guinle II
Edifício Residencial Ministro Godoy

Ed. Morro de Santo Antônio
MM Roberto
Rua do Lavradio, 106
Rio de Janeiro



Ed. Residencial, 1939/ND
Gregori Warchavchik
R. Barão de Limeira, 1003
São Paulo



Ed. Conceição, 1942/ND
Abelardo de Souza
Av. Cásper Líbero esq.
R. Washington Luiz
São Paulo



Ed. Mara, 1944/ND
Eduardo Kneese de Melo
R. Brigadeiro Tobias, 247
São Paulo



Ed. Resid. Luis Felipe, ND/1945
Hélio Uchôa
R. Conselheiro Lafayette, 60
Rio de Janeiro



Ed. Res. Três Leões, 1945

Henrique Mindlin

Rua São João, 1089

São Paulo

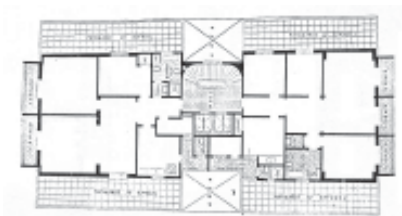


Ed. Lealdade, 1948

Francisco Beck

Av. 9 de Julho, 718

São Paulo



Ed. Seguradora Brasileira, 1948

Rino Levi

R. da Liberdade

Largo da Pólvora

São Paulo



Conj. Resid. Japurá, 1949

Eduardo Knesse de Melo

R. Japurá, s/n

São Paulo



Ed. Sarzedas, 1950

Maurício Hachem

Praça Conde de Sarzedas

São Paulo



Ed. Res. Biaça, 1953
Plínio Croce e Roberto Aflalo
R. Prof. Aristides de Macedo, 177
São Paulo



Ed. Helena Maria, 1953
Oswaldo Bratke
R. Avanhandava, 416
São Paulo



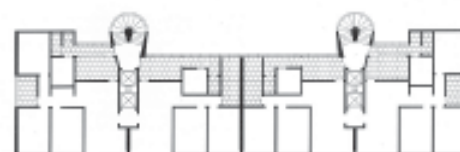
Ed. Califórnia, 1953
Acácio Gil Borsói
Av. Beira Mar esq. R. Artur Muniz
Pernambuco



Parque Guinle II, 1954
MMM Roberto
R. Paulo César de Andrade, 200,
222, 232, 240, 274, 296
Rio de Janeiro



Ed. Ministro Godoy, 1954
Abelardo de Souza
R. Ministro Godoi esq. R. João Ramalho
São Paulo



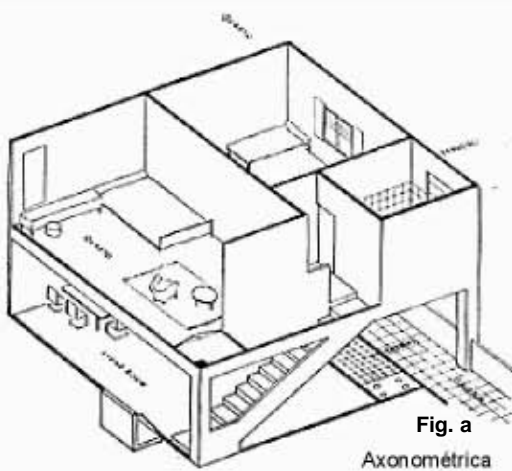
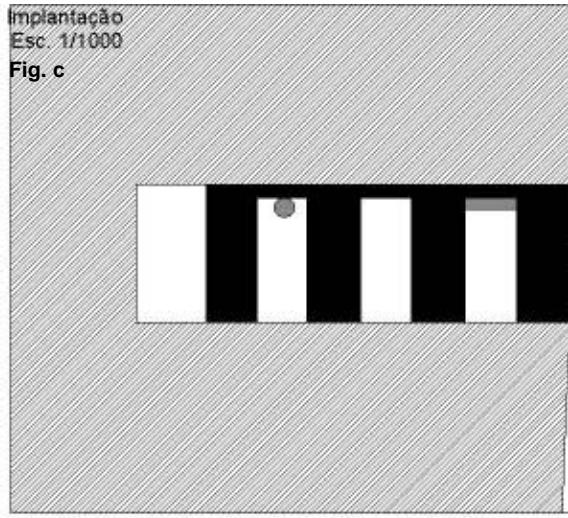


Fig. a
Axonométrica
s/ esc.



Fig. b



Implantação
Esc. 1/1000
Fig. c

R. do Lavradio



Fig. d



Fig. f

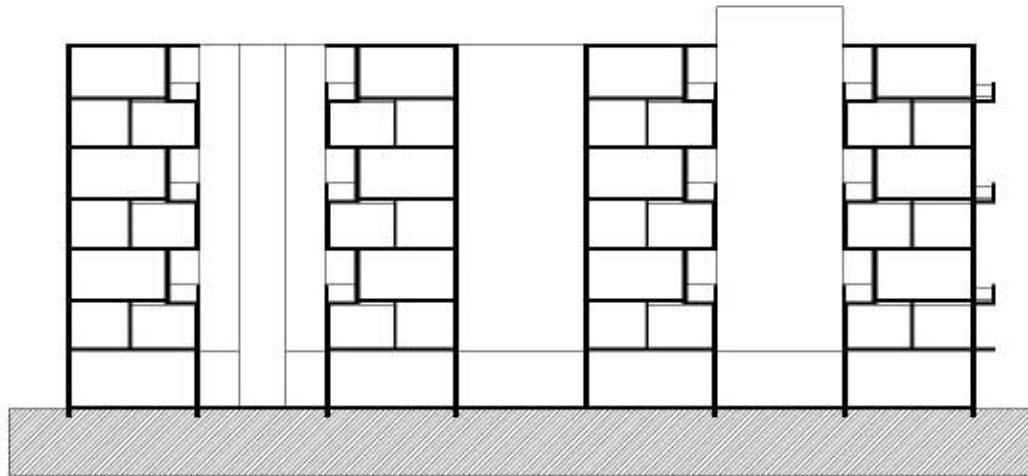


Fig. e
Corte
Esc. 1/400



Fig. g
2º, 4º e 6º Pavimentos
Esc. 1/400



Fig. h
3º, 5º e 7º Pavimentos
Esc. 1/400

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 44,05 m²
- Ap.2 A= 52,95 m²
- Ap.3 A= 53,45 m²
- Ap.4 A= 54,55 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 10 Elevador
- 12 Balcão



Projeto de Esc.	1939*
	ND
Área (m ²)	44,05
	54,55
Número Dorm.	2
	dorm.
Classe Social	baixa
Tipologia	duplex
Área Serviço	não
Corte Planta	linear de circ.
No. de Unidades	48
No. de Pav. (corp.)	3 (X 2)
Corte Circ.	II
Faixa	mediação / altern.
Função Constr.	super estrut.
Forma Estrut.	plati-banda
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Estrutura	interna interna
Implantação	meio



Fig. a



Fig. b

Implantação
Esc. 1/1000
Fig. c



R. Barão de Limeira

Edifício Residencial

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 59,10 m²
- Ap.2 A= 68,00 m²
- Ap.3 A= 92,00 m²

- | | |
|----|----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A.Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 10 | Elevador |
| 12 | Balcão |



Fig. f



Fig. d

Térreo
Esc. 1/400



Fig. e

Pavimento Tipo
Esc. 1/400

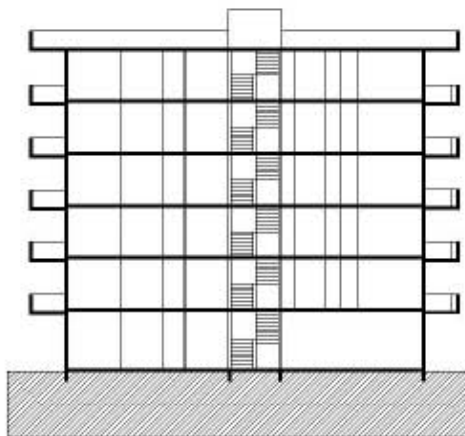


Fig. g

Corte Longitudinal
Esc. 1/400

Projeto / Escala	1939 ND
Área (m ²)	59,10 92,00
Número Dom.	k, 1, e 2 dorm.
Classe Social	média baixa
Tipologia	simplex
Área Serviço	s/ dep.
Config. Planta	mono nuclear
Nº de Unidades	12
Nº de Pav. (copa)	5
Config. Corpo	V
Forma	mediação
Função Constr.	super estrut.
Forma Constr.	plati- banda
Função Base	resid.
Forma Base	fechada
Estrutura	interna interna
Implantação	meio

Fig. a



LEGENDAS:

- Ap.1 A= 75,70 m²
- Ap.2 A= 81,90 m²
- Ap.3 A= 132,70 m²
- Ap.4 A= 156,55 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 A. Serv./Dep. Empreg.
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 7 Vestibulo
- 10 Elevador
- 12 Balcão

- c Depósito
- i Saguão
- j Loja
- l Escritórios
- n Depósito de Lixo



Fig. b



Implantação Esc. 1/1250

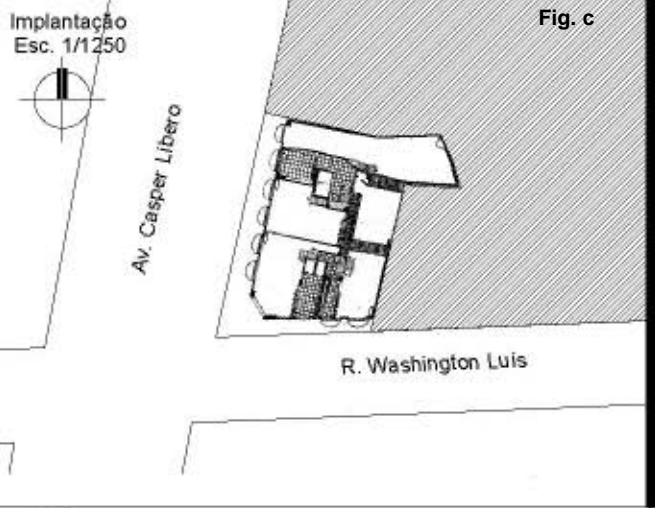
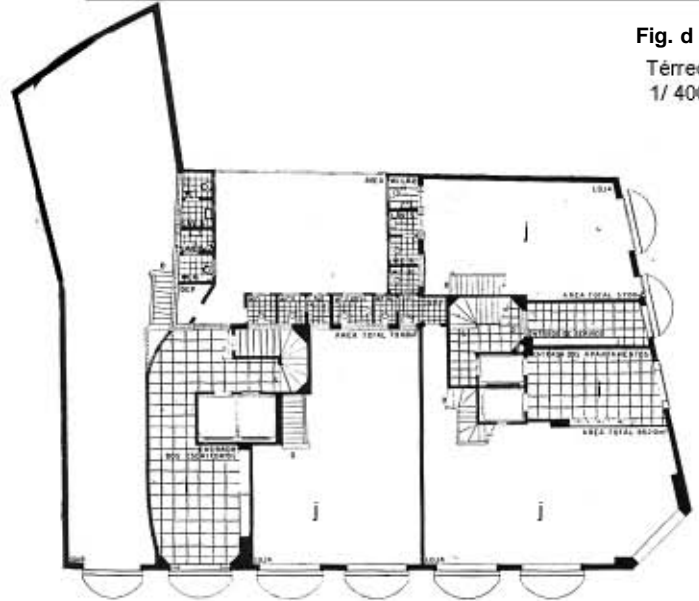


Fig. c

Fig. d
Térreo
1/ 400



Projeto / Esc.	1942 ND
Área (m ²)	75,70 156,55
Número Com.	1, 2 e 3 dorm.
Classe Social	média baixa
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim s/ dep.
Contig. Planta	mono nuclear
Nº de Unidades	40
Nº de Par. Cores	22
Contig. Celas	IV / VIII+I
Faixa	mediação
Função Constr.	super estrut.
Forma Constr.	plati- banda
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Estrutura	s. apar. interna
Implantação	esquina



Fig. e

Planta do 1º ao 12º Pav.
Esc. 1/ 400



Fig. f

Planta do 13º ao 20º Pav.
Esc. 1/ 400

Fig. g



Fig. h



Fig. i



Fig. j





Fig. a

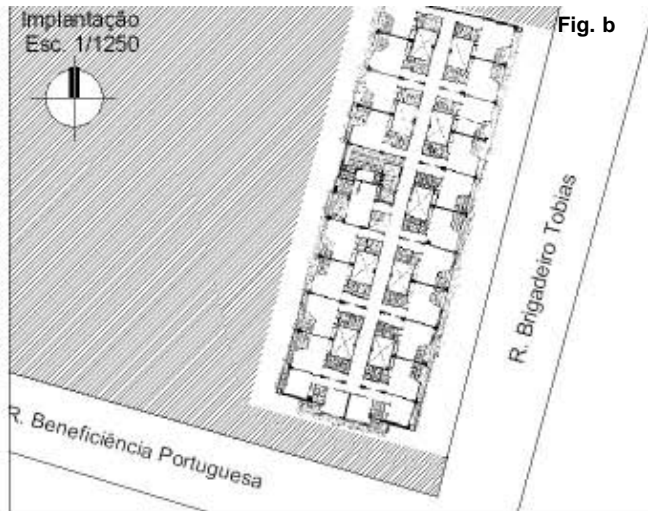


Fig. b

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 28,80 m²
- Ap.2 A= 31,25 m²
- Ap.3 A= 32,30 m²
- Ap.4 A= 33,15 m²
- Ap.5 A= 35,15 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 7 Vestibulo
- 10 Elevador
- 11 Kitchnette
- 12 Balcão
- 14 Salão



Fig. c

Pavimento Tipo
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1944 ND
Áreas (m ²)	28,80 35,15
Número Dorm.	k e 1 dorm.
Classe Social	média baixa
Tipologia	simplex
Área Serviço	não
Config. Planta	linear de circ.
Nº. de Unidades	224
Nº. de Pav. (torres)	11
Config. Corpo	IX
Faixa	mediaçãc
Função Comem.	estar
Forma Coroon.	volume recuado
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Edifício	s. apar. interna
Implantação	esquina



Fig. d



Fig. e



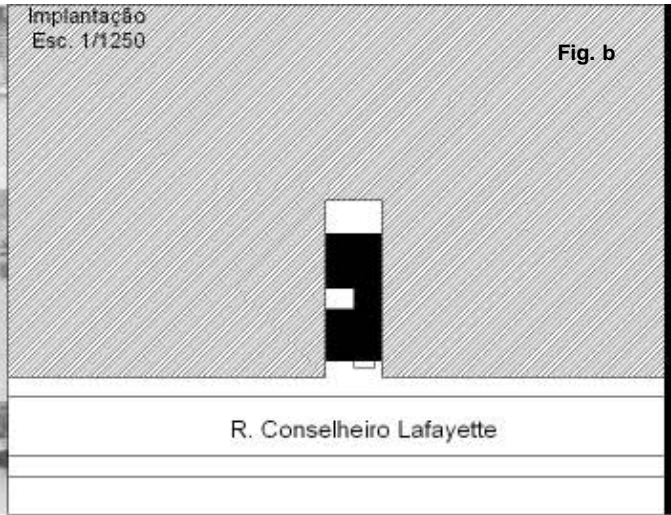
Fig. f

Fig. a



Implantação
Esc. 1/1250

Fig. b



Projeto J.E. rec.
ND
1945

Área (01.2)
161,55

Número Dorm.
4
dorm.

Classe Social
média

Tipologia
simplex

Área Serviço
sim
c/ dep.

Config. Plano
mono
nuclear

Nº de Unidades
7

Nº de Pav. (corpo)
8

Config. Corpo
II+III

Forma
mediação

Função Constr.
resid.

Forma Constr.
volume
recuado

Função Desc.
estar

Forma Base
semi
fechada

Estrutura
s. apar.
interna

Implantação
meio

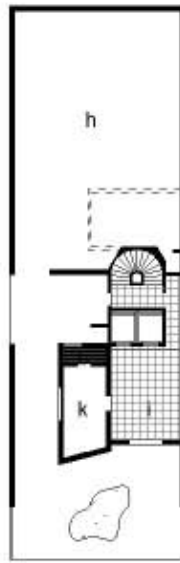


Fig. c Térreo
Esc. 1/400



Fig. d Pavimento Tipo
Esc. 1/400

LEGENDAS:

Ap.1 A= 161,55 m2

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 Área de Serviço
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 10 Elevador
- 12 Balcão

- b Sanitário
- h Estacionamento
- i Saguão
- k Portaria

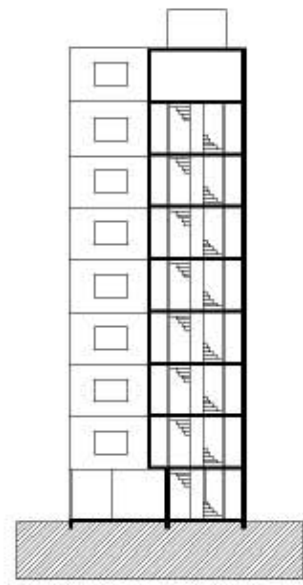


Fig. f Corte Transversal
Esc. 1/400



Fig. e



Fig. a



Fig. b

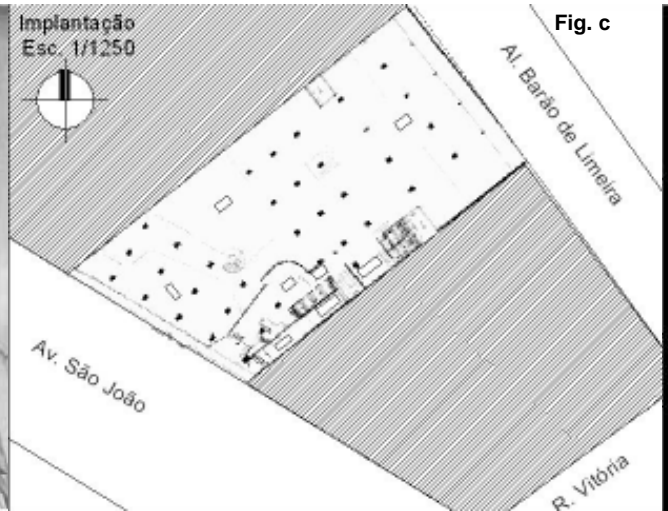


Fig. c

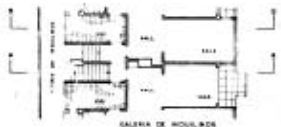


Fig. d



Fig. e

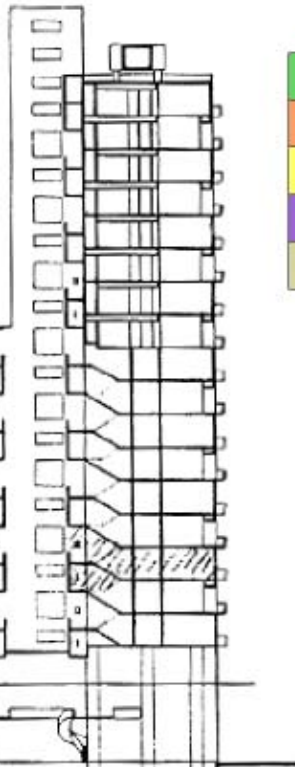


Fig. f

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 53,50 m²
- Ap.2 A= 54,10 m²
- Ap.3 A= 74,65 m²
- Ap.4 A= 83,00 m²
- Ap.5 A= 85,80 m²

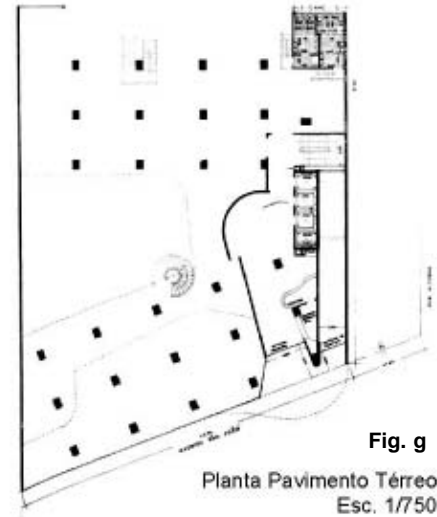


Fig. g

Planta Pavimento Térreo
Esc. 1/750

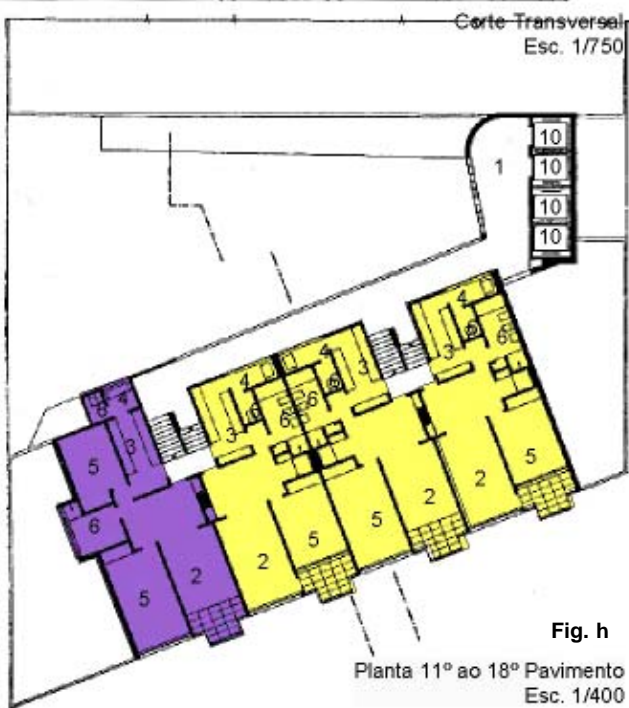


Fig. h

Planta 11º ao 18º Pavimento
Esc. 1/400



Fig. i

Planta 2º ao 10º Pavimento
Esc. 1/400

Projeto / Escala	1948 1951
Área (m ²)	53,50 85,80
Número Dorm.	k, 1 e 2 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	duplex
Área Verde	sim s/ dep.
Config. Planta	linear de circ.
No. de Unidades	131
No. de Pax. (comp.)	17
Config. Copas	II
Família	mediação / altern.
Função Constr.	super estrut.
Forma Constr.	sem coroam.
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Edifício	aparente interna
Implantação	meio



Fig. a



Fig. b

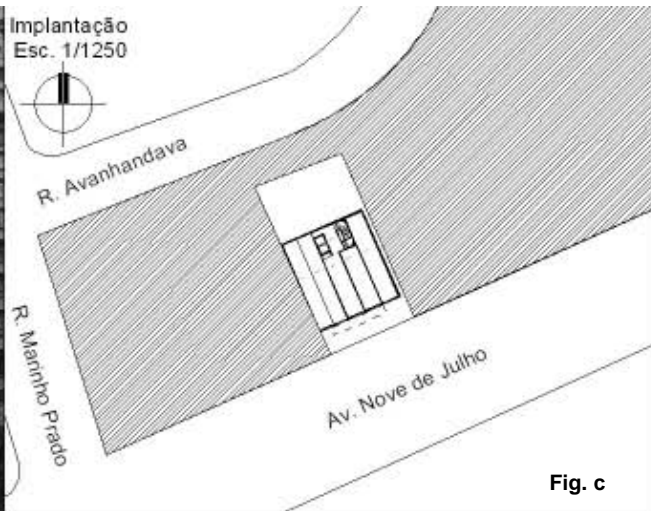


Fig. c

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 148,50 m2
- Ap.2 A= 148,90 m2

- | | |
|---|-----------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | Área de Serviço |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 8 | Dispensa |

- | | |
|---|----------|
| i | Saguão |
| j | Loja |
| k | Portaria |

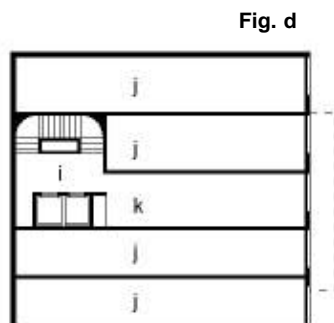


Fig. d

*Térreo
Esc. 1/400



Fig. e

Planta 9º Pavimento
Esc. 1/400



Fig. f



Fig. g



Fig. h

Projeto / Esc.	1948 ND
Área (m2)	148,50 148,90
Número Dorm.	2 e 3 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim s/ dep.
Corrig. Planta	mono nuclear
Nº. de Unidades	24
Nº. de Pav. (copa)	12
Corrig. Corpo	VIII+I
Família	mediação
Função Corres.	resid.
Forma Corres.	volume recuado
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Edifício	aparente interna
Implantação	meio

Fig. a



Fig. b



Implantação
Esc. 1/1250



Fig. c

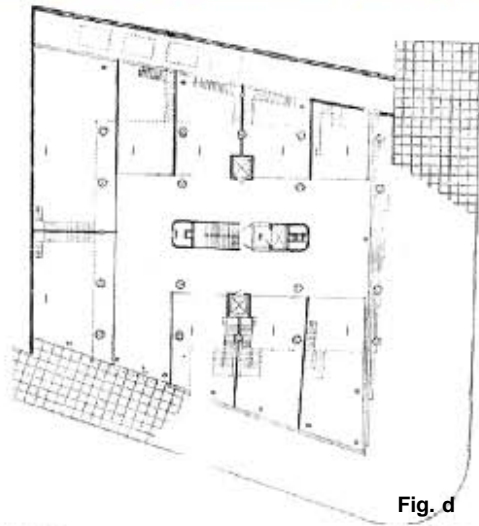


Fig. d
Térreo
Esc. 1/750

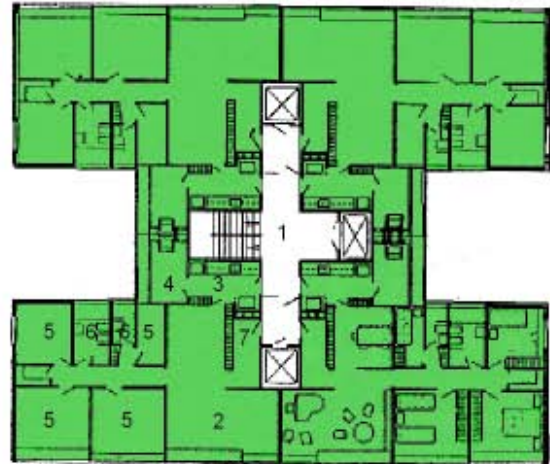


Fig. e
5º ao 18º Pavimento
Esc. 1/400

LEGENDAS:

Ap.1 A= 126,75 m2

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 Área de Serviço
- 5 Dormitório
- 6 Banho
- 7 Vestibulo

- b Sanitário
- c Depósito
- e Caldeiras
- f Máquinas
- h Estacionamento
- j Loja
- m Medidores
- n Depósito de Lixo



Fig. f



Fig. g

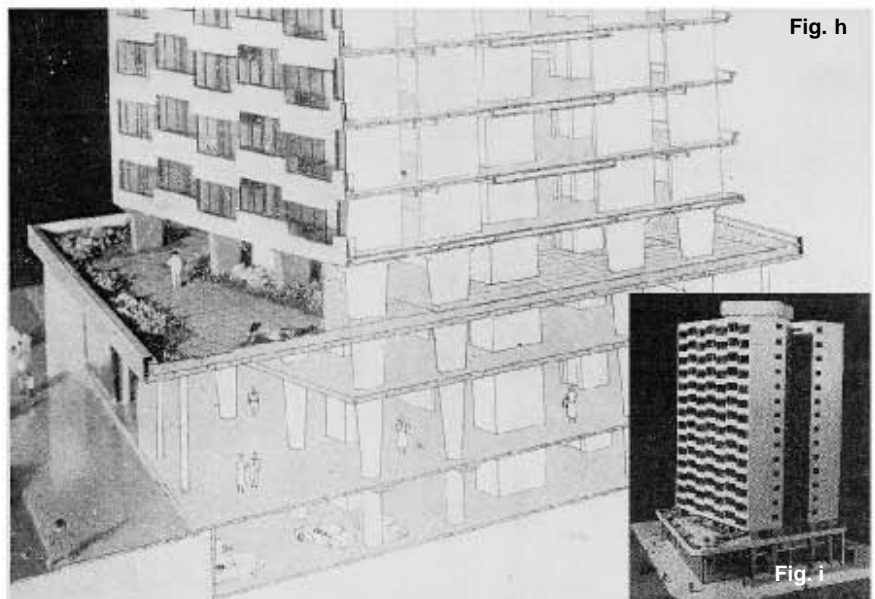


Fig. h

Fig. i

Ano de Constr. 1948
1956

Área (m2) 126,75
126,75

Número Dorm. 3
dorm.

Classe Social média

Tipo de Imóvel simplex

Área Serviço: sim
c/ dep.

Config. Planta linear
de uso

Nº. de Unidades 56

Nº. de Pav. (cotas) 14

Config. Copo. I>III

Faixa mediação / altern.

Função Extern. super
estrut.

Forma Constr. sem
coroam.

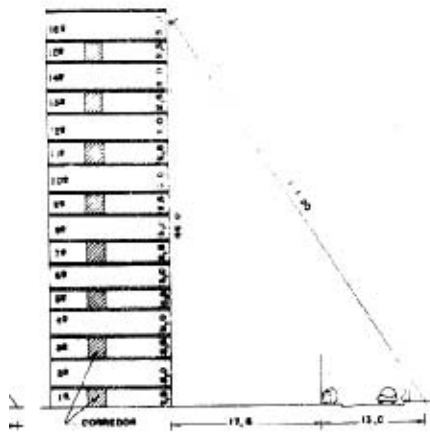
Função Base comercial

Forma Base fechada

Situação aparente
interna

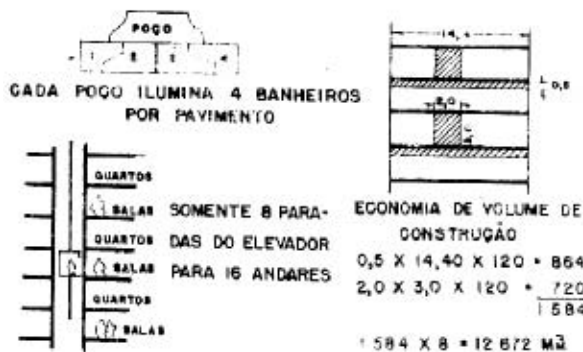
Implantação esquina

Fig. a



NUMERO DE PAVIMENTOS COM PÉS DIREITOS ALTERNADOS 2,5 E 3,0 MTS. • 16
CADA CORREDOR SERVE A 2 ANDARES.

Fig. b



LEGENDAS:

- Ap.1 A= 105,30 m²
- Ap.2 A= 140,00 m²

- | | |
|---|--------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |

0 5 10 15

Fig. f

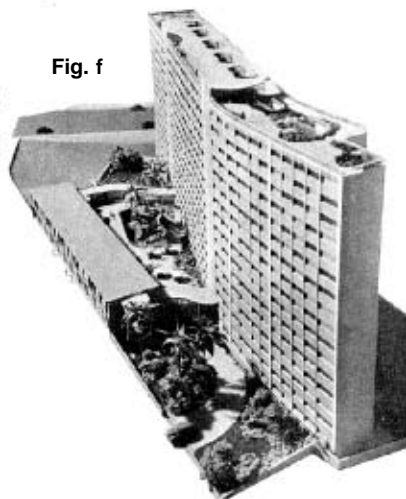


Fig. d
Planta Pav. Ímpares
Esc. 1/1000



Fig. e
Planta Pav. Pares
Esc. 1/1000

Fig. g



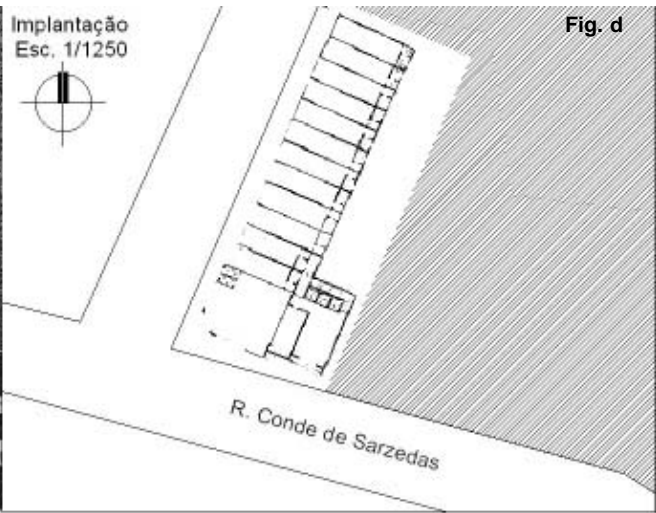
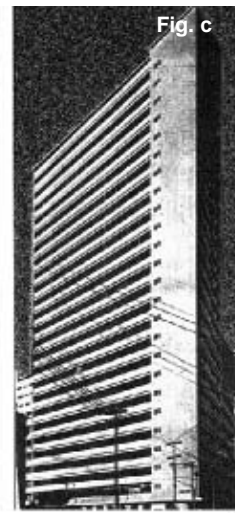
Fig. h



Fig. i



Projeto P. Esc.	1949
	ND
Área (m ²)	50,00
	70,00
Número Dorm.	2
	dorm.
Classe Social	baixa
Tipologia	duplex
Área Serviço	não
Costg. Planta	linear de circ.
No. de Unidades	288
No. de Pav. (tempo)	16
Costg. Corp	IX+I
Família	mediação
Função Corredor	estar
Forma Essenc.	volume recuado
Função Elev.	resid.
Forma Base	fechada
Estrutura	interna interna
Implantação	meio



LEGENDAS:

- Ap.1 A= 44,65 m²
- Ap.2 A= 48,30 m²
- Ap.3 A= 56,70 m²
- Ap.4 A= 57,00 m²

- 1 Hall
- 6 Banho
- 7 Vestibulo
- 10 Elevador
- 11 Kitchnette

- b Sanitário
- c Depósito
- i Saguão
- j Loja

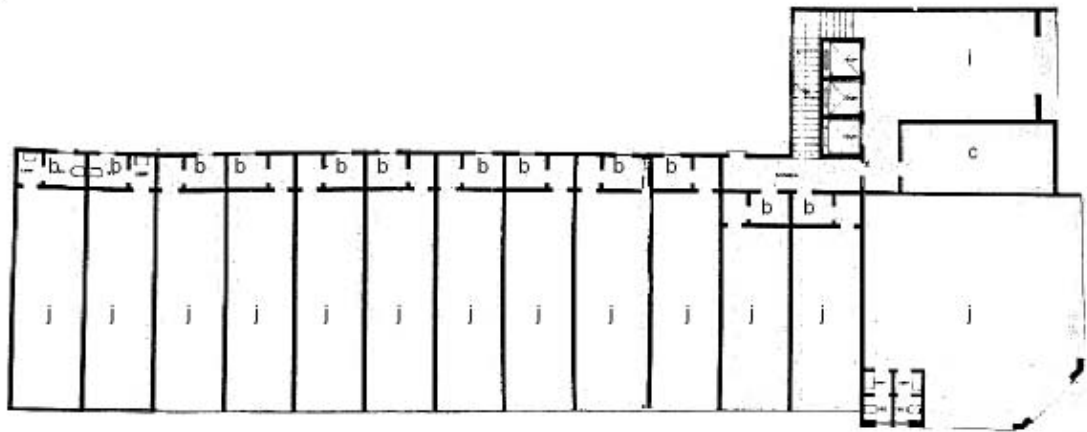


Fig. e
Térreo
Esc. 1/400

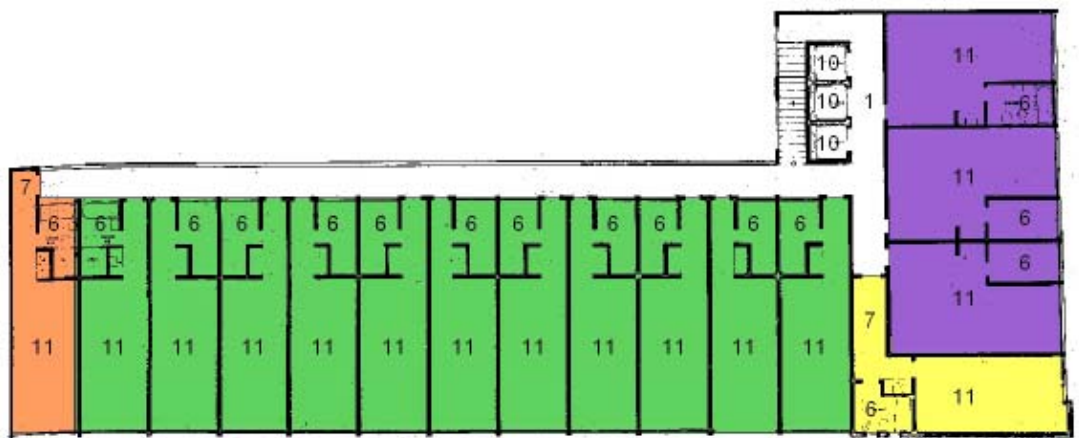


Fig. f
Pavimento Tipo
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1950 ND
Área (m ²)	44,65 57,00
Número Dors.	k
Classe Social	baixa
Tipologia	simplex
Área Serviço	não
Config. Planta	linear de circ.
Nº. de Unidades	384
Nº. de Pav. (copo)	24
Config. Corpo	IV+I / V+I>IX
Forma	mediação
Função Constr.	super estrut.
Forma Constr.	sem coroam.
Função Base	comercial
Forma Base	fechada
Estrutura	interna interna
Implantação	esquina



Fig. a



Fig. b

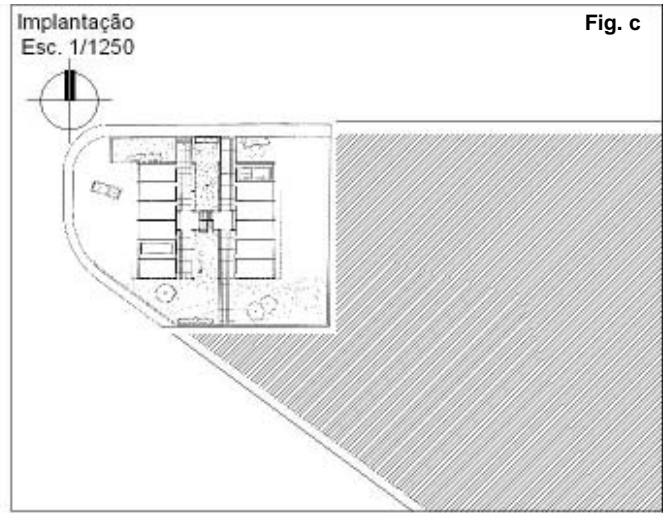


Fig. c

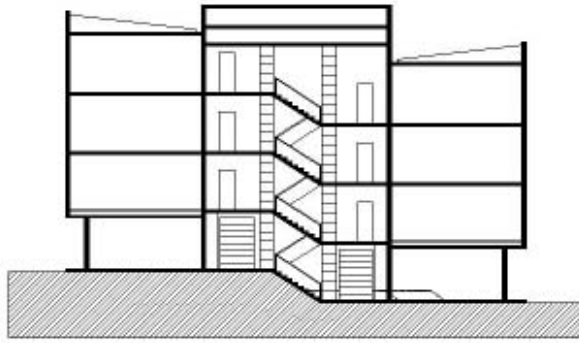


Fig. d Corte Transversal Esc. 1/400



Fig. e Planta Baixa Térreo Esc. 1/400

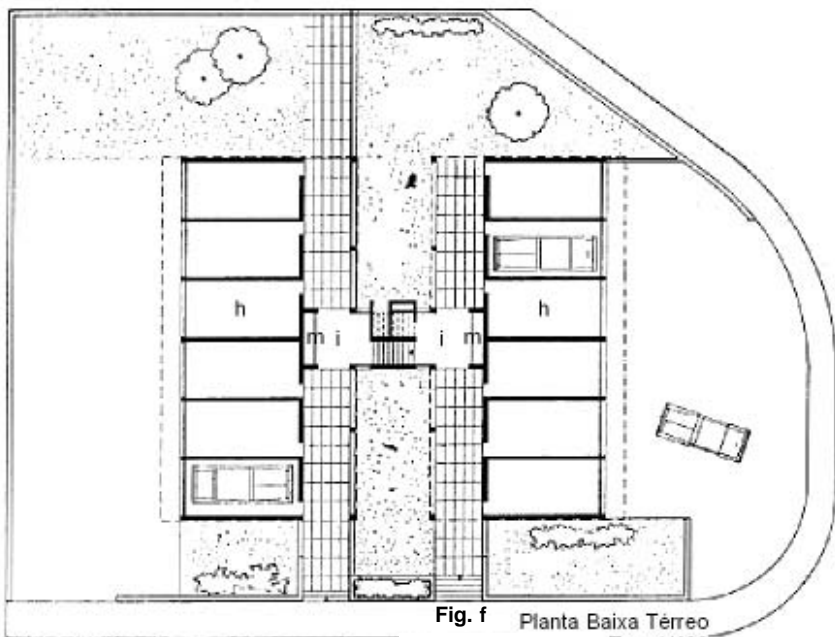


Fig. f Planta Baixa Térreo Esc. 1/400



Fig. g

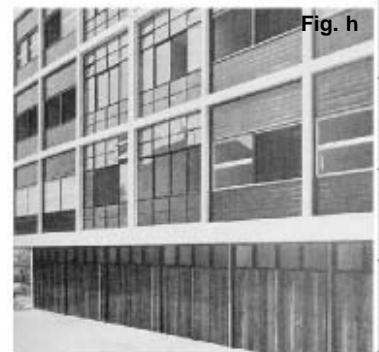


Fig. h

Projeto Esc.	1951 1953
Área (m ²)	90,00 90,00
Número Coes.	2 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	mono nuclear
No. de Unidades	12
N. de Pav. (norm)	3
Config. Grupo	VII+III
Família	mediação
Função Constr.	super estrut.
Forma Constr.	plati- banda
Função Base	garagem
Forma Base	fechada
Estrutura	interna interna
Implantação	esquina

LEGENDAS:

Ap.1 A= 90,00 m²

- 1 Hall
- 2 Estar/Jantar
- 3 Cozinha
- 4 A. Serv./Dep. Empreg.
- 5 Dormitório
- 6 Banho

- h Estacionamento
- i Saguão
- m Medidores



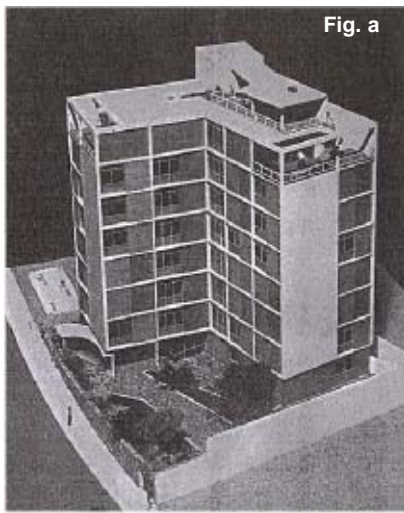


Fig. a



Fig. b



Fig. c

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 110,35 m²
- Ap.2 A= 145,55 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 7 | Vestibulo |
| 8 | Despensa |
| 10 | Elevador |

- | | |
|---|-------------|
| b | Sanitário |
| i | Saguão |
| o | Ap. Zelador |

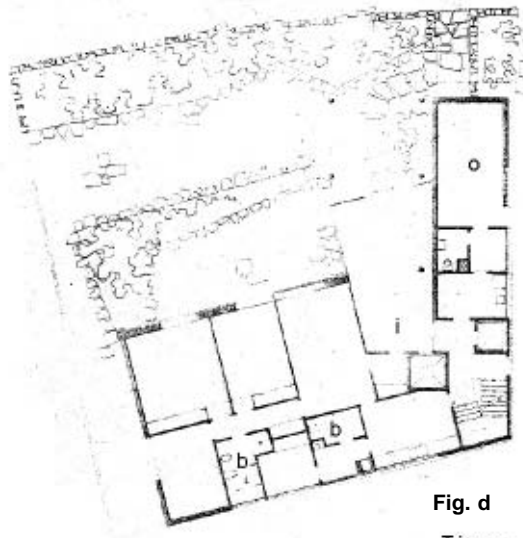


Fig. d
Térreo
Esc. 1/400

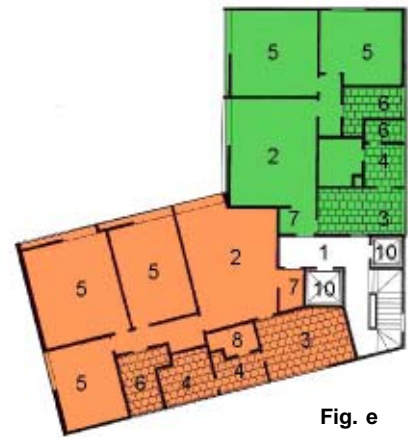


Fig. e
Pavimento Tipo
Esc. 1/400



Fig. f

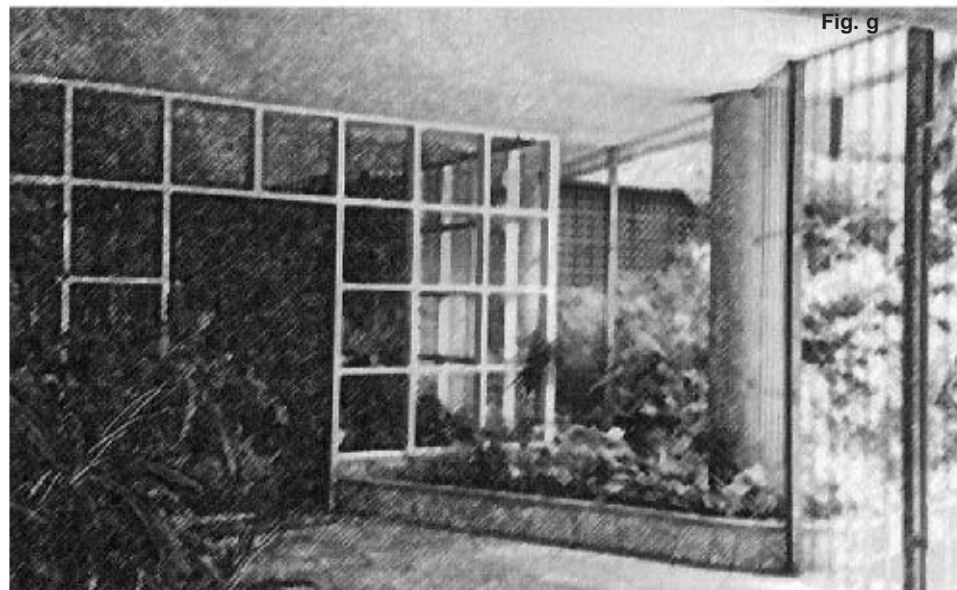


Fig. g

Projeto Exec.	1953
ND	ND
Área (m ²)	110,35
	145,55
Número Dorm.	2 e 3 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim
c/ dep.	
Contig. Planta	mono
nuclear	
Nº de Unidades	14
Nº de Par. (corpo)	7
Contig. Corpo	VII
Família	mediação
Função Coroa.	resid.
Forma Coroa.	sem coroa.
Função Base	estar
Forma Base	semi-fechada
Estrutura	aparente
interna	
Implantação	meio

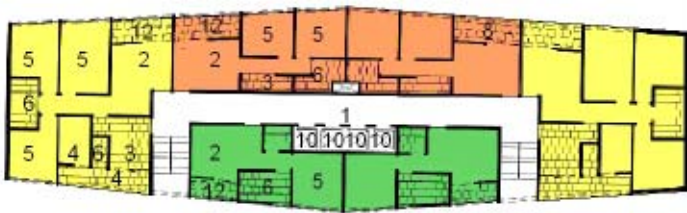


Fig. d
Planta 2º, 5º, 8º, 11º e 14º Pavimentos
Esc. 1/400

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 29,85 m2
- Ap.2 A= 38,00 m2
- Ap.3 A= 70,30 m2

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 10 | Elevador |
| 12 | Balcão |



Projeto / Exec.	1953 1958
Área (m2)	29,85 70,30
Número Dorm.	1, 2 e 3 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Servido	sim c/ e s/ dep.
Coef. Planta	linear de circ.
No. de Unidades	70
No. de Pav. (corp.)	15
Coef. Corp	IX
Família	mediação
Função Constr.	super estrut.
Forma Constr.	sem coroam.
Função Base	comercial
Forma Base	semi- fechada
Estados	aparente interna
Implantação	esquina



Fig. a

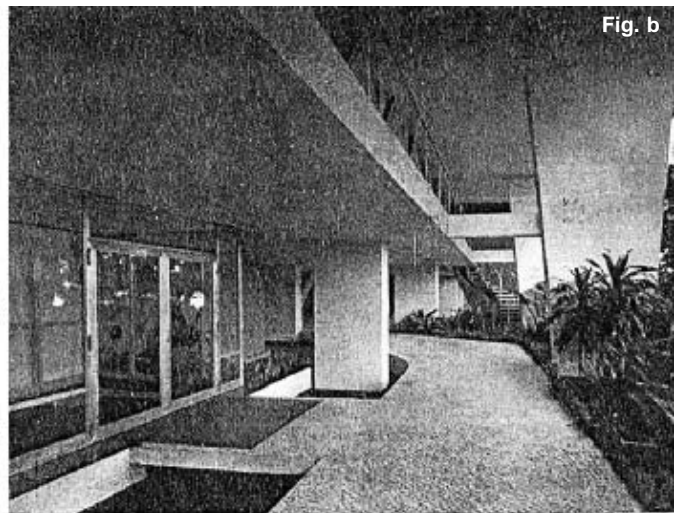
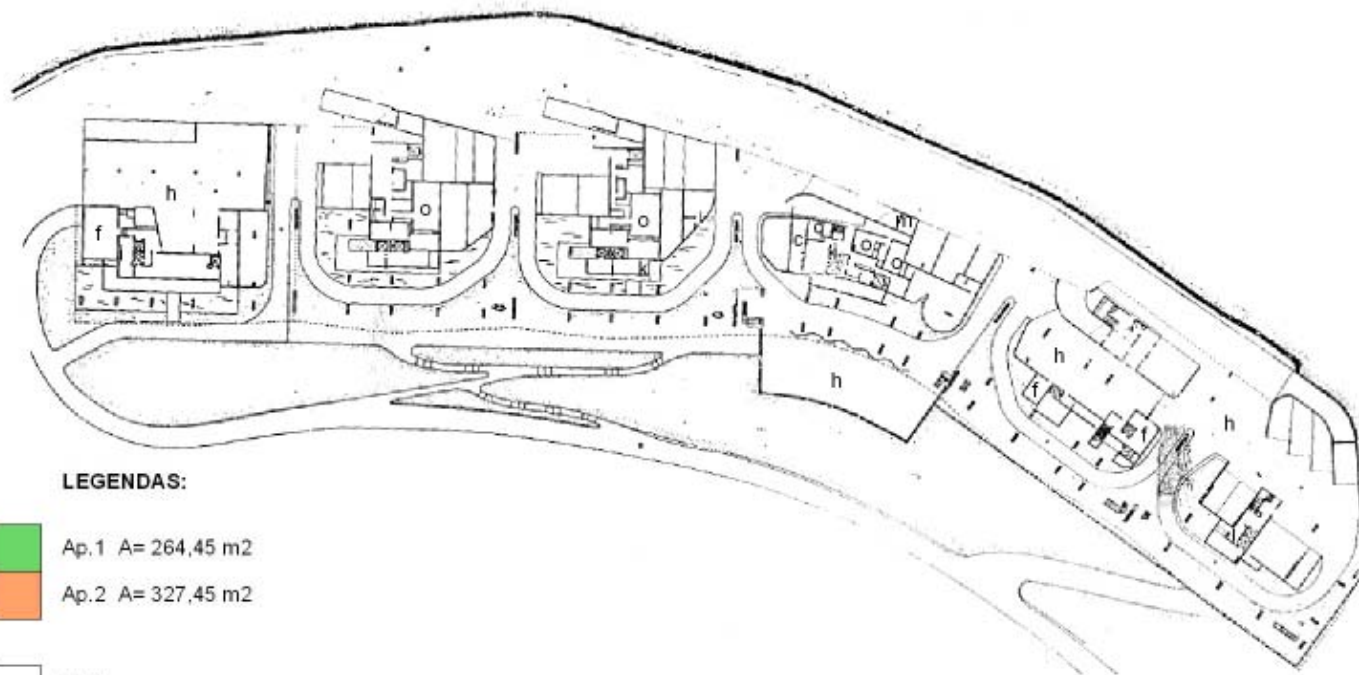


Fig. b



Fig. c

Edifício Parque Guinle II



LEGENDAS:

- Ap.1 A= 264,45 m²
- Ap.2 A= 327,45 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 10 | Elevador |
| 15 | Jardim Inverno |

- | | |
|---|----------------|
| c | Depósito |
| f | Máquinas |
| h | Estacionamento |
| i | Saguão |
| k | Portaria |
| m | Medidores |
| o | Ap. Zelador |



Fig. d
Térreo
0 5 10 15



Fig. e
Pavimento Tipo
Esc. 1/400

Projeto / Esc.	1950 / 64
Área (m ²)	264,00 / 327,00
Número Com.	3 e 4 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim / c/ dep.
Contig. Planta	mono nuclear
Nº. de Unidades	20
Nº. de Pav. (corpo)	10
Contig. Uso	V
Família	mediação
Função Corres.	resid.
Forma Corres.	plati-banda
Função Base	estar
Forma Base	semi-vazada
Estrutura	aparente interna
Insustentação	super quadra



Fig. a



Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e



Fig. f



Fig. g

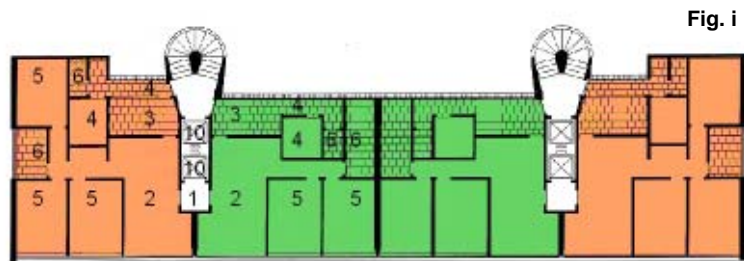


Fig. h

LEGENDAS:

- Ap.1 A= 74,35 m²
- Ap.2 A= 88,65 m²

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Hall |
| 2 | Estar/Jantar |
| 3 | Cozinha |
| 4 | A. Serv./Dep. Empreg. |
| 5 | Dormitório |
| 6 | Banho |
| 10 | Elevador |



Pavimento Tipo
Esc. 1/400



Fig. j



Fig. k



Fig. l

Projeto / Esc.	1954 ND
Área (m ²)	74,35 88,65
Número Dorm.	2 e 3 dorm.
Classe Social	média
Tipologia	simplex
Área Serviço	sim c/ dep.
Config. Planta	mono nuclear
Nº. de Unidades	52
Nº. de Pav. (Corpos)	13
Config. Corte	IX+I+Ø
Família	mediação
Função Casas	super estrut.
Forma Escavam.	sem coroam.
Função Base	estar
Forma Base	semi- vazada
Estrutura	aparente interna
Implantação	esquina*

Edifício Res. Ministro Godoy

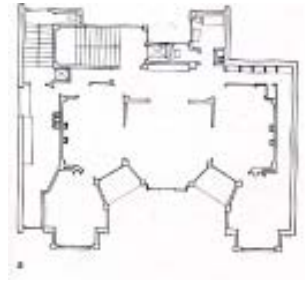
LISTAGEM EDIFÍCIOS

1903/1935	1936/1945
25, Rue Franklin	Ilôt Insalubre
Immeuble-villas	Grand-place de la mairie Boulogne-sur-seine
Ed. De Ap. Novocomum	Ed. Apart. Giuliani-Frigerio
Exp. Weissenhof	Spa Green
Nirvana	Priory Green
Hoogbow	Cidade dos Motores
Projeto Wanner	UH marselha
Ed. p/ Artistas	
Ap. Narkomfin	1946/1949
25, Avenue de Versailles	Priory Heighs
St. Mark Tower	Bevin Court
Immeuble Clarté	Hallfield
Immeuble Locatif Zurique	Lake Shore Drive, 860-880
Fitas Indentadas	
Ap. Porte Molitor	1950/1955
Ap. Durand	Resid. Munkkiniemi
Maison Locative Alger	Dorset Estate
Casa Rustici	Lakeview
Casa Toninello	Cranbrook
Highpoint I	Ap Commonwealth Promenade
Casa Lavezzari	Ed. Laffayette
Ap. Na Av. Versailles	Ap. Hansaviertel de Alvar Aalto
Im. De Colonisation em Nemours	resid. Korkalovaara
Im. Locatif Rue Fabert	6 edifícios latino-americanos
Highpoint II	

25, Rue Franklin, 1903

Auguste Perret

Paris, França



Immeuble-villas, 1922

Le Corbusier



Ed. de Ap. Novocomum, 1927

Giuseppe Terragni

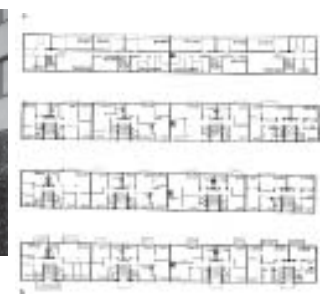
Como, Itália



Exp. Weissenhof, 1927

Mies Van der Rohe

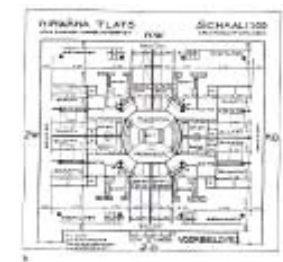
Stuttgart, Alemanha



Ed. Nirvana, 1927

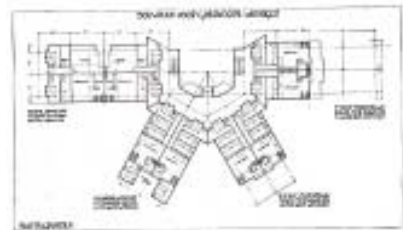
Johannes Duiker

Haia, Países Baixos



Hogbouw, 1927

Johannes Duiker e J. Wiebenga



Projeto Wanner, 1928/29

Le Corbusier

Genebra, Suíça



Edifício para Artistas, 1928

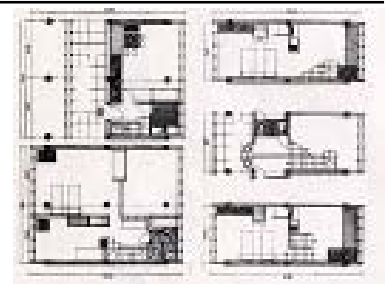
Le Corbusier



Ap. Narkomfin, 1928

Ginzburg & Milinis

Moscou, Rússia



Avenue de Versailles, 1928

Berthold Lubetkin & Ginsberg

Paris, França



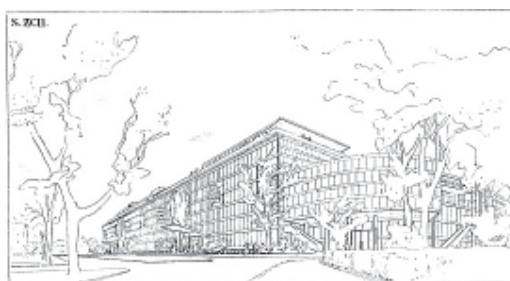
St. Mark's Tower, 1929
Frank Lloyd Wright
Nova Iorque, EUA



Immeuble Clarté, 1930
Le Corbusier
Genebra, Suíça



Immeuble Locatif Zurique, 1932
Le Corbusier
Zurique, Suíça



Fitas Indentadas
Le Corbusier



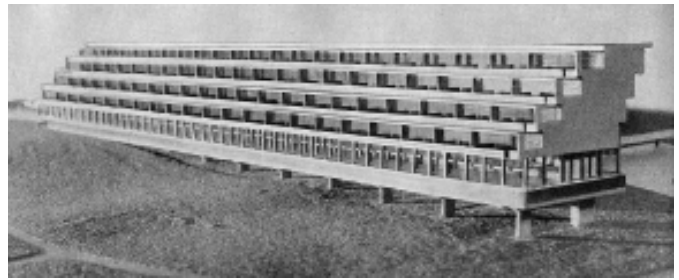
Edifício Porte Molitor, 1933
Le Corbusier
Paris, França



Ap. Durand, 1933

Le Corbusier

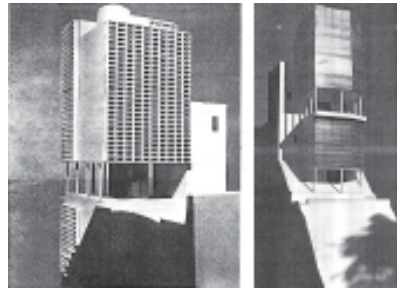
Algeria



Maison Locative Alger, 1933

Le Corbusier

Algeria



Casa Rustici, 1933

Giuseppe Terragni com Lingeri

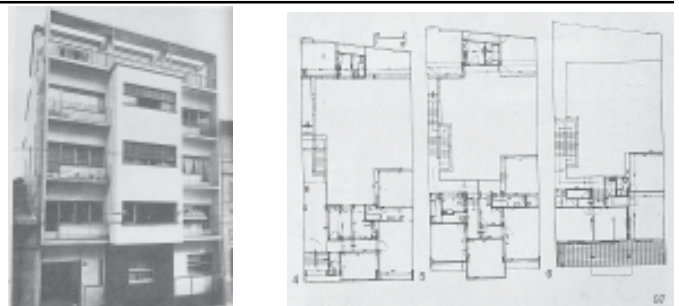
Milão, Itália



Casa Toninello, 1933

Giuseppe Terragni

Milão, Itália



Highpoint I, 1933

Berthold Lubetkin

Londres, Inglaterra



Casa Lavezzari, 1934

Giuseppe Terragni

Milão, Itália



Ap. na Av. Versailles, 1934

Jean Ginsberg

Paris, França



Im. de Colonisation em Nemours, 1935

Le Corbusier

Nemours



Im. Locatif Rue Fabert

Le Corbusier

Paris, França



Highpoint II, 1935

Berthold Lubetkin

Londres, Inglaterra



Ilôt Insalubre n. 6, 1936

Le Corbusier

Paris, França

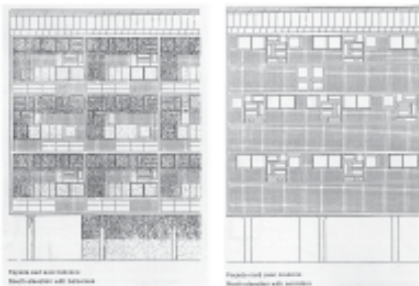


Grand-Place de

la Mairie Boulogne-sur-seine, 1939

Le Corbusier

Paris, França



Ed. Giuliani-Friggerio, 1939

Giuseppe Terragni

Como, Itália



Spa Green, 1943

Berthold Lubetkin

Londres, Inglaterra



Priory Green, 1943

Berthold Lubetkin

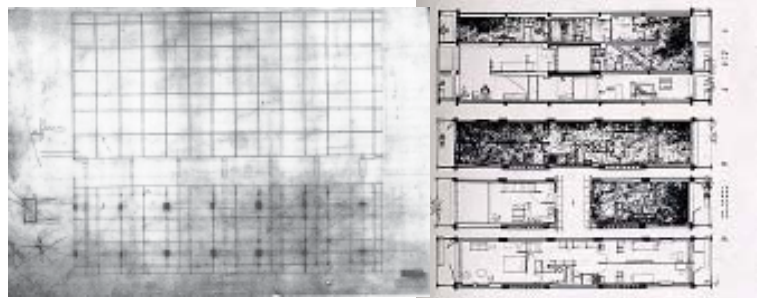
Londres, Inglaterra



Unidade de Habitação, 1945

Le Corbusier

Marselha, França



Cidade dos Motores, 1943-45

Josep Luis Sert

Rio de Janeiro, Brasil



Priory Heights, 1946

Berthold Lubetkin

Londres, Inglaterra



Bevin Court, 1946

Berthold Lubetkin

Londres, Inglaterra



Hallfield Estate, 1946

Berthold Lubetkin

Londres, Inglaterra



Ed. Promontory, 1946

Mies Van der Rohe,

Chicago, EUA



Unidade de Habitação, 1947

Le Corbusier

Marselha, França



Ed. Lake Shore Drive 860-880, 1948

Mies Van der Rohe,

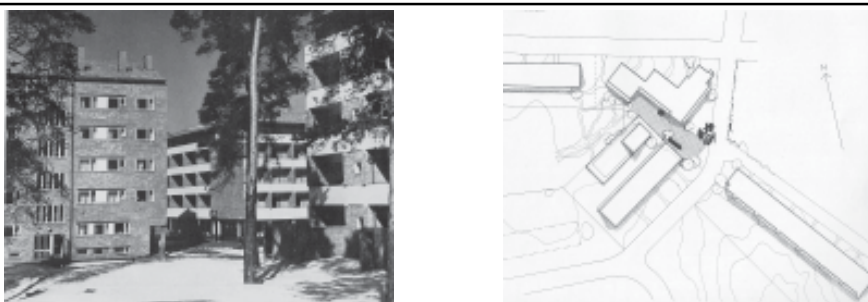
Chicago, EUA



Resid. Munkkiniemi, 1950/55

Alvar Aalto

Helsinque, Finlândia



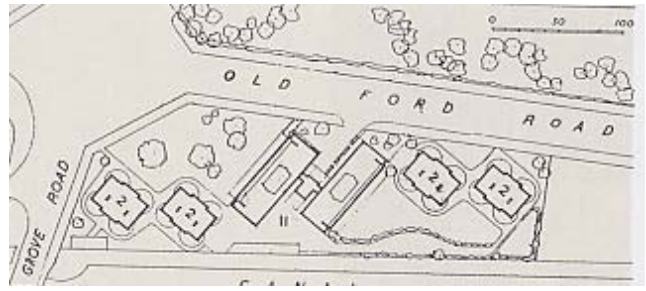
Dorset Estate, 1951/

Berthold Lubetkin

Londres, Inglaterra



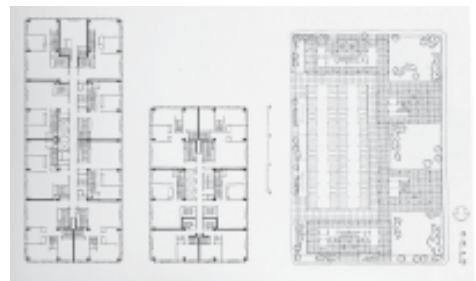
Lakeview
Berthold Lubetkin
Londres, Inglaterra



Cranbrook
Berthold Lubetkin
Londres, Inglaterra



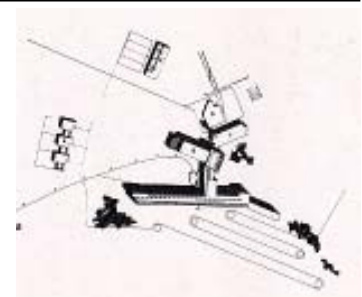
Commonwealth Promenade
Mies Van der Rohe
Chicago, EUA



Laffayette Park e Towers
Mies Van der Rohe
Chicago, EUA



Hansaviertel
Alvar Aalto
Berlin, Alemanha



Edifício de Apartamentos
Mario Pani e Sordo Madaleno
Cidade do México, México



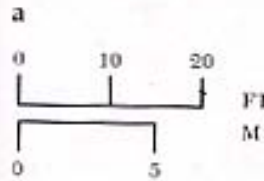
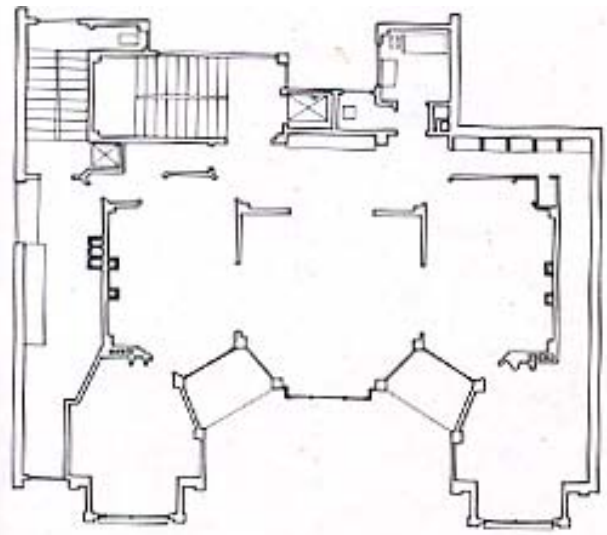


Fig. a

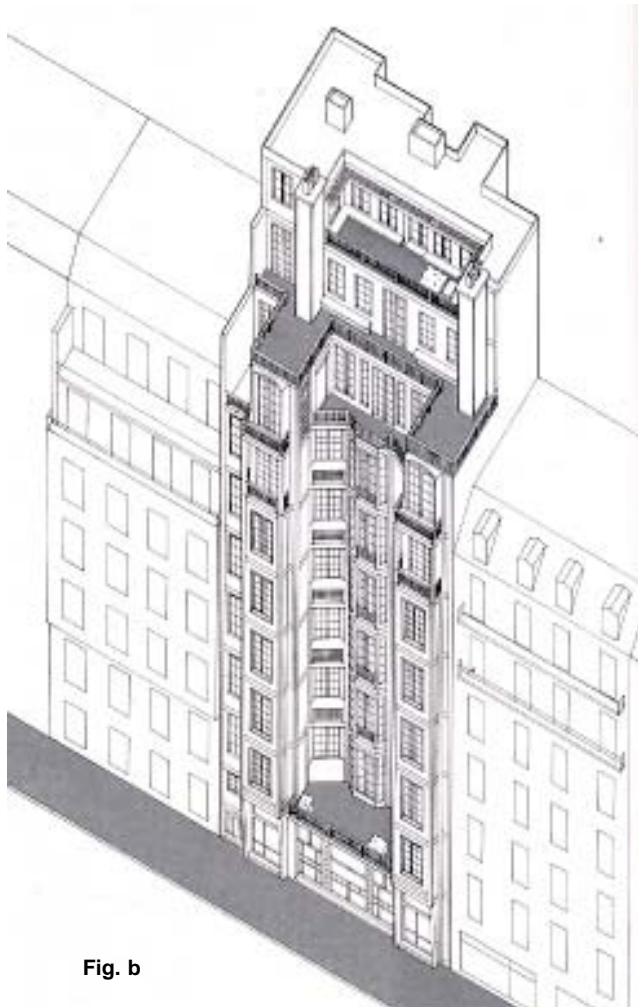


Fig. b



Fig. c

Fig. a

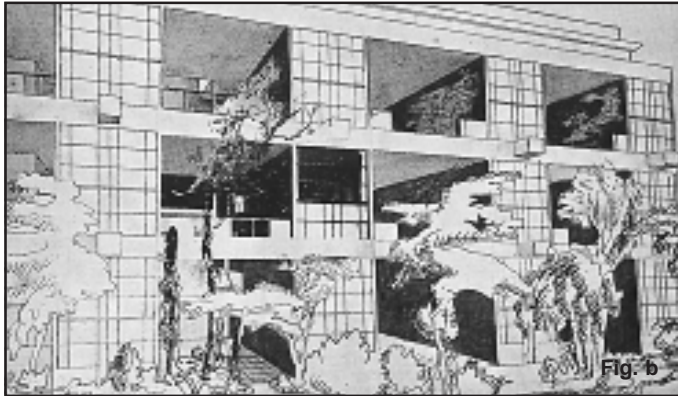


Fig. b

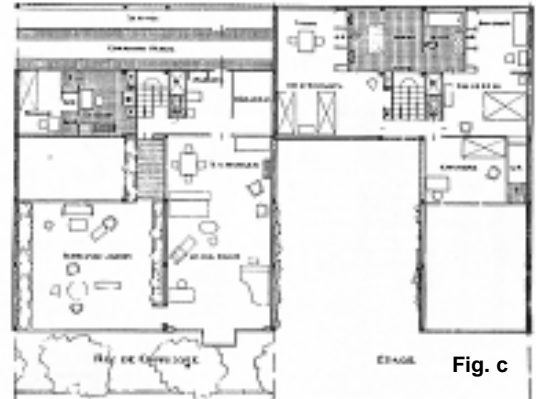


Fig. c

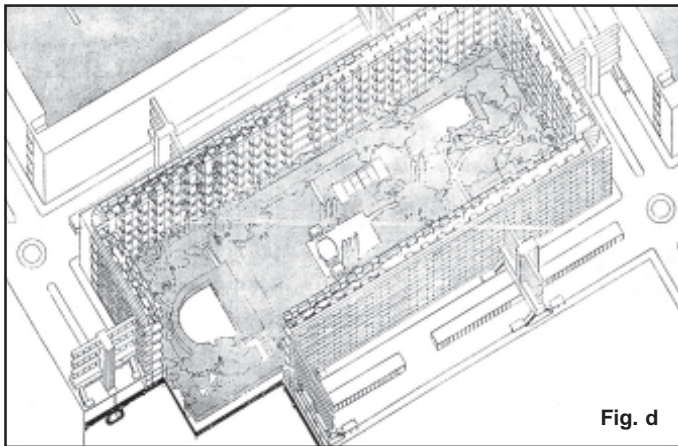


Fig. d



Fig. f

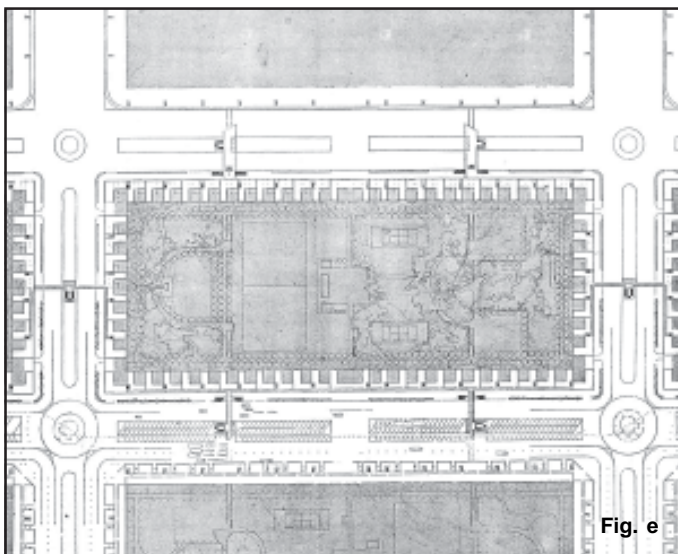


Fig. e

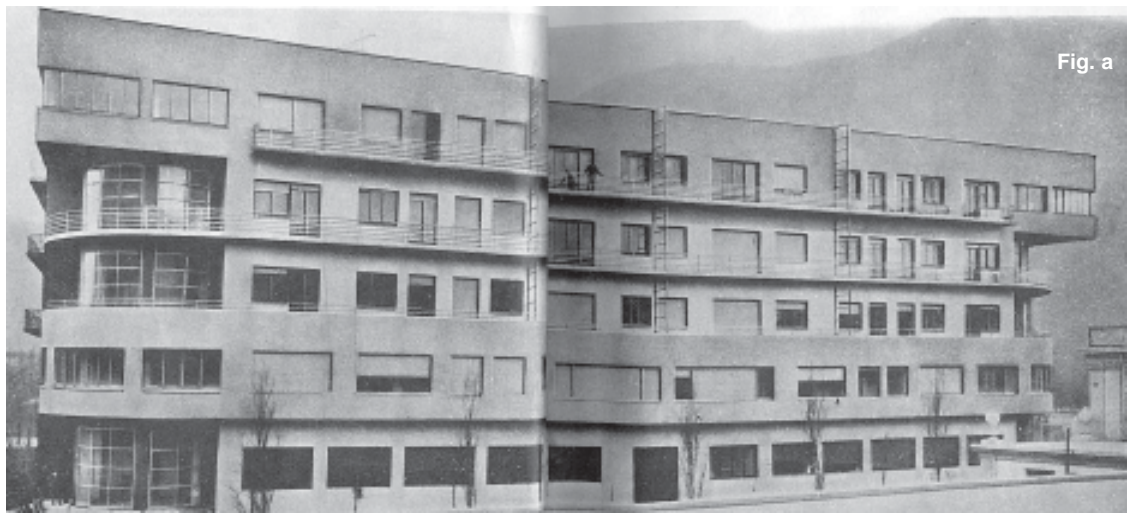


Fig. a



Fig. b

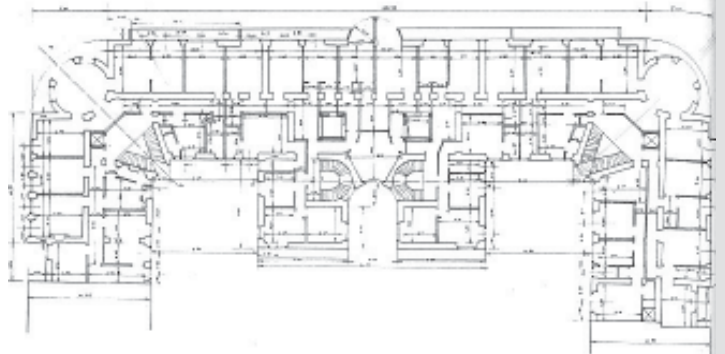
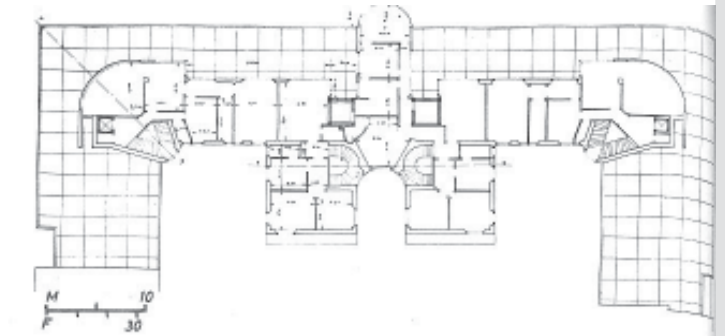


Fig. d

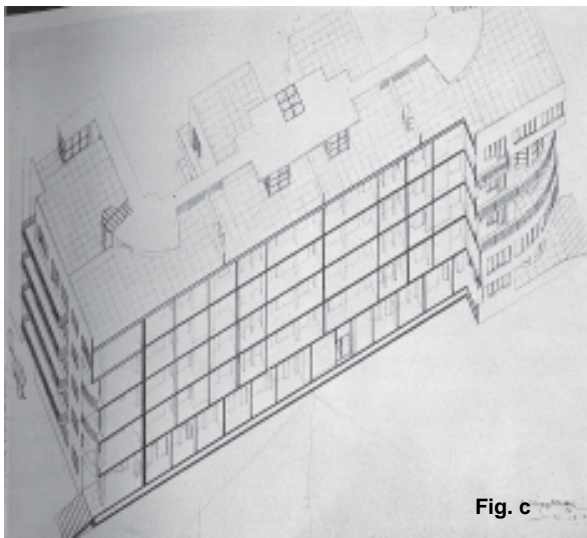


Fig. c



Fig. e



Fig. e



b

Fig. a

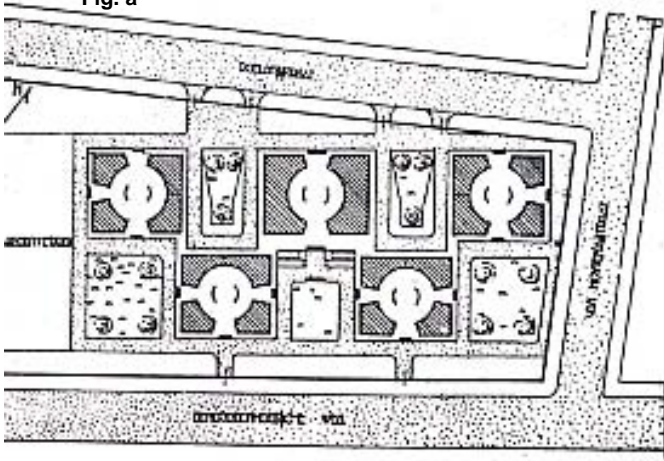


Fig. b



Fig. c

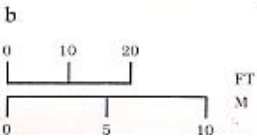
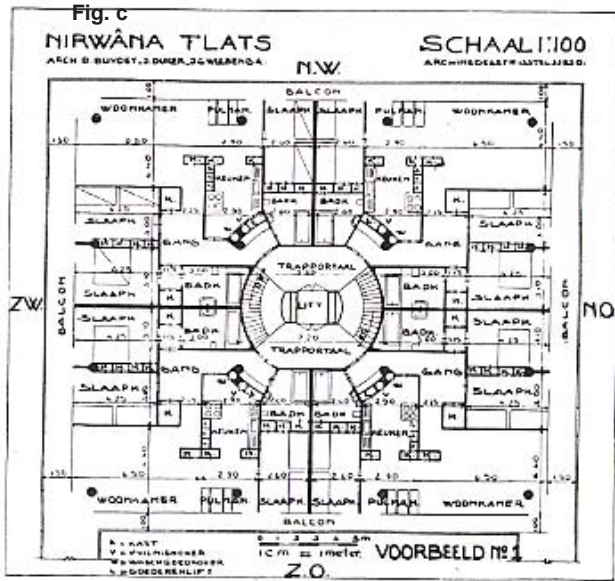


Fig. d



Fig. e



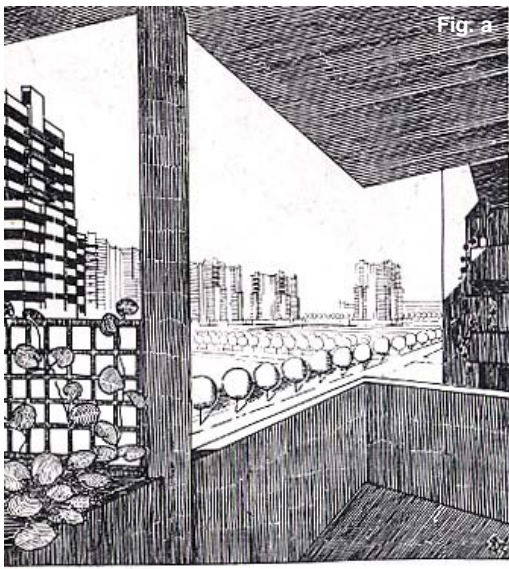


Fig. a

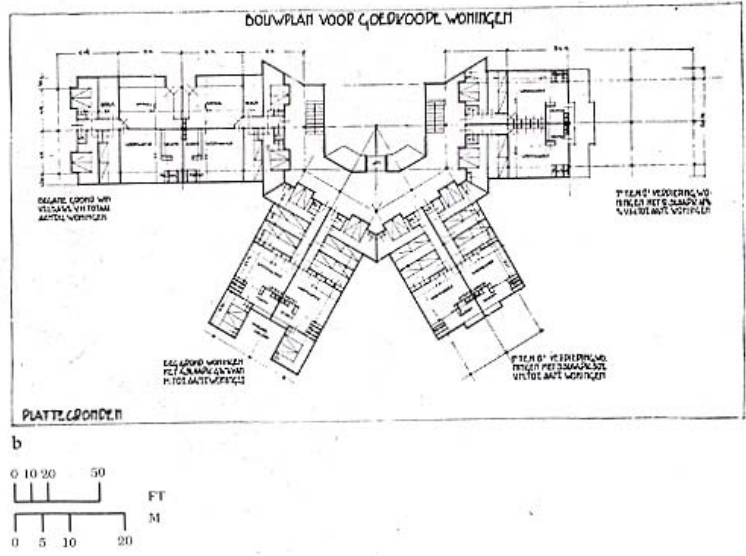


Fig. b

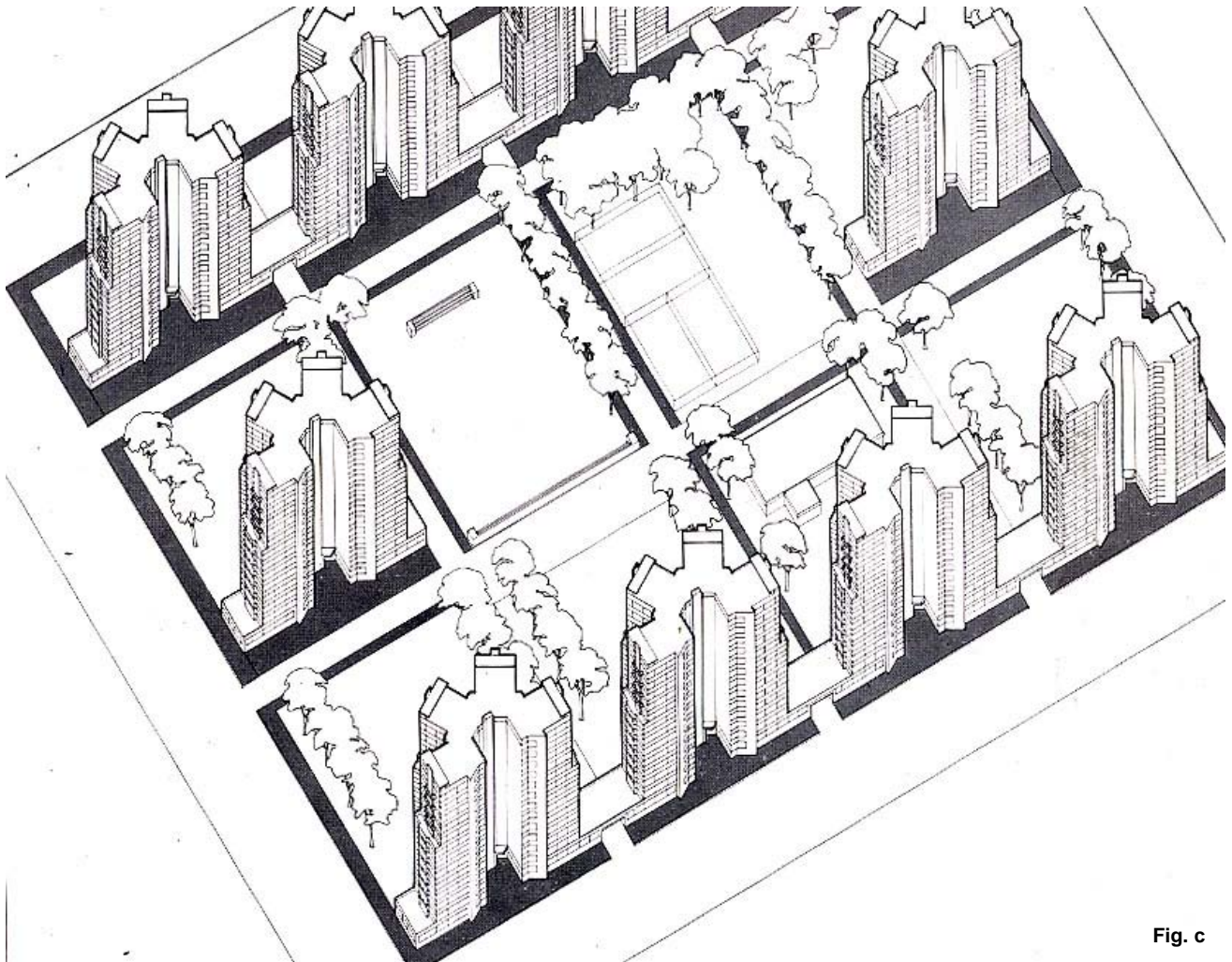


Fig. c



Fig. a



Fig. b

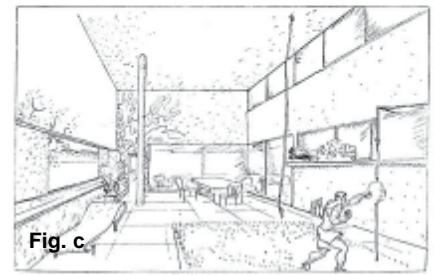
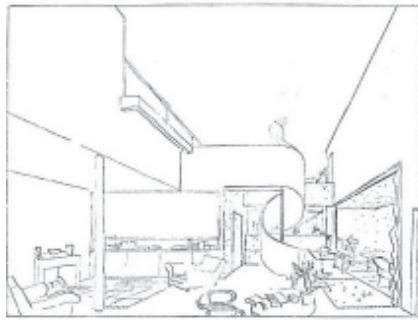


Fig. c



Le living-room

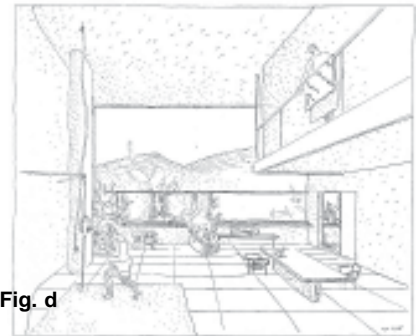


Fig. d

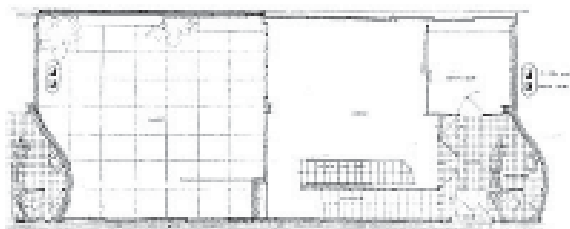


Fig. e

L'ensemble étage avec mobilier général

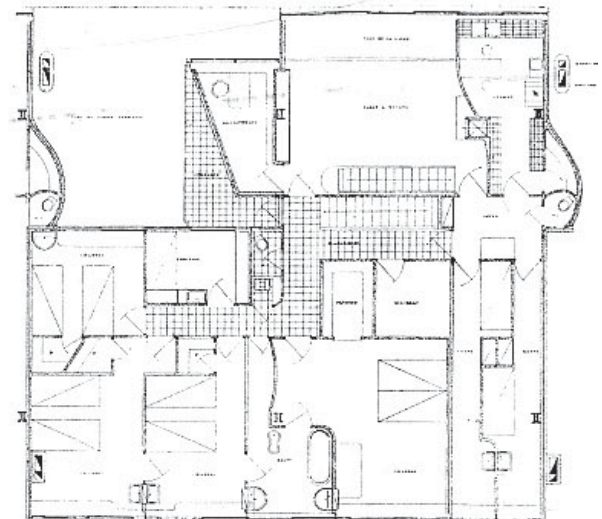


Fig. f

Deuxième étage

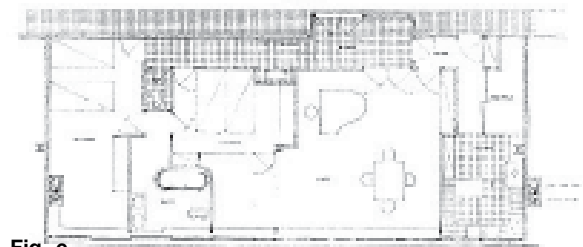


Fig. g

Coupe longitudinal sur les appartements à deux étages

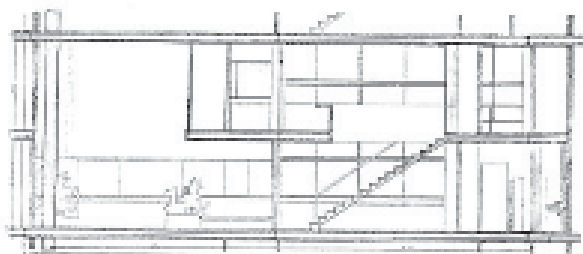


Fig. g

Coupe longitudinal sur les appartements à deux étages

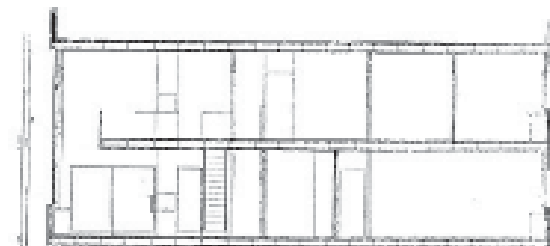


Fig. h

Coupe sur living-room, mobilier général et salle à manger



Fig. i

Deux corps en l'enceinte des jardins

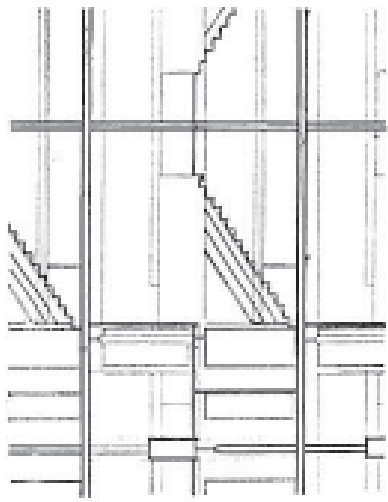


Fig. a

Coupe longitudinale

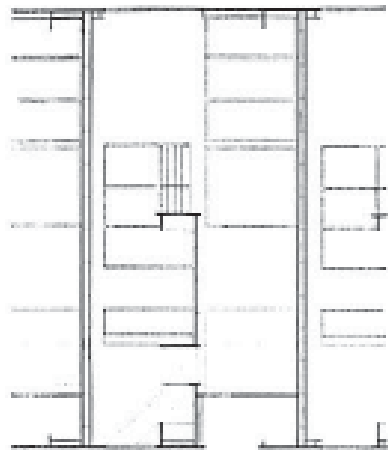


Fig. b

Coupe transversale

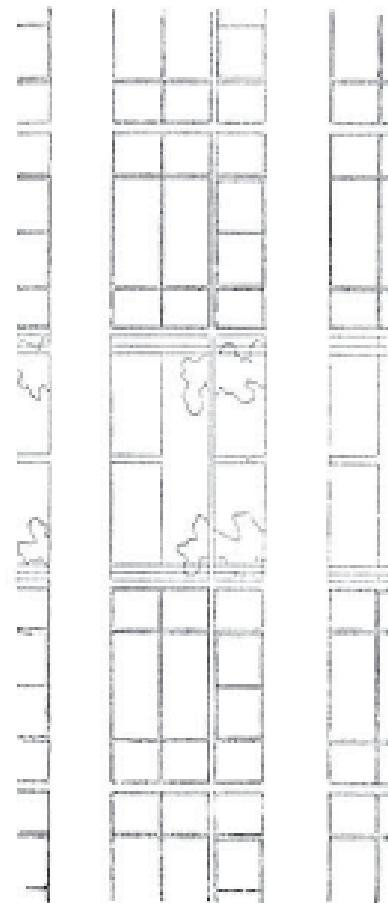


Fig. d

Détail de la façade

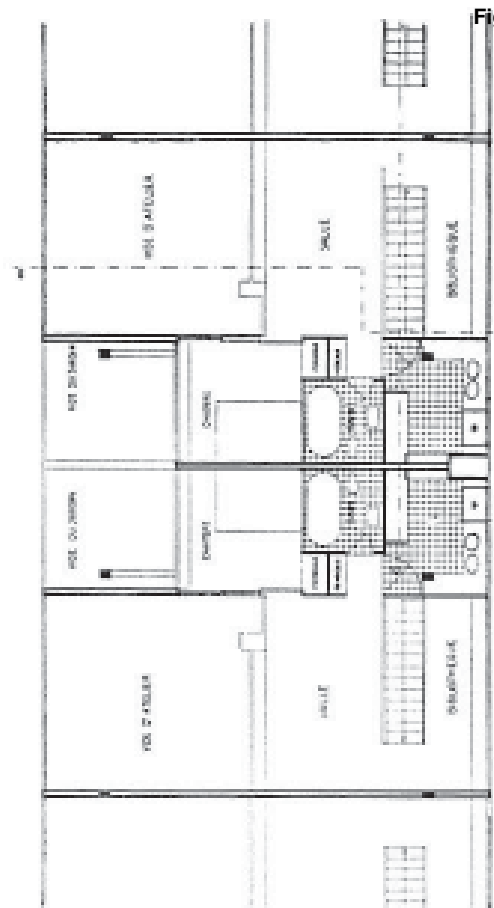


Fig. c

2me étage

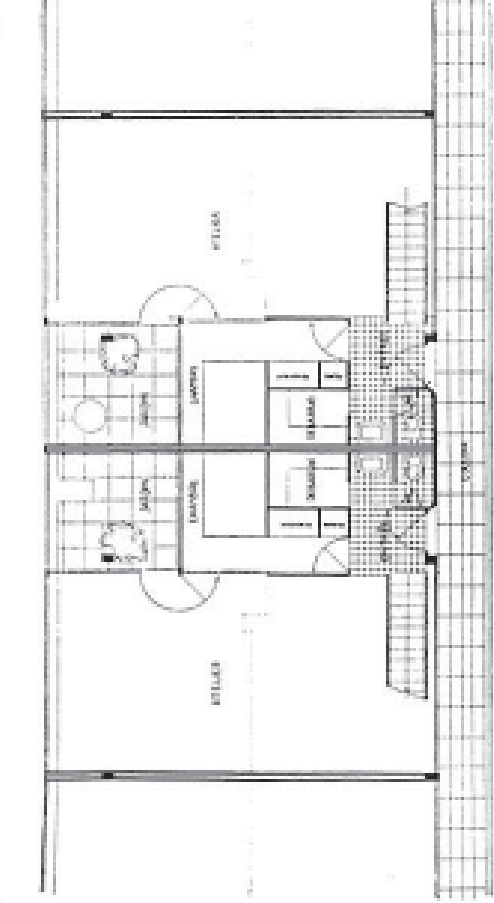


Fig. e

1er étage avec rouloir de circulation

Fig. a

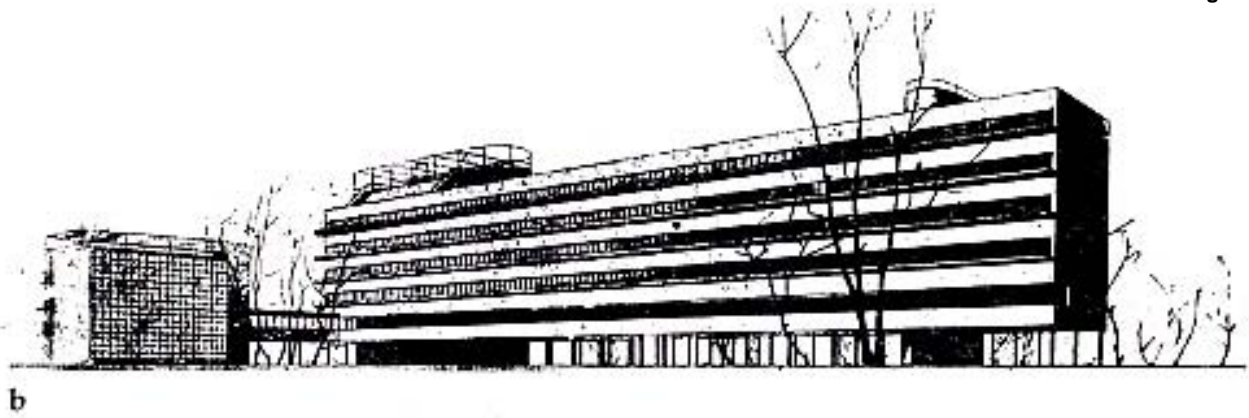


Fig. b

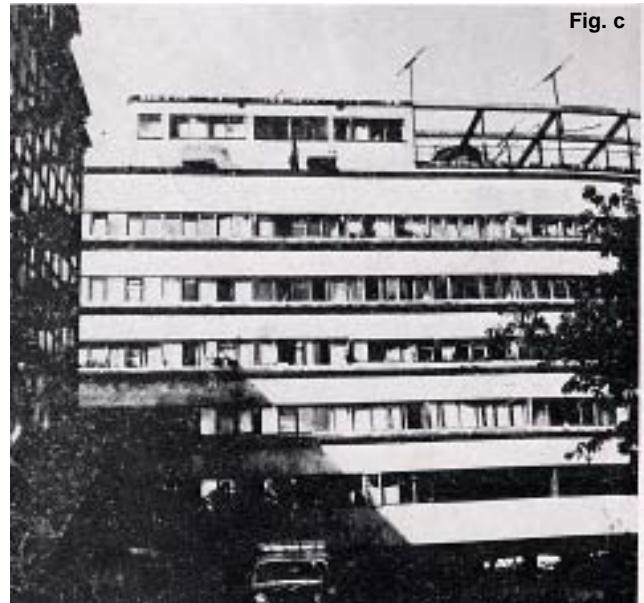
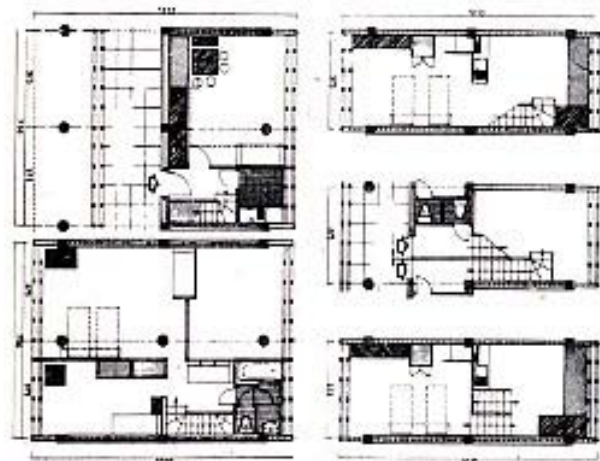


Fig. c



a

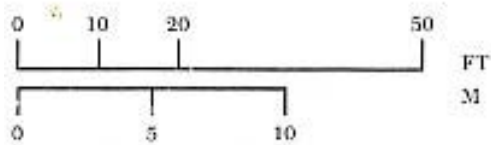
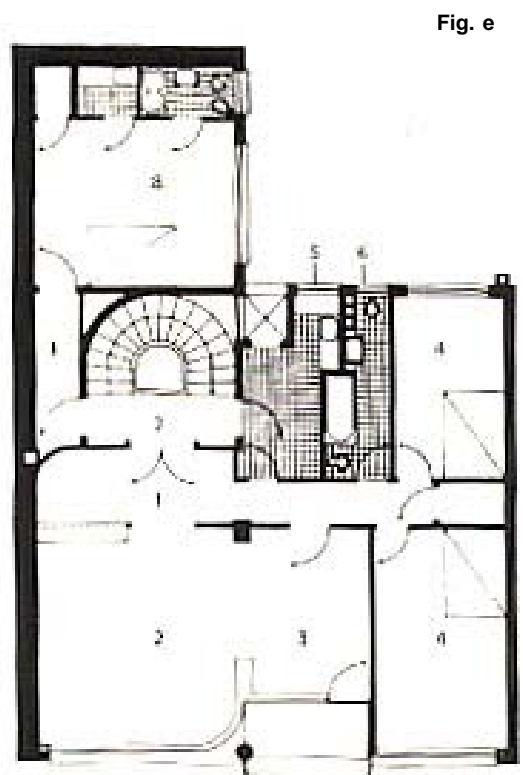


Fig. d



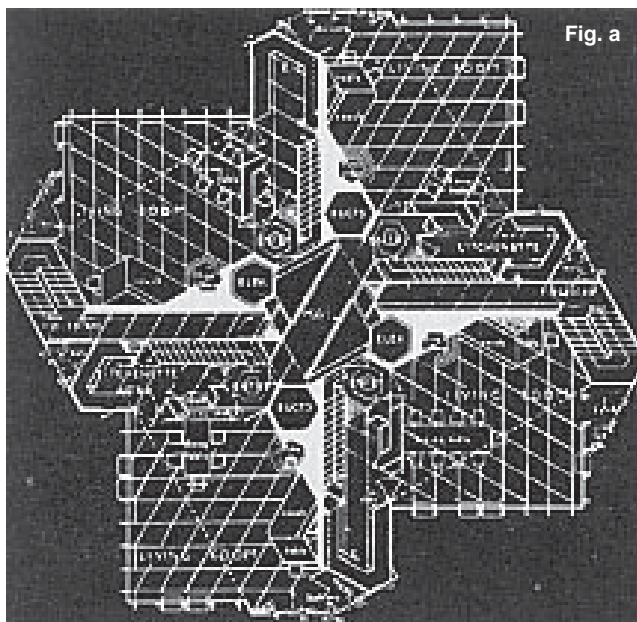


Fig. a

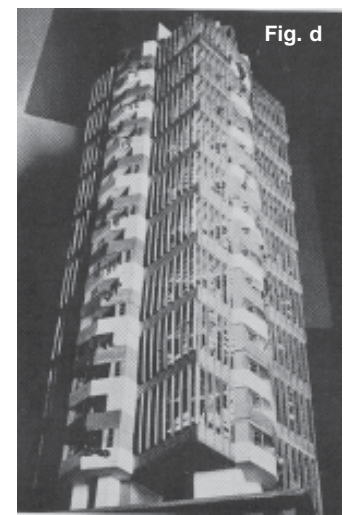


Fig. d

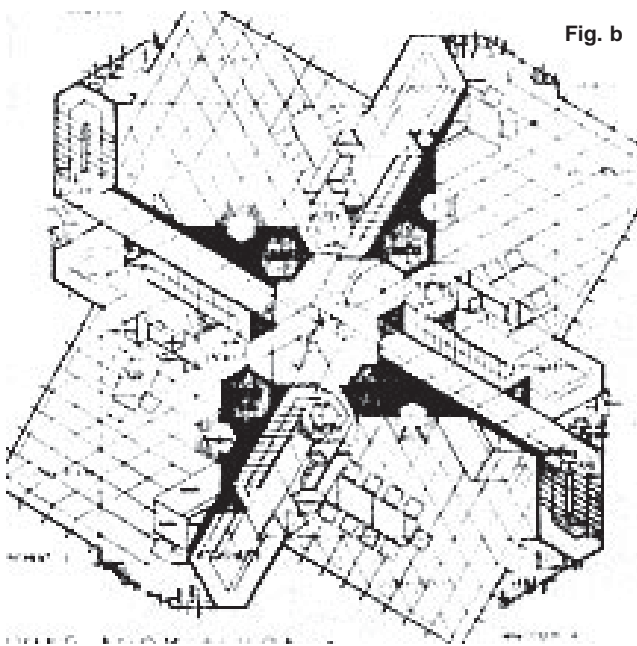


Fig. b

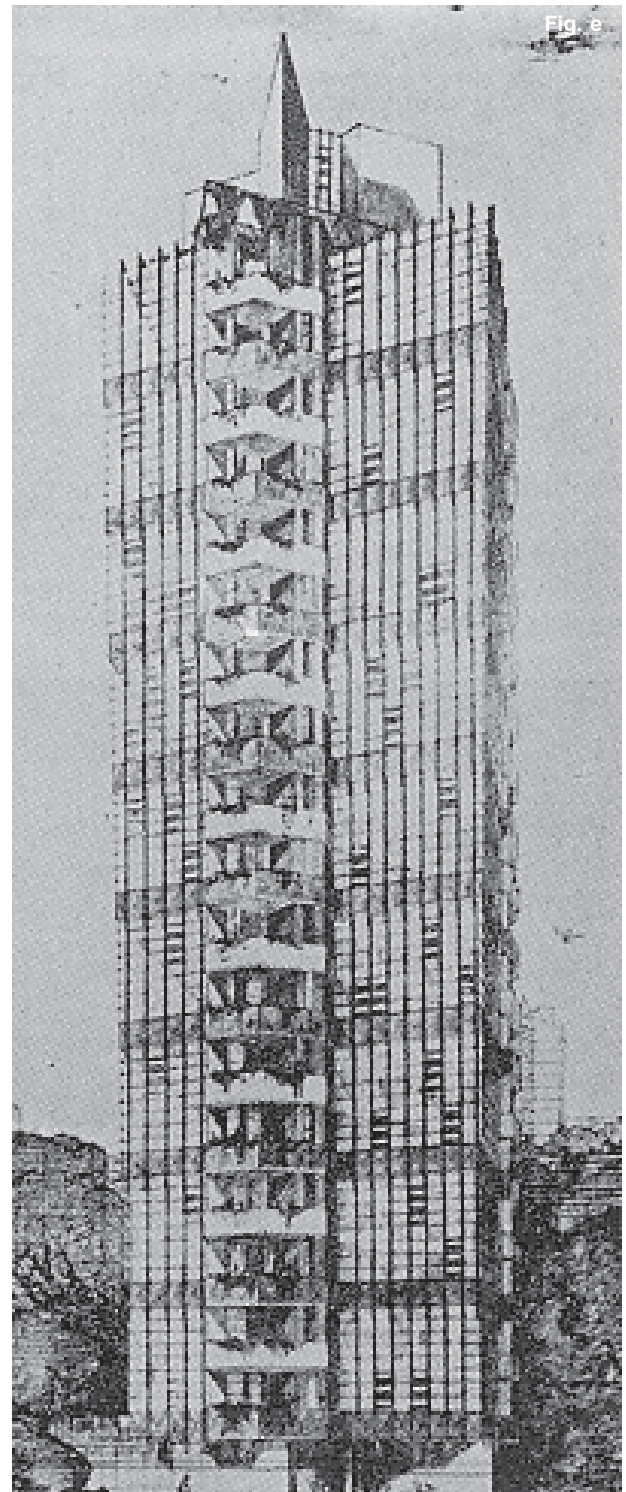


Fig. e

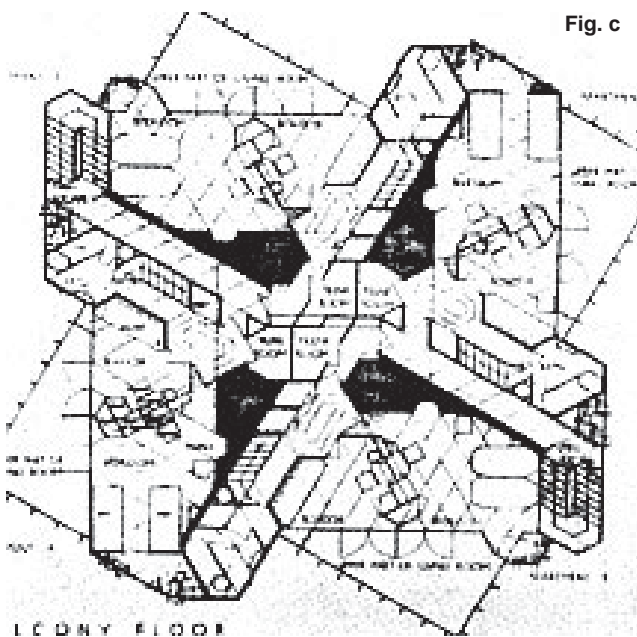


Fig. c



Fig. a



Fig. b

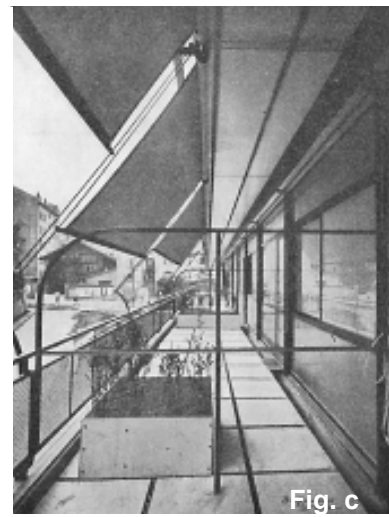


Fig. c



Fig. d



Fig. e



Fig. f

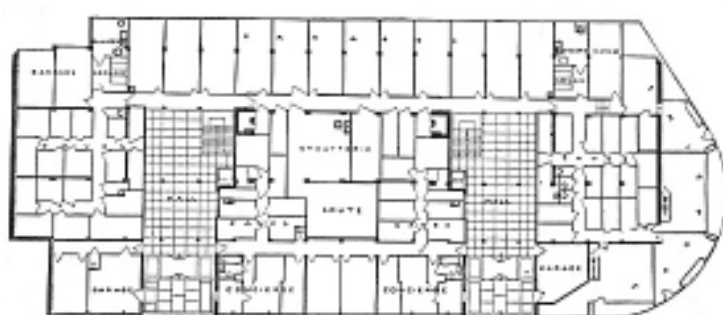
Fig. j



Plan de rez-de-chaussée



Plan d'un étage



Plan d'un étage



Fig. g

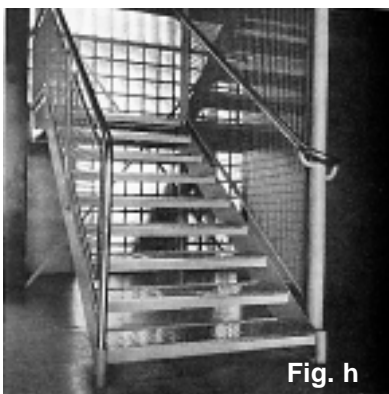


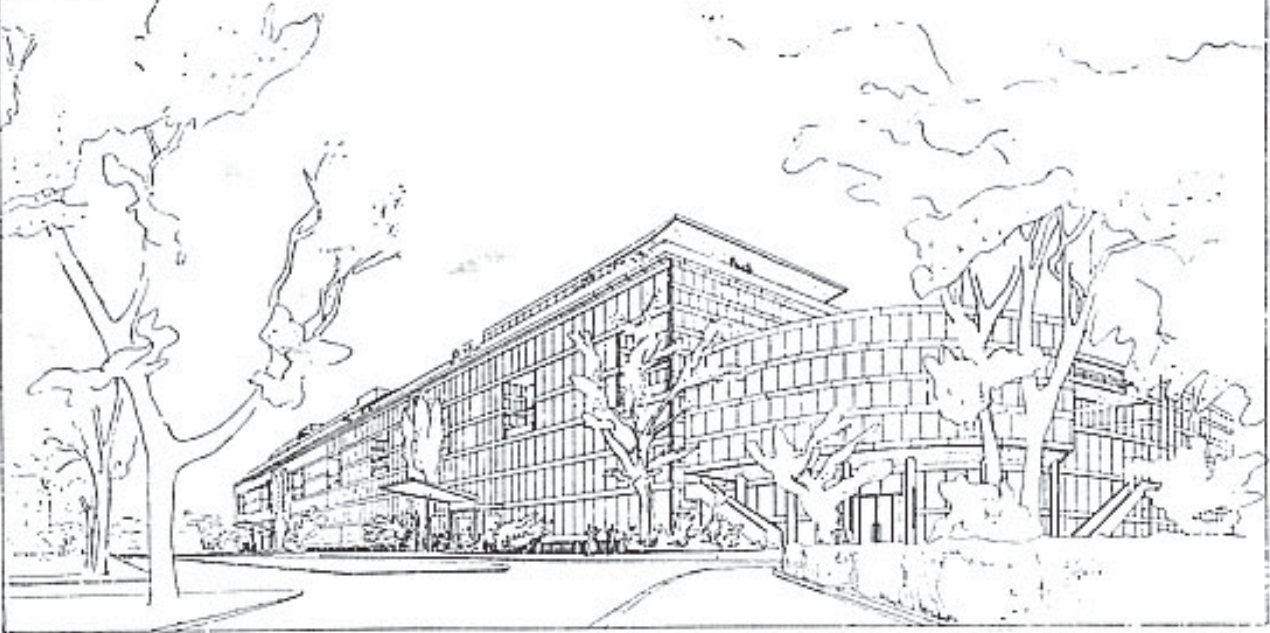
Fig. h



Fig. i

S. ZCH.

Fig. a



S. ZCH.

Fig. b

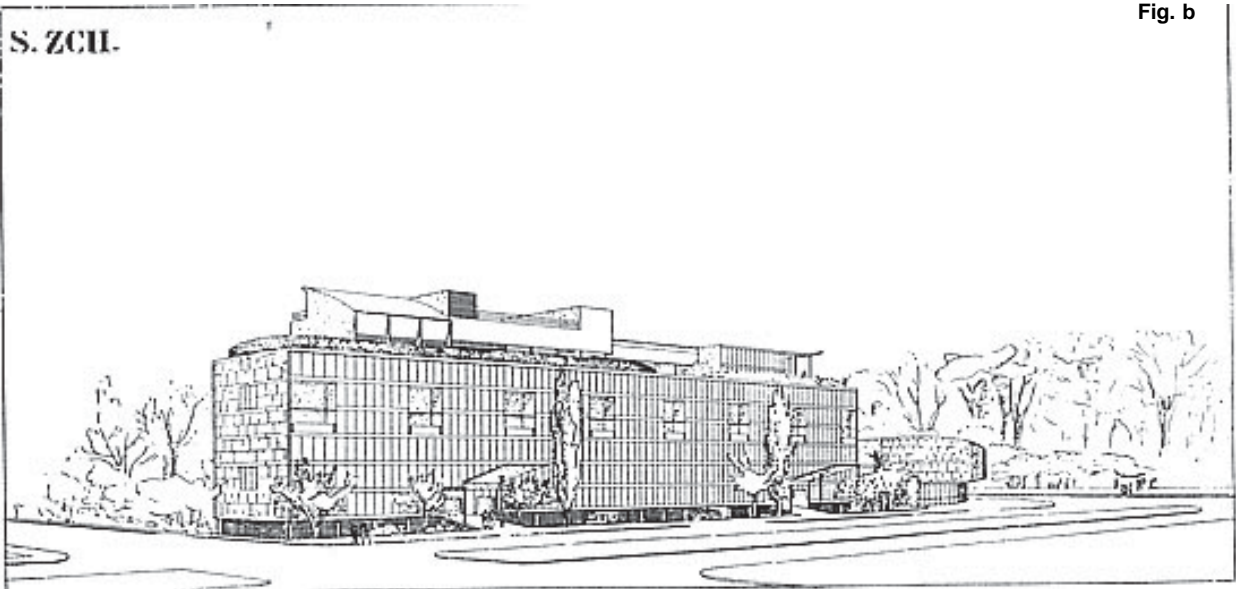


Fig. c

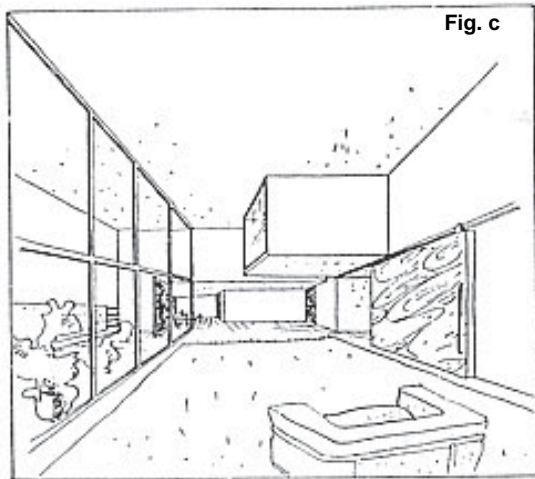
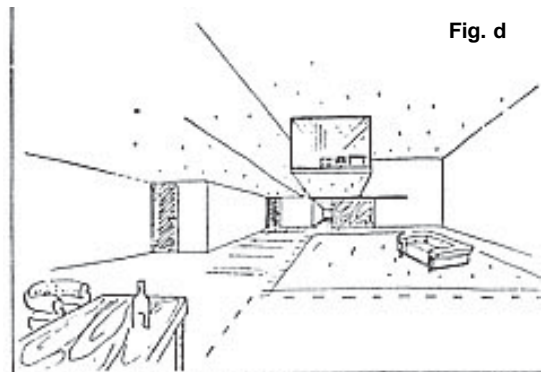
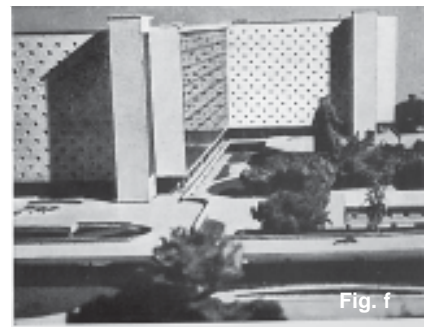
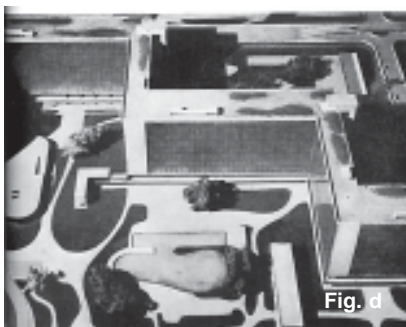
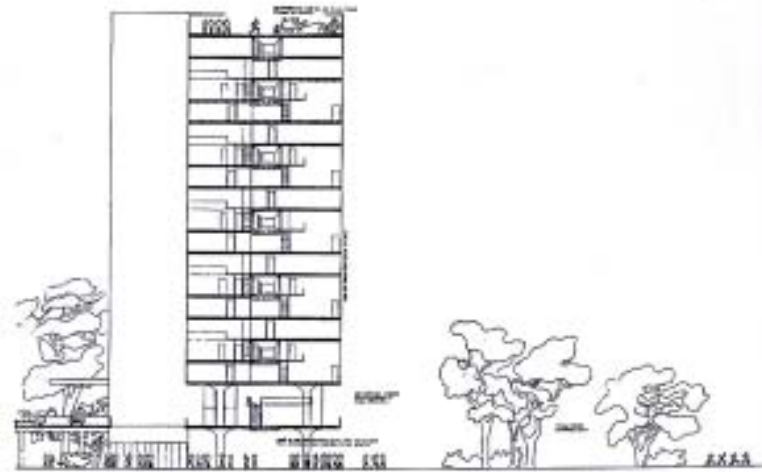


Fig. d





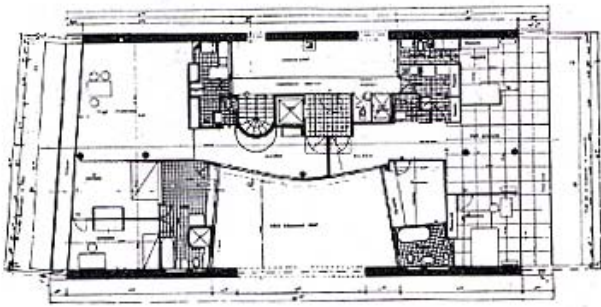
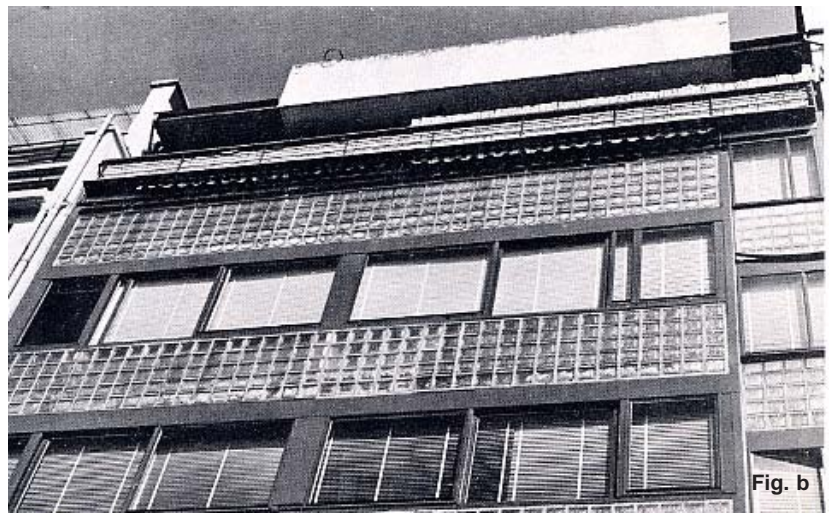
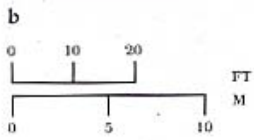
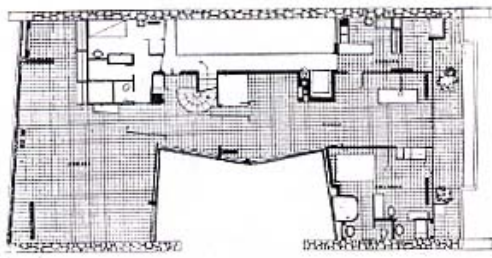


Fig. c



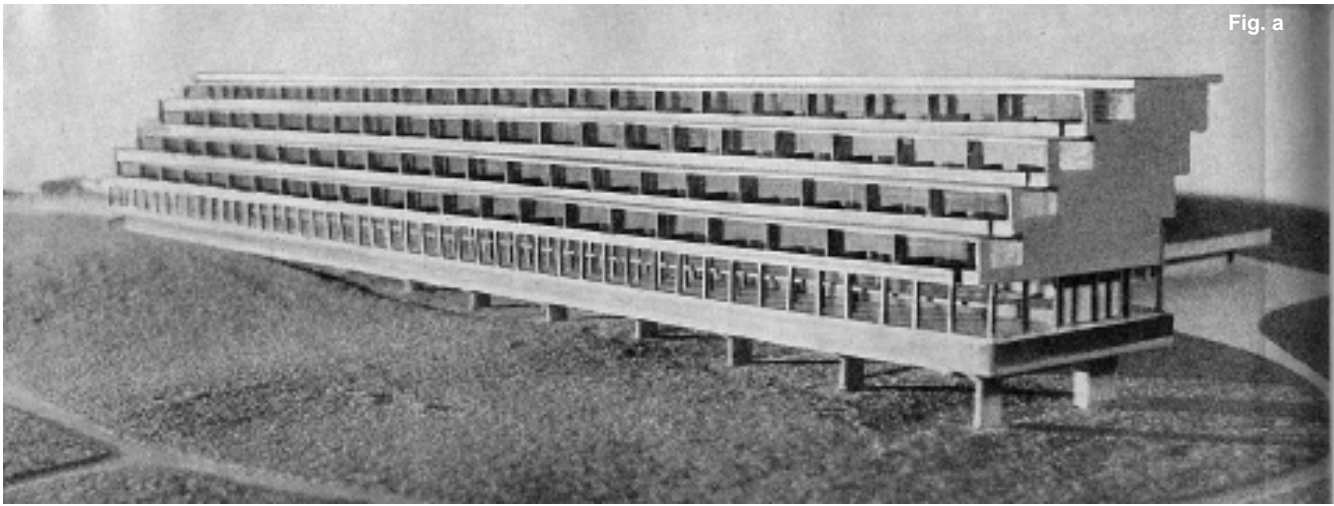


Fig. a

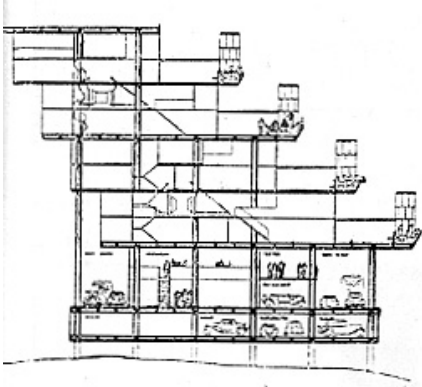


Fig. b

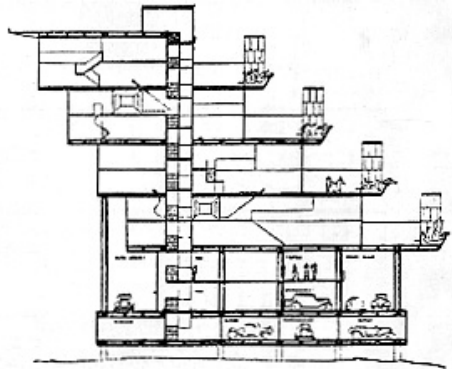


Fig. c



Fig. d

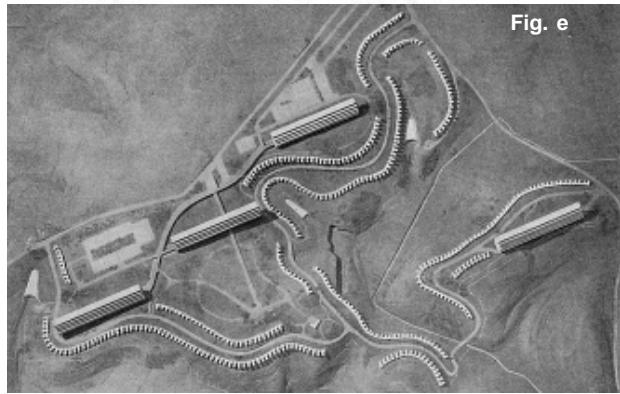


Fig. e

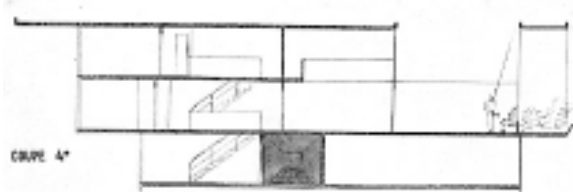


Fig. f



Fig. g



Fig. h

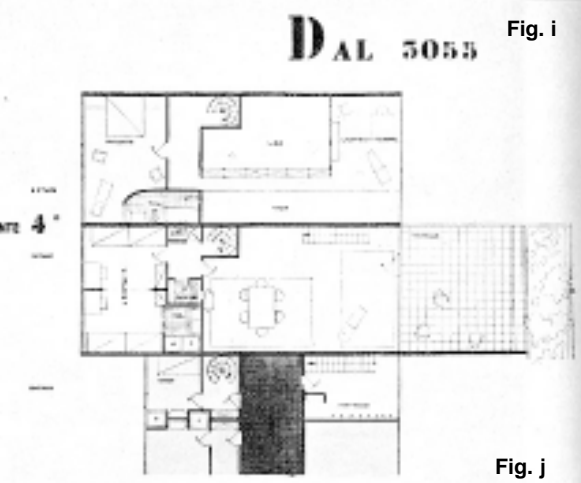


Fig. i

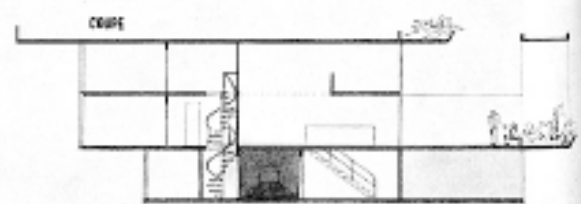


Fig. j

Fig. a



MAJORELLO

Création de Beaudou, insérée
 dans l'axe en deux tronçons
 ordonnés architecturalement et articulés
 la ville la plus ancienne pour...

PON AL 5044

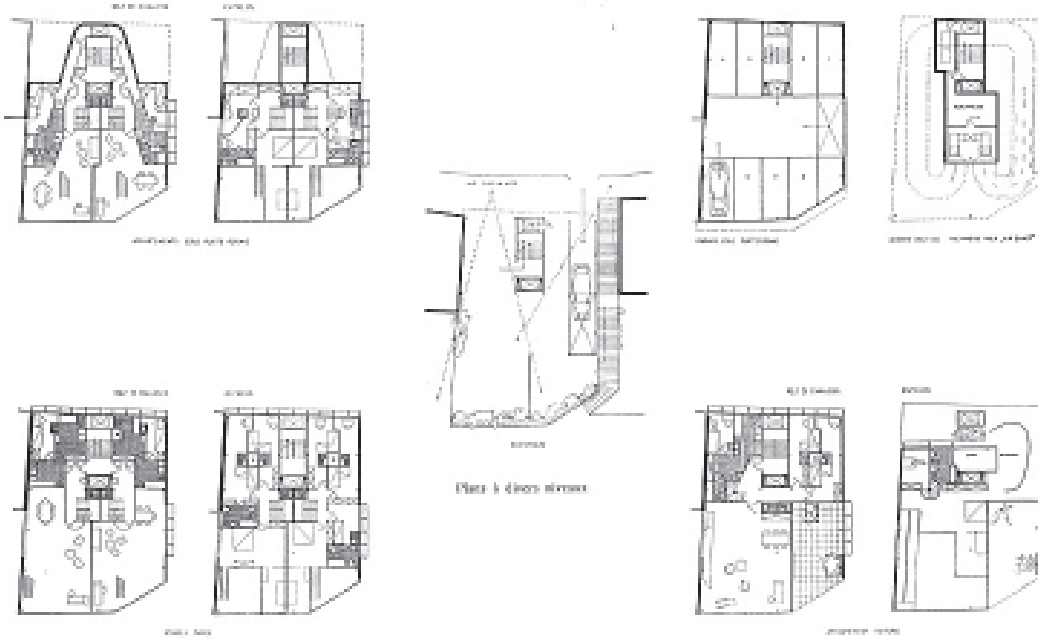


Fig. d

Fig. b

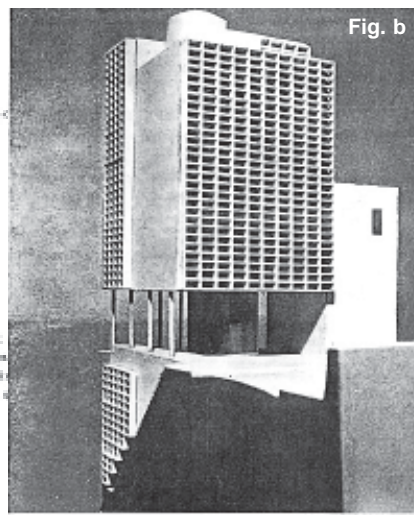
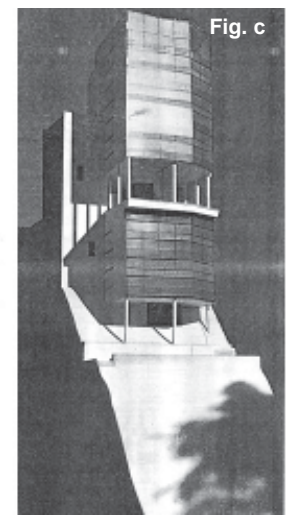


Fig. c



PON AL 5046

FACADES

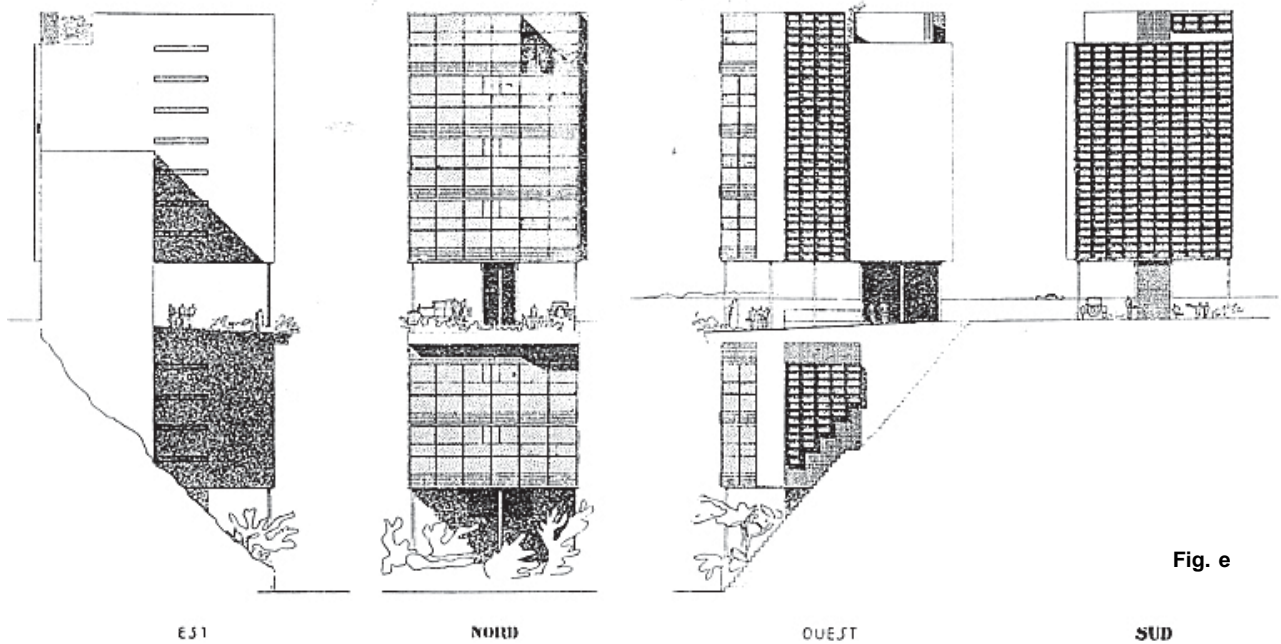


Fig. e

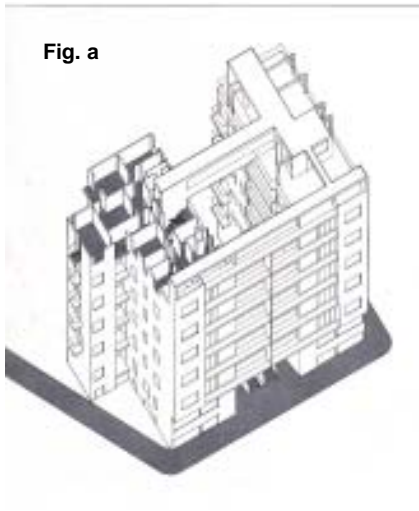


Fig. a



Fig. b

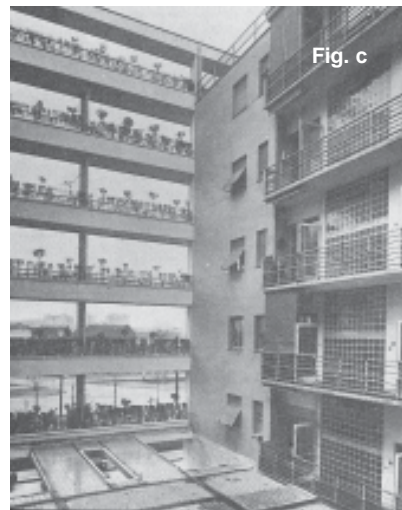


Fig. c



Fig. d



Fig. e



Fig. f

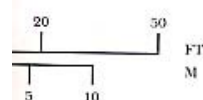
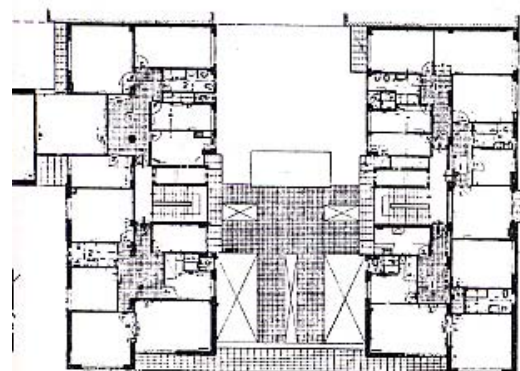
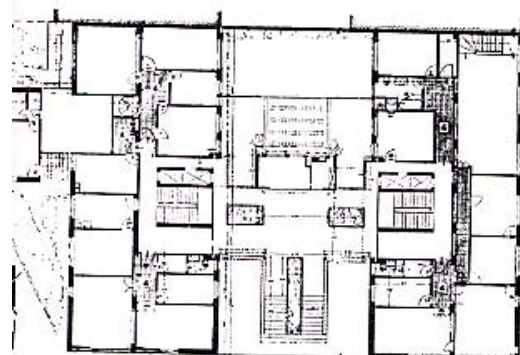


Fig. g

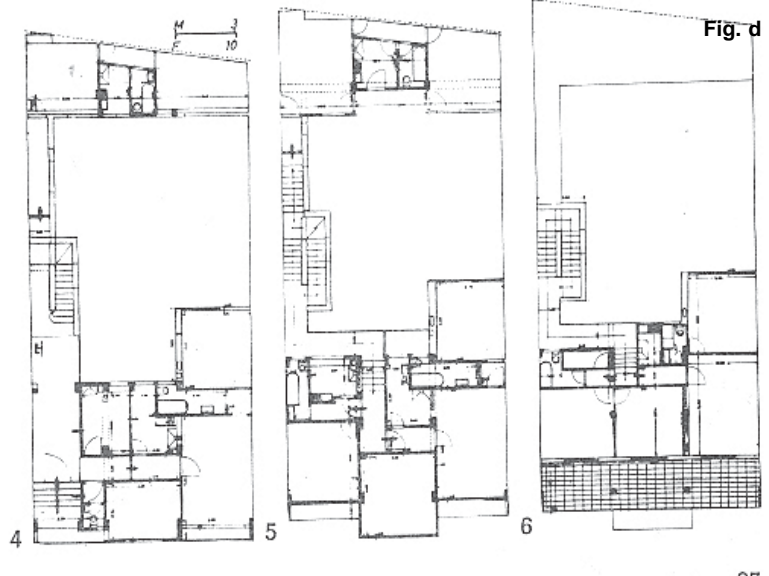
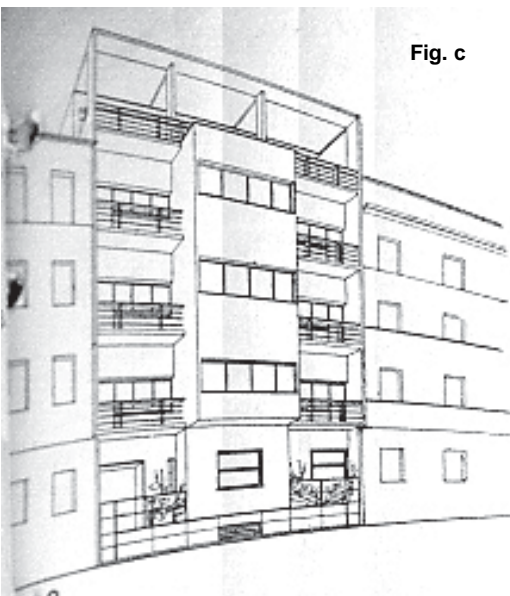




Fig. a



Fig. c



Fig. b

Fig. d



Fig. e

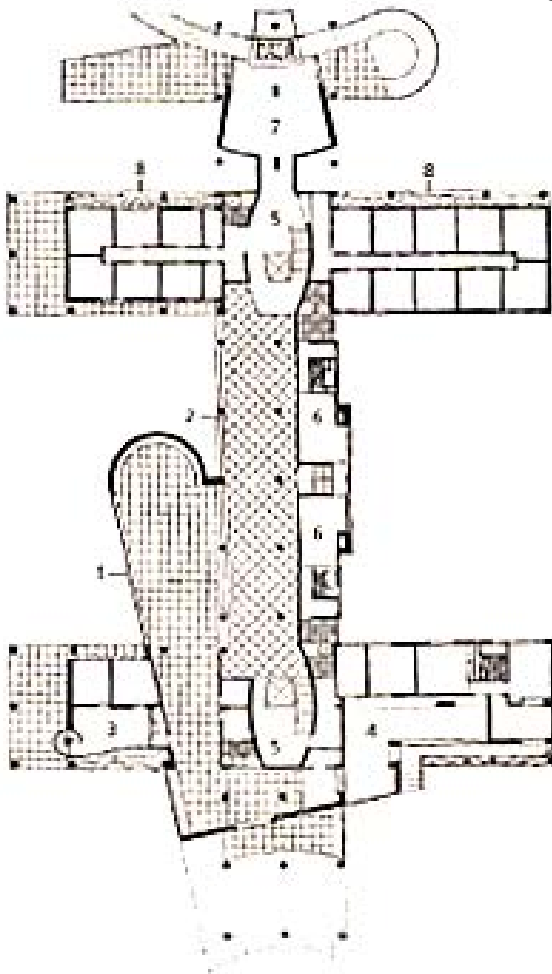


Fig. f

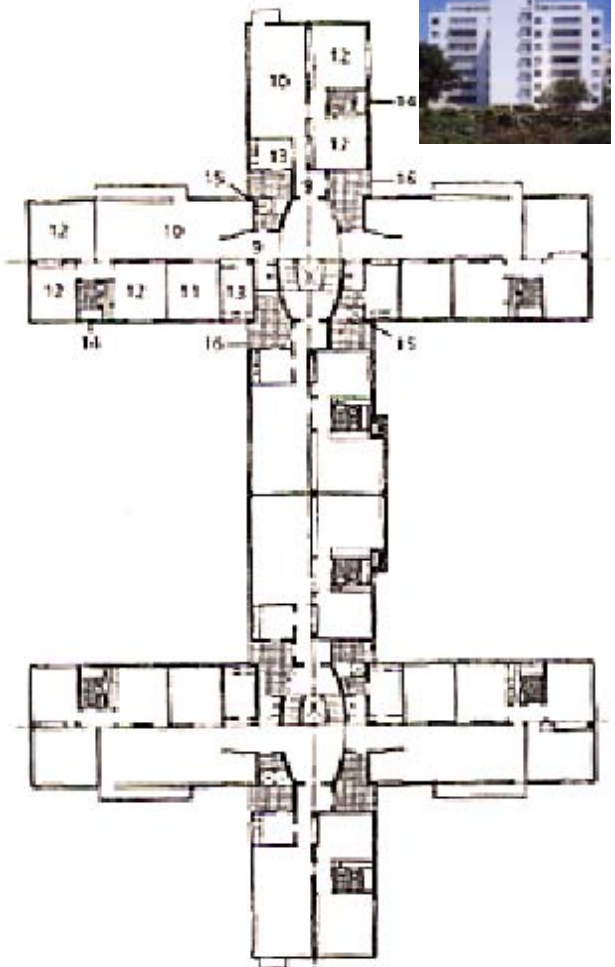


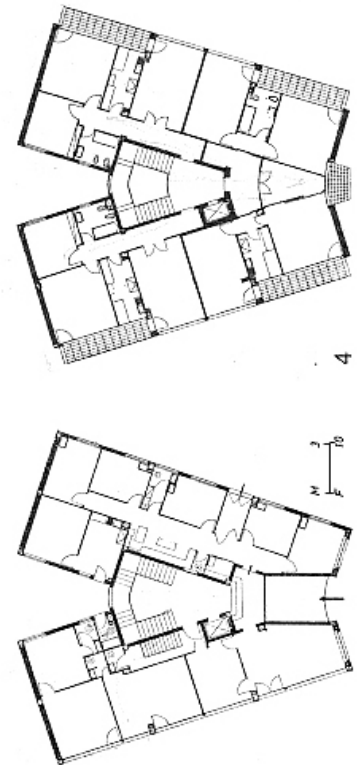
Fig. a



Fig. b



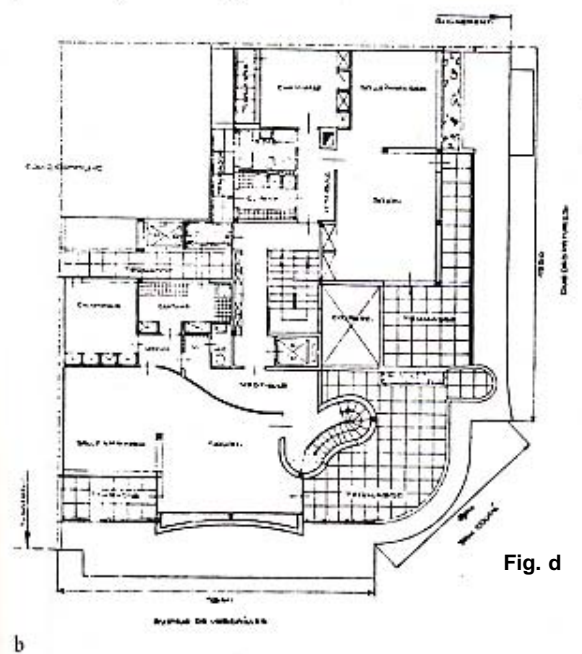
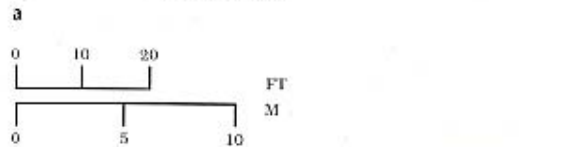
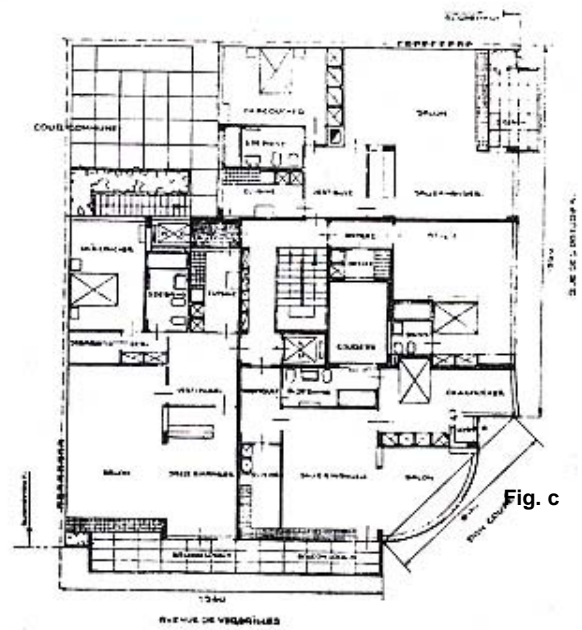
Fig. c



3

Fig. d





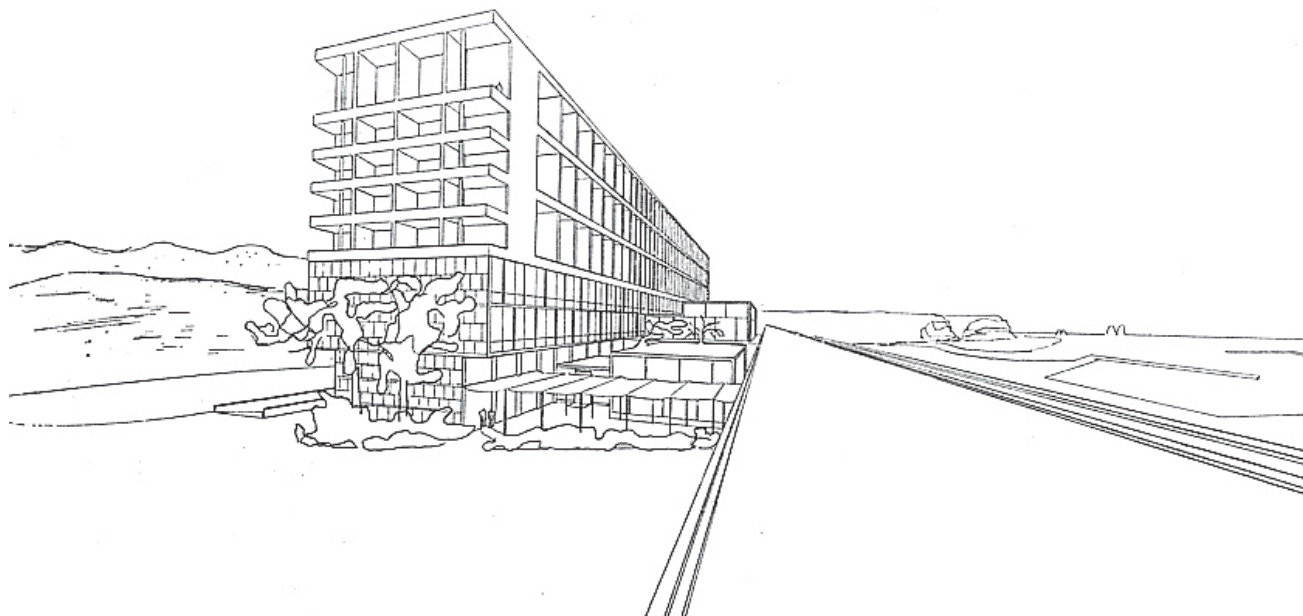


Fig. b

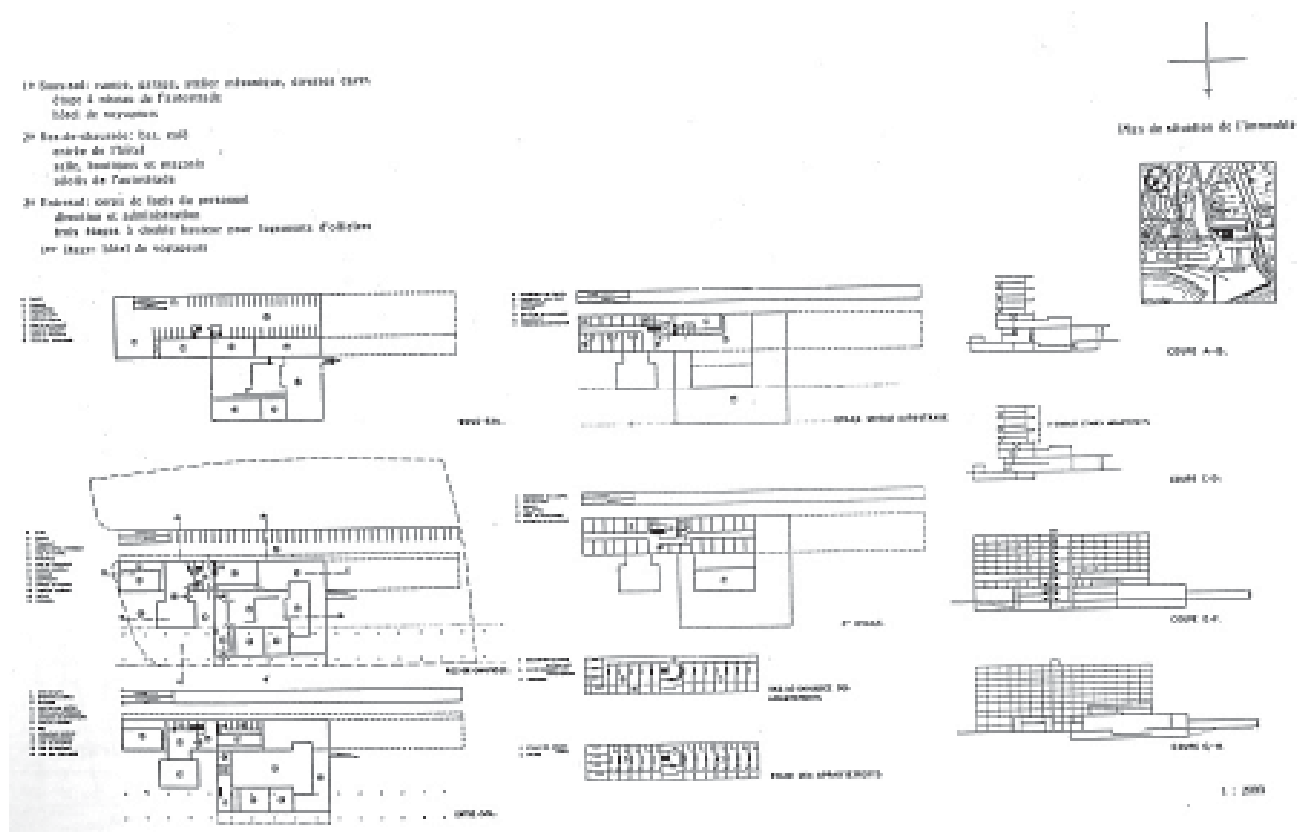
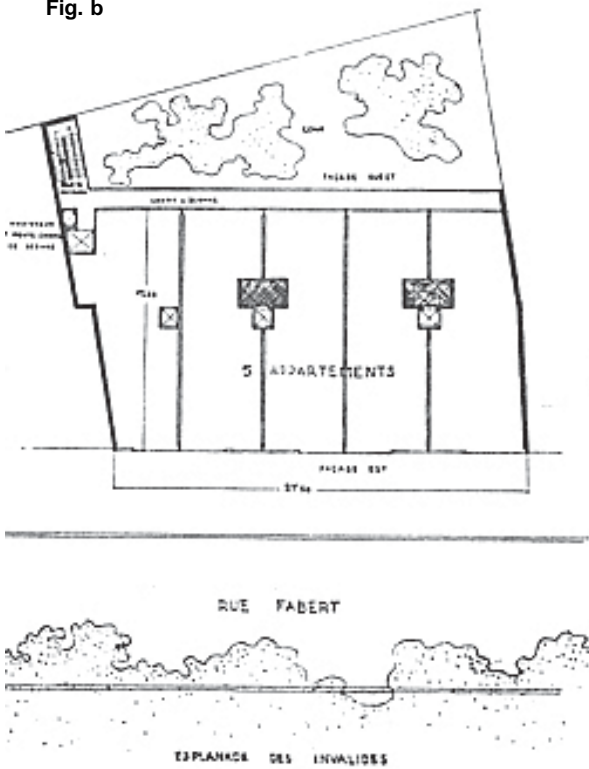




Fig. b



Disposition de cinq appartements en profondeur 1:500

Fig. c

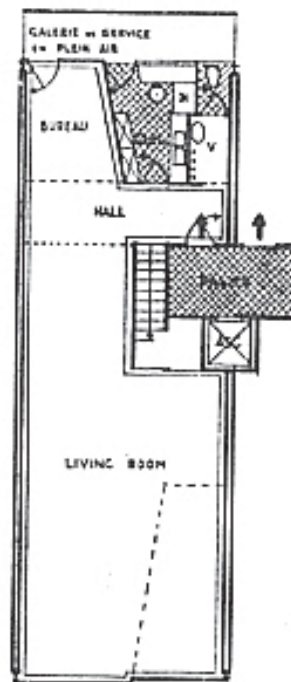
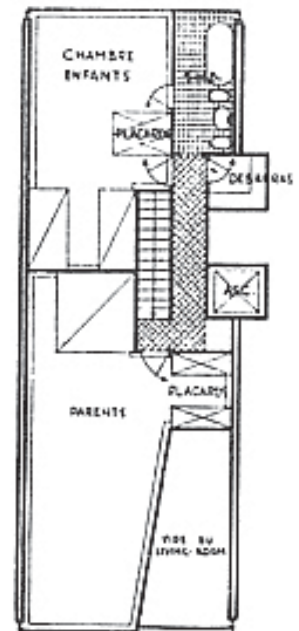


Fig. d



Nouvelle organisation de cube bâti du logis 1:200

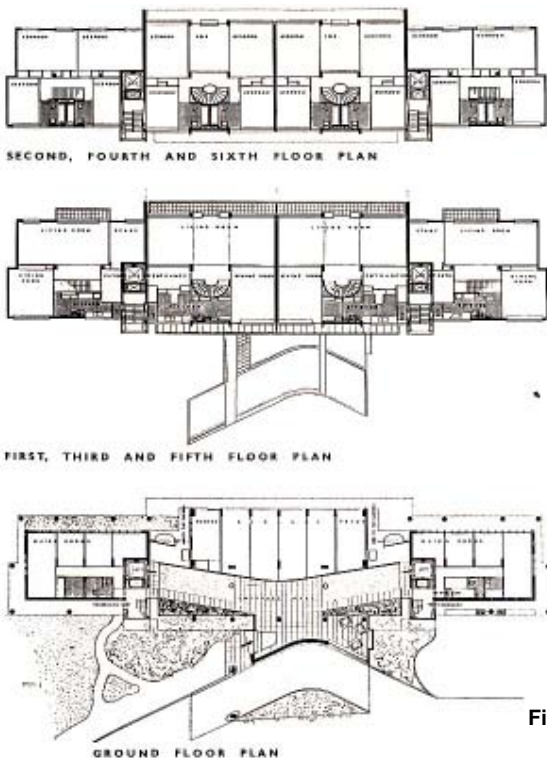


Fig. a



Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e

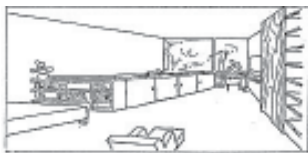


Fig. a



Fig. b



Fig. c

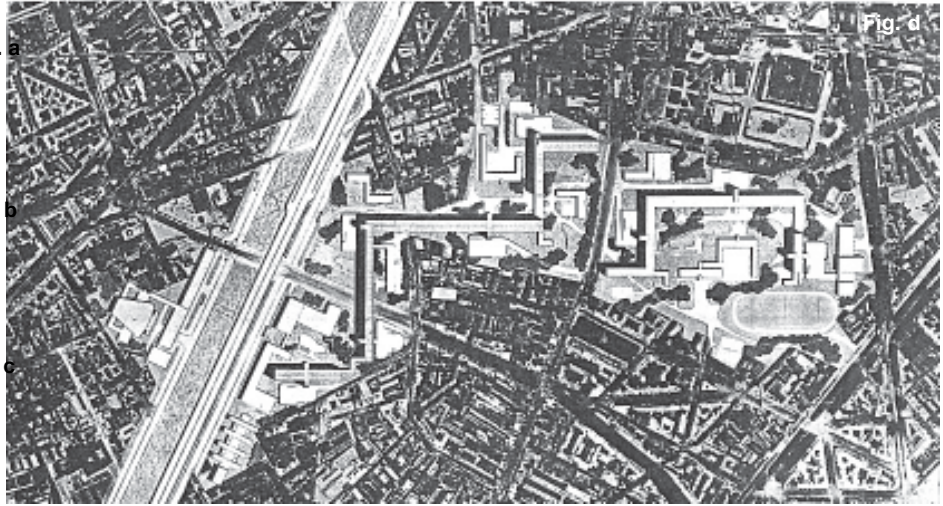


Fig. d

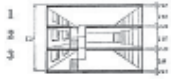


Fig. e

Type I
(Appartements à 6 et à 2 personnes) par travées de 5,50 m:

Nombre d'habitants	10
Nombre d'appartements	10
Nombre des unités	10
Nombre des locaux	5
Hauteur totale du bâtiment, sans locaux de service et cuisine	41,25 m
Cube total sans services communs	151,88 m ³
Surface habitable	100,00 m ²
Cube des appartements	100,00 m ³
Surface d'un appartement	17,00 m ²

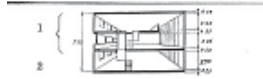
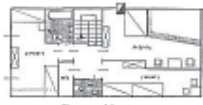


Fig. f

Type II
(Appartements à 6 personnes) par travées de 3,50 m:

Nombre d'habitants	10
Nombre d'appartements	10
Nombre des unités	10
Nombre des locaux	5
Hauteur totale du bâtiment, sans locaux de service et cuisine	41,25 m
Cube total sans services communs	200,00 m ³
Surface habitable	100,00 m ²
Cube des appartements	200,00 m ³
Surface d'un appartement	16,00 m ²



Appartements Nord-Sud
La surface habitable pour un bâtiment avec de 100 m² à 1.000 m²

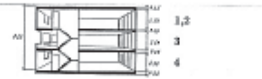
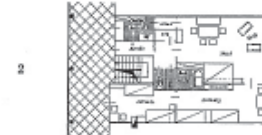


Fig. g

Type III
(Appartements à 6 et à 2 personnes) par travées de 7,00 m:

Nombre d'habitants	10
Nombre d'appartements	10
Nombre des unités	10
Nombre des locaux	5
Hauteur totale du bâtiment, sans locaux de service et cuisine	41,25 m
Cube total sans services communs	230,00 m ³
Surface habitable	110,00 m ²
Cube des appartements	230,00 m ³
Surface d'un appartement	19,00 m ²



Appartements Nord-Sud
La surface habitable pour un bâtiment avec de 100 m² à 1.000 m²

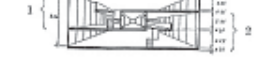


Fig. h

Type I
(Appartements à 6 personnes) par travées de 5,50 m:

Nombre d'habitants	10
Nombre d'appartements	10
Nombre des unités	10
Nombre des locaux	5
Hauteur totale du bâtiment, sans locaux de service et cuisine	41,25 m
Cube total sans services communs	151,88 m ³
Surface habitable	100,00 m ²
Cube des appartements	100,00 m ³
Surface d'un appartement	17,00 m ²

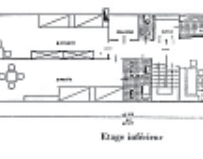
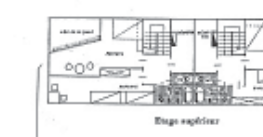


Fig. i

Type III
(Appartements à 4 personnes) par travées de 5,50 m:

Nombre d'habitants	10
Nombre d'appartements	10
Nombre des unités	10
Nombre des locaux	5
Hauteur totale du bâtiment, sans locaux de service et cuisine	41,25 m
Cube total sans services communs	100,00 m ³
Surface habitable	100,00 m ²
Cube des appartements	100,00 m ³
Surface d'un appartement	10,00 m ²



Appartements Est-Ouest
La surface habitable pour un bâtiment avec de 100 m² à 1.000 m²



Fig. j

Type IV
(Appartements à 2 ou 3 personnes) par travées de 3,50 m:

Nombre d'habitants	10
Nombre d'appartements	10
Nombre des unités	10
Nombre des locaux	5
Hauteur totale du bâtiment, sans locaux de service et cuisine	41,25 m
Cube total sans services communs	43,75 m ³
Surface habitable	100,00 m ²
Cube des appartements	100,00 m ³
Surface d'un appartement	10,00 m ²

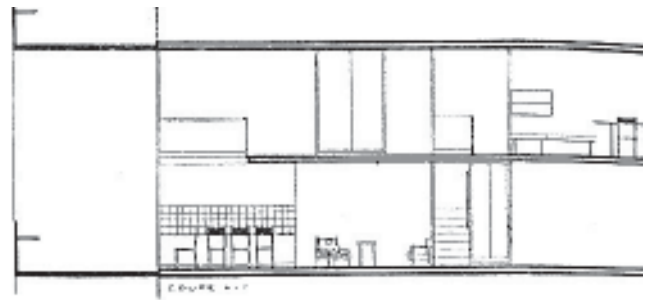


Appartements Est-Ouest
La surface habitable pour un bâtiment avec de 100 m² à 1.000 m²



Situation (niveau des pilotis)
The site (at pilotis level)

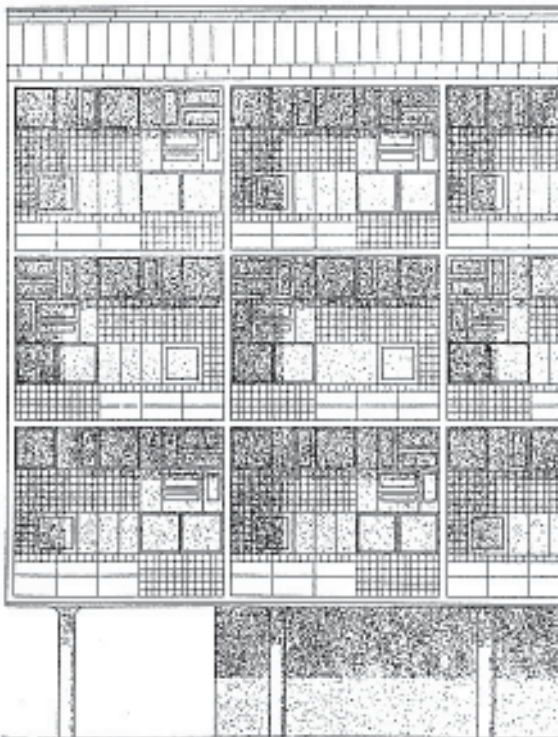
Fig. a



La coupe
The section

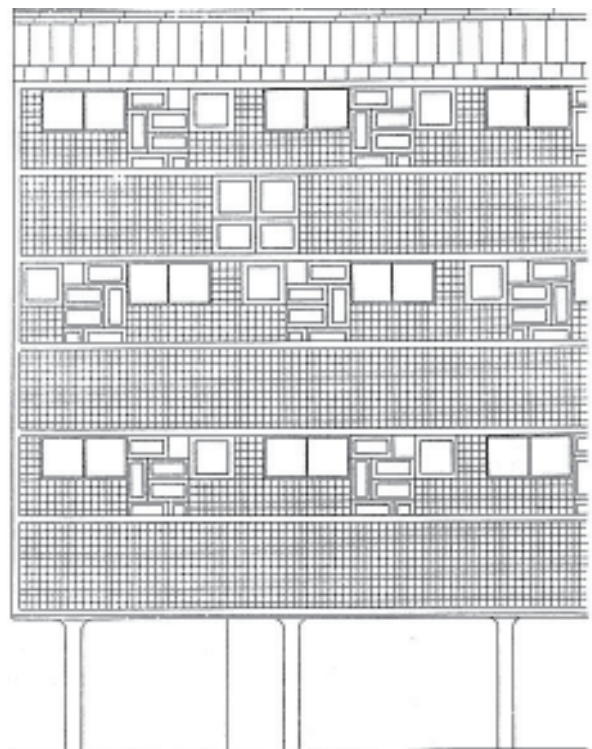
Un appartement courant
A cross-wall flat

Fig. b



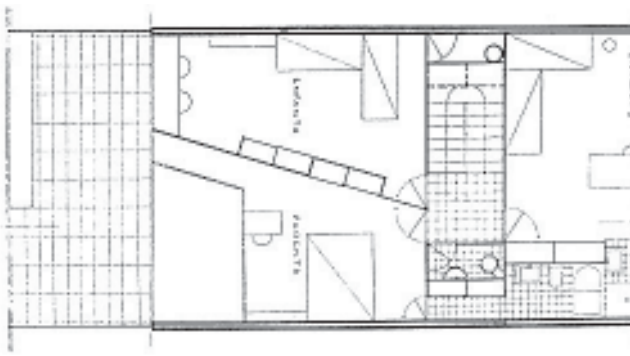
Façade sud avec balcons
South elevation with balconies

Fig. c



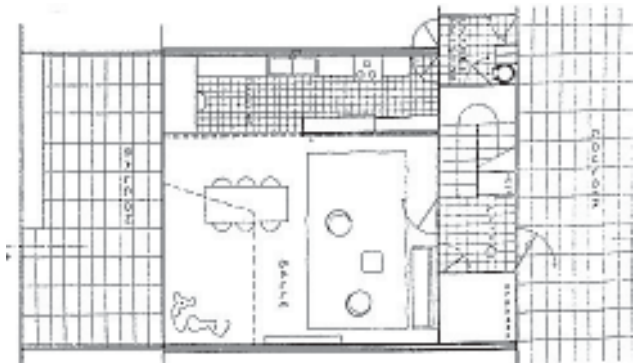
Façade nord avec couloirs
North elevation with corridors

Fig. d



La galerie

Fig. e



L'étage d'entrée
Access level

Fig. f



Fig. a

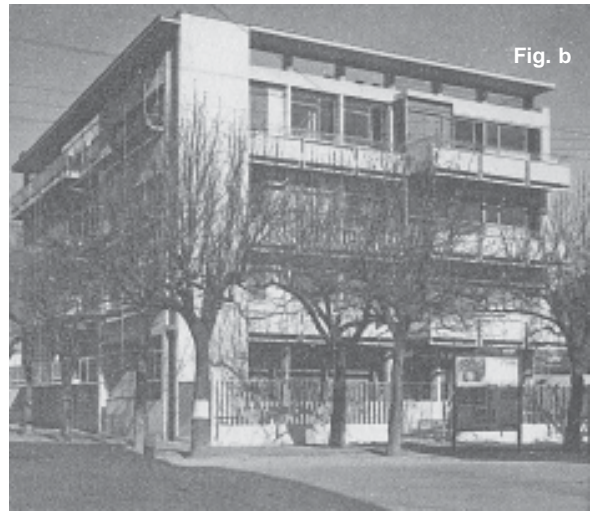


Fig. b

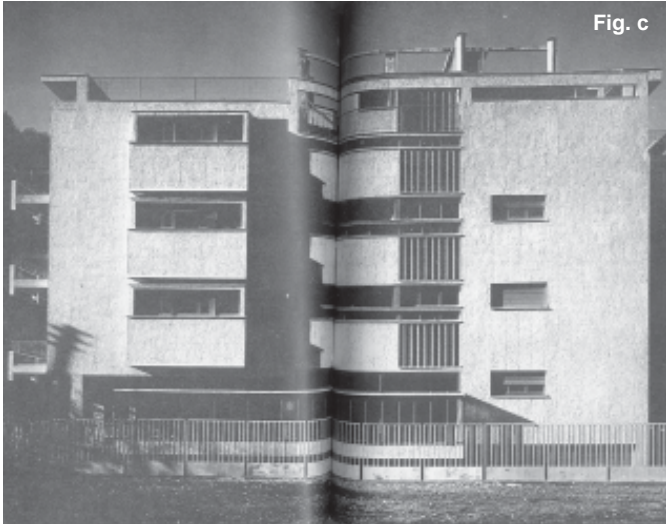


Fig. c



Fig. e



Fig. f

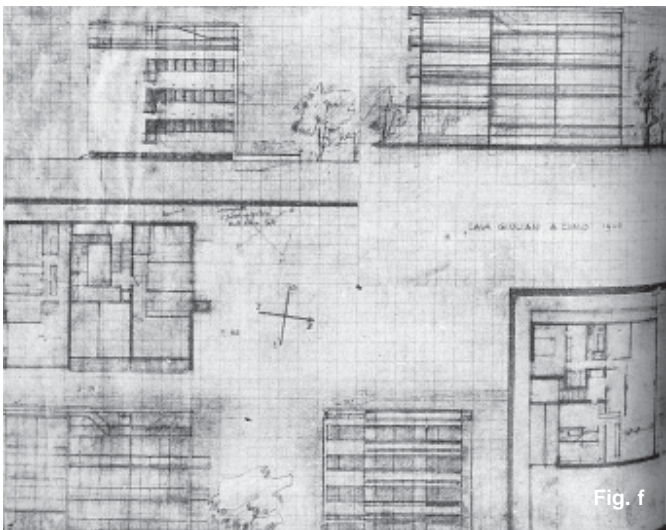


Fig. g

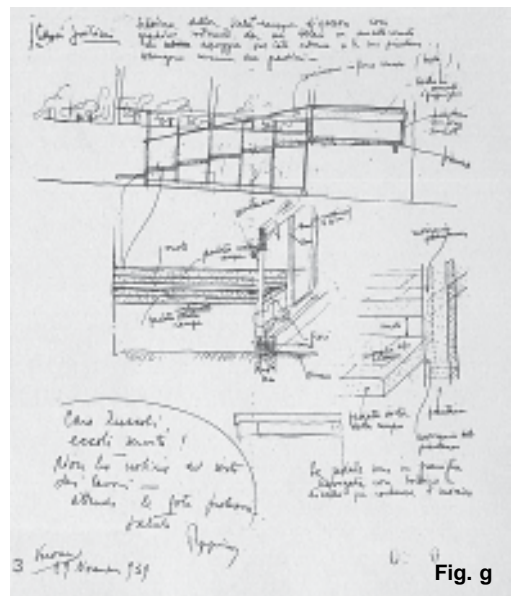


Fig. h

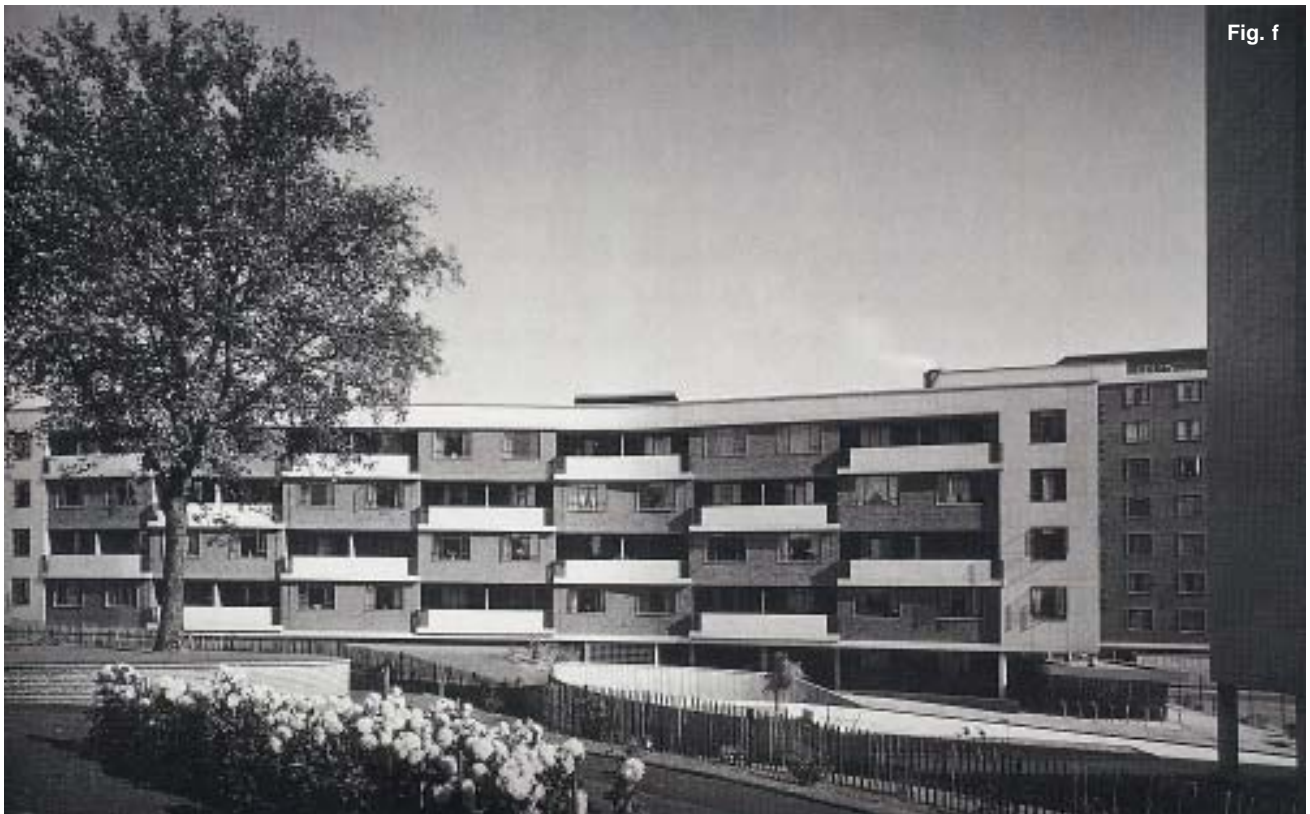
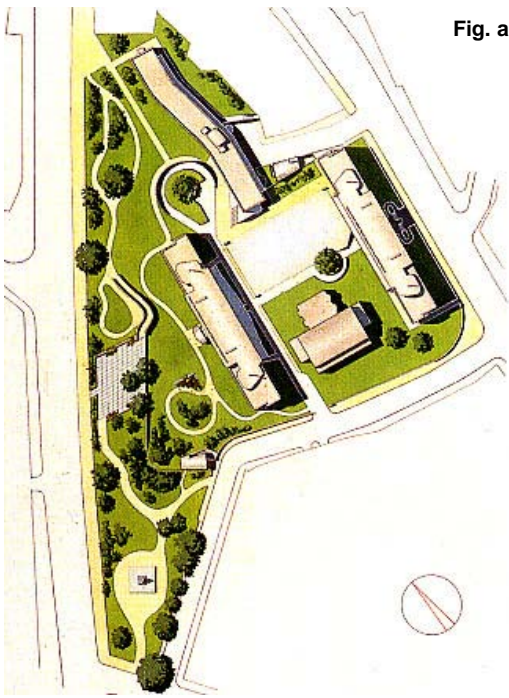




Fig. a



Fig. b



Fig. c

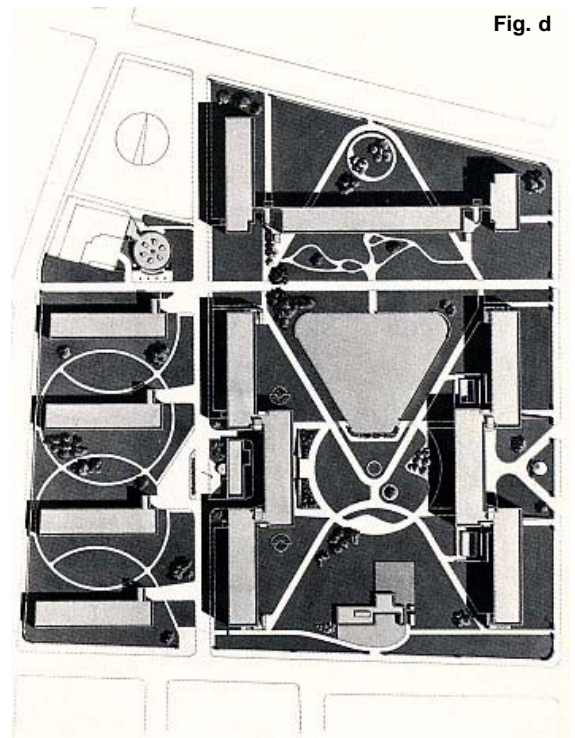


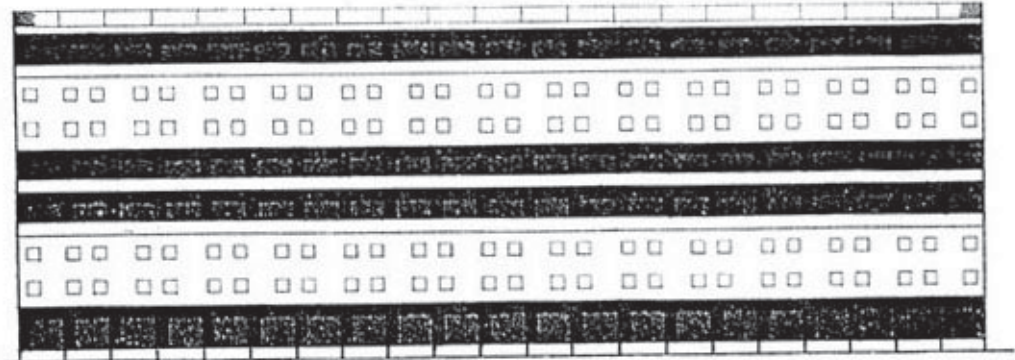
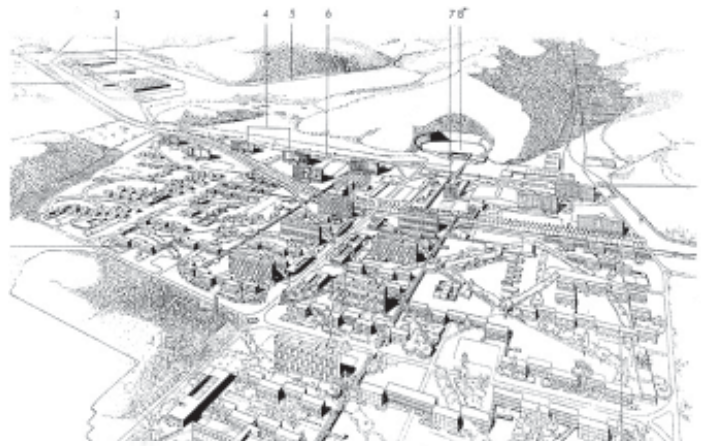
Fig. d



Fig. e



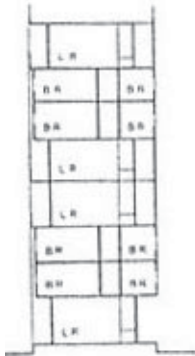
Fig. f



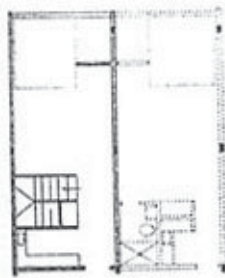
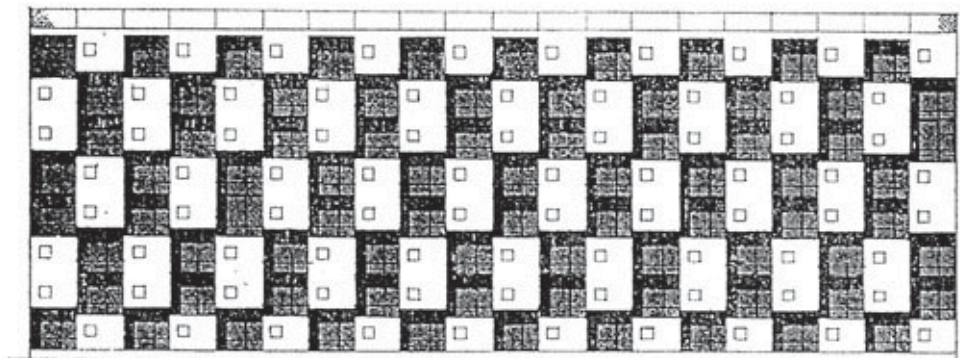
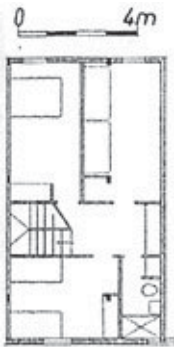
FAÇADE D'UN BLOC AVEC APPARTEMENTS A DEUX NIVEAUX (DUPLEX).

NIVEAU DES CHAMBRES

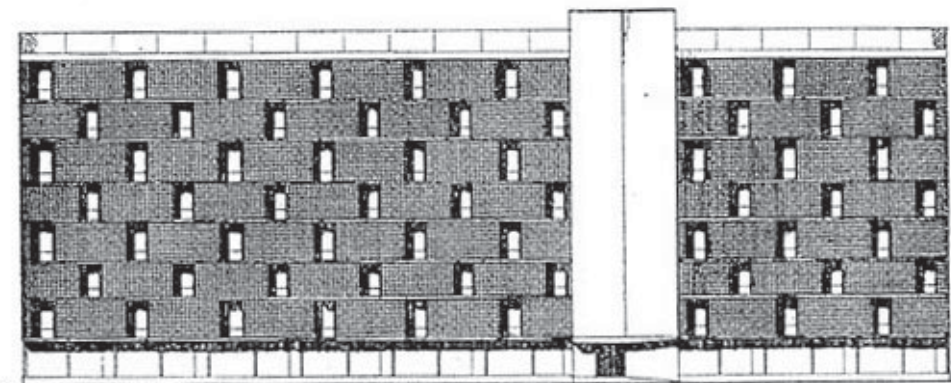
NIVEAU DU SÉJOUR ET DE LA CIRCULATION

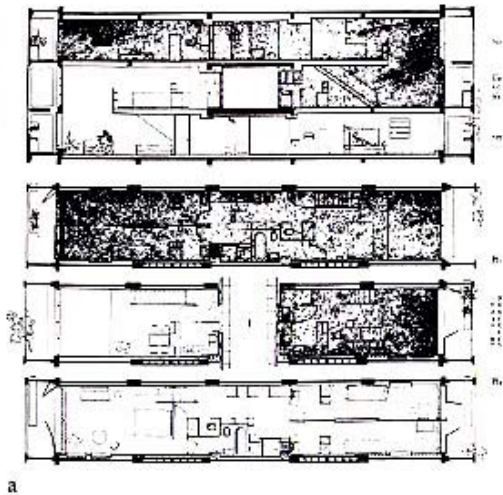


PLAN ET COUPE D'UN IMMEUBLE AVEC APPARTEMENTS A UN ET DEUX NIVEAUX — EN GRISE : LOGEMENTS D'UNE PIECE. — L.R. Séjour. — B.D. Chambre.



PLANS au niveau du séjour et des chambres d'un immeuble-type. — En pointillé, logement d'une pièce.





a

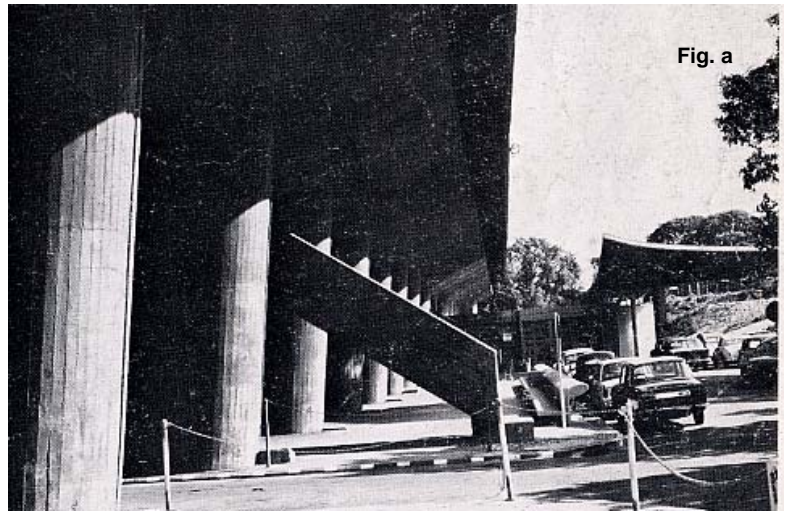
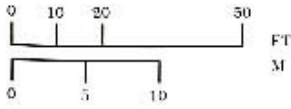


Fig. a

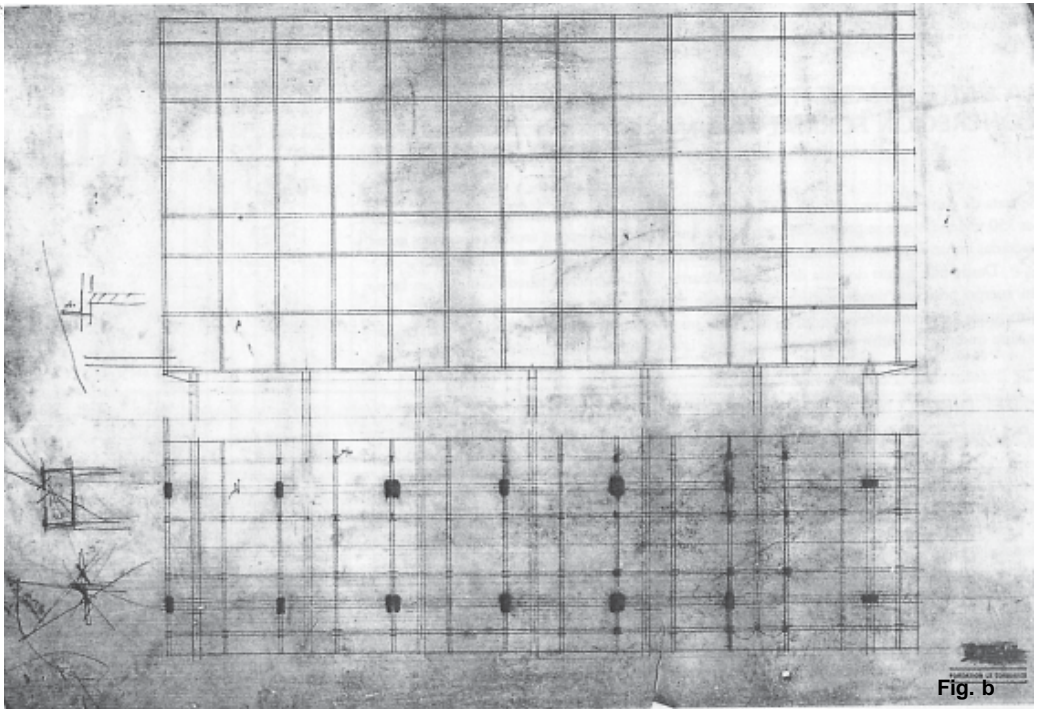


Fig. b

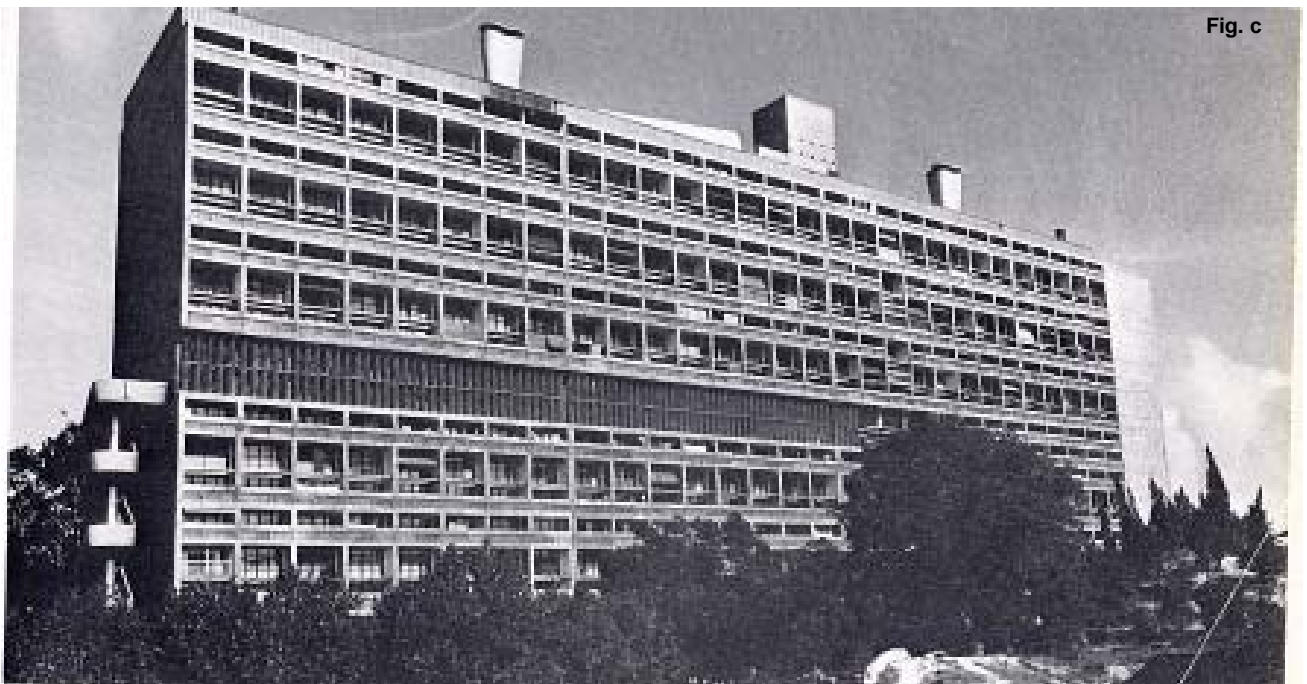


Fig. c



Fig. a



Fig. b



Fig. c

Fig. a



Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e



Fig. f





Fig. a



Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e

Fig. a

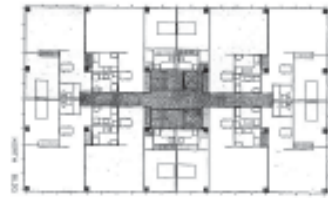
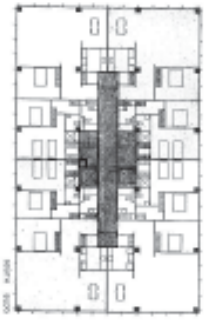


Fig. c

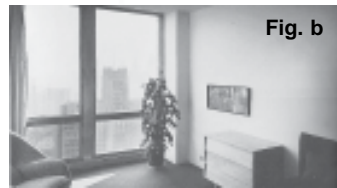
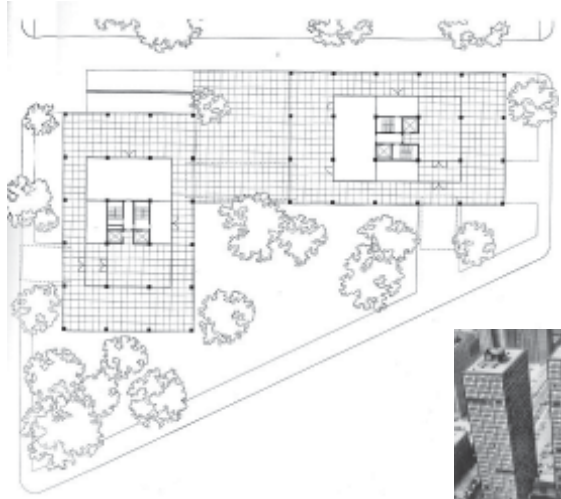


Fig. b



Fig. d



Fig. e



Fig. f



Fig. g



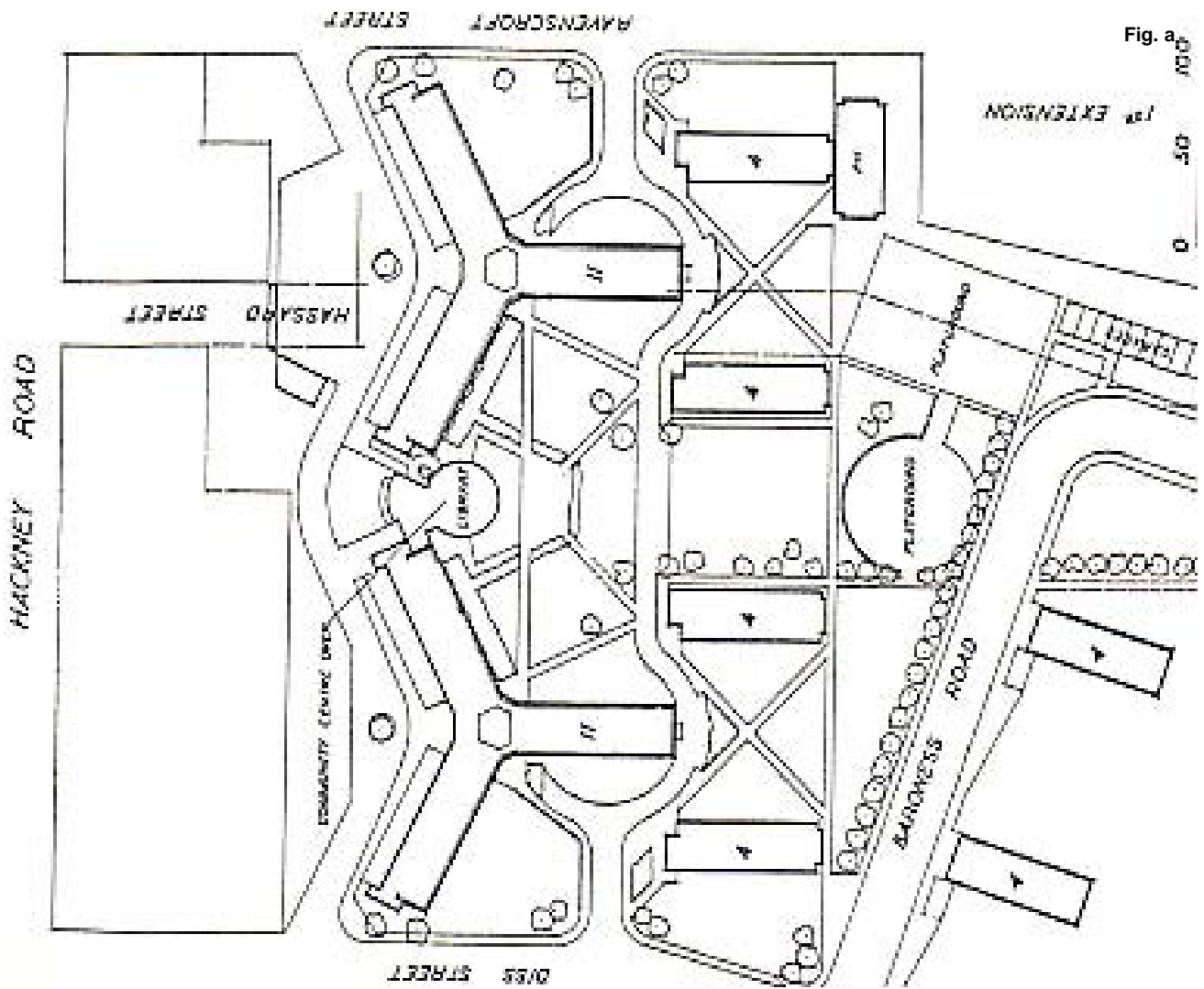
Fig. h



Fig. i



Fig. j



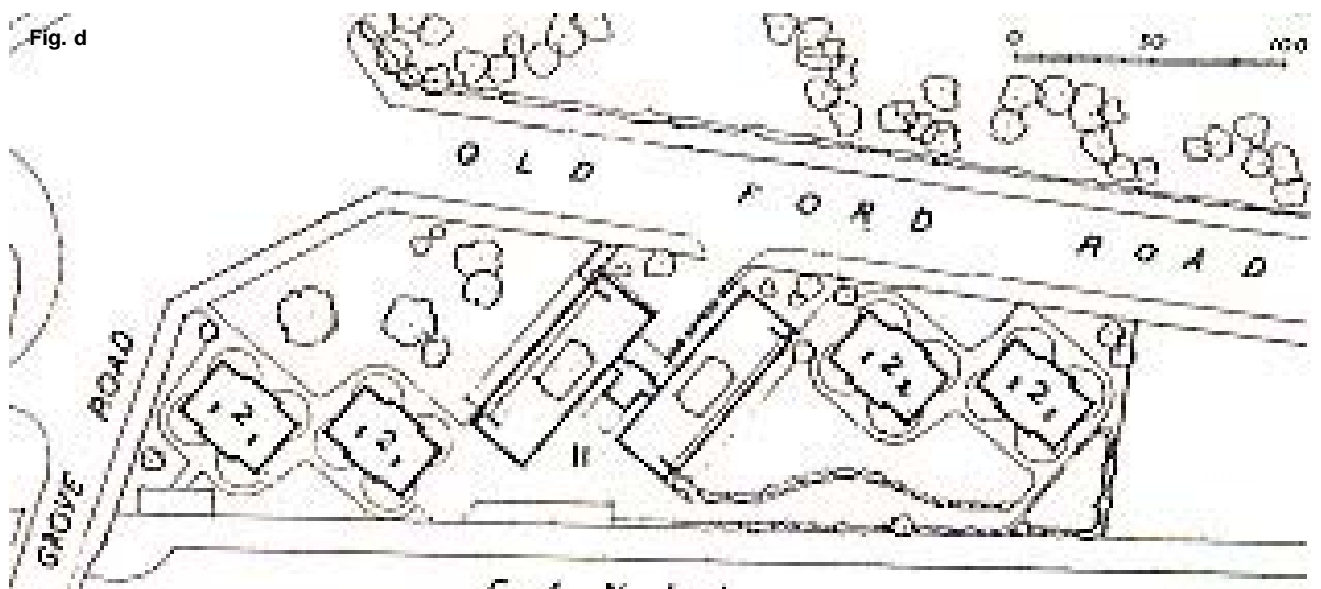




Fig. a



Fig. b



Fig. c



Fig. d



Fig. e



Fig. a



Fig. b



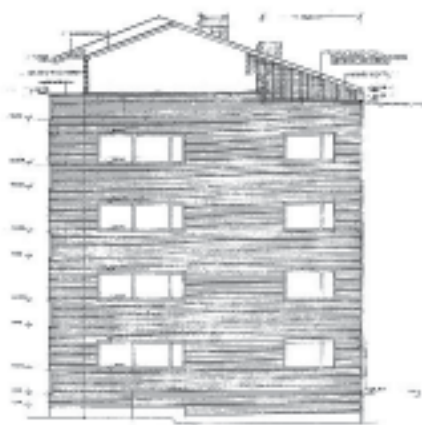
Fig. c



Fig. d

Fig. e

Fig. f



Uno de las fachadas con listón. La parte de la cubierta de celosía y sus balcones están visualmente separados del bloque residencial. El carrizamiento de los listones es de listón visto especial y textura más fina que los demás muros también de listón visto.

Uma das fachadas com madeira. Esta madeira está separada visualmente do bloco de residência residencial. As entranças da madeira estão revestidas de ripão especial à vista, com uma textura mais fina que a de outras paredes de ripão.

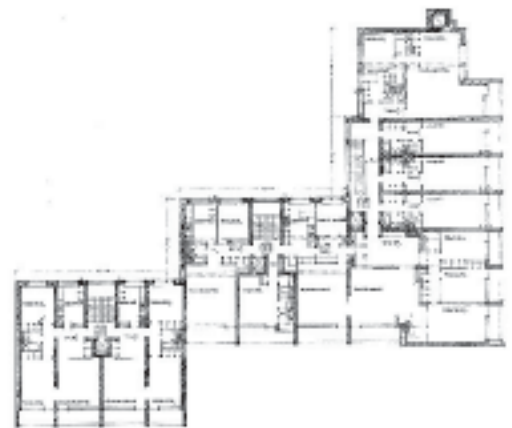


Planta baja del emprendimiento. / Rése do chão, ante-projeito.

Fig. g



Planta tipo con la distribución de los pisos.
Ardenar modelo, com os planos das habitações.



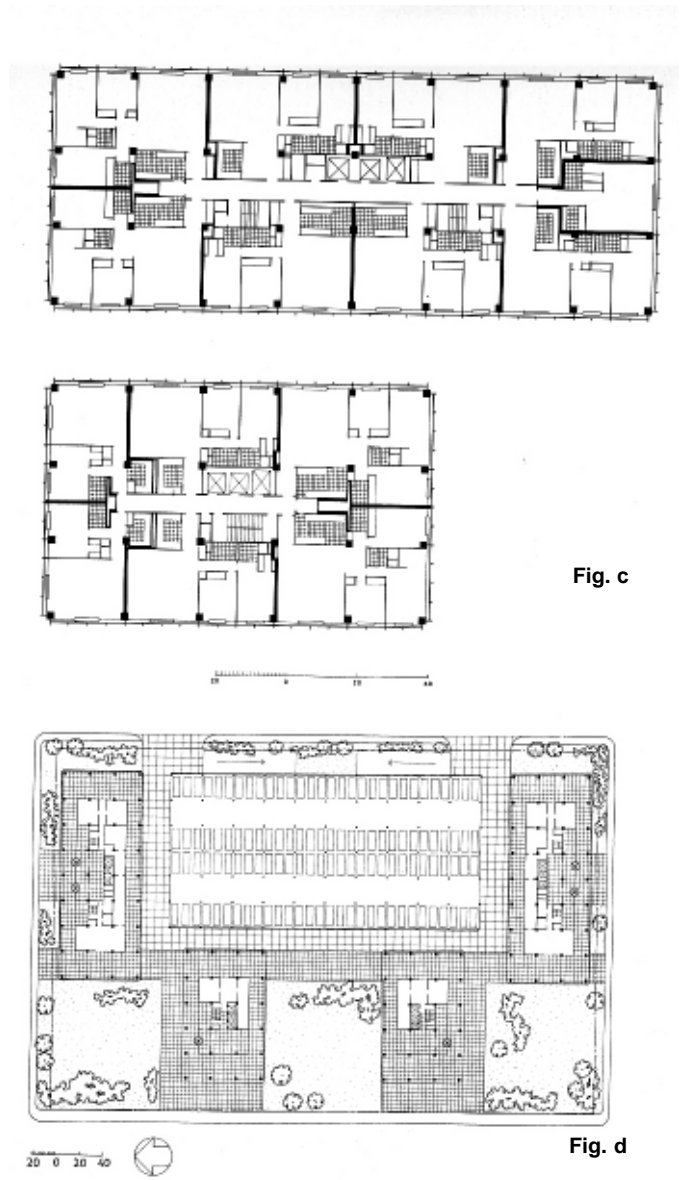




Fig. f



Fig. g



Fig. h

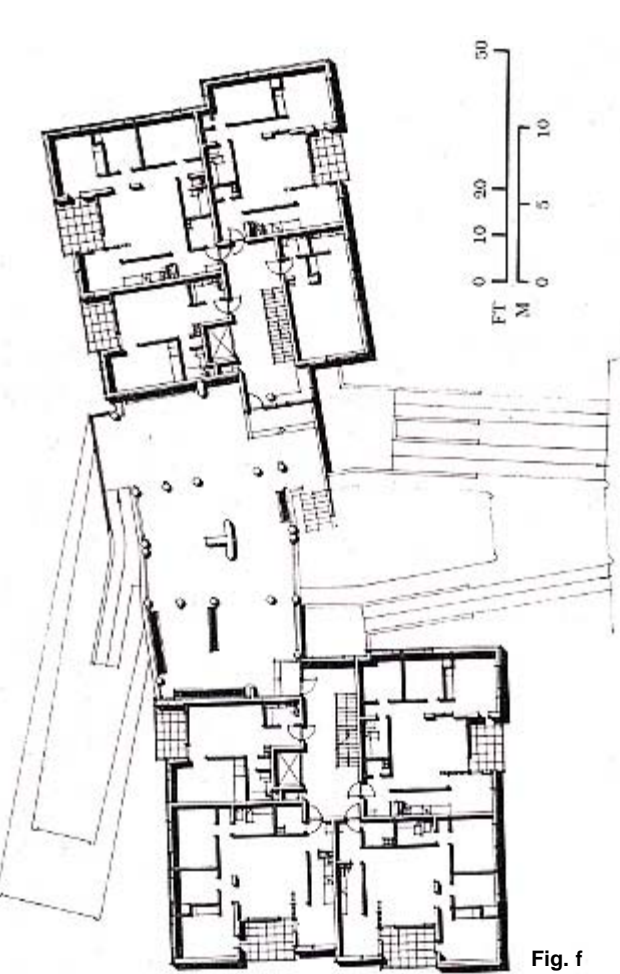
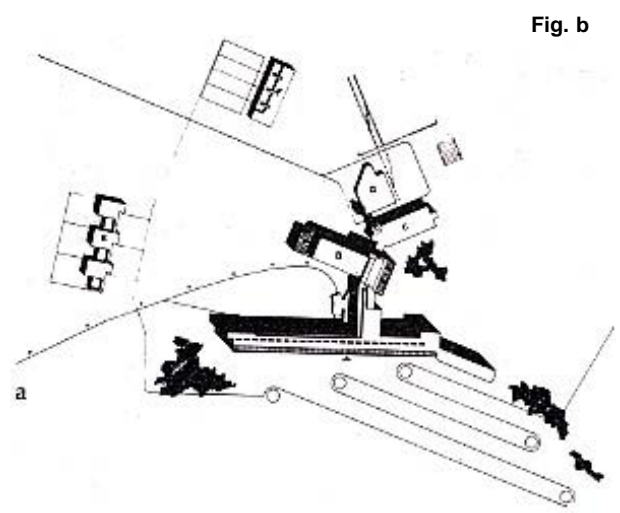




Fig. a

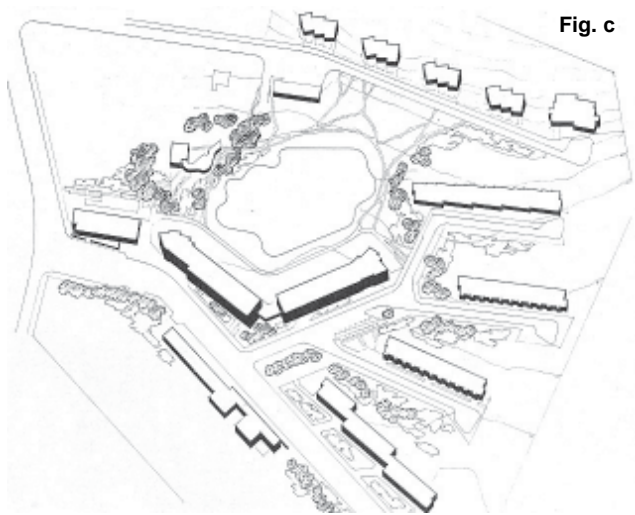


Fig. c



Fig. b



Fig. d

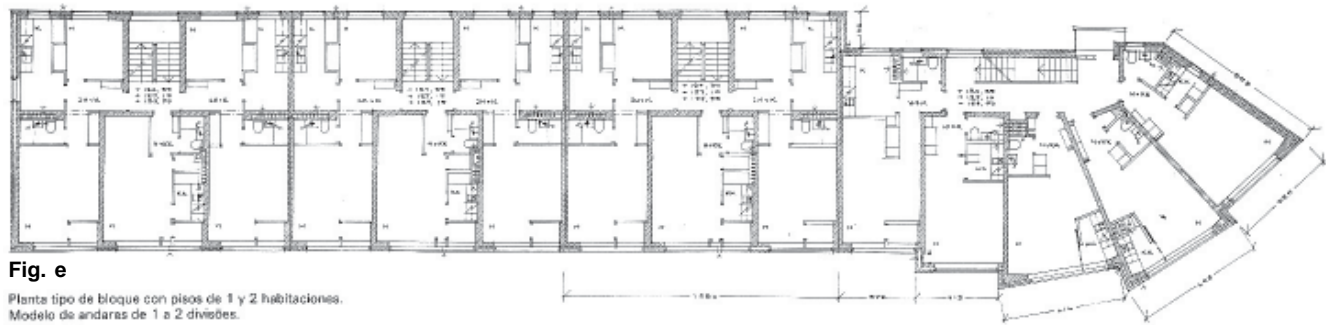


Fig. e

Planta tipo de bloque con pisos de 1 y 2 habitaciones.
Modelo de andaras de 1 a 2 divisiones.

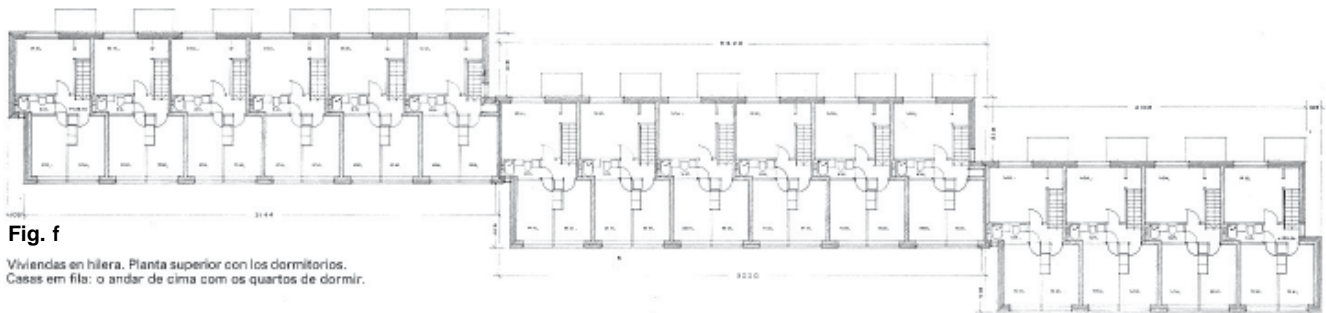


Fig. f

Viviendas en hilera. Planta superior con los dormitorios.
Casas em fila: o andar de cima com os quartos de dormir.

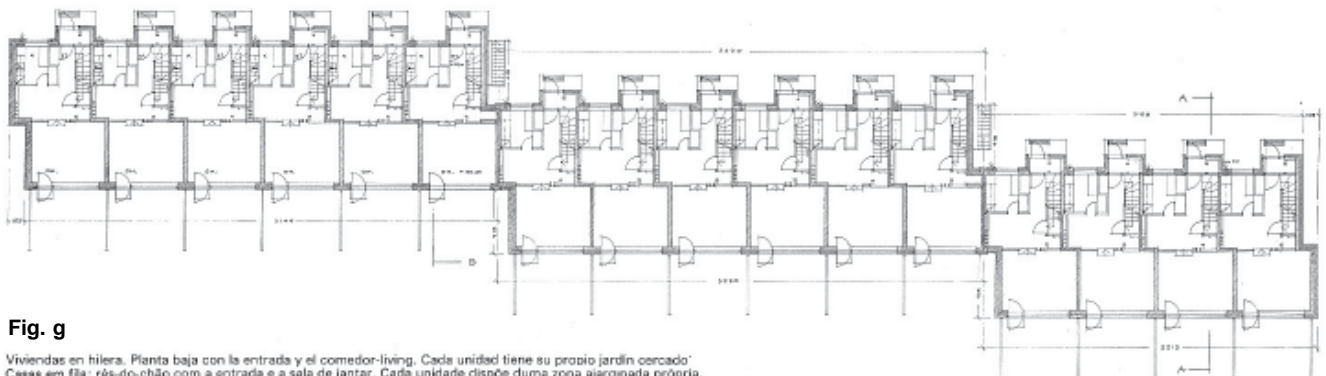


Fig. g

Viviendas en hilera. Planta baja con la entrada y el comedor-living. Cada unidad tiene su propio jardín cercado.
Casas em fila: rés-do-chão com a entrada e a sala de jantar. Cada unidade dispõe duma zona ajardinada própria.



Fig. a

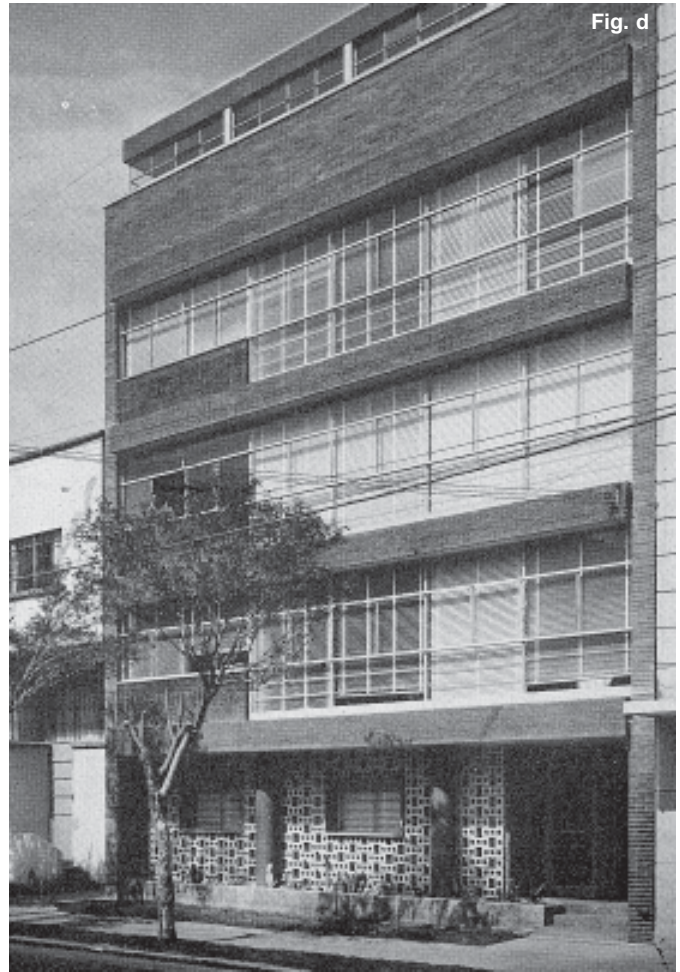


Fig. d

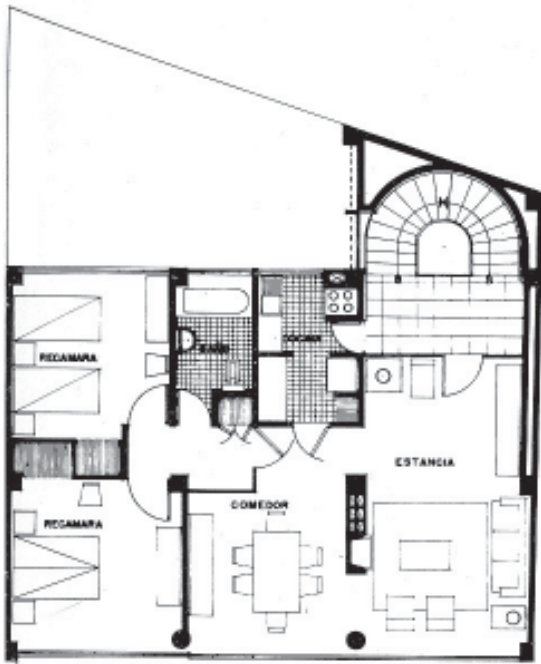


Fig. b
PLANTA TIPO

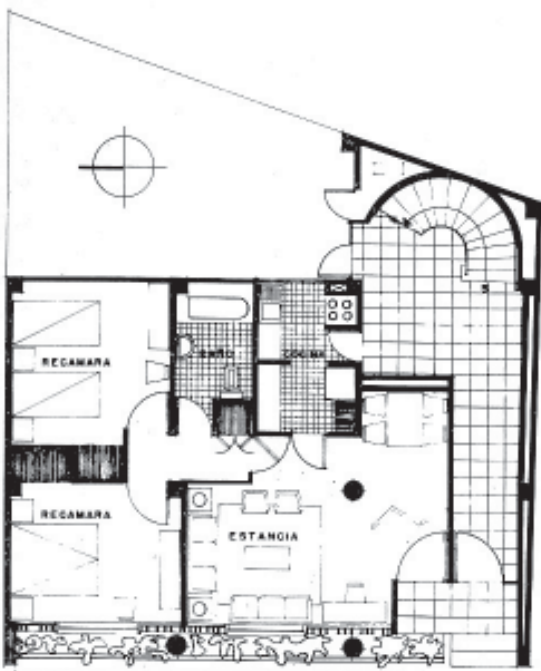


Fig. c
PLANTA BAJA

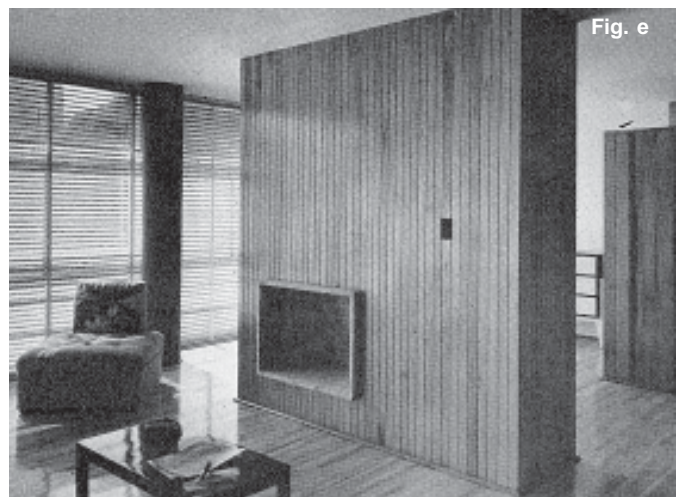


Fig. e

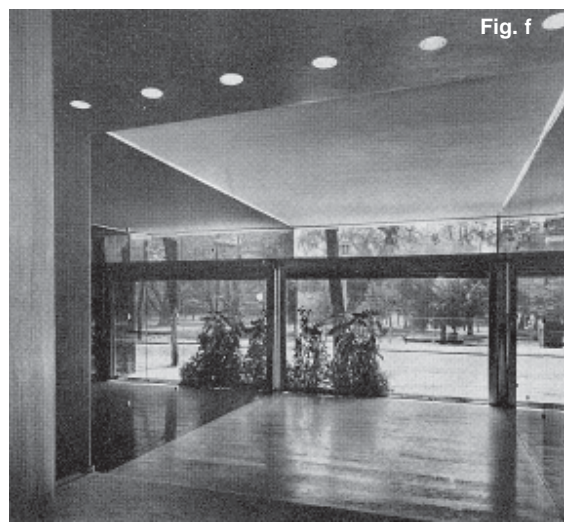
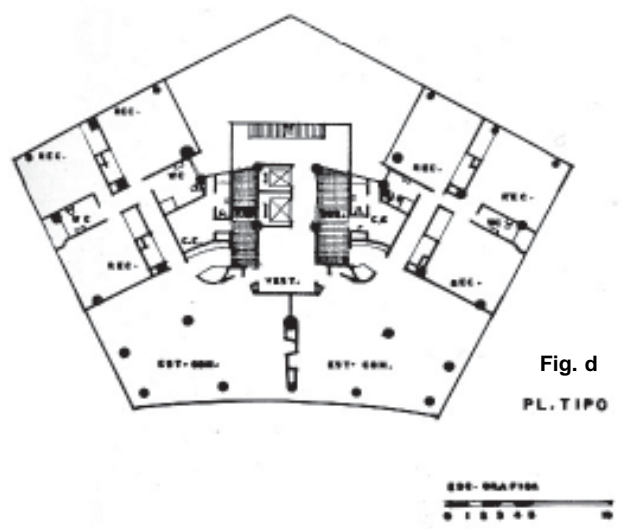
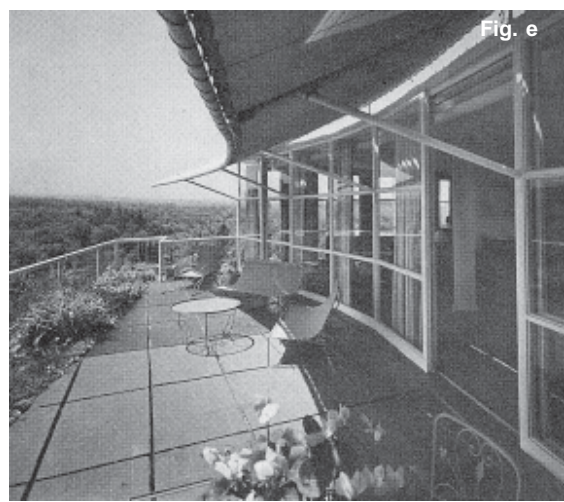
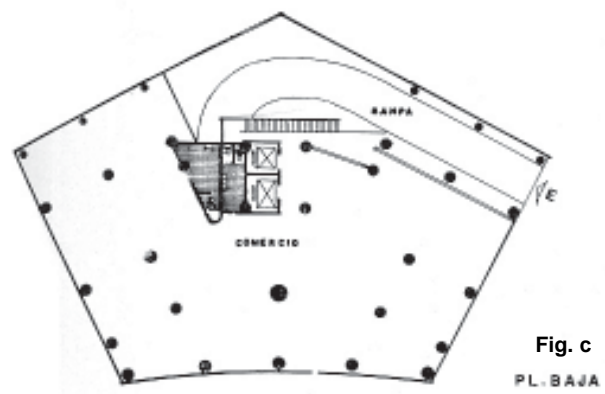
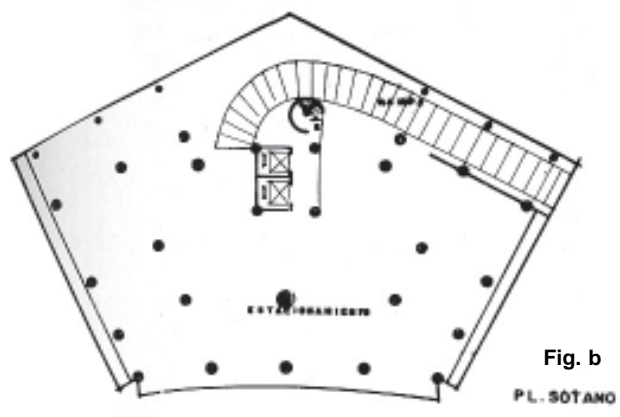




Fig. a

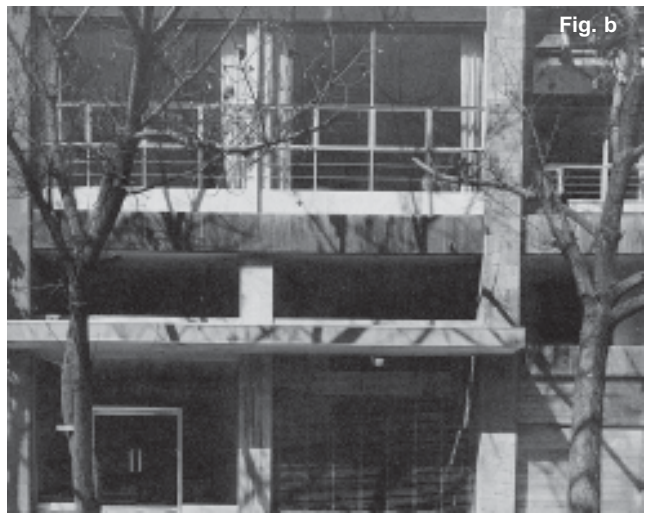


Fig. b

Fig. c

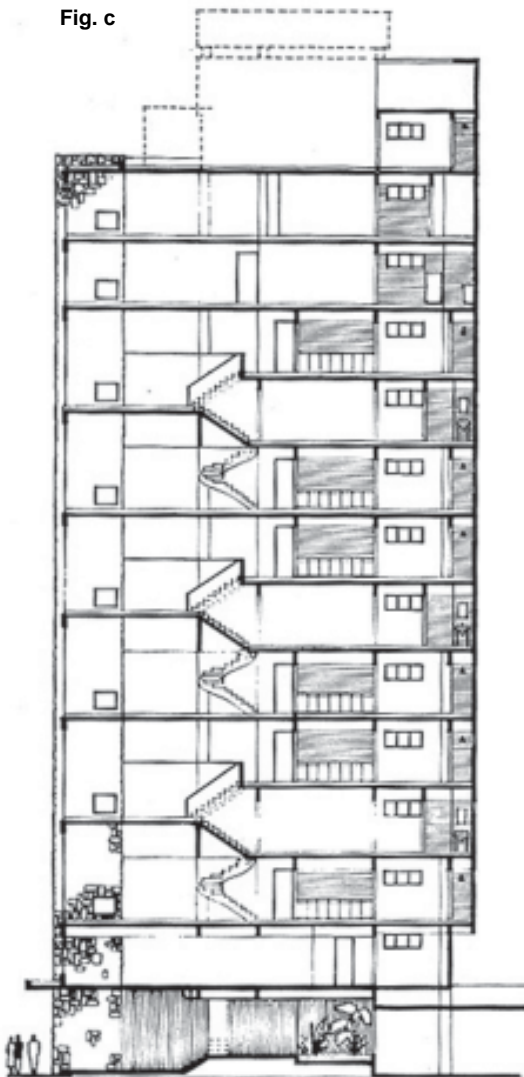


Fig. d

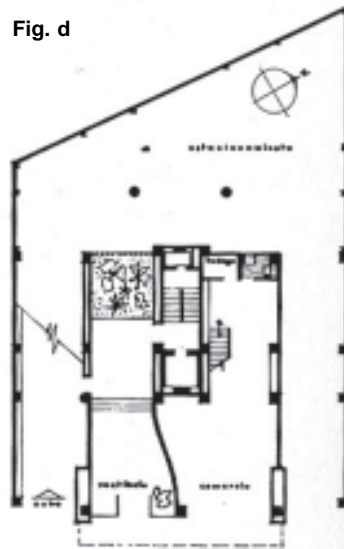


Fig. e

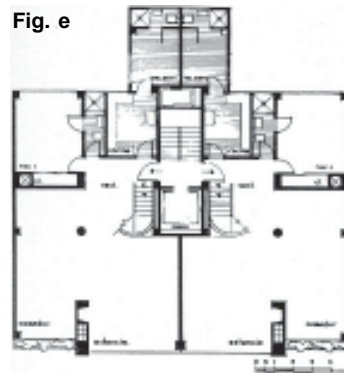
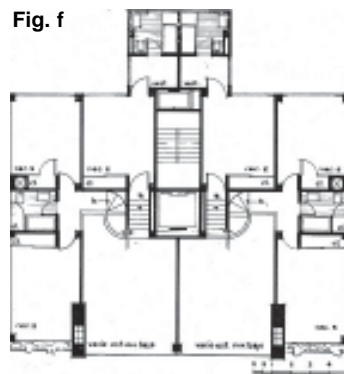
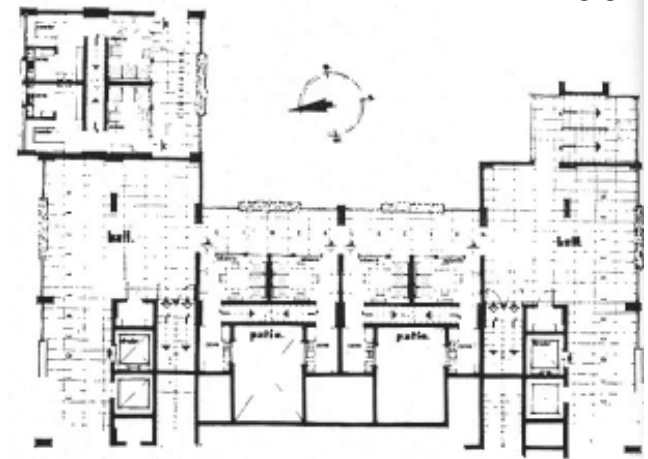
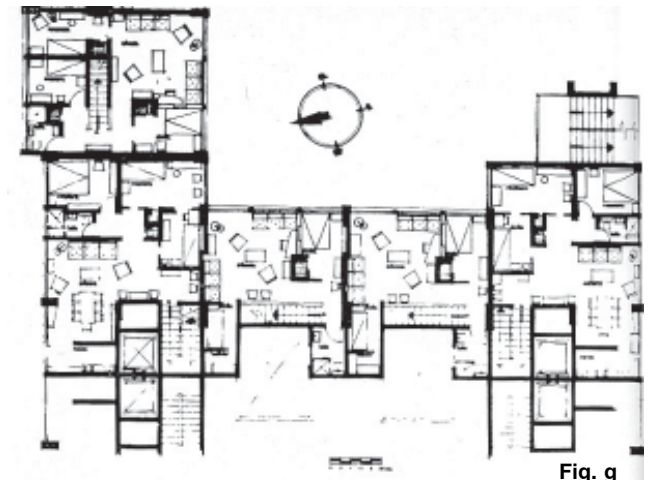
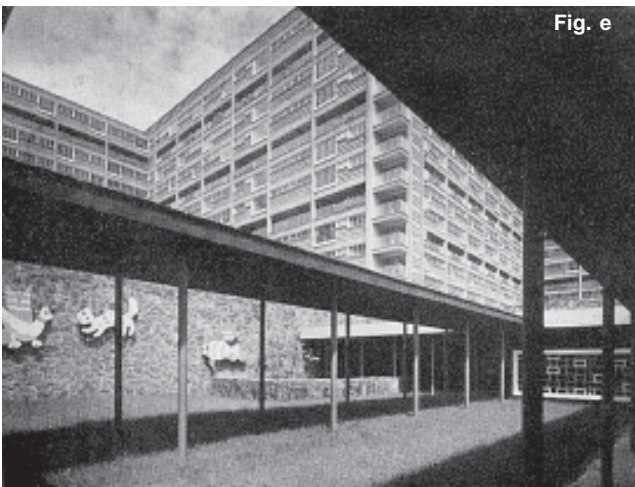
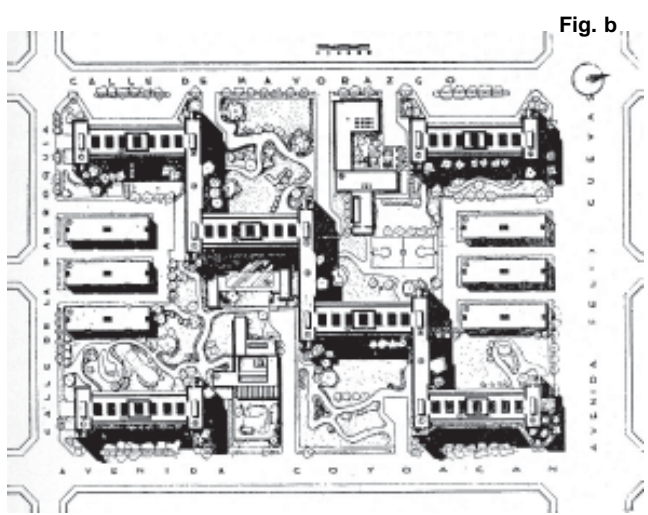
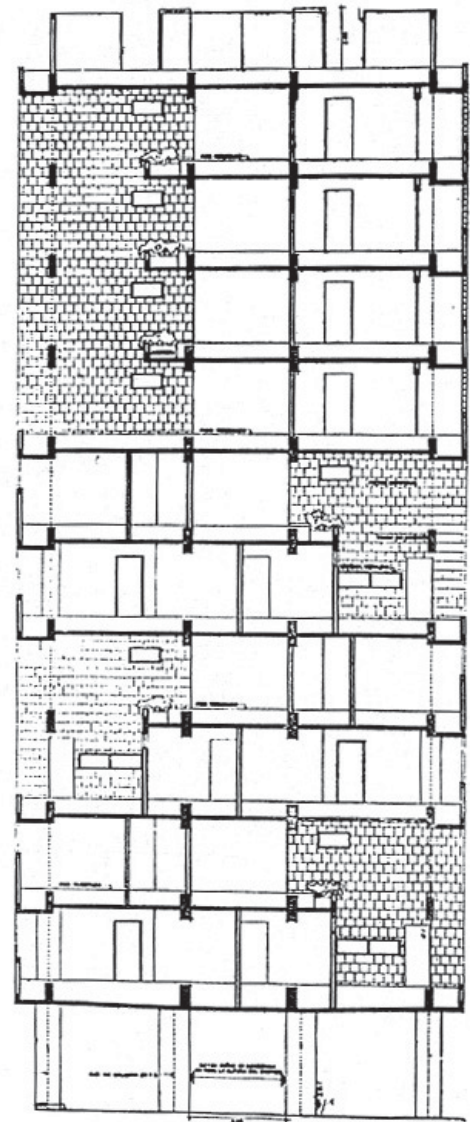
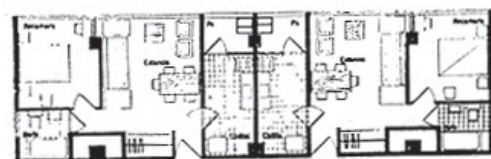
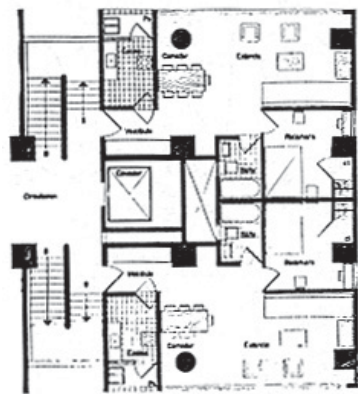
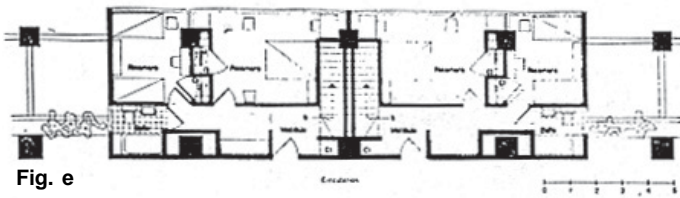
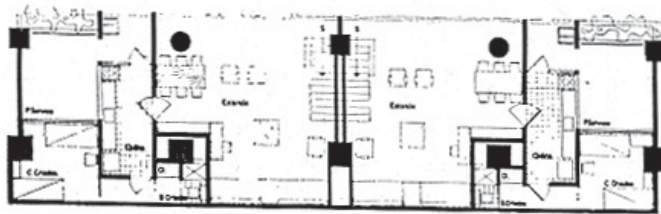
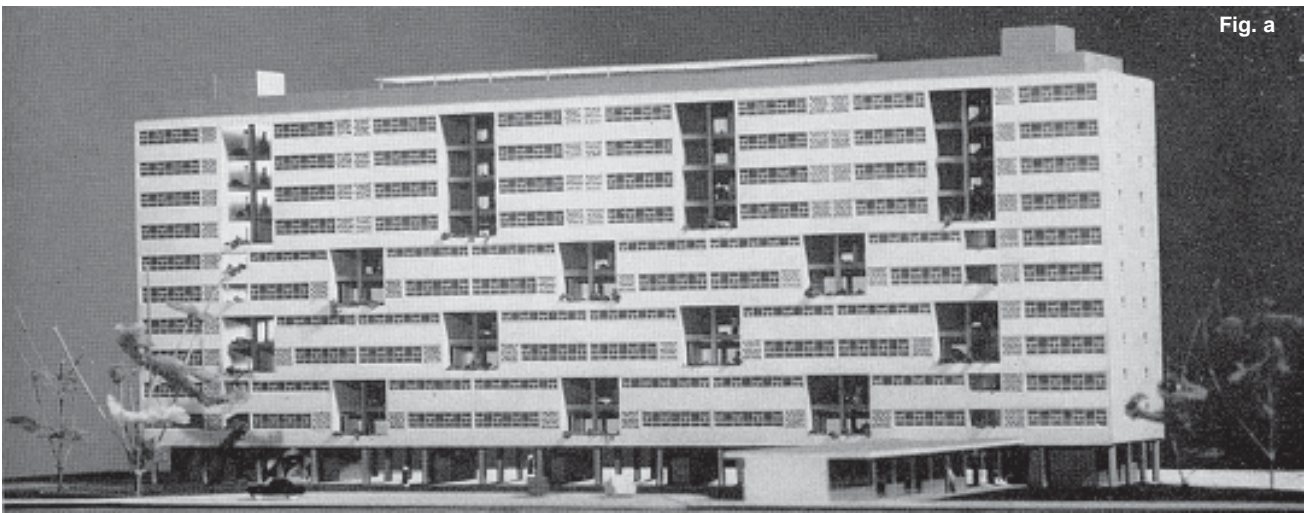
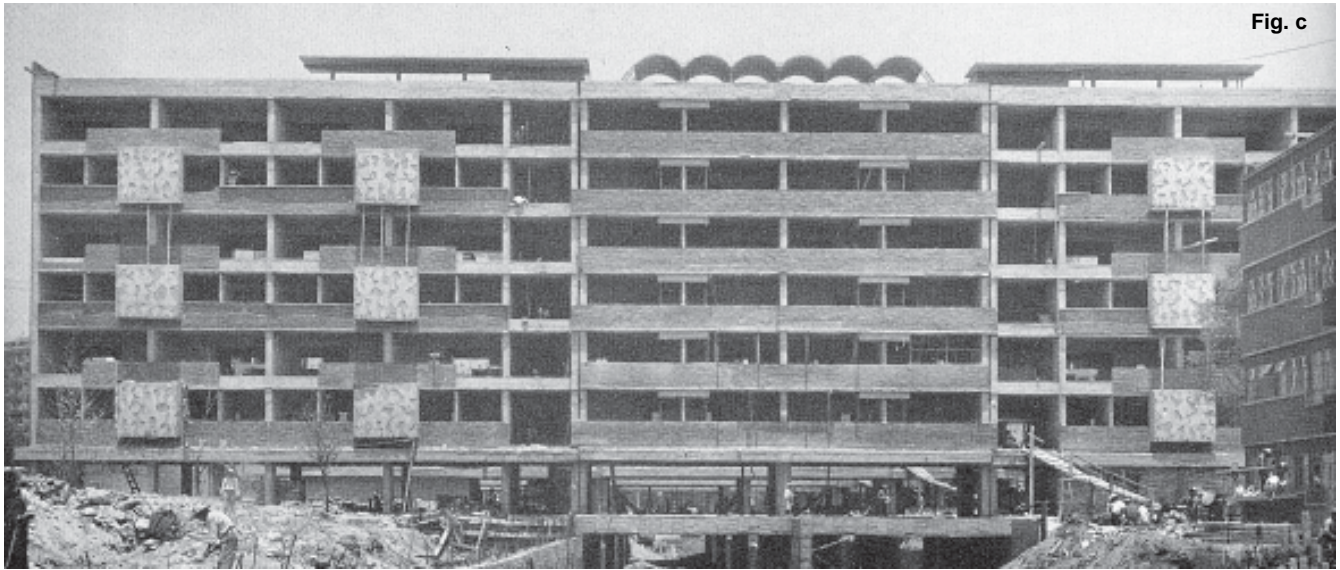
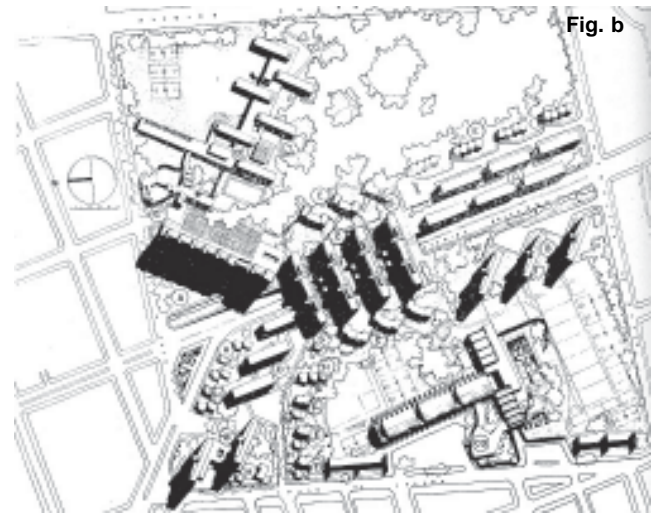
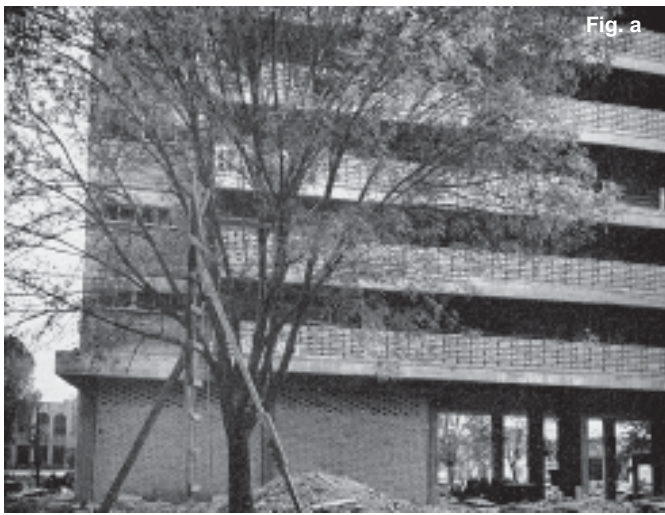


Fig. f





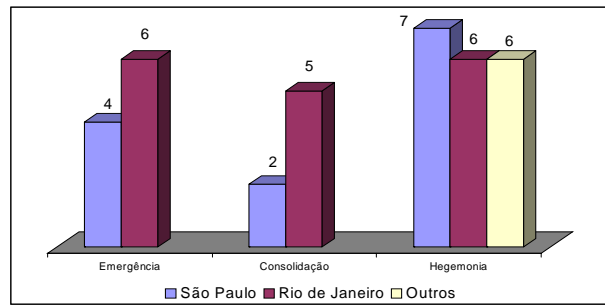




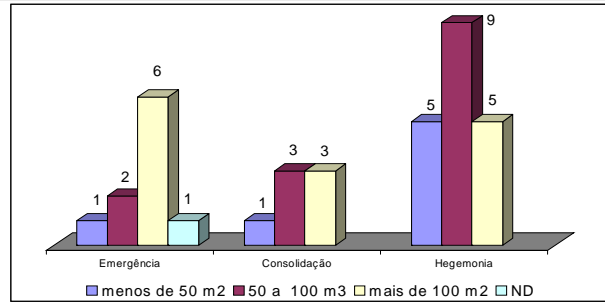
PLANILHAS

Geral
Localização
Menor Apartamento
Maior Apartamento
Número de Dormitórios
Classe Social
Tipologia
Configuração de Planta
Número de Unidades
Número de Pavimentos
Configuração do Corpo
Família
Função do Coroamento
Forma do Coroamento
Função da Base
Forma da Base
Estrutura do Térreo
Estrutura do Tipo
Situação
Publicação

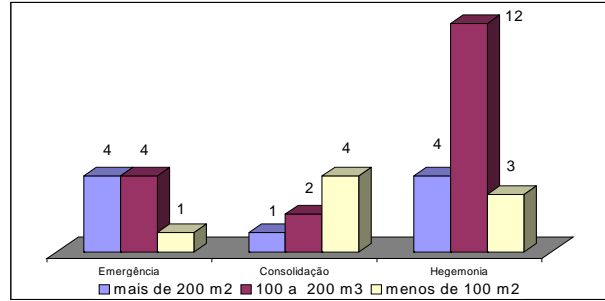
Localização | Pág. AIII-71



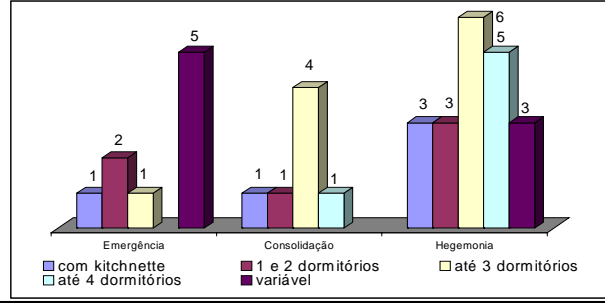
Menor Apartamento | Pág. AIII-13



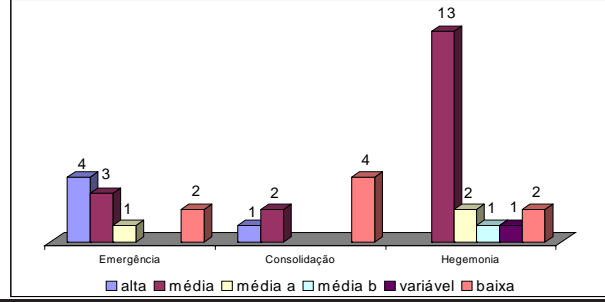
Maior Apartamento | Pág. AIII-15



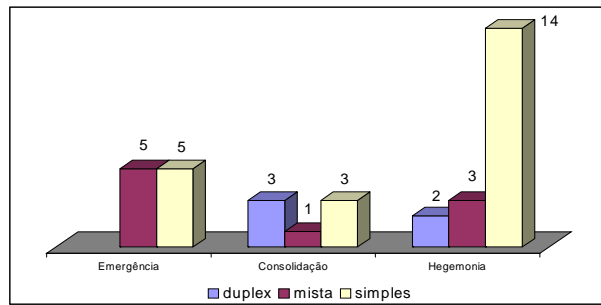
Número de Dormitórios | Pág. AIII-17



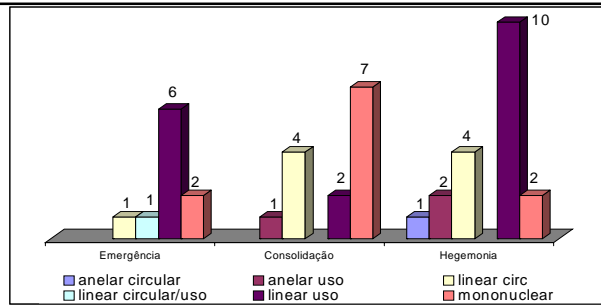
Classe Social | Pág. AIII-19



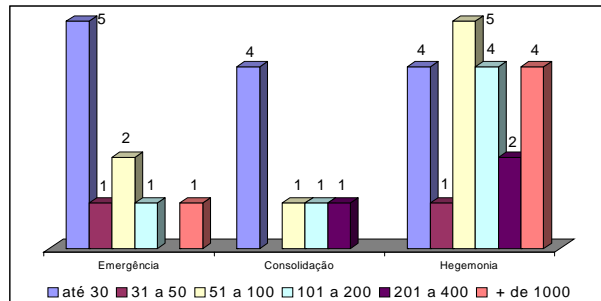
Tipologia | Pág. AIII-21



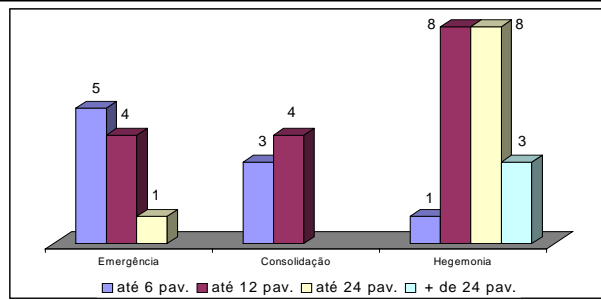
Configuração de Planta | Pág. AIII-23



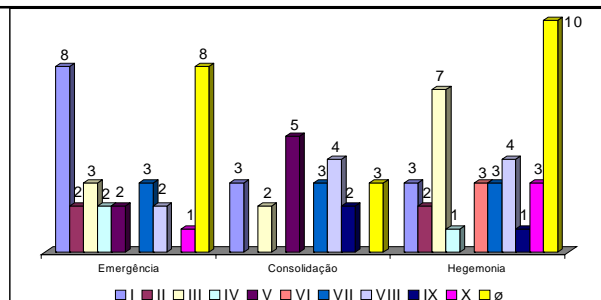
Número de Unidades | Pág. AIII-25



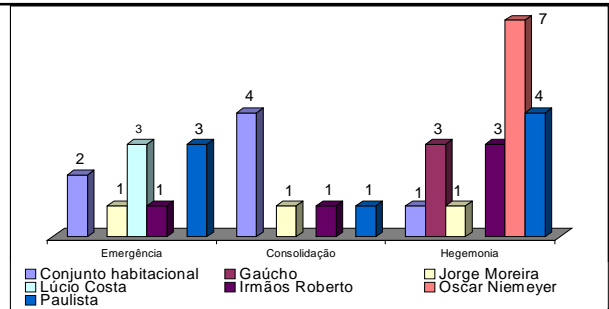
Número de Pavimentos | Pág. AIII-27



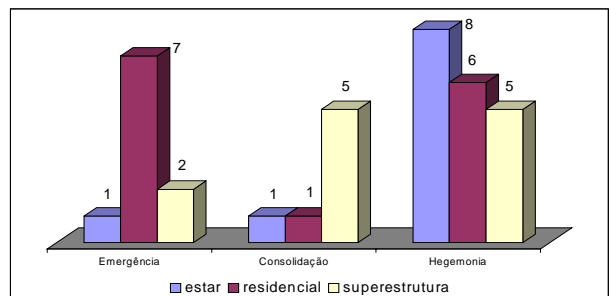
Configuração do Corpo | Pág. AIII-29



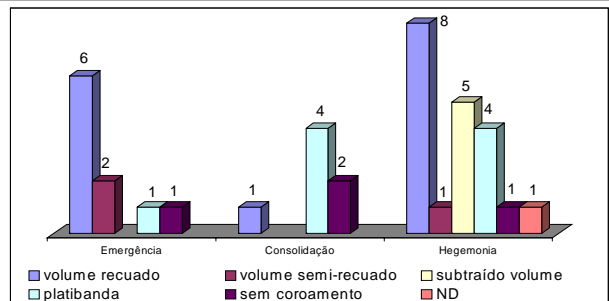
Família | Pág. AIII-31



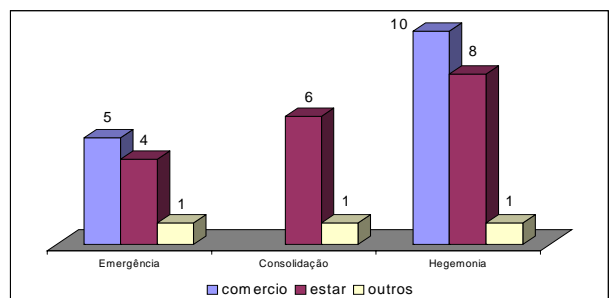
Função do Coroamento | Pág. AIII-33



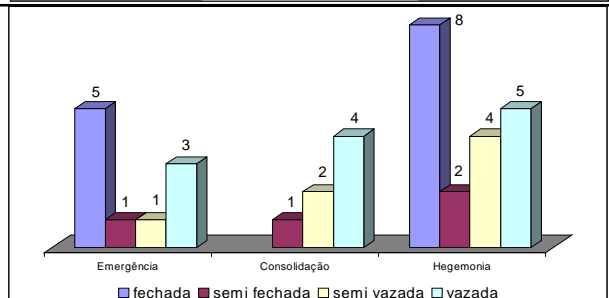
Forma do Coroamento | Pág. AIII-35



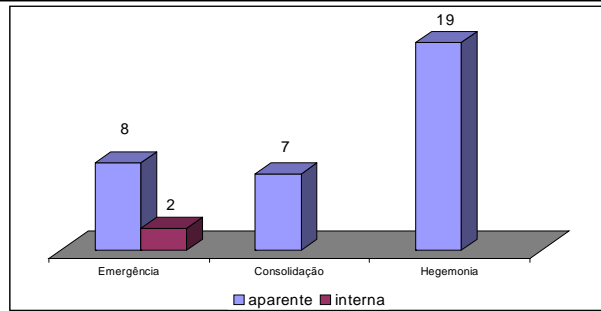
Função da Base | Pág. AIII-37



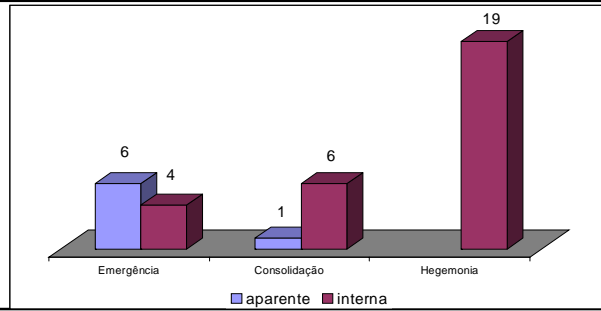
Forma da Base | Pág. AIII-39



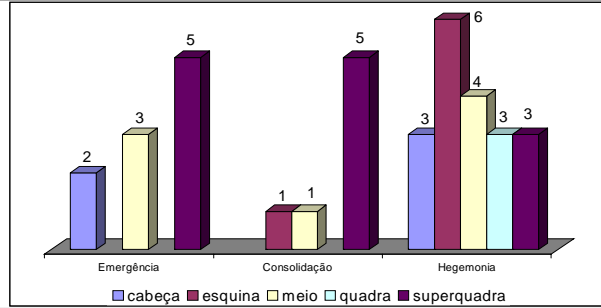
Estrutura do Térreo | Pág. AIII-41



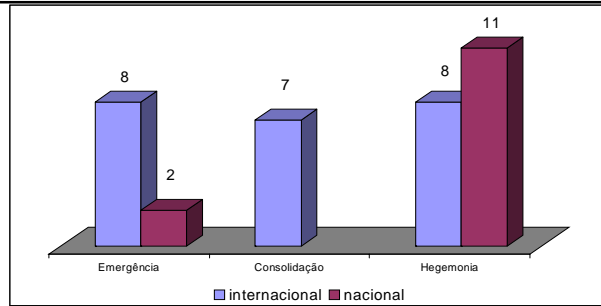
Estrutura do Tipo | Pág. AIII-43



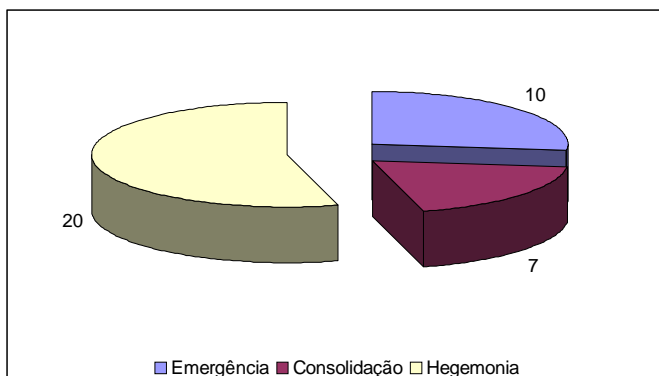
Situação | Pág. AIII-45



Publicação | Pág. AIII-47

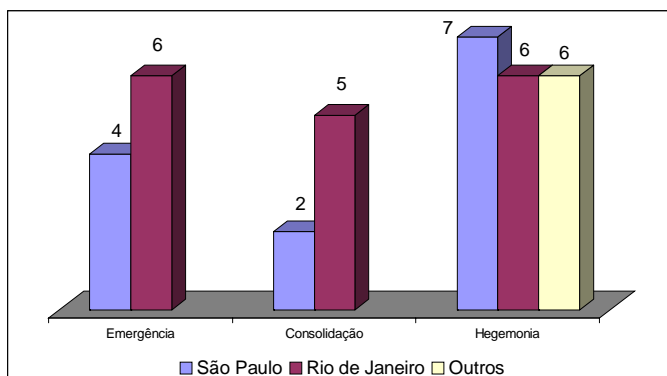
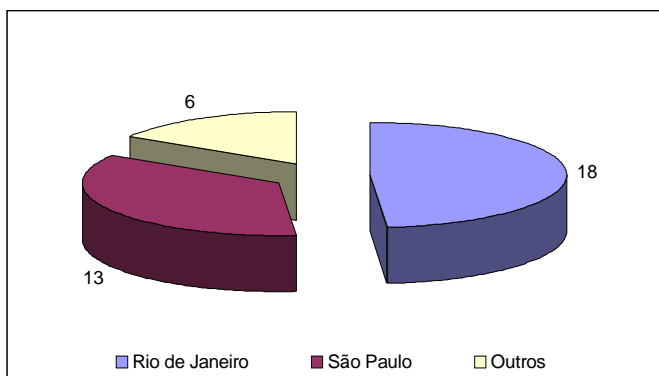


Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Arquiteto	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia
Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	Álvaro Vital Brasil	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista
Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	Jorge M. Moreira	119,35	136,65	3	média a.	simplex
Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	Jorge Ferreira	61,65	82,45	1	baixa	simplex
Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	Marcelo e Milton Roberto	95,90	108,10	variável	média	mista
Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	Atilio Côrrea Lima	ND	ND	ND	baixa	simplex
Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	Lucio Costa	253,35	331,50	variável	alta	mista
Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	Lucio Costa	253,35	331,50	variável	alta	mista
Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	Lucio Costa	253,35	331,50	variável	alta	mista
Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	Rino Levi	336,75	341,20	variável	alta	simplex
Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	MMM Roberto	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex
Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	Afonso E. Reidy	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista
Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	Afonso E. Reidy	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex
Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	Afonso E. Reidy	56,70	56,70	2	baixa	duplex
Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	Jorge M. Moreira	284,45	335,80	3	alta	simplex
Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	Vilanova Artigas	144,00	144,00	3	média	simplex
Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	MMM Roberto	119,95	134,00	3	média	duplex
Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	Carlos F. Ferreira	68,60	68,60	3	baixa	simplex
Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	Oscar Niemeyer	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	mista
Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	Carlos Alberto de H. Mendonça	76,70	79,15	3	média	simplex
Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	Oscar Niemeyer	27,40	152,30	variável	variável	simplex
Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	Oscar Niemeyer	42,50	56,50	k	baixa	simplex
Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	Oscar Niemeyer	26,70	203,95	variável	média b.	mista
Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	Fernando e L. F. Corona	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex
Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	MMM Roberto	70,00	112,58	2	média	mista
Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	Roman Fresnedo Siri	91,95	122,15	variável	média a.	simplex
Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	Afonso E. Reidy	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista
Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	Afonso E. Reidy	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista
Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	Jorge M. Moreira	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex
Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	MMM Roberto	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex
Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	Abelardo de Souza	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex
Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	Oscar Niemeyer	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex
Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	MMM Roberto	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex
Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	Crocce, Afalo, Candida	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex
Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	Oscar Niemeyer	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex
Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	Oscar Niemeyer	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex
Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	Pilon e Gaperini	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex



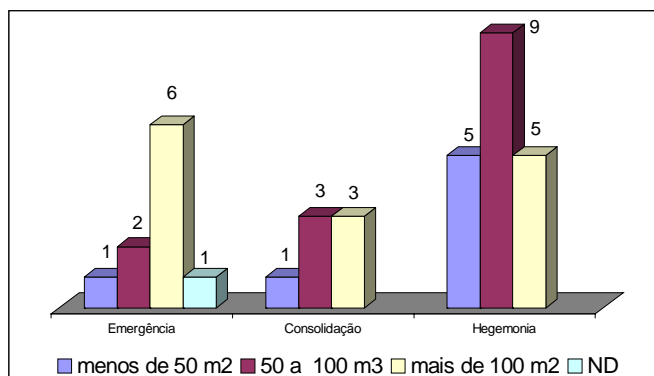
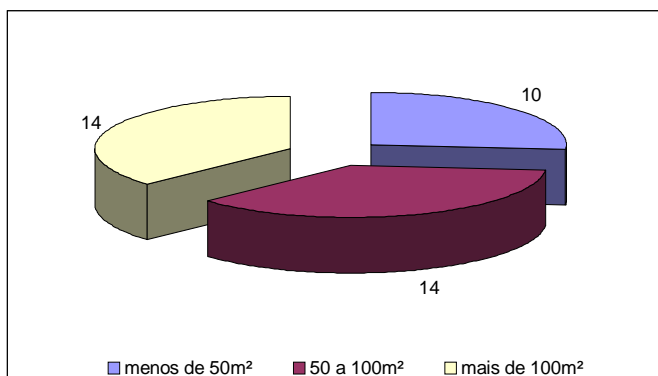
Período	Edifício	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.	Número Pav.	Config. Corpo	Família	Função Coroam.
Em.	Ed. Esther	não	linear de uso	62	8 pav.	V / I+Ø	Paulista	resid.
Em.	Ed. Resid. Tapir	C/Dep	mononuclear	26	13 pav.	II / I+Ø	JM	resid.
Em.	Conj. Hab. Realengo	não	linear de circ.	117	3 pav.	II / VI+Ø	Conj. Hab.	superest.
Em.	Ed. Anchieta	C/Dep	linear circ / uso	60	10 pav.	VII+III / I+IV+Ø	Paulista	estar
Em.	Conj. Res. Do Carmo	ND	linear de uso	4038	4 pav.	I / I+Ø // VIII	Conj. Hab.	superest.
Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	C/Dep	linear de uso	20	6 pav.	VII+Ø / X	Lúcio/ el. vaz.	resid.
Em.	Parque Guinle - Bristol	C/Dep	linear de uso	20	6 pav.	VII/I+III+Ø	Lúcio/ el. vaz.	resid.
Em.	Parque Guinle - Caledônia	C/Dep	linear de uso	20	6 pav.	VII/I+III+Ø	Lúcio/ el. vaz.	resid.
Em.	Ed. Resid. Prudência	C/Dep	linear de uso	38	9 pav.	V / IV+I	Paulista	resid.
Em.	Ed. MMM Roberto	C/Dep	mononuclear	7	7 pav.	VIII+I	MMM	resid.
Con.	Pedregulho - Bloco A	não	linear de circ.	272	7 pav.	VIII / IX	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.
Con.	Pedregulho - Bloco B	não	linear de circ.	28	2x2 pav.	V / VII / Ø	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.
Con.	Pedregulho - Bloco C	não	linear de circ.	150	5x2 pav.	VIII+I / V+Ø	Conj. Hab./ el. vaz.	estar
Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	C/Dep	anelar de uso	24	6 pav.	VIII+V / III	JM/ el. vaz.	resid.
Con.	Ed. Resid. Louveira	C/Dep	linear de uso	15x2	7 pav.	IX / V*	Paulista	superest.
Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	C/Dep	linear de circ.	80	5x2 pav.	VIII / IIIcoml	MMM	superest.
Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	no cond.	linear de uso	18	3 pav.	V / I+VI ou I+Ø	Conj. Hab.	superest.
Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	não	linear de circ.	>5700	32 pav.	VII / VII+Ø	ON / circ.	estar
Heg.	Ed. Sta. Terezinha	C/Dep	linear de uso	20	10 pav.	VIII	gaúcho	resid.
Heg.	Ed. Copan	C/ E S/	linear de circ.	1160	32 pav.	VI / VII+Ø	ON / lâmina	estar
Heg.	Ed. Montreal	não	anelar de circ.	278	21 pav.	VI+III	ON / lâmina	superest.
Heg.	Ed. J. Kubitschek	não	linear de circ.	58/136	22 pav.	X / X+Ø	ON / circ.	estar
Heg.	Ed. Jaguaribe	C/Dep	linear de uso	72	20 pav.	II* >IV	gaúcho	estar
Heg.	Ed. Sambaíba	C/Dep	anelar de uso	26	4 pav.	VII	MMM	resid.
Heg.	Ed. Esplanada	C/Dep	linear de uso	131	15 pav.	VIII+II	gaúcho	estar
Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	não	linear de circ.	ND	7 pav.	I	Conj. Hab.	estar
Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	não	linear de circ.	60	7 pav.	ND	Conj. Hab.	estar
Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	C/Dep	mononuclear	16	8 pav.	III	JM	superest.
Heg.	Ed. Guarabira	C/Dep	anelar de uso	150	10 pav.	X	MMM	estar
Heg.	Ed. Nações Unidas	S/Dep	linear de uso	357	17 pav.	III / I / Ø	Paulista	resid.
Heg.	Ed. Liberdade	C/Dep	mononuclear	18	9 pav.	VI+Ø	ON / lâmina	resid.
Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	C/Dep	linear de uso	40	10 pav.	X / VIII	MMM	superest.
Heg.	Ed. João Ramalho	C/Dep	linear de uso	74	16 pav.	IX / IX+Ø	Paulista	superest.
Heg.	Ed. Eiffel	C/Dep	linear de uso	54	11x2 pav.	III / I+Ø	ON / el. vaz.	resid.
Heg.	Ed. Hansa	não	linear de uso	72	7 pav.	VIII+III / III+Ø	ON / fita	superest.
Heg.	Ed. Paulicéia	C/ E S/	linear de uso	138	23 pav.	III / III+Ø	Paulista	resid.

Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna	superq.	internac.
vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
platibanda	estar	vazada	aparente	interna	quadra	internac.
sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional



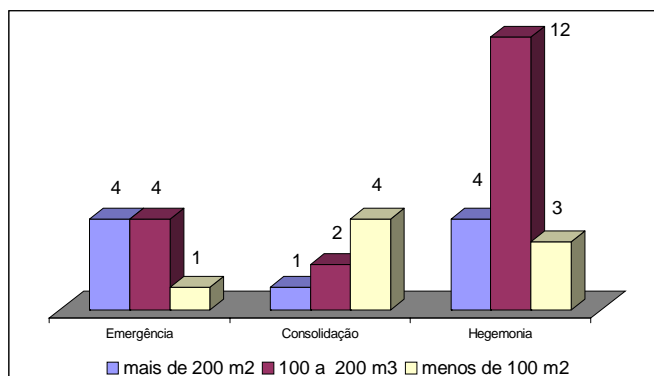
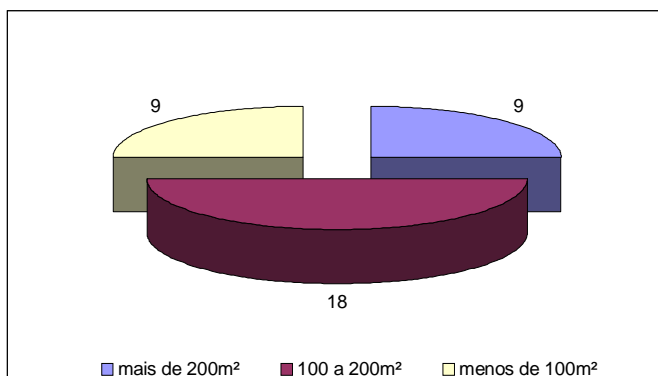
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
Rio de Janeiro	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Conj. Res. da Gávea - Bl. A	1952 / 67	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea - Bl. B	1952 / NE	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
São Paulo	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con.	Conj. Res. Vila Guimar	ND / 49	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
Outros	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	vazada	aparente	interna	quadra	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional



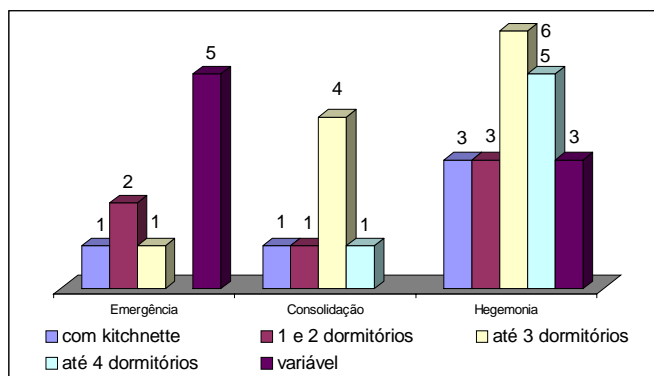
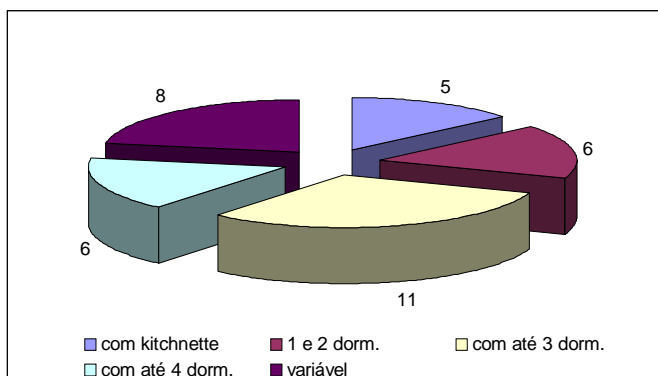
Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
menos de 50m²	Em. Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Con. Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg. Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg. Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg. Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg. Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
50 a 100m²	Em. Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em. Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Con. Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con. Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con. Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg. Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
	Heg. Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg. Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
	Heg. Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg. Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg. Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg. Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg. Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg. Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
mais de 100m²	Em. Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em. Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Em. Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em. Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em. Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em. Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Con. Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con. Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con. Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Heg. Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg. Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg. Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg. Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg. Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
ND	Em. Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna



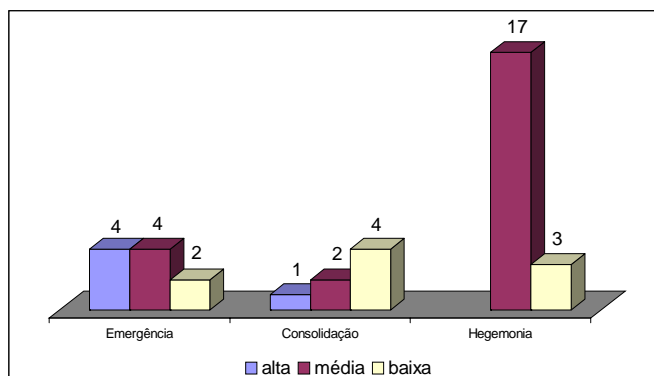
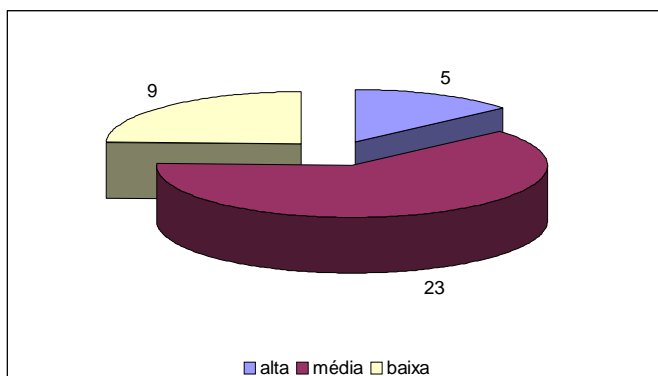
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
mais de 200m ²	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
100 a 200m ²	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72	
menos de 100m ²	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
ND	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna



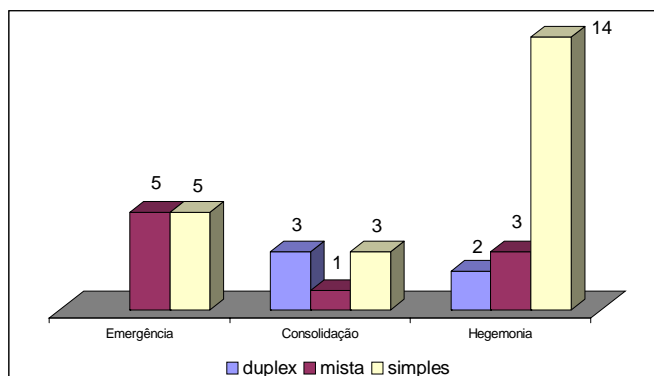
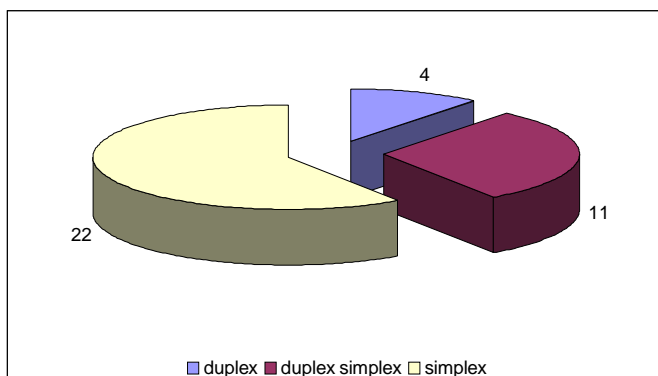
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
com kitchnette	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Heg.	Conj. Res. da Gávea - Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
1 e 2 dorm.	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
com até 3 dorm.	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Conj. Res. da Gávea - Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
	com até 4 dorm.	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso
Heg.		Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
Heg.		Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
Con.		Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
Heg.		Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
Heg.		Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
variável	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Heg.	Ed. Copan	1951 / 54 / 70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
ND	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
4 pav.	Conj. Hab.	superest.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna



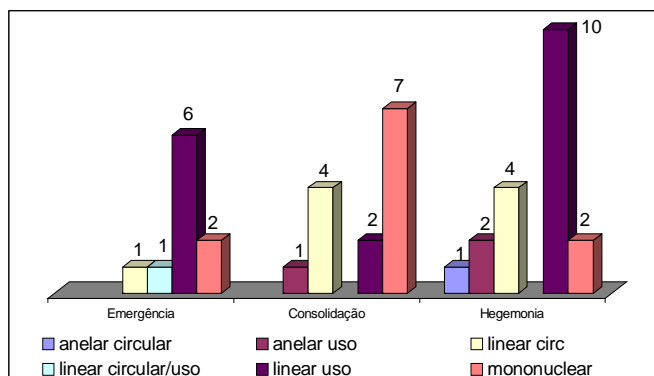
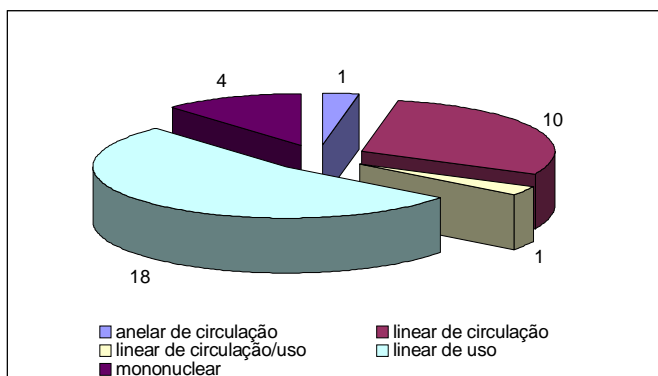
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
alta	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
média	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74	
Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136	
Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160	
baixa	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.



	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
duplex	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	não	linear de circ.	150
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	C/Dep	linear de circ.	80
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	C/Dep	linear de uso	54
duplex e simplex	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	não	linear de uso	62
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	C/Dep	linear de uso	20
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	não	linear de circ.	272
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	não	linear de circ.	ND
Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	não	linear de circ.	60	
simplex	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	não	linear de circ.	117
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	ND	linear de uso	4038
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	C/Dep	linear de uso	38
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	C/Dep	mononuclear	7
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	C/Dep	anelar de uso	24
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	C/Dep	linear de uso	74
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	não	linear de uso	72
Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	C/ E S/	linear de uso	138	
Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	C/Dep	linear de uso	160	

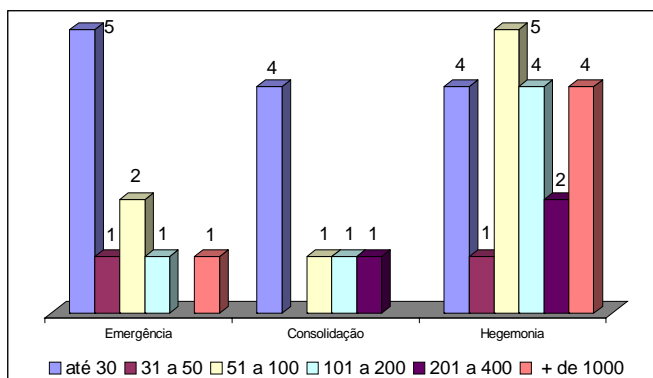
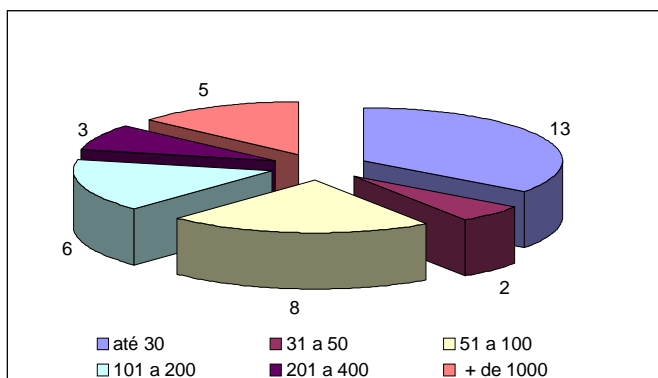
Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional



	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	No. Unid.
*	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	278
anelar de us	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	24
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	26
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	150
	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	117
linear de circ.	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	150
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	80
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	>5700
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	1160
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	58/136
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	60
	**	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep
linear de uso	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	62
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	4038
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	20
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	38
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	15x2
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	18
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	20
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	72
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	131
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	357
	Heg.	Ed. Finúzia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	40
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	74
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	54
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	72
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	138
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	160
mononuclear	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	26
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	7
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	16
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	18

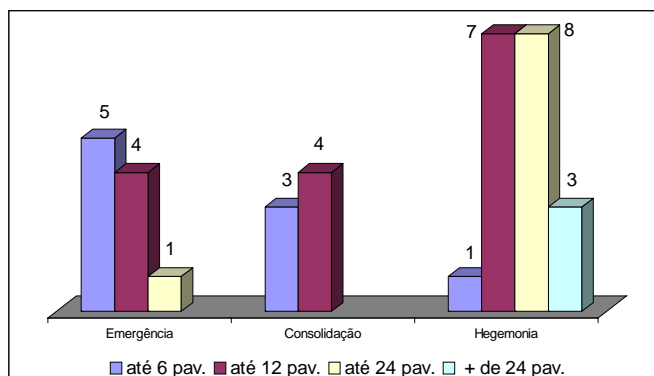
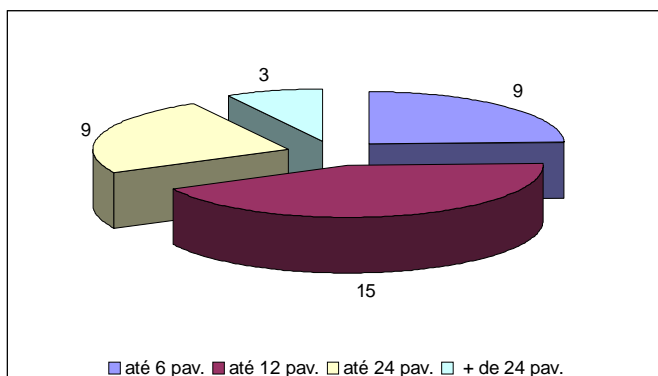
Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.

* anelar de circulação ** linear circulação/uso



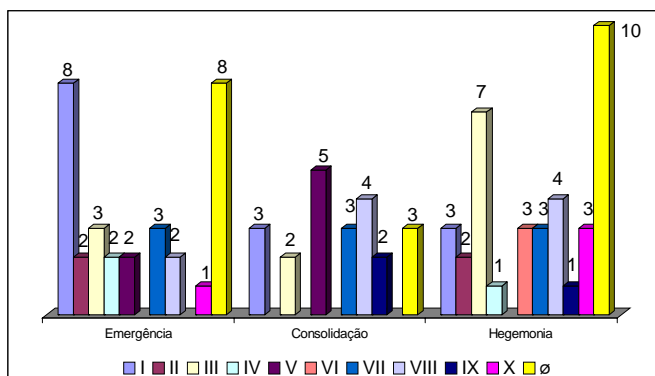
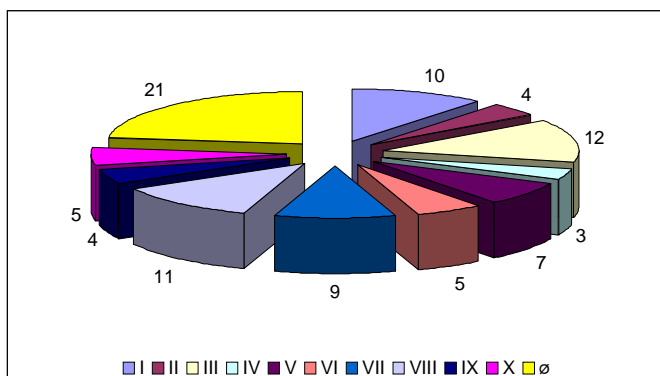
Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta
até 30	Em. Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear
	Heg. Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear
	Con. Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso
	Heg. Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear
	Em. Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso
	Em. Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso
	Em. Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso
	Con. Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso
	Em. Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear
	Heg. Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso
	Con. Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.
	Con. Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso
31 a 50	Em. Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso
51 a 100	Heg. Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso
	Em. Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso
	Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.
	Em. Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso
	Heg. Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso
	Heg. Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso
	Con. Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.
101 a 200	Em. Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.
	Heg. Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso
	Con. Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.
	Heg. Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso
	Heg. Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso
201 a 400	Con. Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.
	Heg. Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.
	Heg. Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso
+ de 1000	Heg. Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.
	Em. Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso
	Heg. Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.
	Heg. Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.
Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	

No. Unid.	Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
7	7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
16	8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
18	3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
18	9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
20	6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
20	6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
20	6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
20	10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
24	6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
26	13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
26	4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
28	2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
15x2	7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
38	9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
40	10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
54	11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
60	10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
60	7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
62	8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
72	20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
72	7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
74	16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
80	5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
117	3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
131	15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
138	23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
150	5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
150	10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
160	20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
272	7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
278	21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
357	17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
1160	32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
4038	4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
>5700	32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
58/136	22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
ND	7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.



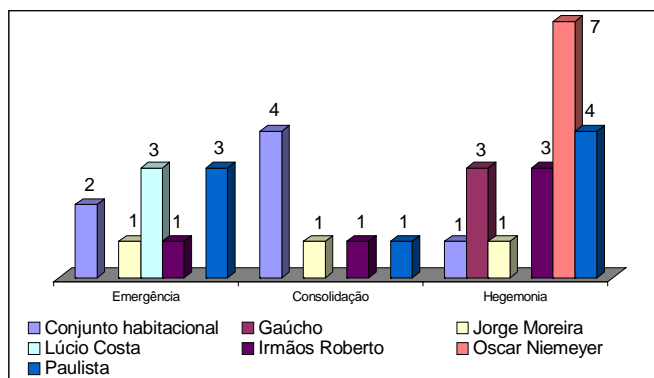
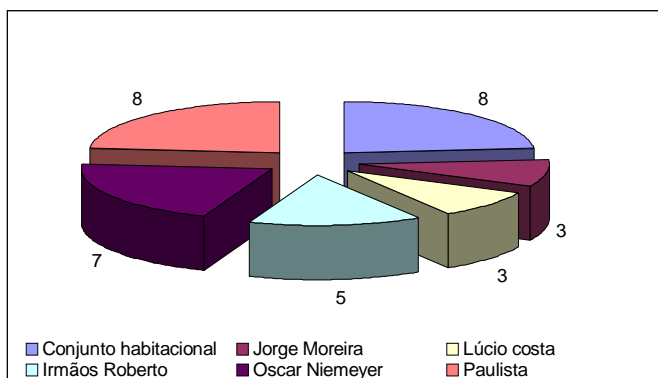
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
até 6 pav.	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
até 12 pav.	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
Heg.	Ed. Finúcia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40	
até 24 pav.	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
24 pav.	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.



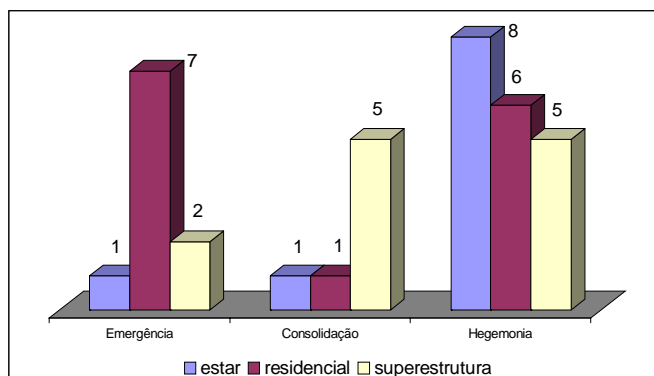
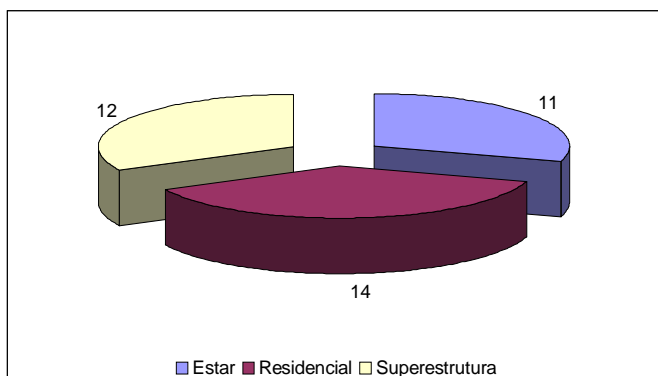
Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
-	Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Em. Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
II	Em. Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em. Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Heg. Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
III	Heg. Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg. Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg. Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg. Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
V e outros	Em. Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Con. Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Em. Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Con. Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
VI e outros	Heg. Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg. Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg. Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
VII e outros	Heg. Ed. Sambaiba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg. Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Em. Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em. Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em. Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em. Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
VIII e outros	Heg. Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg. Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
	Con. Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con. Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Em. Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Con. Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Heg. Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg. Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
Con. Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24	
IX	Heg. Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Con. Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
X e outros	Heg. Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg. Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg. Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
ND	Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60

Número Pav.	Config. Corpo	Família	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
7 pav.	I	Conj. Hab.	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	I / I+Ø // VIII	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
13 pav.	II / I+Ø	JM	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
3 pav.	II / VI+Ø	Conj. Hab.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
20 pav.	II* > IV	gaúcho	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
8 pav.	III	JM	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
17 pav.	III / I / Ø	Paulista / altern	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
11x2 pav.	III / I+Ø	ON / el. vaz.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
23 pav.	III / III+Ø	Paulista	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
8 pav.	V / I+Ø	Paulista	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
3 pav.	V / I+VI ou I+Ø	Conj. Hab.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
9 pav.	V / IV+I	Paulista	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
2x2 pav.	V / VII / Ø	Conj. Hab./ el. vaz.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	VI / VII+Ø	ON / lâmina	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
21 pav.	VI+III	ON / lâmina	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
9 pav.	VI+Ø	ON / lâmina	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
4 pav.	VII	MMM	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
32 pav.	VII / VII+Ø	ON / circ.	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
6 pav.	VII/I+III+Ø	Lúcio/ el. vaz.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	VII/I+III+Ø	Lúcio/ el. vaz.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
10 pav.	VII+III / I+IV+Ø	Paulista	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
6 pav.	VII+Ø / X	Lúcio/ el. vaz.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
10 pav.	VIII	gaúcho	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
20 pav.	VIII / III+Ø	Paulista	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
5x2 pav.	VIII / IIIcom1	MMM	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	VIII / IX	Conj. Hab./ el. vaz.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	VIII+I	MMM	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
5x2 pav.	VIII+I / V+Ø	Conj. Hab./ el. vaz.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
15 pav.	VIII+II	gaúcho	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
7 pav.	VIII+III / III+Ø	ON / fita	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
6 pav.	VIII+V / III	JM/ el. vaz.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
16 pav.	IX / IX+Ø	Paulista	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
7 pav.	IX / V*	Paulista	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
10 pav.	X	MMM	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
10 pav.	X / VIII	MMM	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
22 pav.	X / X+Ø	ON / circ.	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
7 pav.	ND	Conj. Hab.	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.



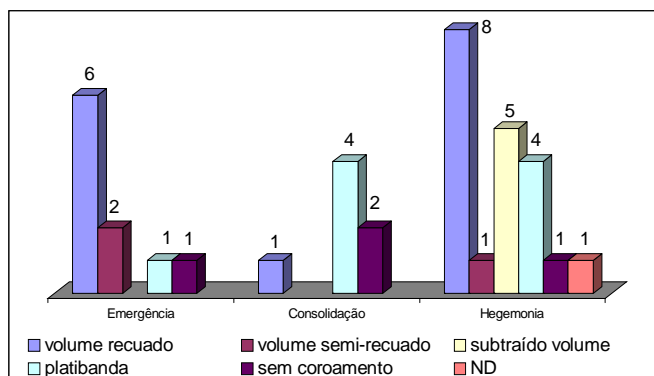
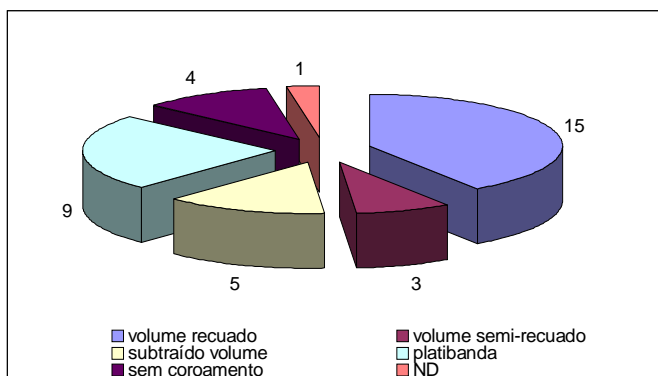
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
conjunto habitacional	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
gaúcho	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
Jorge Moreira	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
Lúcio Costa	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
Irmãos Roberto	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
Oscar Niemeyer	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
paulista	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160

Número Pav.	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
3 pav.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
3 pav.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
20 pav.	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
15 pav.	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
13 pav.	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
6 pav.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
8 pav.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
6 pav.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
7 pav.	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
5x2 pav.	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
10 pav.	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
10 pav.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
32 pav.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
22 pav.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
11x2 pav.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
7 pav.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
21 pav.	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
9 pav.	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
8 pav.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
10 pav.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
9 pav.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
7 pav.	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
17 pav.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
16 pav.	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
23 pav.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
20 pav.	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional



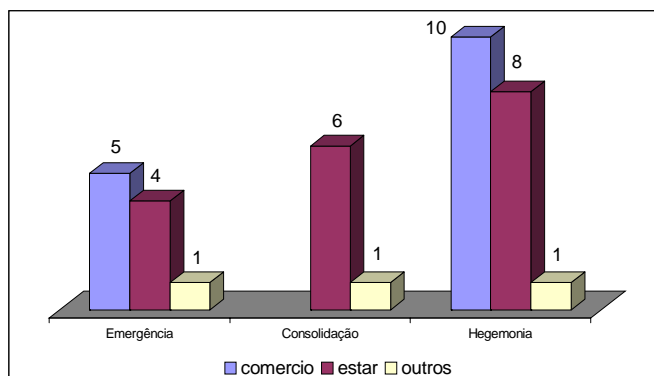
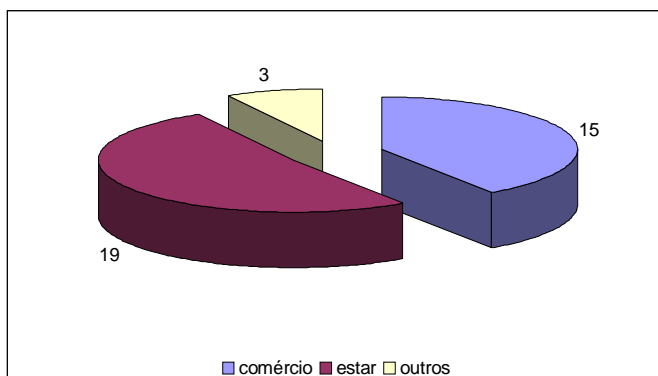
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
estar	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
residencial	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138	
superestrutura	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72	

Número Pav.	Família	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
10 pav.	Paulista	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / circ.	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / lâmina	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
22 pav.	ON / circ.	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
20 pav.	gaúcho	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	MMM	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
20 pav.	Paulista	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
8 pav.	Paulista	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
13 pav.	JM	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
7 pav.	MMM	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
10 pav.	gaúcho	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
4 pav.	MMM	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
17 pav.	Paulista	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
9 pav.	ON / lâmina	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
11x2 pav.	ON / el. vaz.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
23 pav.	Paulista	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
3 pav.	Conj. Hab.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Paulista	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
5x2 pav.	MMM	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
21 pav.	ON / lâmina	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
8 pav.	JM	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
10 pav.	MMM	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
16 pav.	Paulista	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
7 pav.	ON / fita	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.



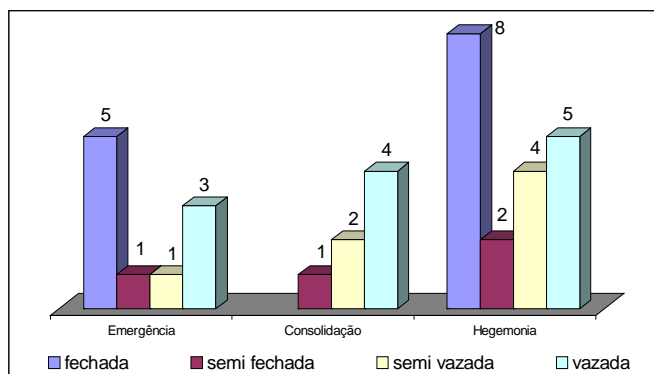
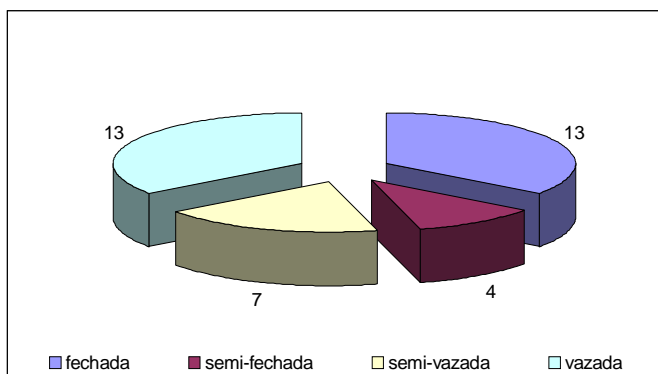
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
volume recuado	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. Copan	51/5 / 70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
volume semi	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
subtraído volume	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
platibanda	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278	
sem coroamento	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
ND	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
8 pav.	Paulista	resid.	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado	internac.
10 pav.	Paulista	estar	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	estar	vazada	aparente	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	estar	vazada	aparente	aparente	meio*	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	comércio	fechada	aparente	interna	meio*	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
10 pav.	MMM	estar	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra	internac.
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
23 pav.	Paulista	resid.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo	nacional
13 pav.	JM	resid.	estar	vazada	aparente	interna	meio	nacional
7 pav.	MMM	resid.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	comércio	fechada	aparente	interna	meio	nacional
20 pav.	gaúcho	estar	cinema	fechada	aparente	interna	esquina	nacional
4 pav.	MMM	resid.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	estar	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
20 pav.	Paulista	estar	comércio	fechada	aparente	interna	quadra	nacional
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	comércio	fechada	interna	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
8 pav.	JM	superest.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio	nacional
10 pav.	MMM	superest.	estar	vazada	aparente	interna	esquina	internac.
7 pav.	ON / fita	superest.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	comércio	fechada	aparente	interna	esquina	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna	interna
7 pav.	Paulista	superest.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	estar	estar	vazada	aparente	interna	superq.	internac.



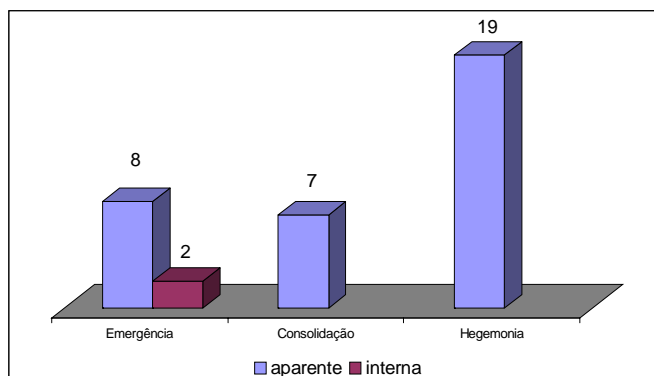
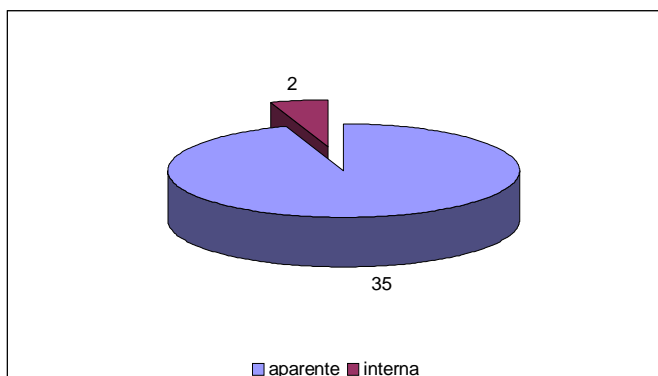
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
comércio	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
estar	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72	
Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138	
outros	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	aparente	aparente	modificado	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	interna	interna	superq.	internac.
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	aparente	interna	cabeça	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	aparente	aparente	superq.	internac.
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	aparente	aparente	meio	internac.
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	aparente	interna	esquina	nacional
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	aparente	interna	meio	nacional
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	aparente	interna	meio*	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	aparente	interna	esquina	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	aparente	interna	quadra	internac.
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	aparente	interna	cabeça	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	aparente	interna	cabeça	nacional
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	aparente	interna	esquina	nacional
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	aparente	interna	quadra	nacional
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	aparente	interna	meio	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	aparente	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	aparente	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	aparente	aparente	meio*	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	aparente	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	aparente	interna	superq.	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	aparente	interna	meio*	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	aparente	interna	esquina	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	aparente	interna	superq.	internac.
8 pav.	JM	superest.	platibanda	aparente	interna	meio	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	aparente	interna	cabeça	nacional
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	aparente	interna	esquina	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	aparente	interna	esquina*	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	aparente	interna	superq.	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	aparente	interna	miolo	nacional
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	resid.	fechada	interna	interna
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	aparente	aparente	esquina	internac.
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	aparente	interna	quadra	internac.



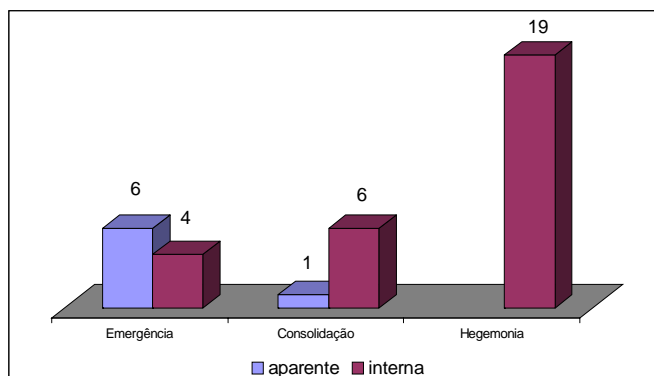
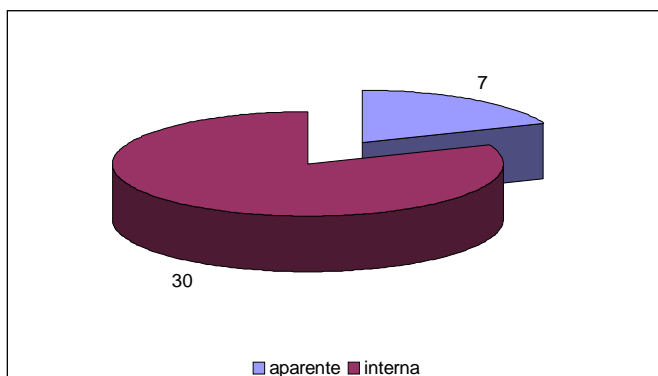
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
fechada	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
semi-fechada	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
semi-vazada	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
vazada	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	aparente	aparente	modificado	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	interna	interna	superq.	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	resid.	fechada	interna	interna
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	aparente	aparente	superq.	internac.
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	aparente	aparente	meio	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	aparente	interna	meio	nacional
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	aparente	interna	meio*	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	aparente	interna	esquina	internac.
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	aparente	interna	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	aparente	interna	cabeça	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	aparente	interna	cabeça	nacional
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	aparente	interna	esquina	nacional
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	aparente	interna	quadra	nacional
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	aparente	interna	cabeça	nacional
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	aparente	aparente	esquina	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	aparente	interna	quadra	internac.
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	aparente	interna	cabeça	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	aparente	aparente	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	aparente	interna	superq.	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	aparente	interna	meio*	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	aparente	interna	superq.	internac.
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	aparente	interna	esquina	nacional
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	aparente	interna	meio	nacional
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	aparente	interna	miolo	nacional
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	aparente	interna	meio	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	aparente	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	aparente	aparente	meio*	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	aparente	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	aparente	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	aparente	interna	superq.	internac.
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	aparente	interna	quadra	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	aparente	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	aparente	interna	superq.	internac.
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	aparente	interna	esquina	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	aparente	interna	esquina*	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	aparente	interna	superq.	internac.



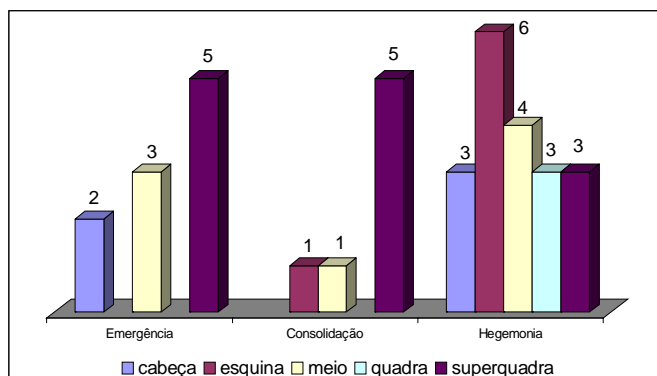
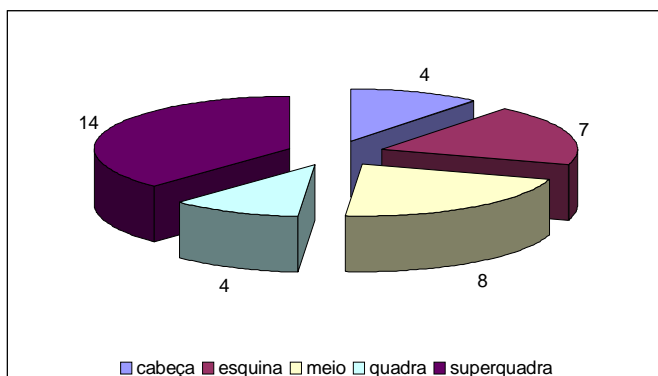
Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
aparente	Em. Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em. Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em. Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em. Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em. Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em. Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em. Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Em. Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Con. Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con. Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con. Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con. Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Con. Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Con. Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con. Conj. Res. Vila Guimar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg. Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg. Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg. Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg. Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg. Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg. Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg. Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg. Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg. Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg. Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg. Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg. Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg. Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg. Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg. Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg. Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
Heg. Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138	
Heg. Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160	
interna	Em. Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em. Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Tipo	Situação	Publicação
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	modificado	internac.
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	interna	meio	nacional
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	interna	cabeça	nacional
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	meio*	internac.
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	meio	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	interna	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	interna	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	interna	superq.	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	interna	meio*	internac.
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	esquina	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	interna	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	interna	superq.	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	interna	superq.	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	interna	meio	nacional
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	interna	meio*	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	interna	esquina	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	interna	quadra	internac.
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	interna	esquina	nacional
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	interna	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	interna	cabeça	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	interna	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	interna	superq.	internac.
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	interna	meio	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	interna	cabeça	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	interna	cabeça	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	interna	quadra	internac.
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	interna	esquina	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	interna	esquina*	nacional
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	interna	esquina	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	interna	superq.	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	interna	miolo	nacional
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	interna	quadra	nacional
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	superq.	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	fechada	interna	interna



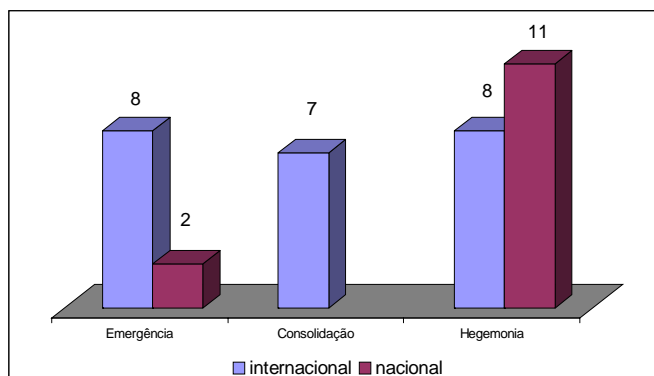
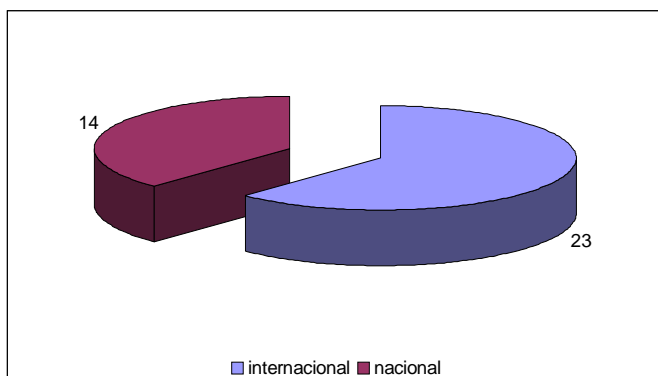
	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
aparente	Em.	Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
interna	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Situação	Publicação
8 pav.	Paulista	resid.	comércio	fechada	aparente	modificado	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	comércio	fechada	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	estar	semi-vaz.	aparente	superq.	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	estar	vazada	aparente	meio*	internac.
7 pav.	MMM	resid.	comércio	fechada	aparente	meio	internac.
7 pav.	Paulista	superest.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	esquina	internac.
13 pav.	JM	resid.	estar	vazada	aparente	meio	nacional
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	comércio	fechada	interna	superq.	internac.
10 pav.	Paulista	estar	comércio	semi-fech.	aparente	cabeça	nacional
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	interna	interna
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	estar	semi-vaz.	aparente	superq.	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	estar	semi-vaz.	aparente	meio*	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
16 pav.	Paulista	superest.	estar	vazada	aparente	esquina*	nacional
32 pav.	ON / circ.	estar	comércio	semi-vaz.	aparente	superq.	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	comércio	fechada	aparente	meio	nacional
32 pav.	ON / lâmina	estar	comércio	fechada	aparente	meio*	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	comércio	fechada	aparente	esquina	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	comércio	semi-fech.	aparente	quadra	internac.
20 pav.	gaúcho	estar	cinema	fechada	aparente	esquina	nacional
4 pav.	MMM	resid.	estar	semi-vaz.	aparente	esquina	nacional
15 pav.	gaúcho	estar	comércio	fechada	aparente	cabeça	nacional
7 pav.	Conj. Hab.	estar	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
8 pav.	JM	superest.	estar	semi-vaz.	aparente	meio	nacional
10 pav.	MMM	estar	estar	semi-fech.	aparente	cabeça	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	comércio	fechada	aparente	cabeça	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	garagem	semi-fech.	aparente	quadra	internac.
10 pav.	MMM	superest.	estar	vazada	aparente	esquina	internac.
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	comércio	fechada	aparente	esquina	nacional
7 pav.	ON / fita	superest.	estar	vazada	aparente	superq.	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	estar	semi-vaz.	aparente	miolo	nacional
20 pav.	Paulista	estar	comércio	fechada	aparente	quadra	nacional



	Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta	No. Unid.
cabeça	Em.	Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso	60
	Em.	Ed. Esther*	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso	62
	Heg.	Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	131
	Heg.	Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso	150
	Heg.	Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso	357
esquina	Con.	Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	15x2
	Heg.	Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.	278
	Heg.	Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	72
	Heg.	Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso	26
	Heg.	Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	40
	Heg.	Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso	54
	Heg.	Ed. João Ramalho*	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso	74
meio	Em.	Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear	26
	Em.	Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	7
	Em.	Ed. Resid. Prudência*	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso	38
	Heg.	Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso	20
	Heg.	Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear	16
	Con.	Ed. R. Antônio Ceppas*	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso	24
	Heg.	Ed. Copan*	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.	1160
	Heg.	Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso	138
	Heg.	Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	18
	Heg.	Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.	58/136
	Heg.	Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	160
superquadra	Em.	Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.	117
	Em.	Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso	4038
	Em.	Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Em.	Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso	20
	Con.	Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	272
	Con.	Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.	28
	Con.	Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.	150
	Con.	Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.	80
	Con.	Conj. Res. Vila Guiomar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso	18
	Heg.	Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.	>5700
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.	ND
	Heg.	Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	60
	Heg.	Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	72

Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Publicação
10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	nacional
8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	internac.
15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	nacional
10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	nacional
17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	nacional
7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	internac.
21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	internac.
20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	nacional
4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	nacional
10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	internac.
11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	nacional
16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	nacional
13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	nacional
7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	internac.
9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	internac.
10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	nacional
8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	nacional
6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	internac.
32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	internac.
23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	nacional
9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	internac.
22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	internac.
20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	nacional
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	internac.
4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	internac.
6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	internac.
7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	internac.
2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	internac.
5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	internac.
5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	internac.
3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	internac.
32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	internac.
7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	internac.
7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	internac.



Período	Edifício	Proj. / Exec.	Loc.	Menor Ap.(m2)	Maior Ap.(m2)	No. Dorm	Classe soc.	Tipologia	Área Serviço	Config. Planta
internacional	Em. Ed. Esther	1935 / 38	SP	34,75	176,95	K, 1, 2 e 3	média	mista	não	linear de uso
	Em. Conj. Hab. Realengo	1939 / 42	RJ	61,65	82,45	1	baixa	simplex	não	linear de circ.
	Em. Conj. Res. Do Carmo	1941 / 44	SP	ND	ND	ND	baixa	simplex	ND	linear de uso
	Em. Parque Guinle - Nova Cintra	1943 / 48	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso
	Em. Parque Guinle - Bristol	1943 / 50	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso
	Em. Parque Guinle - Caledônia	1943 / 54	RJ	253,35	331,50	variável	alta	mista	C/Dep	linear de uso
	Em. Ed. Resid. Prudência	1944 / 50	SP	336,75	341,20	variável	alta	simplex	C/Dep	linear de uso
	Em. Ed. MMM Roberto	1945 / ND	RJ	137,70	148,90	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear
	Con. Pedregulho - Bloco A	1946 / 50	RJ	45,55	92,55	k e 2	baixa	mista	não	linear de circ.
	Con. Pedregulho - Bloco B	1946 / 52	RJ	62,50	83,95	2, 3 e 4	baixa	duplex	não	linear de circ.
	Con. Pedregulho - Bloco C	1946 / NE	RJ	56,70	56,70	2	baixa	duplex	não	linear de circ.
	Con. Ed. R. Antônio Ceppas	1946 / 52	RJ	284,45	335,80	3	alta	simplex	C/Dep	anelar de uso
	Con. Ed. Resid. Louveira	1946 / 50	SP	144,00	144,00	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso
	Con. Ed. Resid. Julio Barreto	ND / 47	RJ	119,95	134,00	3	média	duplex	C/Dep	linear de circ.
	Con. Conj. Res. Vila Guimar	ND / 49	SP	68,60	68,60	3	baixa	simplex	no cond.	linear de uso
	Heg. Ed. Mauá - Anexo I	1950 / NE	RJ	19,25	129,35	K, 1, 2 e 3	méd/alta	duplex	não	linear de circ.
	Heg. Ed. Copan	51/54/70	SP	27,40	152,30	variável	variável	simplex	C/ E S/	linear de circ.
	Heg. Ed. Montreal	1951 / ND	SP	42,50	56,50	k	baixa	simplex	não	anelar de circ.
	Heg. Ed. J. Kubitschek	1951 / ND	BH	26,70	203,95	variável	média b.	mista	não	linear de circ.
	Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. A	1952 / 67	RJ	27,90	43,00	K e 2	baixa	mista	não	linear de circ.
Heg. Conj. Res. da Gávea- Bl. B	1952 / NE	RJ	11,85	32,80	1 e 3	baixa	mista	não	linear de circ.	
Heg. Ed. Liberdade	1954 / 60	BH	136,10	225,40	3 e 4	méd/alta	simplex	C/Dep	mononuclear	
Heg. Ed. Finússia e D. Fátima	1954 / ND	RJ	110,15	175,90	3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso	
Heg. Ed. Hansa	1955 / ND	Berl.	68,00	101,71	1, 2 e 3	média	simplex	não	linear de uso	
nacional	Em. Ed. Resid. Tapir	1939 / 41	RJ	119,35	136,65	3	média a.	simplex	C/Dep	mononuclear
	Em. Ed. Anchieta	1941 / ND	SP	95,90	108,10	variável	média	mista	C/Dep	linear circ / uso
	Heg. Ed. Sta. Terezinha	1950 / ND	PA	76,70	79,15	3	média	simplex	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Jaguaribe	1951 / -	PA	115,00	150,90	1, 2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Sambaíba	1952 / ND	RJ	70,00	112,58	2	média	mista	C/Dep	anelar de uso
	Heg. Ed. Esplanada	1952 / 60	PA	91,95	122,15	variável	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Lúcio Cardoso	1953 / NE	RJ	81,45	109,05	1 e 2	média	simplex	C/Dep	mononuclear
	Heg. Ed. Guarabira	1953 / ND	RJ	97,75	134,90	2 e 3	média	simplex	C/Dep	anelar de uso
	Heg. Ed. Nações Unidas	1952 / 59	SP	67,35	110,35	1 e 2	média	simplex	S/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. João Ramalho	1954 / ND	SP	114,00	122,75	2 e 3	média a.	simplex	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Eiffel	1955 / ND	SP	89,50	208,50	2 e 4	média	duplex	C/Dep	linear de uso
	Heg. Ed. Paulicéia	1955 / ND	SP	63,80	107,90	1, 2 e 3	média	simplex	C/ E S/	linear de uso
	Heg. Ed. Conjunto Nacional	1955 / 62	SP	151,03	305,15	2, 3 e 4	média	simplex	C/Dep	linear de uso

No. Unid.	Número Pav.	Família	Função Coroam.	Forma Coroamento	Função Base	Forma Base	Estrutura Térreo	Estrutura Tipo	Situação
62	8 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	modificado
117	3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	comércio	fechada	interna	interna	superq.
4038	4 pav.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	Conj. Hab.	superest.	sem coroam.	resid.	fechada	interna
20	6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	aparente	superq.
20	6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	aparente	superq.
20	6 pav.	Lúcio/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	superq.
38	9 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	vazada	aparente	aparente	meio*
7	7 pav.	MMM	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	aparente	meio
272	7 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	superq.
28	2x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.
150	5x2 pav.	Conj. Hab./ el. vaz.	estar	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.
24	6 pav.	JM/ el. vaz.	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio*
15x2	7 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	res. e zel.	semi-fech.	aparente	aparente	esquina
80	5x2 pav.	MMM	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	superq.
18	3 pav.	Conj. Hab.	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.
>5700	32 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-vaz.	aparente	interna	superq.
1160	32 pav.	ON / lâmina	estar	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	meio*
278	21 pav.	ON / lâmina	superest.	platibanda*	comércio	fechada	aparente	interna	esquina
58/136	22 pav.	ON / circ.	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	quadra
ND	7 pav.	Conj. Hab.	estar	subtraído vol.	estar	vazada	aparente	interna	superq.
60	7 pav.	Conj. Hab.	estar	ND	estar	vazada	aparente	interna	superq.
18	9 pav.	ON / lâmina	resid.	vol. recuado	garagem	semi-fech.	aparente	interna	quadra
40	10 pav.	MMM	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	esquina
72	7 pav.	ON / fita	superest.	platibanda	estar	vazada	aparente	interna	superq.
26	13 pav.	JM	resid.	vol. semi-rec.	estar	vazada	aparente	interna	meio
60	10 pav.	Paulista	estar	vol. recuado	comércio	semi-fech.	aparente	interna	cabeça
20	10 pav.	gaúcho	resid.	vol. semi-rec.	comércio	fechada	aparente	interna	meio
72	20 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	cinema	fechada	aparente	interna	esquina
26	4 pav.	MMM	resid.	subtraído vol.	estar	semi-vaz.	aparente	interna	esquina
131	15 pav.	gaúcho	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça
16	8 pav.	JM	superest.	platibanda	estar	semi-vaz.	aparente	interna	meio
150	10 pav.	MMM	estar	vol. recuado	estar	semi-fech.	aparente	interna	cabeça
357	17 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	cabeça
74	16 pav.	Paulista	superest.	sem coroam.	estar	vazada	aparente	interna	esquina*
54	11x2 pav.	ON / el. vaz.	resid.	vol. recuado	comércio	fechada	aparente	interna	esquina
138	23 pav.	Paulista	resid.	vol. recuado	estar	semi-vaz.	aparente	interna	miolo
160	20 pav.	Paulista	estar	subtraído vol.	comércio	fechada	aparente	interna	quadra

INTRODUÇÃO

| **Fig. a.** Tipos de Pilotis. Fonte: Desenho. | **Fig. b.** Tipos de Bases. Fonte: Desenho. | **Fig. c.** Tipos de Volumes. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Tipos de Bases. Fonte: Desenho. | **Fig. e.** Tipos de Barras. Fonte: Desenho. | **Fig. f.** Tipos de Torres. Fonte: Desenho. | **Fig. g.** Tipos de Circulação. Fonte: Desenho. | **Fig. h.** Tipos de Fachadas. Fonte: Desenho. |

CAP 1 - ANTECEDENTES

| **Edifício - Ansonia.** Fonte: Internet. | **Edifício - Karl Marxhof.** Fonte: CURTIS, William. *Modern Architecture since 1900.* Singapura: Phaidon, 2001. p.254. | **Esquema Dom-ino.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1910-29, 1974.* p. 23. | **Tipos de Panos/Janelas.** Fonte: Le Corbusier. *Precisiones – Respecto a un Estado Actual de la Arquitectura y del Urbanismo.* Barcelona: Poseidon, 1978. p.77. | **Ampliação da Janela Corrida.** Fonte: Le Corbusier. *Precisiones – Respecto a un Estado Actual de la Arquitectura y del Urbanismo.* Barcelona: Poseidon, 1978. p.72. | **Immeuble Villas.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1910-29, 1974.* p. 23. | **Edifício - Durand.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1929-34, 1974.* p. 163. | **Projeto Wanner.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1910-29, 1974.* p. 180. | **Fitas Indentadas.** Fonte: Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1910-29, 1974.* p. 185. | **Edifício de Aluguel na Algéria.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1929-34, 1974.* p. 171. | **Viaduto Habitável.** Fonte: CURTIS, op. cit. p.124. | **Edifício - Rue Fabert.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1934-38, 1974.* p. 102. | **Edifício de Aluguel em Zurique.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1929-34, 1974.* p. 95. | **Edifício de Colonização em Nemours.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1934-38, 1974.* p. 100. | **Corte de um Edifício das Fitas indentadas.** Fonte: Le Corbusier. *Obra Completa 1910-29, 1974.* p. 33. | **Edifício - 25, Rue Franklin.** Fonte: SHERWOOD, Roger. *Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno,* Barcelona: GG, 1983. p. 77. | **Exposição Weissenhof.** Fonte: Revista AV Monographs. Ano 2001. Nº 92. p.18. | **Edifício - Narkomfin.** Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 118. | **Edifício Nirvana.** Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 107. | **Torres Hoogbouw.** Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. p. 143. | **Edifício - 25, Av de Versailles.** Fonte: ALLAN, John. *Berthold Lubetkin.* Londres: Merrell, 2002. p. 81. | **Edifício - Av. de Versailles.** Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 80. | **St. Mark Tower.** Fonte: ZEVI, Bruno. *Frank Lloyd Wright.* Barcelona: GG, 1995 p. 140. | **Casa Rustici.** Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 89. | **Edifício Novocomum.** Fonte: ZEVI, Bruno. *Giuseppe Terragni.* Barcelona: GG, 1982 p. 26. | **Edifício Toninello.** Fonte: ZEVI, op. cit. p. 96. | **Edifício Lavezari.** Fonte: ZEVI, op. cit. p. 100. | **Immeuble Clarté.** Fonte: BOESIGER, W. *Le Corbusier 1910-65.* Barcelona: GG, 2001. p.63. | **Edifício Highpoint II.** Fonte: ALLAN, op. cit. p. 92. |

Edifício Porte Molitor. Fonte: CURTIS, op. cit. p.113. | **Edifício Highpoint I.** Fonte: ALLAN, op. cit. p. 87. | **Edifício Angélica.** Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. *A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964.* São Paulo: RiMa, 2002. p.118. | **Edifício Morro de Santo Antônio.** Fonte: Revista *Arquitetura e Urbanismo.* Set/out 1939. p.42. | **Edifício para Construtora Barlein.** Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge. *Jorge Machado Moreira.* Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Urbanismo/ Centro de Arq. e Urb. do RJ, 1999. p. 65. |

CAP 2 - EMERGÊNCIA

| **Edifício Ester.** **Fig a.** Imagem Edifício Esther, Praça da República, São Paulo. Fonte: GOODWIN, Philip. *Brazil Builds.* New York: MoMA, 1943. p.119. **Fig. b.** Planta Baixa 4º Pavimento. Fonte: CONDURU, Roberto. *Vital Brazil.* São Paulo: Cosac & Naify, 2000. p.59. | **Edifício Residencial Tapir.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Jorge Machado Moreira.* Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999. p.73. | **Fig. b.** Imagem da fachada posterior. Fonte: CZAJKOWSKI, op. cit. p.75. | **Fig. c.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p., 74. | **Conjunto Residencial do Realengo.** **Fig. a.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: Desenho. | **Fig. b.** Imagem balcões. Fonte: GODWIN, op. cit. p.128. | **Fig. c.** Imagem corredores de acesso aos apartamentos. Fonte: GODWIN, op. cit. p.129. | **Edifício Anchieta.** **Fig. a.** Imagem Posterior do Edifício. Fonte: XAVIER, Alberto. *Arquitetura Moderna Paulistana.* São Paulo: Pini, 1998. p.8. **Fig. b.** Implantação. Fonte: XAVIER, op. cit. p.8 | **Conjunto Baixada do Carmo.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: BONDUKI, Nabil. *Origens da Habitação Social no Brasil.* São Paulo FAPESP, 1998. p. 185. | **Fig. b.** Perspectiva. Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 185. | **Parque Eduardo Guinle - Edifício Nova Cintra.** **Fig. a.** Foto da Esquina da Rua Gago Coutinho. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. c.** Foto da lateral do edifício. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. b.** Planta baixa 2º,4º e 6º pav. Fonte: WISNIK, Guilherme. *Lucio Costa, SP: Cosac Naify,* 2001. p. 95. | **Parque Eduardo Guinle - Edifício Bristol.** **Fig. a.** Foto Detalhe Térreo. Fonte: Cícero Álvares. **Fig. b.** Planta baixa 2º,4º e 6º pav. Fonte: WISNIK, op. cit. p. 95. | **Parque Eduardo Guinle - Edifício Caledônia.** **Fig. a.** Foto Detalhe Pilotis. Fonte: Cícero Alvarez. **Fig. b.** Planta baixa 2º,4º e 6º pav. Fonte: WISNIK, op. cit. p. 95. | **Edifício Residencial Prudência.** **Fig. a.** Imagem bloco. Fonte: MINDLIN, Henrique E. *Modern Architecture in Brazil.* Rio de Janeiro: Colibris, 1956. p.96. **Fig. b.** Planta Baixa Térreo. Fonte: Revista *Progressive Architecture.* Aug 1952. Nº 8. p.65. | **Edifício MMM Roberto.** **Fig. a.** Imagem Fachada Principal. Fonte: ACB. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Desenho. | **Edifício para o Ilôt Insalubre.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: LE CORBUSIER. *Obra Completa 1934-38, 1974.* p. 51. | **Edifício Grand Place de Mairie**

Boulogne-sur-seine. Fig. a. Implantação. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Fig. b.** Fachada Frente. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Fig. c.** Fachada Fundos. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Edifício Giuliani Frigeni. Fig. a.** Fachada. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona: GG, 1995 p. 181. **Fig. b.** Planta e Corte. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 180. | **Edifício SPA Green. Fig. a.** Implantação. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 41. **Fig. b.** Imagem. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 109. | **Priory Green. Fig. a.** Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p.113. | **Fig. b.** Maquete do Conjunto. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 42. | **Unidade de Habitação de Marselha. Fig. a.** Plantas Baixas. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 125. | **Edifício Residencial. Fig. a.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 86. **Fig. b.** Imagem da fachada. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.86. | **Edifício Conceição. Fig. a.** Foto Esquina. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. b.** Planta Baixa 2º ao 12º Pavimentos. Fonte: Revista Acrópole. Out 1948. Ano XI. Nº 126. p.181. | **Edifício Mara. Fig. a.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. Jan/fev 1945. Ano VII. Nº 81-82. p. 282. **Fig. b.** Foto Detalhe Fachada. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Edifício Luis Felipe. Fig. a.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Desenho. **Fig. b.** Imagem Fachada Principal. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.87. |

Edifício Esther, 1936/38

| **Fig. a.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. c.** Imagem Edifício Esther, Praça da República, São Paulo. Fonte: GOODWIN, Philip. Brazil Builds. New York: MoMA, 1943. p.119. | **Fig. d.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. e.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. f.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. g.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. h.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. i.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. j.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. k.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. l.** Imagem apartir da rua acima da garagem. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.62. | **Fig. m.** Imagem desde a praça liberdade. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.62. | **Fig. n.** Imagem da escadaria interna. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.60. | **Fig. o.** Esquema: tipo de unidades. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.56. | **Fig. p.** Esquema: circulação vertical. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.60. | **Fig. q.** Imagem esquadrias. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.60. | **Fig. r.** Imagem hall de entrada. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.56. | **Fig. s.** Imagem luminária das colunas do térreo. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.61. | **Fig. t.** Imagem hall de entrada. Fonte: Revista Projeto Nº 26. Jan 1981. p.61. | **Fig. u.** Planta Baixa Subsolo. Fonte: CONDURU, Roberto. Vital Brazil. São Paulo: Cosac & Naify, 2000. p.58. | **Fig. v.** Planta Baixa Térreo. Fonte: CONDURU, op. cit. p.58. | **Fig. w.** Corte Trans-

versal. Fonte: Desenho. | **Fig. x.** Planta Baixa 2º e 3º Pavimentos. Fonte: CONDURU, op. cit. p.58. | **Fig. y.** Planta Baixa 4º Pavimento. Fonte: CONDURU, op. cit. p.59. | **Fig. z.** Planta Baixa 9º Pavimento. Fonte: CONDURU, op. cit. p.59. | **Fig. aa.** Planta Baixa: 10º Pavimento. Fonte: CONDURU, op. cit. p.59. | **Fig. ab.** Planta Baixa Cobertura. Fonte: CONDURU, op. cit. p.59. |

Edifício Residencial Tapir, 1939/ND

| **Fig. a.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). Jorge Machado Moreira. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999. p.73. | **Fig. c.** Imagem da marquise de acesso. Fonte: CZAJKOWSKI, op. cit. p.72. | **Fig. d.** Imagem da fachada posterior. Fonte: CZAJKOWSKI, op. cit. p.75. | **Fig. e.** Imagem da fachada principal - balcões. Fonte: CZAJKOWSKI, op. cit. p.75. | **Fig. f.** Planta Baixa Térreo. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p.74. | **Fig. g.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p., 74. | **Fig. h.** Corte Transversal. Fonte: Desenho. |

Conjunto Residencial do Realengo, 1939/ND

| **Fig. a.** Imagem bloco de apartamentos. Fonte: BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. São Paulo FAPESP, 1998. p.180. | **Fig. b.** Imagem da rua entre os blocos. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.180. | **Fig. c.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Imagem balcões. Fonte: GODWIN, op. cit. p.128. | **Fig. e.** Imagem corredores de acesso aos apartamentos. Fonte: GODWIN, op. cit. p.129. | **Fig. f.** Corte Ttransversal. Fonte: Desenho. | **Fig. g.** Bloco de Apartamentos em segundo plano. Fonte: GODWIN, op. cit. p.127. |

Edifício Anchieta, 1941/ND

| **Fig. a.** Imagem Fachada Consolação. Fonte: XAVIER, Alberto. Arquitetura Moderna Paulistana. São Paulo: Pini, 1998. p.8. | **Fig. b.** Imagem posterior do edifício. Fonte: XAVIER, op. cit. p.8 | **Fig. c.** Imagem do edifício desde a esquina. Fonte: XAVIER, op. cit. p.8 | **Fig. d.**Implantação. Fonte: XAVIER, op. cit. p.8 | **Fig. e.** Planta Baixa do pavimento tipo das unidades. Fonte: XAVIER, op. cit. p.8 |

Parque Eduardo Guinle, 1943/54

| **Fig. a.** Perspectiva do conjunto. Fonte: WISNIK, Guilherme . Lucio Costa, SP: Cosac Naify, 2001. p. 87. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: MINDLIN, Henrique. Modern Architecture in Brazil, RJ: Colibris, 1956 p. 90. | **Fig. c.** Foto. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. d.** Foto da mansão existente. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. e.** Foto da rua. Fonte: Cícero Alvarez.

Parque Eduardo Guinle, 1943/48 Ed. Nova Cintra

| **Fig. a.** Foto da fachada interna do parque. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. b.** Foto da esquina do Gago Coutinho. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig.**

c. Foto da lateral do edifício. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. d.** Detalhe pano de vidro da fachada principal. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. e.** Planta baixa térreo. Fonte: WISNIK, Guilherme. Lucio Costa, SP: Cosac Naify, 2001. p. 95. | **Fig. f.** Planta baixa 1º, 3º e 5º pav. Fonte: WISNIK, op. cit. p. 95. | **Fig. g.** Planta baixa 2º, 4º e 6º pav. Fonte: WISNIK, op. cit. p. 95.

Parque Eduardo Guinle, 1943/50 Ed. Britol

| **Fig. a.** Foto do Pilotis. Fonte: Cícero Álvares. | **Fig. b.** Foto rampa de acesso garagem. Fonte: Cícero Álvares. | **Fig. c.** Foto detalhe fachada. Fonte: Cícero Álvares. | **Fig. d.** Foto fachada. Fonte: Cícero Álvares. | **Fig. e.** Foto detalhe térreo. Fonte: Cícero Álvares. | **Fig. f.** Planta baixa 1º, 3º e 5º pav. Fonte: WISNIK, op. cit. p. 95. | **Fig. g.** Planta baixa 2º, 4º e 6º pav. Fonte: WISNIK, op. cit. p. 95.

Parque Eduardo Guinle, 1943/54 Ed. Caledônia

| **Fig. a.** Foto detalhe fachada. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. b.** Foto detalhe pilares soltos. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. c.** Foto Pilotis aberto. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. d.** Foto desde a calçada. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. e.** Foto detalhe Pilotis. Fonte: Cícero Alvarez. | **Fig. f.** Planta baixa 1º, 3º e 5º pav. Fonte: WISNIK, op. cit. p. 95. | **Fig. g.** Planta baixa 2º, 4º e 6º pav. Fonte: WISNIK, op. cit. p. 95.

Edifício Residencial Prudência, 1944/50

| **Fig. a.** Imagem maquete vista superior. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. Nº 13/14. Dez 1947. p.25. | **Fig. b.** Imagem maquete. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. Nº 13/14. Dez 1947. p.25. | **Fig. c.** Imagem bloco. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.96. | **Fig. d.** Imagem rampa de acesso. Fonte: MINDLIN, Henrique E, op. cit. p.97. | **Fig. e.** Imagem interior da unidade. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.97. | **Fig. f.** Imagem fachada principal. Fonte: Revista Progressive Architecture. Aug 1952. Nº 8. p.64. | **Fig. g.** Corte Transversal. Fonte: Desenho. | **Fig. h.** Planta Baixa Sbsolo. Fonte: Revista Progressive Architecture. Aug 1952. Nº 8. p.65. | **Fig. i.** Planta Baixa Térreo. Fonte: Revista Progressive Architecture. Aug 1952. Nº 8. p.65. | **Fig. j.** Esquemas de distribuição espacial. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.97. | **Fig. k.** Foto Pav. Térreo. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. l.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. m.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Progressive Architecture. Aug 1952. Nº 8. p.65. | **Fig. n.** Planta Baixa Cobertura. Fonte: Revista Progressive Architecture. Aug 1952. Nº 8. p.65. |

Edifício MMM Roberto, 1945/ND

| **Fig. a.** Imagem fachada principal. Fonte: ACB. | **Fig. b.** Imagem interna da unidade. Fonte: ACB. | **Fig. c.** Imagem interna da unidade. Fonte: ACB. | **Fig. d.** Imagem fachada principal. Fonte: ACB. | **Fig. e.** Corte esquemático proteção solar. Fonte: ACB. | **Fig. f.** Corte Longitudinal. Fonte: ACB. | **Fig. g.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. h.** Planta Baixa Térreo. Fonte: Desenho. | **Fig. i.** Planta Baixa Tipo. Fonte:

Desenho. | **Fig. j.** Planta Baixa 8º Pavimento. Fonte: Desenho. | **Fig. k.** Planta Baixa Cobertura. Fonte: Desenho. |

CAP3 - CONSOLIDAÇÃO

| **Conjunto Residencial Pedregulho. Fig. a.** Imagem. Fonte: BONDUKI, Nabil. Afonso Eduardo Reidy. Lisboa: Blau, p. 89. | **Bloco A. Fig. a.** Planta Baixa Térreo. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.90. | **Bloco B. Fig. a.** Imagem Fachada Posterior. Fonte: BONDUKI, Op. cit. p.94. **Fig. b.** Planta Baixa 1º e 3º Pavimentos. Fonte: Desenho. **Fig. c.** Planta Baixa 2º e 4º Pavimentos. Fonte: Desenho. | **Bloco C. Fig. a.** Fachada Posterior. Fonte: CAIXETA, Eline. Reidy, o Poeta Construtor. Thèse de Doctorat. Barcelona: ETSAB, 1999. p.331. **Fig. b.** Planta Baixa Pavimentos Pares. Fonte: CAIXETA, op. cit. p.331. **Fig. c.** Planta Baixa Pavimentos Ímpares. Fonte: CAIXETA, op. cit. p.331. **Fig. d.** Fachada Principal. Fonte: CAIXETA, op. cit. p. 331. | **Edifício Antônio Ceppas. Fig. a.** Imagem da Fachada Principal. Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). Jorge Machado Moreira. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999. p.77. **Fig. i.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p. 79. | **Edifício Residencial Louveira. Fig. a.** Imagem. Fonte: MINDLIN, Henrique E. Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro: Colibris, 1956. p. 94. **Fig. b.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: KAMITA, João M. Vilanova Artigas. São Paulo: Cosac & Naify, 2000. p. 57. | **Edifício Residencial Júlio Barros Barreto. Fig. a.** Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 89. | **Fig. b.** Planta Geral. Fonte: CALOVI, Cláudio. Os irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Propar/UFRGS, 1993. p. 100. | **Conjunto Residencial Vila Guiomar. Fig. a.** Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.119. **Fig. h.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.119. | **Priory Heis. Fig. a.** Foto do Acesso. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p.114. | **Fig. b.** Foto de Dois Prédios. Fonte: ALLAN, op.cit. p.114. | **Edifício Bevin Court. | Fig. a.** Fachada. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 118. **Fig. b.** Foto Aérea Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 42. | **Halfield Estate. Fig. a.** Fachada sem Balcões. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 42. | **Edifício Promontory. Fig.a.** Foto Fachada. Fonte: SAFRAN, Yeuda. Mies Van der Rohe. Lisboa: Blau, 2000. p. 191. | **Unidade de Habitação. Fig.a.** Foto Fachada. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 191. | **Edifício Lakeshore Drive. Fig. a.** Plantas Baixas. Fonte: CARTER, Peter. Mies van der Rohe. Londres: Phaidon,1999. p.53. **Fig. b.** Foto Noturna. Fonte: CARTER, op.cit. p. 52. **Fig. c.** Foto Diurna. Fonte: CARTER, op.cit. p. 52. | **Edifício Três Leões. Fig. a.** Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 99. **Fig. b.** Planta baixa: 11º ao 18º pavimento. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 99. | **Edifício Lealdade. Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Dez 1948. Ano XI. Nº 128. p. 246. **Fig. b.** Planta Baixa 9º pavimento. Fonte: Desenho.

| **Edifício Seguradora Brasileira.** Fig. a. Planta Baixa do 5 ao 18º pavimento. Fonte: Revista Acrópole. Ano XV. Nº 174. p. 278. Fig. b. Imagem Maquete. Fonte: Revista Acrópole. Ano XV. Nº 174. p. 276. | **Conjunto Residencial Japurá.** Fig. a. Imagem. Fonte: BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. São Paulo FAPESP, 1998. p. 199. Fig. b. Planta Baixa Pavimentos Ímpares. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p. 104. | Fig. e. Planta baixa: pavimentos pares. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p. 104. |

Conjunto Residencial Pedregulho, 1946/ND

| Fig. a. Implantação. Fonte: BONDUKI, Nabil. Afonso Eduardo Reidy. Lisboa: Blau, 2000. p.85. | Fig. b. Imagem. Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 89. |

Bloco A | Fig. a. Corte Transversal. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.90. | Fig. b. Imagem corredor do 4º pavimento com ventilação permanente e proteção solar. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.92. | Fig. c. Imagem pavimento intermediário de acesso - terraço aberto. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.92. | Fig. d. Planta Baixa Térreo. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.90. | Fig. e. Unidades. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.91. | Fig. f. Corte Transversal. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.90. |

Bloco B | Fig. a. Imagem conjunto. Fonte: BONDUKI, op. cit. p.95. | Fig. b. Imagem torre de circulação, fachada frontal. Fonte: BONDUKI, Op. cit. p.94. | Fig. c. Imagem fachada posterior. Fonte: BONDUKI, Op. cit. p.94. | Fig. d. Imagem fachada posterior. Fonte: BONDUKI, Op. cit. p.95. | Fig. e. Trecho da fachada. Fonte: BONDUKI, Op. cit. p.94. | Fig. f. Unidades. Fonte: Desenho. | Fig. g. Planta Baixa Térreo. Fonte: Desenho. | Fig. h. Planta Baixa 1º e 3º Pavimentos. Fonte: Desenho. | Fig. c. Planta Baixa 2º e 4º Pavimentos. Fonte: Desenho. |

Bloco C | Fig. a. Fachada Posterior. Fonte: CAIXETA, Eline. Reidy, o Poeta Construtor. Thèse de Doctorat. Barcelona: ETSAB, 1999. p.331. | Fig. b. Planta Baixa Térreo. Fonte: CAIXETA, op. cit. p.331. | Fig. c. Unidades. Fonte: CAIXETA, op. cit. p.331. | Fig. d. Corte Transversal. Fonte: CAIXETA, op. cit. p.331. | Fig. e. Planta Baixa Pavimentos Pares. Fonte: CAIXETA, op. cit. p.331. | Fig. f. Planta Baixa Pavimentos Ímpares. Fonte: CAIXETA, op. cit. p.331. | Fig. g. Fachada Principal. Fonte: CAIXETA, op. cit. p. 331. |

Edifício Antônio Ceppas, 1946/ND

| Fig. a. Imagem marquise de acesso. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p.81. | Fig. b. Imagem da fachada lateral. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p.79. | Fig. c. Imagem da fachada principal. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p.77. | Fig. d. Planta Baixa Subsolo. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p.78. | Fig. e. Planta Baixa Térreo. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p.78. | Fig. f. Imagem jardim. Fonte: MINDLIN, Henrique E. – Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro and amsterdam: Colibris editora, 1956. p.100. | Fig. g. Implantação. Fonte: desenho. | Fig. h.

Corte Transversal. Fonte: desenho. | Fig. i. Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: CZAJKOWSKI. op. cit. p. 79. |

Edifício Residencial Louveira, 1950/ND

| Fig. a. Implantação. Fonte: Desenho. | Fig. b. Imagem. Fonte: KAMITA, op. cit. p. 53. | Fig. c. Imagem. Fonte: MINDLIN, Henrique E. Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro, 1956. p. 94. | Fig. d. Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 95. | Fig. e. Corte transversal. Fonte: KAMITA, op. cit. p. 57. | Fig. f. Imagem detalhe da face norte. Fonte: KAMITA, op. cit. p. 56. | Fig. g. Imagem detalhe do acesso ao edifício. Fonte: KAMITA, op. cit. p. 52. | Fig. h. Planta baixa: térreo. Fonte: KAMITA, op. cit. p. 57. | Fig. i. Planta baixa: tipo. Fonte: KAMITA, op. cit. p. 57. |

Edifício Residencial Júlio Barros Barreto, 1947/ND

| Fig. a. Implantação. Fonte: MINDLIN, Henrique E. Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro, 1956. p. 88. | Fig. b. Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 89. | Fig. c. Imagem: detalhe do acesso. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 89. | Fig. d. Imagem detalhe da fachada. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 89. | Fig. e. Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 88. | Fig. f. Perspectiva. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p. 63. | Fig. g. Corte esquemático. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p. 63. | Fig. h. corte esquemático. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p. 63. | Fig. i. Corte transversal. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 88. | Fig. j. Planta baixa: geral. Fonte: Calóvi. | Fig. k. Corte da unidade. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 89. | Fig. l. Unidades. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 89. | Fig. m. Perspectiva. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p. 62. |

Conjunto Residencial Vila Guiomar, 1949/ND

| Fig. a. Implantação. Fonte: BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. São Paulo FAPESP, 1998. p. 190. | Fig. b. Imagem. Fonte: MINDLIN, Henrique E. – Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro and amsterdam: Colibris editora, 1956. p.119. | Fig. c. Imagem do conjunto. Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 190. | Fig. d. Imagem. Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 191. | Fig. e. Imagem. | Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 191. | Fig. f. Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.118. | Fig. g. Planta baixa: térreo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.118. | Fig. h. Planta baixa: tipo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.119. | Fig. i. Corte longitudinal. Fonte: Desenho. |

Conjunto Baixada do Carmo, 1940/ND

| Fig. a. Imagem. Fonte: BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. São Paulo FAPESP, 1998. p. 184. | Fig. b. Imagem. Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 185. | Fig. c. Perspectiva. Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 184. | Fig. d. Perspectiva. Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 185. | Fig. e. Perspectiva. Fonte: BONDUKI, op. cit. p. 185. |

CAP 4 - HEGEMONIA

| **Edifício Mauá.** Fig. a. Croqui. Fonte: PAPADAKI, Stamo - Oscar

Niemeyer: Works in Progress. New York Reinhold Publishing Corporation, 1956. p. 21. **Fig. b.** Imagem. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.22. **Fig. c.** Planta Baixa Tipo. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.37. | **Edifício Santa Terezinha.** **Fig. a.** Planta Baixa: Tipo. Fonte: XAVIER, Alberto. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Editora Pini, 1987. p. 67. **Fig. b.** Imagem. Fonte: XAVIER, op. cit. 66 | **Edifício Copan.** **Fig. a.** Detalhe Fachada. Fonte: Fernanda Drebes. **Fig. b.** Planta Baixa Térreo. Fonte: Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.43. | **Edifício Montreal.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 61. **Fig. b.** Planta Baixa do 1º ao 10º Pavimento. Fonte: Desenho. | **Edifício Juscelino Kubitschek.** **Fig. a.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.36. **Fig. b.** Planta Baixa do 12º, 14º, 16º, 18º, 20º, 22º Pavimentos. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.39. | **Edifício Jaguaribe.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: CANEZ, Ana Paula. Fernando Corona e os Caminhos da Arquitetura Moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998. p.148. **Fig. b.** Planta Baixa: 7º Pavimento. Fonte: BERNARDES, Dalton. Jaguaribe e Esplanada: O Edifício de Apartamentos Modernista e um Novo Paradigma Habitacional em Porto Alegre. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Propar/UFRGS, 2003. p. 67. | **Edifício Sambaíba.** **Fig. a.** Planta Baixa Tipo. Fonte: XAVIER, op. cit. p. 82. **Fig. b.** Imagem. Fonte: XAVIER, op. cit. p. 82. | **Edifício Esplanada.** **Fig. a.** Planta Baixa Tipo. Fonte: XAVIER, op. cit. p. 92. **Fig. b.** Imagem. Fonte: Desenho. | **Edifício Residencial da Gávea.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: BONDUKI, Nabil (org.). Afonso Eduardo Reidy. Série Arquitetos Brasileiros. Lisboa: Editorial Blau, Instituto Lina Bó e P. M. Bardí, 1999/2000. p. 107. **Fig. b.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.107. | **Edifício Lúcio Cardoso.** **Fig. a.** Perspectiva. Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). Jorge Machado Moreira. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999. p.85. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: CZAJKOWSKI, op. cit. p. 86. | **Edifício Guarabira.** **Fig. a.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. Nº 26. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: CALOVI, Cláudio. Os irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Propar/UFRGS, 1993. p. 126. | **Edifício Nações Unidas.** **Fig. a.** Fotografia. Fonte: Fernanda Drebes. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo: Rima Editora. p. 205. | **Edifício Oscar Niemeyer.** **Fig. a.** Fotografia. Fonte: Fernanda Drebes. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Desenho. | **Edifício Residencial Finúzia e Dona Fátima.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 206. p.52. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Desenho. | **Edifício João Ramalho.** **Fig. a.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 242. p. 56. **Fig. b.** Fotografia. Fonte: Fernanda Drebes. | **Edifício Eiffel.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 208. p. 136. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo - Salas. Fonte: Desenho. | **Edifício Hansa Viertel.** **Fig. a.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 174. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo - Projeto. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 176. | **Edifício Paulicéia.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p. 225. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p. 225. | **Conjunto Nacional.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Desenho. | **Apartamentos para o Fundo Munkkiniemi.** **Fig. a.** Foto da Praça. Fonte: AALTO, Elissa. Alvar Aalto. Barcelona: GG, 1982. p. 49. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: AALTO, op. cit. p. 49. | **Edifício Dorset Estate.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 4. **Fig. b.** Vista da Calçada. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 126. **Fig. c.** Vista do Parque. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 126. | **Edifício Lakeview.** **Fig. a.** Blocos Altos. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 133. **Fig. b.** Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 47. | **Edifício Cranbrook.** **Fig. a.** Imagem Acesso. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 134. **Fig. b.** Imagem Conjunto. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 134. | **Commonwealth Promenade Apartments.** **Fig. a.** Vista do Lincoln Park. Fonte: CARTER, Peter. Mies van der Rohe. Londres : Phaidon,1999. p.57. **Fig. b.** Plantas Baixas. Fonte: CARTER, op.cit. p. 57. | **Lafayette Park.** **Fig. a.** Maquete do Plano Diretor. Fonte: CARTER, op. cit. p. 120. **Fig. b.** Pavimento Tipo do Edifício de Apartamentos. Fonte: CARTER, op. cit. p. 123. | **Hansaviertel - Alvar Aalto.** **Fig. a.** Fotografia. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno, Barcelona: GG, 1983. p. 110. **Fig. b.** Implantação. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 111. | **Edifício Alvarez Sordo Madaleno.** **Fig. a.** Foto da Fachada. Fonte: MYERS, I. Mexico's Modern Architecture, NY Cornwall, 1952. p. 138. **Fig. b.** Planta Baixa 1º, 4º e 7º Pavimentos. Fonte: MYERS, op. cit. p. 139. | **Edifício Presidente Miguel Aleman.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: MYERS, op. cit. p.141. **Fig. b.** Foto Aérea. Fonte: MYERS, op. cit. p.141. | **Edifício Benito Juarez.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: MYERS, op. cit. p.146. **Fig. b.** Fotografia. Fonte: MYERS, op. cit. p.147. | **Edifício Sarzedas.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p. 226. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p. 227. | **Edifício Residencial Biaça.** **Fig. a.** Imagem. Fonte: MINDLIN, Henrique E. – Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro and Amsterdam: Colibris editora, 1956. p.103. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.103. | **Edifício Helena Maria.** **Fig. a.** Foto da Maquete. Fonte: Revista Acrópole. Ano XVI. Nº 182. p.70. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. P.70. | **Edifício Califórnia.** **Fig. a.** Planta Baixa: 20, 5º, 8º, 11º, 14º Pavimentos. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.209. **Fig. b.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p. 208. | **Edifício Guararapes, Bela Vista, Dalton, Parque São Joaquim (Parque Guinle II).** **Fig. a.** Imagem. Fonte: CAVALCANTI, Lauro. Quando o Brasil era Moderno. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXIV. Nº 288. p. 395. | **Edifício Ministro Godoy.** **Fig. a.** Fotografia Fachada Fundos. Fonte: Fernanda Jung Drebes. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte:

SAMPAIO, op. cit. p.215. |

Edifício Mauá, 1950

| **Fig. a.** Croqui. Fonte: PAPADAKI, Stamo - Oscar Niemeyer: Works in Progress. New York Reinhold Publishing Corporation, 1956. p. 21. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.20. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.22. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.18. | **Fig. e.** Planta baixa: térreo. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.30. | **Fig. f.** Cortes esquemático. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.25. | **Fig. g.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.35. | **Fig. h.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.32. | **Fig. i.** Esquema de insolação. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.24. | **Fig. j.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.33. | **Fig. k.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.33. | **Fig. l.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.32. | **Fig. m.** Planta baixa: sobreloja. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.36. | **Fig. n.** Croqui. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.21. | **Fig. o.** Croqui. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.21. | **Fig. p.** Croqui. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.22. | **Fig. q.** Planta de cobertura. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.37. | **Fig. r.** Planta baixa tipo. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.37. | **Fig. s.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.26. | **Fig. t.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.26. | **Fig. u.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.28. | **Fig. v.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.38. | **Fig. x.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.38. | **Fig. aa.** Corte transversal. Fonte: Desenho. | **Fig. ab.** Unidades. Fonte: Desenho. | **Fig. ac.** Unidades. Fonte: Desenho. | **Fig. ad.** Unidades. Fonte: Desenho. |

Edifício Santa Terezinha, 1950/ND

| **Fig. a.** Planta baixa: mezanino. Fonte: | **Fig. b.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. c.** Planta baixa: tipo. Fonte: | **Fig. d.** Imagem. Fonte: | **Fig. a.** Planta baixa: mezanino. Fonte: |

Edifício Copan, 1951/54

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: AU 95. Abril/Maio 2001. p. 51. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: AU 95. Abril/Maio 2001. p. 46. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: AU 95. Abril/Maio 2001. p. 46. | **Fig. d.** Imagem da maquete. Fonte: AU 95. Abril/Maio 2001. p. 46. | **Fig. e.** Corte transversal. Fonte: AU 95. Abril/Maio 2001. p. 46. | **Fig. f.** Planta baixa: térreo. Fonte: AU 95. Abril/Maio 2001. p. 46. | **Fig. g.** Planta baixa. Fonte: AU 95. Abril/Maio 2001. p. 46. | **Fig. h.** planta baixa. Fonte: AU 95. Abril/Maio 2001. p. 46. | **Fig. i.** planta baixa: térreo. Fonte: | **Fig. j.** planta baixa: trecho 1. Fonte: | **Fig. j.** planta baixa: trecho 2. Fonte: | **Fig. j.** planta baixa: trecho 3. Fonte: | **Fig. j.** planta baixa: trecho 4. Fonte: | **Fig. j.** planta baixa: trecho 5. Fonte: | **Fig. j.** planta baixa: trecho 6. Fonte: | **Fig. j.** Imagem. Fonte: MINDLIN, Henrique E. – Arquitetura Moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano editora, 1999. p.39. |

Edifício Montreal, 1951/ND

| **Fig.a.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. b.** Imagem. Fonte:

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo. RiMa Editora. P.173. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.173. | **Fig. d.** Perspectiva. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.172. | **Fig. e.** imagem. Fonte: PAPADAKI, Stamo - Oscar Niemeyer: Works in Progress. New York Reinhold Publishing Corporation, 1956. p. 61. | **Fig. f.** Imagem. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.63. | **Fig. g.** Imagem. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.60. | **Fig. h.** Imagem. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p.173. | **Fig. i.** Planta baixa: térreo. Fonte: Desenho. | **Fig. j.** Planta baixa: 1º ao 10º pavimento. Fonte: Desenho. | **Fig. k.** planta baixa: 11º ao 24º pavimento. Fonte: Desenho. |

Edifício Juscelino Kubitschek, 1951/ND

| **Fig. a.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.36. | **Fig. b.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.38. | **Fig. c.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.34. | **Fig. d.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.36. | **Fig. e.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.36. | **Fig. f.** Planta baixa: subsolo. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.33. | **Fig. g.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.36. | **Fig. h.** Planta baixa: térreo. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.35. | **Fig. i.** Corte transversal. Fonte: PAPADAKI, Stamo - Oscar Niemeyer: Works in Progress. New York Reinhold Publishing Corporation, 1956. p. 49. | **Fig. j.** Cortes esquemáticos. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. k.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.38. | **Fig. l.** Perspectiva. Fonte: AP Revista de Arquitetura. Julho, Agosto de 1996. p.59. | **Fig. m.** Corte esquemático. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. n.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.38. | **Fig. o.** Planta baixa: 3º pavimento. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.37. | **Fig. p.** Planta baixa: tipo. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.37. | **Fig. q.** Planta baixa: 12º, 14º, 16º, 18º, 20º, 22º pavimentos. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.39. | **Fig. r.** Planta baixa: 4º pavimento. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.39. | **Fig. s.** Planta baixa: 11º, 13º, 15º, 17º, 21º pavimento. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.39. | **Fig. t.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. u.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. v.** Unidade. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. x.** Unidade. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. aa.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. ab.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. ac.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. ad.** Unidade. Fonte: Revista

Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.40. | **Fig. ae.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.38. | **Fig. af.** Implantação. Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo. RiMa Editora. p.158. | **Fig. ag.** Unidade. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. AnoV. Nº 28.p.43. | **Fig. ah.** Unidade. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. | **Fig. ai.** Unidade. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. | **Fig. aj.** Unidade. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. | **Fig. ak.** Unidade. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. | **Fig. al.** Unidade. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. |

Edifício Jaguaribe, 1951/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: CANEZ, Ana Paula. Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. Porto Alegre: Unidade editorial Porto Alegre, 1998. p.148. | **Fig. b.** Planta baixa: subsolo. Fonte: BERNARDES, Dalton. Jaguaribe e Esplanada: O edifício de apartamentos modernista e um novo paradigma habitacional em Porto Alegre. UFRGS, PROPARG, Porto Alegre, dissertação de mestrado 2003. p.57. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: desenho. | **Fig. d.** Planta baixa: térreo. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 59. | **Fig. e.** Planta baixa: 2º pavimento. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 60. | **Fig. f.** Corte transversal. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 61. | **Fig. g.** Planta baixa: 3º pavimento. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 63. | **Fig. h.** Planta baixa: 6º pavimento. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 66. | **Fig. i.** Planta baixa: 7º pavimento. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 67. | **Fig. j.** Planta baixa: 8º, 10º, 12º, 14º pavimento. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 68. | **Fig. k.** Planta baixa: 9º, 11º pavimento. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 68. | **Fig. l.** Planta baixa: 26º pavimento. Fonte: BERNARDES, op. cit. p. 70. |

Edifício Sambaíba, 1952/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: XAVIER, Alberto e outros. Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. São Paulo: Ed. Pini, 1991. p. 82. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. c.** Planta baixa: tipo. Fonte: XAVIER, op. cit. p. 82. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: XAVIER, op. cit. p. 82. | **Fig. e.** Imagem. Fonte: XAVIER, op. cit. p. 82. |

Edifício Esplanada, 1952/ND

| **Fig. a.** planta baixa: térreo. Fonte: | **Fig. b.** planta baixa: tipo. Fonte: | tem mais coisa

Conjunto Residencial da Gávea, 1952/67

| **Fig. a.** Implantação. Fonte: BONDUKI, Nabil (org.). Affonso Eduardo Reidy. Série Arquitetos Brasileiros. Lisboa: Editorial Blau, Instituto Lina Bó e P. M. Bardi, 1999/2000. p. 107. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.107. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.113. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.112. | **Fig. e.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.112. | **Fig. f.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.113. | **Fig. g.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.113. | **Fig. h.** Unidades.

Fonte: BONDUKI, op.cit. p.110. | **Fig. i.** Corte transversal Bloco A. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.110. | **Fig. j.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.113. | **Fig. k.** Imagem. Fonte: BONDUKI, op.cit. p.113. |

Edifício Lucio Cardoso, 1953/ND

| **Fig. a.** Perspectiva. Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). Jorge Machado Moreira. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999. p.85. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. c.** Planta baixa: térreo. Fonte: CZAJKOWSKI, op. cit. p. 86. | **Fig. d.** Planta baixa: tipo. Fonte: CZAJKOWSKI, op. cit. p. 86. | **Fig. e.** Corte longitudinal. Fonte: CZAJKOWSKI, op. cit. p. 87. |

Edifício Guarabira, 1953/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. Nov/Dez 1955. AnoVI. Nº 37. | **Fig. b.** Perspectiva. Fonte: Revista Arquitetura e Engenharia. Nº 26. | **Fig. c.** planta baixa: tipo. Fonte: Calovi p. 126. |

Edifício Nações Unidas, 1953/59

| **Fig. a.** Planta baixa: tipo. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p. 205. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. c.** Planta baixa: tipo. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p. 205. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p. 204. | **Fig. e.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.205. | **Fig. f.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.205. |

Edifício Oscar Niemeyer, 1954/60 (Edifício Liberdade)

| **Fig. a .** Imagem. Fonte: Foto Fernanda Drebs. | **Fig. b .** Imagem. Fonte: Foto Fernanda Drebs. | **Fig. c .** Imagem. Fonte: Foto Fernanda Drebs. | **Fig. d .** Imagem maquete. Fonte: ? | **Fig. e .** Implantação. Fonte: Prefeitura municipal de Belo Horizonte. | **Fig. f .** corte esquemático. Fonte: | **Fig. g .** Planta baixa: subsolo. Fonte: Desenho. | **Fig. h .** Corte. Fonte: Desenho. | **Fig. i .** Planta baixa: térreo. Fonte: Desenho. | **Fig. j .** Implantação. Fonte: | **Fig. k .** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. l .** Imagem. Fonte: Foto Fernanda Drebs. | **Fig. m .** Planta baixa: tipo. Fonte: Desenho. | **Fig. n .** Planta baixa: cobertura. Fonte: Desenho. |

Edifício Residencial Finússia e D. Fátima, 1954/ND

| **Fig. a .** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 206. p.52. | **Fig. b .** Imagem. Fonte: XAVIER, Alberto e outros. Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. São Paulo: Ed. Pini, 1991. p.93. | **Fig. c .** Corte transversal. Fonte: Desenho. | **Fig. d .** Imagem do detalhe da fachada. Fonte: XAVIER, op. cit. P. 93. | **Fig. e .** Imagem. Fonte: XAVIER, op. cit. P. 93. | **Fig. f .** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. g .** Corte esquemático. Fonte: Revista Acrópole. Nº 206. p.52 | **Fig. h .** Planta baixa: térreo. Fonte: Desenho. | **Fig. i .** Planta baixa: tipo. Fonte: Desenho. |

Edifício João Ramalho, 1954/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano xxi. Nº 242. p. 57. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano xxi. Nº 242. p. 57. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo. RiMa Editora. p.215. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano xxi. Nº 242. p. 56. | **Fig. e.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano xxi. Nº 242. p. 57. | **Fig. f.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano xxi. Nº 242. p. 57. | **Fig. g.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.212. | **Fig. h.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. i.** Planta baixa: térreo. Fonte: Revista Acrópole. Ano xxi. Nº 242. p. 56. | **Fig. j.** Planta baixa tipo. Fonte: Revista Acrópole. Ano xxi. Nº 242. p. 56. |

Edifício Eiffel, 1950/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 208. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 208. p. 136. | **Fig. c.** Imagem do interior. Fonte: Revista Acrópole. Nº 208. p.136. | **Fig. d.** Planta baixa: térreo. Fonte: Desenho. | **Fig. e.** Planta baixa: 1º pavimento. Fonte: Desenho. | **Fig. f.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. g.** Planta baixa: tipo (salas). Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Planta baixa: tipo (quartos). Fonte: Desenho. |

Edifício Hansa Viertel, 1955/ND

| **Fig. a.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, Stamo - Oscar Niemeyer: Works in Progress. New York Reinhold Publishing Corporation, 1956. p. 170. | **Fig. b.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 174. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: DOLFF-BOMNEKÄMPER, Gabi; SCHMIDT, Franziska. Das Hansaviertel Internationale. Nachkriegsmoderne in Berlin. Berlin: Verlag Bauwisen, 1999. p.36. | **Fig. d.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 174. | **Fig. e.** Imagem. Fonte: DOLFF-BOMNEKÄMPER, op. cit. p.55. | **Fig. f.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 170. | **Fig. g.** Imagem. Fonte: DOLFF-BOMNEKÄMPER, op. cit. p.52. | **Fig. h.** Implantação. Fonte: DOLFF-BOMNEKÄMPER, op. cit. Contracapa. | **Fig. i.** Imagem. Fonte: DOLFF-BOMNEKÄMPER, op. cit. p.53. | **Fig. j.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 175. | **Fig. k.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 175. | **Fig. l.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 175. | **Fig. m.** Perspectiva. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 175. | **Fig. n.** Corte transversal. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 177. | **Fig. o.** Unidades. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 172. | **Fig. p.** Planta baixa: térreo. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 173. | **Fig. q.** Planta baixa: intermediário. Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 176. | **Fig. r.** Implantação. Fonte: DOLFF-BOMNEKÄMPER, op. cit. Contracapa. | **Fig. s.** Planta baixa: tipo (projeto). Fonte: PAPADAKI, op. cit. p. 176. | **Fig. t.** Planta baixa: tipo (executada). Fonte: DOLFF-BOMNEKÄMPER, op. cit. p.54. |

Edifício Paulicéia, 1955/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo. RiMa Editora. p.224. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p.206. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p. 225. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p.207. | **Fig. e.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p.207. | **Fig. f.** Planta baixa: térreo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p.206. | **Fig. i.** Planta baixa: tipo. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p. 225. |

Conjunto Nacional, 1955/62

| **Fig. a.** Implantação. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. e.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. f.** Perspectiva. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. g.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. h.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. i.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. j.** Planta baixa. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. k.** planta baixa: tipo. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. l.** planta baixa. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. m.** planta baixa. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. n.** planta baixa. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. o.** planta baixa. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. | **Fig. p.** planta baixa. Fonte: Revista Acrópole. Nº 222. p. 210. |

ANEXO A – OUTRAS REFERÊNCIAS NACIONAIS

| **Edifício Residencial. Fig. a.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 86. **Fig. b.** Imagem da fachada. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.86. | **Edifício Conceição. Fig. a.** Foto Esquina. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. b.** Planta Baixa 2º ao 12º Pavimentos. Fonte: Revista Acrópole. Out 1948. Ano XI. Nº 126. p.181. | **Edifício Mara. Fig. a.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. Jan/fev 1945. Ano VII. Nº 81-82. p. 282. **Fig. b.** Foto Detalhe Fachada. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Edifício Luis Felipe. Fig. a.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Desenho. **Fig. b.** Imagem Fachada Principal. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.87. | **Edifício Três Leões. Fig. a.** Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 99. **Fig. b.** Planta baixa: 11º ao 18º pavimento. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 99. | **Edifício Lealdade. Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Dez 1948. Ano XI. Nº 128. p. 246. **Fig. b.** Planta Baixa 9º pavimento. Fonte: Desenho. | **Edifício Seguradora Brasileira. Fig. a.** Planta Baixa do 5 ao 18º pavimento. Fonte: Revista Acrópole. Ano XV. Nº 174. p. 278. **Fig. b.** Imagem Maquete. Fonte: Revista Acrópole. Ano XV. Nº 174. p. 276. | **Conjunto Residencial Japurá. Fig. a.** Imagem. Fonte: BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. São

Paulo FAPESP, 1998. p. 199. **Fig. b.** Planta Baixa Pavimentos Ímpares. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p.104. | **Fig. e.** Planta baixa: pavimentos pares. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p.104. | **Edifício Sarzedas. Fig. a.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p. 226. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p. 227. | **Edifício Residencial Biaça. Fig. a.** Imagem. Fonte: MINDLIN, Henrique E. – Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro and Amsterdam: Colibris editora, 1956. p.103. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.103. | **Edifício Helena Maria. Fig. a.** Foto da Maquete. Fonte: Revista Acrópole. Ano XVI. Nº 182. p.70. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. P.70. | **Edifício Califórnia. Fig. a.** Planta Baixa: 2º, 5º, 8º, 11º, 14º Pavimentos. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.209. **Fig. b.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p. 208. | **Edifício Guararapes, Bela Vista, Dalton, Parque São Joaquim (Parque Guinle II). Fig. a.** Imagem. Fonte: CAVALCANTI, Lauro. Quando o Brasil era Moderno. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXIV. Nº 288. p. 395. | **Edifício Ministro Godoy. Fig. a.** Fotografia Fachada Fundos. Fonte: Fernanda Jung Drebes. **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.215. |

Edifício Morro de Santo Antônio, ND/1939

| **Fig. a.** Axonométrica. Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo. Set/out 1939. p.43. | **Fig. b.** Imagem Fachada. Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo. Set/out 1939. p.42. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Imagem Esquadradas. Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo. Set/out 1939. p.44. | **Fig. e.** Corte Transversal. Fonte: Desenho. | **Fig. f.** Imagem balcões. Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo. Set/out 1939. p.44. | **Fig. g.** Planta Baixa: 2º, 4º e 6º Pavimentos. Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo. Set/out 1939. p.43. | **Fig. h.** Planta Baixa: 3º, 5º e 7º Pavimentos. Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo. Set/out 1939. p.43. |

Edifício Residencial, 1939/ND

| **Fig. a.** Foto Fachada. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. b.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Planta Baixa Térreo. Fonte: GOODWIN, op. cit. p. | **Fig. e.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: GOODWIN, op. cit. p. | **Fig. f.** Imagem da fachada. Fonte: MINDLIN, Henrique E. Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro and Amsterdam: Colibris editora, 1956. p.86. | **Fig. g.** Corte Transversal. Fonte: Desenho. |

Edifício Conceição, 1942/ND

| **Fig. a.** Foto Esquina. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. b.** Foto Av. Cásper Líbero. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Planta Baixa Térreo. Fonte: Revista Acrópole. Out 1948. Ano XI. Nº 126. p.181. | **Fig. e.** Planta Baixa 1º ao 12º Pavimentos. Fonte: Revista Acrópole. Out 1948. Ano XI. Nº 126. p.181.

| **Fig. f.** Planta Baixa 13º ao 20º Pavimentos. Fonte: Revista Acrópole. Out 1948. Ano XI. Nº 126. p.180. | **Fig. g.** Imagem maquete. Fonte: Revista Acrópole. Out 1948. Ano XI. Nº 126. p.180. | **Fig. h.** Imagem esquadrias. Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo. RiMa Editora. p.134. | **Fig. i.** Fotografia de 1942. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.133. | **Fig. j.** Imagem maquete. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.133. |

Edifício Mara, 1944/ND

| **Fig. a.** Imagem maquete. Fonte: Revista Acrópole. Jan/fev 1945. Ano VII. Nº 81-82. p. 281. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. c.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Revista Acrópole. Jan/fev 1945. Ano VII. Nº 81-82. p. 282. | **Fig. d.** Foto Detalhe Fachada. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. e.** Foto Esquina. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. f.** Foto Acesso. Fonte: Fernanda Jung Drebes. |

Edifício Luis Felipe, 1945/ND

| **Fig. a.** Imagem acesso. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 87. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. c.** Planta Baixa Térreo. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Planta Baixa Tipo. Fonte: Desenho. | **Fig. e.** Imagem fachada principal. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.87. | **Fig. f.** Corte Transversal. Fonte: Desenho. |

Edifício Residencial Três Leões, 1948/51

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: ACB. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: MINDLIN, Henrique E. Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro, 1956. p. 99. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Planta referente Fig. e. Fonte: ACB. | **Fig. e.** Planta baixa: galeria. Fonte: ACB. | **Fig. f.** Corte. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 98. | **Fig. g.** Planta baixa: térreo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 99. | **Fig. h.** Planta baixa: 11º ao 18º pavimento. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 99. | **Fig. i.** Planta baixa: 2º ao 10º pavimento. Fonte: MINDLIN, op. cit. p. 99. |

Edifício Lealdade, 1948/ND

| **Fig. a.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo. RiMa Editora. p. 144. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Dez 1948. Ano XI. Nº 128. p. 246. | **Fig. e.** Planta baixa 9º pavimento. Fonte: Desenho. | **Fig. f.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Dez 1948. Ano XI. Nº 128. p. 246. | **Fig. g.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Dez 1948. Ano XI. Nº 128. p.247. | **Fig. h.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Dez 1948. Ano XI. Nº 128. p.246. |

Edifício Seguradora Brasileira, 1948/ND

| **Fig. a.** Foto Corpo. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. b.** Foto Esquina. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: desenho. | **Fig. d.** Planta baixa: térreo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XV. Nº 174. p. 277. | **Fig. e.** Planta baixa: 5 ao 18º pavimento. Fonte: Revista Acrópole. Ano XV. Nº 174. p. 278. | **Fig. f.** Foto Base. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. g.** Foto Jardim. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. h.** perspectiva. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p. 149. | **Fig. i.** Imagem Maquete. Fonte: Revista Acrópole. Ano XV. Nº 174. p. 276. |

Conjunto Residencial Japurá, 1949/ND

| **Fig. a.** Esquemas de Insolação. Fonte: ACB. | **Fig. b.** Corte esquemático. Fonte: ACB. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. São Paulo FAPESP, 1998. p. 199. | **Fig. d.** Planta baixa: pavimentos ímpares. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p.104. | **Fig. e.** Planta baixa: pavimentos pares. Fonte: Revista L'Architecture d'Aujourd'hui. p.104. | **Fig. f.** Imagem da Maquete. Fonte: MINDLIN, Henrique E. – Arquitetura Moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999. p.38. | **Fig. g.** Foto Corredor Acesso Bloco Baixo. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. h.** Foto Térreo. Fonte: Fernanda Jung Drebes | **Fig. i.** Foto Corredor de Circulação das Unidades. Fonte: Fernanda Jung Drebes. |

Edifício Sarzedas, 1950/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo. RiMa Editora. P.152. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p. 226. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p. 226. | **Fig. d.** Implantação. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.152. | **Fig. e.** Planta baixa: térreo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p. 227. | **Fig. f.** Planta baixa: tipo. Fonte: Revista Acrópole. Ano XXI. Nº 246. p. 227. |

Edifício Residencial Biaça, 1953/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: MINDLIN, Henrique E. – Modern Architecture in Brazil. Rio de Janeiro and amsterdam: Colibris editora, 1956. p.103. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.102. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.103. | **Fig. e.** Planta baixa: tipo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.103. | **Fig. f.** Planta Baixa: Térreo. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.103. | **Fig. g.** Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.103. | **Fig. h.** Imagem. Fonte: MINDLIN, op. cit. p.103. |

Edifício Helena Maria, 1953/ND

| **Fig. a.** Foto da maquete. Fonte: Revista Acrópole. Ano XVI. Nº 182.

p.70. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. A promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo. RiMa Editora. P.188. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** planta baixa: térreo. Fonte: Revista Acrópole. P.70. | **Fig. e.** planta baixa: tipo. Fonte: Revista Acrópole. P.70. | **Fig. f.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.189. | **Fig. g.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.188. |

Edifício Califórnia, 1953/58

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.208. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.209. | **Fig. c.** Planta baixa: 20, 5º, 8º, 11º, 14º pavimentos. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p.209. | **Fig. d.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. Cit. p. 208. |

Edifício Guararapes, Bela Vista, Dalton, Parque São Joaquim (Parque Guinle II), 1954/ND

| **Fig. a.** Imagem. Fonte: | **Fig. b.** Imagem. Fonte: | **Fig. c.** Implantação. Fonte: | **Fig. d.** Planta baixa: térreo. Fonte: | **Fig. e.** Planta baixa: tipo. Fonte: |

Edifício Ministro Godoy, 1954/ND

| **Fig. a.** Foto Fachada Fundos. Fonte: Fernanda Jung Drebes | **Fig. b.** Imagem. Fonte: Revista Acrópole. Ano 17. Nº 200. p.367. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: Desenho. | **Fig. d.** Foto Lateral. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. e.** Foto Térreo e Jardim. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. f.** Foto Térreo e Jardim. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. g.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. h.** Imagem. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.214. | **Fig. i.** Planta baixa tipo. Fonte: SAMPAIO, op. cit. p.215. | **Fig. j.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. k.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes. | **Fig. l.** Foto. Fonte: Fernanda Jung Drebes.

ANEXO B – REFERÊNCIAS INTERNACIONAIS

| **25, Rue Franklin. Fig. a.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno, Barcelona: GG, 1983. p. 75. **Fig. b.** Foto. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 77. | **Immeuble-Villas. Fig. a.** Fragmentos de Fachada. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1910-29, 1974. p. 41. **Fig. b.** Plantas Baixas de uma Unidade Tipo. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 41. | **Ed. Novocomum. Fig. a.** Plantas. Fonte: ZEVI, Bruno. Giuseppe Terragni. Barcelona: GG, 1982. p. 32. **Fig. b.** Foto Aérea. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 27. | **Exposição Weissenhof. Fig. a.** Trecho Fachada. Fonte: SAFRAN, Yehuda. MiesVan der Rohe. Lisboa: Blau, 2000. p. 32. **Fig. b.** Plantas Baixas. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno, Barcelona: GG, 1983. p. 52. | **Edifício Nirvana. Fig. a.** Planta Baixa Pav. Tipo. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 104. **Fig.**

b. Axonométrica. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 105. | **Hoogbouw.** **Fig. a.** Planta Baixa. Pavimento Tipo. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 142. **Fig. b.** Axonométrica do Conjunto. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 143. | **Projeto Wanner.** **Fig. a.** Perspectiva Externa. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1910-29, 1974. p. 180. | **Edifício para Artistas.** **Fig. a.** Planta Baixa 2º Pavimento. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1910-29, 1974.p. 185. **Fig. b.** Planta Baixa 1º Pavimento. Fonte: Le Corbusier, LE CORBUSIER, op. cit. p. 185. | **Apartamentos Narkomfin.** **Fig. a.** Perspectiva Externa. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 119. **Fig. b.** Unidades A. Fonte: SHEWOOD, op. cit. p. 118. | **25, Av de Versailles.** **Fig. a.** Foto Perspectivada. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrel, 2002. p. 80. **Fig. b.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: ALLAN, op. cit. p.80. | **St. Mark Tower.** **Fig. a.** Planta Baixa. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona: GG, 1995 p. 141. **Fig. b.** Perspectiva. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 140. | **Immeuble Clarté.** **Fig. a.** Detalhe Fachada. Fonte: BOESIGER, W. Le Corbusier 1910-65. Barcelona: GG, 2001. p.63. **Fig. b.** Plantas Baixas. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.68. | **Edifício de Aluguel em Zurique.** **Fig. a.** Perspectiva Externa. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1929-34, 1974. p. 95. | **Fitas Indentadas.** **Fig. a.** Fachada Lisa com Elementos (lineares pontuais) Bidirecionais Seriadados Sem Relºevo. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1910-29, 1974. p. 31. | **Edifício Porte Molitor.** **Fig. a.** Detalhe Fachada. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 85. **Fig. b.** Fachada. Fonte: CURTIS, William. Modern Architecture since 1900. Singapura: Phaidon, 2001. p.113. | **Edifício - Durand.** **Fig. a.** Maquete. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1929-34, 1974. p. 166. | **Edifício de Aluguel na Algéria.** **Fig. a.** Foto Maquete. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.171. **Fig. b.** Foto Maquete. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.171. | **Casa Rustici.** **Fig. a.** Axonométrica. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 88. **Fig. b.** Plantas. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 87. | **Casa Toninello.** **Fig. a.** Fachada. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona: GG, 1995 p. 96. **Fig. b.** Plantas. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 97. | **Highpoint I.** **Fig. a.** Foto. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrel, 2002. p.87. **Fig. b.** Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: ALLAN, op. cit. p.26. **Fig. c.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 26. | **Casa Lavezari.** **Fig. a.** Fachada. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 100. **Fig. b.** Plantas. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 101. | **Av de Versailles.** **Fig. a.** Foto da Fachada Av. de Versailles. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 80. **Fig. b.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 79. | **Immeuble de Colonization em Nemours.** **Fig. a.** Perspectiva Externa. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1934/38, 1974. p. 100. | **Rue Fabert.** **Fig. a.** Fotomontagem. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1934-38, 1974. p. 102. **Fig. b.** Planta Baixa Pavimento Inferior. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.102.

Fig. c. Planta Baixa Pavimento Superior. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.102. | **Highpoint II.** **Fig. a.** Plantas Baixas Pavimentos Pares. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrel, 2002. p.30. **Fig. b.** Vista Frontal. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 92. | **Edifício para o Ilôt Insalubre.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1934-38, 1974. p. 51. | **Edifício Grand Place de Mairie Boulogne-sur-seine.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Fig. b.** Fachada Frente. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Fig. c.** Fachada Fundos. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Edifício Giuliani Frigeni.** **Fig. a.** Fachada. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona: GG, 1995 p. 181. **Fig. b.** Planta e Corte. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 180. | **Edifício SPA Green.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 41. **Fig. b.** Imagem. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 109. | **Priory Green.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p.113. | **Fig. b.** Maquete do Conjunto. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 42. | **Unidade de Habitação de Marselha.** **Fig. a.** Plantas Baixas. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 125. | **Priory Heis.** **Fig. a.** Foto do Acesso. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p.114. | **Fig. b.** Foto de Dois Prédios. Fonte: ALLAN, op.cit. p.114. | **Edifício Bevin Court.** | **Fig. a.** Fachada. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 118. **Fig. b.** Foto Aérea Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 42. | **Halfield Estate.** **Fig. a.** Fachada sem Balcões. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 42. | **Edifício Promontory.** **Fig.a.** Foto Fachada. Fonte: SAFRAN, Yeuda. Mies Van der Rohe. Lisboa: Blau, 2000. p. 191. | **Unidade de Habitação.** **Fig.a.** Foto Fachada. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 191. | **Edifício Lakeshore Drive.** **Fig. a.** Plantas Baixas. Fonte: CARTER, Peter. Mies van der Rohe. Londres: Phaidon, 1999. p.53. **Fig. b.** Foto Noturna. Fonte: CARTER, op.cit. p. 52. **Fig. c.** Foto Diurna. Fonte: CARTER, op.cit. p. 52. | **Apartamentos para o Fundo Munkkiniemi.** **Fig. a.** Foto da Praça. Fonte: AALTO, Elissa. Alvar Aalto. Barcelona: GG, 1982. p. 49. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: AALTO, op. cit. p. 49. | **Edifício Dorset Estate.** **Fig. a.** Implantação. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 4. **Fig. b.** Vista da Calçada. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 126. **Fig. c.** Vista do Parque. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 126. | **Edifício Lakeview.** **Fig. a.** Blocos Altos. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 133. **Fig. b.** Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 47. | **Edifício Cranbrook.** **Fig. a.** Imagem Acesso. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 134. **Fig. b.** Imagem Conjunto. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 134. | **Commonwealth Promenade Apartments.** **Fig. a.** Vista do Lincoln Park. Fonte: CARTER, Peter. Mies van der Rohe. Londres : Phaidon, 1999. p.57. **Fig. b.** Plantas Baixas. Fonte: CARTER, op.cit. p. 57. | **Lafayette Park.** **Fig. a.** Maquete do Plano Diretor. Fonte: CARTER, op. cit. p. 120. **Fig. b.** Pavimento Tipo do Edifício de Apartamentos.

Fonte: CARTER, op. cit. p. 123. | **Hansaviertel - Alvar Aalto. Fig. a.** Fotografia. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno, Barcelona: GG, 1983. p. 110. **Fig. b.** Implantação. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 111. | **Edifício Alvarez Sordo Madaleno. Fig. a.** Foto da Fachada. Fonte: MYERS, I. Mexico's Modern Architecture, NY Cornwall, 1952. p. 138. **Fig. b.** Planta Baixa 1º, 4º e 7º Pavimentos. Fonte: MYERS, op. cit. p. 139. | **Edifício Presidente Miguel Aleman. Fig. a.** Implantação. Fonte: MYERS, op. cit. p.141. **Fig. b.** Foto Aérea. Fonte: MYERS, op. cit. p.141. | **Edifício Benito Juarez. Fig. a.** Implantação. Fonte: MYERS, op. cit. p.146. **Fig. b.** Fotografia. Fonte: MYERS, op. cit. p.147. |

25, Rue Franklin, 1903

| **Fig. a.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno, Barcelona: GG, 1983. p. 75. | **Fig. b.** Axonométrica. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 74. | **Fig. c.** Foto. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 77. |

Immeuble-Villas, 1922

| **Fig. a.** Perspectiva de um Edifício de 120 Apartamentos. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1910-29, 1974. p. 41. | **Fig. b.** Fragmentos de Fachada. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 41. | **Fig. c.** Plantas Baixas de uma Unidade Tipo. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 41. | **Fig. d.** Axonométrica. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 92. | **Fig. e.** Implantação no Quarteirão. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 94. | **Fig. f.** Axonométrica de uma Unidade. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 95. |

Ed. Novocomum, 1927

| **Fig. a.** Fachada. Fonte: ZEVI, Bruno. Giuseppe Terragni. Barcelona: GG, 1982. p. 26,27. | **Fig. b.** Projeção para Aprovação. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 27. | **Fig. c.** Axonométrica. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 33. | **Fig. d.** Plantas. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 32. | **Fig. e.** Foto Aérea. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 27. |

Exposição Weissenhof, 1927

| **Fig. a.** Trecho Fachada. Fonte: SAFRAN, Yehuda. MiesVan der Rohe. Lisboa: Blau, 2000. p. 32. | **Fig. b.** Foto da Fachada. Fonte: SAFRAN, op. cit. p. 33. | **Fig. c.** Maquete de Implantação. Fonte: SAFRAN, op. cit. p.33. | **Fig. d.** Foto Fachada. Fonte: SAFRAN, op. cit. p. 33. | **Fig. e.** Plantas Baixas. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno, Barcelona: GG, 1983. p. 52. |

Edifício Nirvana, 1927

| **Fig. a.** Implantação. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 104. | **Fig. b.** Imagem. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 107. | **Fig. c.** Planta Baixa Pav. Tipo. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 104. | **Fig. d.** Detalhe

Fachada. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 106. | **Fig. e.** Axonométrica. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 105. |

Hoogbouw, 1927

| **Fig. a.** Perspectiva Interna. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 142. | **Fig. b.** Planta Baixa. Pavimento Tipo. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 142. | **Fig. c.** Axonométrica do Conjunto. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 143. |

Projeto Wanner, 1928/29

| **Fig. a.** Perspectiva Externa. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1910-29, 1974. p. 180. | **Fig. b.** Perspectiva Interna. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 182. | **Fig. c.** Perspectiva Interna. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 182. | **Fig. d.** Perspectiva Interna. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 182. | **Fig. e.** Planta Baixa 1º pavimento. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 181. | **Fig. f.** Planta Baixa 2º pavimento. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 181. | **Fig. g.** Corte. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 181. | **Fig. h.** Corte. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 181. | **Fig. i.** Corte Geral pelas Edificações. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 181. |

Edifício para Artistas, 1928

| **Fig. a.** Corte Longitudinal. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1910-29, 1974. p. 185. | **Fig. b.** Corte Transversal. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 185. | **Fig. c.** Planta Baixa 2º Pavimento. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 185. | **Fig. d.** Detalhe de Fachada. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 185. | **Fig. e.** Planta Baixa 1º Pavimento. Fonte: Le Corbusier, LE CORBUSIER, op. cit. p. 185. |

Apartamentos Narkomfin, 1928

| **Fig. a.** Perspectiva Externa. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 119. | **Fig. b.** Unidades B. Fonte: COHEN, op. cit. p. 118. | **Fig. c.** Fotografia. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p.118. | **Fig. d.** Unidades A. Fonte: SHEWOOD, op. cit. p. 118. |

Edifício - 25, Av de Versailles, 1928

| **Fig. a.** Foto das Portas Originais de Bronze. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrel, 2002. p. 83. | **Fig. b.** Foto de Indicação da Data e dos Autores. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 83. | **Fig. c.** Foto da Fachada. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 81. | **Fig. d.** Foto Perspectivada. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 80. | **Fig. e.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: ALLAN, op. cit. p.80. |

St. Mark Tower, 1929

| **Fig. a.** Planta Baixa. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona: GG, 1995 p. 141. | **Fig. b.** Planta Baixa. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 141. | **Fig. c.** Planta Baixa. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 141. | **Fig. d.** Perspectiva. Fonte:

ZEVI, op. cit. p. 140. | **Fig. e.** Perspectiva. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 141. |

Immeuble Clarté, 1930

| **Fig. a.** Detalhe Fachada. Fonte: BOESIGER, W. Le Corbusier 1910-65. Barcelona: GG, 2001. p.63. | **Fig. b.** Detalhe Fachada e Acesso. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.66. | **Fig. c.** Foto dos Balcões. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.66. | **Fig. d.** Terraço de um Apartamento. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.69. | **Fig. e.** Interior de um Apartamento. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.69. | **Fig. f.** Fotografia. Fonte: | **Fig. g.** Fotografia Acesso. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.68. | **Fig. h.** Fotografia Escada. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.68. | **Fig. i.** Fotografia Hall. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.68. | **Fig. j.** Plantas Baixas. Fonte: BOESIGER, op. cit. p.68. |

Edifício de Aluguel em Zurique, 1932

| **Fig. a.** Perspectiva Externa. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1929-34, 1974. p. 95. | **Fig. b.** Perspectiva Externa. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 95. | **Fig. c.** Perspectiva Interna. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 95. | **Fig. d.** Perspectiva Interna. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 95. |

Fitas Indentadas, 1928

| **Fig. a.** Fachada Lisa com Elementos (lineares pontuais) Bidirecionais Seriados Sem Relêvo. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1910-29, 1974. p. 31. | **Fig. b.** Um Partido de Residência de “Ville Radieuse”. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 33. | **Fig. c.** Corte Padrão do Edifício. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 33. |

Edifício Porte Molitor, 1933

| **Fig. a.** Fotografia Divisa do Atelier. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1929-34, 1974. p. 149. | **Fig. b.** Detalhe Fachada. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 85. | **Fig. c.** Plantas Baixas. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 83. | **Fig. d.** Fachada. Fonte: CURTIS, William. Modern Architecture since 1900. Singapura: Phaidon, 2001. p.113. | **Fig. e.** Fotografia Rua. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 84. | **Fig. f.** Escada para Teto Jardim. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 145. | **Fig. g.** Fotografia Atelier. Fonte: LE CORBUSIER. p. 149. | **Fig. h.** Fotografia do Teto Jardim e do 7º Pavimento. Fonte: LE CORBUSIER. p. 148. |

Edifício - Durand, 1933

| **Fig. a.** Maquete. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1929-34, 1974. p. 166. | **Fig. b.** Corte. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.163. | **Fig. c.** Corte. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.163. | **Fig. d.** Foto Implantação. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.166. | **Fig. e.** Perspectiva. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.163. | **Fig. f.** Corte. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.164. | **Fig. g.** Planta Baixa. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.164. |

| **Fig. h.** Corte. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.164. | **Fig. i.** Planta Baixa. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.164. | **Fig. j.** Corte. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.164. |

Edifício de Aluguel na Algéria, 1933

| **Fig. a.** Perspectiva da Vista desde os Pilotis. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1929-34, 1974. p. 172. | **Fig. b.** Foto Maquete. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.171. | **Fig. c.** Foto Maquete. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.171. | **Fig. d.** Prancha de Plantas. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.172. | **Fig. e.** Prancha de Fachadas. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.170. |

Casa Rustici, 1933

| **Fig. a.** Axonométrica. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 88. | **Fig. b.** Fachada lateral. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona: GG, 1995 p. 91. | **Fig. c.** Ponte de ligação. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 90. | **Fig. d.** Fachada. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 89. | **Fig. e.** Detalhe Fachada. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 90. | **Fig. f.** Detalhe Pontes. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 87. | **Fig. g.** Plantas. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 87. |

Casa Toninello, 1933

| **Fig. a.** Fachada. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona: GG, 1995 p. 96. | **Fig. b.** Detalhe escada. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 97. | **Fig. c.** Perspectiva. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 97. | **Fig. d.** Plantas. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 97. |

Highpoint I, 1933

| **Fig. a.** Foto. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrel, 2002. p.87. | **Fig. b.** Foto Interna: Portaria. Fonte: ALLAN, op. cit. p.86. | **Fig. c.** Detalhe da Fachada: Balcões e Conexão entre a Barra e as Asas. Fonte: ALLAN, op. cit. p.85. | **Fig. d.** Planta Baixa Pavimento Térreo. Fonte: ALLAN, op. cit. p.26. | **Fig. e.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 26. | **Fig. f.** Foto Externa. Fonte: ALLAN, op. cit. p.90. |

Casa Lavezari, 1934

| **Fig. a.** Perspectiva. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona: GG, 1995 p. 101. | **Fig. b.** Fachada. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 100. | **Fig. c.** Plantas. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 101. | **Fig. d.** Fachada Lateral. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 101. |

Edifício - Av de Versailles, 1934

| **Fig. a.** Foto da Fachada Av. de Versailles. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 80. | **Fig. b.** Foto da Fachada da Outra Rua. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 81. | **Fig. c.** Planta Baixa Pavimento Tipo. |

Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 79. | **Fig. d.** Planta Baixa do Último Pavimento. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 79. |

Immeuble de Colonization em Nemours, 1935

| **Fig. a.** Perspectiva Externa. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1934/38, 1974. p. 100. | **Fig. B.** Prancha de Desenhos: Plantas.

Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 101. |

Edifício - Rue Fabert, 1935

| **Fig. a** Fotomontagem. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1934-38, 1974. p. 102. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.102. | **Fig. c.** Planta Baixa Pavimento Inferior. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.102. | **Fig. d.** Planta Baixa Pavimento Superior. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p.102. |

Highpoint II, 1935

| **Fig. a.** Plantas Baixas Pavimentos Pares. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrel, 2002. p.30. | **Fig. b.** Foto: Entrada do Edifício. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 93. | **Fig. c.** Detalhe Foto: Entrada do Edifício. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 96. | **Fig. d.** Vista Frontal. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 92. | **Fig. e.** Vista Frontal. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 97. |

Ilôt Insalubre, 1936

| **Fig. a.** Perspectiva Interna. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1934-38, 1974. p. 52. | **Fig. b.** Perspectiva Interna. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 52. | **Fig. c.** Perspectiva Interna. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 52. | **Fig. d.** Implantação. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 51. | **Fig. e.** Plantas Baixas e Corte - Unidade Tipo I N/S. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 52. | **Fig. f.** Plantas Baixas e Corte - Unidade Tipo II N/S. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 53. | **Fig. g.** Plantas Baixas e Corte - Unidade Tipo III N/S. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 53. | **Fig. h.** Plantas Baixas e Corte - Unidade Tipo I L/O. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 54. | **Fig. i.** Plantas Baixas e Corte - Unidade Tipo III L/O. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 55. | **Fig. j.** Plantas Baixas e Corte - Unidade Tipo IV L/O. Fonte: LE CORBUSIER. op. cit. p. 55. |

Grand Place de Marie Bouldgne Sur-Seine, 1939

| **Fig. a.** Implantação. Fonte: LE CORBUSIER. Obra Completa 1934-38, 1974. p. 24. | **Fig. b.** Corte. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Fig. c.** Fachada Frente. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Fig. d.** Fachada Fundos. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Fig. e.** Pavimento Superior. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. | **Fig. f.** Pavimento Inferior. Fonte: LE CORBUSIER, op. cit. p. 24. |

Edifício Giuliani Frigeni, 1944

| **Fig. a.** Fachada. Fonte: ZEVI, Bruno. Frank Lloyd Wright. Barcelona:

GG, 1995 p. 177. | **Fig. b.** Fachada. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 181. | **Fig. c.** Fachada Frontal. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 178 e 179. | **Fig. d.** Fachada Lateral. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 181. | **Fig. e.** Planta e Corte. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 180. | **Fig. f.** Croquis. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 176. | **Fig. g.** Croquis. Fonte: ZEVI, op. cit. p. 177. |

Edifício SPA Green , 1943/50

| **Fig. a.** Implantação. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 41. | **Fig. b.** Detalhe Fachada. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 110. | **Fig. c.** Imagem. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 109. | **Fig. d.** Kilin Caucásico Usado por Lubetkin para Explicar as suas Fachadas. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 41. | **Fig. e.** Estrutura de “ Box frame” em Construção. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 41. |

Priory Green, 1943

| **Fig. a.** Implantação. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrel, 2002. p.113. | **Fig. b.** Detalhe da Fachada. Fonte: ALLAN, op.cit. p.113. | **Fig. c.** Foto do Conjunto. Fonte: ALLAN, op.cit. p.113. | **Fig. d.** Vista Lateral de uma Edificação. Fonte: ALLAN, op.cit. p.112. | **Fig. e.** Maquete do Conjunto . Fonte: ALLAN, op.cit. p.42. |

Unidade de Habitação de Marselha, 1945

| **Fig. a.** Foto Térreo/ Pilotis. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno. Barcelona: GG, 1983. p. 125. | **Fig. b.** Plantas. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 125. | **Fig. c.** Foto Fachada. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 121. |

Priory Heighs, 1946

| **Fig. a.** Foto do Acesso. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrel, 2002. p.114. | **Fig. b.** Foto de Dois Prédios. Fonte: ALLAN, op.cit. p.114. | **Fig. c.** Detalhe das Esquadrias em “X”. Fonte: ALLAN, op.cit. p.115. |

Edifício Bevin Court, 1946/54

| **Fig. a.** Fachada. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 118. | **Fig. b.** Acesso. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 119. | **Fig. c.** Foto Aérea Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 42. | **Fig. d.** Bloco Baixo. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 119. | **Fig. e.** Bloco Baixo. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 119. | **Fig. f.** Mural do Memorial de Lênin. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 119. |

Edifício Hallfield, 1946/54

| **Fig. a.** Detalhe Fachada. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 122. | **Fig. b.** Vista dos Blocos . Fonte: ALLAN, op. cit. p. 125. | **Fig. c.** Fachada em “X” com Balcões. Tipo. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 123. | **Fig. d.** Fachada em “X” sem Balcões. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 123. | **Fig. e.** Fachada sem Balcões. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 42. |

Edifício Lakeshore Drive 860-880, 1948

| **Fig. a.** Plantas Baixas. Fonte: CARTER, Peter. Mies van der Rohe. Londres: Phaidon,1999. p.53. | **Fig. b.** Foto Interna: Dormitório. Fonte: CARTER, op.cit. p. 54. | **Fig. c.** Planta Baixa Térreo. Fonte: CARTER, op.cit. p. 38. | **Fig. d.** Foto Aérea. Fonte: Revista AV Monographs. Ano 2001. N 92. p. 43. | **Fig. e.** Foto Interna Sala. Fonte: CARTER, op.cit. p. 54. | **Fig. f.** Foto Interna Sala. Fonte: CARTER, op.cit. p. 54. | **Fig. g.** Foto Interna: Hall de Entrada. Fonte: CARTER, op.cit. p. 55. | **Fig. h.** Foto Noturna. Fonte: CARTER, op.cit. p. 52. | **Fig. i.** Foto Diurna. Fonte: CARTER, op.cit. p. 52. | **Fig. j.** Skyline. Fonte: Revista AV Monographs. Ano 2001. N 92. p. 43. |

Apartamentos para o Fundo Munkkiniemi, 1951

| **Fig. a.** Foto da Praça. Fonte: AALTO, Elissa. Alvar Aalto. Barcelona: GG, 1982. p. 49. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: AALTO, op. cit. p. 49. | **Fig. c.** Fachadas das Lojas. Fonte: AALTO, op. cit. p. 44. | **Fig. d.** Fachada dos Apartamentos. Fonte: AALTO, op. cit. p. 48. | **Fig. e.** Vista do Parque. Fonte: AALTO, op. cit. p. 48. |

Edifício Dorset Estate, 1951/57

| **Fig. a.** Vista da Calçada. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 126. | **Fig. b.** Vista do Parque. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 126. | **Fig. c.** Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 47. |

Edifício Lakeview , 1953/56

| **Fig. a.** Bloco Baixo. Fonte: Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 132. | **Fig. b.** Bloco Alto. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 132. | **Fig. c.** Blocos Altos. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 133. | **Fig. d.** Implantação. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 47. |

Edifício Cranbrook, 1955/65

| **Fig. a.** Imagem Conjunto. Fonte: ALLAN, John. Berthold Lubetkin. Londres: Merrell, 2002. p. 134. | **Fig. b.** Imagem Acesso. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 134. | **Fig. c.** Imagem Conjunto. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 134. | **Fig. d.** Blocos Altos. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 135. | **Fig. e.** Poço da Escada. Fonte: ALLAN, op. cit. p. 135. |

Commonwealth Promenade Apartments, 1953

| **Fig. a.** Foto do Térreo. Fonte: CARTER, Peter. Mies van der Rohe. Londres : Phaidon,1999. p.57. | **Fig. b.** Vista do Lincoln Park. Fonte: CARTER, op.cit. p. 57. | **Fig. c.** Plantas Baixas. Fonte: CARTER, op.cit. p. 57. |

Laffayette Park, 1955

| **Fig. a.** Foto da Maquete. Fonte: CARTER, Peter. Mies van der Rohe. Londres : Phaidon,1999. p.120. | **Fig. b.** Maquete do Plano Diretor. Fonte: CARTER, op. cit. p. 120. | **Fig. c.** Foto. Fonte: CARTER, op. cit.

p. 123. | **Fig. d.** Foto. Fonte: CARTER, op. cit. p. 123. | **Fig. e.** Foto. Fonte: CARTER, op. cit. p. 122. | **Fig. f.** Plantas de uma Residência. Fonte: CARTER, op. cit. p. 123. | **Fig. g.** Pavimento Tipo do Edifício de Apartamentos. Fonte: CARTER, op. cit. p. 123. | **Fig. h.** Grupo de Seis Casas. Fonte: CARTER, op. cit. p. 122. |

Apartamentos Hansaviertel - Alvar Aalto, 1955

| **Fig. a.** Foto. Fonte: SHERWOOD, Roger. Vivienda Protótipos Del Movimiento Moderno, Barcelona: GG, 1983. p. 110. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 111. | **Fig. c.** Planta Baixa Pavimento Tipo. Fonte: SHERWOOD, op. cit. p. 111. |

Residência Korkalovaara, 1957

| **Fig. a.** Foto. Fonte: AALTO, Elissa. Alvar Aalto. Barcelona: GG, 1982. p. 53. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: AALTO, op. cit. p. 50. | **Fig. c.** Foto. Fonte: AALTO, op. cit. p. 53. | **Fig. d.** Desenho Fachada. Fonte: AALTO, op. cit. p. 50. | **Fig. e.** Plantas. Fonte: AALTO, op. cit. p. 51. |

Edifício Benito Juarez

| **Fig. a.** Foto Detalhe Fachada. Fonte: MYERS, I. Mexico's Modern Architecture, NY Cornwall, 1952. p. 148. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: MYERS, op. cit. p.146. | **Fig. c.** Foto Frontal. Fonte: MYERS, op. cit. p.148. | **Fig. d.** Foto. Fonte: MYERS, op. cit. p.147. | **Fig. e.** Foto. Fonte: MYERS, op. cit. p.147. | **Fig. f.** Foto. Fonte: MYERS, op. cit. p.146. |

Edifício Balbuena Gardens

| **Fig. a.** Foto da Maquete. Fonte: MYERS, I. Mexico's Modern Architecture, NY Cornwall, 1952. p. 145. | **Fig. b.** Foto da Maquete de Implantação. Fonte: MYERS, op. cit. p.144. | **Fig. c.** Plantas e Cortes. Fonte: MYERS, op. cit. p.144. |

Edifício Presidente Miguel Aleman

| **Fig. a.** Detalhe Fachada. Fonte: MYERS, I. Mexico's Modern Architecture, NY Cornwall, 1952. p. 140. | **Fig. b.** Implantação. Fonte: MYERS, op. cit. p.141. | **Fig. c.** Foto Interna. Fonte: MYERS, op. cit. p.142. | **Fig. d.** Foto Interna. Fonte: MYERS, op. cit. p.142. | **Fig. e.** Foto do Conjunto. Fonte: MYERS, op. cit. p.142. | **Fig. f.** Foto Aérea. Fonte: MYERS, op. cit. p.141. | **Fig. g.** Plantas das Unidades. Fonte: MYERS, op. cit. p.142. |

Edifício Alvarez Sordo Madaleno

| **Fig. a.** Foto da Fachada. Fonte: MYERS, I. Mexico's Modern Architecture, NY Cornwall, 1952. p. 138. | **Fig. b.** Detalhe Entrada. Fonte: MYERS, op. cit. p.139. | **Fig. c.** Corte. Fonte: MYERS, op. cit. p. 138. | **Fig. d.** Planta Baixa Térreo. Fonte: MYERS, op. cit. p. 138. | **Fig. e.** Planta Baixa 1º, 4º e 7º Pavimentos. Fonte: MYERS, op. cit.

p. 139. | **Fig. f.** Planta Baixa 2º, 5º e 8º Pavimentos . Fonte: MYERS, op. cit. p. 139. |

Edifício Alvarez & Sordo

| **Fig. a.** Foto da Fachada. Fonte: MYERS, I. Mexico's Modern Architecture, NY Cornwall, 1952. p. 136. | **Fig. b.** Planta Baixa Sótão. Fonte: MYERS, op. cit. p. 137. | **Fig. c.** Planta Baixa Térreo. Fonte: MYERS, op. cit. p. 137. | **Fig. d.** Planta Baixa Tipo. Fonte: MYERS, op. cit. p. 137. | **Fig. e.** Foto Terraço. Fonte: MYERS, op. cit. p. 137. | **Fig. f.** Foto Portaria. Fonte: MYERS, op. cit. p. 137. |

Edifício de Apartamentos de Mario Pani

| **Fig. a.** Detalhe de Fachada. Fonte: MYERS, I. Mexico's Modern Architecture, NY Cornwall, 1952. p. 134. | **Fig. b.** Planta Baixa Tipo. Fonte: MYERA, op. cit. p. 135. | **Fig. c.** Planta Baixa Térreo. Fonte: MYERS, op. cit. p. 135. | **Fig. d.** Foto Fachada. Fonte: MYERS, op. cit. p. 135. | **Fig. e.** Foto Interna. Fonte: MYERS, op. cit. p. 135. |

